AS ARQUITECTURAS DE CISTER EM PORTUGAL. A ACTUALIDADE DAS SUAS REABILITAÇÕES E A SUA INSERÇÃO NO TERRITÓRIO.

ANA MARIA TAVARES FERREIRA MARTINS

DIRECTORES:

PROF. DOCTOR EDUARDO MOSQUERA ADELL

PROF. DOCTORA MARÍA TERESA PÉREZ CANO

TESIS DOCTORAL

VOLUMEN II

LAS ARQUITECTURAS DEL CÍSTER EN PORTUGAL. LA ACTUALIDAD DE SUS REHABILITACIONES Y SU INSERCIÓN EN EL TERRITORIO

DEPARTAMENTO DE HISTORIA, TEORÍA Y COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICAS
UNIVERSIDAD DE SEVILLA

2011

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (fotografia da autora)

ÍNDICE

VOLUME I

1. INTRODUCCIÓN ***11***

1.1. CONTEXTUALIZACIÓN DE LA ELECCIÓN DEL TEMA *13*

1.1.1. EL TEMA *13*

1.1.2. EL CONTEXTO PORTUGUÉS *14*

1.2. ACTUALIDAD INTELECTUAL DEL TEMA/ ESTADO DE LAS ARTES *16*

1.3. OBJETIVOS *20*

1.4. METODOLOGÍA *25*

1.4.1. Creación De la Base de Datos *28*

1.4.2. Matriz de la Ficha Tipo *32*

1.4.3. Entidades *34*

2. CISTER: ANTECEDENTES, ORIGEM E ESTRUTURA **39**

2.1. GÉNESE DO MONAQUISMO OCIDENTAL 41

2.1.1. Origens Orientais 42

2.1.2. Edificação do monaquismo ocidental 43

2.2. MONAQUISMO BENEDITINO 48

2.2.1. As Reformas da Ordem de S. Bento 50

2.2.2. Monaquismo cluniacense 52

2.3. ORIGEM E FUNDAÇÃO DE CISTER 55

2.3.1. Molesme 56

2.3.2. Novum Monasterium, de la Forgeotte a Cîteaux 58

2.4. DESENVOLVIMENTO CISTERCIENSE 61

2.4.1. Roberto, Alberico, Estêvão: os três impulsos essenciais 64

2.4.2. S. Bernardo 67

2.5. EXPANSÃO CISTERCIENSE 71

2.6. ESTRUTURA ORGANIZATIVA / LEGISLAÇÃO CISTERCIENSE 79

2.6.1. Regra de S. Bento 79

2.6.2. Documentos Primitivos 83

2.7. ESTRUTURA SOCIAL CISTERCIENSE: a importância dos Conversos 88

2.8. ECONOMIA CISTERCIENSE: as granjas 93

2.9. ESPIRITUALIDADE CISTERCIENSE 96

3. CISTER EM PORTUGAL: DAS ORIGENS À ACTUALIDADE **101**

3.1. CISTER NA CONSOLIDAÇÃO DA NACIONALIDADE: a importância de D. Afonso Henriques 103

3.2. CICLOS EXISTENCIAIS NA CONSOLIDAÇÃO DE CISTER EM PORTUGAL 109

3.2.1. O Ciclo de Tarouca 117

3.2.2. O Ciclo de Alcobaça 123

3.2.3. O Ciclo do Real Feminino 128

3.3. PLENITUDE vs. DECLÍNEO 130

3.3.1. A Congregação autónoma de Alcobaça 136

3.3.2. Decreto de 1834 e a desamortização 143
3.4. Uma perspectiva da evolução da Ordem de Cister em Portugal 156

4. PREMISSAS DO ESPAÇO CISTERCIENSE PORTUGUÊS 189
4.1. CONSTRUÇÃO CISTERCIENSE DO ESPAÇO MONÁSTICO 191
4.2. MOSTEIRO COMO CIDADE IDEAL E *PARADISUM CLAUSTRALIS* 209
4.3. ESTÉTICA BERNARDINA E SEU REFLEXO NA ARQUITECTURA: ARQUITECTURA CISTERCIENSE 219
4.3.1. Plano Bernardino vs. Plano Cisterciense 246
4.3.2. Breve cronologia das plantas tipo em estudos dos sécs. XX e XXI 264
4.3.3. Morfologia do Plano Cisterciense 276
4.4. TEMPO vs. ESPAÇO: A JORNADA CISTERCIENSE 280
4.5. MINIMALISMO CISTERCIENSE: del Cister del siglo XII al "Minimum" del siglo XXI 287

5. ARQUITECTURA CISTERCIENSE EM PORTUGAL 305
5.1. MORFOLOGIA DAS ARQUITECTURAS DE CISTER EM PORTUGAL 307
5.1.1. *CLAUSTRUM* 308
5.1.2. *SPIRITUS* 331
5.1.3. *ANIMA* 358
5.1.4. *CORPUS* 374
5.1.5. *DOMUS CONVERSORUM* 388
5.1.6. EXTERIOR 396
5.2. TIPOLOGIAS DOS MOSTEIROS CISTERCIENSES PORTUGUESES 413
5.2.1. Planimetria dos Mosteiros Cistercienses portugueses masculinos 425
Sta Maria de Fiães 425
Sta Maria de Ermelo 426
Sta Maria do Bouro 427
Sta Maria das Júnias 428
S. Pedro das Águias - o velho 429
S. Pedro das Águias - o novo 430
Abadia Velha de Salzedas 431
Sta Maria de Salzedas 432
S. João de Tarouca 433
S. Cristóvão de Lafões 434
Sta Maria de Maceira Dão 435
Sta Maria de Aguiar 436
Sta Maria da Estrela 437
S. Paulo de Almaziva 437
Espírito Santo 438
Sta Maria de Seiça 439
Sta Maria de Alcobaça 440

5.2.2. Planimetria dos Mosteiros Cistercienses portugueses femininos 441
S. Pedro e S. Paulo de Arouca 441
N. Sra da Purificação de Tabosa 442
S. Mamede de Lorvão 443
Sta Maria de Celas 444
Sta Maria de Cós 445
S. Dinis de Odivelas 446
N. Sra de Nazaré de Mocambo 447
Sta Maria de Almoster 448
S. Bernardo de Portalegre 449
S. Bento de Cástris 450

6. CISTER EM PORTUGAL: ARQUITECTURA vs. INSERÇÃO NO TERRITÓRIO. 451
6.1. IMPORTÂNCIA DE CISTER NA ARQUITECTURA MEDIEVAL PORTUGUESA 453
6.2. INSERÇÃO CISTERCIENSE NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS 469
6.2.1. Esboço do território continental 469
6.2.2. Distribuição geográfica cisterciense no território português 479
6.3. TIPO DE IMPLANTAÇÃO NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS 491
6.4. MUDANÇAS DE SÍTIO EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS 509
6.5. HIDRÁULICA CISTERCIENSE 514

7. CISTER: PATRIMÓNIO, REABILITAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE 523
7.1. PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO EM PORTUGAL:
Preocupações primordiais 525
7.1.1. A cultura do *pitoresco* e dos viajantes estrangeiros em Portugal 528
7.1.2. A importância de Alexandre Herculano 530
7.1.3. A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais 532
7.1.4. IPPAR / IGESPAR: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico 541
7.2. ARQUITECTURA E PATRIMÓNIO EM PORTUGAL NO DEALBAR DO SÉCULO XX 545
7.3. PATRIMÓNIO CISTERCIENSE UM LEGADO A PRESERVAR 554
7.3.1. Programas Patrimoniais que abrangeram Mosteiros Cistercienses 568
7.3.2. Património Mundial da UNESCO – Mosteiro de Alcobaça 573
7.3.3. Candidaturas QREN / Programa Estratégico: Rotas dos Mosteiros Património Mundial da Humanidade 575
7.3.4. Carta Europeia das Abadias e Sítios Cistercienses / Rota Europeia das Abadias Cistercienses 581
7.3.5. Um olhar contemporâneo sobre a intervenção no Património Cisterciense 585
7.4. INTEGRACIÓN Y DESARROLLO EN LA CIUDAD CONTEMPORÁNEA 598
7.5. REABILITAÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO *MINIMUM* AO *MAXIMUM* 623

8. CONCLUSIONES *635*

VOLUME II

9. ANEXOS

9.1. ARQUITECTURAS DE CISTER EM PORTUGAL: FICHAS DOCUMENTAIS 653

9.1.1. MOSTEIROS MASCULINOS 655

Sta Maria de Fiães (11211.FIAE.VC.VC) 657

Sta Maria de Ermelo (11211.ERME.VC.VC) 679

Sta Maria do Bouro (11211.BOUR.BR.BR) 701

Sta Maria das Júnias (11212.JUNI.VR.VR) 753

S. Pedro das Águias - o velho (11211.SPAV.VI.LM) 775

S. Pedro das Águias - o novo (11211.SPAN.VI.LM) 795

Abadia Velha de Salzedas (11241.VSAL.VI.LM) 821

Sta Maria de Salzedas (11211.SALZ.VI.LM) 833

S. João de Tarouca (11211.SJTA.VI.LM) 877

S. Cristóvão de Lafões (11211.LAFO.VI.VI) 921

Sta Maria de Maceira Dão (11211.MADA.VI.VI) 953

Sta Maria de Aguiar (11212.SMAG.GA.GA) 983

Sta Maria da Estrela (11112.ESTR.CB.PC) 1019

S. Paulo de Almaziva (11213.ALMA.CO.CO) 1031

Espírito Santo (11213.ESSA.CO.CO) 1043

Sta Maria de Seiça (11213.SEIC.CO.CO) 1073

Sta Maria de Alcobaça (11113.ALCO.CO.LE) 1093

Sta Maria do Desterro (11113.DEST.LX.LX) 1177

VOLUME III

9.1.2. MOSTEIROS FEMININOS 1199

S. Salvador das Bouças (12223.BOUC.PT.PT) 1201

S. Pedro e S. Paulo de Arouca (12211.AROU.AV.PT) 1211

N. Sra da Purificação de Tabosa (12111.TABO.VI.LM) 1255

S. Mamede de Lorvão (12211.LORV.CO.CO) 1287

Sta Maria de Celas (12213.CELA.CO.CO) 1325

Sta Maria de Cós (12113.MCOS.LE.CO) 1353

S. Dinis de Odivelas (12111.ODIV.LX.LX) 1391

N. Sra de Nazaré de Mocambo (12113.MOCA.LX.LX) 1429

Sta Maria de Almoster (12113.ALMO.SA.SA) 1463

S. Bernardo de Portalegre (12112.PORT.PL.PC) 1493

S. Bento de Cástris (12213.CAST.EV.EV) 1527

N. Sra da Conceição de Tavira (12113.TAVI.FA.FA) 1555

9.2. ANEXOS DOCUMENTAIS 1591

9.2.1. Decreto de 1834 1593

9.2.2. Carta de Alcobaça 1595

9.2.3. Estatutos Carta Europeia dos Mosteiros e Sítios Cistercienses 1597
9.2.4. Estatutos APOC 1601
9.2.5. Testemunho de Frei Damián Yañes Neira 1605
9.2.6. A re-introdução de Cister em Portugal 1607
9.2.7. Mosteiros Cistercienses Portugueses – Problemática Cronológica 1609
9.2.8. Transcrição de testemunho escrito no reverso do cadeiral do coro-alto do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre 1610

10. CRONOLOGIA MONÁSTICO-CISTERCIENSE SEGUNDO AS PERSPECTIVAS DINÁSTICA E REPUBLICANA PORTUGUESAS 1613

11. GLOSSÁRIO 1655

12. BIBLIOGRAFIA 1665
A. Elenco bibliográfico 1667
B. Separação por temas 1714
1. TEMÁTICA CISTERCIENSE 1707
1.1.GENÉRICOS 1707
1.2.CISTER / CITEAUX 1711
1.3.ARQUITECTURA CISTERCIENSE 1712
1.4.LEGISLAÇÃO CISTERCIENSE 1715
1.5.S. BERNARDO 1715
2.TEMÁTICA CISTERCIENSE PORTUGUESA 1716
2.1.GENÉRICOS 1716
2.2.MOSTEIROS CISTERCIENSES PORTUGUESES – TEMÁTICA COMUM (MASC. / FEMIN.) 1718
2.3.MOSTEIROS CISTERCIENSES PORTUGUESES – MASCULINOS 1720
2.3.1. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE FIÃES 1720
2.3.2. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO ERMELO 1720
2.3.3. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO BOURO 1720
2.3.4. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DAS JÚNIAS 1721
2.3.5. MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DAS ÁGUIAS (O VELHO) 1721
2.3.6. MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DAS ÁGUIA (O NOVO) 1722
2.3.7. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SALZEDAS 1722
2.3.8. ABADIA VELHA DE SALZEDAS 1722
2.3.9. MOSTEIRO DE SÃO JOÃO DE TAROUCA 1722
2.3.10. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE AGUIAR 1723
2.3.11. MOSTEIRO DE S. CRISTOVÃO DE LAFÕES 1723
2.3.12. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE MACEIRA DÃO 1723
2.3.13. MOSTEIRO DE SÃO PAULO DE ALMAZIVA 1723
2.3.14. COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO 1724
2.3.15. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA 1724
2.3.16. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA 1724

2.3.17. MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO 1726
2.4.MOSTEIROS CISTERCIENSES PORTUGUESES FEMININOS 1727
2.4.1. MOSTEIRO DE S. SALVADOR DAS BOUÇAS 1727
2.4.2. MOSTEIRO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO DE AROUCA 1727
2.4.3. MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO DE TABOSA 1727
2.4.4. MOSTEIRO DE SÃO MAMEDE DE LORVÃO 1728
2.4.5. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE CELAS 1728
2.4.6. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE CÓS 1728
2.4.7. MOSTEIRO DE SÃO DINIS DE ODIVELAS 1728
2.4.8. MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ DO MOCAMBO 1729
2.4.9. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALMOSTER 1729
2.4.10. MOSTEIRO DE SÃO BERNARDO DE PORTALEGRE 1729
2.4.11. CONVENTO DE SÃO BENTO DE CÁSTRIS 1729
2.5.GRANJAS 1730
3.ARQUITECTURA MONÁSTICA / CIDADE DE DEUS 1731
4.HISTÓRIA 1733
5.TERRITÓRIO 1735
6.INVENTARIAÇÃO 1736
7.PATRIMÓNIO 1737
8.REABILITAÇÃO / RESTAURO 1739
9.MINIMALISMO 1740
10.GENÉRICOS 1741

13. INDICE DE ELEMENTOS GRÁFICOS 1743
A. FIGURAS 1745
B. ESQUEMAS 1769
C. GRÁFICOS 1774
D. PLANTAS 1776
E. SEPARADORES DE CAPÍTULOS 1778

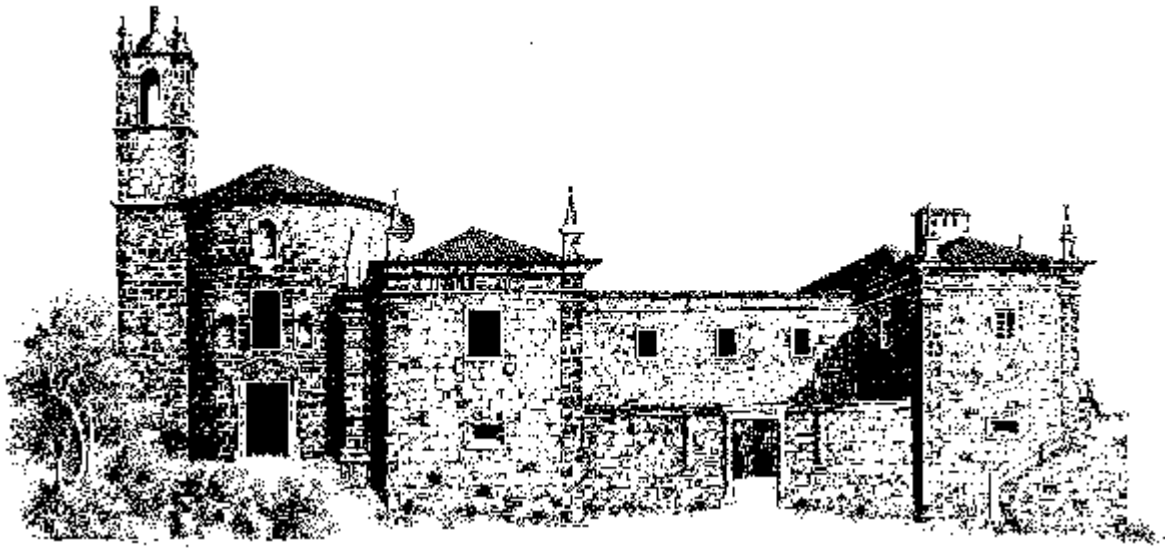


Fig. IX Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão
(desenho de Mestre Jorge Braga da Costa cedido pelo autor)

9.

9.1. ARQUITECTURAS DE CISTER EM PORTUGAL: FICHAS DOCUMENTAIS

9.1.1. MOSTEIROS MASCULINOS

9.1.2. MOSTEIROS FEMININOS

9.2. ANEXOS DOCUMENTAIS

9.2.1. Decreto de 1834

9.2.2. Carta de Alcobaça

9.2.3. Estatutos Carta Europeia dos Mosteiros e Sítios Cistercienses

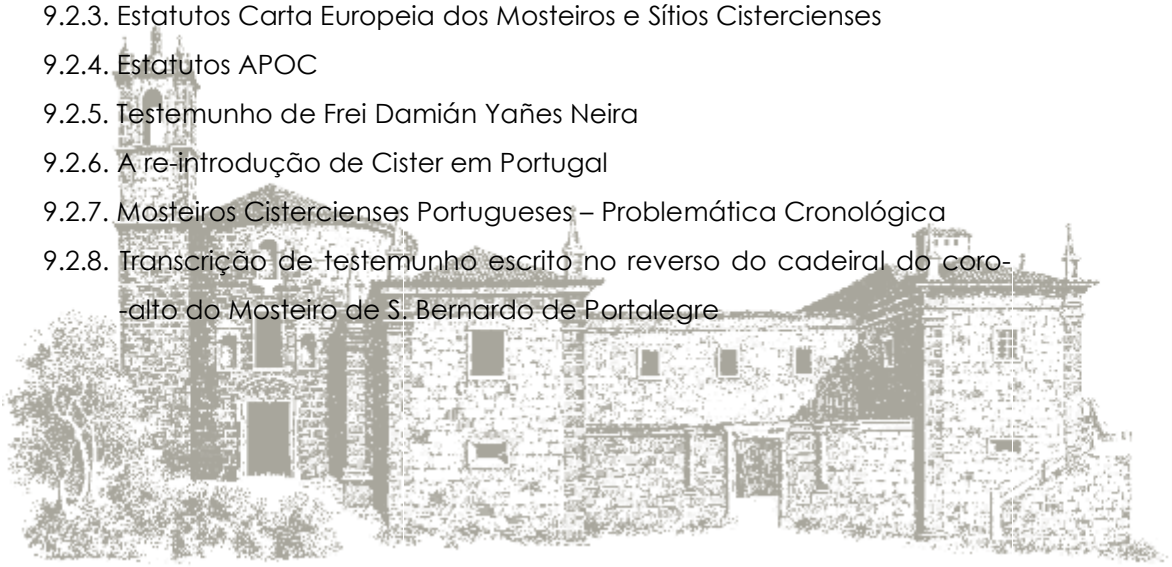
9.2.4. Estatutos APOC

9.2.5. Testemunho de Frei Damián Yañes Neira

9.2.6. A re-introdução de Cister em Portugal

9.2.7. Mosteiros Cistercienses Portugueses – Problemática Cronológica

9.2.8. Transcrição de testemunho escrito no reverso do cadeiral do coro-alto do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre



9.1.
9.1.1. Mosteiros Masculinos

Fig. X Mosteiro de S. Pedro das Águias, o novo
(desenho de Mestre Jorge Braga da Costa cedido pelo autor)

9.1.
9.1.1. Mosteiros Masculinos

Sta Maria de Fiães (11211.FIAE.VC.VC)

Sta maria de Ermelo (11212.ERME.VC.VC)

Sta Maria do Bouro (11212.BOUR.BR.BR)

Sta Maria das Júnias (11211.JUNI.VR.VR)

S. Pedro das Águias - o velho (11212.SPAV.VI.LM)

S. Pedro das Águias - o novo (11212.SPAN.VI.LM)

Abadia Velha de Salzedas (11222.VSAL.VI.LM)

Sta Maria de Salzedas (11212.SALZ.VI.LM)

S. João de Tarouca (11212.SJTA.VI.LM)

S. Cristóvão de Lafões (11212.LAFO.VI.VI)

Sta Maria de Maceira Dão (11212.MADA.VI.VI)

Sta Maria de Aguiar (11213.SMAG.GA.GA)

Sta Maria da Estrela (11113.ESTR.CB.PC)

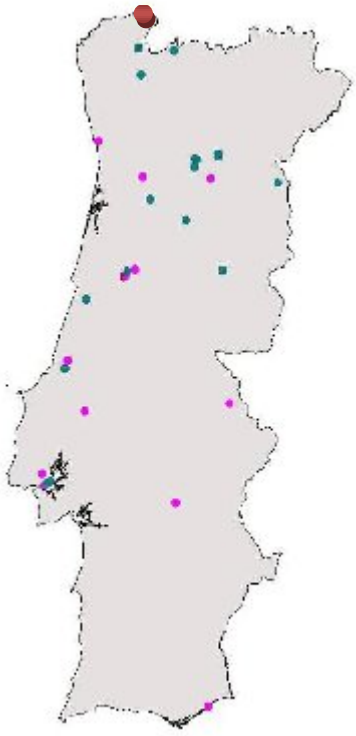
S. Paulo de Almaziva (11214.ALMA.CO.CO)

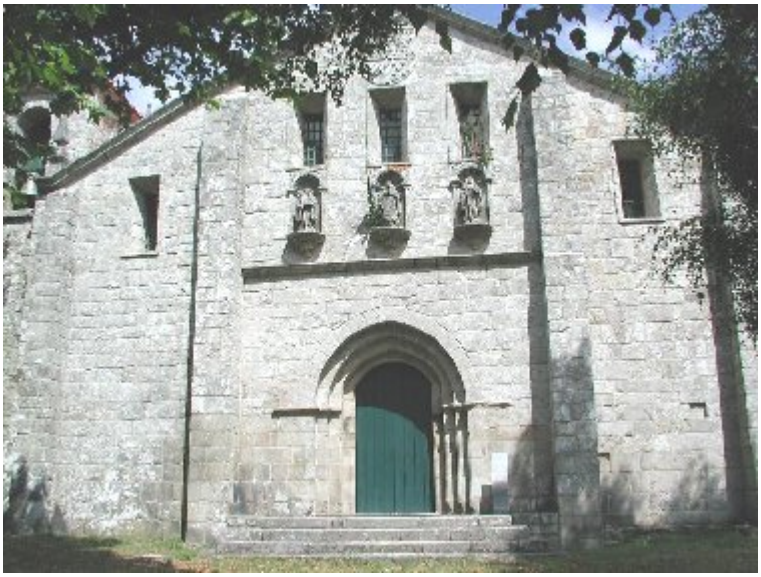
Espírito Santo (11214.ESSA.CO.CO)

Sta Maria de Seiça (11214.SEIC.CO.CO)

Sta Maria de Alcobaça (11114.ALCO.CO.LE)

Sta Maria do Desterro (11114.DEST.LX.LX)





Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE FIÃES

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

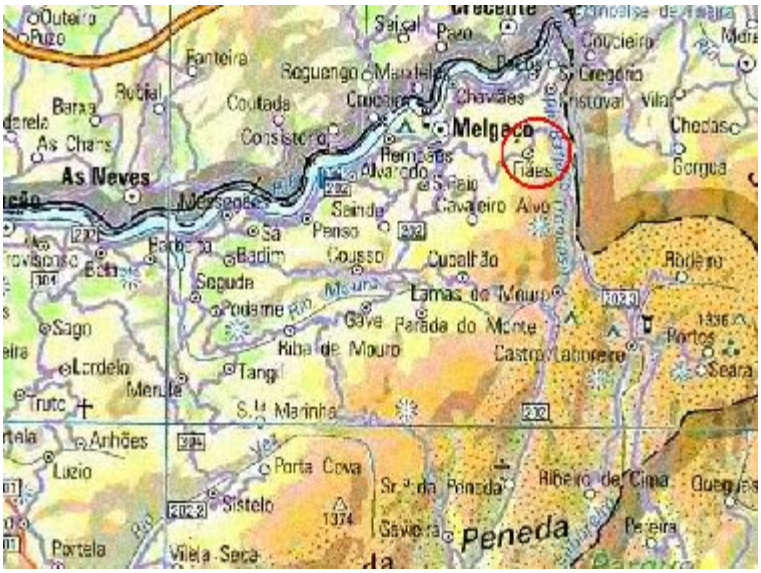
1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Fiães
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Fiães
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Igreja de Fiães
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011603070006
1.5. IPPAR – Designação: Igreja de Fiães e elementos que restam do antigo mosteiro
1.6. IPPAR – nº de identificação: 4122
1.7. Fundação / Filiação: Filiação, antes de 1194 (1173/**1194**) Claraval – Tarouca – Fiães
1.8. Diocese: Viana do Castelo
1.9. Construção: séc. XIII / séc. XVII (conjectural)
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Minho
2.2. Distrito: Viana do Castelo
2.3. Concelho: Melgaço
2.4. Freguesia: Fiães
2.5. Direcção Postal:
Lugar do Convento, Fiães
EN 202 ao Km 26,7
(dir. Monção-Melgaço)

3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos: Monção (EN 202) – Melgaço – Fiães
3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: contactar com antecedência o Pároco de Fiães ou em alternativa contactar a *Delegação de Turismo de Melgaço* tel. / fax:
+ 351 251 402440
e-mail:
rtam@mail.telepac.pt **I** http://www.rtam.pt

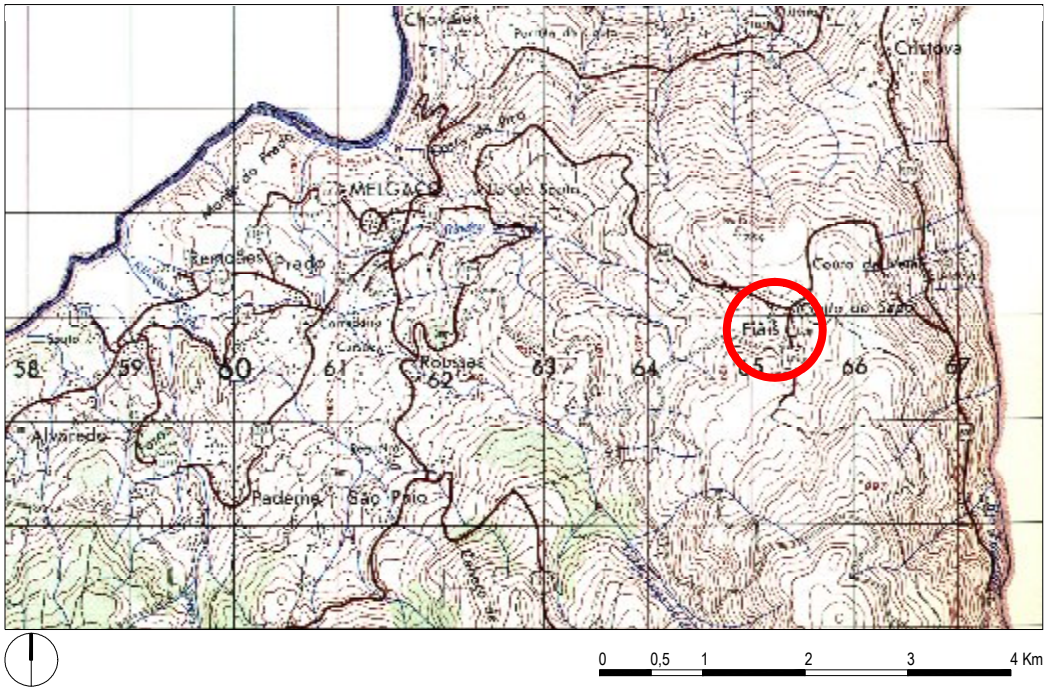


Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.5. Contactos: Câmara Municipal de Melgaço
Largo Hermenegildo Solheiro **I** 4960-551 MELGAÇO **I** tel. +351 251 41 01 00 / +351 251 41 01 16 **I** fax. +351 251 40 24 29 **I** e-mail: geral@cm-melgaco.pt **I** http://www.cm-melgaco.pt

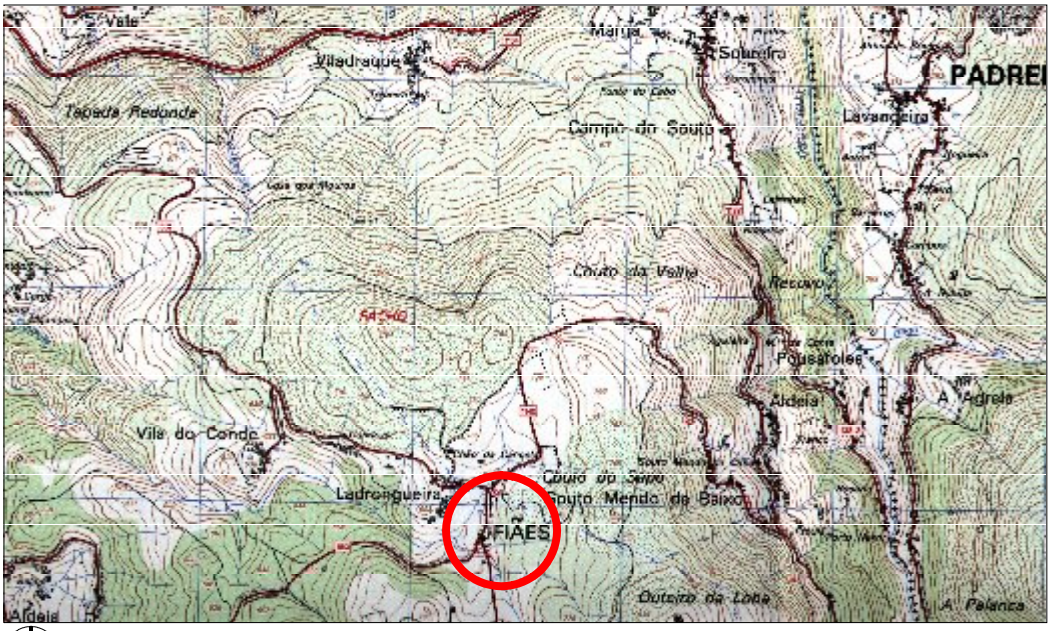
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº1-I MELGAÇO (1981)



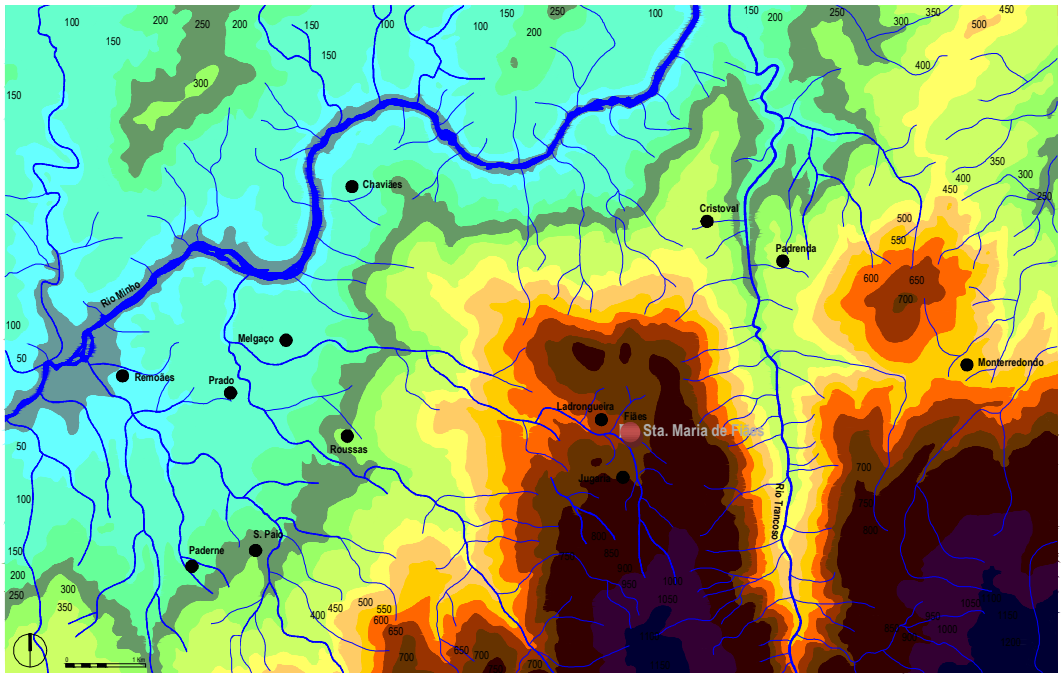
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº1 MELGAÇO (1997)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



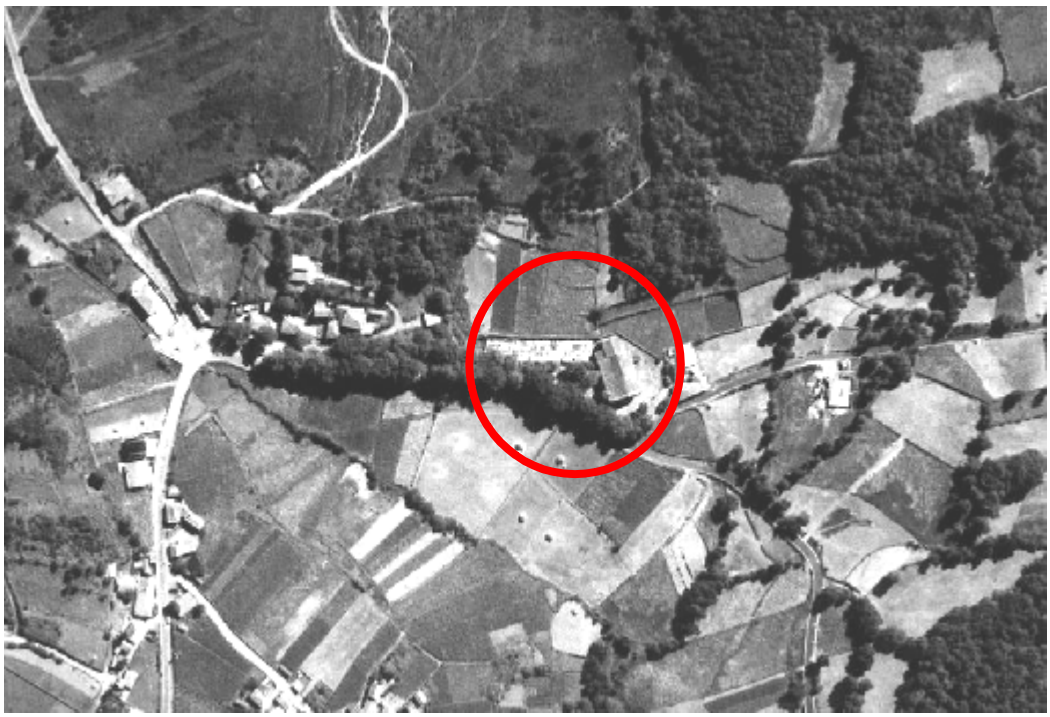
(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Montanha (Serra da Peneda)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 42° 6' 15" N **I** Longitude: 8° 12' 40"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 193547 **I** Y: 570519

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: TECTA 93 **I** rolo nº: 30 **I** fotografia nº 8890



(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

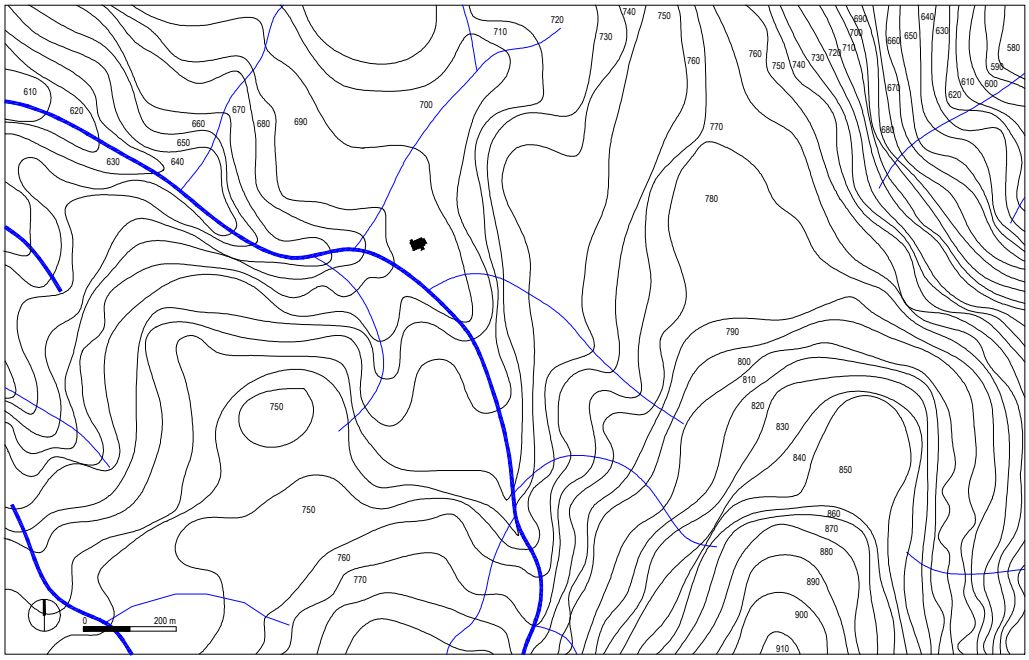
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 690 m
4.10.Proximidades e relações: Termas de Melgaço **I** Melgaço **I** Espanha **I** Parque Nacional Peneda Gerês **I** Ladrongueira.
4.11 Obs.: Rural, isolado, implantação harmónica numa plataforma da encosta da Serra da Peneda inserida em área agrícola e possui um adro amplo com cruzeiro.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado
5.2. Afectação / Ocupação: Paroquia

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Românico
6.3. Estilos paralelos: Barroco (interior)
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: Do edifício conventual, desenvolvido a sul nada subsistiu, no entanto existe, integrado nas construções vizinhas, uma porção com arcos plenos sobre pilares e colunas dóricas, as quais devem ter pertencido ao convento.

A Igreja é constituída por três naves e os volumes articulados com cobertura de telha de uma água nos absidíolos, duas na nave e capela-mor e três na Sacristia. Possui um frontispício orientado, terminado em empena com cruz sobre plinto. Encontra-se dividido em três corpos por contrafortes possuindo os laterais janelas estreitas e no central um pórtico de arco quebrado, de quatro arquivoltas assente sobre pés-direitos e imposta corrida. E encimado por moldura com três nichos concheados com imagens de Nossa Senhora da Assunção, São Bernardo e São Bento sobre mísulas, três janelas estreitas e pedra de armas. As fachadas laterais possuem cornija sobre cachorros. No lado sul abrem-se dois portais, de arco pleno sobre impostas e tímpano liso, e duas frestas. No lado norte duas janelas e portal de arco pleno.

Do lado norte, ligeiramente recuada, existe uma torre sineira adossada. A Torre sineira é de secção quadrada, e coroada por pináculos. A sacristia encontra-se a sul. A Capela-mor é contrafortada, com janelas e cornija como as da nave. Igreja românica da primeira fase do foco do Alto Minho, alterada no séc. XVII e XVIII, em estilo barroco, de que resultou uma nova iluminação. A decoração românica resume-se aos cachorros prismáticos e à arcatura, que segue a solução corrente na época em mosteiros cistercienses galegos e igrejas minhotas. Segundo a DGEMN "do séc. XVII são as imagem dos padroeiros e o brasão da Ordem no frontispício. (com a seguinte leitura do brasão do frontispício: escudo esquartelado com báculo sobre ele, no traçado do partido saindo depois por dentro de uma mitra que encima o escudo e com volta para a direita. Ladeia-o duas coroas abertas, no da direita passa uma serpe saliente do bordo superior do escudo e dentro do da esquerda há uma flor-de-lis, firmando no bordo superior. I quartel com armas de Portugal: cinco escudetes postos em cruz carregados com cinco besantes e bordadura de sete castelos; II - armas da Ordem Cisterciense: banda axadrezada de três tiras acompanhada de seis flor-de-lis, postas em orla; III - esfera armilar; IV - cinco mitras, um bordão de Santiago no flanco esquerdo e uma figura indecifrável em ponta)".

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011603070006: Igreja de Fiães; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

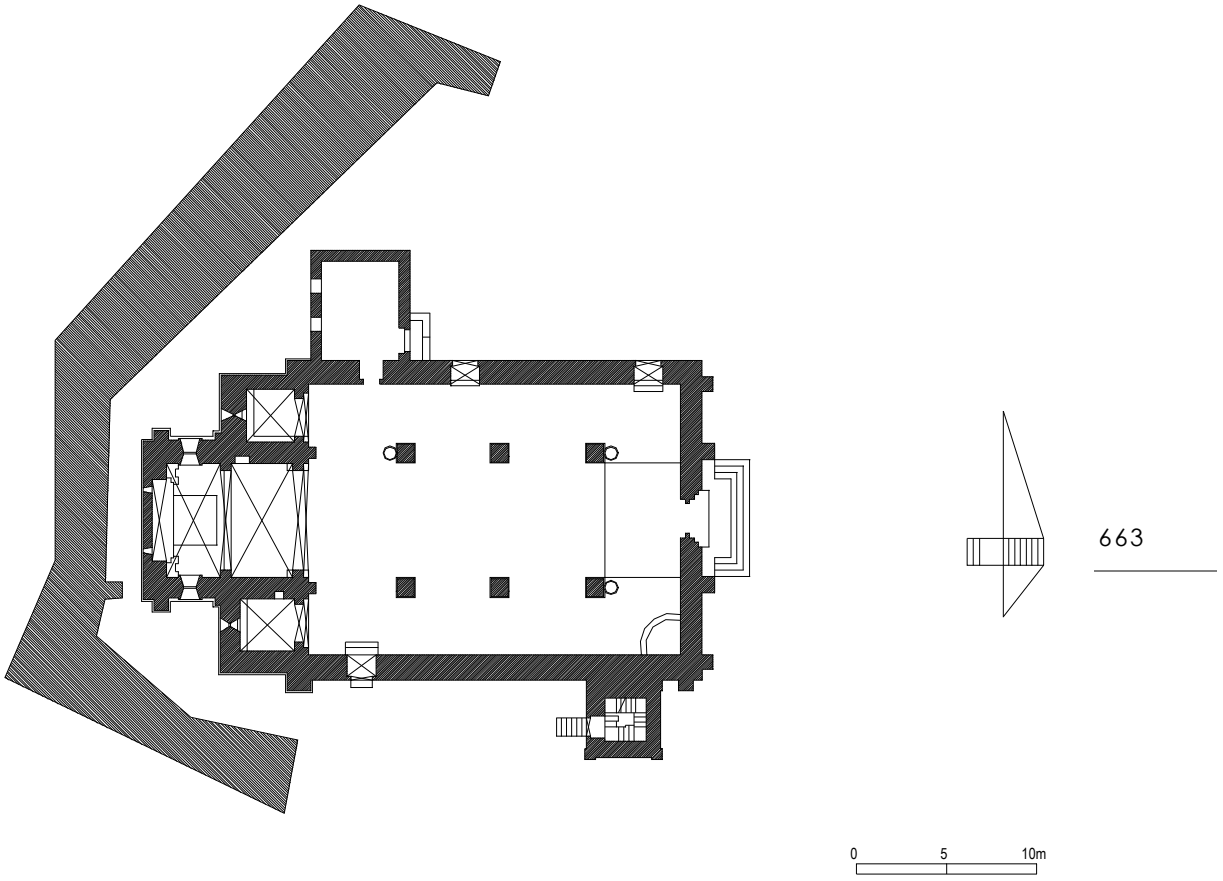
6.6. Descrição do interior: Edifício de planta longitudinal com de três naves e quatro tramos. A cabeceira possui três capelas quadrangulares e de abóbada quebrada.

No interior, naves separadas por arcos plenos sobre pilares quadrados, púlpito de talha e altar colateral de talha e moldura pintada no lado do Evangelho; túmulo na nave da Epístola. Naves com tecto de madeira. Arco triunfal quebrado, de duas arquivoltas, sobrepujado com pintura e janela. Capela-mor de dois tramos, abóbada quebrada e retábulo de

talha dourada. Absidíolos de arco quebrado sobre pilastras, encimadas por janelas e com fresta na parede testeira. As duas frestas da parede traseira apresentam-se como uma solução original sendo indício da possibilidade de existência de intenção de colocar um retábulo no altar. O altar lateral é maneirista e o retábulo de talha da capela-mor é barroco.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011603070006: Igreja de Fiães; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – nº: nenhum

6.11. Claustros existentes – forma: N/A

6.12. *Materiais:* Paredes autoportantes na nave e estrutura mista na capela-mor **I** Cantaria granítica em aparelho "vittatum" e alvenaria rebocada **I** pavimento de madeira **I** cobertura de telha **I** Talha e pinturas no interior

6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Desconhecido(s)

6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XI - Religioso (Mosteiro Beneditino)
Séc. XII/XIX - Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XX/XXI - Religioso (Igreja Paroquial)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
815 - Segundo J. Augusto Vieira, já havia notícias de uma comunidade religiosa no tempo de Ramiro II e D. Paterna.
870 - Data da edificação segundo o cronista Fr. António da Purificação.
séc XI - só então se fala de um mosteiro beneditino, sucedendo-se doações, trocas e compras.
1173 - D. Afonso Henriques doou-lhe bens reguengos que tinha desde Melgaço ao termo de Chaviães, inclusive a herdade da Sr.ª da Orada, que D. Sancho lhe tomou em 1199.
1194 - Segundo Dom Maur de Cocheril, a comunidade filiou-se na Ordem Cisterciense, filiando-se em S. João de Tarouca.
1210 - João Raimundo e sua mãe doam-lhe uma herdade em Doma, no lugar fronteiriço de Cristóval.
1211 - Doação para obras.
1245 - Outorgado um acordo entre o mosteiro e o concelho de Melgaço estabelecendo o quinhão do mosteiro na manutenção da muralha;
Séc. XIV - túmulo de Fernão Anes de Lima.
1490 - Incêndio no arquivo.
c. 1530 - Abade João de Cós manda restaurar a igreja, casa do capítulo, claustro e residência abacial.
Séc. XVII - restauro interior e do frontispício.
1730 - Coronel Francisco Ayres de Vasconcelos manda fazer recrutamento no Couto de Fiães.
1748 - D. João V recomendou que se intimasse a todos os governadores da Praça que respeitassem os privilégios do couto.
séc. XVIII, meados - Abriram-se duas grandes janelas na fachada N. e fez-se torre sineira.
1777 - O Mosteiro reclama perante o Capitão-mor de Valadares contra generais e governadores das fortificações que utilizavam para seu

proveito os carros dos moradores do couto para as obras das fortalezas, sendo imediatamente atendidos.

1834 - Extinção das Ordens Religiosas. O Mosteiro é vendido em haste pública, estendendo-se a ruína pelas dependências, e passando a igreja a paroquial.

1875 - Data no cruzeiro.

1903 - Ainda existia fachada da ala direita do convento.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 22 a 26 de janeiro de 1533

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011603070006: Igreja de Fiães; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)

9.2. Documentos legais:

Dec. 16-6-1910, DG 136 de 23 Junho 1910 (MN) [limita a classificação como Monumento Nacional apenas a partes da Igreja de Fiães]

Dec. nº 129/77, DR 226 de 29 Setembro 1977 (MN) [Igreja na sua totalidade assim como o seu recheio e elementos integrantes do antigo convento dos quais restam alguns vestígios]

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular

10.2. Autenticidade: reconstrução parcial durante o séc. XX, pela DGEMN, segundo teorias em voga na época.

10.3. Integridade: apenas a igreja subsistente

10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação

11.2. Cronologia das intervenções*:

DGEMN:

1958 - Restauro da cobertura e consolidação de paredes

1959 / 1960 - Prosseguimento das obras de restauro

1961 - Reconstrução da sacristia e consolidação de paredes da igreja
- Trabalhos de escoramento das paredes oeste e sul
1962 - Trabalhos de restauro da parede lateral sul
1963 - Conclusão da reconstrução da parede lateral sul e do frontispício
- Outros trabalhos de restauro
1970 - Consolidação do cunhal sudoeste e revisão dos telhados
- Reconstrução das cantarias de dois contrafortes
1971- Trabalhos de consolidação
1972 - Reparações inadiáveis dos prejuízos causados pelo temporal
1973 - Prosseguimento da reconstrução da cobertura da nave central
1974 - Conclusão das coberturas
1975 - Trabalhos de conservação
- Conclusão da cobertura da igreja e reconstrução de portas
1976 - Construção de vitrais e diversas obras
1977 - Drenagem da fachada posterior
- Reparação de vitrais
1980 - Reparação da instalação eléctrica
1981 - Tratamento de paredes
- Limpeza de telhados
1982 -Trabalhos de conservação
1989 - Beneficiação geral
1990 - Substituição de taburnos
1993 - Guias de pedra e taburnos de madeira da nave central
1998 - Obras de conservação e beneficiação geral
- Arranjos exteriores
- Beneficiação das coberturas exteriores e interiores
- Revisão geral dos elementos em granito à vista (paramentos, pavimento, outros elementos estruturais e decorativos)
- Limpeza geral dos paramentos rebocados e pintados (paramentos sobre a arcaria da nave da igreja, paramentos interiores da sacristia)
- Tratamento de vãos
- Revisão geral da instalação eléctrica e sonora
- Drenagem exterior
- Consolidação do muro exterior do adro, junto às escadas de acesso
- Pavimentação do acesso à porta lateral norte em granito

11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)

11.4. Entidades: DGEMN

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Estudo histórico, arquitectónico e arqueológico
- Estudo do enquadramento urbano

- Registo e estudo de elementos arquitectónicos dispersos nas proximidades
- Estudo para projecto funcional e potencialidades de valorização
- Estudo para a criação de um espaço explicativo que inclua a sinalética interpretativa do monumento
- Colocação de sinalização rodoviária (monumento)
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão)
- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e de bens incorporados no edifício

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011603070006: Igreja de Fiães; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

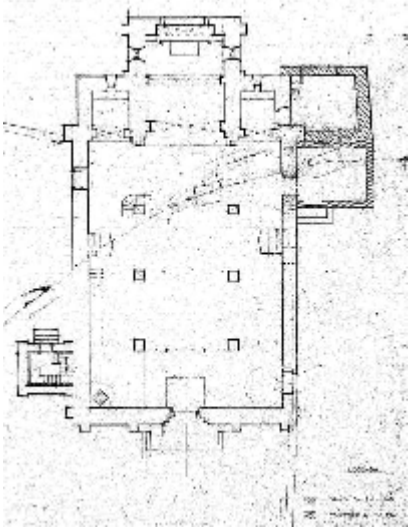


Fig. 1. Planta do rés-do-chão (DGEMN)

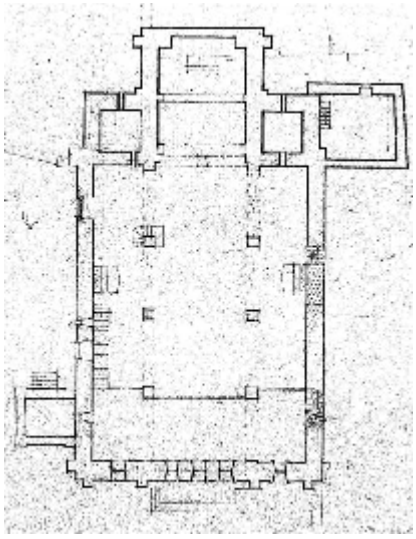


Fig. 2. Planta nível do coro (DGEMN)

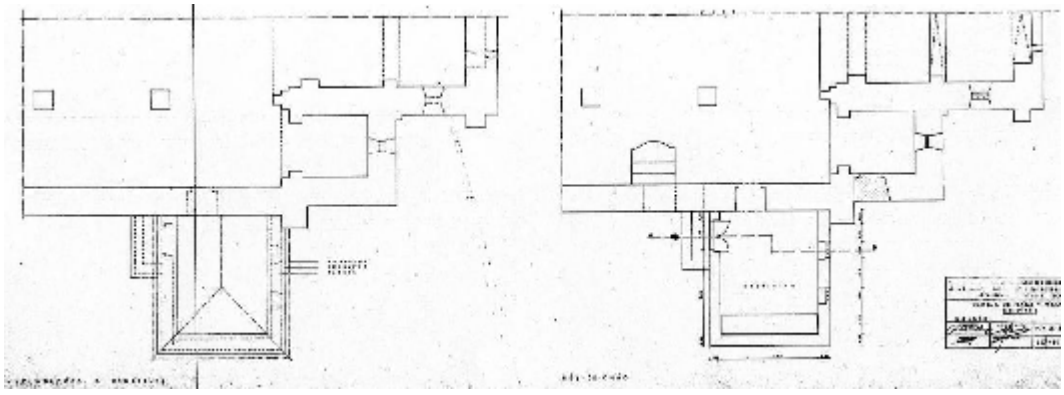


Fig. 3. Planta sacristia (DGEMN)

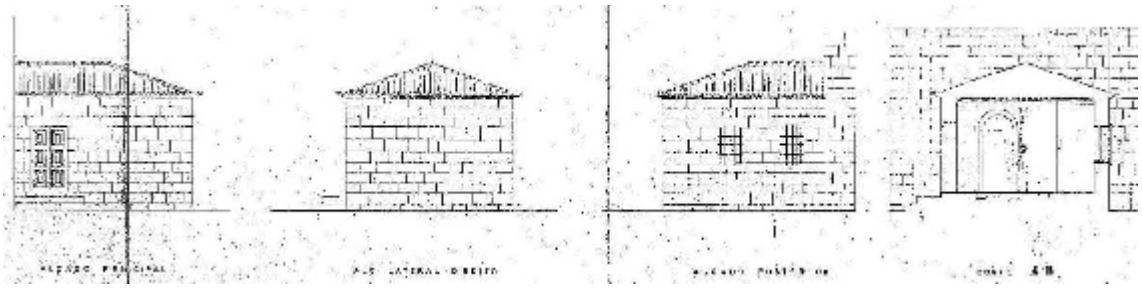


Fig. 4. Alçados e cortes da sacristia (DGEMN)

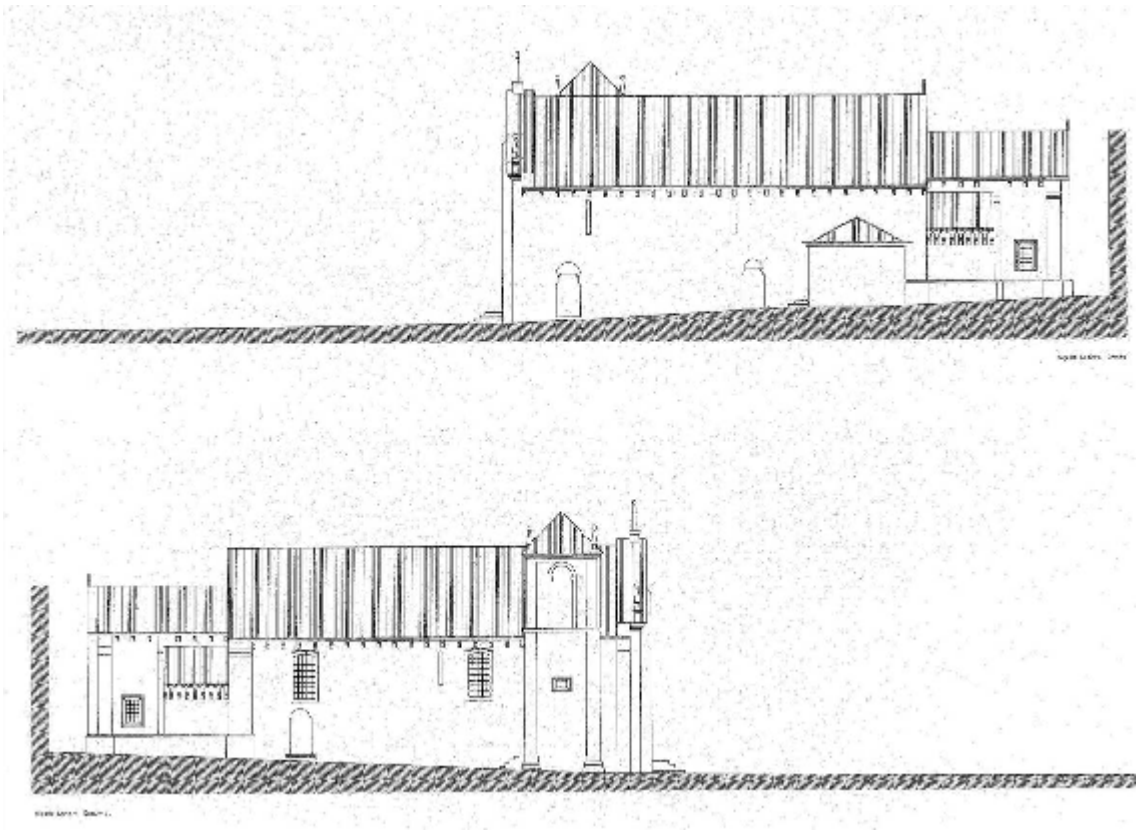


Fig. 5. Alçados laterais (DGEMN)

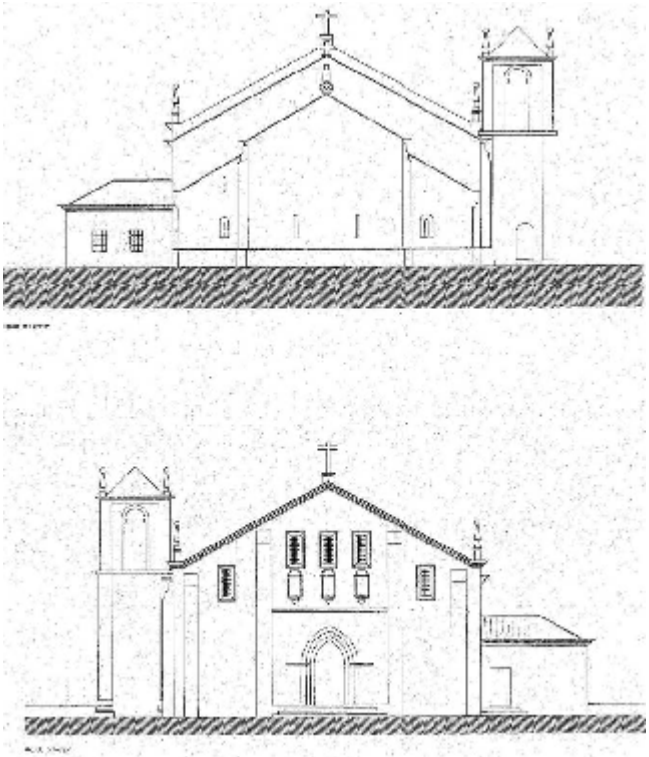


Fig. 6. Alçado principal e alçado posterior (DGEMN)

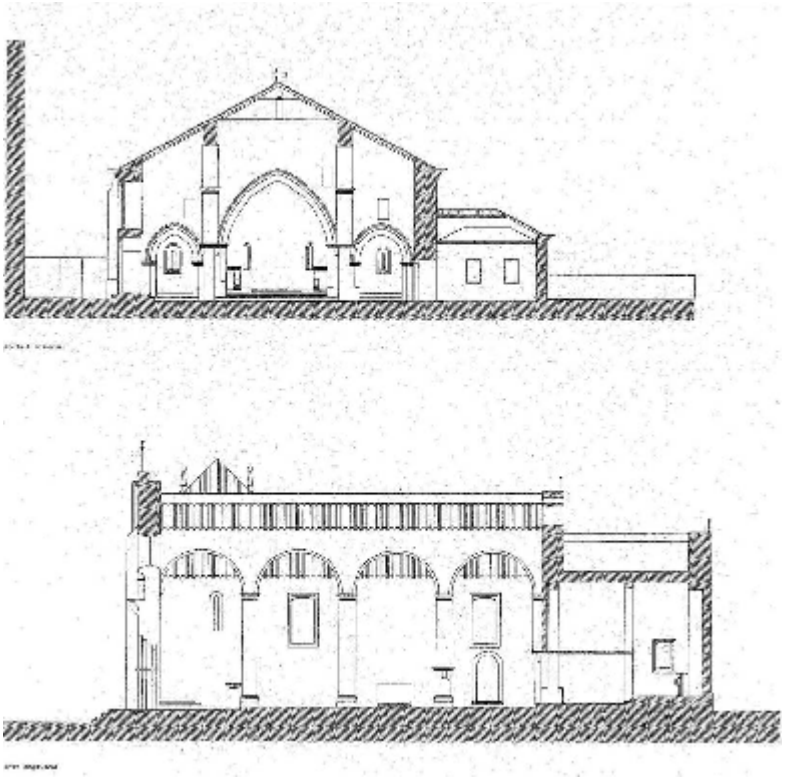


Fig. 7. Corte transversal e longitudinal (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

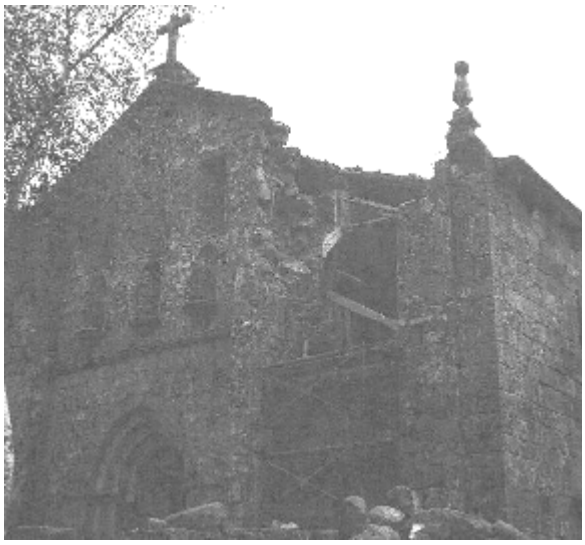


Fig. 8. Obras DGEMN na fachada principal, 1963 (DGEMN)

Fig.9. Obras DGEMN no alçado lateral, 1963 (DGEMN)

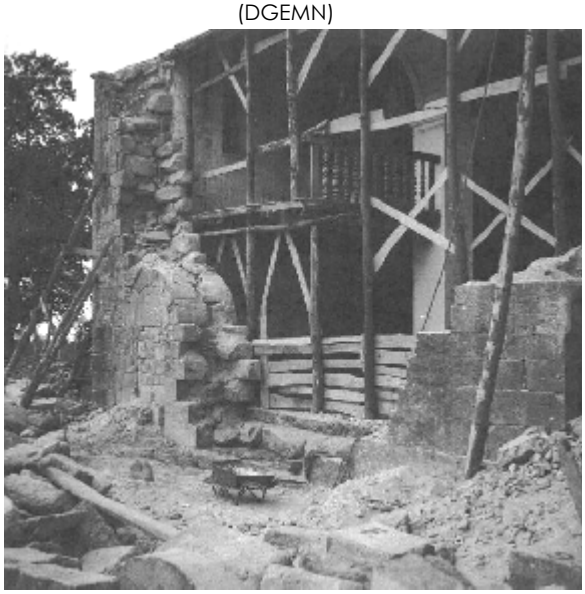


Fig. 10. Obras DGEMN no alçado lateral, 1963 (DGEMN)

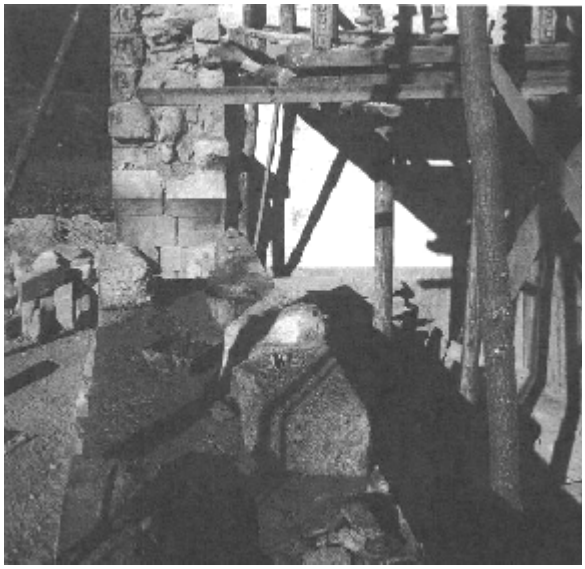


Fig. 11. Obras DGEMN, 1963 (DGEMN)

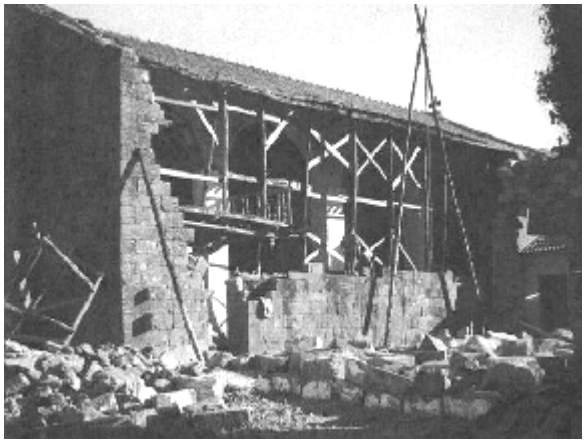


Fig. 12. Obras DGEMN no alçado lateral, 1963 (DGEMN)

Fig. 13. Vestígios do edificado monástico, 1958 (DGEMN)

Fig. 14. Acessos, 2002 (autora)

Fig. 15. Cemitério anexo, 2002 (autora)

Fig. 16. Fontanário, 2002 (autora)

Fig. 17. Fontanário, 2002 (autora)

Fig. 18. Porta dos Mortos, 2002 (autora)

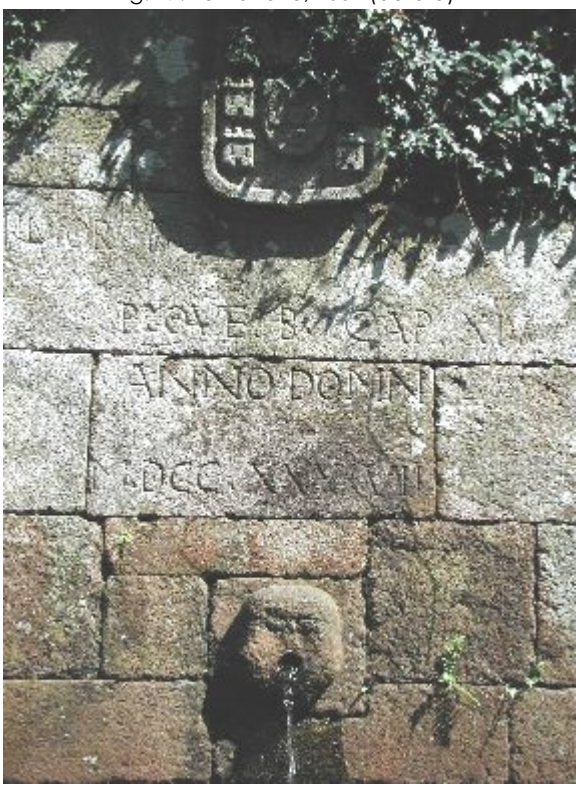


Fig. 19. Inscrição no Fontanário, 2002 (autora)

Fig. 20. Adro e acesso ao cemitério, 2002 (autora)

Fig. 21. Envolvente visível desde o adro, 2002 (autora)

Fig. 22. Igreja desde o cemitério, 2002 (autora)

Fig. 23. Fachada principal da igreja, 2002 (autora)

Fig. 24. Igreja e corpo da sacristia, 2002 (autora)

Fig. 25. Vestígios do edificado conventual na parede da igreja, sobre o corpo da sacristia, 2002 (autora)

Fig. 26. Porta no alçado lateral, 2002 (autora)

Fig. 27. Muro que ladeia a ábside, 2002 (autora)

Fig. 28. Vestígios do edificado conventual junto à cabeceira da igreja, 2002 (autora)

Fig. 29. Torre sineira, 2002 (autora)

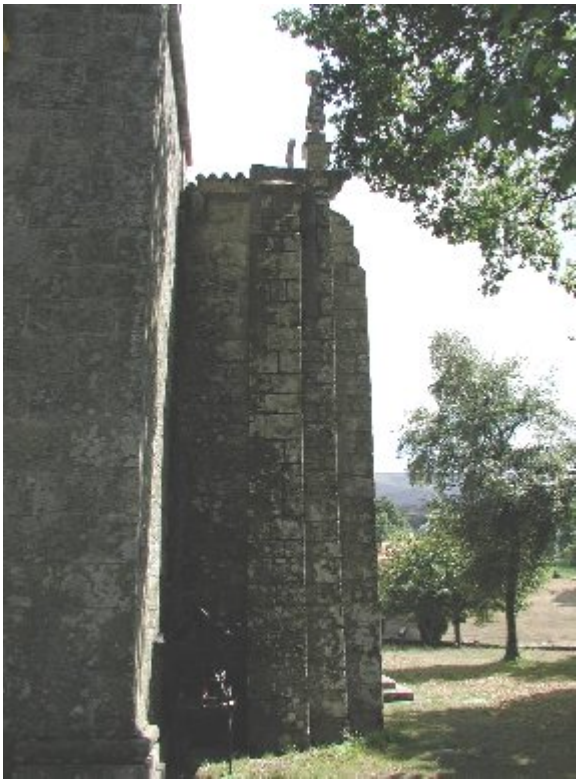


Fig. 30. Justaposição da torre sineira no alçado lateral da igreja, 2002 (autora)

Fig. 31. Acesso ao adro, 2002 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 32. Obras DGEMN, 1961 (DGEMN)

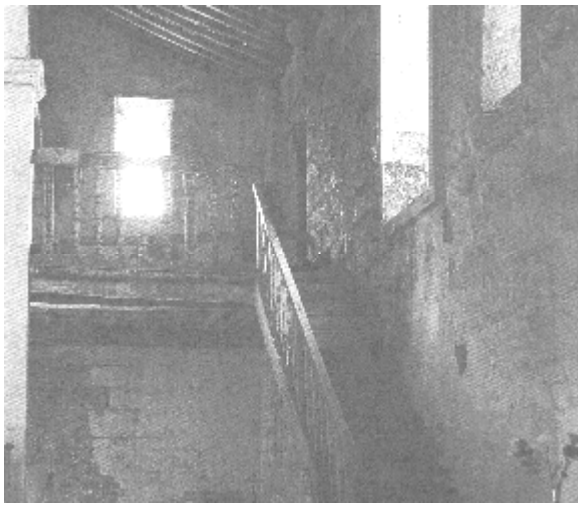


Fig. 33. Igreja, Coro-alto, 1961 (DGEMN)

Fig. 34. Igreja, Coro-alto, 1958 (DGEMN)

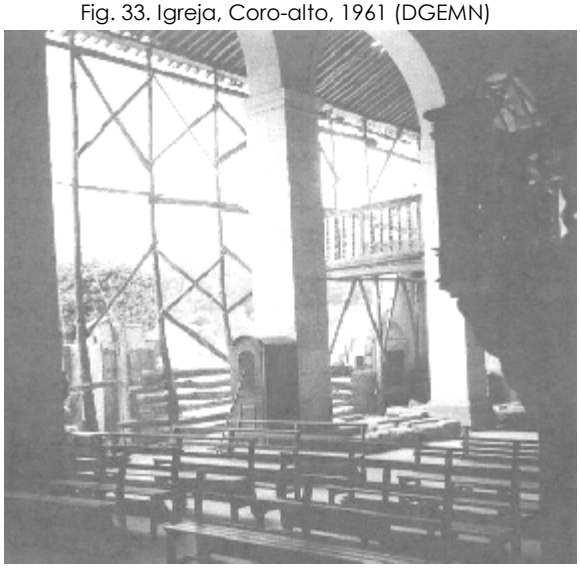


Fig. 35. Obras DGEMN, 1961 (DGEMN)

Fig. 36. Igreja, púlpito, 1958 (DGEMN)

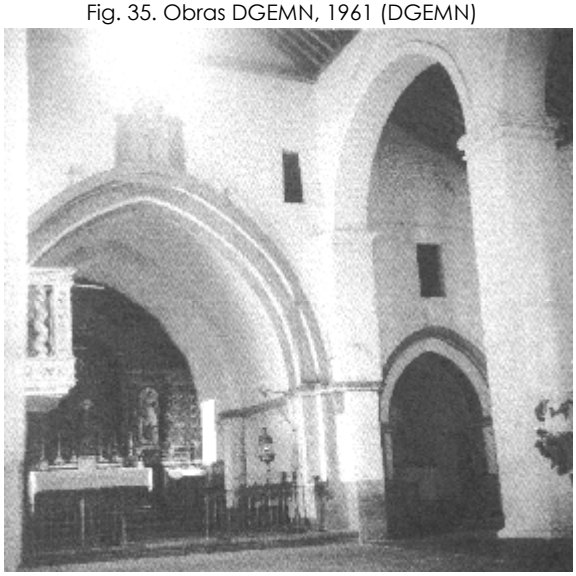


Fig. 37. Igreja, capela-mor, 1958 (DGEMN)

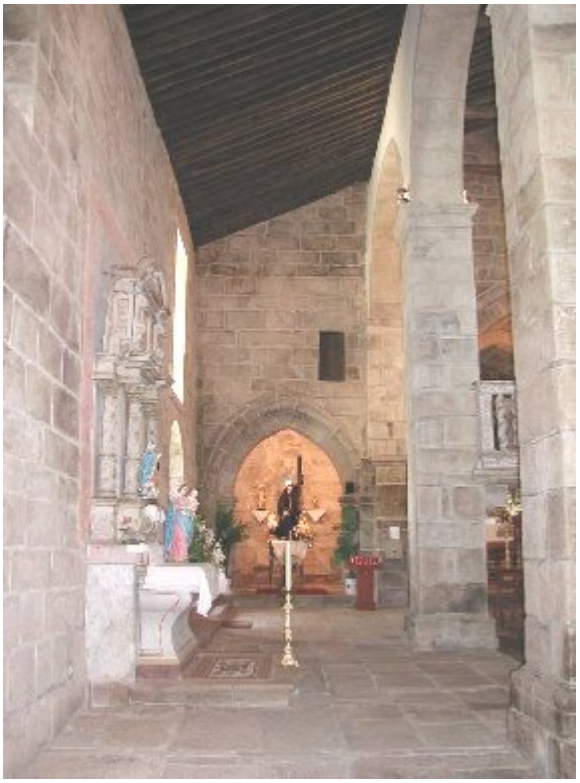


Fig. 38. Igreja, capela colateral, 2002 (autora)

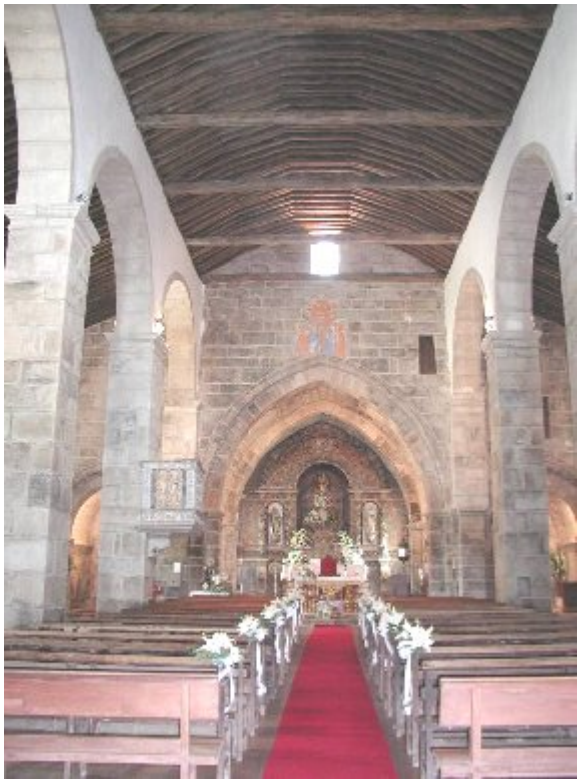


Fig. 39. Igreja, nave e capela-mor, 2002 (autora)

Fig. 40. Igreja, capela-mor, 2002 (autora)

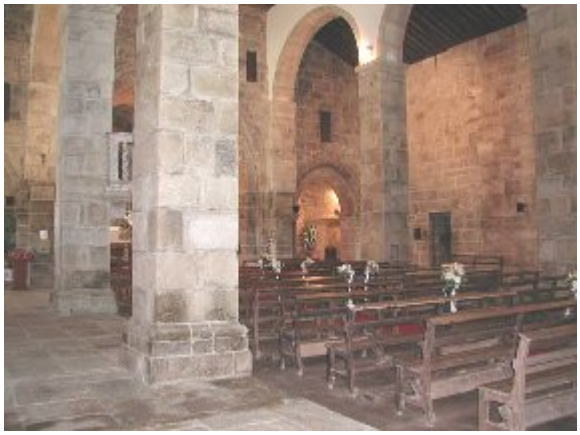


Fig. 41. Igreja, nave, 2002 (autora)

Fig. 42. Igreja, pormenor, 2002 (autora)

P Fig. 43. Igreja, pia baptismal, 2002 (autora)

Fig. 44. Igreja, fenestrações, 2002 (autora)

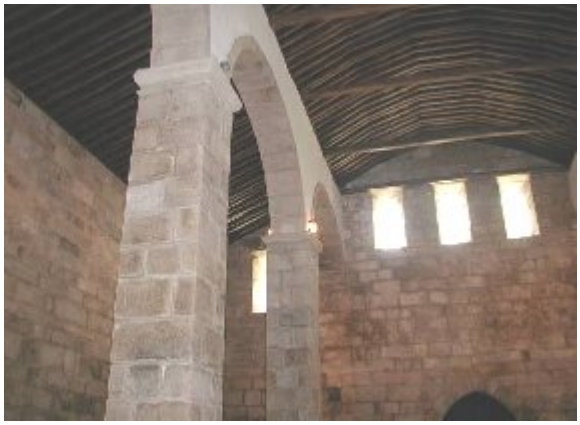


Fig. 45. Igreja, fenestrações, 2002 (autora)

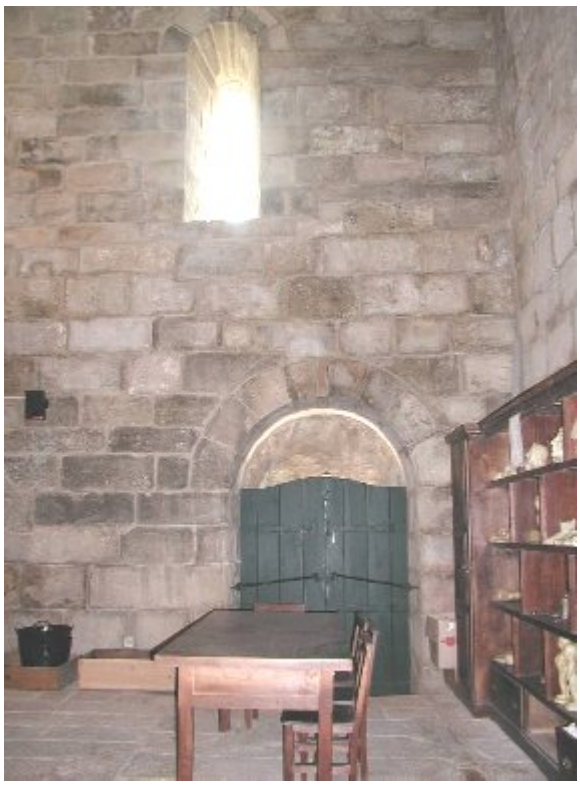


Fig. 46. Igreja, porta dos monges 2002 (autora)

Fig. 47. Igreja, porta dos mortos, 2002 (autora)

Fig. 48. Igreja, nave lateral, 2002 (autora)

Fig. 49. Igreja, pormenor sobre arco triunfal, 2002 (autora)

Fig. 50. Igreja, púlpito e altar na nave lateral, 2002 (autora)

Fig. 51. Igreja, retábulo-mor, 2002 (autora)

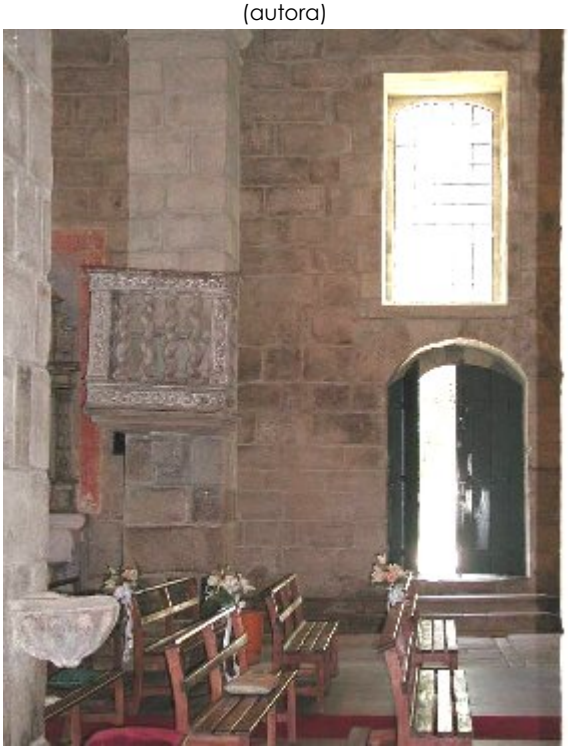


Fig. 52. Igreja, actual acesso, 2002 (autora)

Fig. 53. Igreja, arcatura e cachorros que suportavam o coro-alto, 2002 (autora)

Fig. 54. Igreja, vigamento interior da cobertura, 2002 (autora)

Fig. 55. Igreja desde o actual acesso, 2002 (autora)

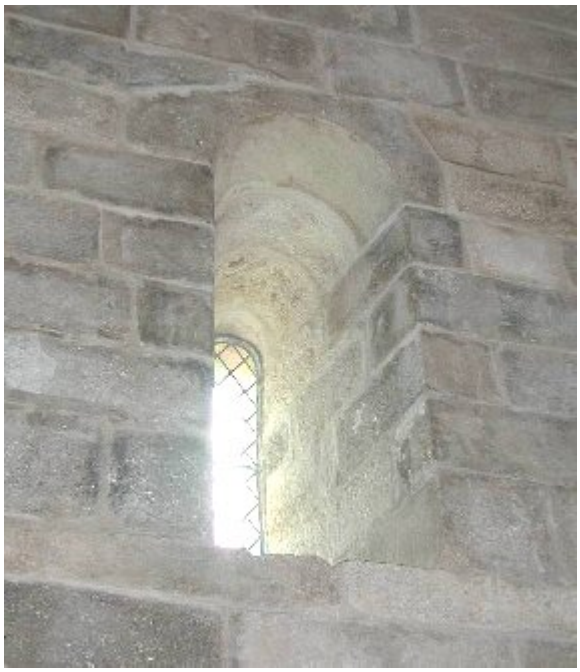


Fig. 56. Igreja, fenestração, 2002 (autora)

Fig. 57. Igreja, vestígios do púlpito, 2002 (autora)

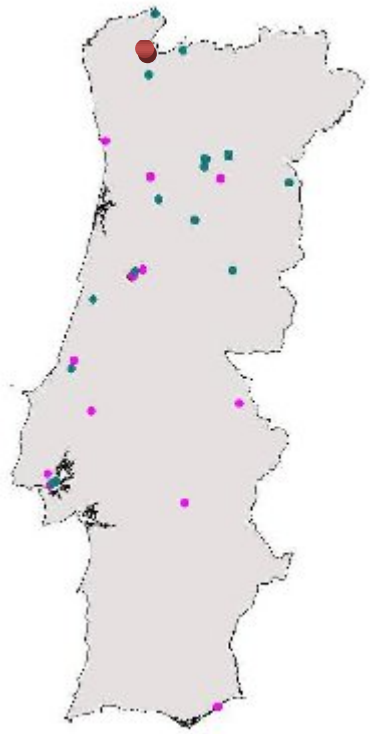
Fig. 58. Igreja, pormenor da cantaria granítica, 2002 (autora)

Fig. 59. Base do púlpito, 2002 (autora)

Fig. 60. Igreja, armário de ofrendas e promessas, 2002 (autora)

Fig. 61. Sacristia, 2002 (autora)

A.4. Croquis: n/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO ERMELO

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Ermelo
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Ermelo
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Mosteiro de Ermelo
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011601110008
1.5. IPPAR – Designação: Mosteiro de Ermelo
1.6. IPPAR – nº de identificação: 4090
1.7. Fundação / Filiação: filiação do séc. XII **I** extinto em 1560 (fundado como beneditino no séc. XII) **I** Claraval- Tarouca - Fiães - Ermelo
1.8. Diocese: Viana do Castelo
1.9. Construção: Séc. XIII / Séc. XVIII
1.10. Género: Feminino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Minho
2.2. Distrito: Viana do Castelo
2.3. Concelho: Arcos de Valdevez
2.4. Freguesia: Ermelo
2.5. Direcção Postal:
Lugar da Igreja, Ermelo

3. ACESSIBILIDADES

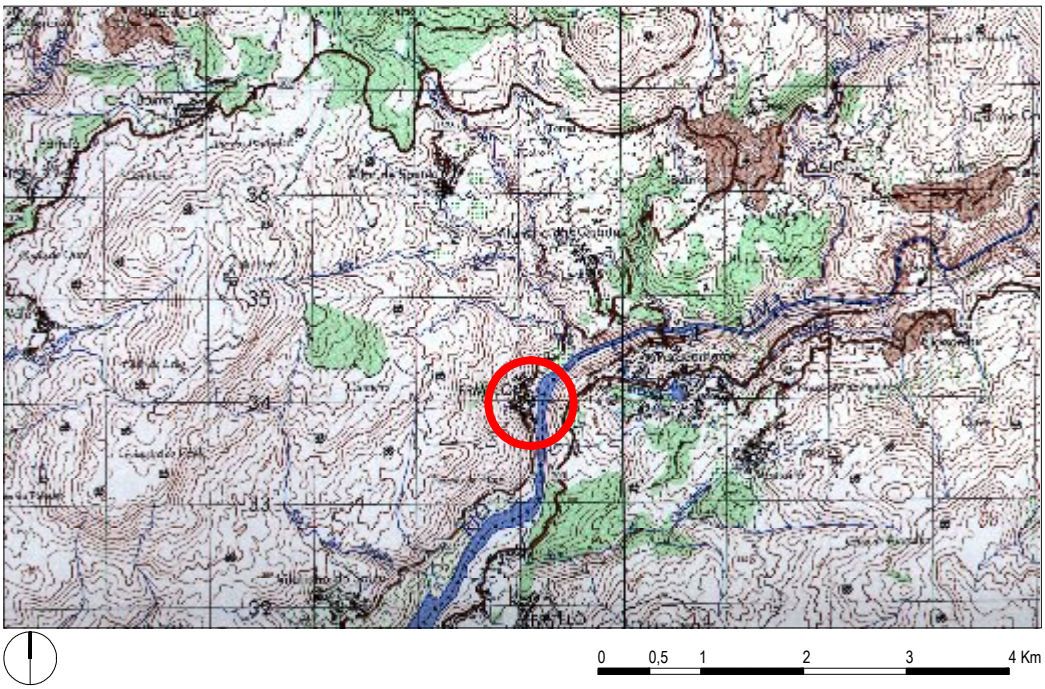
3.1. Acessos:
Direcção Arcos de Valdevez (EN 101) - saída Ponte da Barca – dir. Lindoso (EN 203) – Ermelo – a partir da Estrada Municipal o cesso é pedonal.

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita:
Contactar *Delegação de Turismo de Arcos de Valdevez*
tel./fax+351258516001 **I** email rtam@mail.telepac.pt **I** http://www.rtam.pt
3.5. Contactos:
Câmara Municipal de Arcos de Valdevez
Praça Municipal
4970-441 ARCOS DE VALDEVEZ
tel. +351 258 52 05 00 **I** fax +351 258 52 05 09 **I**
http://www.cm.arcos-valdevez.pt

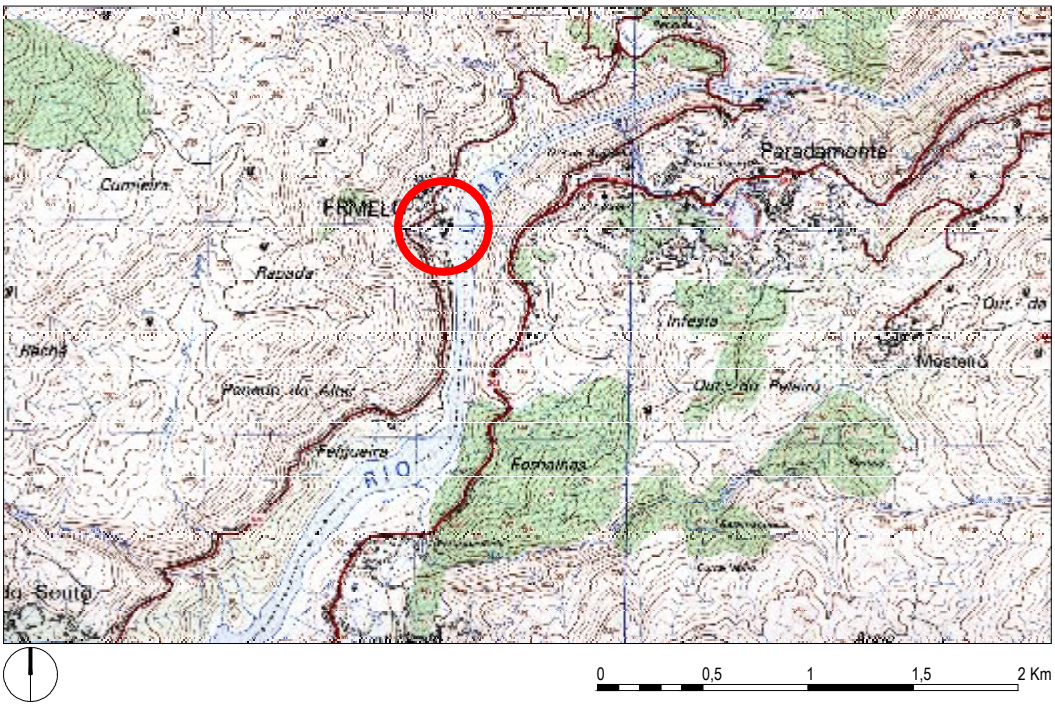
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº1 - II ARCOS DE VALDEVEZ (2000)



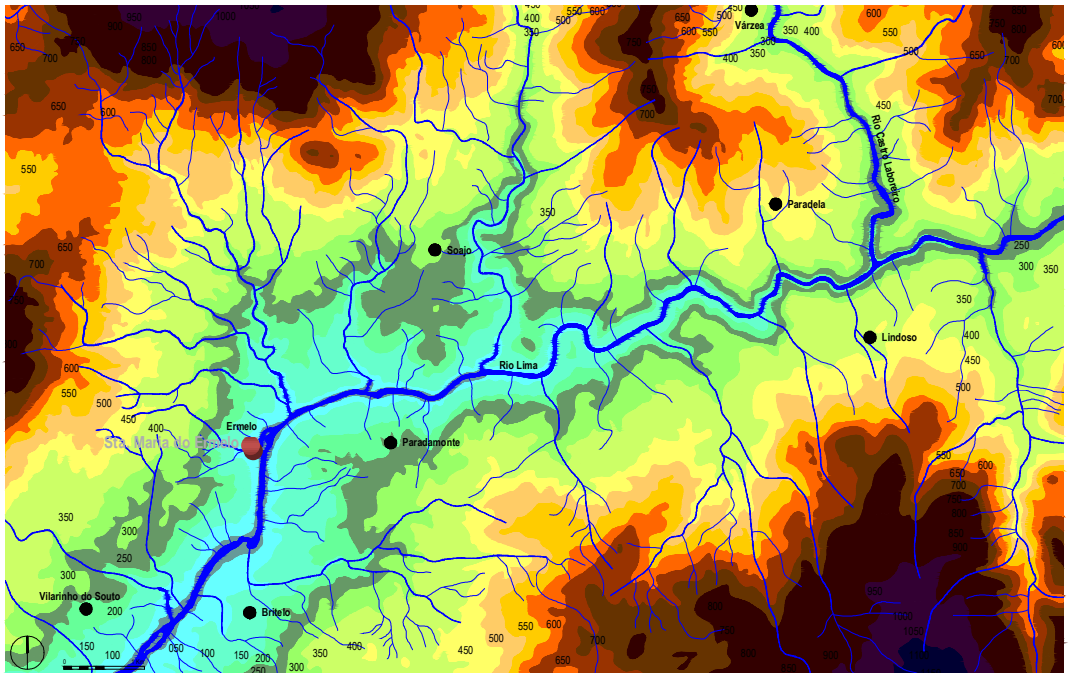
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº17 LINDOSO (1996)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



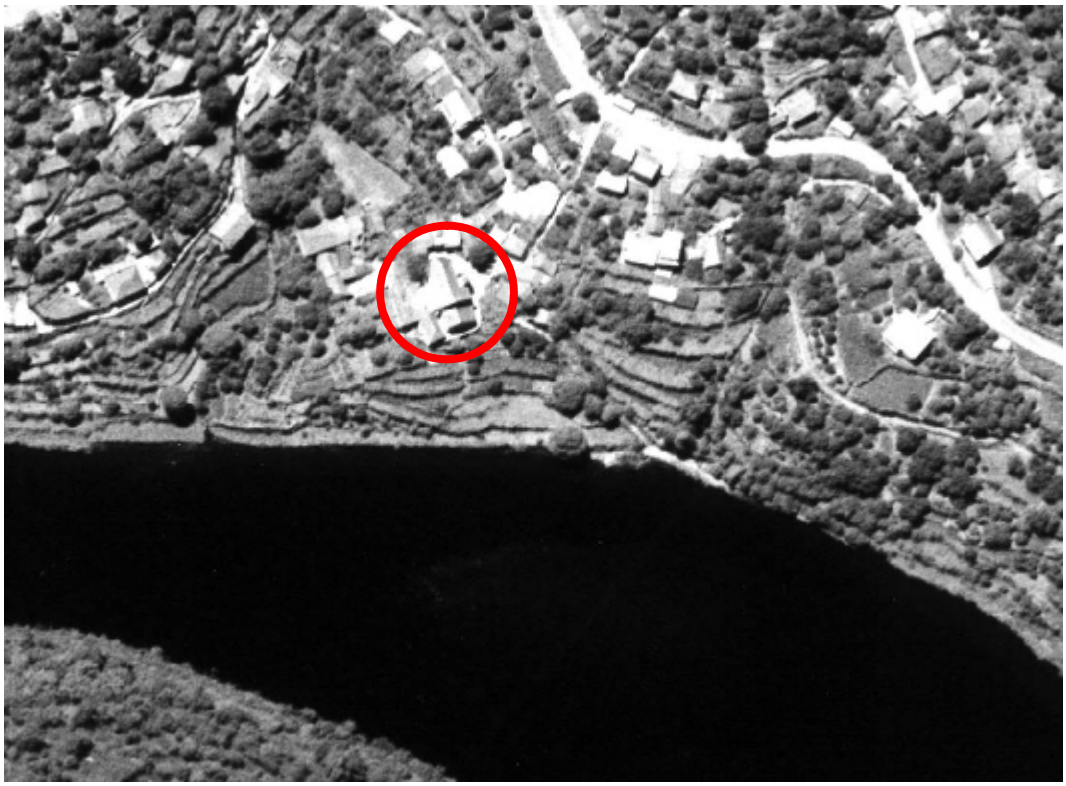
(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Rio Lima)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41° 51' 13" N **I** Longitude: 8° 17' 21"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 187042 **I** Y: 542711

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: TECTA 93 **I** rolo nº: 29 **I** fotografia nº 8614



(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

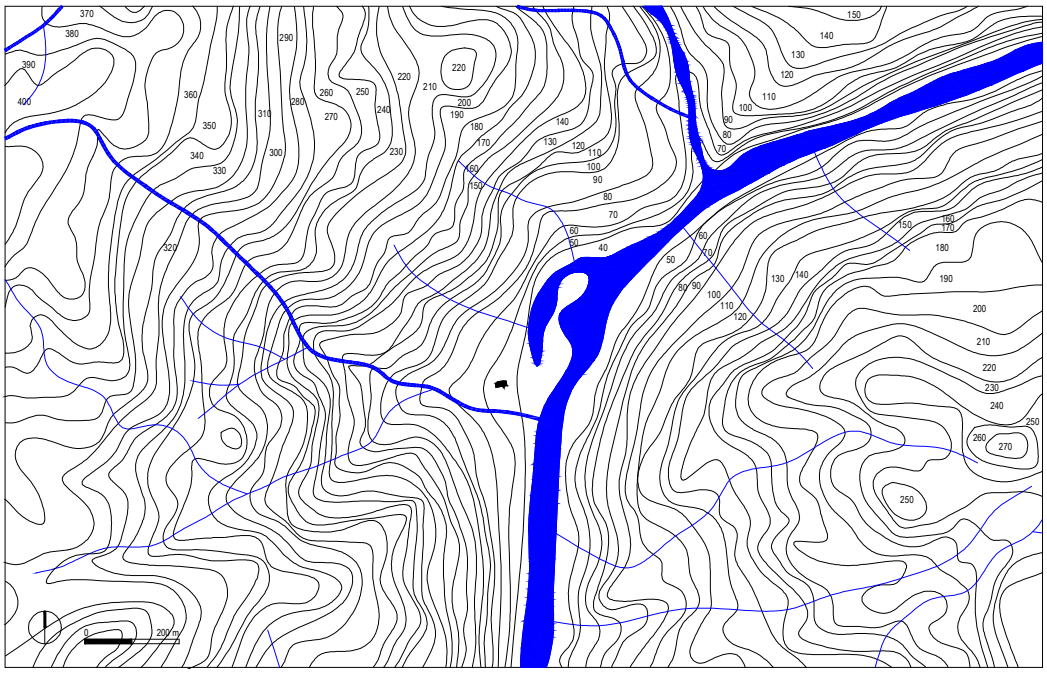
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 90 m
4.10.Proximidades e relações: Rio Lima **I** Espigueiros de Soajo **I** Parque Nacional Peneda Gerês **I** Circuito Ponte da Barca / Lindoso **I** Touvedo
4.11 Obs.: Rural, isolado. Apresenta-se sobranceiro ao rio, inserindo-se num pequeno adro murado possuindo no seu limiar algumas construções rústicas.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Igreja
5.2. Afectação / Ocupação: Paroquia

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Românico
6.3. Estilos paralelos: Barroco (interior)
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: Evolução planimétrica bastante particular. Volumes articulados com coberturas diferenciadas em telhados de 2 águas. Possivelmente, devido ao desafogo económico inicial, optou-se

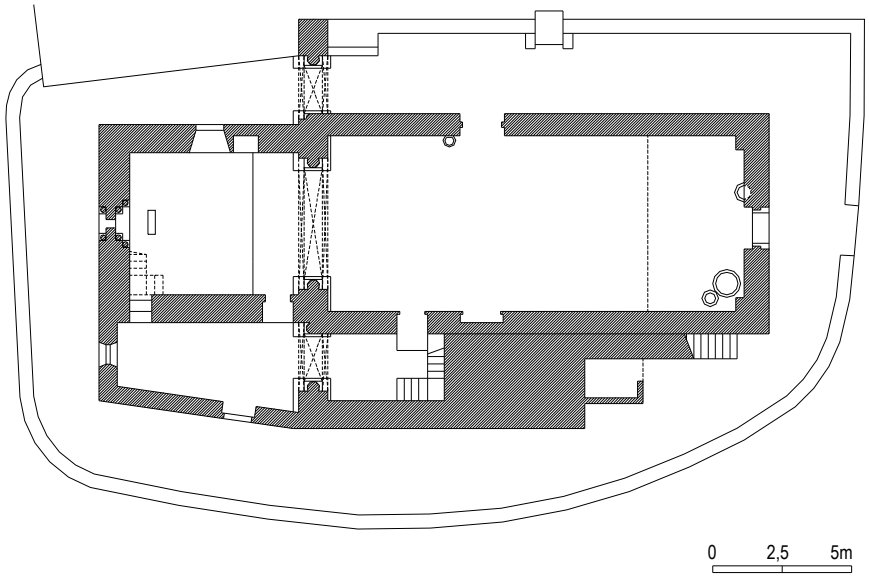
por uma planta de 3 naves e cabeceira de 3 capelas quadrangulares, sendo a central mais desenvolvida e alta que as laterais, seguindo o esquema cisterciense, conservando ainda vestígios nas arcadas que davam para os absidíolos.
Este esquema não se concluiu e foi drasticamente reduzido para uma planta ocupando pouco mais do que o espaço projectado para a primitiva nave central. Parte da arcada, um pouco afastado da igreja confirma a grandiosidade do projecto inicial para as dependências monásticas que, entretanto, se devem ter restringido a algumas construções mais modestas adossadas à fachada sul da igreja, como comprovam os pingadouros ali existentes.
A sul da Igreja conserva-se ainda pequena arcada, de arcos plenos, entaipados, vestígio do antigo mosteiro
Frontispício terminado em empena com cruz sobre peanha e enquadrado por pináculo sobre soco. Rasga-o portal de arco pleno sobre pé-direito, com tímpano vazado por cruz equilátera, e fresta. Fachada S. com portal idêntico, mas de tímpano liso, e tendo, perpendicularmente, a parede testeira do antigo absidíolo, rasgada por vão pleno de dupla arquivolta, o interior sobre colunas de capitel coríntio, encimado por fresta, que abriria para o interior.
Fachada Norte com campanário disposto paralelamente à nave e com escada de acesso entre ambas, sendo encimado por pináculos e frontão triangular.

Capela-mor com fresta enquadrada por colunas, com capitéis de folhagem encimados por impostas com laçaria, onde se apoia o arco pleno.
A cobertura da nave repousa sobre cornija com cachorros lisos ou decorados num nível mais baixo à empena, cortando assim parte da rosácea, toda esculpida.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011601110008: Mosteiro de Ermelo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: Planta composta por nave longitudinal, capela-mor quadrangular, sacristia e torre sineira, com acesso por escada de pedra, adossadas a norte.
Interior iluminado por quatro frestas, duas no lado da Epístola, uma no Evangelho e outra no frontispício; pórtico do lado do Evangelho entaipado, púlpito quadrangular, e dois altares laterais de talha, postos de ângulo; tecto em madeira de perfil curvo.
Arco triunfal, apontado, com sanefa sobre impostas esculpidas; as colunas têm bases com losangos, garras e capitéis de folhagem.

Na capela-mor fresta com colunas, mísulas e capiteis pintados, sendo encimada por representação do Padre Eterno e vêm-se atributos de São Tiago; retábulo de talha policroma com trono central e acesso para a sacristia onde também se conserva o arco do antigo absidíolo.
Por trás do retábulo da capela-mor fresco, com sobreposição de pinturas, que cobre toda a parede com excepção da parte baixa que se encontra danificada.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011601110008: Mosteiro de Ermelo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – n°: nenhum

6.11. Claustros existentes – forma: n/a

6.12. Materiais: Paredes autoportantes em cantaria **I** Pavimento de madeira **I** cobertura de telha **I** Granito, madeira, pinturas, talha.

6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Desconhecido(s)

6.14. Obs.: Igreja conventual da 2ª fase do românico Português, 1ª do foco do Alto Minho e do grupo das igrejas da Ribeira Lima. A sua planimetria, resultou de uma redução do programa construtivo inicial e a sua espacial idade e iluminação foram profundamente alterados pelas obras concluídas em 1760. Segundo Ferreira de Almeida, a decoração dos capitéis e cachorros mostram uma evolução de modelos da bacia do Minho e são semelhantes a outros de construções meridionais, como Valdreu (Terras de Bouro), Fervença (Ceio rico de Basto) e Ferreira (Paços de Ferreira). Para o autor as obras da cabeceira não deverão ser anteriores aos finais do 1° quartel do séc. XIII. A talha dos altares e as

pinturas do tecto são neoclássicas. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011601110008: Mosteiro de Ermelo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Beneditino e posteriormente Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. …/XII - Religioso (Mosteiro Beneditino)
Séc. XII/XIX - Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XII/XIX - Religioso (Igreja Paroquial)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
Séc. XII – D. Afonso Henriques coutou S. Pedro do Vale em *favor* do Mosteiro.
1220/ 1258 - tinha 4 casais em freguesias do concelho de Ponte da Barca.
1221 - D. Afonso 11 doa-lhe por testamento 100 morabitinos para celebração do seu aniversário.
1271,23 Nov. – D. Afonso 111 legou-lhe 500 Libras com o mesmo fim.
1283,9 Out. – D. Dinis apresentou Pedro Martins Real como Abade de Santa Maria de Ermelo.
1361,2 Nov. – D. Pedro I confirma eleição de Fr. *Estevão* Lourenço para Prior e Abade.
1388,5 Jan. – D. João I autoriza pedido do Abade João Martins para anexação ao Mosteiro das Igrejas de Britelo e Soajo para remediar a crise.
1391,10 Ago. – D. João I apresentou Fr. João Martins para Abade e não refere as duas igrejas.
1441,8 Jul. – D. Afonso V apresenta em Ermelo, por morte de Afonso *Esteves,* o Clérigo Afonso Anes.
1441,6 *Nov.* – reduzido a igreja paroquial por ser de "Muy Poucas Rendas".
1497 - D. Manuel confirma todas as honras, privilégios, liberdades, graças e mercês.
1498 - rendimento anual de 40.000 rs, o mais baixo de todos os Mosteiros de Cister.

1553 - estava deserto; o Abade comendatário, residente na Freguesia do Vale, enviava ocasionalmente o capelão para celebrar missa.
1557 - era abade um capelão do rei, Gaspar Godinho.
1560 - Cardeal D. Henrique suprimiu o mosteiro e a igreja passa a paroquial
1572 - já não é incluído na relação dos rendimentos dos mosteiros cistercienses.
1664 - Tomé de Macedo Pacheco foi o último abade conhecido.
1704 - visitador D. Pedro Cerqueira Fiusa diz que tem erigidos na igreja dois altares colaterais, onde só se permitiam credências para o serviço do altar-mor, intimando que eles fossem reconduzidos para os absidíolos.
1706 - Pe. Carvalho da Costa diz que os frescos da capela representam a Virgem Maria e São Bento.
1754 - visitador Marcelino Pereira Cleto queixa-se da sua ruína, ordenando o seu restauro e que uma das capelas absidiais fosse aproveitada para sacristia;.
1758 - data da inscrição na parede Sul da nave.
1760 - conclusão das obras de redução da igreja.
1824 - segundo o Pe. Isaac da Silveira, o seu estado era miserável.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 20 de janeiro de 1533

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011601110008: Mosteiro de Ermelo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém.

Desconhece-se a data de construção do primitivo edifício monástico, estando no entanto normalmente associado a D. Teresa. O Padre Avelino J. da Costa considera aceitável a existência do mosteiro antes de D. Teresa pois teve em consideração uma necrópole e inscrição de um religioso (que poderão ser do período visigótico) descobertos na Freguesia do Vale. Pelo que D. Teresa teria sido apenas sua benfeitora, promovendo o seu restauro e doado-lhe alguns bens. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011601110008: Mosteiro de Ermelo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)
9.2. Documentos legais: Dec. Lei 129/77, DR 226 de 29 de Setembro (MN)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular
10.2. Autenticidade: reconstrução parcial durante o séc. XX, pela DGEMN, segundo teorias em voga na época.
10.3. Integridade: apenas a igreja subsistente
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação **I** Recuperação
11.2. Cronologia das intervenções*:
DGEMN:
1982/1983 - Reparação das coberturas.
1984 - Diversos trabalhos de conservação.
1986 - Conservação e reparações diversas.
1987 - Reparações diversas.
1989 - Obras de conservação.
1990 - Conservações diversas.
1992/ 1993 - Conservação do pavimento.

11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)
11.4. Entidades: DGEMN
11.5. Propostas:
IPPAR (sugestões preliminares):
- Correcção dos pavimentos
- Estudo do enquadramento urbano e paisagístico com investigação histórica e realização de sondagens arqueológicas, com eventual criação de regras de disciplina urbanística.
- Estudo para avaliação de potencial idades de valorização
- Espaço explicativo com sinalética interpretativa
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão)
- Verificação de interesse e estado de conservação e restauro de bens móveis e de bens incorporados no edifício

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011601110008: Mosteiro de Ermelo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém.
Em data não averiguada procedeu-se ao restauro do tecto da nave, iliminando as pinturas dos quatro Evangelistas e da Virgem, que existiam em medalhões, e apeou-se os dois altares colaterais de talha.

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

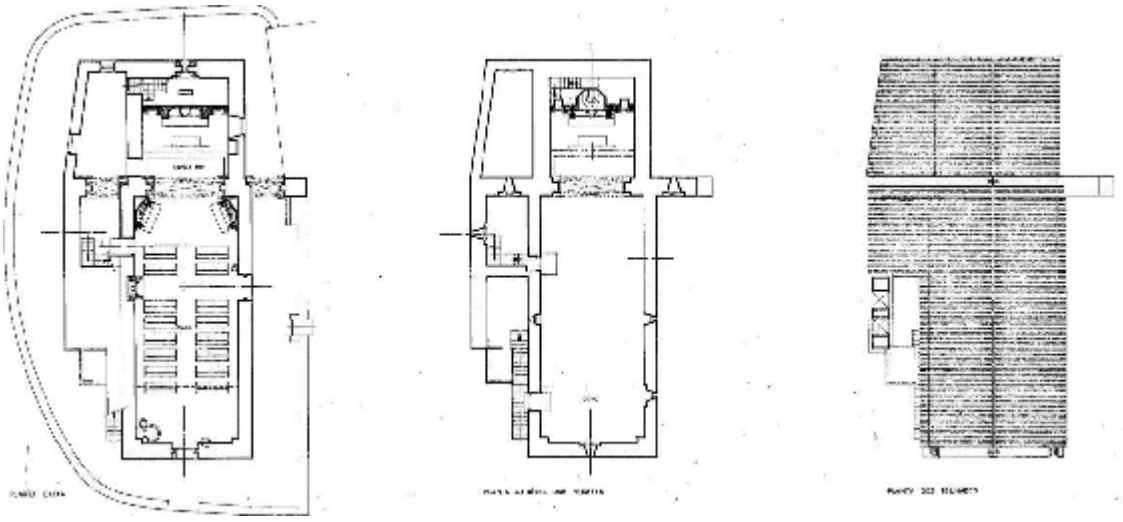


Fig. 1. Planta do rés-do-chão e cobertura (DGEMN)

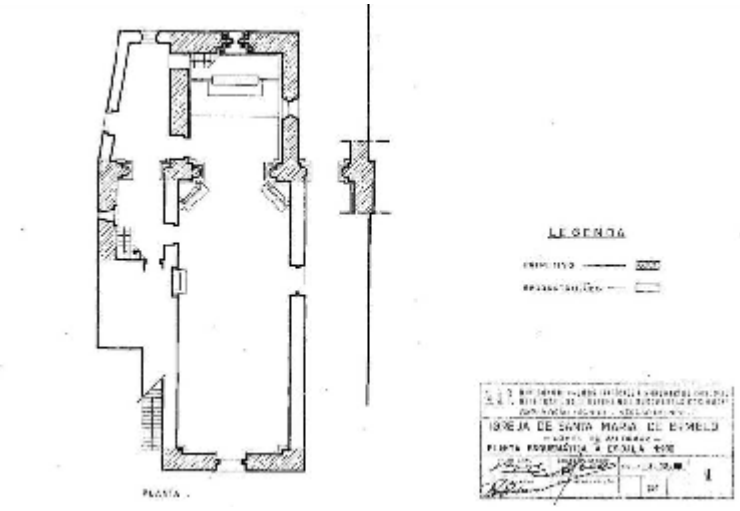


Fig. 2. Planta do edificado primitivo e das reconstruções (DGEMN)

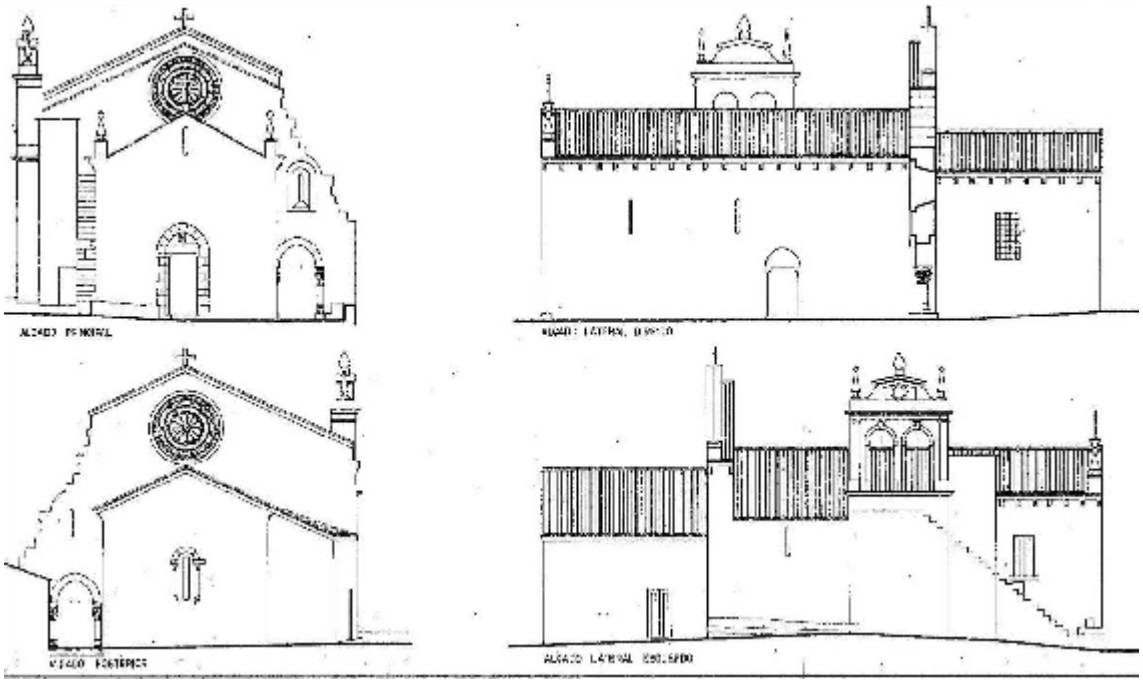


Fig. 3. Alçados (DGEMN)

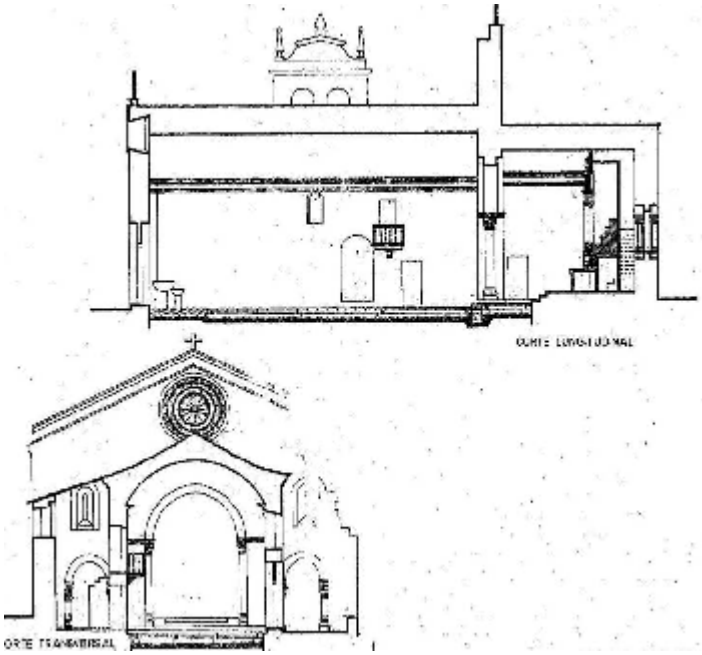


Fig. 4. Corte longitudinal e transversal (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 5. Mosteiro inserido na sua envolvente, anos 90 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 6. Igreja, 1951 (DGEMN)

Fig. 7. Igreja, 1951 (DGEMN)

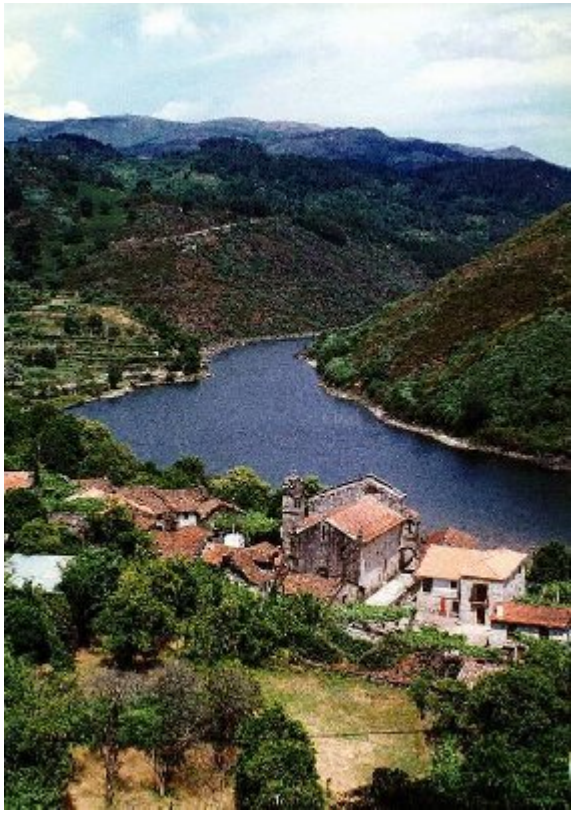


Fig. 8. Mosteiro e envolvente, 1997(DGEMN)

Fig. 9. Igreja, 1967(DGEMN)

Fig. 10. Igreja, 1967(DGEMN)

Fig. 11. Igreja, 1967(DGEMN)

Fig. 12. Igreja, 1957 (DGEMN)

Fig. 13. Igreja, 1957 (DGEMN)

Fig. 14. Igreja, 1957 (DGEMN)

Fig. 15. Igreja, 1967 (DGEMN)

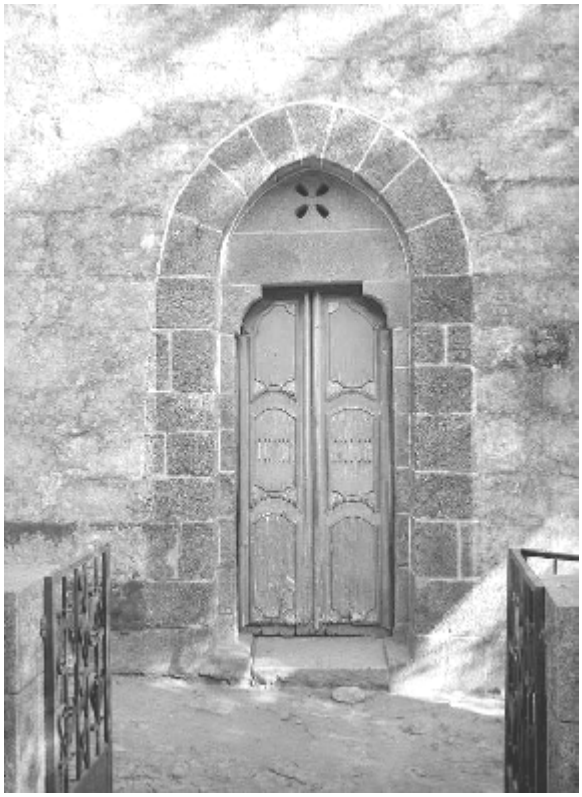


Fig. 16. Igreja, 1957 (DGEMN)

Fig. 17. Igreja, 1967 (DGEMN)

Fig. 18. Igreja, 1967 (DGEMN)

Fig. 19. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 20. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 21. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 22. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

Fig. 23. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 24. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 25. Vestígios do edifício monástico (DGEMN)

Fig. 26. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

Fig. 27. Igreja e envolvente, 1997 (DGEMN)

Fig. 28. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

Fig. 29. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

Fig. 30. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

Fig. 31. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

Fig. 32. Vestígios do edifício monástico, 1997 (DGEMN)

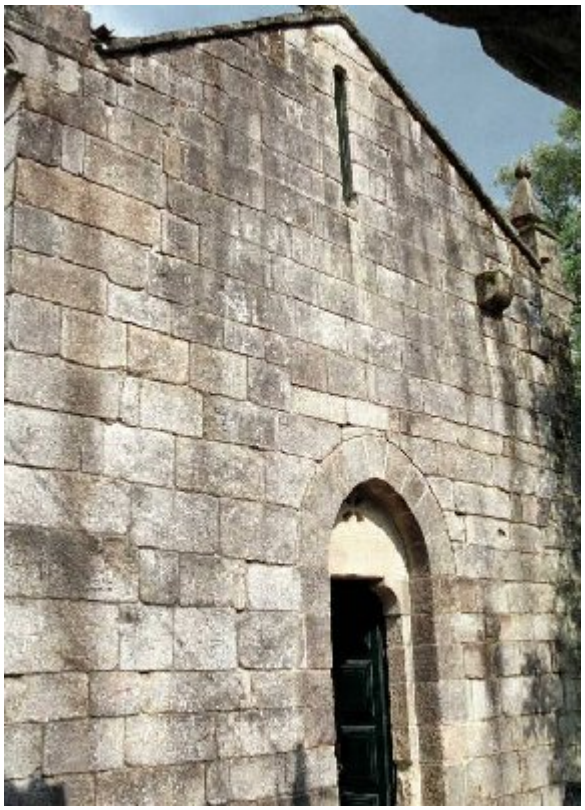


Fig. 33. Igreja, 1997 (DGEMN)

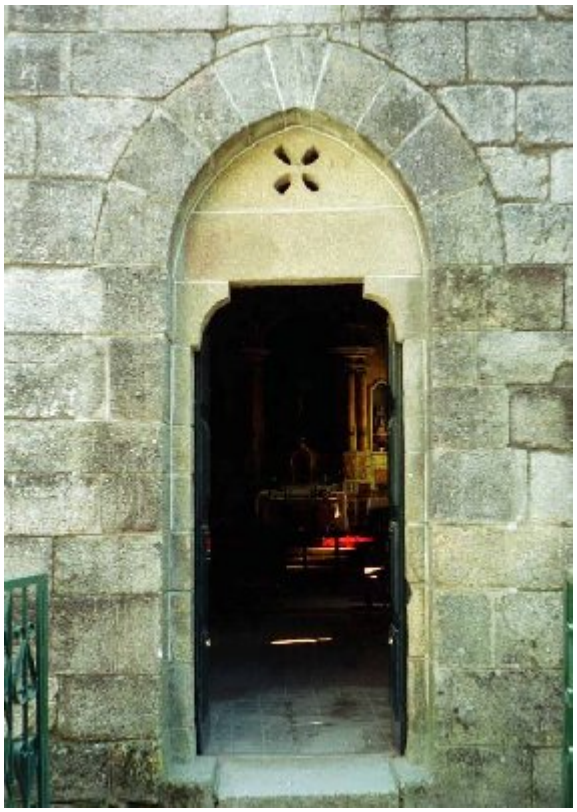


Fig. 34. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 35. Vestígios do edifício monástico, 2001 (autora)

Fig. 36. Igreja, 2001 (autora)

Fig. 37. Campanário, 2001 (autora)

Fig. 38. Vestígios do edifício monástico, 2001 (autora)

Fig. 39. Igreja, 2001 (autora)

Fig. 40. Igreja, 2001 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 41. Acesso ao púlpito, 1967 (DGEMN)

Fig. 42. Acesso ao púlpito, 1967 (DGEMN)

Fig. 43. Sacristia, 1967 (DGEMN)

Fig. 44. Igreja, 1967 (DGEMN)

Fig. 45. Igreja, 1967 (DGEMN)

Fig. 46. Igreja, 1967 (DGEMN)

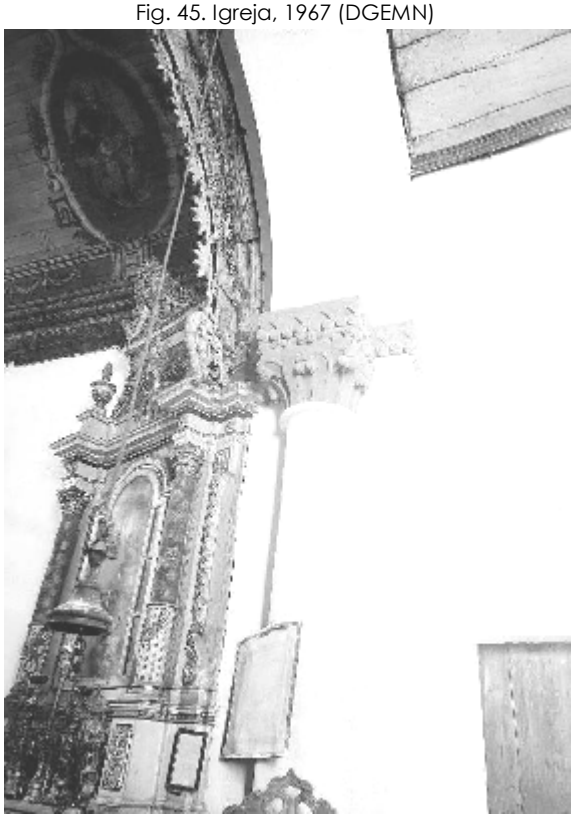


Fig. 47. Igreja, 1967 (DGEMN)

Fig. 48. Arco que antecede a sacristia e dá acesso à escada do púlpito, 1993 (DGEMN)

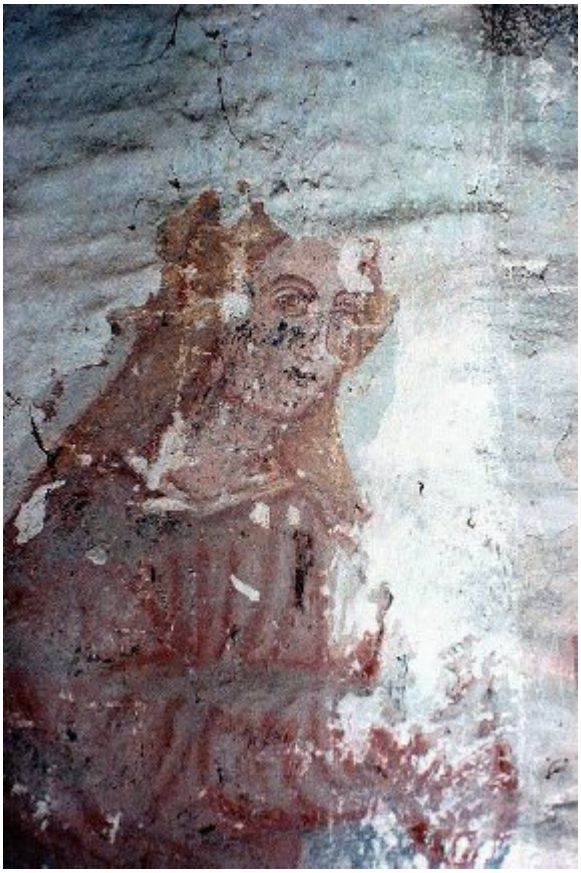


Fig. 49. Pintura, 1993 (DGEMN)

Fig. 50. Pintura, 1993 (DGEMN)

Fig. 52. Igreja, 1997 (DGEMN)

Fig. 51. Pia baptismal, 1997 (DGEMN)

Fig. 53. Pintura em capitéis, 1993 (DGEMN)

Fig. 54. Arco triunfal e altar-mor, 1993 (DGEMN)

Fig. 55. Altar-mor, 1993 (DGEMN)

Fig. 56. Igreja, 2001 (autora)

Fig. 57. Igreja, 2001 (autora)

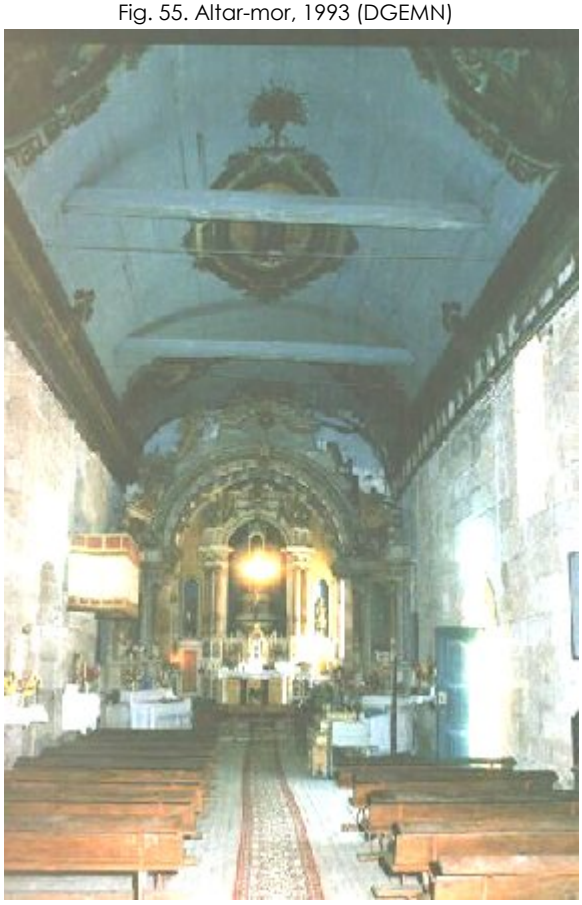
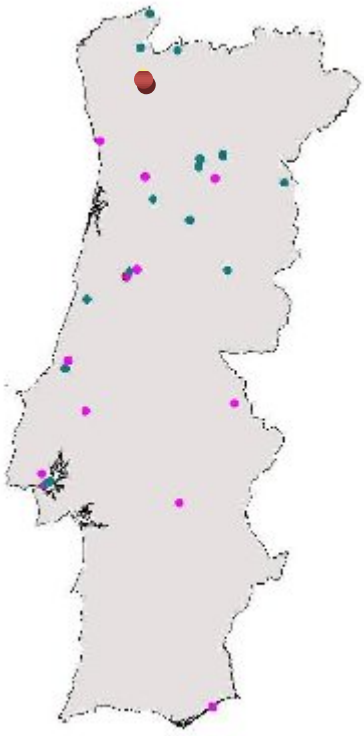


Fig. 58. Igreja, 1997 (DGEMN)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO BOURO

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria do Bouro
1.2. Outras denominações: Pousada de Santa Maria do Bouro
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT010301190006
1.5. IPPAR – Designação: Convento de Santa Maria do Bouro
1.6. IPPAR – nº de identificação: 2163
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação (Inicialmente ermitério, mais tarde mosteiro beneditino, depois filiado na Ordem de Cister em 1195)
Claraval – Alcobaça – Bouro
1.8. Diocese: Braga
1.9. Construção: Séc. XII / XVIII / XX
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Minho
2.2. Distrito: Braga
2.3. Concelho: Amares
2.4. Freguesia: Bouro
2.5. Direcção Postal:
Pousada de Santa Maria do Bouro
Lugar do Terreiro, s/nº.
4720 Amares

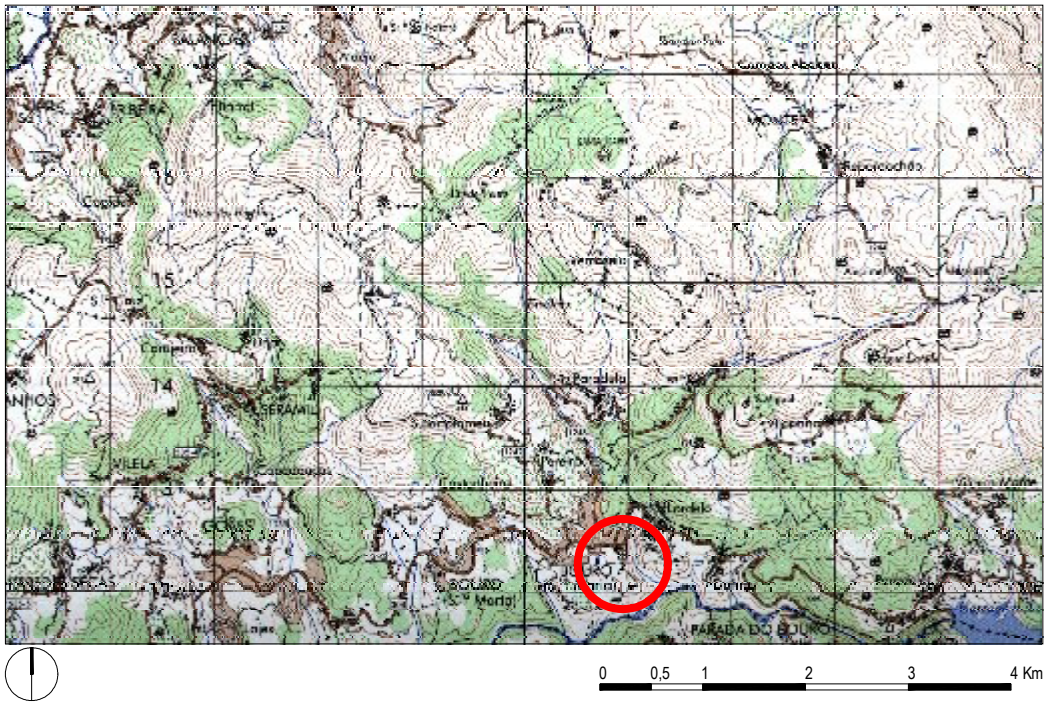
3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos:
EN 103 ou EN 308 (em alternativa) – Lugar do Terreiro, junto à EN 308
3.2. Grau de Acessibilidade: Regular
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: n/a **I** Pousada aberta ao Público.
3.5. Contactos:
Pousada de Santa Maria do Bouro
Lugar do Terreiro, s/nº
4720 AMARES
tel. +351253371971/2/3 **I** fax +351 253 37 19 76
Câmara Municipal de Amares
Largo do Município
4960 AMARES
tel. +351 253993761 **I** fax. +351 253 99 26 43
http://www.amvc.pt/Site/concelho/amares

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

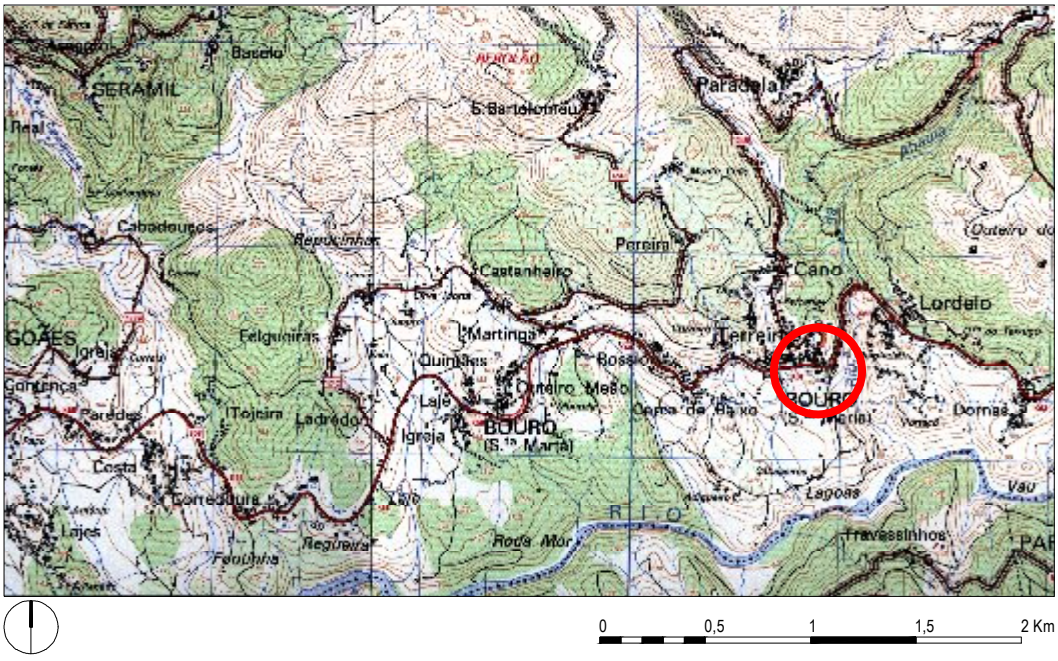
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 5 - 1 PONTE DA BARCA (2001)



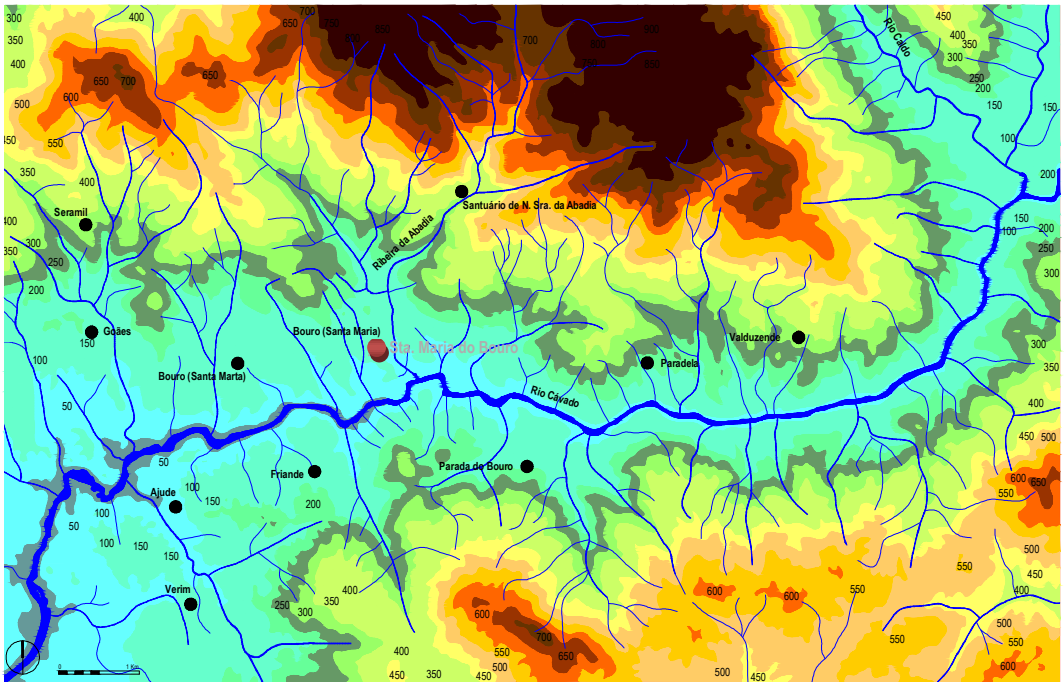
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº 43 TERRAS DE BOURO



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



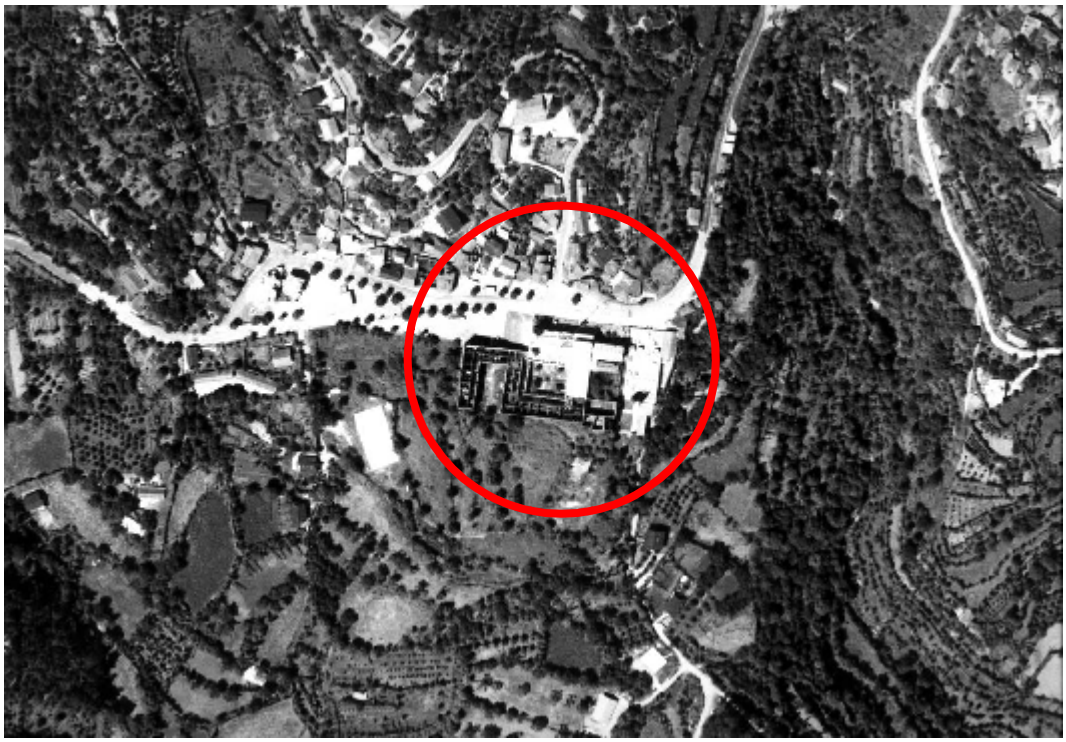
(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Rio Cávado)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41 ° 39' 32'' N **I** Longitude: 8° 16' 13''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 188561 **I** Y: 521090

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: TECTA 93 **I** rolo nº: 28 **I** fotografia nº 8074



(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

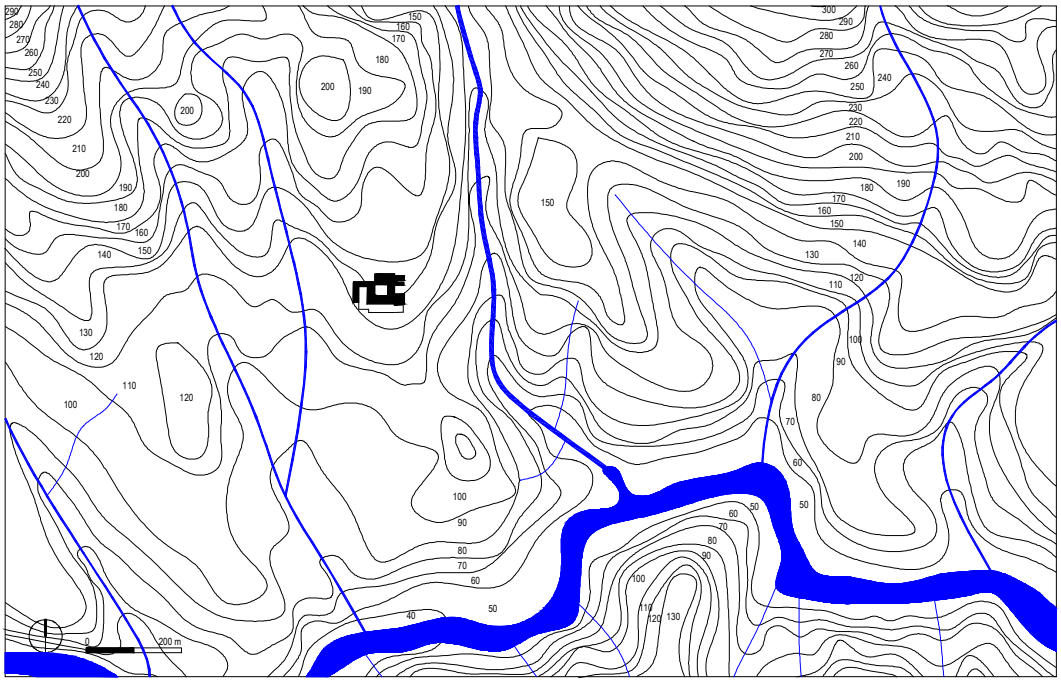
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 130 m
4.10.Proximidades e relações: Mosteiro de Tibães **I** Mosteiro de Rendufe **I** Braga **I** Barragem da Caniçada **I** Santuário de Nossa Senhora da Abadia
4.11 Obs.: Rural. Situa-se à beira da estrada, em local alcantilado nas faldas da serra de São Mamede defendido pelos rios Cávado e Homem. Situação proeminente de vigiláncia da raia galega, rodeado por propriedade agrícola de cerca de 21 000 m2.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado
5.2. Afectação / Ocupação: Igreja - Paroquia
Edifício monástico - concessionado às *Pousadas de Portugal* / Grupo Pestana; afectado ao IPPAR através do Dec. Lei 106/92 de 1 de Junho **I** Paróquia (Igreja)

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Maneirista **I** Contemporâneo
6.3. Estilos paralelos: Românico (vestígios arqueológicos) **I** Barroco
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: Volumes articulados com coberturas diferenciadas em telhados de telha a duas e quatro águas na igreja e em chapas de ferro modelado na pousada.
Os volumes do conjunto apresentam-se articulados com dominante horizontal, quebrados pelo verticalismo das duas torres sineiras que ladeiam a fachada principal da igreja.
Planta composta por igreja de nave única e transepto inscrito, capela-mor rectangular, nártex bastante profundo, capelas laterais intercomunicantes, claustro desenvolvido a sul e outras dependências em U invertido avançadas perpendicularmente.
Dependências monásticas, adaptadas a pousada, com claustro desenvolvido lateralmente, a sul da igreja, integrando a sacristia rectangular, adossando-se a este, existindo a oeste um corpo em L invertido, formando pátio, e no extremo este, corpo quadrangular da cozinha velha assim como um esguio corpo rectangular correspondente à residência paroquial, com pátio entre ambos os corpos. As referidas dependências apresentam-se com fachadas de um a três registos, devido ao declive do terreno, em aparelho de granito rusticado e são rematadas por cornija, com gárgulas, enquadradas por cunhais apilastrados, coroados por pináculos piramidais. São rasgadas por vãos de verga recta, de diferentes tamanhos, ora de verga recta, ora recortados.

Fachada principal, a norte, virada à igreja, de dois e três registos, com mezzanino intermédio, possuindo no primeiro registo portais de verga recta, dois deles enquadrados por pilastras e coroados por frontão triangular. O do extremo direito, de acesso ao interior da pousada, e o do meio, conhecido como "porta dos carros", de ligação ao arco de passagem para pátio. Último registo ritmado por janelas de sacada com guarda de ferro, intercaladas por nichos com imagens pétreas, com lápide na base, com inscrições identificativas. As imagens representam a Sagrada Família, D. Afonso Henriques, D. Sebastião, Cardeal D. Henrique, D. João IV. Fachada lateral oeste, de três panos, o central estreito, delimitado por pilastras coroadas por pináculos piramidais, com remate em frontão recortado. Existem três registos, correspondendo o primeiro a janelas jacentes gradeadas, o segundo a janelas de peito e o terceiro a janelas de sacada iguais às da fachada principal, sendo a do pano central rematada por cornija e enquadrada por aletas. Fachada posterior, a sul, com pano do topo do corpo em L, de três registos seguindo a mesma linguagem decorativa da fachada lateral oeste. Panos virados ao pátio, também de três registos, possuindo o pano lateral oeste, no extremo, pedras em perpianho, e o pano central, no primeiro registo dois arcos, um de passagem para a fachada principal e outro aberto para vestíbulo com escadaria de pedra, com elevador junto ao vão da

escada. Topo este da fachada posterior, avançado, de um registo, com janelões gradeados entre mísulas, encimado por grande chaminé, sendo a metade superior em tijolo aparente. O 1º piso é rasgado apenas por pequenos vãos, o segundo por janelas quadradas e o terceiro, também sobre cornija, por janelas de sacada.
Fachada sul de fenestração diferenciada. No ângulo sudoeste cozinha mais baixa com grande chaminé.
Claustro quadrado com alçados de dois pisos, o primeiro com arcada de arcos plenos sobre colunas dóricas, sobre murete, aberto ao centro nos quatro lados e o segundo apresenta janelas de sacada de granito; galerias abertas sem cobertura. Pavimentos em laje de granito, com pátio rebaixado ao centro, com dois degraus, aberto por duas caleiras confrontantes e junto aos ângulos quatro canteiros com laranjeiras e bancos adossados em U, em cada um dos lados.
A igreja apreseta a fachada principal harmónica, com pilastras nos cunhais das torres, encimadas por pináculos e com coberturas tronco-piramidais. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, excepto a lateral virada ao claustro, que se apresenta em aparelho de granito rusticado, com embasamento, enquadradas por cunhais apilastrados toscanos, com corpos delimitados por pilastras toscanas colossais, ambos encimados por pináculos. Pano central de três registos, separados por cornijas, rematado por frontão de volutas, com o brasão da Ordem de Cister e de Portugal, no tímpano, coroado por cruz sobre acrotério com volutas. Primeiro registo com arcaria plena serliana, de acesso ao endonártex. Segundo registo com três edículas, concheadas, com aletas, rematadas por frontão triangular, albergando as imagens de Nossa Senhora da Assunção, ladeada por São Bento e São Bernardo de Claraval. Terceiro registo com janela quadrangular, ladeada por duas em quarto de lua. Interior do endonártex de três tramos, separados por arcos plenos, com coberturas independentes em abóbadas de berço rebocadas e pintadas de branco. Ao centro rasga-se o portal principal, de verga recta. Torres sineiras idênticas, de dois registos, separados por cornija, correspondendo o último à sineira, de ventanas em arcos plenos. No cunhal da torre sul, encontra-se relógio de sol. Remates em cornija, com gárgulas nos ângulos. Fachada lateral norte, rematada por cornija sob beiral, sendo a do pano da nave, suportada por cachorrada. O pano da nave é rasgado por frestas entaipadas e por três janelas rectangulares, elevadas para além da cornija de remate, formando águas furtadas, rematadas por beiral. Na zona correspondente ao transepto, rasgam-se dois portais, um de verga recta, e outro pleno entaipado. São encimados por dois janelões rectangulares. Pano da nave rasgada por par de janelões e pequenas janelas quadrangulares. Panos do cruzeiro rasgados

por par de janelas quadrangulares, entaipadas e lateralmente janela em arco abatido. Fachada lateral sul virada ao claustro rasgada por três janelas rectangulares, elevadas para além da cornija de remate, formando águas furtadas, rematadas por beiral. Fachada posterior, com pano da capela-mor cego, em empena coroada por cruz latina sobre acrotério e esfera.

Durante as obras de adaptação a pousada, procederam-se a escavações arqueológicas, as quais, puseram a descoberto algumas das estruturas românicas originais, bem como sepulturas do mesmo período, no local onde se julga ter existido o cemitério monástico.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT010301190006: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: As dependências hoje adaptadas a pousada, possuem 30 quartos, duas suites, sala de bilhar, sala de leitura, auditório, restaurante na antiga cozinha (mantendo as duas fontes laterais e mesa talhada numa única pedra assim como o pavimento primitivo) e sala de banquete (no antigo refeitório).

No primeiro piso do corpo em L, encontram-se dois grandes salões, que correspondiam à adega e tulhas, um rebocado e pintado de amarelo e outro em granito, correspondendo a salões de festas e auditório. O piso superior com acesso principal através do vestíbulo, que comunica com a recepção, lavabos, salas intercomunicantes, para televisão e bilhar, bar e alguns dos 30 quartos da pousada. No topo este encontra-se o vestíbulo com lavabo de granito, de acesso à cozinha velha, usada como restaurante. Apresenta paredes em granito, com três espaços definidos por arcos abatidos, de distintas dimensões. Colateralmente ao arco que dá acesso ao espaço do topo este, coberto pela grande chaminé, encontram-se dois lavabos iguais, com espaldar inscrito em arco pleno, bica circular e taça bojuda. O espaço central apresenta grande mesa de pedra rectangular, com tampo monolítico, e porta de acesso ao antigo refeitório, usado como sala de banquetes. Acesso entre pisos feito por elevador na recepção e por escadaria de pedra, no corpo em L. Último piso correspondendo unicamente a quartos e duas suites, com corredor a percorrer todo o edifício, que parte de vestíbulo com tecto de madeira, com caixotões formados por vigas de ferro. Quartos com pavimentos em soalho e tectos falsos.

A igreja apresenta o interior com paredes rebocadas e pintadas de branco. Nave coberta por tecto de madeira pintado de branco, formando falsas abóbadas de aresta com pendentes centrais em talha dourada. Pavimento em laje de granito. Coro-alto sobre o nártex, com guarda em balaustrada de talha, com balcões destacados nos extremos

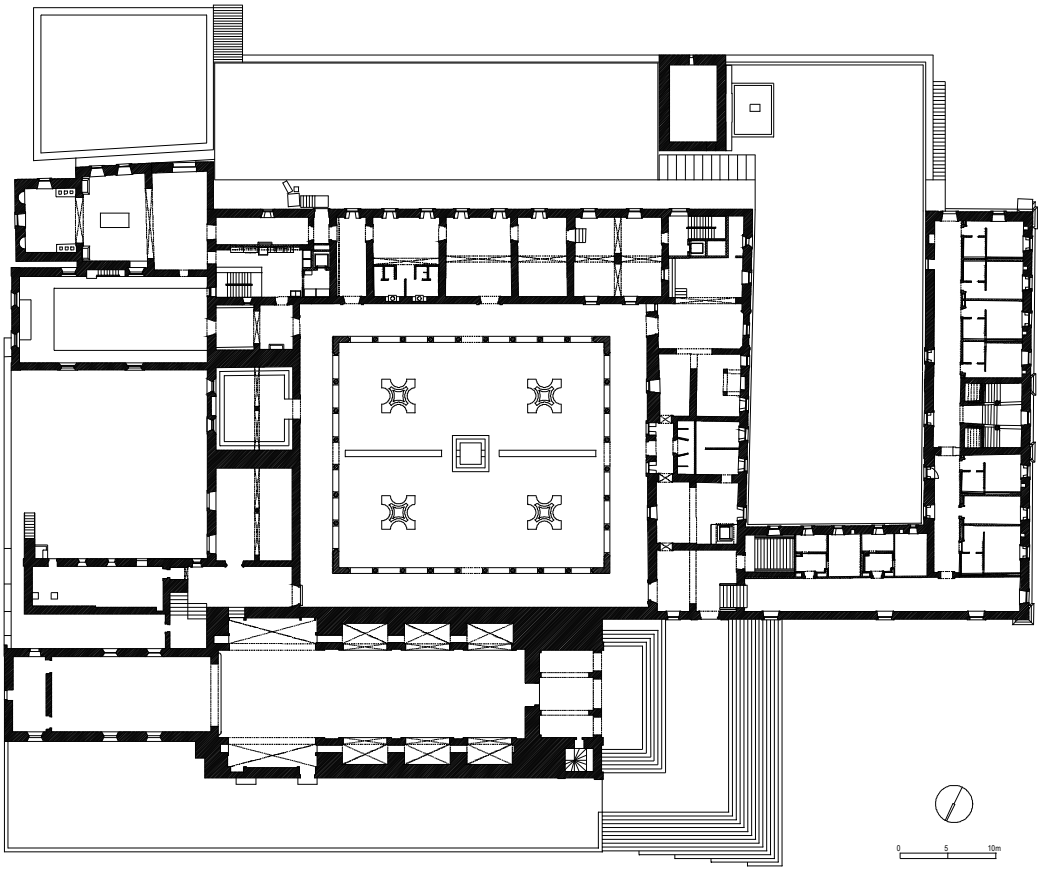
suportados por modilhões de talha. Guarda-vento de madeira, com cobertura em cúpula bolbosa. A ladear o guarda-vento, do lado do Evangelho, encontra-se baptistério definida por supedâneo rectangular, com pia baptismal de taça gomada, assente em plinto bojudo. Do lado oposto encontra-se pia de água-benta. Capelas laterais, intercomunicantes, são abertas por arcos plenos, assentes em pilastras toscanas, encimadas por janelões, com brincos, guarda de ferro e sanefas de talha dourada. Por detrás dos janelões encontra-se corredor, que se forma sobre as capelas. Entre as capelas encontram-se estátuas pétreas, assentes em grandes mísulas de talha policroma, a rosa, verde e dourado, com querubins. As estátuas representam, do lado do Evangelho, São Mateus, São João Evangelista, e São Luís, rei de França, e do lado da Epístola, São Marcos e São Lucas. Entre as duas últimas capelas do lado da Epístola, encontra-se púlpito de base em granito, rectangular, assente em modilhão. Apresenta guarda plena, em talha policroma, com marmoreados a castanho, verde e decoração marcada a dourado, bojuda na base, com ornatos de besantes e decoração fitomórfica. O acesso ao púlpito é feito através do corredor existente entre as capelas. As capelas, protegidas por grades de madeira, com balaustrada, são cobertas por abóbada de aresta, rebocada e pintada de branco. Paredes laterais com silhar de azulejos e pintura mural, rasgadas por porta de verga recta. Paredes testeiras com retábulos idênticos em talha policroma. Cruzeiro, sobrelevado por degrau, protegido por grade em madeira, com balaustrada idêntica à das capelas laterais, coberto por abóbada de abertas rebocada e pintada de branco, assente em arcos marmoreados. Braços do transepto, abertos por arcos plenos, com grandes sanefas em talha policroma, com cores idênticas à restante talha da nave, decoradas por renda, volutas, grinaldas, urnas com flores, e ao centro o Sagrado Coração com resplendor. Topos dos braços, com retábulo de talha policroma, ao centro, ladeado por porta e nicho com altar. Acesso à sacristia, na porta do lado da Epístola. Do lado do Evangelho, o retábulo é dedicado à Ascensão de Cristo, e do lado oposto, à da Virgem. Arco triunfal pleno, assente em pilastras toscanas emolduradas, com grande sanefa de talha idêntica às dos barcos do transepto, com grande brasão da Ordem, ladeado por anjos, no fecho. Capela-mor protegida por guarda de comunhão, com balaustrada de madeira. Cobertura em abóbada de berço de madeira pintada de azul. Pavimento em laje de granito. Paredes laterais com cadeiral de talha, de duas filas, com espaldar decorado por doze painéis relevados, figurando paralelamente episódios da vida de São Bento e São Bernardo. Do lado do Evangelho, São Bernardo ao pé da Virgem, recebendo o hábito em Cister, refeitando as honras do mundo, etc. Do lado oposto, representação

de São Bento a receber o hábito, derrotando Totila, rei dos Godos, a morte, etc. No lado do Evangelho a encimar o cadeiral, encontra-se tribuna com guarda vazada de talha, albergando o órgão. Retábulo-mor de talha dourada, de planta côncava, de três eixos, rematado por entablamento encimado por espaldar recortado com imagem sobre mandorla, sobrepujado por sanefa com lamberquim.

Sacristia de dois tramos, com dupla arcaria plena, assente em coluna central dórica. Arcos com revestimento de azulejos setecentistas monocromos a azul, com barras decoradas por volutas. Intradorso dos arcos pintados com anjos, acantos, festões e drapeados. Cobertura de caixotões de madeira, pintados, com motivos idênticos aos do intradorso dos arcos. Pavimento em laje de granito. Paredes revestidas com painéis de azulejos figurativos, monocromos a azul, figurando cenas da vida de São Bernardo, a lenda da sua irmã Umbelina, e cartelas com anjos. Paredes sul e oeste, percorridas por arcaz de pau-santo, com ferragens em latão. Parede Este, contador embutido na parede entre duas janelas.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT010301190006: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN e pelo arquitecto Eduardo Souto de Moura)

6.8. Igreja – planta: monoaxial
6.9. Igreja – cabeceira: rectangular
6.10. Claustros existentes – nº: 1
6.11. Claustros existentes – forma: rectangular
6.12. Materiais: Paredes autoportantes e estrutura mista **I** Estrutura, cunhais, embasamento, sacadas, cornijas de remate, arcadas, elementos decorativos, pavimento da igreja, sacristia e claustro, pia baptismal, base do púlpito, canteiros e bancos do claustro, tanques, lavabos, lareiras, chaminé e mesa da cozinha velha, em granito **I** Coberturas da nave e capela-mor, retábulos, guardas do coro-alto, grades de comunhão, portas e janelas da igreja, guarda-vento da igreja e pavimentos da pousada, em madeira **I** Arcaz e contador da sacristia em pau preto **I** Azulejos tradicionais nas capelas e sacristia **I** Azulejos industriais recentes nas casas de banho da pousada **I** Tectos falsos de pladur na pousada **I** Ferragens dos arcazes em latão **I** Coberturas da pousada, cata-ventos das torres sineiras, guardas das sacadas e caixotões do vestíbulo da pousada, em ferro **I** Coberturas da igreja em telha de canudo.
6.13. Arquitecto(s) / constructor(es): Desconhecido(s) relativamente ao mosteiro original.
6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial) **I** turístico (pousada)
7.3. Cronologia de usos: Utilização religiosa permanente
Séc. XII - Religioso (Mosteiro Beneditino)
1195/1834 - Religioso (Mosteiro Cisterciense)
1834/séc. XX - Religioso (Igreja Paroquial)
- Devoluto (restante edificado monástico)
Séc. XX/XXI - Religioso (Igreja Paroquial)
- Turístico (Pousada)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
1148 - D. Afonso Henriques faz doação do couto a monges beneditinos, sendo então abade D. Paio Nunes (com importante papel nas lutas da reconquista).

1162, Outubro – documento da chancelaria de D. Afonso Henriques mencionando a existência de uma pequena ermida no local, dedicada a São Miguel, que segundo a lenda terá sido construída por dois beneditinos, após terem visto uma luz que lhes indicou o lugar onde estava escondida uma imagem da Virgem.

1195 - O mosteiro passa de beneditino a cisterciense

1208 - O abade mostra ter pretensões à cadeira abacial de Alcobaça, ganhando o apoio do rei D. Sancho I. O mosteiro aparece pela primeira vez nas actas do Capítulo Geral de Cister.

1221 - O mosteiro é mencionado no testamento de D. Afonso II.

1271 - O mosteiro é mencionado no testamento de D. Afonso III.

1320 - O mosteiro tinha 2000 libras de rendimento.

1383 / 1385 - Quando Castela invade Portugal, em apoio de D. Beatriz, o abade de Bouro toma o partido do Mestre de Aviz e junta 600 homens para a defesa da linha de fronteira de Portela do Homem, conseguindo vencer as tropas galegas. Em agradecimento, o condestável D. Nuno Álvares Pereira, confere ao abade o título de Capitão-Mor e Guarda das Fronteiras, com a possibilidade de levantar exército, sempre que fosse necessário.

séc. XV - o sistema de "Comenda" em que o abade era escolhido pelo rei esteve na origem da decadência do mosteiro.

1530, 5 Março – Carta dos religiosos do mosteiro pedindo a Rui Teles, fidalgo da Casa Real, que fizesse saber ao rei o estado de ruína do mesmo e que lhes remediasse o problema.

1533 - apenas sete monges habitavam a abadia, segundo carta de visita de frei Cláudio de Bronseval, secretário do abade de Claraval. A igreja possuía três altares pobremente ornamentados e segundo o visitador havia "uns casebres que mais pareciam pocilgas (...) quando subimos encontramos sete monges sem cogula (...) os monges habitavam os casebres misturados com irmãos leigos de ambos os sexos".

1536, 8 Fevereiro – visitação de Fr. Bernardo de la Fuente e Fr. Tomás Longa do Mosteiro de Nossa Senhora da Pedra, em Aragão, onde se refere que tinha de rendimento 300 mil reais, mandando que elevasse o número de monges para dez, que se fizessem três mesas para o refeitório e se separasse as dependências do mosteiro.

séc. XVI, segunda metade - execução do cadeiral primitivo.

1582 - Data do fecho do topo oeste da ala sul, do corpo em L, com a construção da "porta dos carros. Pouco tempo depois completar-se-ia a ala oeste do mesmo corpo, e mais tarde, acrescentar-se-ia um pequeno corpo, no topo sul, do pano posterior da ala oeste.

séc. XVII, finais - devido ao estado de degradação da igreja dá-se início a profundas obras de reconstrução.

1690, 28 Abril – António João Padilha, mestre ensamblador, fez umas grades para o cruzeiro da igreja e contrata a obra de duas grades de pau preto para duas capelas.

1692 - O mosteiro tinha 34 monges.

séc. XVIII, início - ampliação da igreja, remodelação da sacristia e sala do capítulo, construção do refeitório e cozinha velha. Construiu-se uma nova ala a oeste do claustro, deslocando-se para aí a entrada principal do mosteiro. Procede-se à remodelação do cadeiral primitivo e Jerónimo Luís realiza o douramento do retábulo-mor.

1715, c. – Colocação dos azulejos na sacristia que são atribuídos a Teotónio dos Santos.

1726/1727 - O mestre pintor Manuel Furtado de Mendonça recebe 20$600 por trabalhos realizados no mosteiro.

1761 - O mosteiro tinha trinta e seis monges.

1788 - Viviam no mosteiro trinta e dois monges.

1798, 28 Dezembro – execução do órgão por Manuel de Sá Couto.

séc. XVIII (final) / séc. XIX (início) - execução dos retábulos laterais.

1834 - Com a extinção das ordens religiosas a igreja passou a paroquial e o mosteiro foi abandonado, tendo sido posteriormente vendido em hasta pública.

1853 - Transferência do órgão para a Igreja do Bom Jesus de Braga. O mosteiro é propriedade da família Pais de Aguiar;

1986 - Parte do mosteiro é adquirida pela Câmara Municipal de Amares, por 200 contos, e por esta doado ao IPPC. A Câmara Municipal de Amares propõe a instalação de uma Escola Agrícola no mosteiro.

1980 - A Secretaria de Estado do Turismo propõe a utilização do mosteiro como pousada.

1986 - O IPPC propõe a instalação no mosteiro de um Centro de Estudos de Restauro.

1989 - Projecto do arquitecto Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira para adaptação das antigas dependências monásticas a pousada.

1994 - Início das obras de adaptação para a Pousada de Santa Maria do Bouro, inserida nas Pousadas de Portugal, geridas pela ENATUR.

2003 - Na sequência da privatização da ENATUR a pousada passa a ser gerida pelo Grupo Pestana.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 16 a19 de janeiro de 1533

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT010301190006: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro; consulta efectuada

pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de Interesse Público (IIP)
9.2. Documentos legais: IIP, Dec. nº 42 007, DG 265 de 06 Dezembro 1958 **I** ZEP (Zona Especial de Protecção) Desp. Homologado pelo Ministro da Cultura em 23 de Outubro de 2002.

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: Bom
10.2. Autenticidade: reconstrução parcial durante o séc. XX, pela DGEMN, segundo teorias em voga na época e séc XX-XXI por particulares.
10.3. Integridade: apenas a igreja subsistente assim como a implantação dos edifícios monásticos
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Recuperação **I** Reabilitação **I** Conservação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções*:

DGEMN:

1970 - Consolidação do telhado da nave
1978 - Reparação do arcaz
1979 - Reparação da cobertura da igreja
1980 - Reparação do arcaz e cobertura da sacristia
1981/1982 - Reparação dos telhados da Igreja
1985/1986 - Obras de beneficiação na igreja: recuperação dos revestimentos azulejares na sacristia, obras de carpintaria, reconstrução do telhado e recuperação de coberturas. Executam-se também obras de consolidação.

IPPAR:

1992/1995 - Obras de conservação e recuperação da igreja
- restauro das paredes exteriores e interiores
- remodelação do telhado e Substituição dos vitrais existentes

- Renovação do coro, a nível de soalhos e frisos laterais
- Modernização dos sistemas sonoro e de iluminação assim como a instalação eléctrica
- Restauro da talha dourada dos retábulos colaterais e do retábulo-mor
- Recuperação da antiga residência paroquial e dos espaços superiores à sacristia e Sala do Capítulo

ENATUR:

1994 - Início dos trabalhos de adaptação do edifício monástico a pousada

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho:

1994/1995 - intervenção arqueológica: escavações prévias e de acompanhamento da obra.

IPPAR:

2004, Setembro – início dos trabalhos de restauro do retábulo-mor e limpeza geral da capela-mor.

11.3. Arquitecto(s): Arqtº. Eduardo Souto Moura e Arqtº. Humberto Vieira (projecto de adaptação a pousada)

11.4. Entidades: DGEMN **I** IPPAR **I** ENATUR **I** Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Espaço dedicado à história e compreensão do edificado
- Sinalética interpretativa do monumento
- Sinalização rodoviária
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão) na Igreja
- Inventário científico dos bens móveis e bens incorporados no edifício
- Restauro das capelas e das telas danificadas de alguns retábulos

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT010301190006: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém.

Na adaptação das dependências monásticas a pousada, optou-se pela recuperação do imóvel mantendo, no entanto, a imagem natural que ostentava nos últimos anos, preferindo não colocar nenhum telhado na cobertura e utilizando nas janelas apenas vidro, dando a sensação de existirem apenas as fachadas. No interior manteve praticamente toda a compartimentação original, optando pelo despojamento dos materiais, das formas e da decoração. Às salas intercomunicantes foram retiradas as portas, deixando apenas os vãos, sendo algumas portas originais usadas como painéis decorativos nas paredes, como memória da decoração passada. Estabelecimento de hotelaria inserido na rede Pousadas de

Portugal, integrando o grupo das Pousadas Design Histórico. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT010301190006: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

Maria João Dias Costa (co-responsável pela reconstituição da cerca) **I** Cecília Cavaca (decoração) **I** Jerónimo Luís (dourador) **I** Agostinho Marques (mobiliário da sacristia) **I** António João Padilha (duas grades de pau preto para a igreja) **I** Teotónio dos Santos (atr. azulejos da sacristia pintados) **I** Manuel Furtado de Mendonça, Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, Rui Pais (pinturas de interior da pousada) **I** Manuel de Sá Couto (organeiro) (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT010301190006: Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada de Santa Maria do Bouro; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

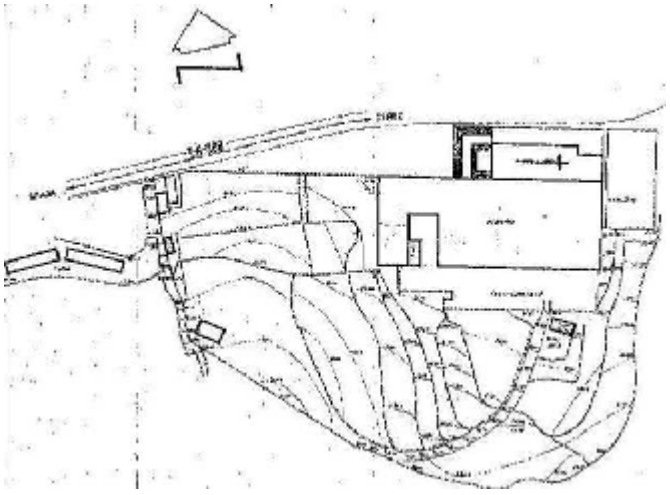


Fig. 1. Levantamento topográfico do terreno (DGEMN)

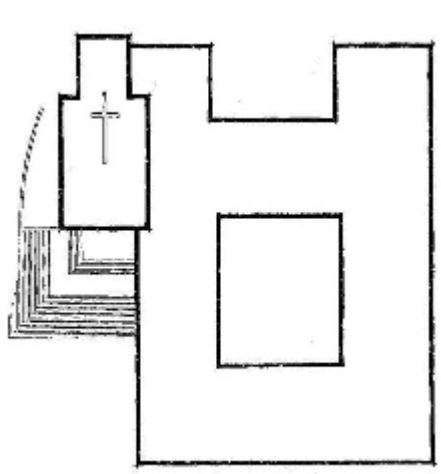


Fig. 2. Planta esquemática do mosteiro original (DGEMN)

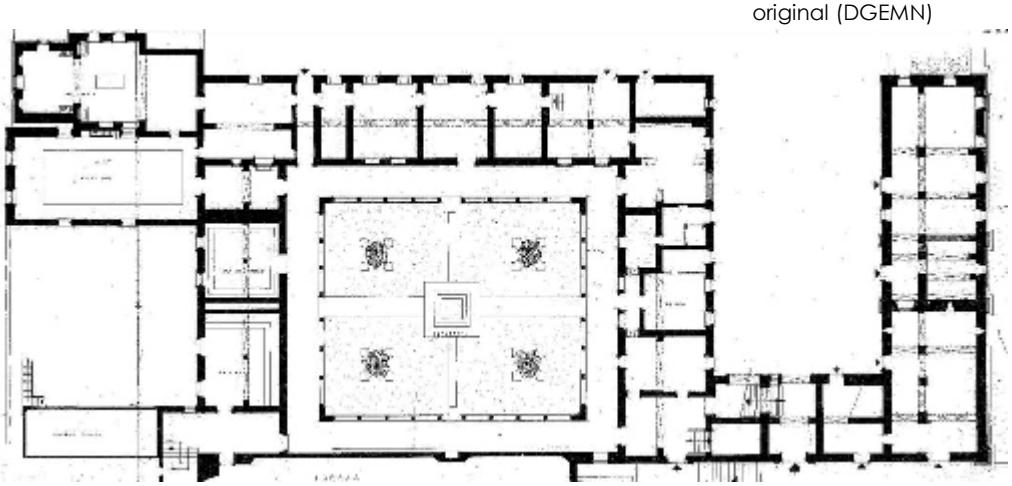


Fig. 3. Levantamento do edifício monástico, 1985 (DGEMN)

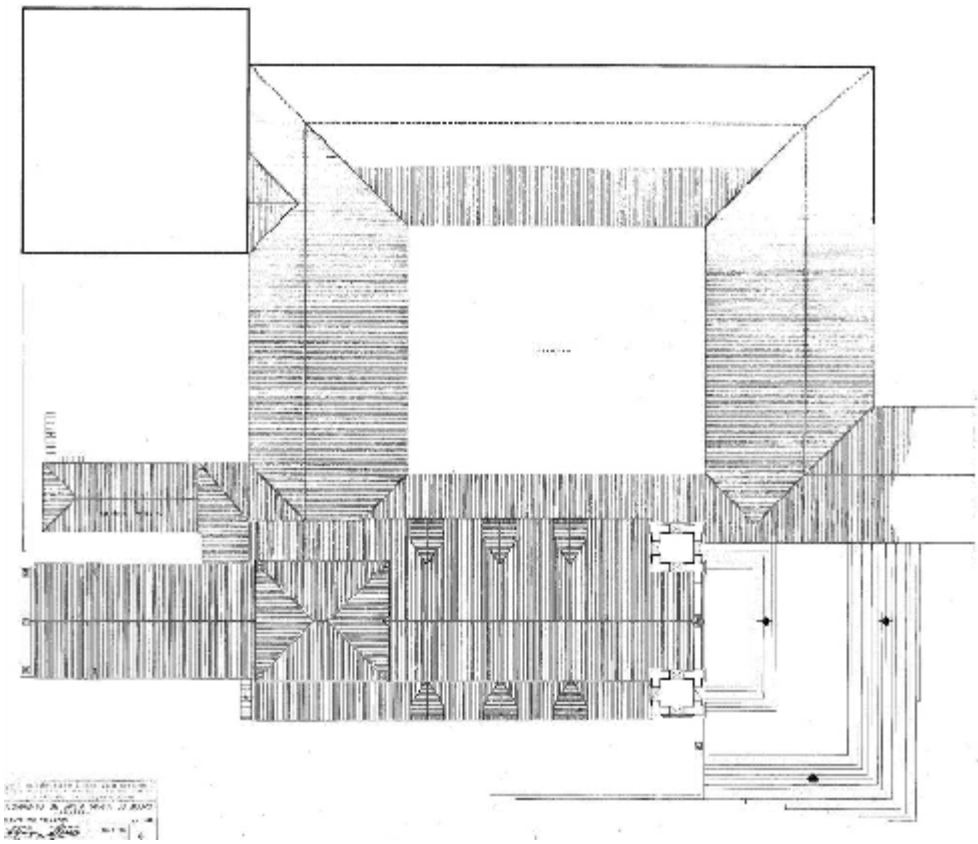


Fig. 4. Planta da cobertura,1970 (DGEMN)

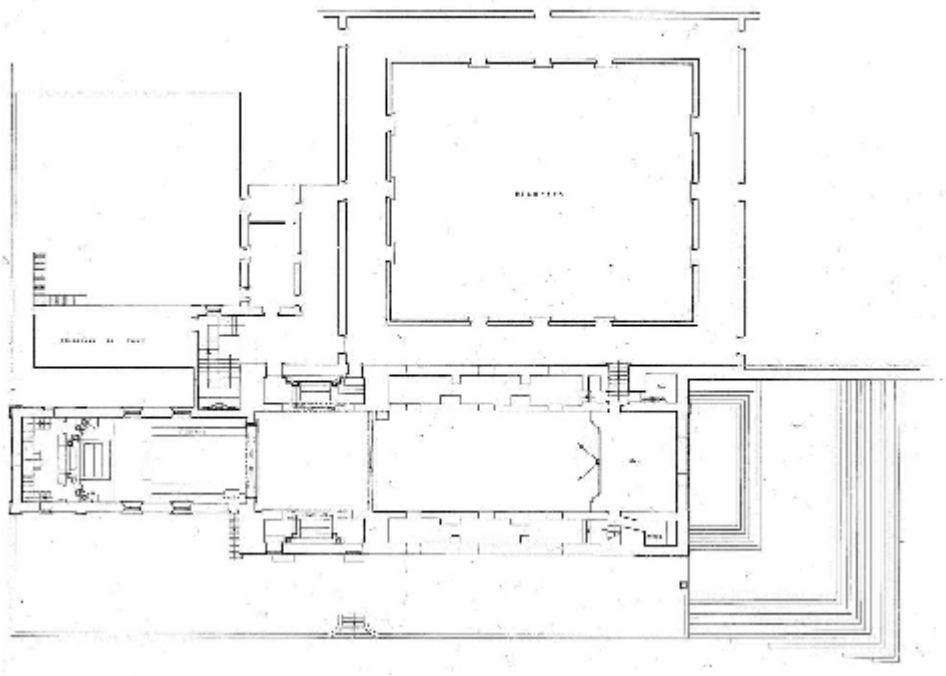


Fig. 5. Planta 1º piso, 1984 (DGEMN)

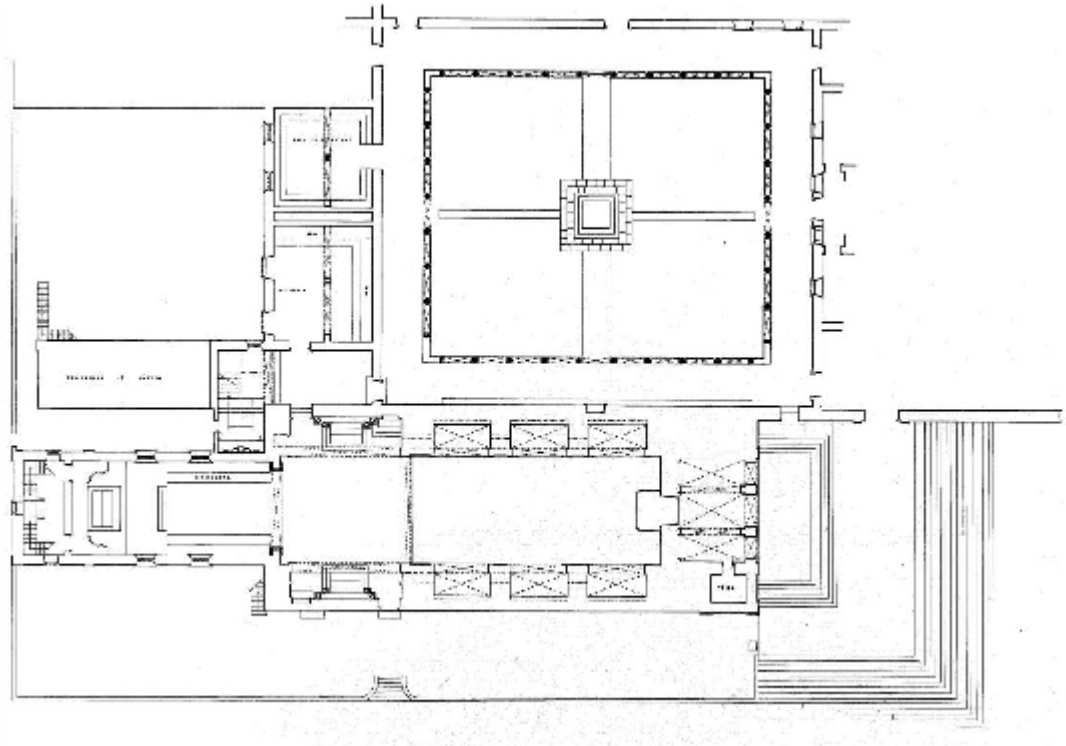


Fig. 6. Planta do piso térreo, 1984 (DGEMN)

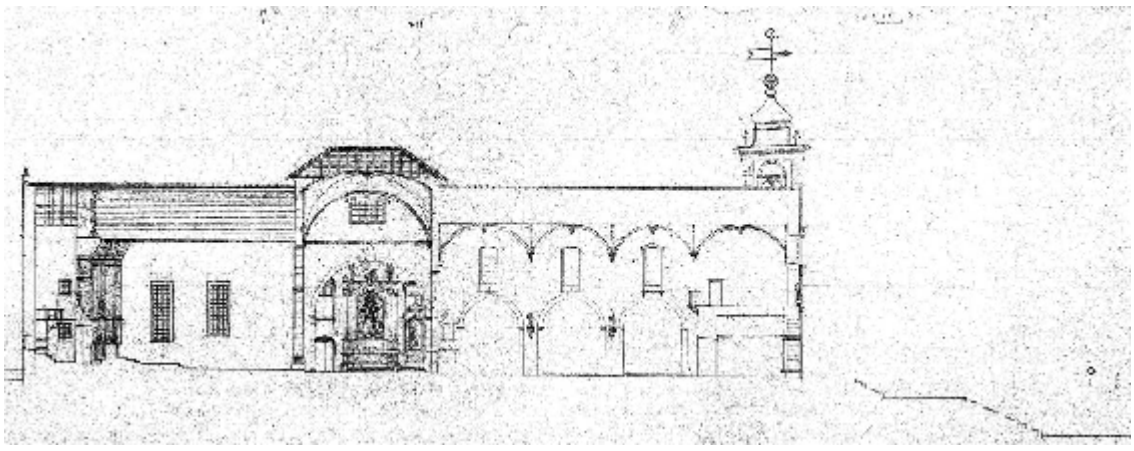


Fig. 7. Corte longitudinal - igreja, 1978 (DGEMN)

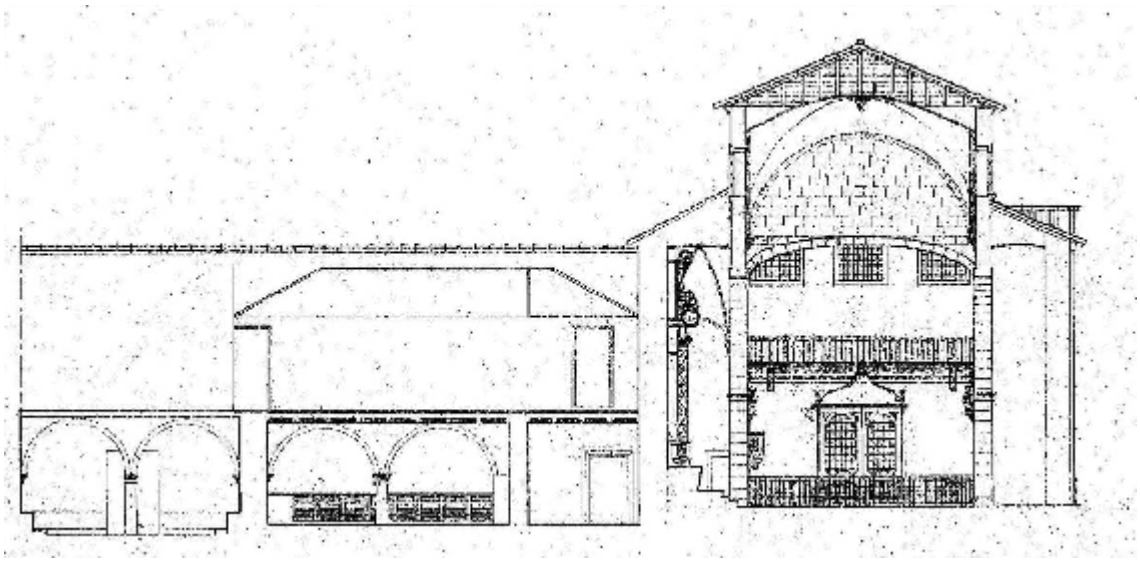


Fig. 8. Corte transversal – igreja e claustros, 1978 (DGEMN)

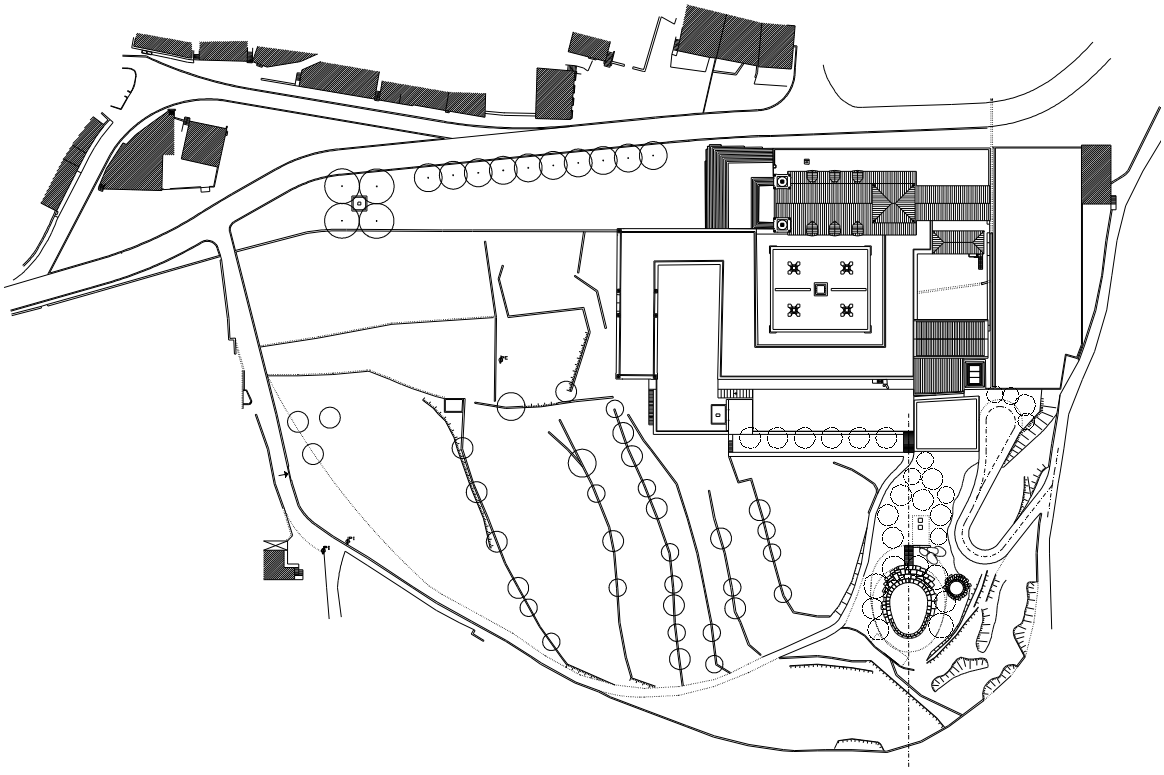


Fig. 9. Planta de implantação da pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

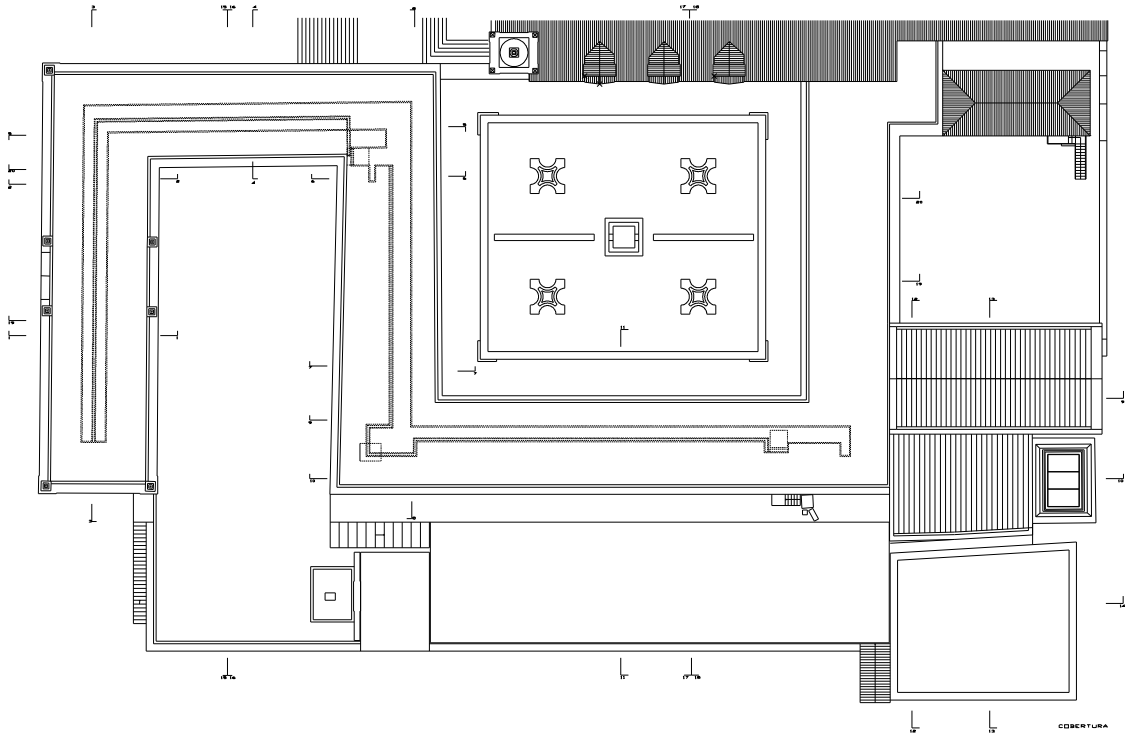


Fig. 10. Planta de Cobertura da pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

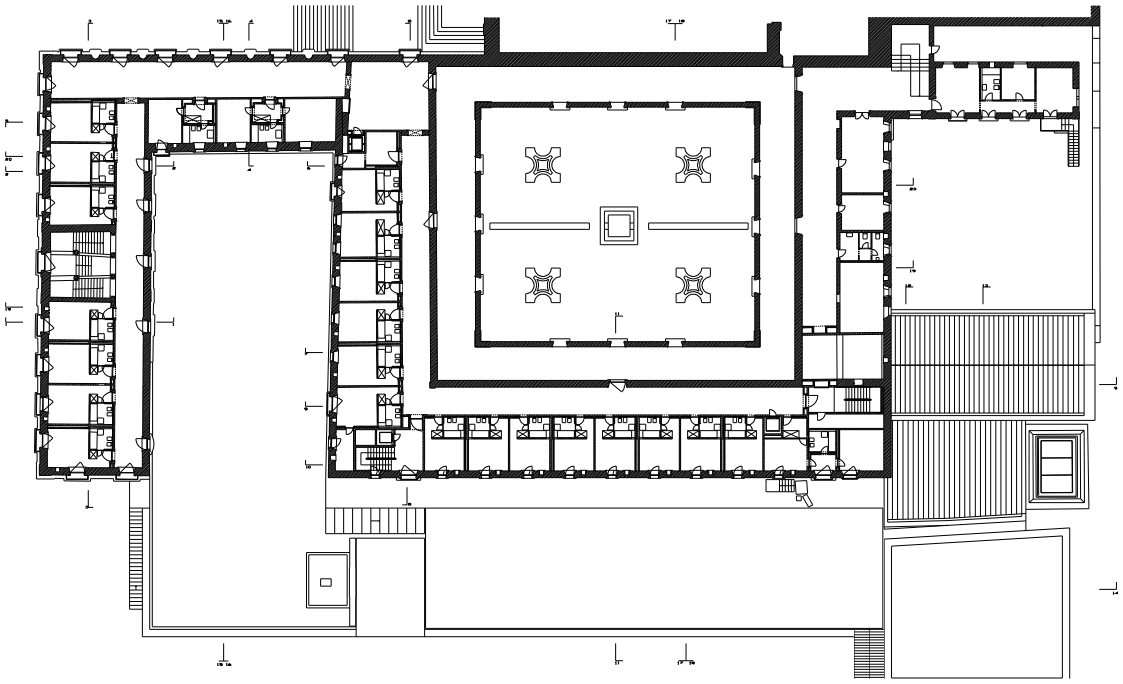


Fig. 11. Planta do piso 3 da pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

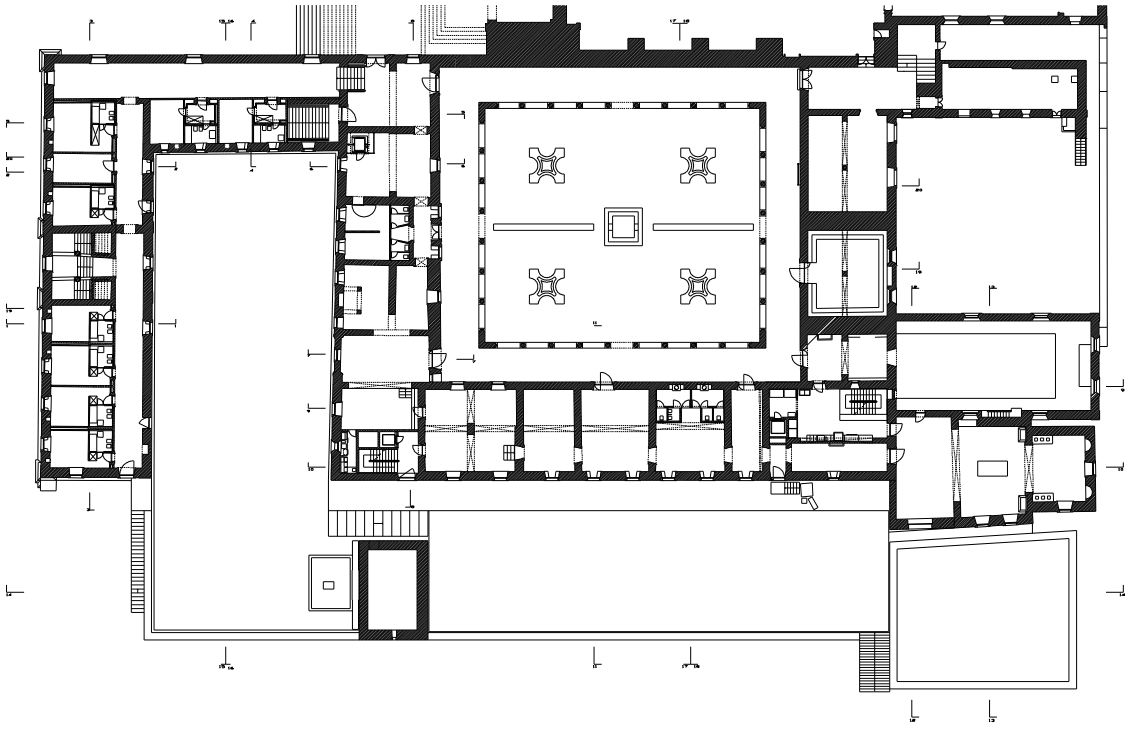


Fig. 12. Planta do piso 2 da pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

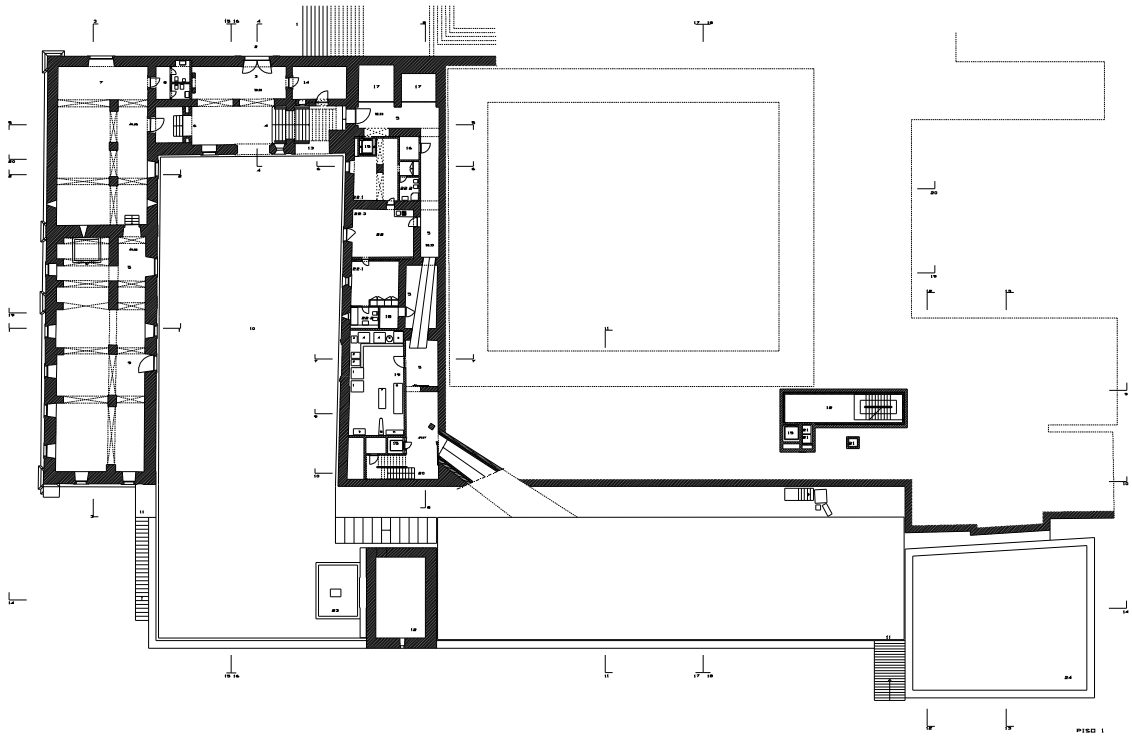


Fig. 13. Planta do piso 1 da pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

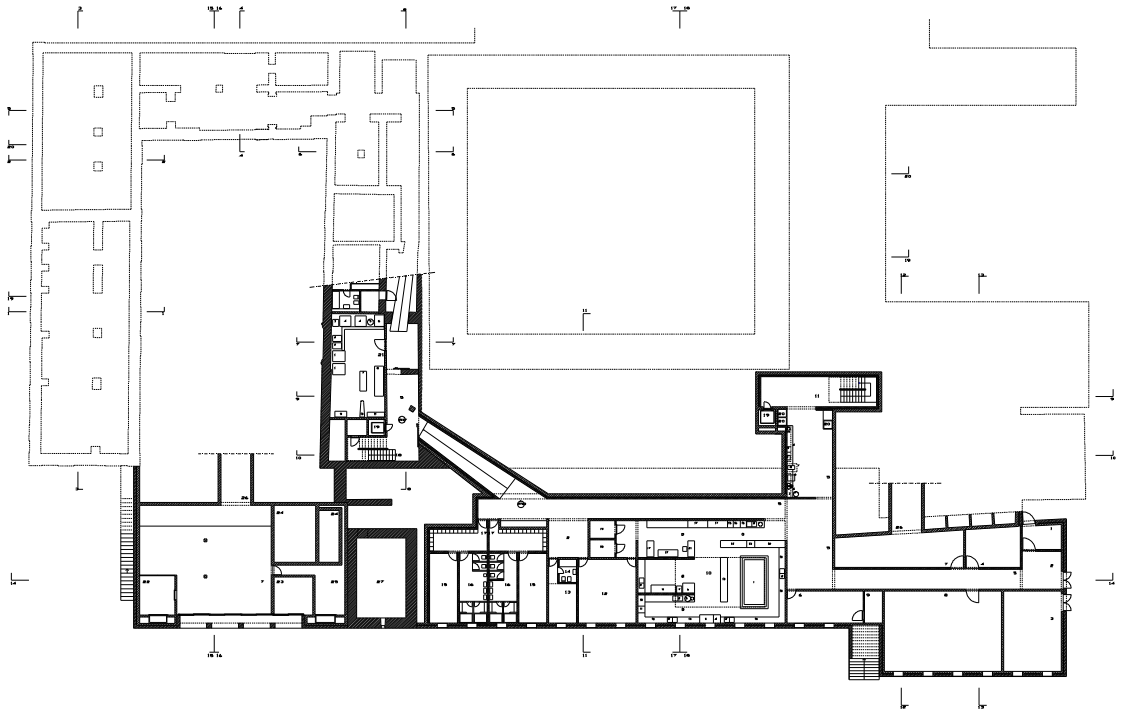


Fig. 14. Planta do piso 0 da pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

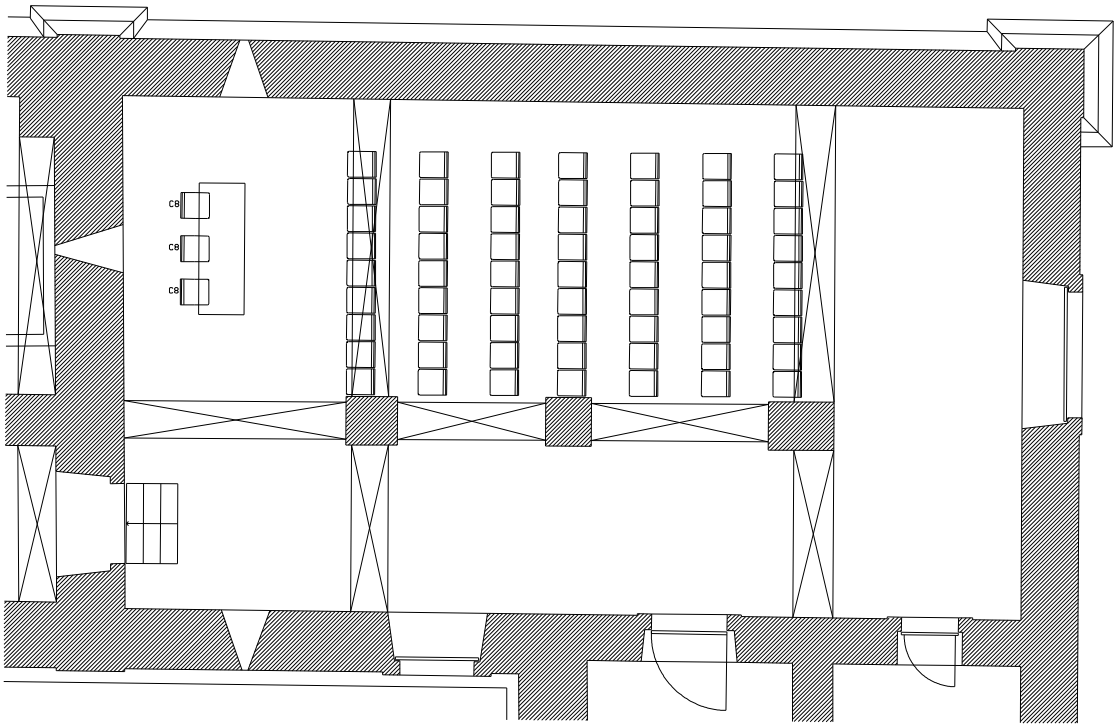


Fig. 15. Planta da organização da sala de conferencias, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

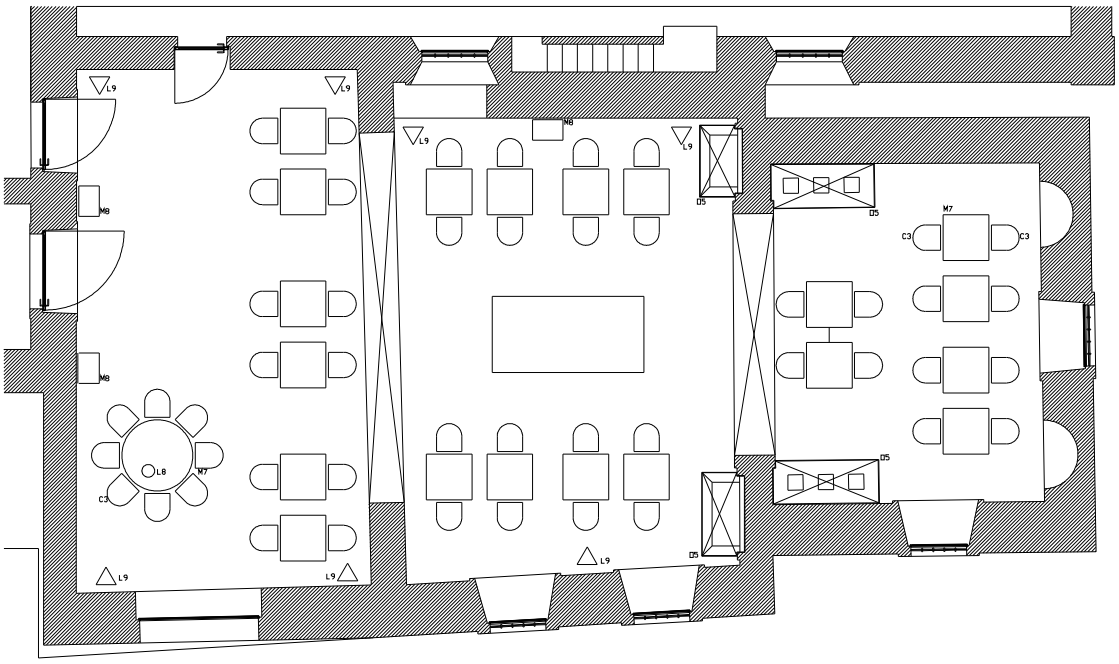


Fig. 16. Planta da organização do restaurante (antiga cozinha monástica), 1998
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

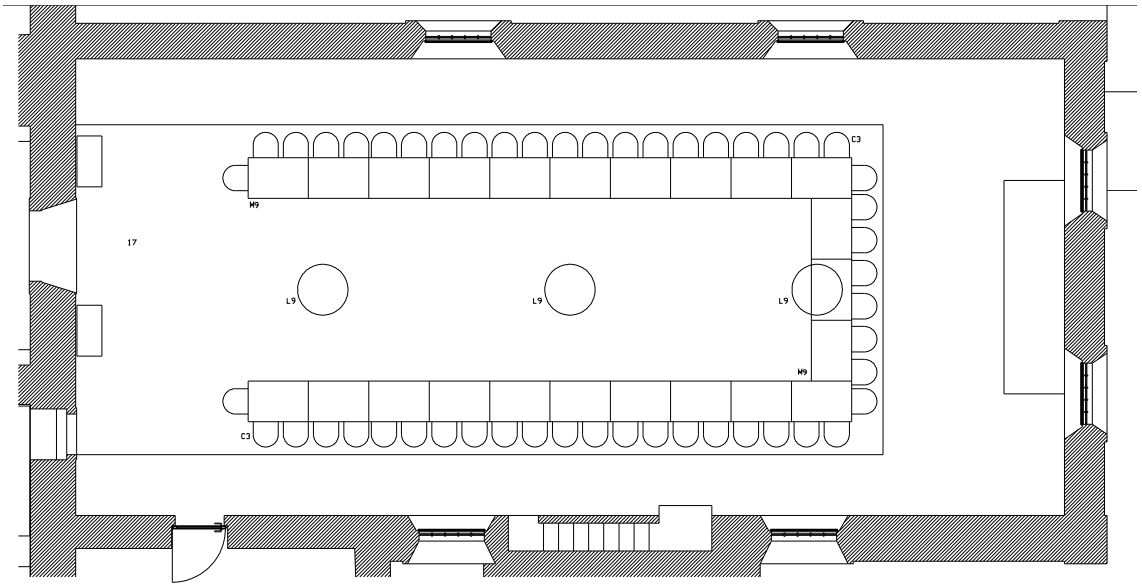


Fig. 17. Planta da organização do salão de festas (antigo refeitório monástico), 1998
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

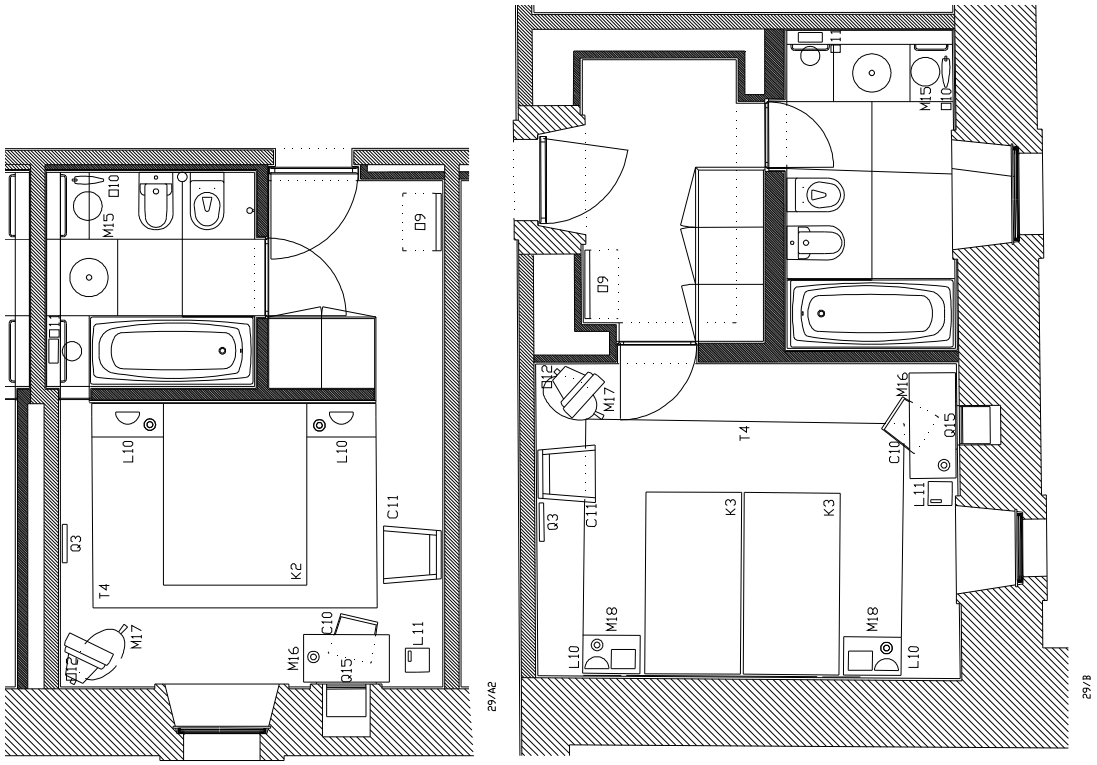


Fig. 18. Planta dos quartos tipo, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

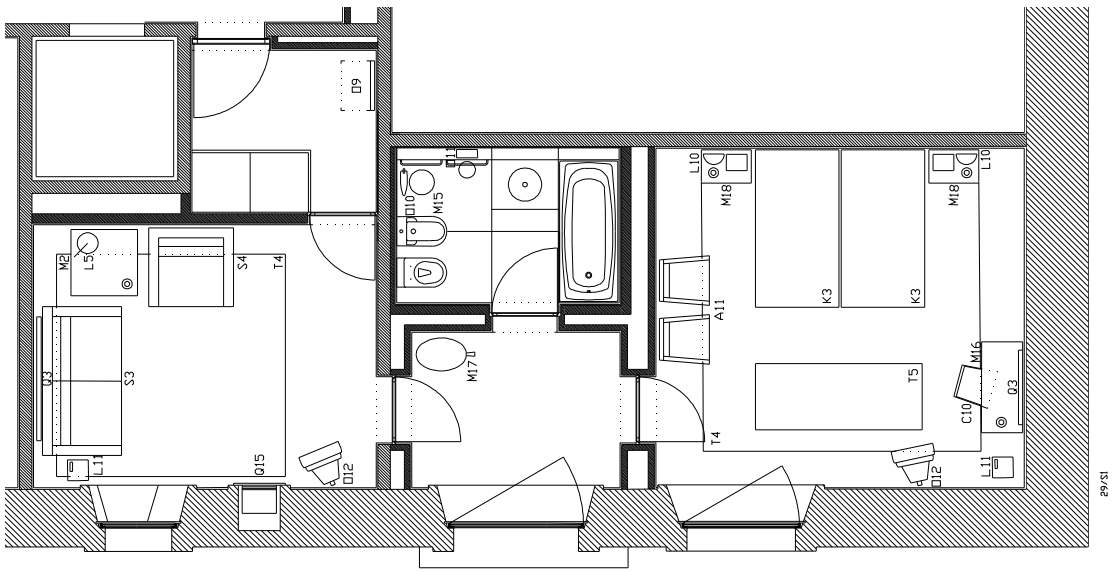


Fig. 19. Planta dos quartos tipo, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

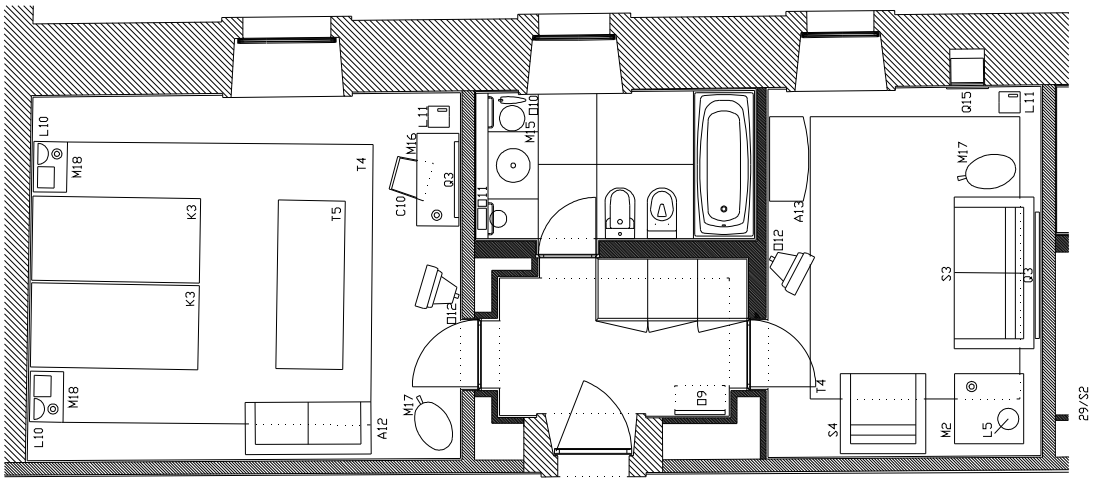


Fig. 20. Planta dos quartos tipo, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

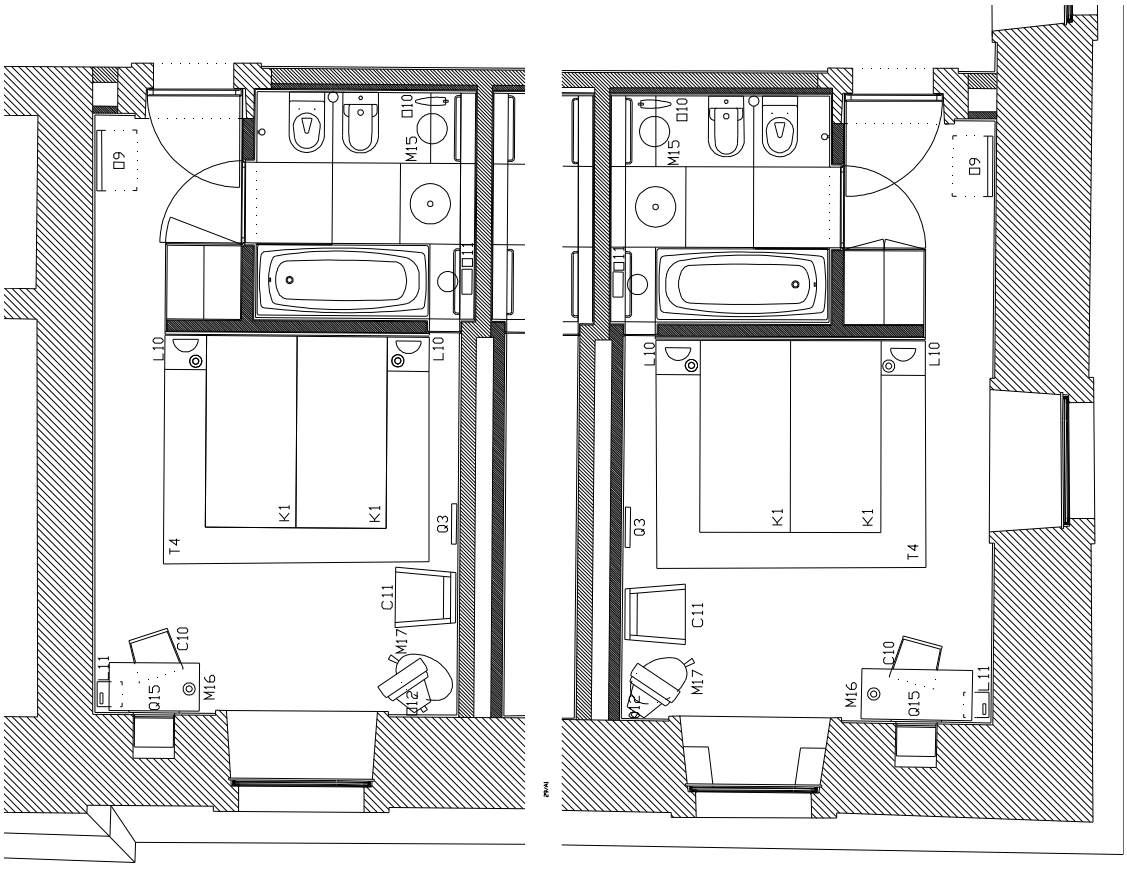


Fig. 21. Planta dos quartos tipo, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

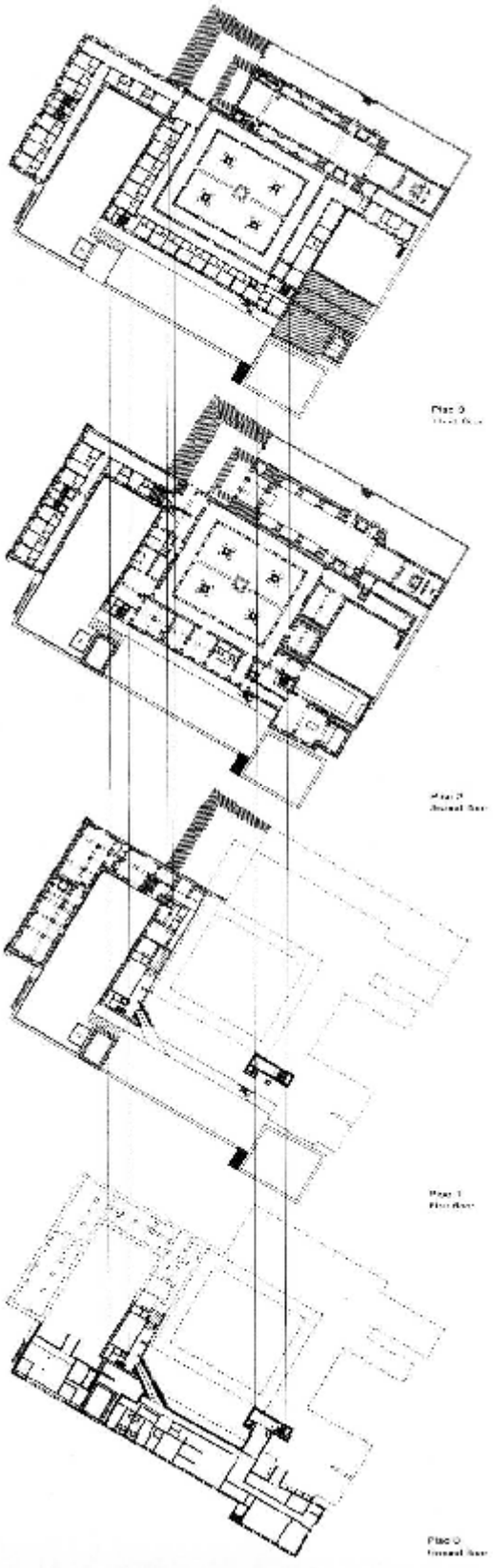


Fig. 22. Planta da relação de todos os pisos, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

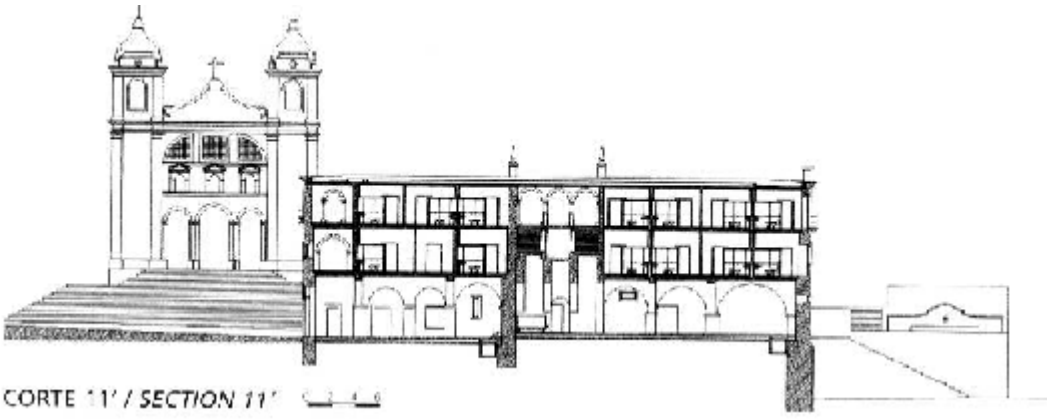


Fig. 23. Corte N-S, pelo edificado monástico/pousada, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

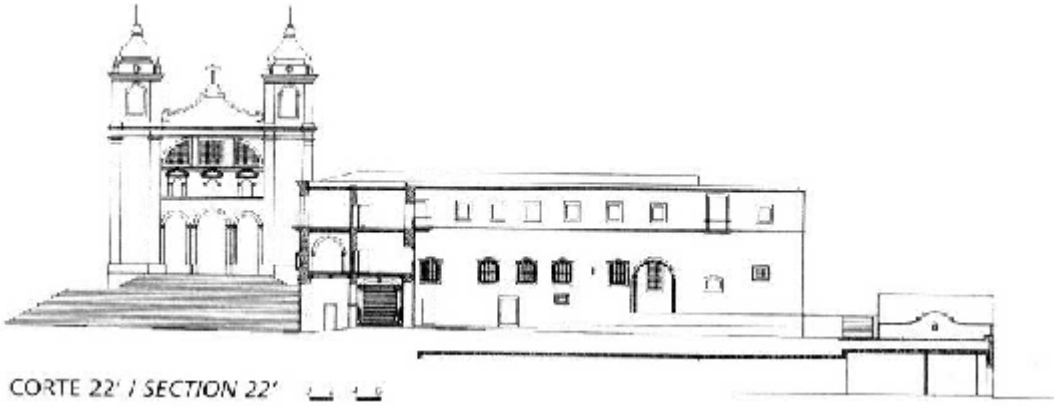


Fig. 24. Corte N-S, pelo pátio das laranjeiras, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

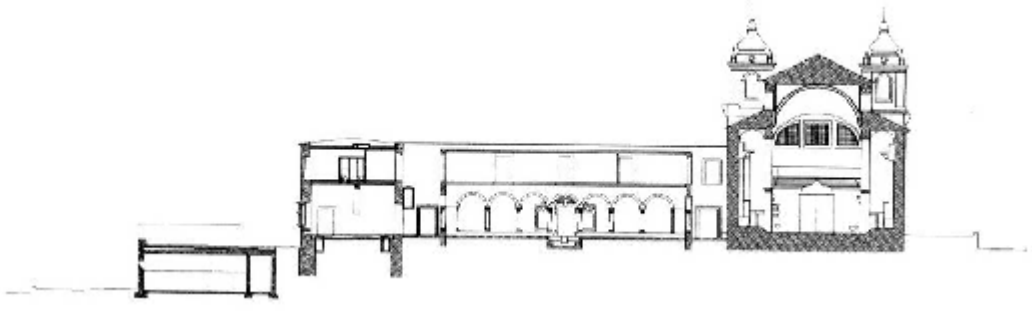


Fig. 25. Corte transversal S-N, pela igreja e pelo claustro, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

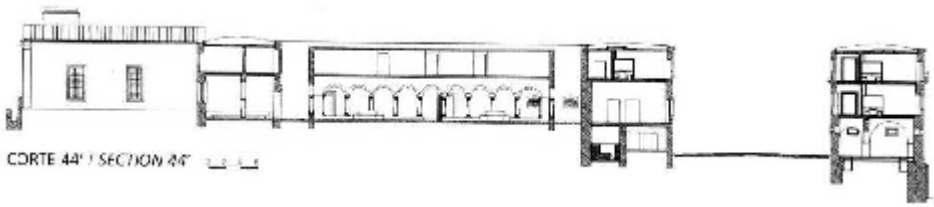


Fig. 26. Corte E-O, pelo edificado monástico/pousada e claustro, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

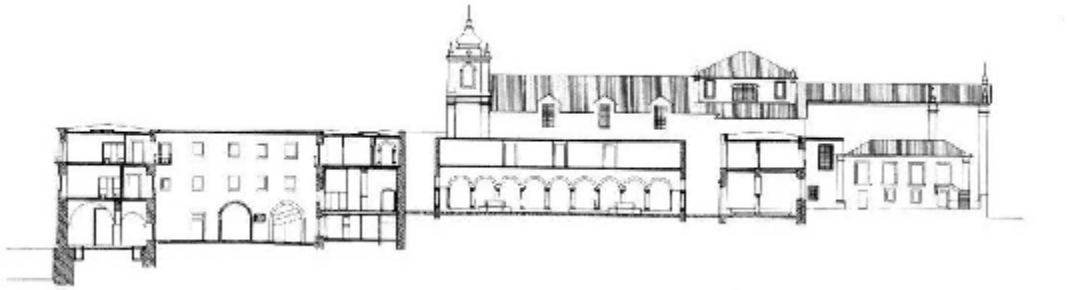


Fig. 27. Corte O-E, pelo edificado monástico/pousada, pelo pátio das laranjeiras e pelo claustro, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

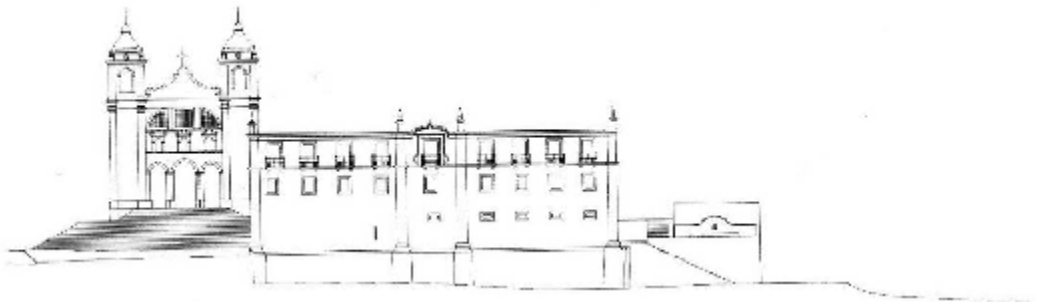


Fig. 28. Alçado Oeste, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

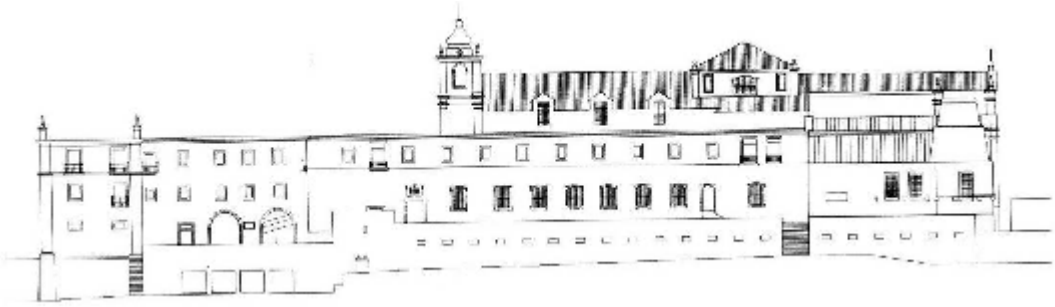


Fig. 29. Alçado Sul, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 30. Alçado Este, 1998 (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 31. Vista da ruína, foto de conjunto
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 32. Pousada, foto de conjunto
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 33. Edifício monástico antes das obras de adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 34. Igreja, anos 40, séc.XX (DGEMN)

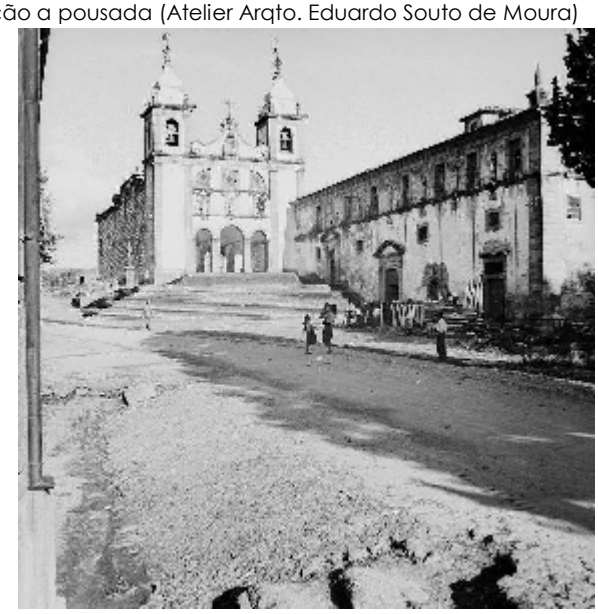


Fig. 35. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 36. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 37. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 38. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 39. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 40. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 41. Edifício monástico: volume correspondente à cozinha, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 42. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 43. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 44. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

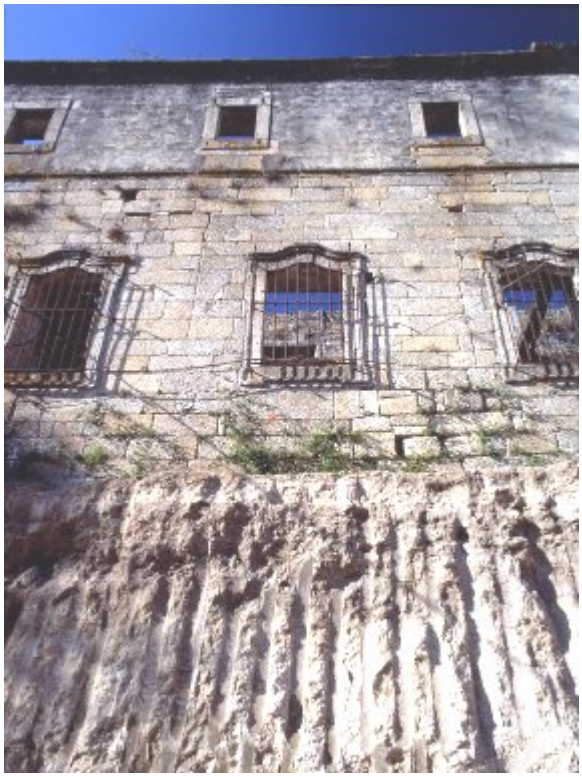


Fig. 45. Edifício monástico, durante as obras de adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 46. Edifício monástico, durante as obras de adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 47. Edifício monástico, durante as obras de adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 48. Edifício monástico, durante as obras de adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 49. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 50. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 51. Acesso à pousada, 2004 (autora)

Fig. 52 inscrição sobre acesso à pousada, 2004(autora)

Fig. 53. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 54. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 55. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 56. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 57. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 58. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 59. Claustro: janelão, 2004 (autora)

Fig. 60. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 61. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 62. Claustro, 2004 (autora)

Fig. 63. Igreja, 2004 (autora)

Fig. 64. Igreja, 2004 (autora)

Fig. 65. Igreja: S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 66. Igreja: S. Bento, 2004 (autora)

Fig. 67. Igreja: Stª Maria, 2004 (autora)

Fig. 68. Igreja: Brasão, 2004 (autora)

Fig. 69. Edifício monástico: sagrada família, 2004 (autora)

Fig. 70. Edifício monástico: D. Afonso Henriques, 2004 (autora)

Fig. 71. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 72. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 73. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 74. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 75. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 76. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 77. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 78. Edifício monástico, 2004 (autora)

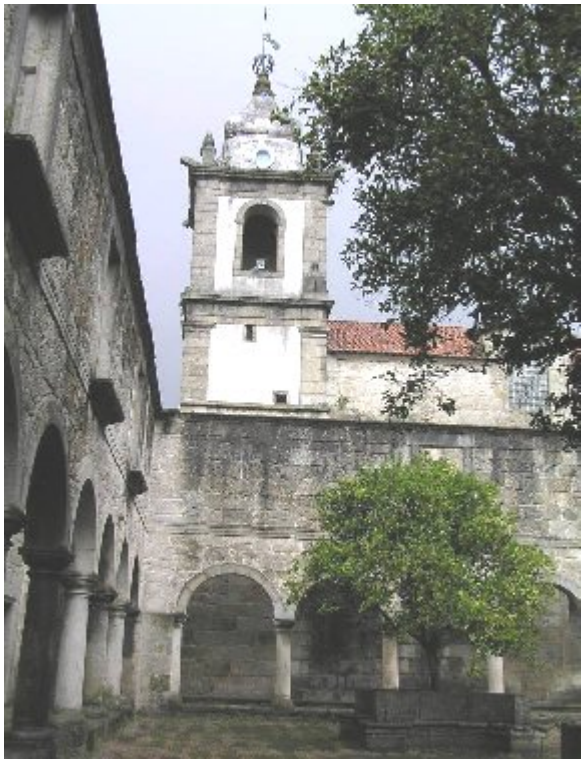


Fig. 79. Claustro e torre da Igreja, 2004 (autora)

Fig. 80. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 81. Edifício monástico
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 82. Edifício monástico
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 83. Edifício monástico
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 84. Envolvente imediata
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 85. Edifício monástico antes da adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 86. Edifício monástico antes da adaptação a pousada, anos 40 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 88. Edifício monástico antes da adaptação a pousada (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

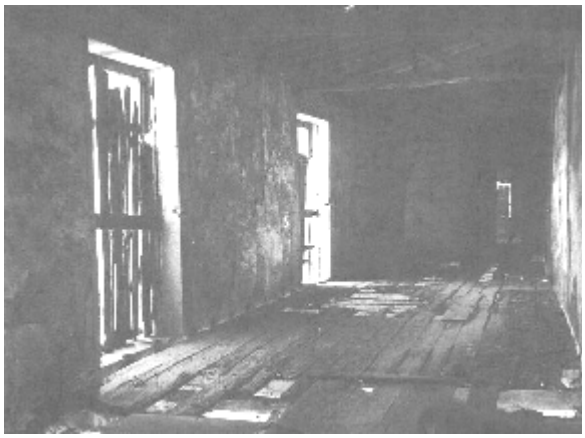


Fig. 87. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

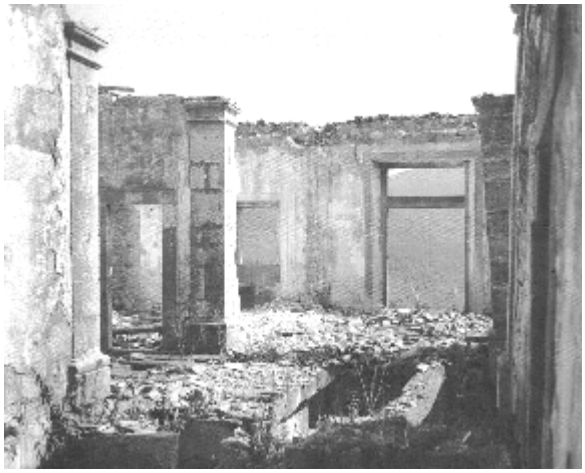


Fig. 89. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

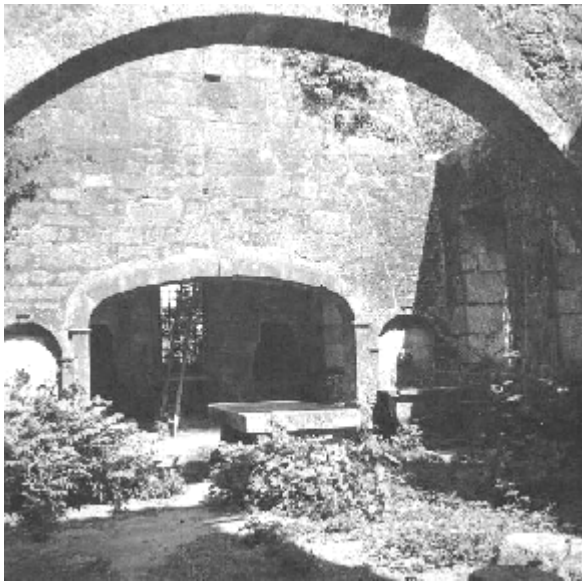


Fig. 90. Cozinha, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 91. Cozinha, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 92. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 93. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 94. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 95. Edifício monástico, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 96. Edifício monástico: acesso, 2004 (autora)

Fig. 97. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 98. Edifício monástico. acesso , 2004 (autora)

Fig. 99. Edifício monástico (autora)

Fig. 100. Edifício monástico: acesso , 2004 (autora)

Fig. 101. Edifício monástico: acesso aos quartos da pousada/ celas, 2004 (autora)

Fig. 102. Edifício monástico, bar da pousada, 2004 (autora)

Fig. 103. Edifício monástico, bar da pousada, 2004 (autora)

Fig. 104. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 105. Edifício monástico, 2004 (autora)

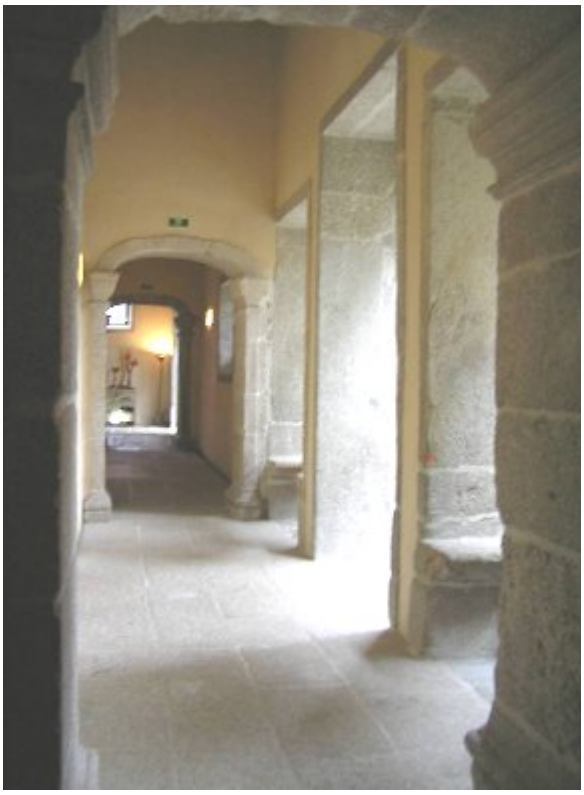


Fig. 106. Edifício monástico, 2004 (autora)

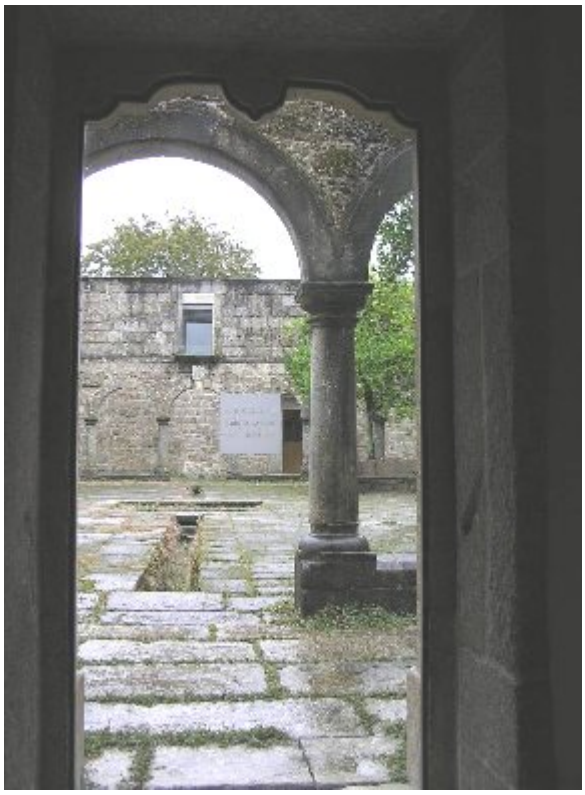


Fig. 107. Edifício monástico, 2004 (autora)

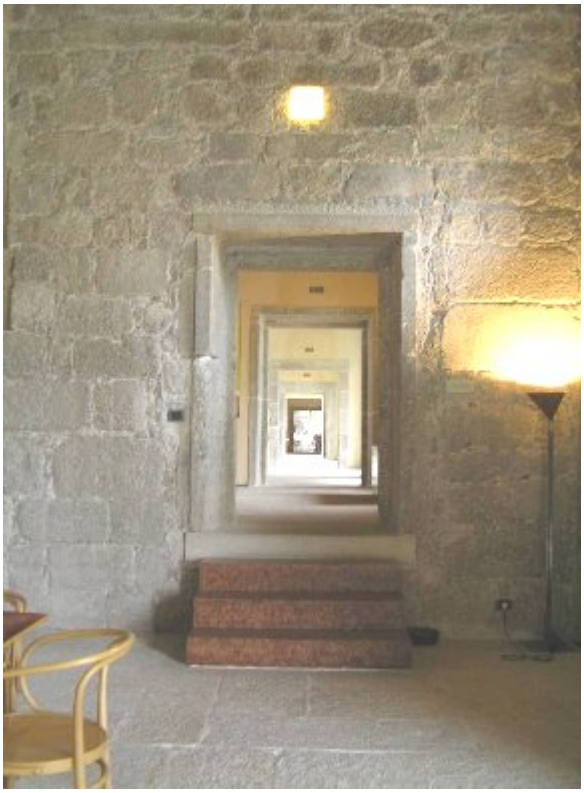


Fig. 108. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 109. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 110. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 111. Porta do antigo mosteiro, 2004 (autora)

Fig. 112. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 113. detalhe da porta exposta, 2004 (autora)

Fig. 114. zona recreativa da pousada, 2004 (autora)

Fig. 115. zona recreativa da pousada, 2004 (autora)

Fig. 116. Edifício monástico, bar da pousada, 2004 (autora)

Fig. 117. Edifício monástico, bar da pousada, 2004 (autora)

Fig. 118. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 119. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 120. Lavabo colocado na entrada do restaurante da pousada, 2004 (autora)

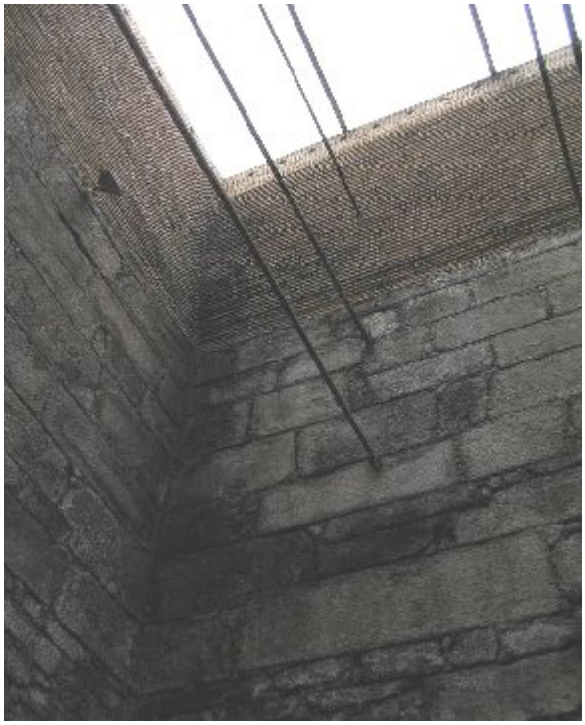


Fig. 121. Cozinha: chaminé, 2004 (autora)

Fig. 122. Cozinha monástica / restaurante da pousada, 2004 (autora)

Fig. 123. Cozinha monástica / restaurante da pousada, 2004 (autora)

Fig. 124. Cozinha monástica / restaurante da pousada, 2004 (autora)

Fig. 125. Cozinha monástica / restaurante da pousada, 2004 (autora)

Fig. 126. Refeitório / salão de eventos, 2004 (autora)

Fig. 127. Refeitório / salão de eventos, 2004 (autora)

Fig. 128. Refeitório / salão de eventos, 2004 (autora)

Fig. 129. Refeitório monástico e antigo púlpito, 2004 (autora)

Fig.130. Indicação da Sala do Capítulo, 2004 (autora)

Fig. 131. Sala do Capítulo, 2004 (autora)

Fig. 132. Sala do Capítulo, 2004 (autora)

Fig. 133. Sala do Capítulo, 2004 (autora)

Fig. 134. Sala do Capítulo / sala de exposições temporárias, segundo o projecto do Arq. Eduardo Souto de Moura, mas utilizada efectivamente como sala de arrumos, 2004 (autora)

Fig. 135. Sala do Capítulo / sala de exposições temporárias, segundo o projecto do Arq. Eduardo Souto de Moura, mas utilizada efectivamente como sala de arrumos, 2004 (autora)

Fig. 136. Sala do Capítulo / sala de exposições temporárias, segundo o projecto do Arq. Eduardo Souto de Moura, mas utilizada efectivamente como sala de arrumos, 2004 (autora)

Fig. 137. Sala do Capítulo, 2004 (autora)

Fig. 138. Sala do Capítulo, 2004 (autora)

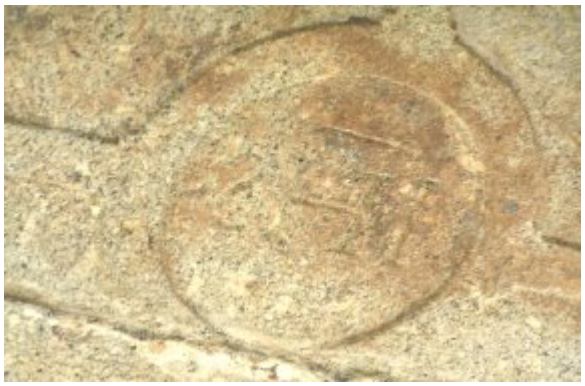


Fig. 139. Sala do Capítulo, 2004 (autora)

Fig. 140. I.S. de um quarto da pousada
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

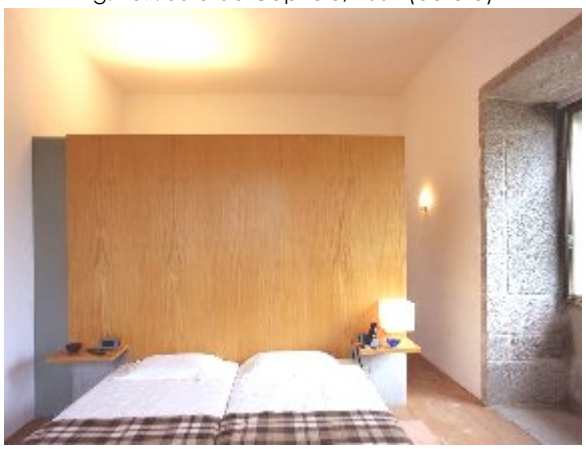


Fig. 141. Quarto tipo da pousada
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 142. Sala de Reuniões da pousada
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 143. Detalhe (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

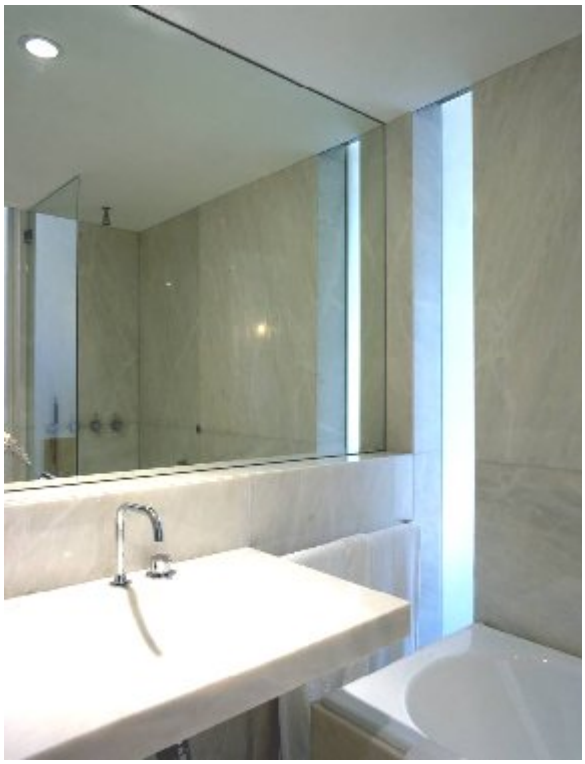


Fig. 144. I.S. tipo da pousada
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 145. Igreja, 2004 (autora)

Fig. 146. Igreja: brasão, 2004 (autora)

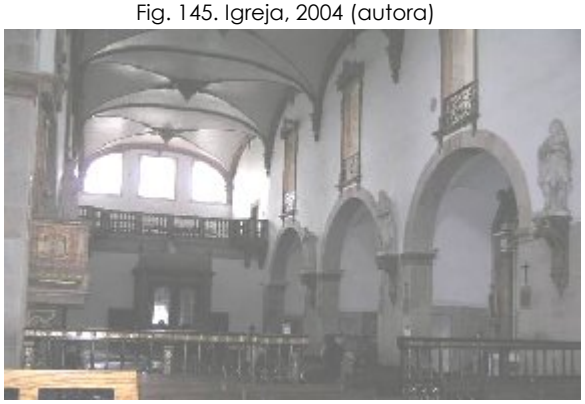


Fig. 147. Igreja, 2004 (autora)

Fig. 148. Igreja, 2004 (autora)

Fig. 149. Igreja: altar colateral, 2004 (autora)

Fig. 150. Igreja: coro e tribuna, 2004 (autora)

Fig. 151. Igreja: altar colateral, 2004 (autora)

Fig. 152. Altar colateral: detalhe, 2004 (autora)

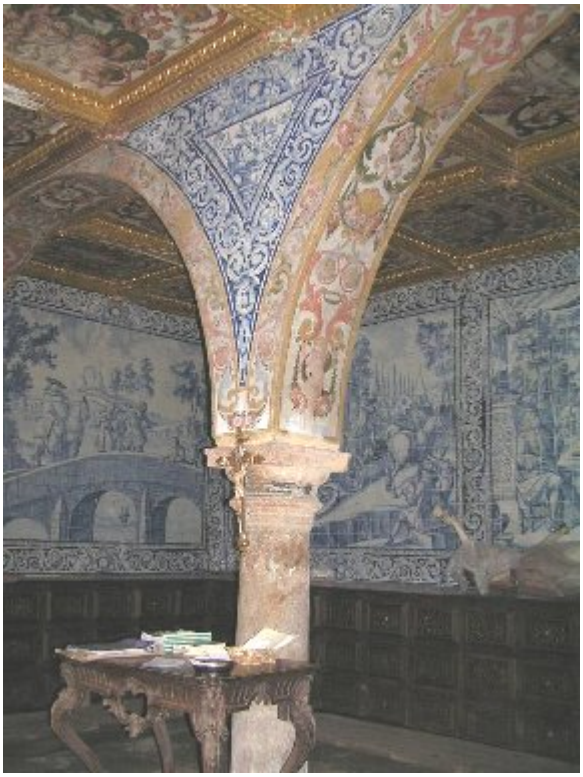


Fig. 153. Sacristia, 2004 (autora)

Fig. 154. Sacristia: caixotões policromos do tecto, 2004 (autora)

Fig. 155. Sacristia, 2004 (autora)

Fig. 156. Sacristia: revestimento azulejar, 2004 (autora)

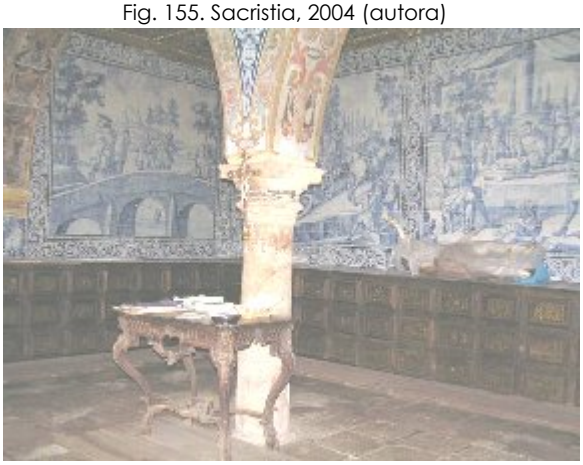


Fig. 157. Sacristia, 2004 (autora)

Fig. 158. Sacristia, 2004 (autora)

A.4. Croquis:

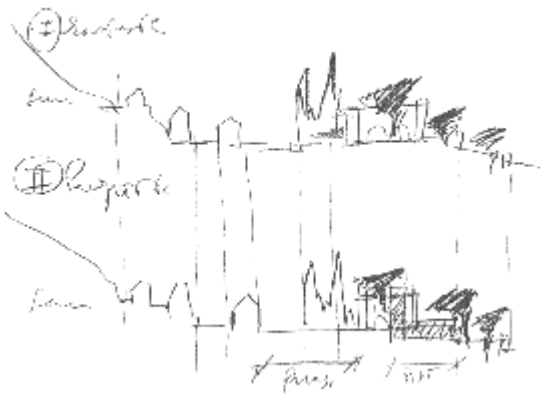


Fig. 159. Estudo da inserção no território / Perfil
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

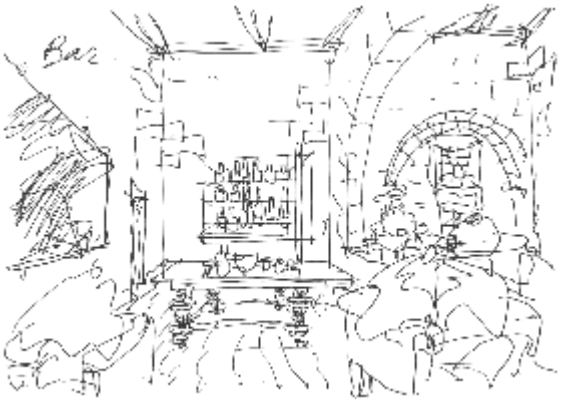


Fig. 160. Estudo para o Bar da Pousada
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

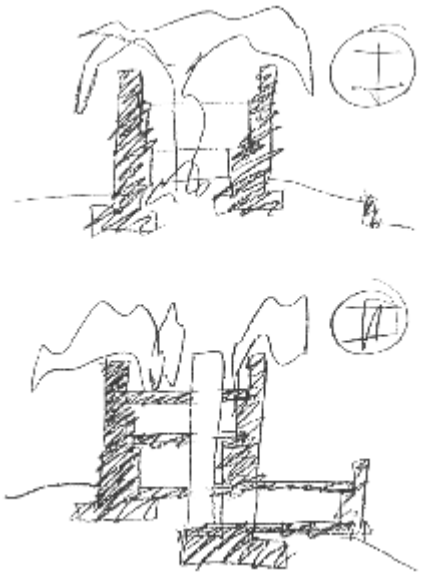


Fig. 161. Estudo (Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

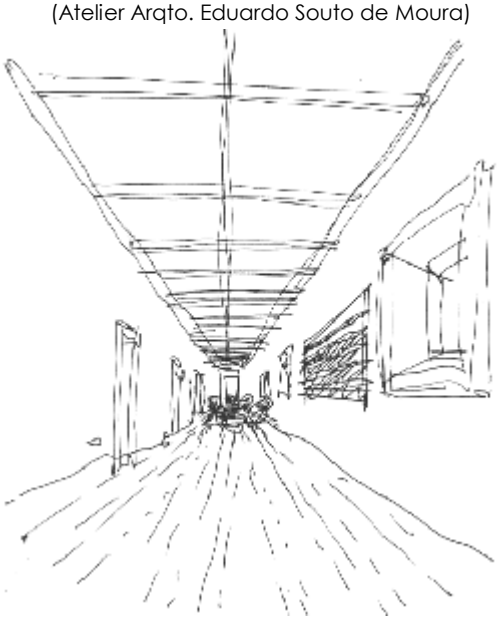


Fig. 162. Corredor de acesso aos quartos
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

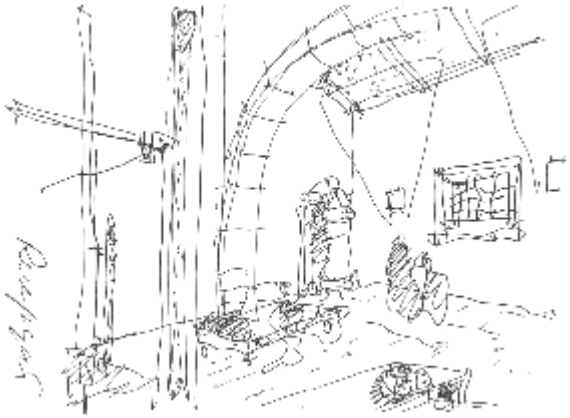
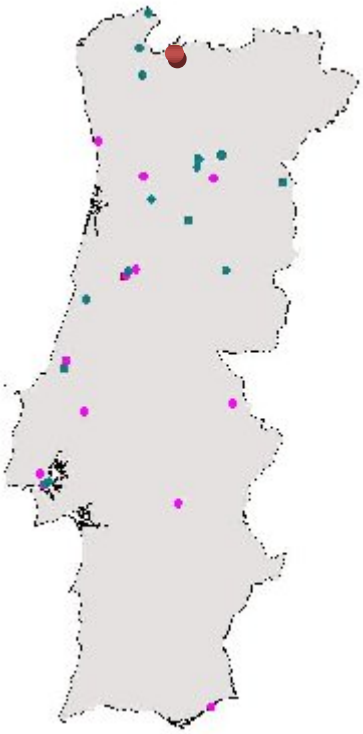


Fig. 163. Recepção
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)

Fig. 164. Estudo de quarto-tipo
(Atelier Arqto. Eduardo Souto de Moura)



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DAS JÚNIAS

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

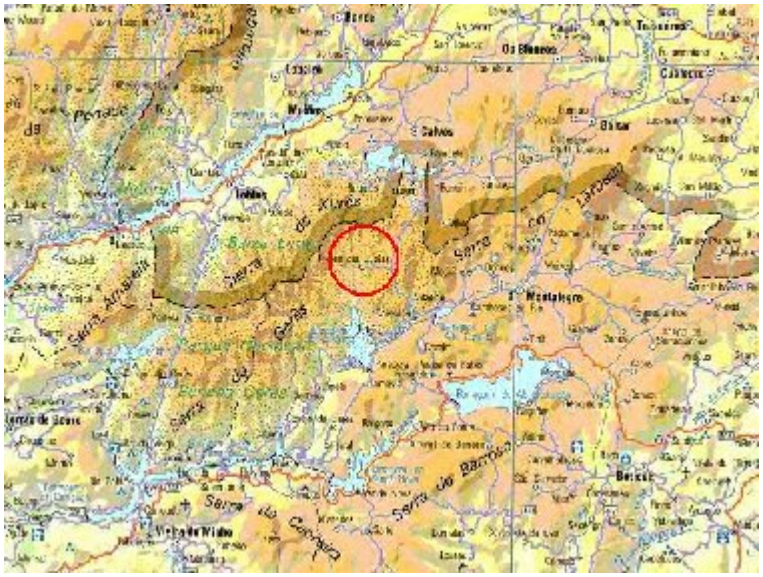
1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria das Júnias
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Pitões das Júnias
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011706230004
1.5. IPPAR – Designação: Igreja e Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias
1.6. IPPAR – nº de identificação: 4488
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação em 1248 (inicialmente dependente de Sta Maria de Oseira mais tarde de Sta Maria do Bouro)
Claraval - Oseira - Júnias **I** Claraval - Alcobaça - Bouro - Júnias
1.8. Diocese: Vila Real
1.9. Construção: séc. XII/XIII – Igreja e edifícios conventuais **I** séc. XVII – campanário
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Trás-os-Montes
2.2. Distrito: Vila Real
2.3. Concelho: Montalegre
2.4. Freguesia: Pitões das Júnias
2.5. Direcção Postal: Não tem

3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos: A3 (Braga) – EN 103 (Chaves) – S. Cortiço –EN 308 (Montalegre) – Sezelhe – Pitões das Júnias– Caminho pedonal a partir do cemitério de Pitões das Júnias (cerca de 2 Km)

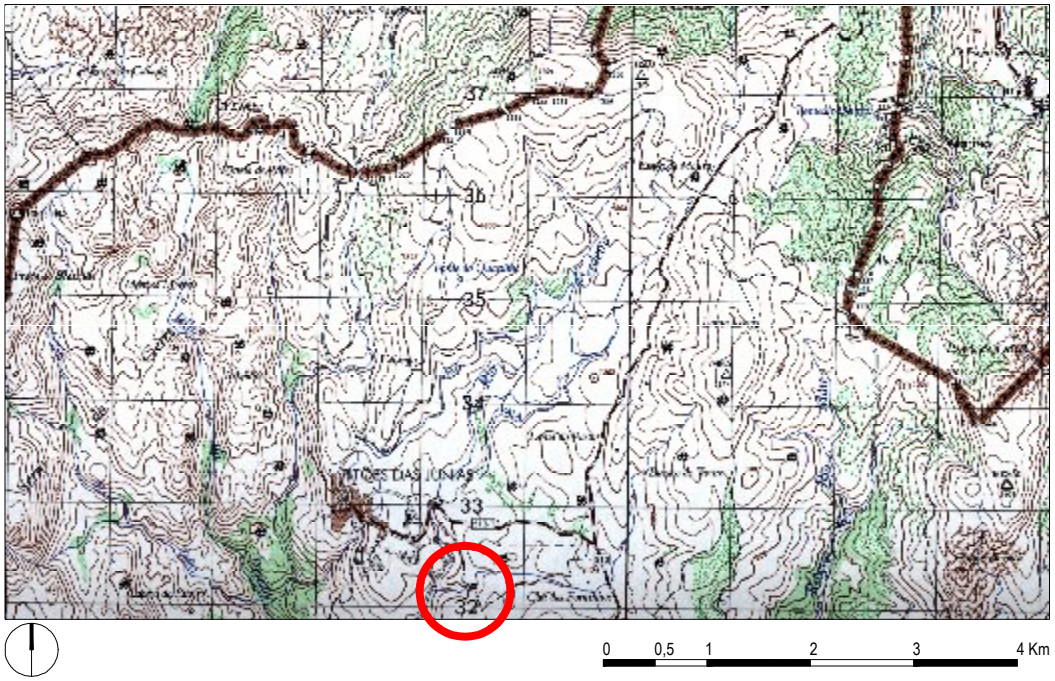


Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: Junta de Freguesia de Pitões das Júnias (para pedir a chave da Igreja)
3.5. Contactos:
Câmara Municipal de Montalegre **I** Apartado 32 **I** 5470 MONTALEGRE **I** tel. +351 27651 0200 **I** fax. +35127651 0201 **I** http://www.amvc.pt/Site/concelho/montalegre

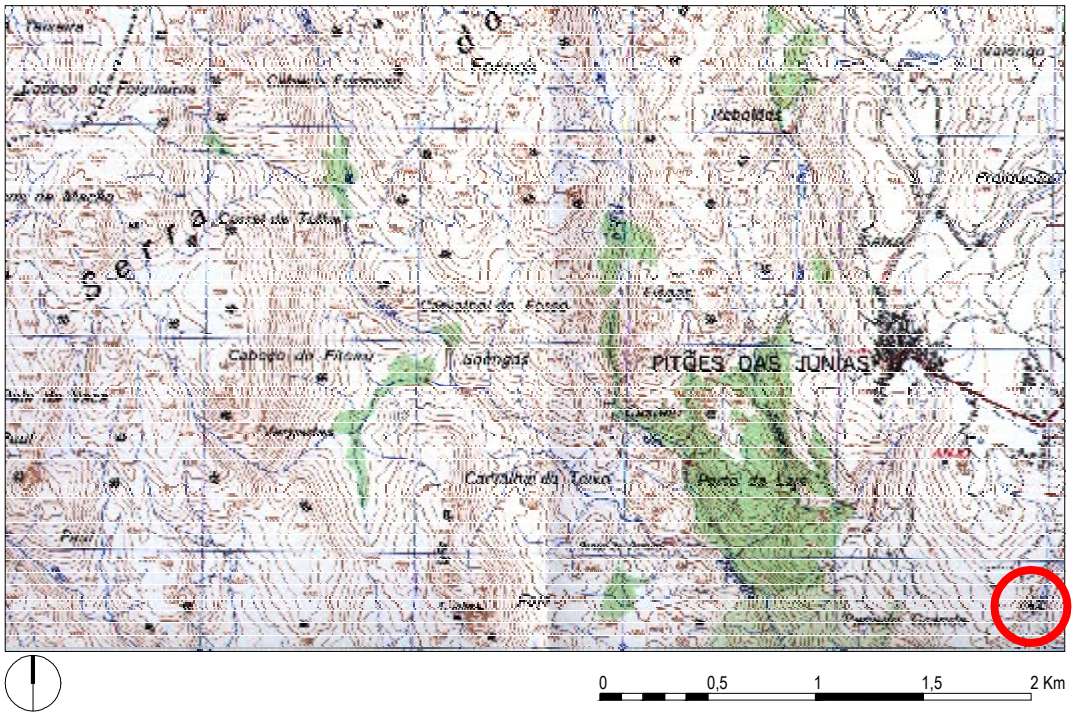
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 2 – 111 TOURÉM (2000)



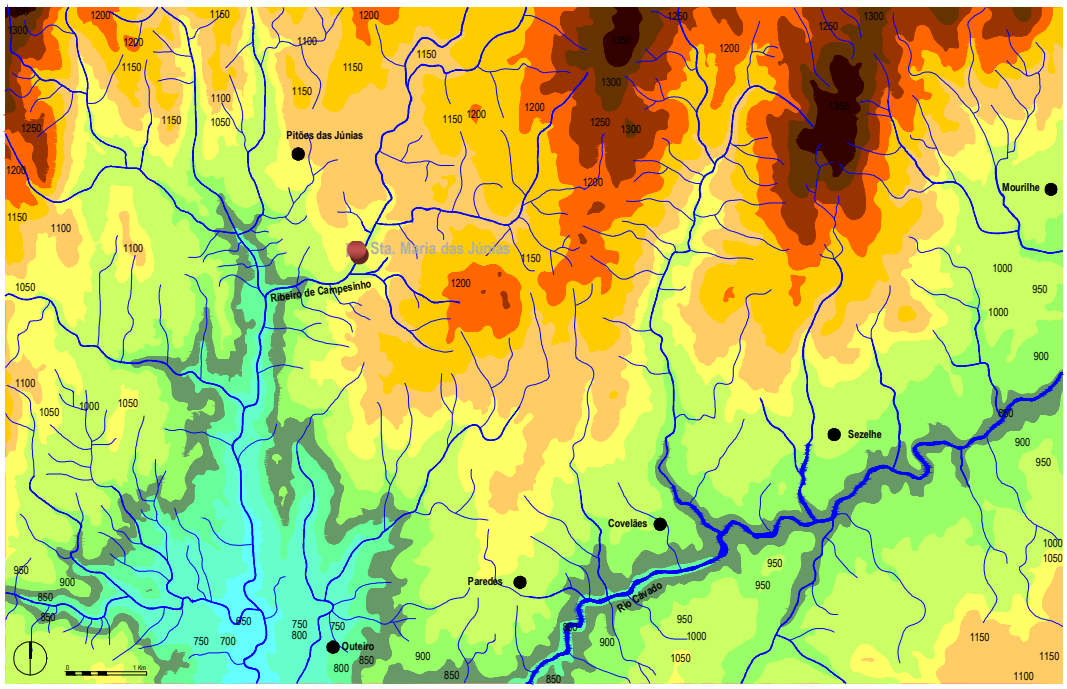
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº 18 PITÕES DAS JÚNIAS (1997)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Montanha (Serra do Gerês)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41° 49' 52" N **I** Longitude: 7° 56' 32"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 215846 **I** Y: 540230

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: IMAER 92/93 **I** rolo nº 23 **I** foto nº 1057

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

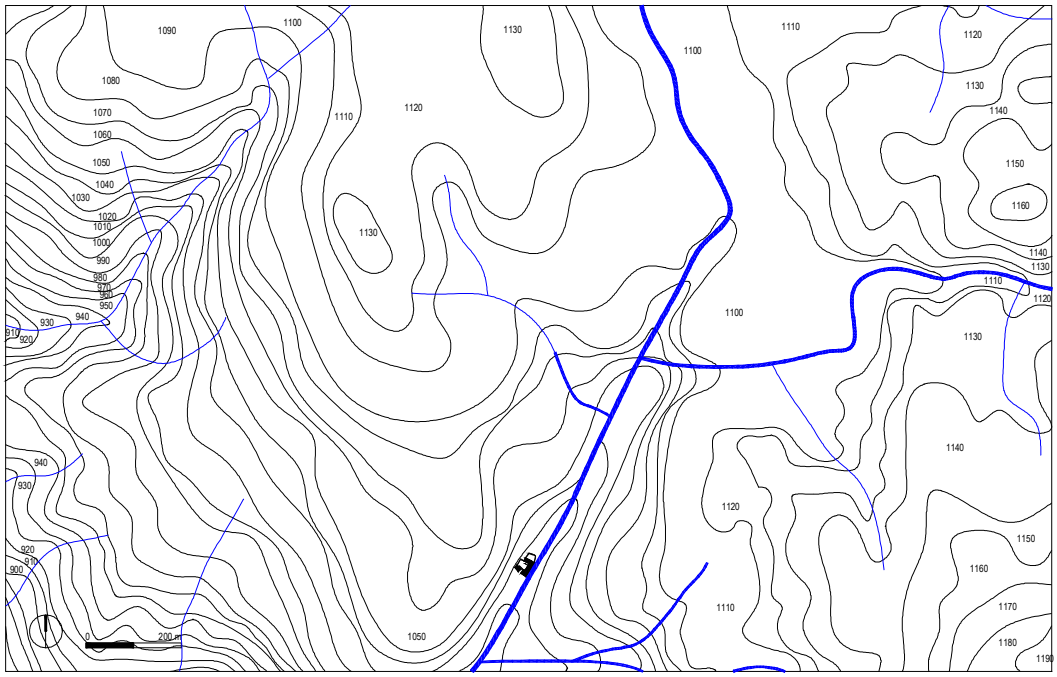
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 1020 m
4.10.Proximidades e relações: Parque Nacional Peneda Gerês **I** Pitões das Júnias **I** Tourém **I** Espanha **I** Montalegre.
4.11 Obs.: Inserido no Parque Nacional Peneda Gerês. Rural, isolado. Situa-se na margem direita da Ribeira de Campesinho num vale encaixado e pedregoso, em pleno território de Parque Nacional. A implantação do mosteiro arredado de bons terrenos agrícolas testemunha o interesse da economia cisterciense pela pastorícia.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Igreja
5.2. Afectação / Ocupação: afecta ao culto apesar de apenas uma vez por ano existirem celebrações.

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Românico
6.3. Estilos paralelos: Gótico
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: Planta composta formando um trapézio, tendo a igreja implantada a N. e as restantes construções a S. Igreja de nave longitudinal românica, capela-mor gótica e dependências monásticas desenvolvidas a S., de que conserva troço de arcada gótica do claustro e outras construções. A nave foi alteada na época renascentista conforme atesta a cornija.

A igreja é de uma nave rectangular e capela-mor também rectangular, mais baixa e estreita, com coberturas em telhados de duas águas na primeira e de uma na segunda, de pendente S. – N.

Fachada principal com portal em arco perfeito de duas arquivoltas sobre impostas, decoradas com motivos cordiformes que se prolongam num friso em toda a fachada; encima-o fresta, estreita e alta. Remate em empena truncada por um campanário de dupla ventana – já sem sinos – encimado por uma cruz metálica ladeada por dois pináculos com remate boleado, idênticos aos que nas extremidades da empena sublinham os cunhais.

A fachada lateral N. possui, na zona mais chegada à cabeceira, porta de arco pleno, sem decoração e tímpano vazado por cruz de Malta inscrita num círculo, e o lintel, assente em impostas lisas, encontra-se truncado no centro.

Ao longo da fachada cinco mísulas, duas lisas sobre a porta, e as restantes com decoração geométrica. Um pouco acima corre friso decorado com duas linhas contínuas em zig-zag. Entre o friso e a cornija abrem-se duas frestas rectangulares.

A abside possui uma janela em arco quebrado com tímpano trilobado e peitoril com inclinação exterior, reutilizando, deitada no parapeito, uma escultura de um monge.

A fachada S. da abside tem adossadas as ruínas da antiga ala dos monges, tendo sido alteada até à cércea desta. Ao nível do r/c antiga porta de ligação, agora emparedada.

A nave é semelhante à fachada N., com duas frestas rectangulares sobre um friso alto, porta deslocada para o lado E. Esta, em arco de volta perfeita, possui um tímpano vazado por cruz de Malta. Sobre a porta e ao longo da fachada, alinham-se 5 mísulas com decoração geométrica.

O mosteiro compreende dois corpos com r/c e 1° andar dispostos em ângulo. O primeiro corpo, situado ao longo do rio, no prolongamento do lado S. da abside, constituía o dormitório dos monges.

A fachada E., com desenvolvimento horizontal, conserva seis janelas quadradas no 1° piso e outras seis, mais pequenas no r/c. Algumas das do 1° andar possuem conversadeira.

Do lado S. as construções dividem-se em dois corpos com orientação diferente, convergindo para o exterior, na zona central. Aí se localiza uma abertura que liga do exterior ao espaço do claustro.

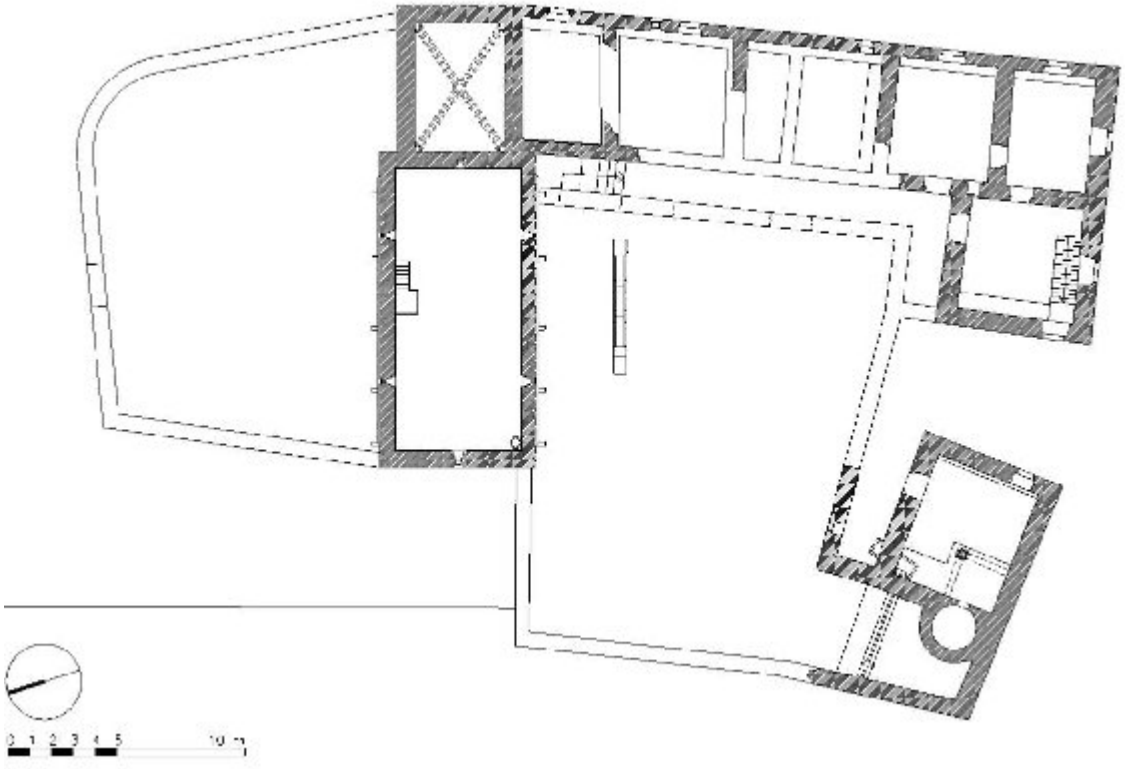
A fachada S. do lado do rio apresenta empena de duas águas assimétricas, tendo duas janelas no 1 ° piso e, sob uma delas, uma fresta no r/c.
Do lado contrário, no corpo onde se localizava a cozinha, a fachada S. apresenta uma empena de duas águas assimétricas e uma pequena fresta no 1° piso. A cozinha, situada no ângulo SO, conserva a chaminé de forma piramidal com pináculo de remate baleado.
Um antigo sarcófago reutilizado na parede recebe as águas de uma poça, canalizadas através de uma conduta em pedra. A parede que limita o recinto pelo lado O. funciona como muro de suporte do terreno exterior da encosta, mais elevado. Só na zona mais a S. a parede se apresenta mais alta que o terreno, terminando no que resta da ombreira de um arco em bisel.
No topo O. o espaço é fechado por um muro que une estas construções à igreja, tendo um portal de acesso formando ângulo recto com a fachada da igreja. Do claustro, situado no interior deste espaço, resta apenas uma parte da arcada do lado S. da nave.
Na face externa da parede do lado do Evangelho existe uma inscrição com a data de 1147.
A construção do convento junto a um riacho provocou um rápido assoreamento da área (pelo que a capela-mor anos depois teve de ser substituída por outra), grande enterramento do corpo da igreja e baixamento das portas, facto que talvez tivesse levado ao desaparecimento da cornija românica ao subir-se o corpo da nave.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011706230004: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: A nave da igreja possui na parede da fachada principal, ao nível das impostas da porta, um friso lanceolado que envolve também o arco, e, à altura da fresta axial, um friso decorado o qual se prolonga pelas paredes laterais à altura das frestas que apresentam internamente remate em arco de volta perfeita. Pavimento de lajes em granito e tecto em madeira.
Sensivelmente a meio da nave, do lado do Evangelho, púlpito muito simples com varandim e corrimão em madeira. Arco triunfal de duas arquivoltas lisas assentes em ábacos biselados decorados com bolas, ladeado por dois retábulos de talha.
Capela-mor coberta por abóbada de barrete de clérigo, apoiada em mísulas de canto. Retábulo-mor de planta rectangular e três eixos, divididos por colunas torsas, assentes em consolas decoradas por acantos, as exteriores apoiadas em pilares de pedra com motivos geométricos; ao centro, camarim, coberto por caixotões, com trono, e lateralmente duas mísulas; as colunas prolongam-se em duas arquivoltas formando ático,

interrompido por brasão central; sobre altar de pedra, sacrário decorado com acantos e anjos, tendo na porta um Agnus Dei.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011706230004: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – n°: 1

6.11. Claustros existentes – forma: trapezoidal

6.12. Materiais: Paredes autoportantes na nave **I** estrutura mista na capela-mor **I** Estrutura em granito aparelhado na igreja evidenciando as várias fases de construção **I** Cobertura da igreja com telha de aba e canudo **I** Madeira.

6.13. Arquitecto(s) / constructor(es):

CANTEIRO: Simon Duran **I** CARPINTEIRO: António da Casa

6.14. Obs.: Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011706230004: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso excepcionalmente (há cerimónias religiosas uma vez por ano no dia 15 de Agosto)
7.3. Cronologia de usos: Uso religioso permanente no período em que teve actividade.

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:

Séc. IX – fundação provável de um eremitério pré-românico;
Séc. XI/XII - adopção provável da regra beneditina;
Séc. XIII, meados – por Breve de 1247 do papa Inocêncio IV e com o acordo do arcebispo de Braga, em 1248, passou a cisterciense
1248, 22 Junho - Bula "Benigvolum et Benignum", de Inocêncio IV, determinando que o arcebispo de Braga, D. João Egas, admitisse a união do mosteiro beneditino de Júnias ao cisterciense de Santa Maria do Bouro e aceitasse como abade João, monge de Oseira;
21 Novembro – o arcebispo de Braga atende ao pedido do Papa e autoriza o mosteiro a filiar-se na Ordem de Cister, mas impõe algumas contrapartidas compensatórias; o mosteiro entrega o couto de São Pedro de Vilaça e dois casais em troca da terça das mortuárias e outros direitos que o Arcediago de Barroso recebia do mosteiro e da Capela do Gerês, que a partir de então deixaria de receber; o abade de Santa Maria das Júnias surge como testemunha de certos actos celebrados no Mosteiro de Santa Maria de Oseira, da Galiza, comprovando a antiga vinculação àquele mosteiro;
1271, 23 Novembro – D. Afonso III deixa em testamento 7150 libras para serem divididos entre 24 mosteiros, cabendo ao de Pitões das Júnias 100 libras;
1320 - tinha de rendimento 275 libras;
1383/1384 - a população de Pitões das Júnias expulsa o abade do mosteiro por ser galego e recusa a nomeação de um novo pelo mosteiro de Oseira ficando a situação resolvida apenas com a chegada de um monge do mosteiro do Bouro;
séc. XIII, finais/séc. XIV, início - ampliação da capela-mor e construção do claustro;
1499 - nomeado para abade, Frei Gonçalo Coelho, natural de Chaves;

1501, 1 Fevereiro - morte do Abade Gonçalo Coelho, que acabou ganhando fama de santo;

1527 - no "Numeramento" não é referido nenhum mosteiro quando se regista a população de Pitões, o que indica já ter sido abandonado;

1533, 27 e 28 Janeiro - visita de D. Edme de Saulieu, Abade de Claraval, com Bronseval que descreve o mosteiro em adiantado estado de ruína, apenas se salvando a igreja;

1556 - volta a ter um abade regular, D. Valeriano de Villada;

Séc. XVI - estava já em grande ruína;

séc. XVI, meados - construção da janela da fachada principal e do campanário;

1567, após – surge a questão dos direitos de padroado real sobre o mosteiro que Oseira negava existir para Portugal reclamando-o como sendo do seu domínio jurisdicional;

1592 - pelo tombo, crê-se que nesta data o mosteiro auferia alguns foros significativos, com clareiras agricultáveis entre "matos maninhos e giestais" ao longo do rio e do caminho que conduzia à igreja; as terras que então pagavam renda a Pitões tinham a área de 13.34 ha;

Séc. XVII/XVIII – restaurado e repovoado, tendo gozado duma certa prosperidade;

séc. XVIII, início - durante a Guerra da Sucessão de Espanha, o mosteiro de Oseira invoca sobre si os direitos sobre Júnias; o reconhecimento do ascendente dominal desta abadia, conduziu à renovação artística das Júnias e sua anexa São Rosendo de Pitões; elevação do corpo da cozinha e alteração da ordem dos vãos; construção do piso superior onde se alojavam os montes e os edifícios que se erguem a SO. do claustro;

1726 - despendiam-se quantias significativas para reparação do madeiramento e lajeamento da igreja;

1727 - dispêndio de 20.028 reis em obras em três celas, dois corredores, uma janela na cozinha e no moinho;

1728 - o mestre canteiro Simon Duran era pago pelas obras que aqui realizava; o mestre carpinteiro António da Casa, passa recibo pelo trabalho que efectuara no mosteiro;

1729 - encontrava-se já em grande decadência, conforme denúncia o visitador de Oseira, que determina que não se "deshaga los arcos del claustro antes bien los mande reparar si fuera nezesario";

1834/1835 - extinção do mosteiro, passando o último monge, Fr. Benito Gonçalves, a pároco de Pitões das Júnias, até falecer em 1850;

1883 - inicia-se novo período de ruína;: as instalações conventuais foram adaptadas a fins civis; constróem-se diversos muros acompanhando as alas E. e S. dos compartimentos; construção de um muro intermédio na sala do capítulo;
- construção de uma escada no ângulo noroeste do claustro encostado à parede da sacristia;

1993 - abertura de concurso público para o Projecto de "Valorização do Mosteiro de Santa Maria das Júnias", pelo Parque Nacional da Peneda do Gerês;

1994 - início de projecto de investigação arqueológica patrocionado e financiado pelo Parque Nacional da Peneda - Gerês, com uma primeira abordagem ao Arquivo do Mosteiro.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 27 de janeiro de 1533

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011706230004: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)

9.2. Documentos legais: Dec. nº 37728, DG 4 de 05 Janeiro 1950 (MN)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: Regular (Igreja) **I** Ruína (edifícios monásticos)

10.2. Autenticidade: não foi alvo de reconstruções ou intervenções que afectassem a sua autenticidade.

10.3. Integridade: igreja e edifícios monásticos são os iniciais

10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Restauro **I** Conservação **I** Consolidação

11.2. Cronologia das intervenções*:

DGEMN:

1961 – Restauro; Conservação; Limpeza

1986 - Obras de recuperação

Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG):
1994/1995 -Intervenção arqueológica no claustro.

11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)

11.4. Entidades: DGEMN **I** PNPG

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Consolidações
- Sistema explicativo do monumento em suportes ao ar livre
- Espaço de apoio / acolhimento em Pitões
- Acessos para idosos e deficientes
- Gestão do dia a dia: Junta de freguesia ou Câmara Municipal em conjugação com o Parque Nacional Peneda Gerês
- Indagar quais os elementos em situação de instabilidade
- Inventariação de cantarias derrubadas
- Controle de humidades
- Estudo de programa funcional
- Estudo de enquadramento Histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens
- Colocação de sinalização rodoviária
- Estudo de segurança (intrusão)
- Estudo diagnóstico de patologias com propostas de actuação
- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e incorporados no edifício

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011706230004: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

Foi lançado pelo Parque Nacional Peneda Gerês, em 1993, um concurso para o projecto de restauro e posterior transformação em eco-museu do mosteiro de Santa Maria das Júnias, que ficou sem efeito (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011706230004: Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

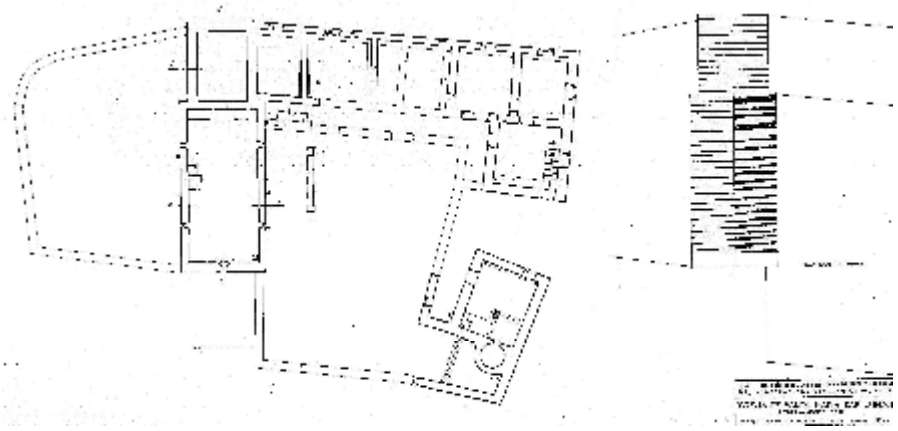


Fig. 1. Planta pelo nível das frestas, 1973 (DGEMN)

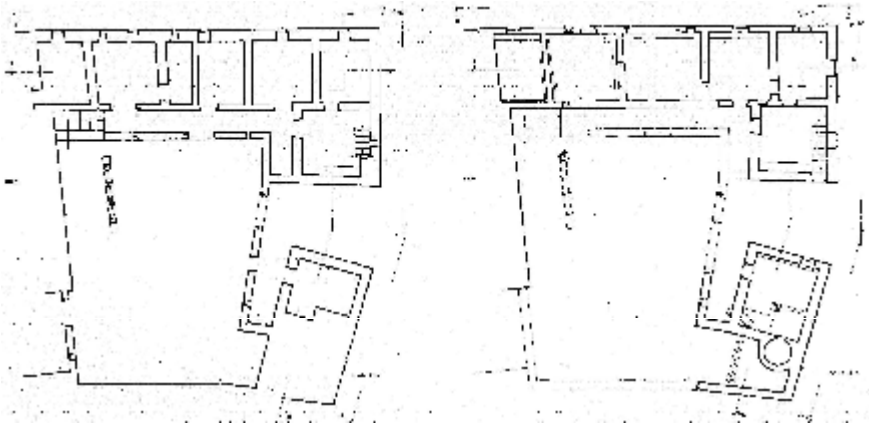


Fig. 2. Planta do piso térreo e do piso 1, 1974 (DGEMN)

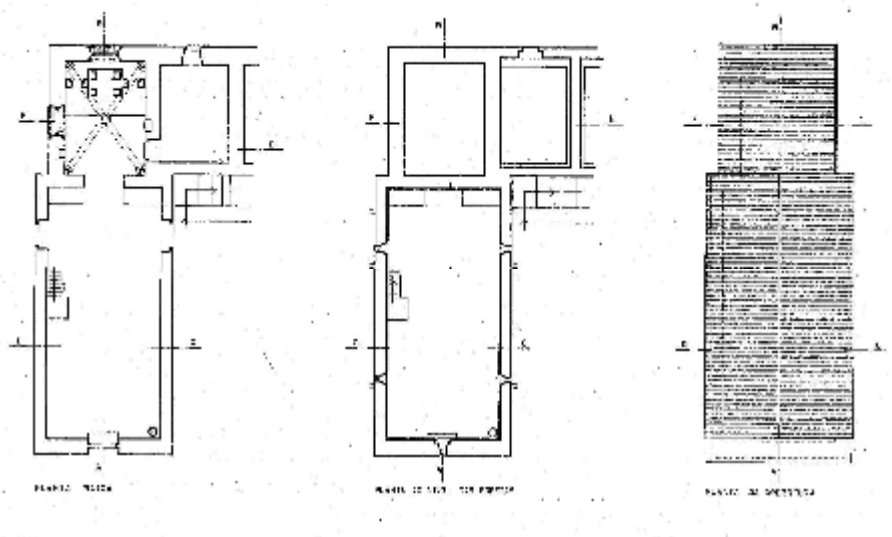


Fig. 3. Plantas – igreja, 1972 (DGEMN)

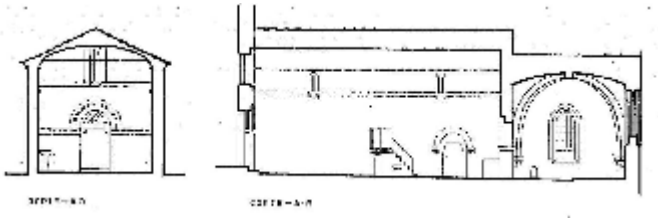


Fig. 4. Cortes transversal e longitudinal da igreja, 1972 (DGEMN)

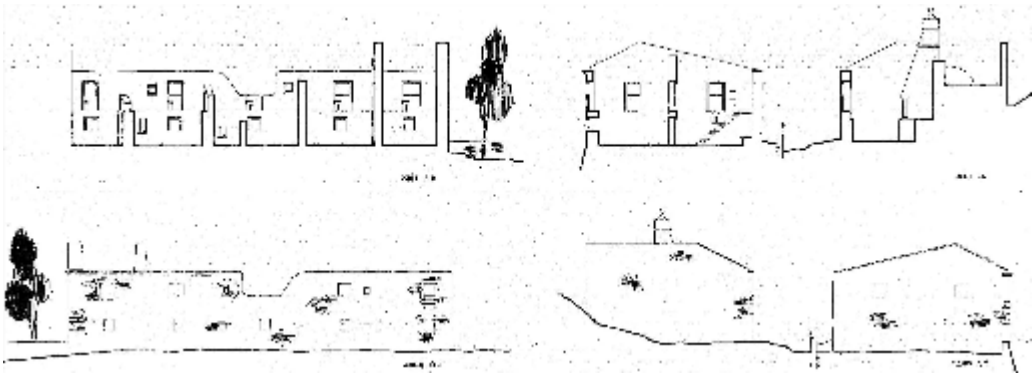


Fig. 5. Cortes e alçados do espaço monástico, 1974 (DGEMN)

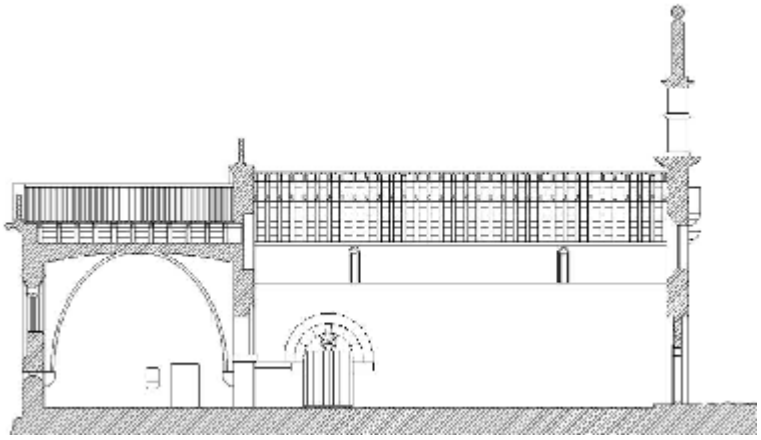


Fig. 6. Corte longitudinal Igreja

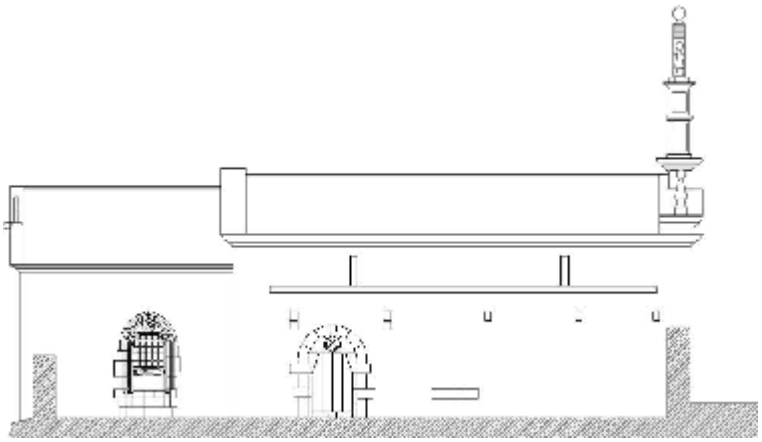


Fig. 7. Alçado igreja

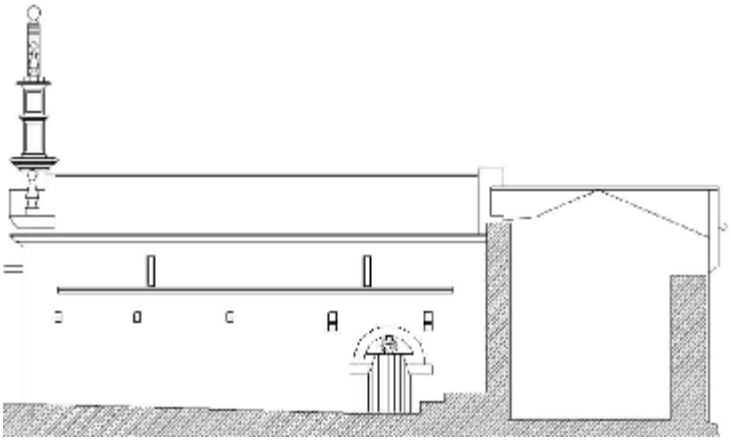


Fig. 8. Alçado igreja

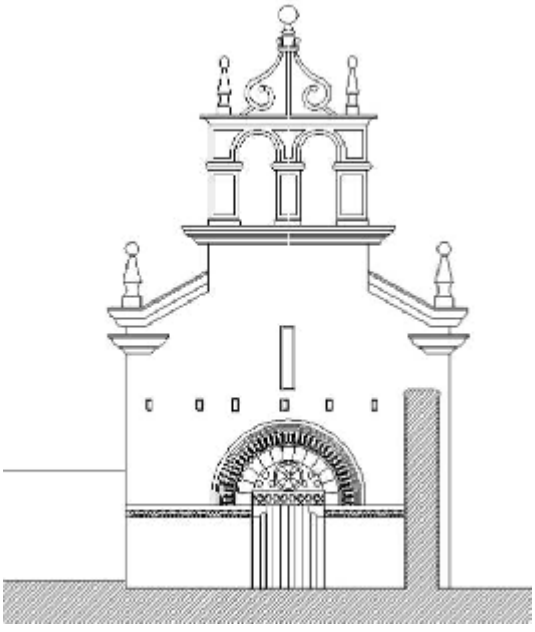


Fig. 9. Alçado anterior da igreja

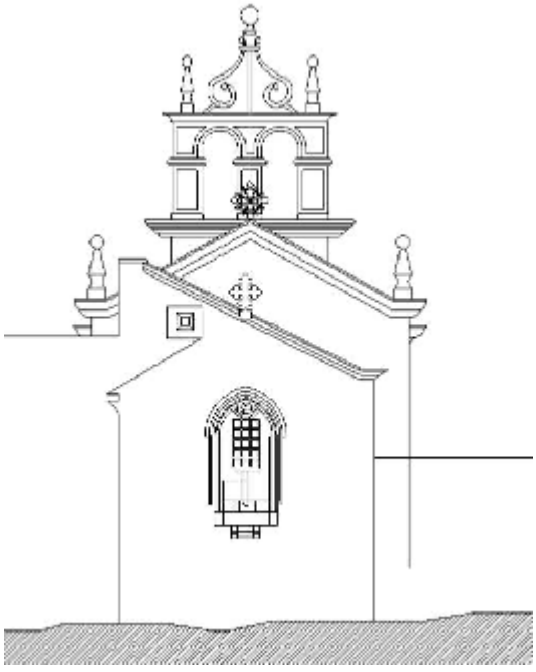


Fig. 10. Alçado posterior da igreja

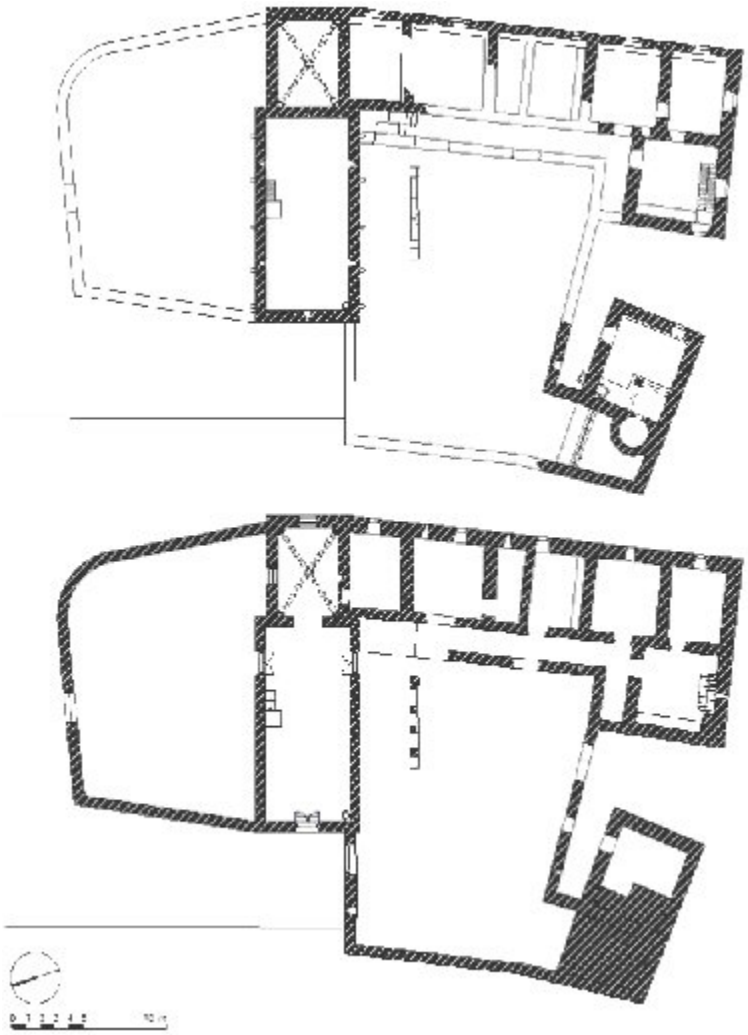


Fig. 11. Planta do piso térreo e do 1º piso (autora)

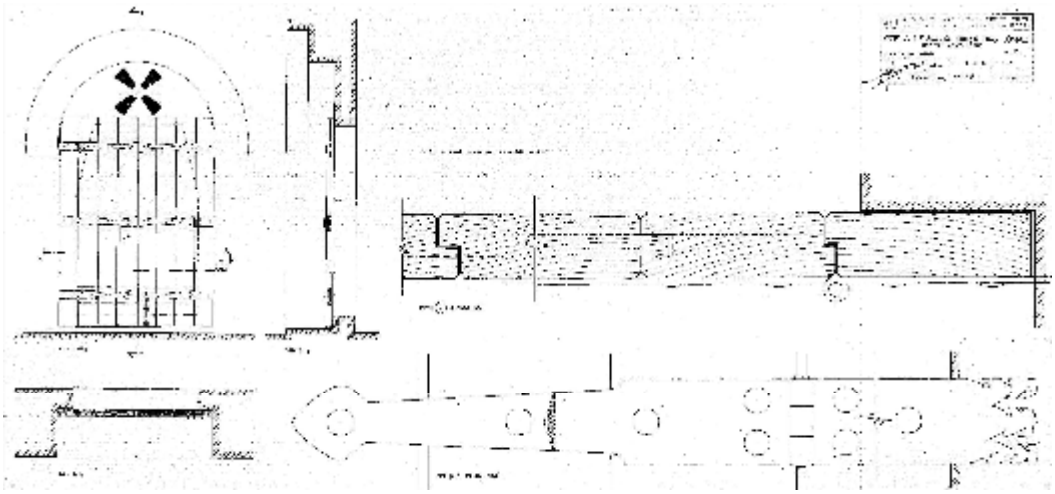


Fig. 12. Pormenor construtivo de porta, 1974 (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 13. Igreja e cerca, 1940 (DGEMN)

Fig. 14. Igreja e zona claustral, 1940 (DGEMN)

Fig. 15. Dormitórios, 1941 (DGEMN)

Fig. 16. Dormitórios e linha de água, 1941 (DGEMN)

Fig. 17. Igreja e restante edifício monástico, 1940 (DGEMN)

Fig. 18. Igreja e restante edifício monástico, 1940 (DGEMN)

Fig. 19. Igreja, 1940 (DGEMN)

Fig. 20. Igreja: janelão 1940 (DGEMN)

Fig. 21. Igreja, 1940 (DGEMN)

Fig. 22. Igreja: cobertura e campanário, 1940 (DGEMN)

Fig. 23. Cozinha: chaminé, 1940 (DGEMN)

Fig. 24. Igreja e cemitério, 1940 (DGEMN)

Fig. 25. Igreja: porta dos mortos, 1940 (DGEMN)

Fig. 26. Igreja: porta dos monges, 1940 (DGEMN)

Fig. 27. Mosteiro e envolvente imediata, 2001 (autora)

Fig. 28. Envolvente imediata, 2001 (autora)

Fig. 29. Mosteiro e envolvente imediata, 2001 (autora)

Fig. 30. Claustro, 2001 (autora)

Fig. 31. Claustro, 2001 (autora)

Fig. 32. Cozinha, 2001 (autora)

Fig. 33. Janelão da capela-mor, 2001 (autora)

Fig. 34. Edifício monástico, 2001 (autora)

Fig. 35. Edifício monástico, 2001 (DGEMN)

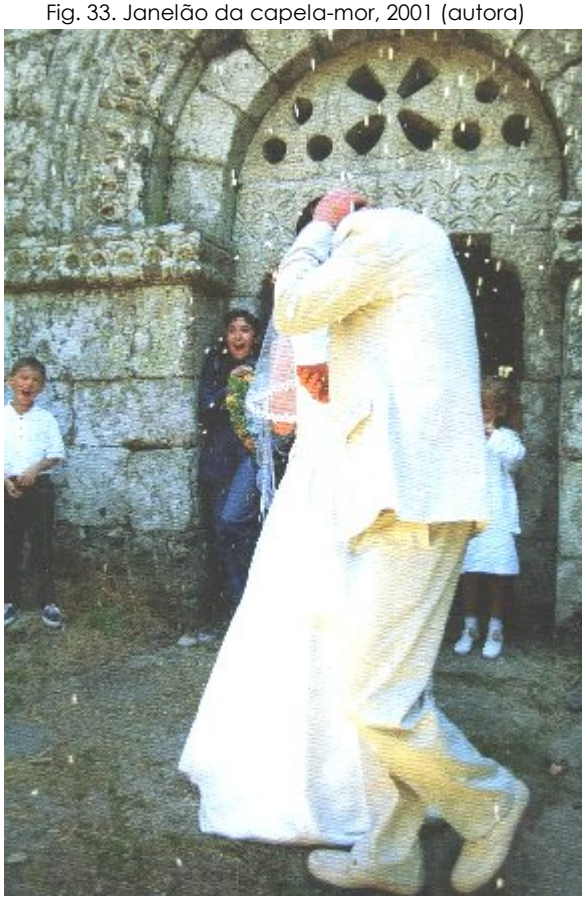


Fig. 36. Casamento na Igreja (Revista Pública)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 37. Igreja, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

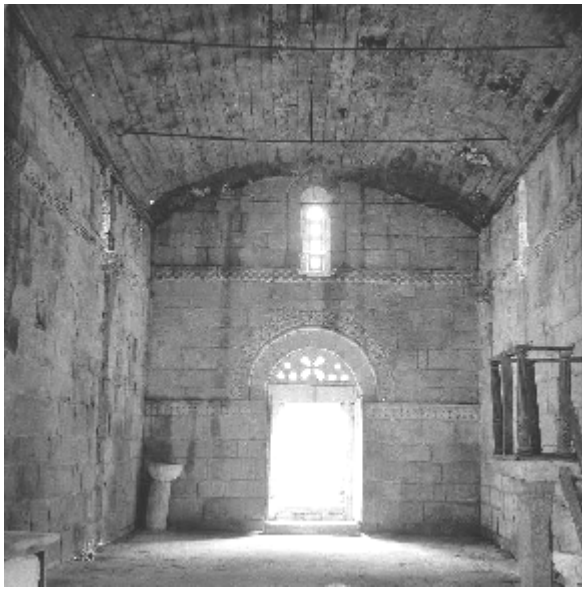


Fig. 38. Igreja, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

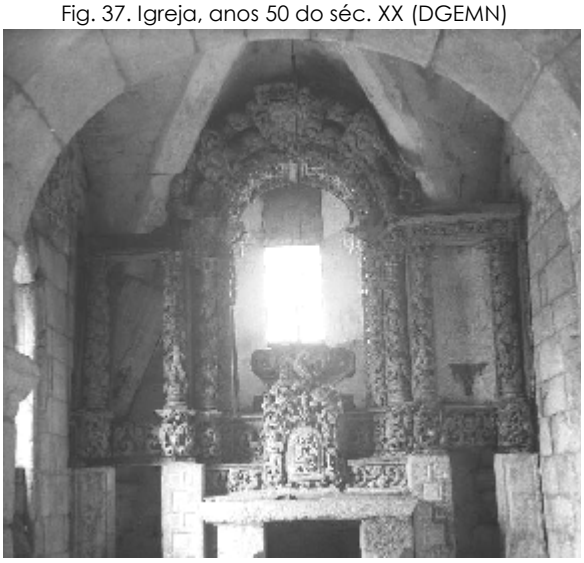


Fig. 39. Capela-mor, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 40. Púlpito, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

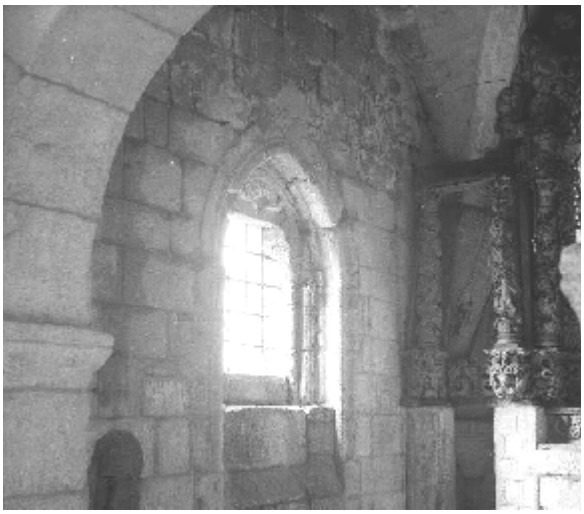


Fig. 41. Janelão da capela-mor, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 42. Altar colateral, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 43. Cobertura em ripado de madeira (DGEMN)

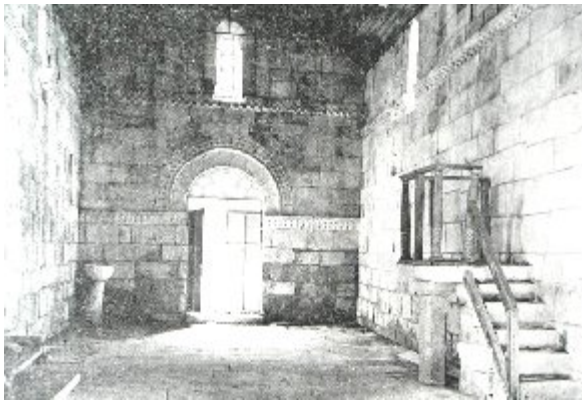


Fig. 44. Igreja, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 45. Porta dos mortos, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 46. Portal oeste, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

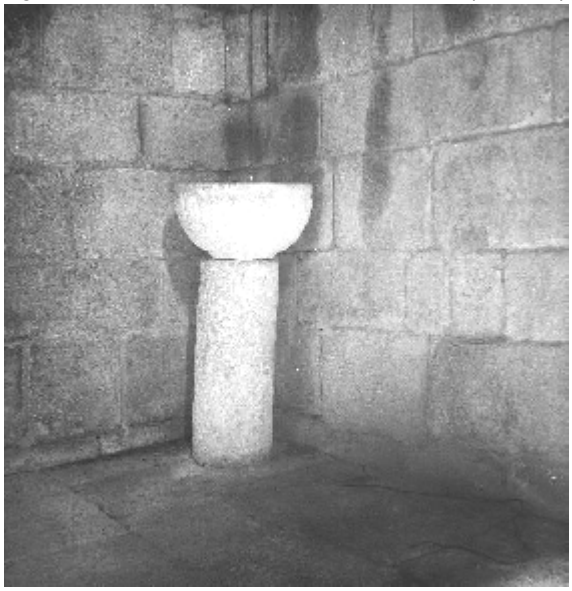
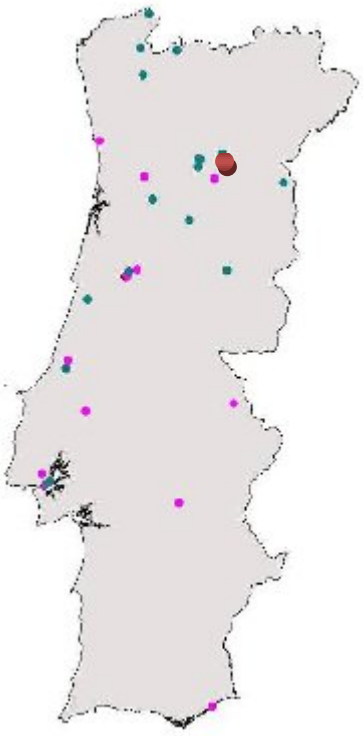


Fig. 47. Pia baptismal, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE S. PEDRO DAS ÁGUIAS, o velho

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de São Pedro das Águias (o velho)
1.2. Outras denominações: Mosteiro de S. Pedro das Águias **I** Igreja de São Pedro das Águias **I** Igreja românica de São Pedro das Águias **I** Eremitério de São Pedro das Águias
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Igreja de São Pedro das Águias
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011819070009
1.5. IPPAR – Designação: Igreja românica de São Pedro das Águias
1.6. IPPAR – nº de identificação: 4377
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiado no Séc. XII / XIII (1205 segundo Maria Alegria Marques)
Claraval- Tarouca - São Pedro das Águias
1.8. Diocese: Lamego
1.9. Construção: Séc. XII/XIII
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Trás-os-Montes
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: Tabuaço
2.4. Freguesia: Granjinha
2.5. Direcção Postal:
Lugar de São Pedro das Águias

3. ACESSIBILIDADES

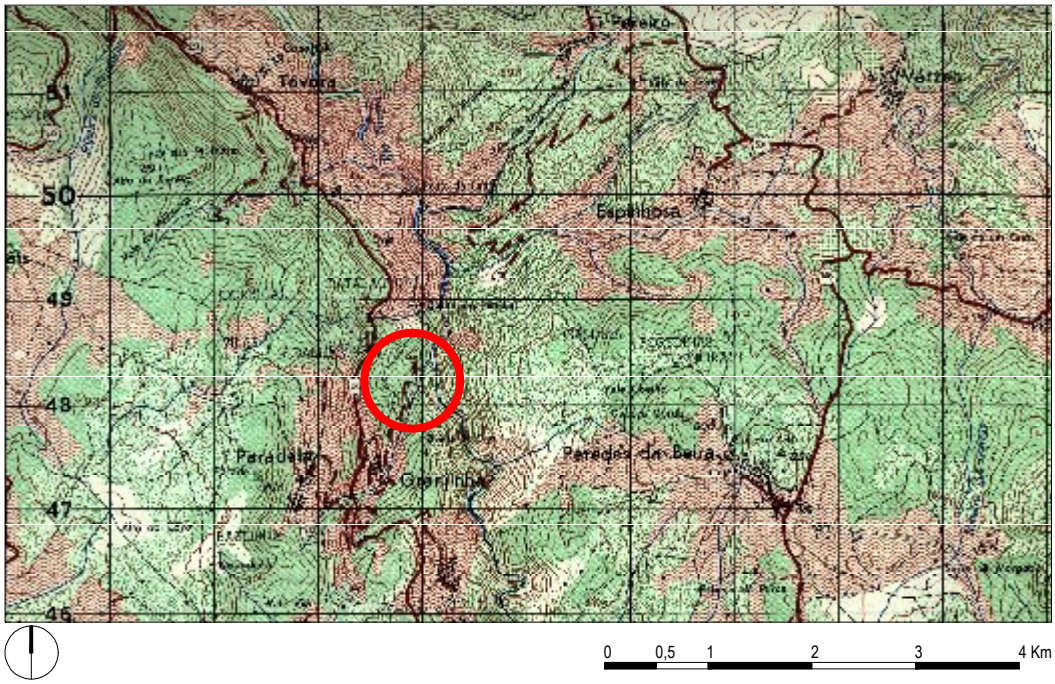
3.1. Acessos: Ramal sinalizado na EN 323, ao km 50, para a EM 516, a 1 km para CM 1116 a 1,5 km na povoação de Granjinha

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Ocasionalmente Visitável
3.4. Condicionantes de visita: contactar com antecedência a Junta de freguesia
3.5. Contactos: Câmara Municipal de Tabuaço
Rua António José de Almeida, nº 36 **I** 5120 TABUAÇO
tel. +351 254 78 00 00 **I** *fax* +351 25479142
email: tabuaco@cm-tabuaco.pt
http://www.cm-tabuaco.pt

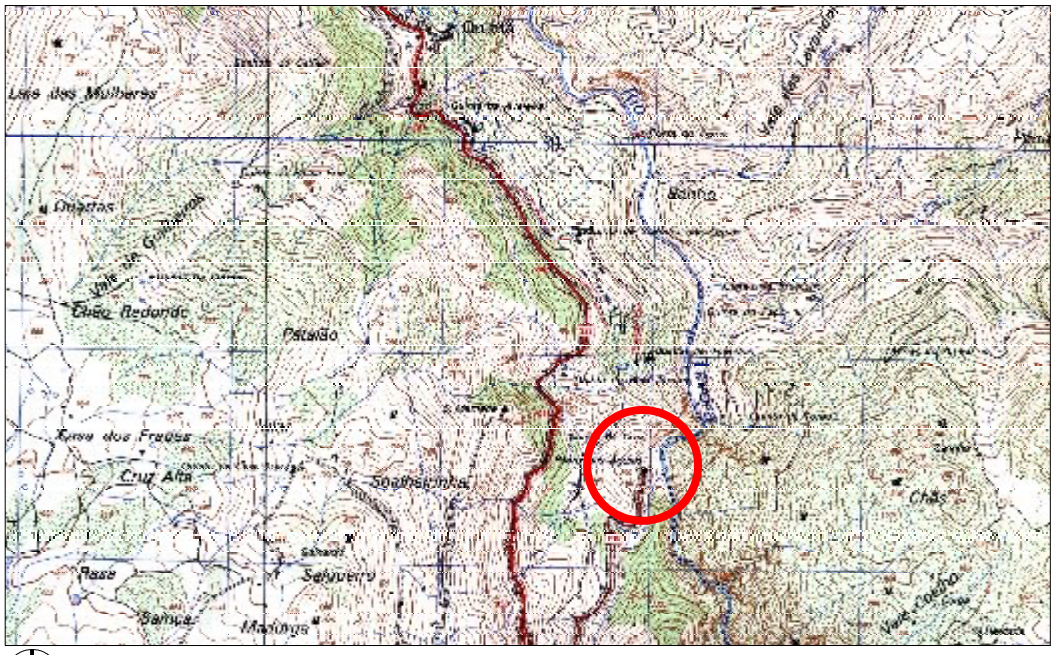
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

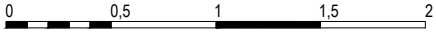
4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº14-I MOIMENTA DA BEIRA (1982)



(desenho da autora sobre carta militar série M782)

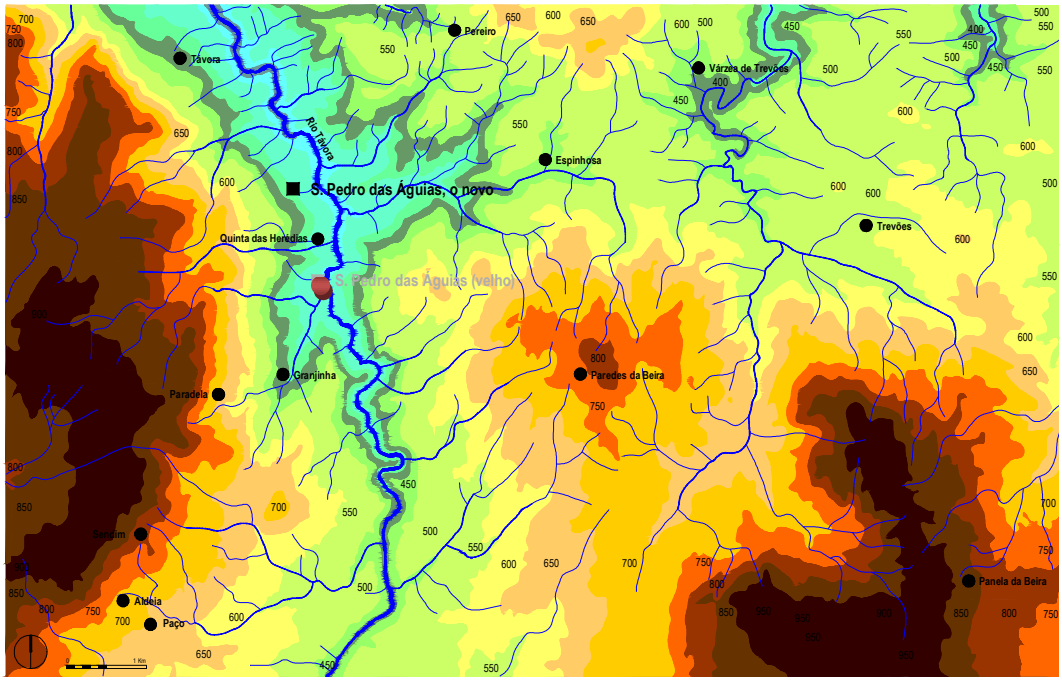
4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº139 PAREDES DA BEIRA (1998)





(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Rio Távora)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41º 04' 32" N **I** Longitude: 7º 30' 49"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 252046 **I** Y: 456482

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: TECTA 93 **I** rolo nº: 29 **I** fotografia nº 8614

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

4.8. Envolvente: Rural

4.9. Altitude: 260 m

4.10.Proximidades e relações: Mosteiro de São Pedra das Águias-a-Novo **I** Tabuaço **I** Quinta das Herédias **I** Paisagem

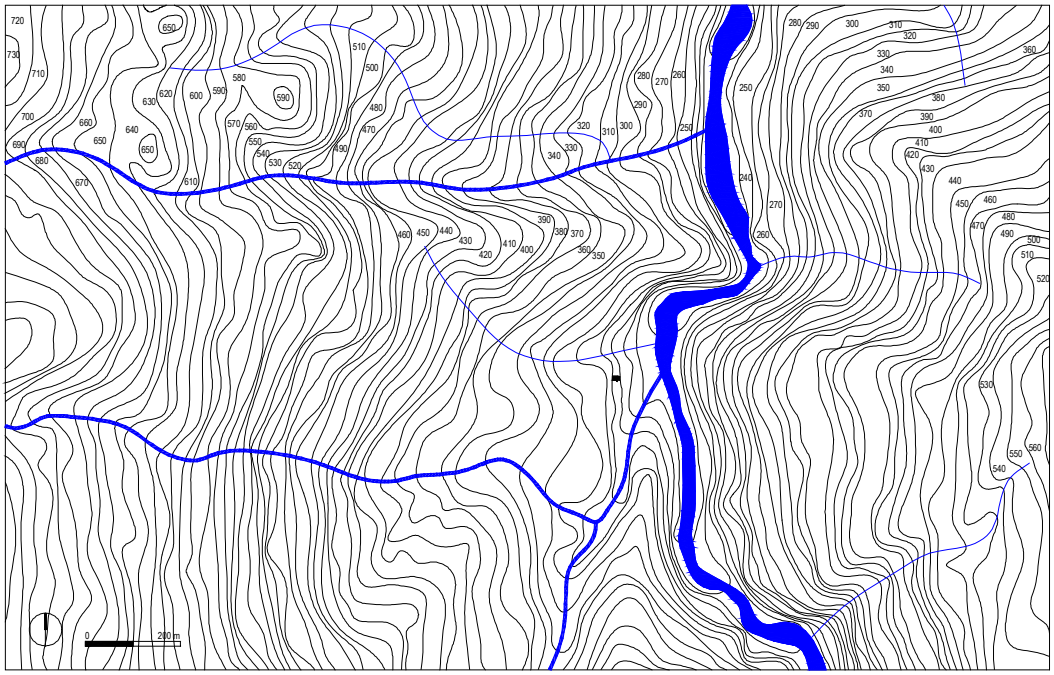
4.11 Obs.:

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Igreja
5.2. Afectação / Ocupação: Sem afectação e/ou ocupação

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro (inicialmente) **I** Igreja
6.2. Estilo dominante: Românico
6.3. Estilos paralelos: n/a
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: O edifício apresenta-se constituído por volumes articulados apresentando coberturas diferenciadas com telhados de duas águas que assenta em cornija sustentada por cachorros.
Os portais axial e lateral possuem arco de volta inteira, com arquivoltas assentes em colunelos com capitel sendo os tímpanos trabalhados e decorados com formas figurativas e simbólicas encontrando-se motivos geométricos, zoomórficos e antropomórficos dos quais se destacam um Agnus Dei e uma Croix Nouée. Destaca-se ainda a inscrição no fecho do arco do portal norte.
A fachada principal orientada, a oeste e a lateral esquerda oeste apresentam dois portais como foi referido. O portal principal é de arco subido apoiado em dois colunelos de cada lado com capitéis sobre os

quais assentam quatro esculturas zoomórficas. Imposta e tímpano decorado com laçaria. A fachada principal encontra-se apenas a 1m da escarpa rochosa. À esquerda arco de volta inteira em muro que se liga ao penhasco.

Alçado norte apresenta portal lateral composto por dois colunelos e capitéis esculpidos, lintel e tímpano com o Agnus Dei, dupla arcaria de volta inteira lavrada; duas frestas; cachorrada e cornija. Em plano mais recuado corpo da capela-mor com friso, cachorrada e cornija.

Alçado este composto por embasamento, friso, fresta que centralmente se lhe sobrepõe e cornija rematada no topo por cruz.

Alçado sul, correspondente ao corpo da nave, é assente parcialmente sobre afloramentos rochosos, com duas frestas, cachorrada e cornija. A capela-mor compõe-se de friso, fenestração, cachorrada e cornija.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011819070009: Igreja de São Pedro das Águias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

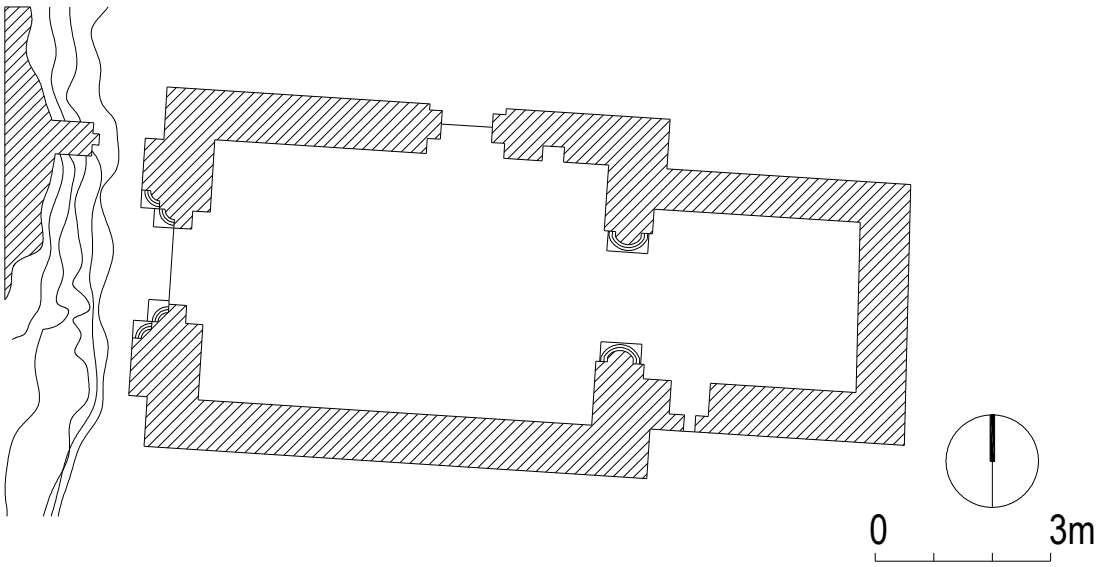
6.6. Descrição do interior: A igreja apresenta uma planta longitudinal, composta de nave única e capela-mor rectangular. A cabeceira situa-se em plano inferior ao da nave sendo a articulação exterior/interior desnivelada. Interior de nave única, com acesso através de escadaria descendente em ambas as entradas.

Capela-mor com fenestração rectangular e nicho do lado da epístola, e cega do lado do evangelho.

Arco triunfal conformando uma quase ferradura assente em colunas dotadas de capitéis esculpidos.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011819070009: Igreja de São Pedro das Águias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial
6.9. Igreja – cabeceira: rectangular
6.10. Claustros existentes – nº: nenhum
6.11. Claustros existentes – forma: N/A
6.12. Materiais: Estrutura autónoma **I** Paredes em silhares de cantaria de granito **I** Estrutura das coberturas (nave e capela-mor) em madeira **I** telha
6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Desconhecido(s)
6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (sem cerimónias regulares)
7.3. Cronologia de usos: Utilização religiosa permanente

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia:
1117 - Escritura ou prazo de confirmação ligado à fundação do mosteiro entre os frades beneditinos e D. Pedro Ramires e D. João Ramires, padroeiros do mosteiro;
1170 - a igreja consta como pertencendo à Ordem de Cister.
8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: N/A
8.3. Obs.: não foi visitado uma vez que o mosteiro de São Pedro das Águias foi alvo de mudança de sítio (para São Pedro das Águias, o novo, esse sim alvo da visitação do abade de Claraval, D. Edme de Salieu

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de interesse público (IIP)
9.2. Documentos legais: Dec. nº 39175, DG 77 de 17 Abril 1955 (IIP) I DG 132 de 04 Junho 1954 (cria a zona especial de protecção - ZEP)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular

10.2. Autenticidade: reconstrução quase em toda a totalidade do edificado da igreja, durante o séc. XX, pela DGEMN, segundo teorias em voga na época.
10.3. Integridade: totalmente reconstruída a igreja durante o séc.XX.
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Recuperação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções:
DGEMN:
1953/ 1955 - restauro e recuperação geral da igreja

os elementos arruinados encontravam-se todos no perímetro do edificado sendo para isso necessário:
-Remoção de terras e cantarias para organizar os elementos derrubados e espalhados.
-Demolição de paredes mais recentes e outras em ruína que se encontravam adossadas ao remanescente da Igreja.
-Recalçamento das paredes e alicerces que subsistiram.
-Reposição e apeamento das paredes e elementos que ameaçavam ruir.
-Recuperação de silharias do mosteiro entretanto usadas para a elaboração de muros de um antigo cemitério e muros vizinhos.
-Recuperação das paredes em falta com recurso às cantarias dos muros vizinhos.
-Travamento das paredes através da execução de frechais de betão armado com tirante ferro.
-Desmontagem dos pavimentos interiores assim como da escada de modo a ser possível a sua impermeabilização
-Montagem do altar-mor e pia baptismal entretanto encontrados no meio dos escombros.
-Construção de drenos para escoamento das águas.
-Construção de passeios exteriores
-Construção e assentamento do madeiramento dos telhados e portas.
-Construção de cobertura com telhas idênticas àquelas que foram encontradas entre as ruínas.
-Construção e assentamento de vitrais apropriados.
-Tomada de juntas em profundidade e limpeza de ervas daninhas

1963 - reparação geral dos telhados e portas exteriores

1997 - reparação da cobertura.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011819070009: Igreja de São Pedro das Águias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)

11.4. Entidades: DGEMN

11.5. Propostas:

- Estudo histórico, arquitectónico e arqueológico
- Estudo de elementos arquitectónicos dispersos nas proximidades
- Estudo sobre as potencialidades de valorização
- Estudo para a criação de um espaço explicativo que inclua a sinalética interpretativa do monumento
- Colocação de sinalização rodoviária

11.6. Obs.: Segundo um cronista de alcobaça, teriam sido os irmãos D. Tedon e D. Rausendo os constructores da Igreja de S. Pedro das Águias

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

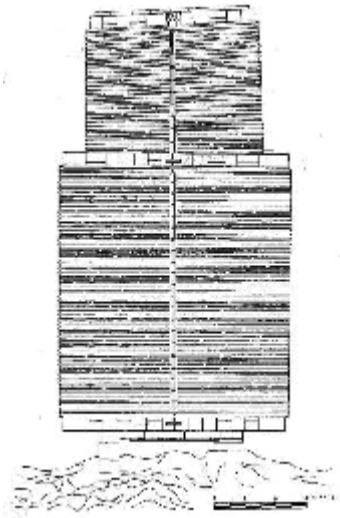


Fig. 1. Planta das coberturas, 1955 (DGEMN)

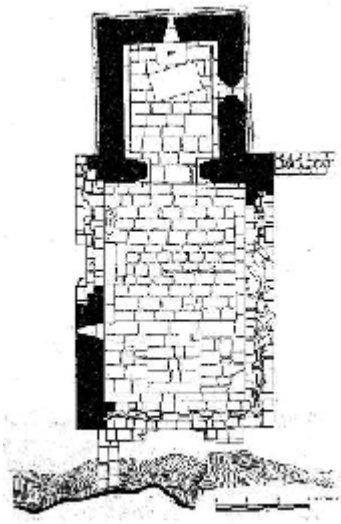


Fig. 2. Planta do rés-do-chão, 1955 (DGEMN)

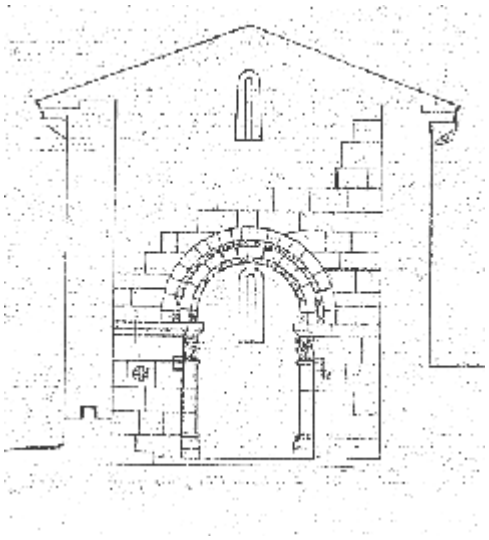


Fig. 3. Alçado principal, 1955 (DGEMN)

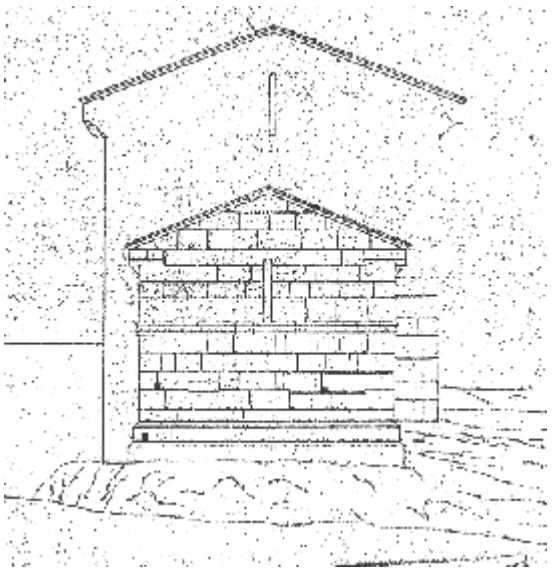


Fig. 4. Alçado posterior, 1955 (DGEMN)

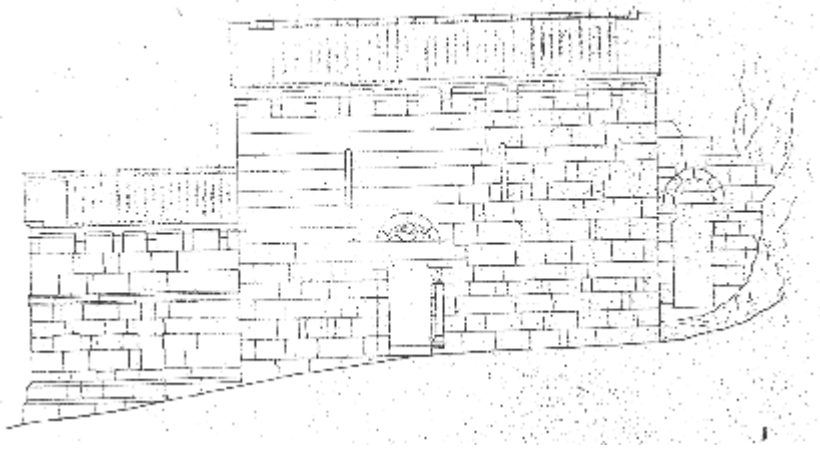


Fig. 5. Alçado lateral com portal, 1955 (DGEMN)

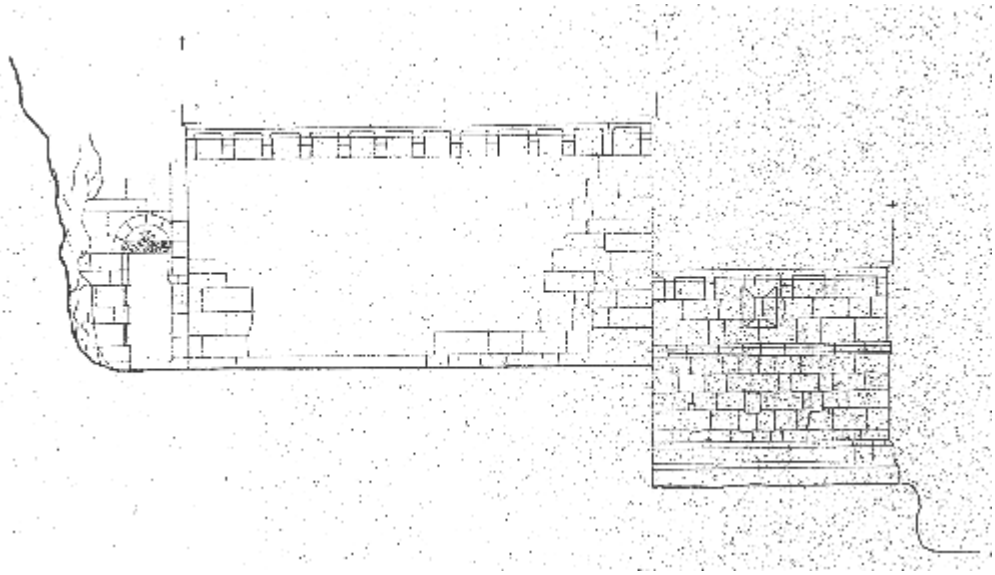


Fig. 6. Alçado lateral, 1955 (DGEMN)

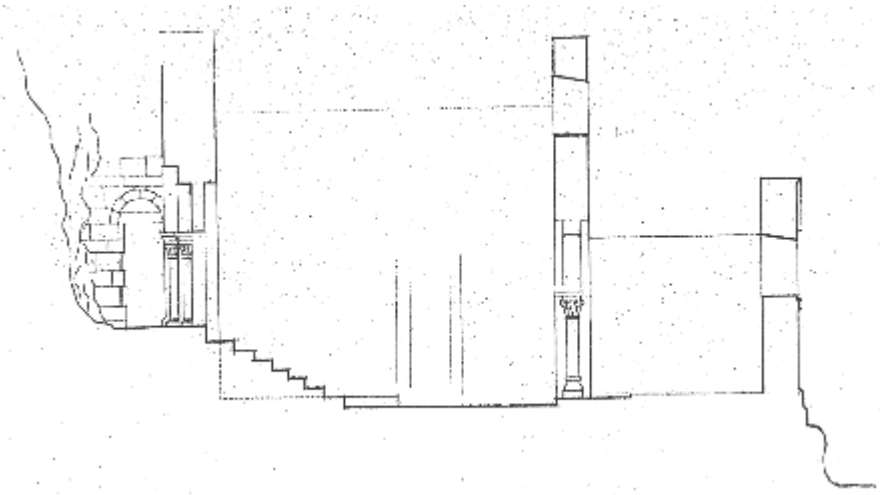


Fig. 7. Corte longitudinal, 1955 (DGEMN)

Fig. 8. Estudo para a reconstrução da fachada principal, 1955 (DGEMN)

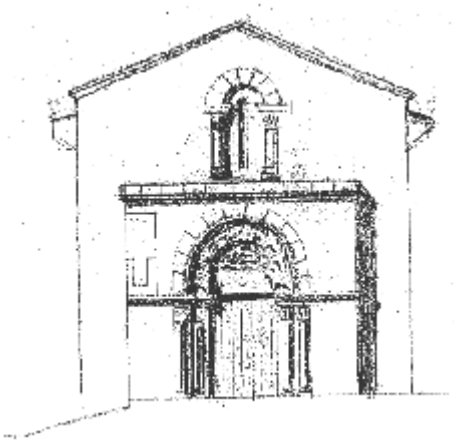


Fig. 9. Estudo para a reconstrução da fachada principal, 1955 (DGEMN)

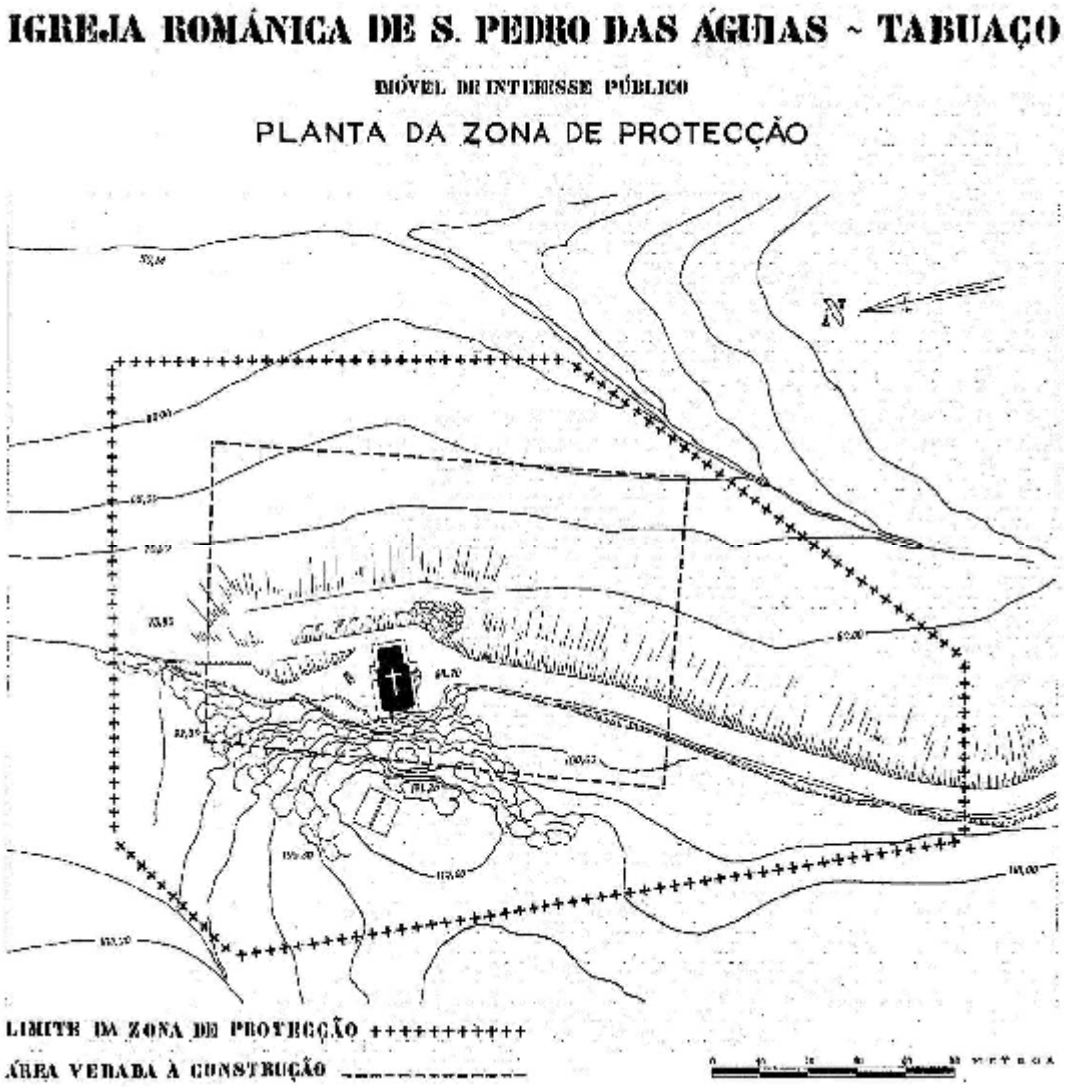


Fig. 10. Limites ZEP, 1954 (DGEMN)

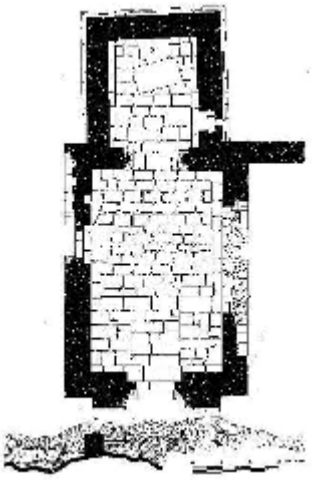


Fig. 11. Planta do rés-do-chão, 1954 (DGEMN)

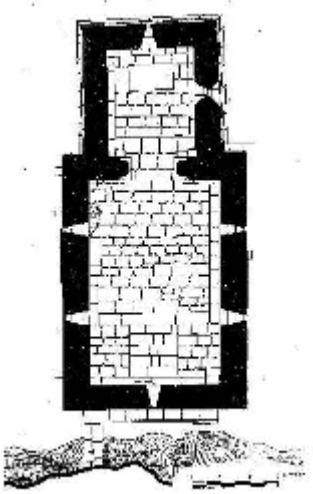


Fig. 12. Planta pelas frestas, 1954 (DGEMN)

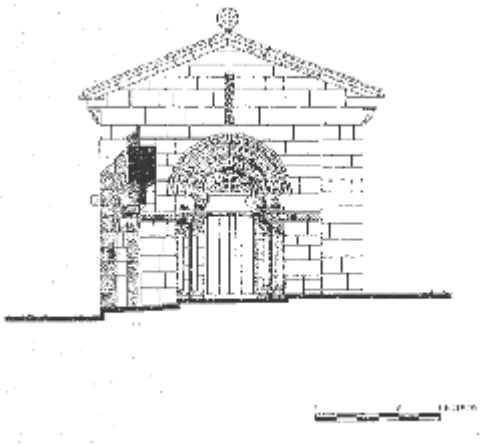


Fig. 13. Alçado oeste, 1954 (DGEMN)

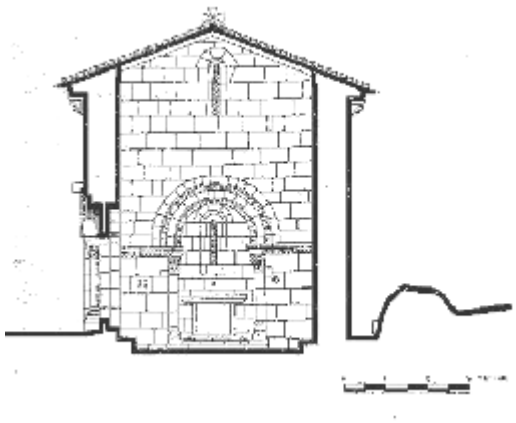


Fig. 14. Corte transversal, 1954 (DGEMN)

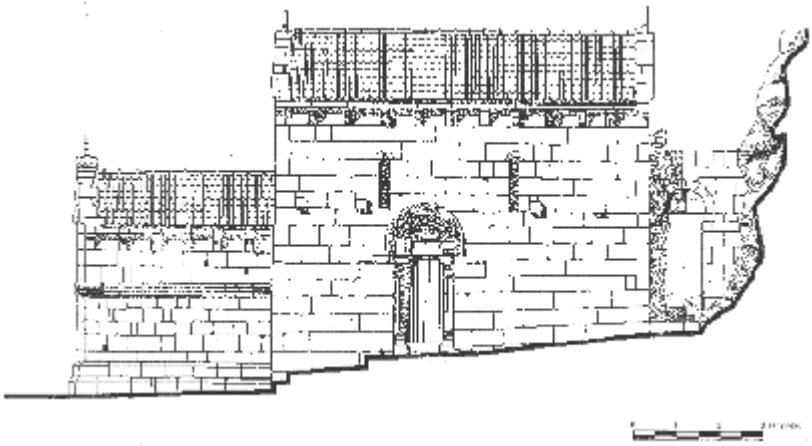


Fig. 15. Alçado Sul, 1954 (DGEMN)

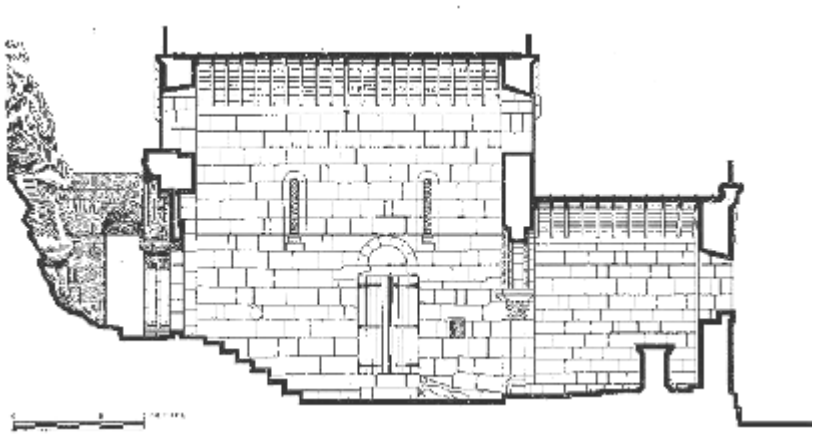


Fig. 16. Corte longitudinal, 1954 (DGEMN)

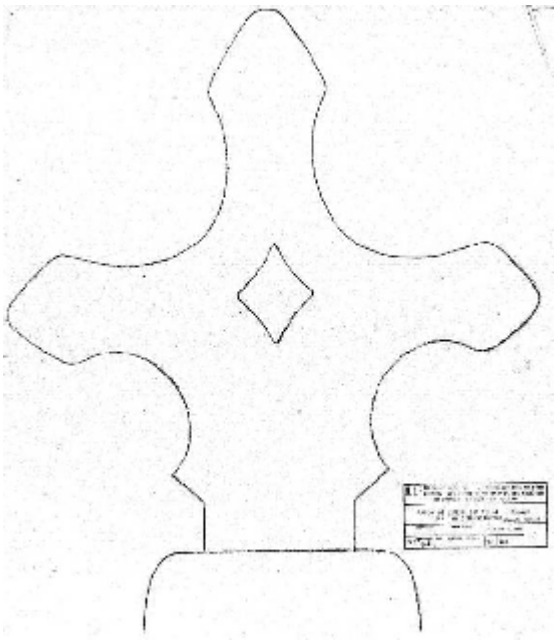


Fig. 17. Alçado de cruz para o arco do cruzeiro, 1954 (DGEMN)

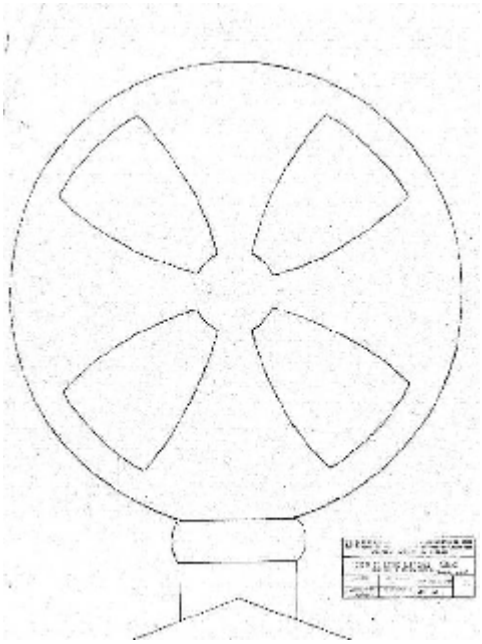


Fig. 18. Alçado de cruz para vértice da fachada principal, 1954 (DGEMN)

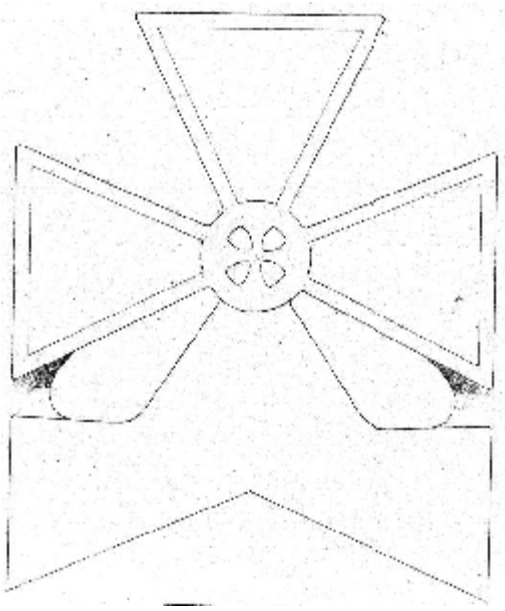


Fig. 19. Alçado de cruz para vértice da fachada da capela-mor (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

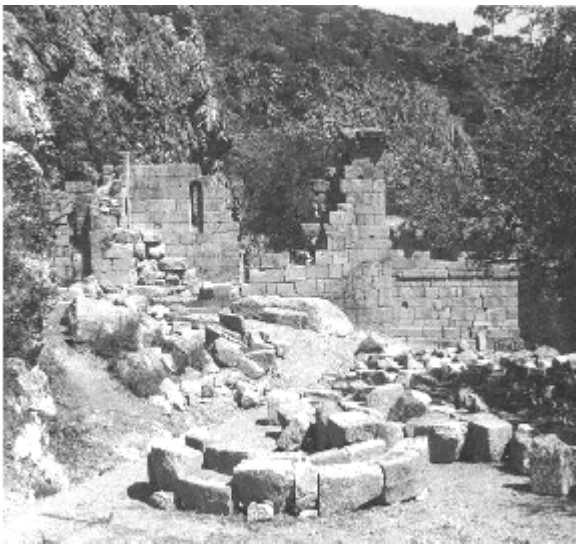


Fig. 20. Ruina lateral norte, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 21. Cabeceira, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 22. Portal Este, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 23. Cabeceira, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

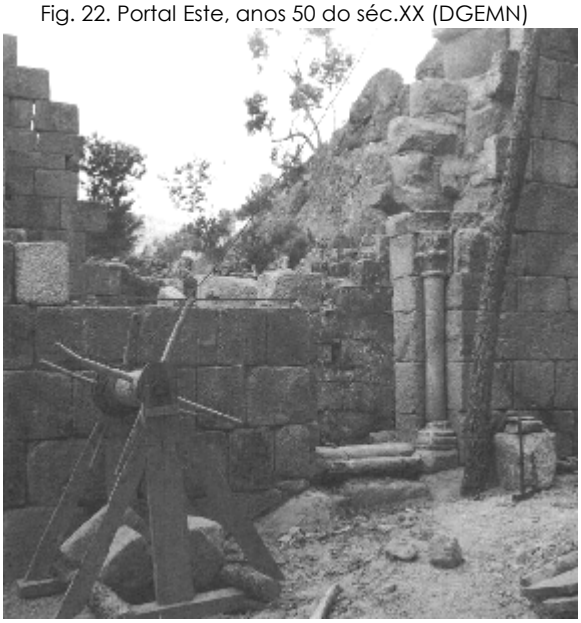


Fig. 24. Obras DGEMN, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 25. Obras DGEMN, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 26. Envolvente, 2005 (autora)

Fig. 27. Cabeceira, 2005 (autora)

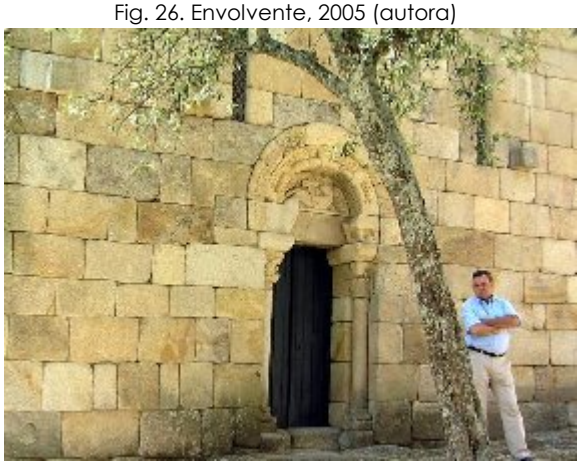


Fig. 28. Portal sul, 2005 (autora)

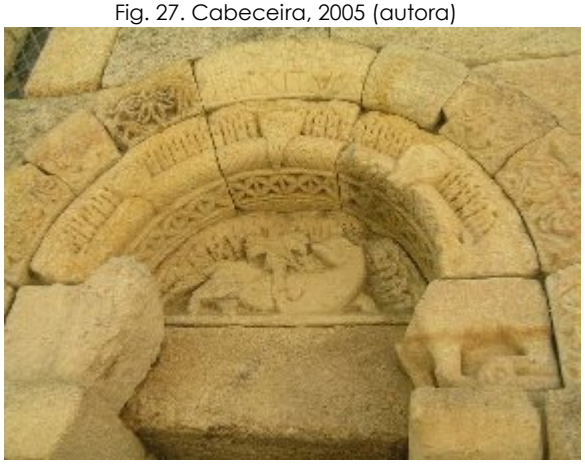


Fig. 29. Tímpano do portal sul, 2005 (autora)

Fig. 30. marca de canteiro, 2005 (autora)

Fig. 31. marca de canteiro, 2005 (autora)

Fig. 32. Tímpano do Portal Oeste, 2005 (autora)

Fig. 33.Capiteis do Portal Oeste, 2005 (autora)

Fig. 34. Portal Oeste, detalhe, 2005 (autora)

Fig. 35. Portal Oeste, detalhe, 2005 (autora)

Fig. 36. Portal lateral, detalhe, 2005 (autora)

Fig. 37. Portal Oeste, detalhe, 2005 (autora)

Fig. 38. Portal lateral, 2005 (autora)

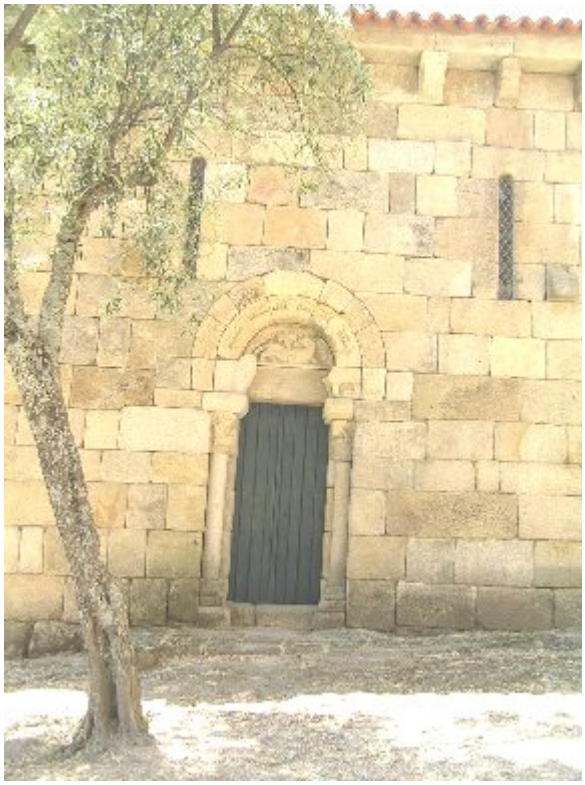


Fig. 39. Portal sul, 2005 (autora)

Fig. 40. Portal Oeste, detalhe, 2005 (autora)

Fig. 41. Portal Oeste, detalhe, 2005 (autora)

Fig. 43. Portal lateral (DGEMN)

Fig. 42. Cabeceira, 2005 (autora)

Fig. 44. Cabeceira, após obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 45. Alçado Sul, após obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 46. Alçado norte (DGEMN)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 47. Arco triunfal e capela-mor, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 48. Arco triunfal e capela-mor, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

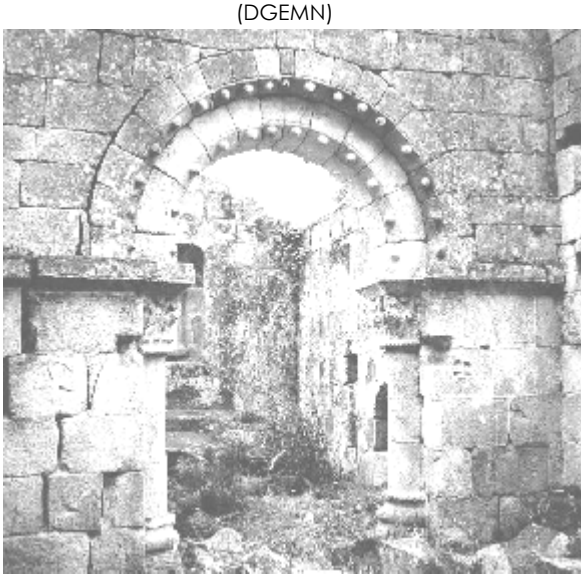


Fig. 49. Arco triunfal e capela-mor, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

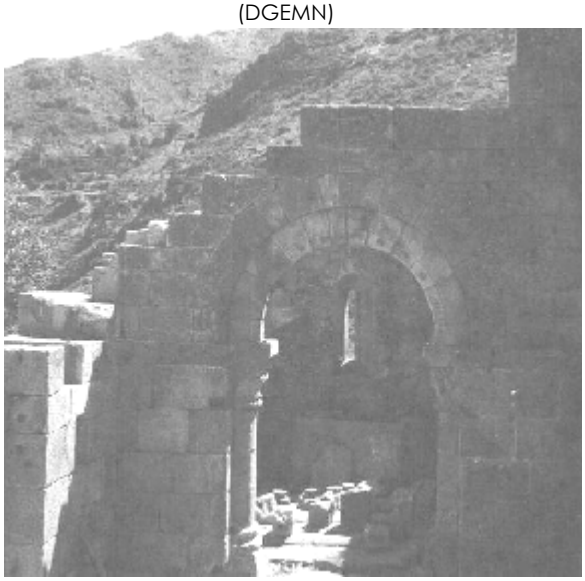


Fig. 50. Arco triunfal e capela-mor, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 51. Capela-mor, anos 50 do séc.XX (DGEMN)

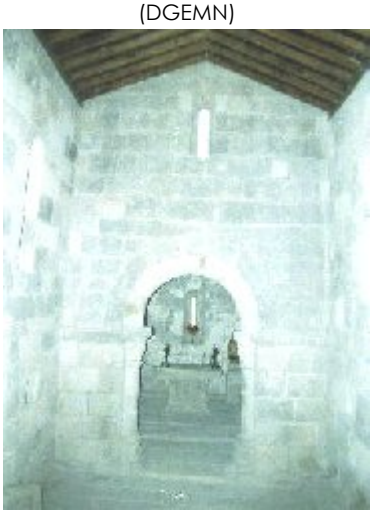


Fig. 52. Igreja, final do séc.XX (DGEMN)

Fig. 53. Capela-mor, final do séc.XX (DGEMN)

Fig. 54. Capela-mor, final do séc.XX (DGEMN)

A.4. Croquis:

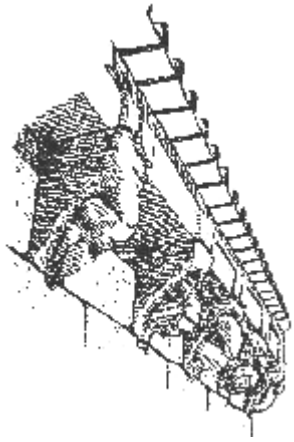


Fig. 55. Detalhe (DGEMN)

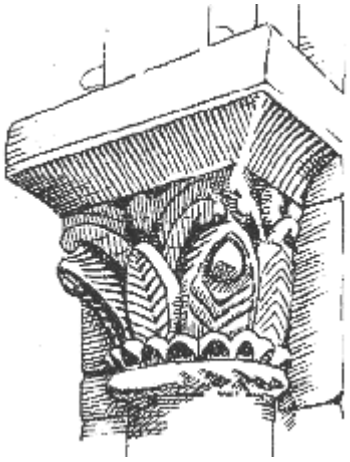


Fig. 56. Capitel (DGEMN)

Fig. 57. Capitel (DGEMN)

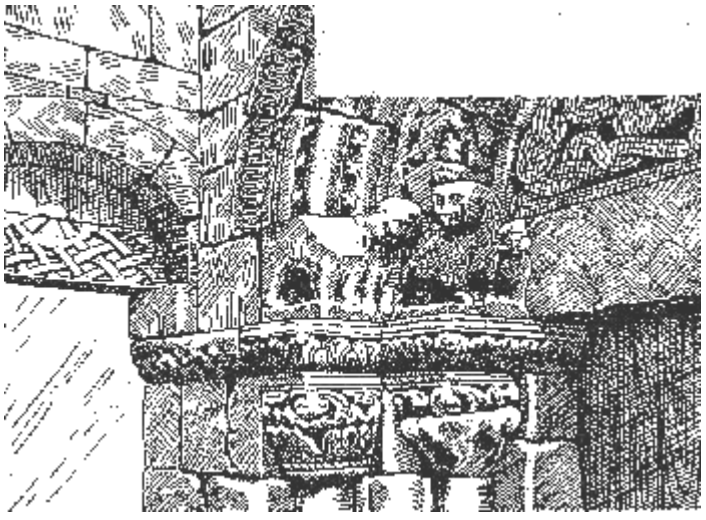


Fig. 58. Detalhe (DGEMN)

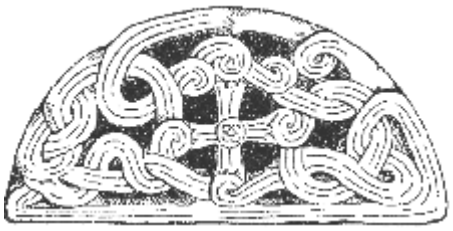
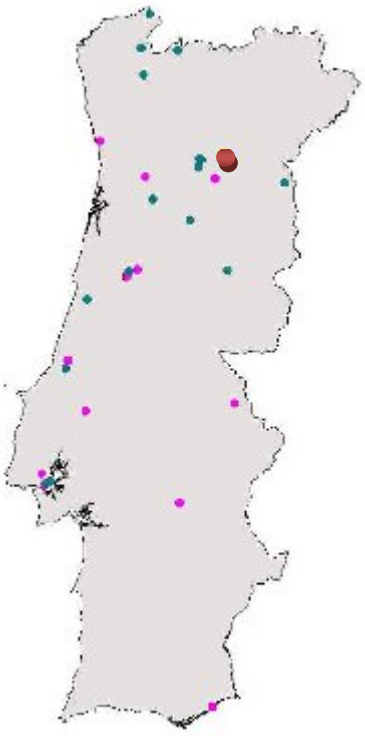


Fig. 59. Detalhe (DGEMN)



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE S. PEDRO DAS ÁGUIAS, o novo

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de São Pedro das Águias
1.2. Outras denominações: Mosteiro de S. Pedro das Águias, o velho **I** Convento de São Pedro das Águias **I** Convento das Águias **I** Quinta do Convento de São Pedro das Águias **I** Quinta do Convento
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Convento das Águias / Mosteiro de São Pedro das Águias
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011819150013
1.5. IPPAR – Designação: Convento das Águias
1.6. IPPAR – nº de identificação: 155
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiado no Séc. XVI (reconstrução séc. XVI e união a Alcobaça)
Claraval - Tarauca - São Pedra das Águias
Claraval - Alcobaça - São Pedra das Águias (novo)
1.8. Diocese: Lamego
1.9. Construção: Séc. XII / XVI / XVII / XVIII / XX / XXI
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Trás-os-Montes
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: Tabuaço
2.4. Freguesia: Távora
2.5. Direcção Postal:
Quinta do Convento de São Pedro das Águias
Távora
5120 TABUAÇO
tel. + 351 254782070

3. ACESSIBILIDADES

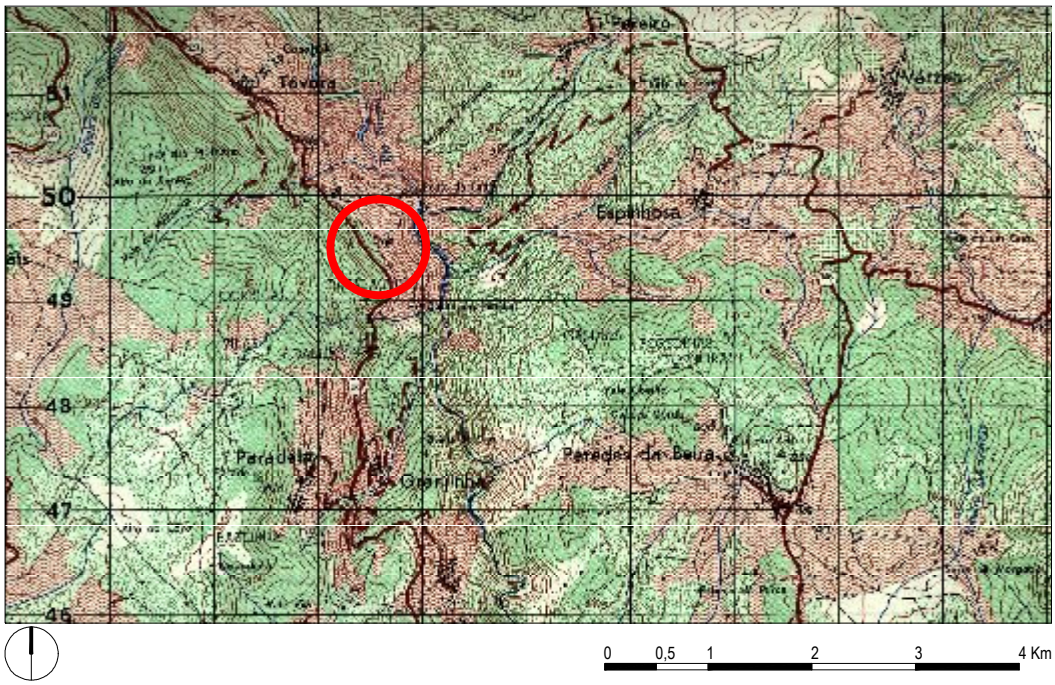
3.1. Acessos:
EN 323, no sentido Tabuaço-Moimenta da Beira, virar à esquerda, a 500 m, por ramal sinalizado.
3.2. Grau de Acessibilidade: Regular
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: contactar com antecedência a *Quinta do Convento de São Pedro das Águias* **I** *Távora* **I** 5120 TABUAÇO **I** tel. + 351 254782070

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.5. Contactos: Câmara Municipal de Tabuaço
Rua António José de Almeida, nº 36 **I** 5120 TABUAÇO
tel. +351 254 78 00 00 **I** *fax* +351 25479142
email: tabuaco@cm-tabuaco.pt
http://www.cm-tabuaco.pt

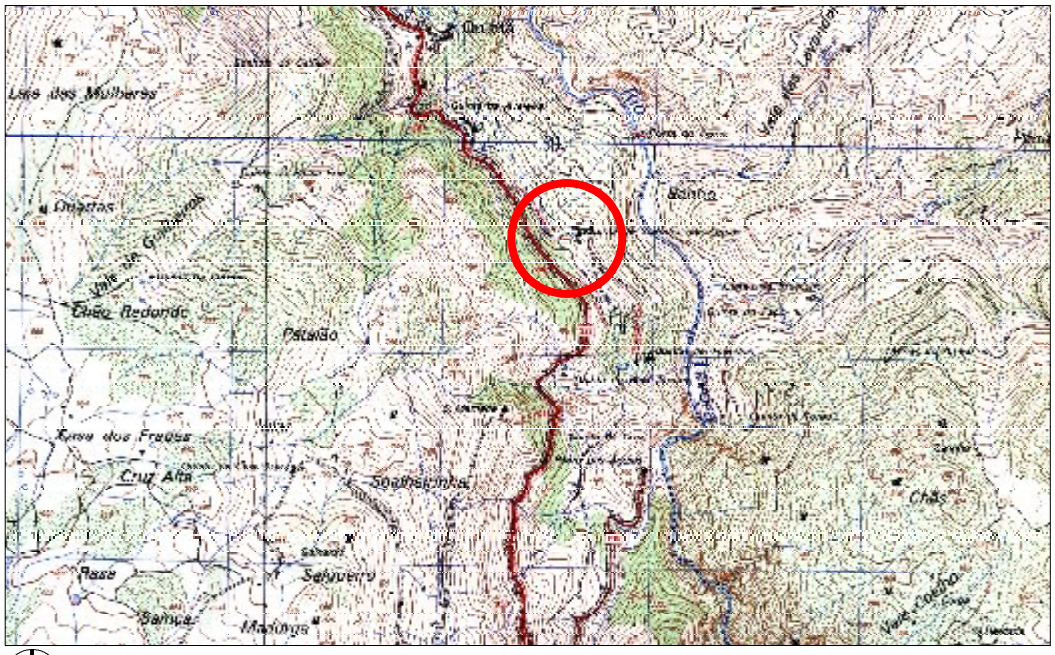
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº14-I MOIMENTA DA BEIRA (1982)



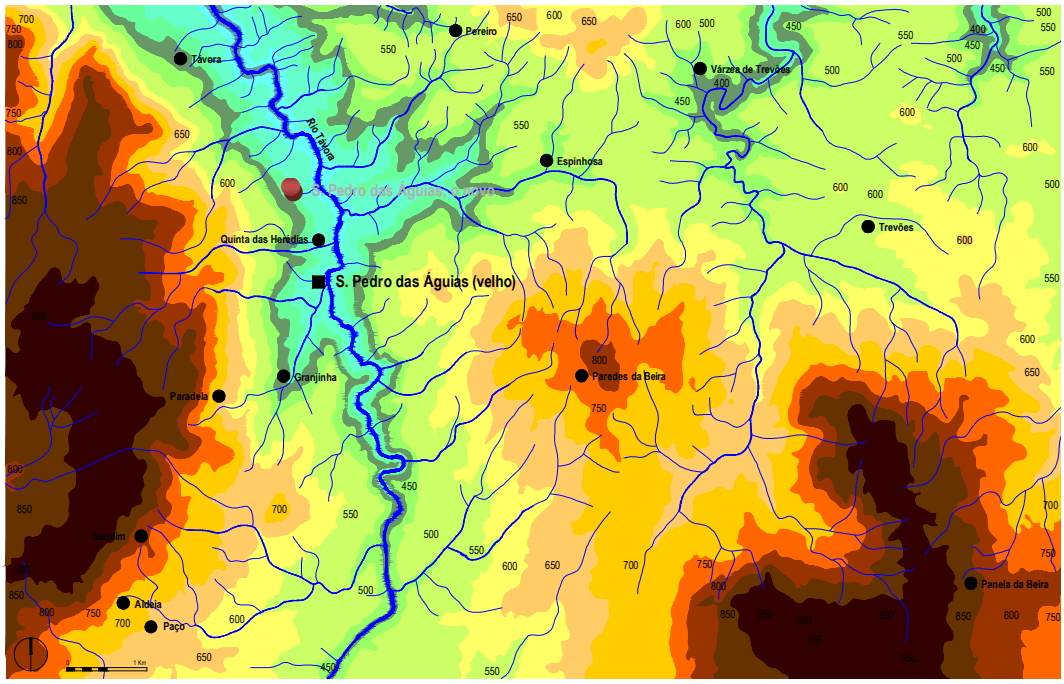
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº139 PAREDES DA BEIRA (1998)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Rio Távora)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41 ° 5' 10" N **I** Longitude: 7° 31' 2"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 251737 **I** Y: 457626

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: MAPS 95 **I** rolo nº: 16 **I** fotografia nº 0286

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

4.8. Envolvente: Rural

4.9. Altitude: 360 m

4.10.Proximidades e relações: Mosteiro de São Pedra das Águias-o-Velho **I** Tabuaço **I** Quinta das Herédias **I** Paisagem

4.11 Obs.: Encontra-se num desnível acentuado, isolado e separado pelo muro da propriedade, a meia encosta, em desnível, numa zona de interesse paisagístico sobre o rio Távora

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Particular

5.2. Afectação / Ocupação: Privada

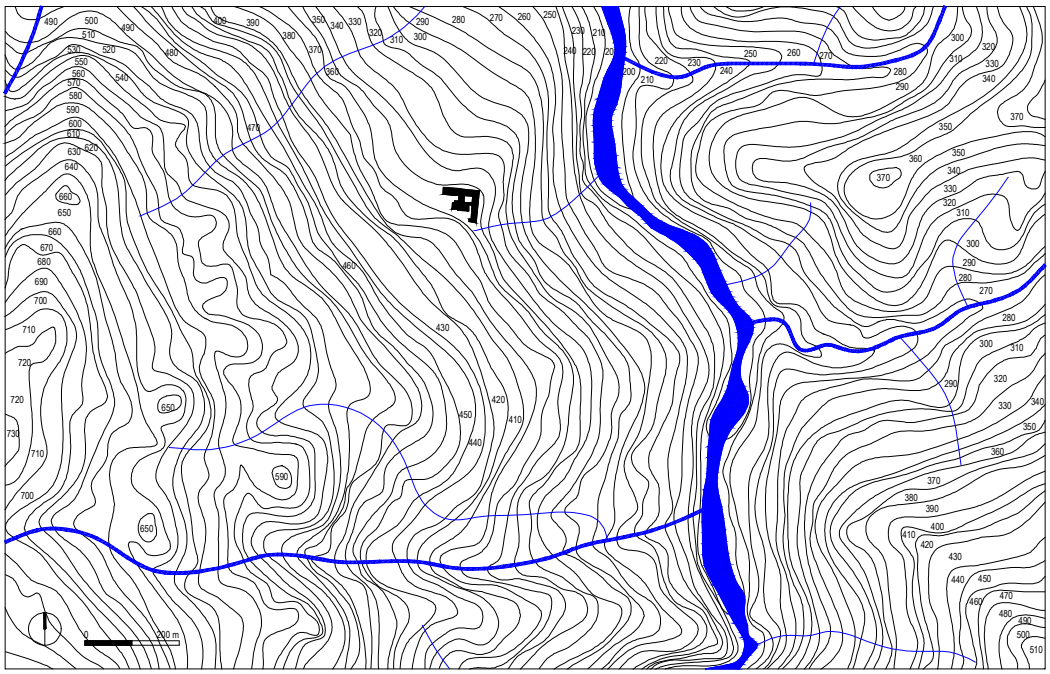
6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro (inicialmente) **I** Quinta **I** [*Hotel Rural*]

6.2. Estilo dominante: Maneirista **I** Barroco

6.3. Estilos paralelos: Românico (vestígios arq.) **I** Contemporâneo

6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: O acesso ao Mosteiro faz-se por um portão rasgado no muro e coroado por dois pináculos que ladeiam cruz assente em pedestal (é similar ao portão subsistente do Mosteiro de S. Salvador das Bouças em Matosinhos). A base do edificado é a primitiva estrutura do mosteiro cisterciense primitivo com construção iniciada no séc. XVI.

A igreja apresenta-se composta por nave única, capela-mor e sacristia. Claustro com dormitório, refeitório, sala do capítulo. Quinta agrícola para auto-suficiência da vida monástica. O conjunto apresenta-se conformado por planta rectangular, composta, de volumes articulados.
Claustro maneirista de arcos a pleno centro, apoiados em pilares com ornamentados.
Habitação típica de arquitectura erudita do séc. XVIII.
Disposição horizontalista dos volumes com dois pisos, sendo o superior mais nobre, já que servia de habitação propriamente dita. Fenestrações com decoração mais elaborada e brasões heráldicos.
Igreja de uma só nave, coberta por telhados diferenciados de uma, duas e quatro águas, com embasamentos proeminentes.
Fachada da igreja, orientada a Este., com portal rectangular ladeado por pilastras e encimado por arquitrave sobre a qual assenta frontão curvo interrompido, rematado por nicho de arco de volta inteira, com a imagem do padroeiro S. Pedro e ladeado por dois pares de pilastras que se prolongam para baixo em aletas.
Dois janelões rectangulares ladeiam o nicho, que por sua vez é encimado por óculo. Pilastras, pináculos e cruz no remate das duas águas do telhado.
Para norte, e em plano mais recuado, torre sineira com 3 ventanas para o lado meridional. Frisos delimitadores dos panos, pináculos e cobertura de telhado de 4 águas.

O resto do alçado é adossado por uma das alas do solar de habitação, que sendo perpendicular a outro corpo do mesmo imóvel, produz um U com todo o conjunto.
Alçado oeste com porta de arco de volta perfeita para acesso ao altar-mor e adossamento parcial por construções adaptadas a actividade empresarial vitivinícola.
Alçado sul tem fenestrações rectangulares em plano superior. Ocupando todo o espaço da capela-mor, em plano mais recuado e de menor cota, corpo da sacristia, saliente, fenestrado com pequenas frestas rectangulares. Pilastras, cornija e coruchéus. Janelões rectangulares, em plano superior, no corpo da capela-mor. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011819150013: Convento das Águias / Mosteiro de São Pedro das Águias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: Igreja apresenta nave única de características monoaxiais com capela-mor e sacristia.
No lado este, portal de entrada, tendo, em nível superior, dois janelões rectangulares a ladear um óculo, únicos elementos de iluminação.

Lados norte e sul com portas e janelas rectangulares num nível superior. Nos topos da nave, um altar lateral de volta inteira. Arco triunfal de arco rebaixado. Capela-mor a que se tem acesso por escadaria, cega no lado do Evangelho e com duas fenestrações no lado fronteiro. Altar-mor de arco a pleno centro. Abóbadas de berço assente em cornija sobre as fenestrações.

Para norte encontra-se a habitação senhorial do conjunto.

Escadaria de pedra de acesso ao piso nobre da habitação.

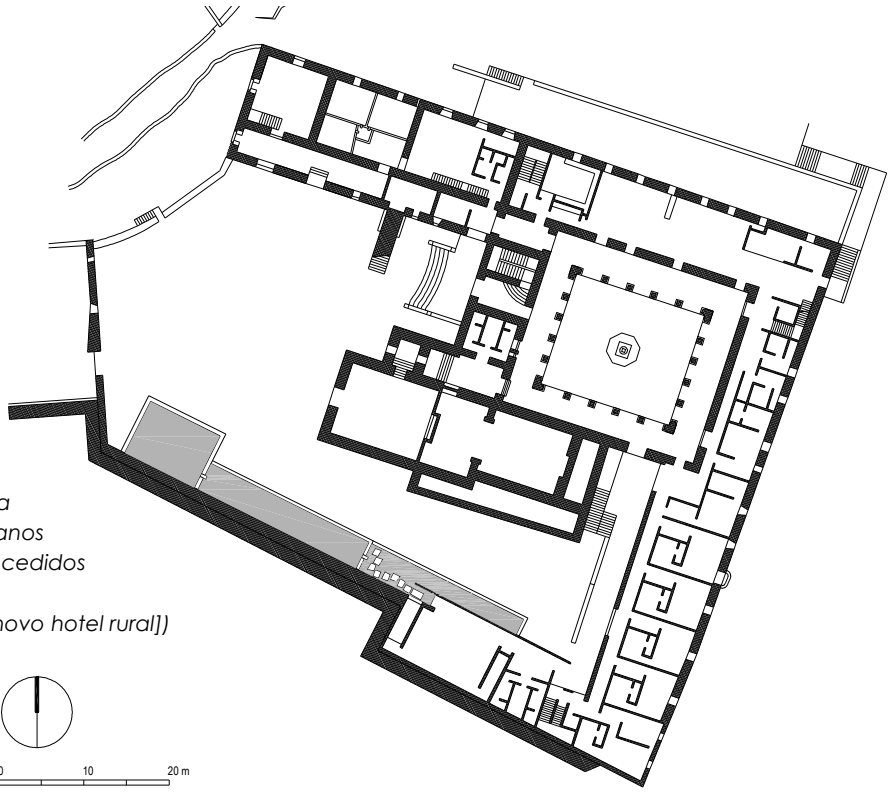
No lado este, portal de tímpano curvo interrompido, encimado por lenestração polilobada com tímpano e avental, de acesso ao claustro. No piso superior dos dois alçados, janelas e varandas de sacada. Remate em cornija.

No alçado tardoz do lado norte, corpo da habitação propriamente dita, que se apoia sobre as actuais caves de pipas de vinho do Porto, várias fenestrações rectangulares e uma varanda de sacada.

Continua o alçado com muro fenestrado, que forma uma das quadras do claustro. Este é de cinco tramos por face, de arcos a pleno centro, possuindo no centro da quadra um tanque octogonal com fonte.

No piso superior divisões adaptadas à actividade empresarial e a habitação. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011819150013: Convento das Águias / Mosteiro de São Pedro das Águias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN [e o plano para o novo hotel rural])

6.8. Igreja – planta: monoaxial
6.9. Igreja – cabeceira: rectangular
6.10. Claustros existentes – n°: 1
6.11. Claustros existentes – forma: trapezoidal
6.12. Materiais: Estrutura autónoma e mista. Granito, rebocos e madeiras
6.13. Arquitecto(s) / constructor(es): Desconhecido(s)
6.14. Obs.: Edifício muito adulterado, por adaptação às novas funções agrícolas e residenciais. Igreja, sacristia e caves da habitação utilizadas como armazém de pipas de vinho do Porto.

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Residencial / [Hotel Rural] / Agricola - exploração viti-vinicola pertencente à região demarcada do vinho do Porto
7.3. Cronologia de usos:
Desde o séc. XII - Mosteiro Cisterciense.
No reinado de D. José foi suprimida a comunidade.
No reinado de D. Maria I regressa a Ordem de Cister a S. Pedro das Águias.
Durante o Liberalismo é vendido em hasta pública a um particular

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
1080 - edificação do Mosteiro por D. Pedro e D. João Ramires, bisnetos de D. Rausendo Ramires (São Pedro das Águias, o velho)
1145 - restaurado, tendo terminado a fase beneditina e iniciando-se a cisterciense é filiado no Mosteiro de S. João de Tarouca;
séc XVI - reconstrução e união ao Mosteiro de Alcobaça.
séc. XVIII (meados) - encerrado no tempo do Marquês de Pombal, por ter sido panteão dos Távoras e reaberto no reinado de D. Marial
1834 - extinção e venda em hasta pública.
1836 - incêndio e pilhagem, a partir dessa data foi adaptado a casa agrícola
1916 - pertencia a Alexandre Barros
1986 -Mosteiro e quintas foram adquiridos pela actual proprietária, Srª Mauricette Mordant
1987 - Primeira vindima efectuada pela actual proprietária
1997 - Constituida a Sociedade "Prestamat- Exploração Turística, SA" assim como a "Mordant e Convento" que gere a exploração da vinha

1998 - em Julho a "Quinta do Convento" inscreve-se no Instituto do Vinho do Porto como produtor e exportador

1999 - Constituição da sociedade de "Vinhos Senhora do Convento" que assegura a comercialização do vinho do Porto e de mesa.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 4 de Fevereiro de 1533

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011819150013: Convento das Águias / Mosteiro de São Pedro das Águias; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de interesse público (IIP)

9.2. Documentos legais: Portaria n.º 443/2006, 2.ª série, DR 49 de 09 Março 2006 (IIP)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular

10.2. Autenticidade: Igreja coeva da reconstrução do séc XVI do prmitivo mosteiro

10.3. Integridade: igreja no que se refere à reconstrução do séc. XVI aquando da nova ligação a Alcobaça.

10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Reabilitação

11.2. Cronologia das intervenções:

[Adaptação de Mosteiro a hotel com projecto aprovado pelo IPPAR e pela Câmara Municipal de Tabuaço.]

11.3. Arquitecto(s): Arq.to Jean Pierre Simon Porcher e Arq. Margarida Oliveira, TOPOS - Atelier de Arquitectura, Ida

11.4. Entidades: Particular

11.5. Propostas:

IPPAR(sugestões preliminares):

- Exposição explicativa do mosteiro e sinalética interpretativa
- Colocação de sinalização rodoviária

11.6. Obs.: [Será criado um hotel com 28 quartos, biblioteca, restaurante com capacidade para cerca de 50 pessoas, sala de degustação de vinhos, adega, sala de manutenção física, sala de jogos, circuitos pedonais, court de tenis, piscina.
Será igualmente criado um espaço cultural ao transformar a nave da Igreja em sala de concertos e exposições. No entanto a capela-mor manterá o seu carácter religioso].

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

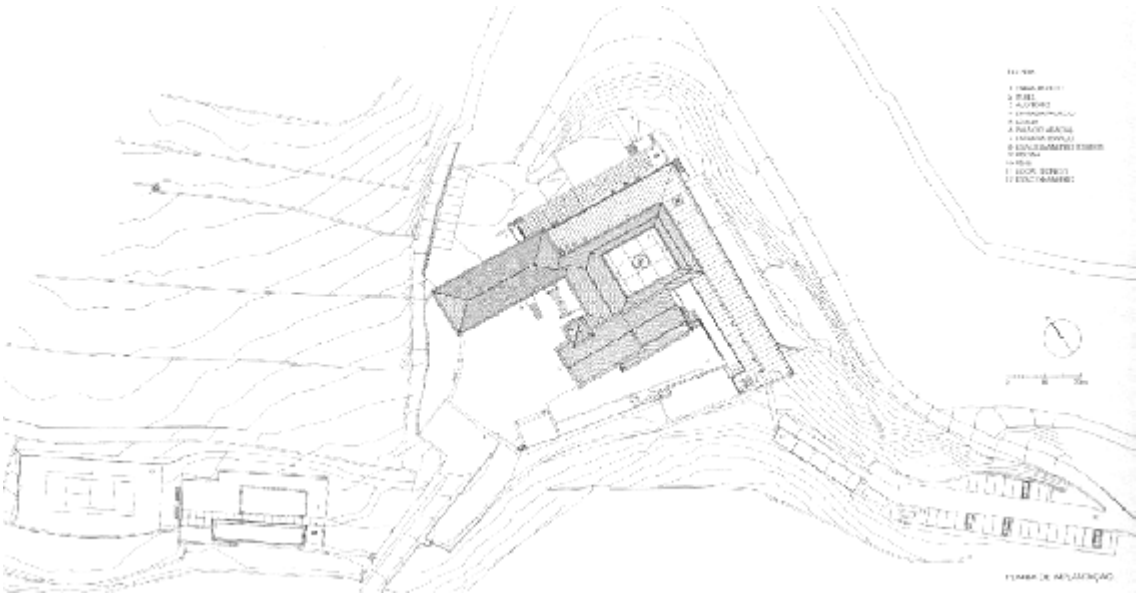


Fig. 1. Planta de implantação (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

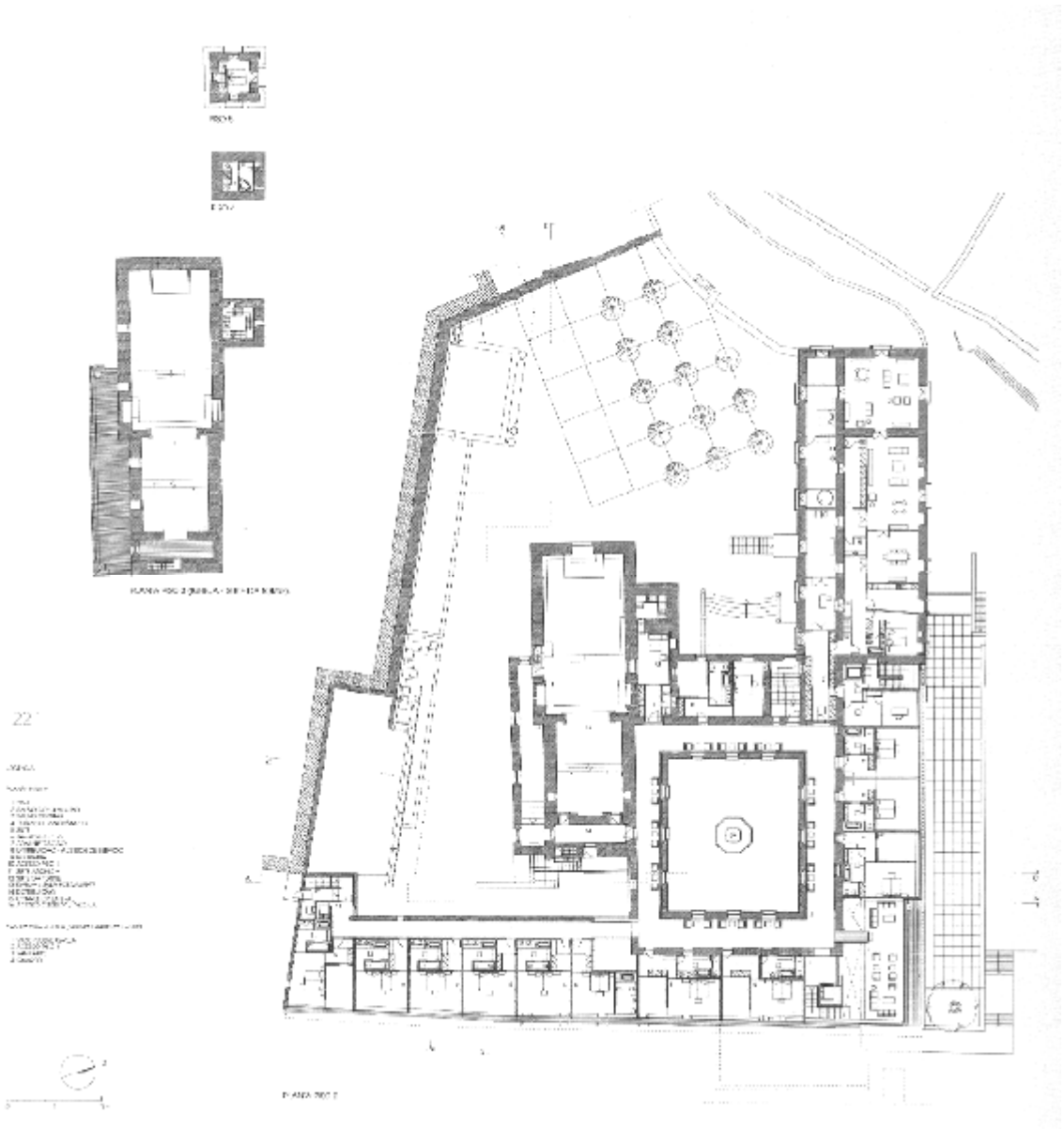


Fig. 2. Planta 2º piso (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

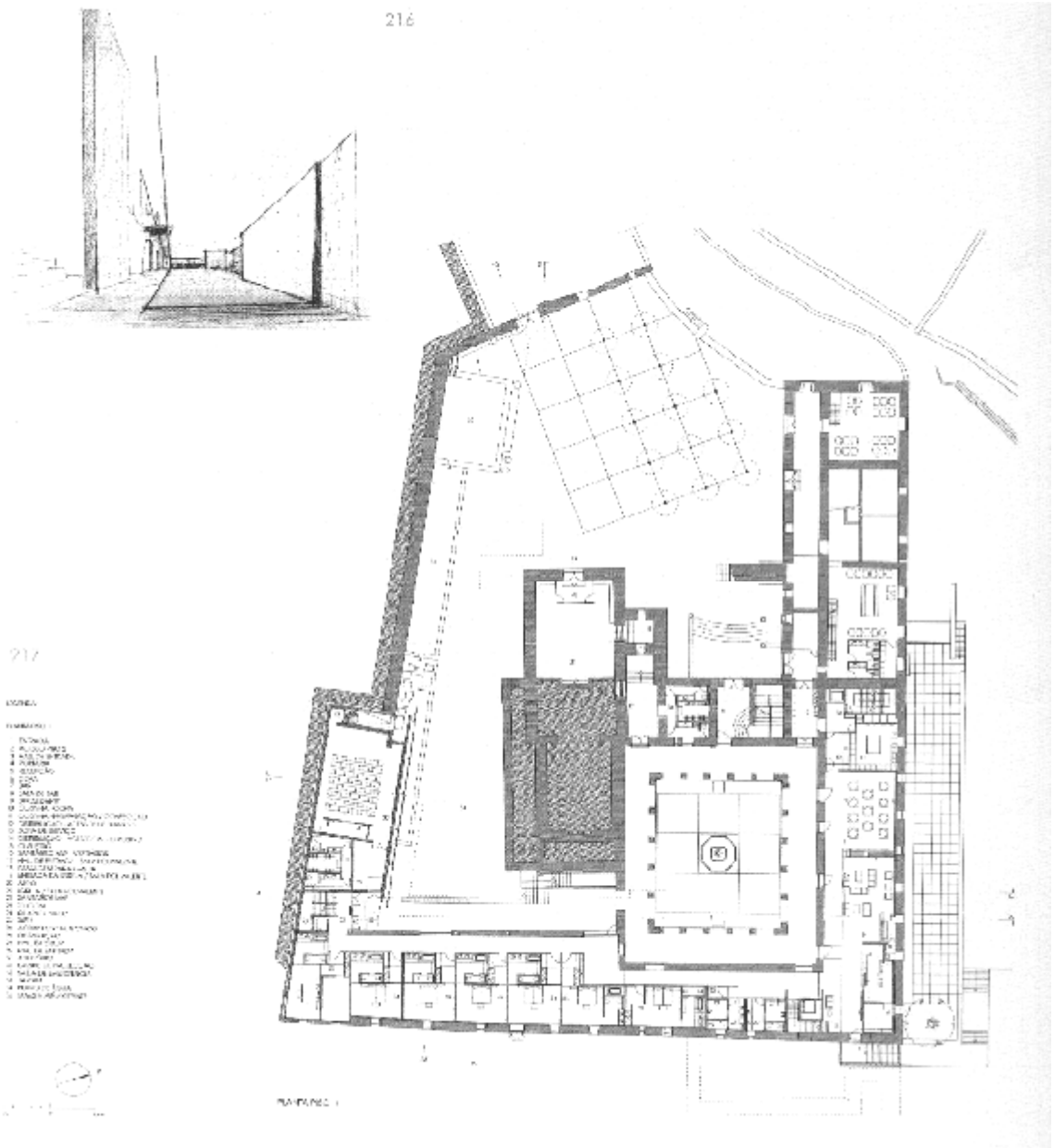


Fig. 3. Planta 1º piso (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

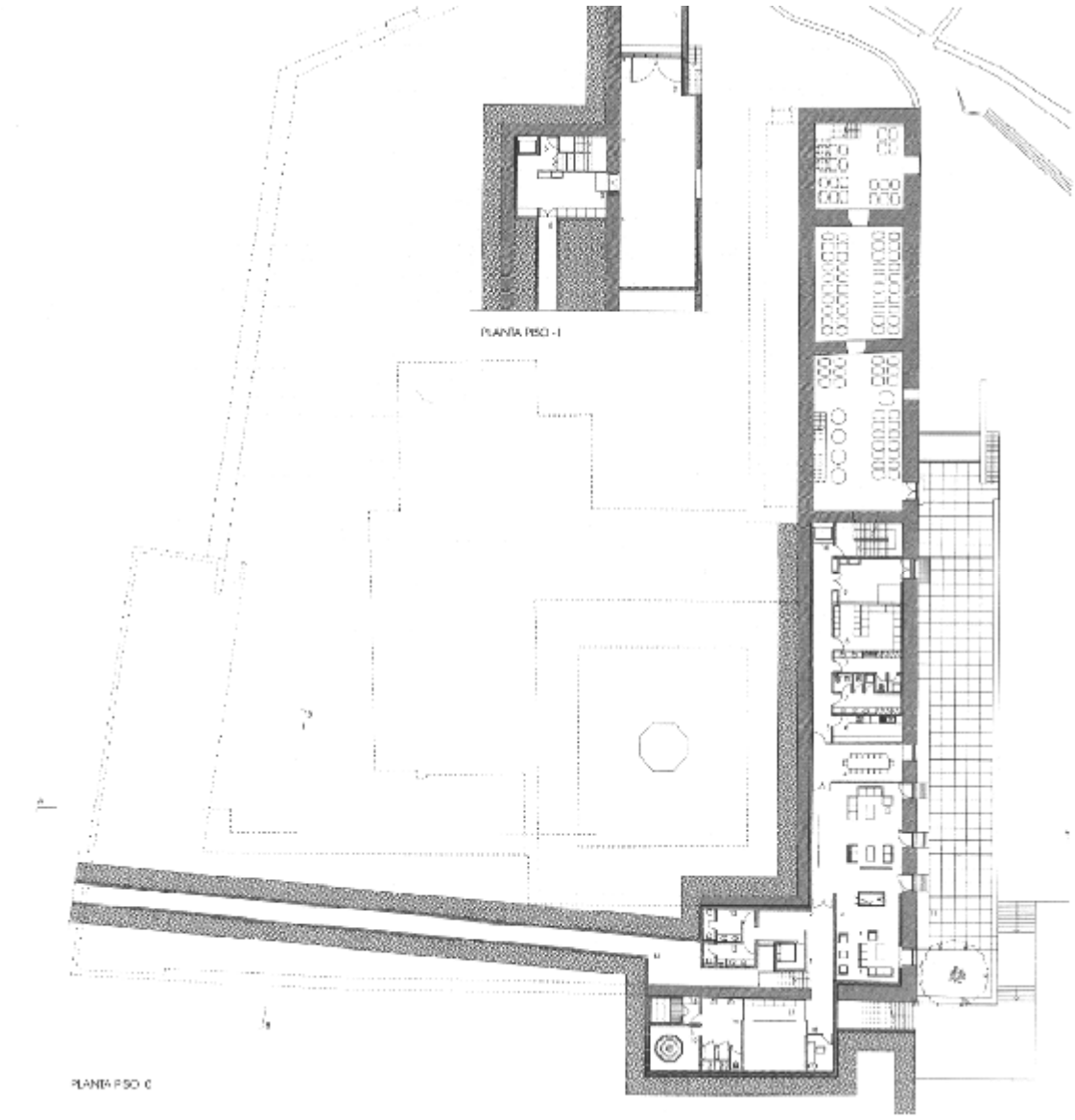


Fig. 4. Planta rés-do-chão e piso-1 (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002

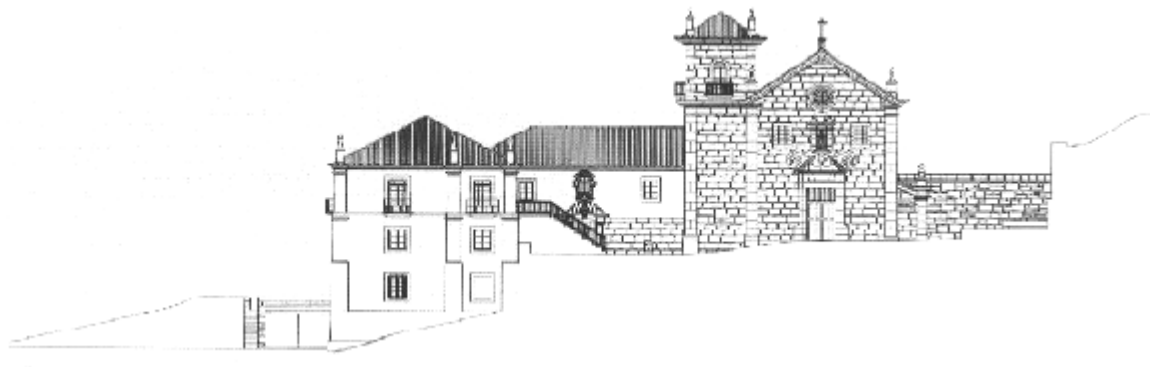


Fig. 5. Alçado Poente (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

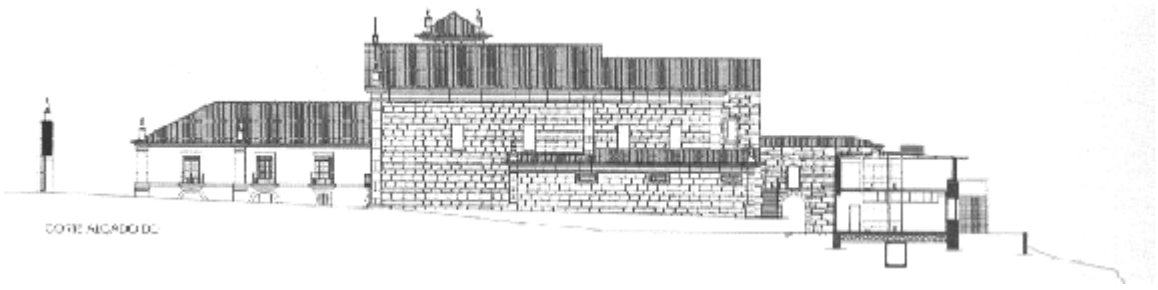


Fig. 6. Corte / Alçado sul (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

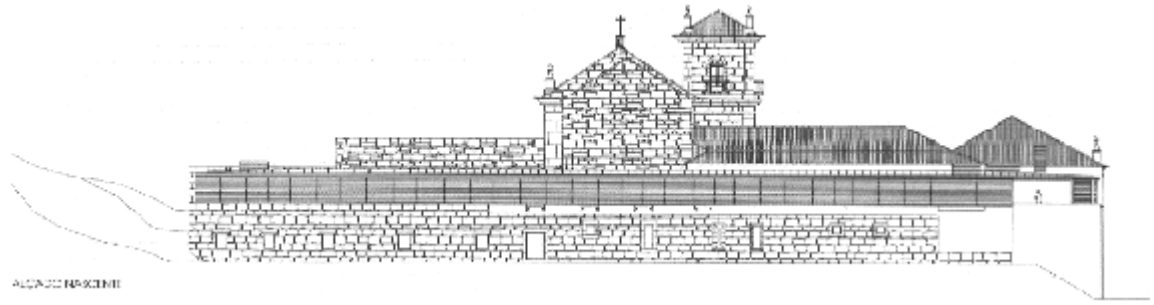


Fig. 7. Alçado Nascente (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

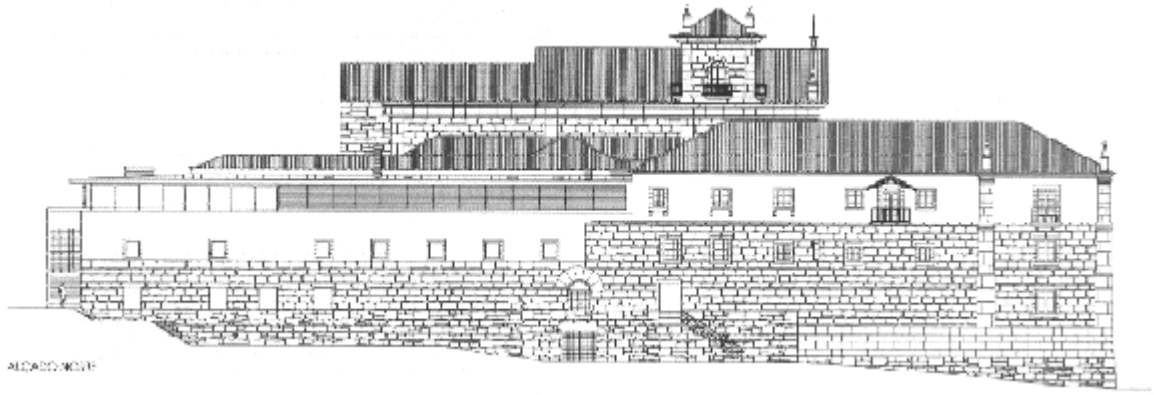


Fig. 8. Alçado Norte (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

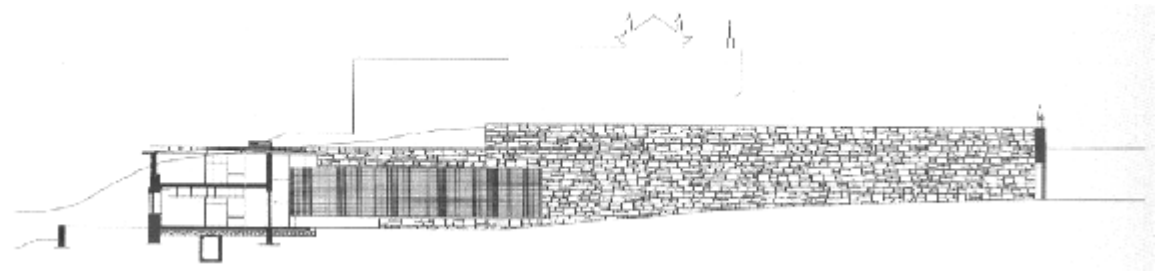


Fig. 9. Corte Alçado Norte (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

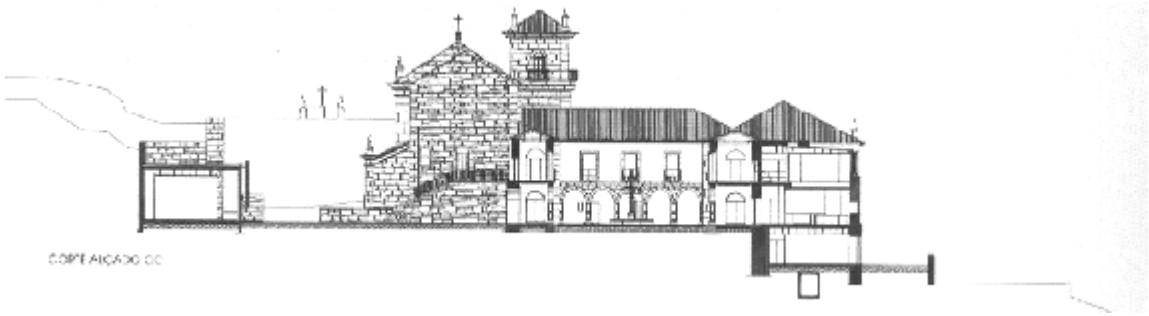


Fig. 10. Corte / Alçado pelo claustro (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

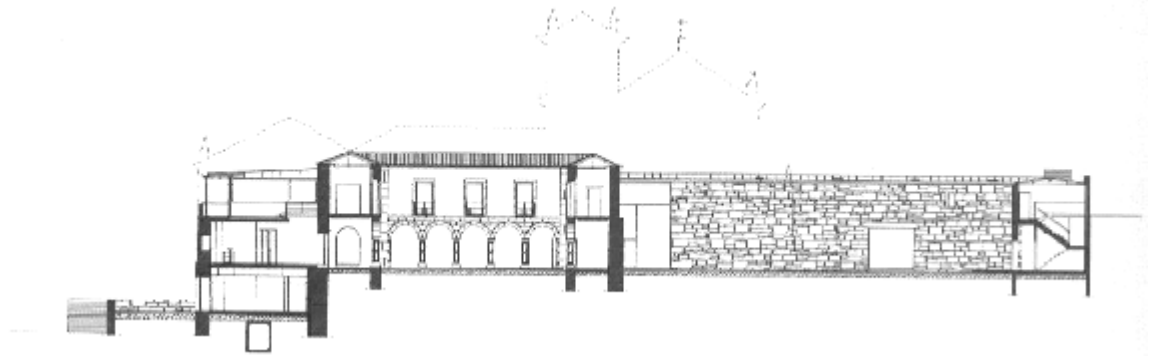


Fig. 11. Corte / Alçado pelo Claustro (in AA.VV.; *Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas*; Edição TOPOS – ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 12. Mosteiro e envolvente imediata (DGEMN)

Fig. 13. Dependência abacial (DGEMN)

Fig. 14. Igreja (DGEMN)

Fig. 15. Igreja (DGEMN)

Fig. 16. Dependência abacial (DGEMN)

Fig. 17. Acesso – interior da cerca, 1996(DGEMN)

Fig. 18. Acesso – exterior da cerca, 1996 (DGEMN)

Fig. 19. Acesso – interior da cerca, 1996 (DGEMN)

Fig. 20. Igreja e dependências abaciais, 1996 (DGEMN)

Fig. 21. Edifício monástico, 1996 (DGEMN)

Fig. 22. Edifício monástico, 1996 (DGEMN)

Fig. 23. Edifício monástico, 1996 (DGEMN)

Fig. 24. Edifício monástico, 1996 (DGEMN)

Fig. 25. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 26. Acesso, 2005 (autora)

Fig. 27. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 28 Volume correspondente à sacristia, 2005 (autora

Fig. 29. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 30. Edificado monástico, 2005 (autora)

Fig. 31. Igreja - selo, 2005 (autora)

Fig. 32. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 33. Igreja: S. Pedro, 2005 (autora)

Fig. 34. Edificado monástico: dependências abaciais e igreja, 2005 (autora)

Fig. 35. Dependências abaciais, 2005 (autora)

Fig. 36. Jardins, 2005 (autora)

Fig. 37. Dependências abaciais, 2005 (autora)

Fig. 38. Fonte e reservatório de água, 2005 (autora)

Fig. 39. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 40. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 41. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 42. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 43. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 44. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 45. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 46. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 47. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 48. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 49. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 50. Acesso, 2005 (autora)

Fig. 51. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 52. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 53. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 54. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 55. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 56. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 57. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 58. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 59. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 60. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 61. Paisagem envolvente, 2005 (autora)

Fig. 62. vinhedos do mosteiro, 2005 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 63. Fonte, 2005 (autora)

Fig. 64. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 65. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 66. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 67. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 68. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 69. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 70. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 71. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 72. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 73. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 74. Edifício monástico, 1996 (DGEMN)

Fig. 75. Vestígios do refeitório, 1996 (DGEMN)

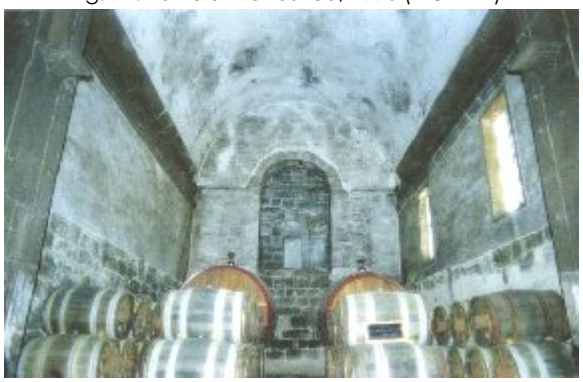


Fig. 76. Igreja: capela-mor, 1996 (DGEMN)

Fig. 77. Igreja, 1996 (DGEMN)

Fig. 78. Igreja, 1996 (DGEMN)

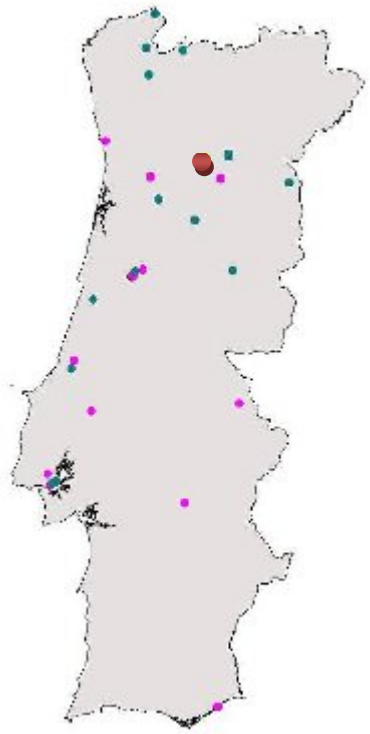
Fig. 79. Igreja, 1996 (DGEMN)

Fig. 80. Igreja, 1996 (DGEMN)

Fig. 81. I.S. no local correspondente à sala do capítulo, 2005 (DGEMN)

Fig. 82. I.S. no local correspondente à sala do capítulo, 2005 (DGEMN)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

ABADIA VELHA DE SALZEDAS

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Abadia Velha de Salzedas
1.2. Outras denominações: Ruínas românicas no local da Abadia Velha **I** Ruínas românicas de Salzedas
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Ruínas românicas no local da Abadia Velha / Ruínas românicas de Salzedas
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011820080010
1.5. IPPAR – Designação: N/A
1.6. IPPAR – nº de identificação: N/A
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação, c. 1150
Claraval - Salzedas
1.8. Diocese: Lamego
1.9. Construção: séc. XII
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Alta
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: Tarouca
2.4. Freguesia: Ucanha
2.5. Direcção Postal:
Quinta da Abadia Velha

3. ACESSIBILIDADES

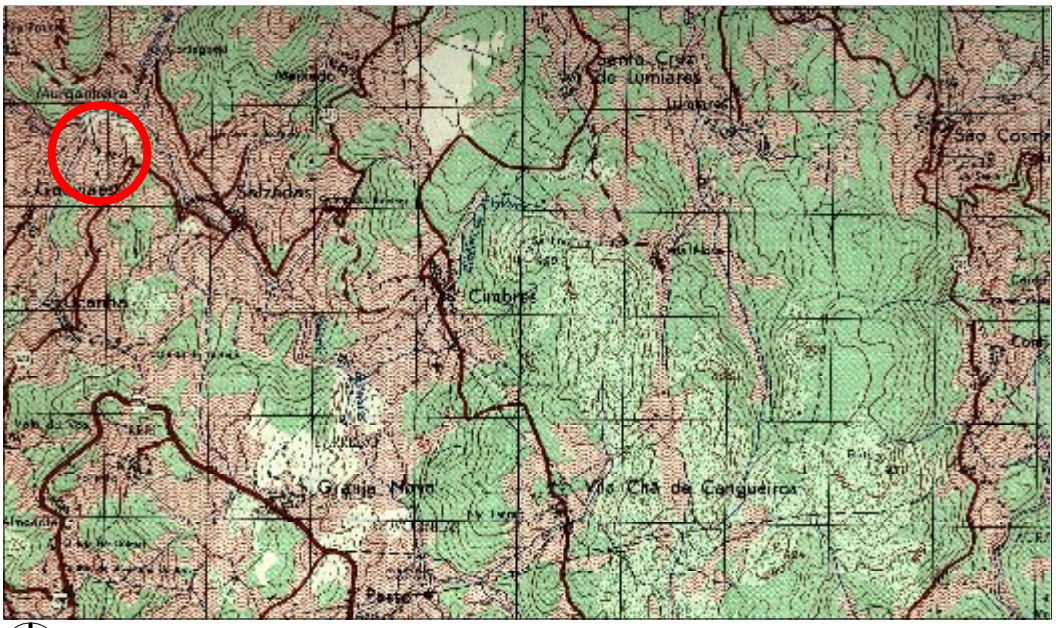
3.1. Acessos:
Do Porto: A4 (Amarante) - IP4 (Vila Real) - EN2 (ou em alternativa IP3) - Peso da Régua - Lamego - EN 226 (Moimenta da Beira) ao Km. 23,5, para Ucanha; a 4,3 Km., à esquerda, por caminho rural para a Quinta da Abadia Velha, a 800 metros

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Ocasionalmente visitável
3.4. Condicionantes de visita: contactar com antecedência o Caseiro da Quinta da Abadia Velha
3.5. Contactos: Câmara Municipal de Tarouca **I** 3610-128 TAROUCA **I** tel. +351 254 67 86 50 **I** fax.+351 254 67 85 52

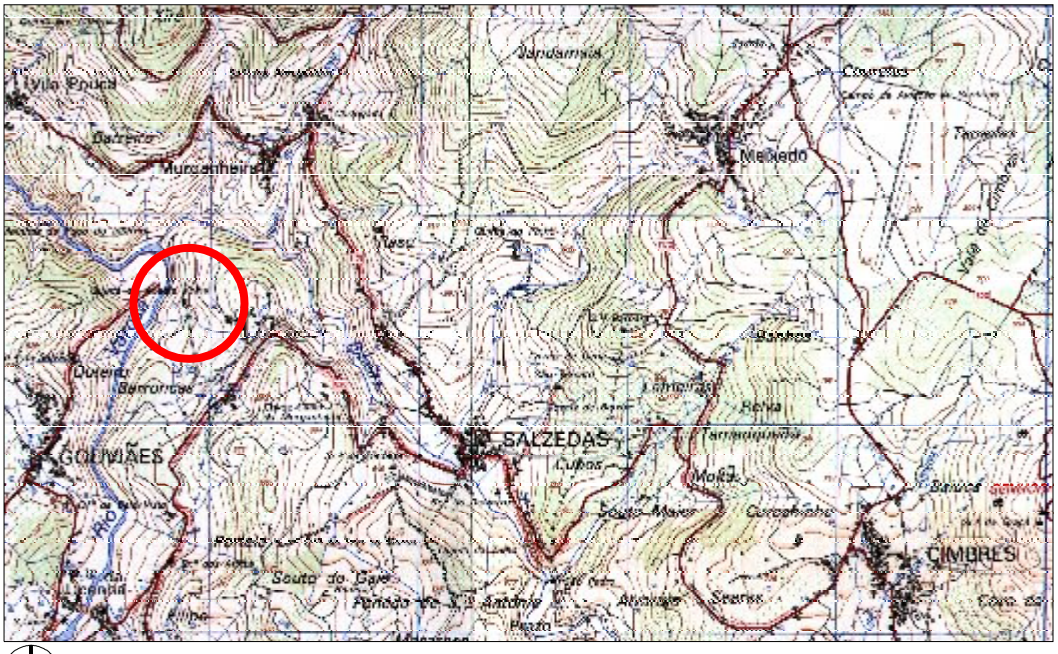
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 14-I MOIMENTA DA BEIRA (1982)



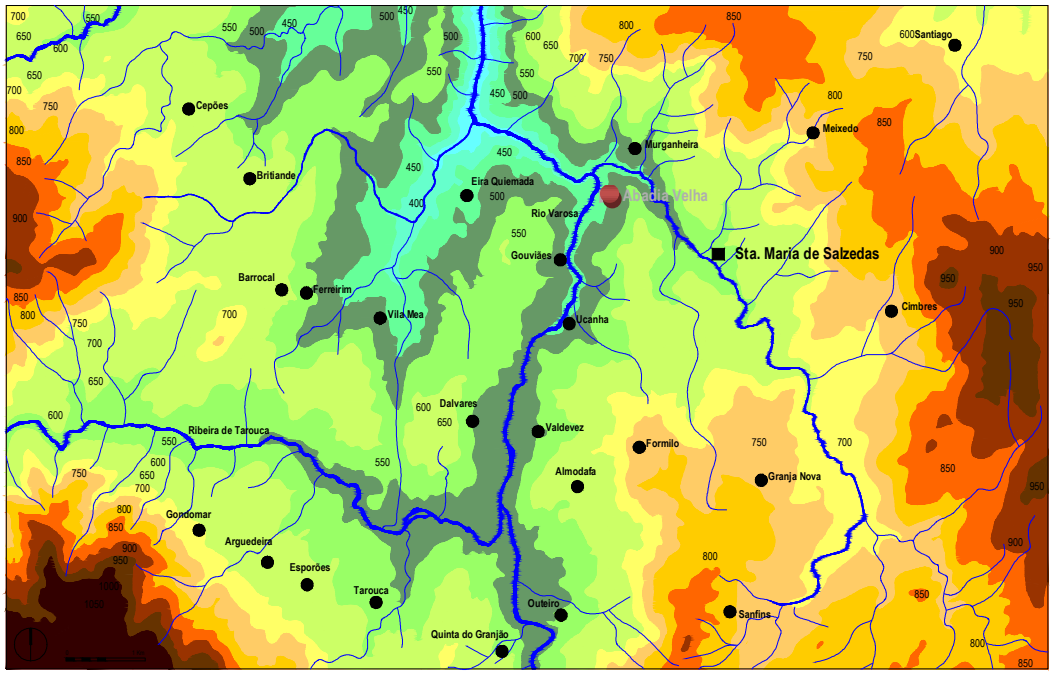
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº138 ARMAMAR (1997)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Ribeira de Salzedas)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41 ° 3' 38'' N **I** Longitude: 7° 44' 30''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 232902 **I** Y: 454690

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: MAPS 95 **I** rolo nº: **I** fotografia n° 0325

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

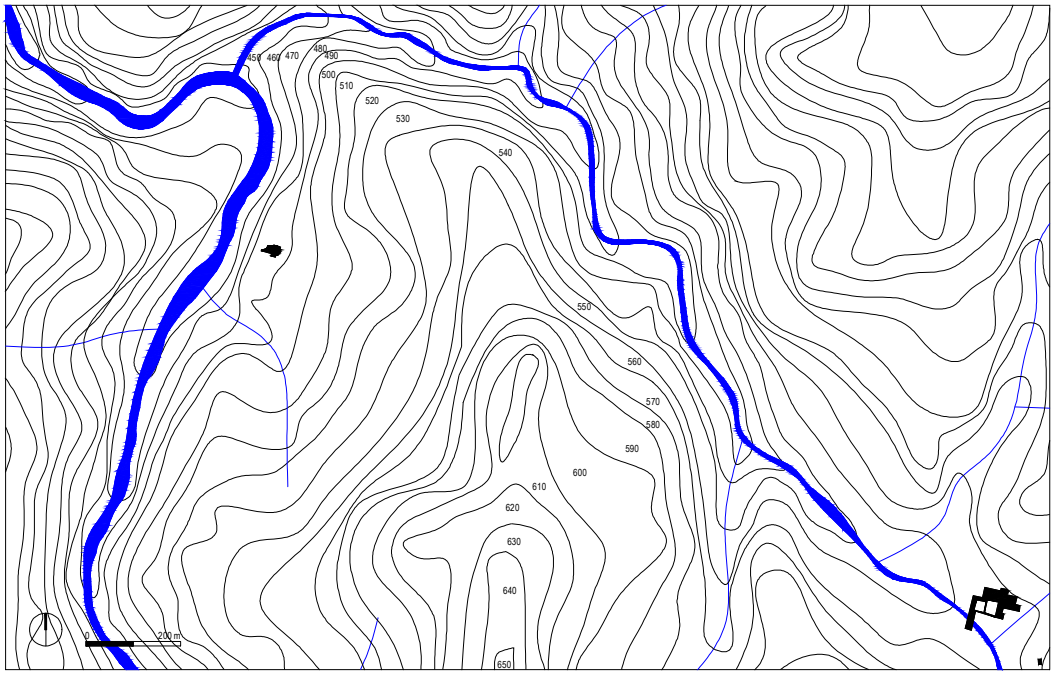
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 480 m
4.10.Proximidades e relações: Mosteiro de Santa Maria de Salzedas **I** Salzedas **I** Antiga judiaria de Salzedas (ou Quelho) **I** Vila da Ucanha **I** Torre e ponte da Ucanha **I** Murganheira (caves) **I** Ferreirinha **I** Lamego
4.11 Obs.: Localiza-se a meia-encosta, na margem direita do Rio Varosa, encontrando-se rodeado por vinhas, em zona de interesse paisagístico, a menos de 2Km para noroeste do Mosteiro de Santa Maria de Salzedas

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Particular
5.2. Afectação / Ocupação: Sem afectação e/ou ocupação

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Românico
6.3. Estilos paralelos: n/a
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: Apenas se conserva parte das suas fundações, encontrando-se vestígios de uma igreja constituída por três naves, transepto saliente e cabeceira com absidíolos. É de referir que a cabeceira é constituída por três capelas escalonadas, sendo a abside constituída internamente por um remate de planta semi-hexagonal e os absidíolos de remate interno semi-octogonal.

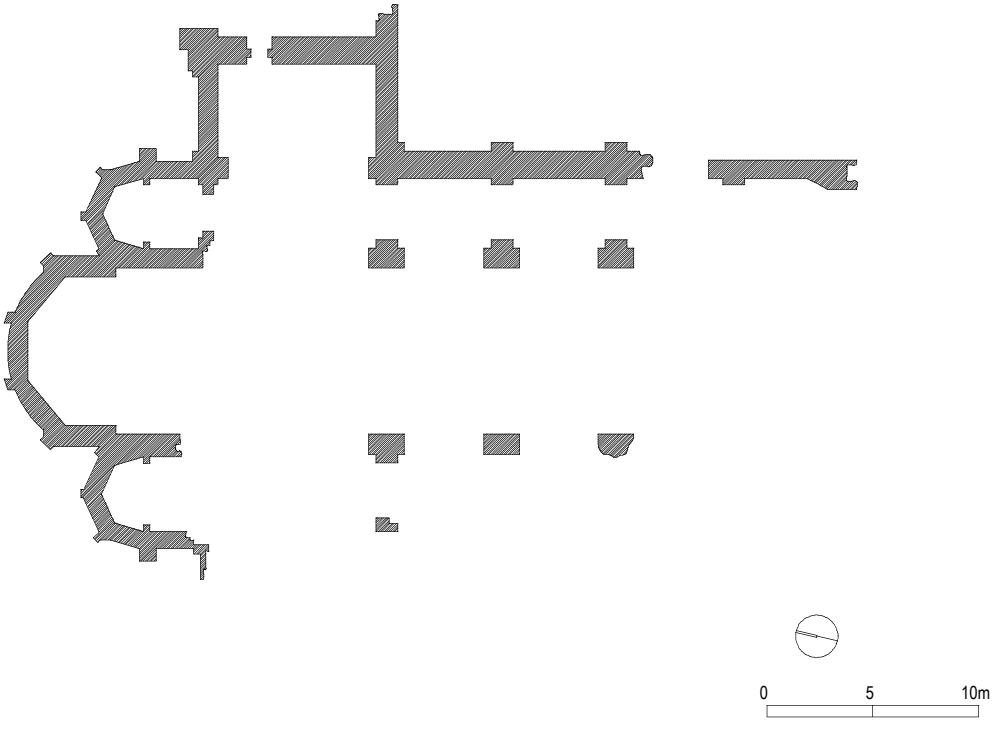
No lado sudeste da área do transepto encontram-se vestígios de uma escada em caracol que permitiria o acesso ao nível superior, pois aí ainda permanece o primeiro degrau da mesma. Do mesmo lado deveria localizar-se a comunicação com as restantes dependências monásticas.

Descobriram-se ainda pilares (assimétricos na base), bases decoradas e arranques de meias colunas, também ornamentadas, que se adossavam aos muros. Surge igualmente a existência de pedras sigladas dispersas por toda a área de influência assim como elementos decorativos com entrelaçados.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820080010: Ruínas românicas no local da Abadia Velha / Ruínas românicas de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: n/a

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: biaxial

6.9. Igreja – cabeceira: escalonada (capela-mor: semi-hexagonal)

6.10. Claustros existentes – n°: nenhum

6.11. Claustros existentes – forma: n/a
6.12. Materiais: Estrutura autónoma **I** Cantaria de granito.
6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Desconhecido(s)
6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Marco histórico-cultural
7.3. Cronologia de usos:

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia:
c.1150 - fundação do Mosteiro de Salzeda, no termo de Algeriz, por iniciativa de D. Teresa Afonso, viúva de Egas Moniz
1152 - doação régia do couto de Algeriz (Salzedas) a D. Teresa Afonso
1155 - autorização régia para transferência de tutela do couto para o Mosteiro de Salzeda, que estaria já concluído
1164 - renúncia do Bispo de Lamego a todos os direitos episcopais sobre o couto; provável início da construção de um mosteiro de maiores dimensões na actual implantação de Salzedas
1225 - sagração da igreja do novo mosteiro e definitiva mudança dos monges para a nova abadia, cujo local oferecia melhores condições de salubridade

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820080010: Ruínas românicas no local da Abadia Velha / Ruínas românicas de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: n/a
8.3. Obs.: não foi visitado uma vez que a Abadia Velha de salzedas foi alvo de mudança de sítio sendo o alvo da visitação do abade de Claraval, D. Edme de Salieu, o Mosteiro de Santa Maria de Salzedas na sua nova implantação. Já no séc. XVII o local com o nome de "Abadia Velha" era indício da existência do primitivo Mosteiro de Salzedas

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de interesse público (IIP)
9.2. Documentos legais: Dec. nº 516/71, DG 274 de 22 Novembro 1971

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: ruína
10.2. Autenticidade: estrutura abandonada no séc. XII
10.3. Integridade: preserva-se a integridade da ruina
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções:
Séc. XX (Finais década 60) - acidentalmente, no decorrer de trabalhos agricolas, são postos a descoberto vestígios de uma grande estrutura que constituiam os alicerces da primitiva Igreja;

- 1º ensaio de interpretação destes vestígios;
- São reveladas estruturas importantes para a identificação do espaço: arranque de cabeceira (tripartida), ala sul do transepto, pilares (que permitem a definição das três naves

1995 - desde finais da década de 60, até esta altura, esteve ao abandono. É nesta altura que se realizam novas movimentações de terra que põe a descoberto a cabeceira da Igreja.
1997 - Escavações arqueológicas dirigidas por Manuel Luís Real com três entidades em associação: IPPAR, GEHVID, CMT.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820080010: Ruínas românicas no local da Abadia Velha / Ruínas românicas de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)
11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)
11.4. Entidades: IPPAR, GEHVID, CMT
11.5. Propostas:
IPPAR (sugestões preliminares):

- Estudo de programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo do enquadramento paisagístico
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com o prosseguimento das escavações arqueológicas em curso
- Estudo para criação de espaço explicativo do monumento
- Estudo de sinalética interpretativa em suportes ao ar livre
- Colocação de sinalização rodoviária (monumento)

11.6. Obs.: Quinta vinhateira com projecto de unidade de turismo rural

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

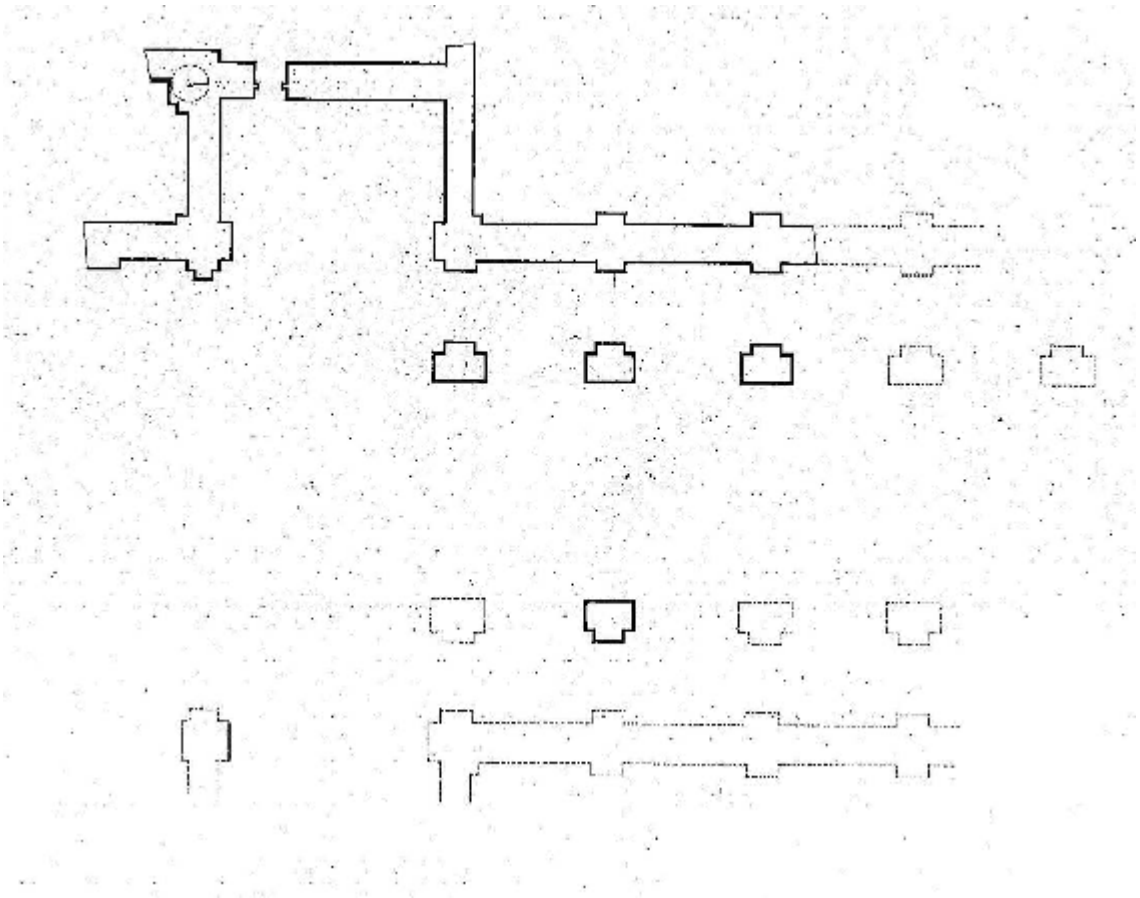


Fig. 1. Planta das ruínas românicas da Abadia Velha, 1970 (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 2 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 3 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 4 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 5 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

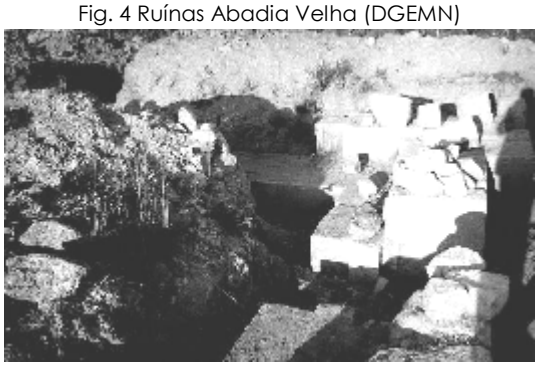


Fig. 6 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 7 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 8 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 9 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 10 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 11 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 12 Ruínas Abadia Velha (DGEMN)

Fig. 13 Ruínas Abadia Velha: abside (DGEMN)

Fig. 14 Ruínas Abadia Velha (autora)

Fig. 15 Ruínas Abadia Velha: abside (autora)

Fig. 16 Ruínas Abadia Velha: detalhe (DGEMN)

Fig. 17 Ruínas Abadia Velha: detalhe (DGEMN)

Fig. 18 Ruínas Abadia Velha: detalhe (DGEMN)

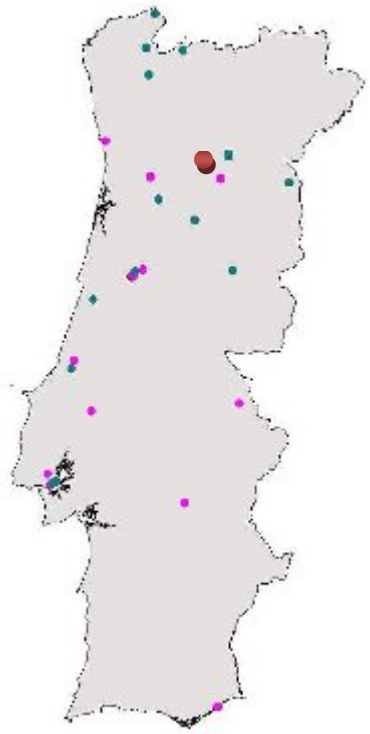
Fig. 19 Ruínas Abadia Velha: detalhe (DGEMN)

Fig. 20 Ruínas Abadia Velha: detalhe (DGEMN)

Fig. 21 Ruínas Abadia Velha: detalhe (DGEMN)

A.3. Fotografias interiores: N/a

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SALZEDAS

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Salzedas
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Salzedas
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Mosteiro e Igreja de Salzedas
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011820050011
1.5. IPPAR – Designação: Igreja de Salzedas, Mosteiro de Santa Maria de Salzedas
1.6. IPPAR – nº de identificação: 4391, 616
1.7. Fundação / Filiação: Filiação em 1191/1196
Claraval - Salzedas
1.8. Diocese: Lamego
1.9. Construção: séc. XII, séc. XVI/XIX
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Alta
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: Tarouca
2.4. Freguesia: Salzedas
2.5. Direcção Postal:
Praça de António Pereira de Sousa

3. ACESSIBILIDADES

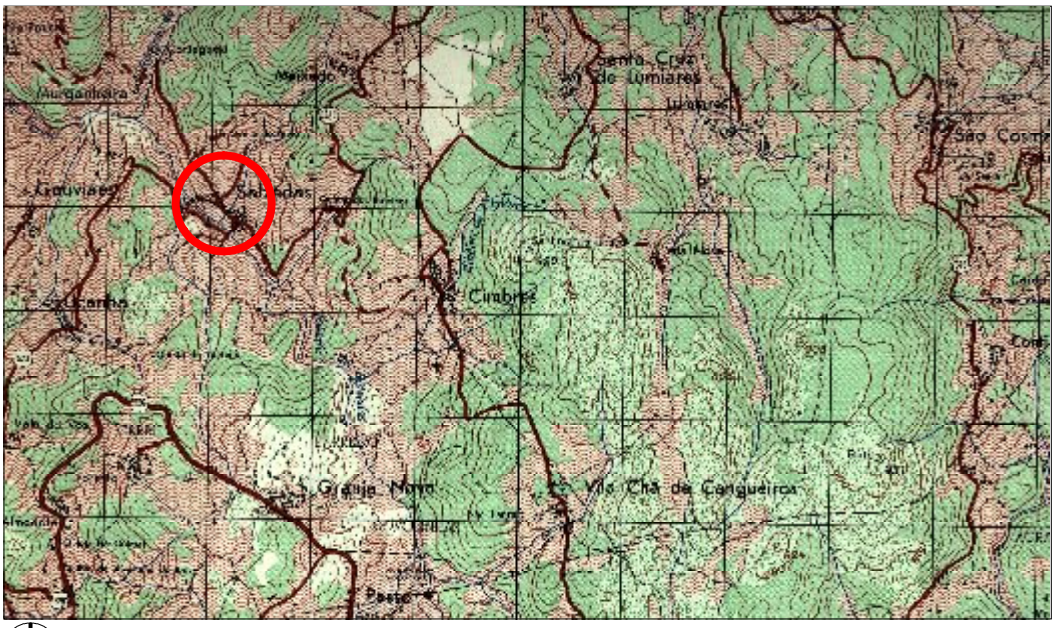
3.1. Acessos:
Do Porto: A4 (Amarante) -IP4 (Vila Real) - EN2 (ou em alternativa IP3) - Peso da Régua - Lamego - EN 226 (Moimenta da Beira) ao Km. 23,6 - EM 520, a 5,7 Km - cento de Salzedas

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: regular
3.3. Visita: visitável
3.4. Condicionantes de visita: n/a
3.5. Contactos:
Câmara Municipal de Tarouca **I** 3610-128 TAROUCA **I**
tel. +351 254 67 86 50 **I** fax.+351 254 67 85 52

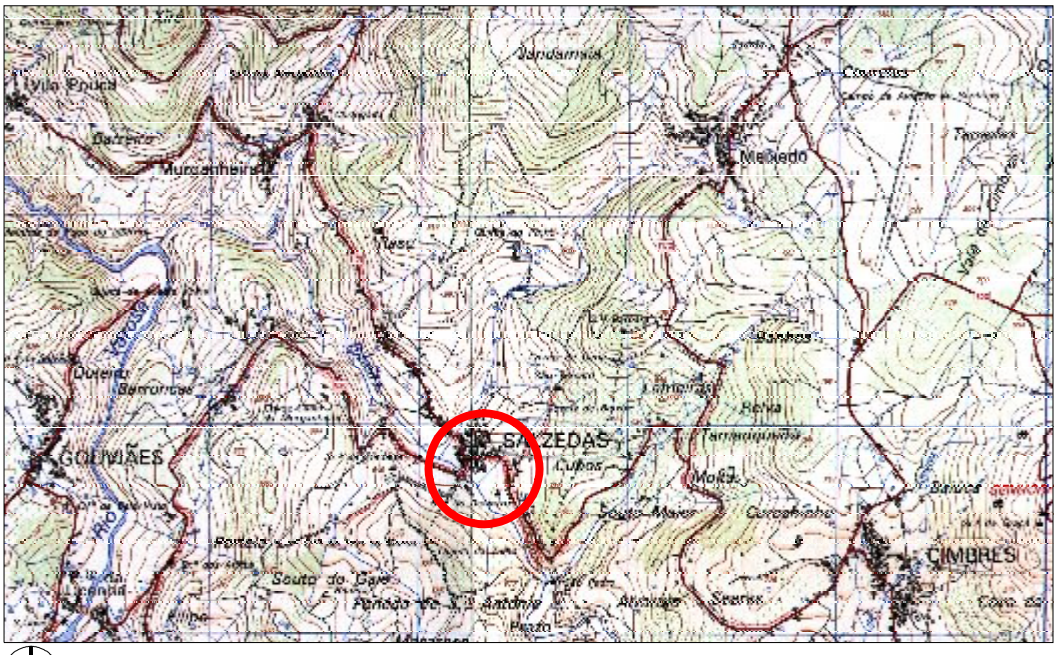
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 14-I MOIMENTA DA BEIRA (1982)



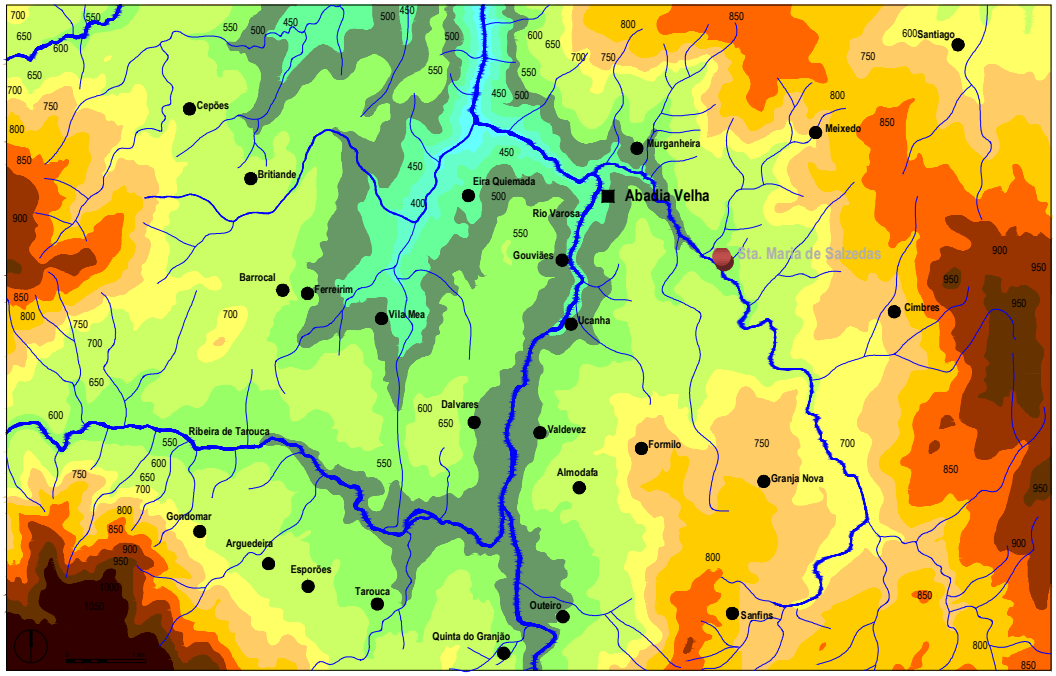
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº138 ARMAMAR (1997)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (entre os vales dos rios Varosa e Torno / Ribeira de Salzedas)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 41º 3' 15" N **I** Longitude: 7" 43' 30"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 234310 **I** Y: 453997

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: MAPS 95 **I** rolo nº:16 **I** fotografia nº 0326

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

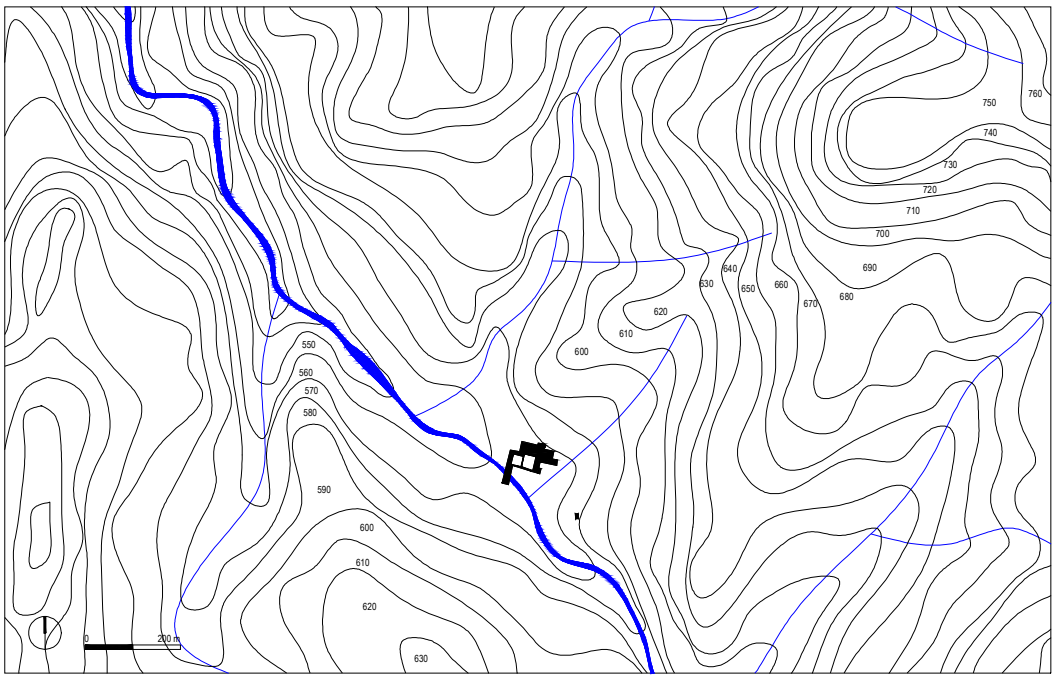
4.8. Envolvente: Urbana
4.9. Altitude: 560 m
4.10.Proximidades e relações: Abadia Velha **I** Salzedas **I** Antiga judiaria de Salzedas (ou Quelho) **I** Vila da Ucanha **I** Torre e ponte da Ucanha **I** Murganheira (caves) **I** Tarouca **I** Ferreirinha **I** Lamego
4.11 Obs.: Implantado em zona de interesse paisagístico, a meia encosta, no *vale* dos rios Torno e Varosa. Destacado e separado parcialmente, não só por um muro como também por uma zona agrária.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Mista (Igreja e Particulares)
5.2. Afectação / Ocupação: Igreja - Paroquia; Dependências monásticas (sala do capítulo, capela do Desterro, cerca e parte agrícola) - Pessoa Singular

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Gótico **I** Barroco
6.3. Estilos paralelos: Românico **I** Maneirista
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior:

Mosteiro composto por igreja de planta longitudinal, com três naves escalonadas, transepto e capela-mor, com sacristia e dois claustros adossados ao lado sul. Coberturas de telhados diferenciados.

A igreja possui o alçado principal, voltado a oeste que se constitui de três corpos separados por pilastras.

O corpo central é ligeiramente recuado, com pórticos de arco abatido encimados.

Os corpos laterais possuidores de frontões semi-circulares, tendo o central espaldar e cornija encurvados.

O segundo registo do alçado é delimitado por um friso, sendo o pórtico principal encimado por um frontão curvo interrompido e rematado por um óculo central de perfil recortado e polilobado; os pórticos laterais são encimados por dois óculos ovais sobrepujados por cornijas triangulares curvas.

O remate do conjunto inacabado, com pilastras dos corpos laterais encimadas por pináculos e urnas.

Do lado norte, num plano mais recuado, encontra-se a torre sineira com cobertura de quatro águas.

No corpo da nave, contrafortes ladeiam janelões trilobados de base horizontal. Num plano superior, sobre a água do telhado, encontram-se contrafortes e janelões de arco abatido que permitem a iluminação da nave central.

O corpo do transepto, é ladeado por pilastras que sustentam pináculos, com fenestrações de arco abatido existindo um grande janelão, virado a norte, de arco de volta inteira, dividido em três, rematado por frontão de lanço encimado por cruz pétrea.

O alçado este possui fenestrações e frontão de lanço encimado por cruz.

O alçado lateral sul encontra-se adossado às dependências monásticas.

No exterior, surge junto ao alçado principal, um edifício de dois pisos que pertenceu ao antigo mosteiro, com pórtico renascentista, sobre o qual se encontra um nicho rematado por frontão curvo. Também no exterior se encontra à esquerda um cruzeiro.

O acesso ao segundo piso faz-se através de escada exterior. A meio do edifício encontra-se uma chaminé saliente.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820050011: Mosteiro e Igreja de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

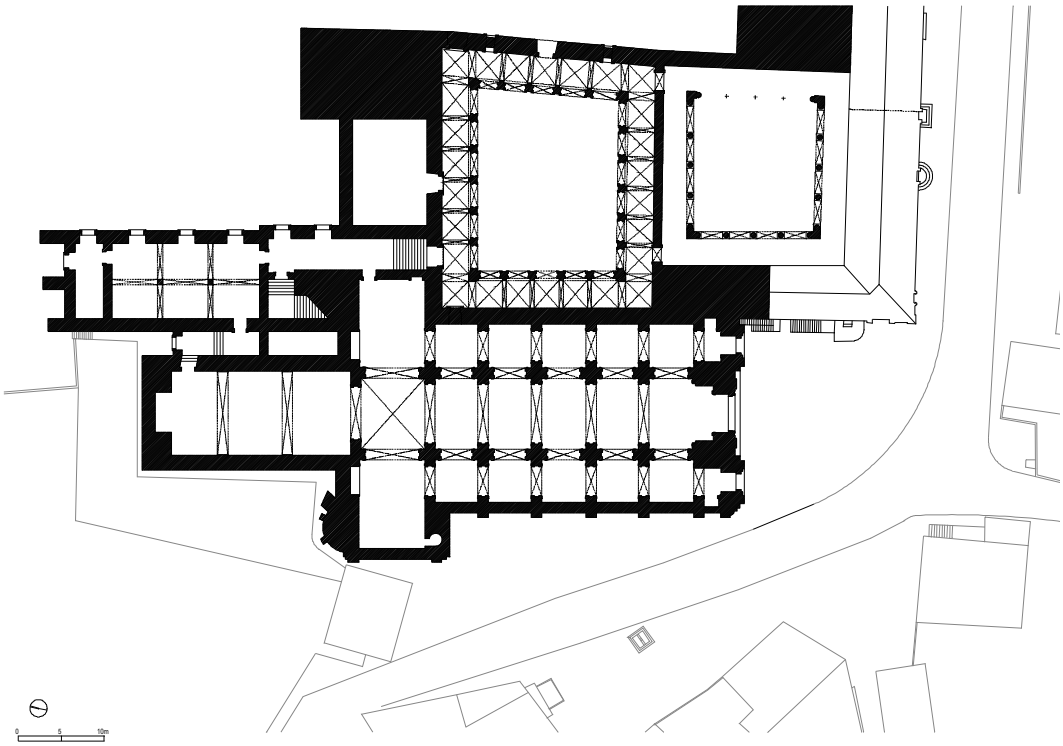
Capela do Desterro:
No terreno correspondente ao exterior do mosteiro, mas interno à cerca, encontra-se a Capela do Desterro (actualmente em terrenos de particulares) possui planta centralizada hexagonal, com panos divididos por pilastras encimadas por pináculos. Estes panos são rasgados por óculos sextavados. A capela do Desterro é setecentista. O portal principal possui pilastras, friso, frontão triangular interrompido e pináculos. A cobertura é de seis águas, com pequeno lanternim no centro.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820050011: Mosteiro e Igreja de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior:
A nave central da Igreja é dividida em cinco tramas, definidos por arcos torais a pleno centro, permitindo a comunicação com as laterais, que assentam em pilares de perfil quadrangular, unidos por friso e cornija. Estes pilares também sustentam a abóbada de arestas que cobre a nave central.
As naves laterais são de altura inferior à da nave central. Estas são cobertas por abóbadas de nervuras e possuem altares, formando capelas intercomunicantes através de arco de volta perfeita.

No transepto, três absidíolos, dois do lado do Evangelho e um no lado da Epístola. Arco triunfal a pleno centro.
Capela-mor apresenta em cada muro três grandes janelas, encimadas por cornija contracurvada, sendo divididas por pilastras. Superiormente, corre friso e cornija, a que se sucedem janelas, tornando a capela-mor um espaço intensamente iluminado.
Retábulo de talha policromada, cadeiral e anjos tocheiros a ladear o altar-mor. Cobertura em abóbadas de aresta semelhantes às da nave.
O coro-alto é assente num arco em "asa de cesto", sendo marcado por moldura de cantaria contracurvada e protegido por guarda de madeira.
A sacristia, do lado da Epístola, é abobadada com ogivas apoiadas em duas colunas, tendo comunicação com o antigo dormitório.
Do lado do Evangelho existe uma porta de acesso a uma divisão que comunica com o piso superior, que corresponde à antiga hospedaria, paralela à igreja e corpo paralelo dos antigos dormitórios com comunicação em nível superior.
As sucessivas reconstruções da igreja mantiveram a planimetria, parte do alçado e até coberturas abobadadas de algumas capelas.

Os vestígios da existência de outras duas igrejas anteriores à actual são visíveis pelos dois pilares da nave, um arco em ogiva à esquerda do transepto e pela abóbada de berço do tramo da capela colateral norte
Ao alçado sul, adossam-se os dois claustros e antigas instalações do mosteiro assim como uma fachada inacabada.
Um dos claustros, o denominado Claustro Grande, é composto, nas quadras, por arcos de volta inteira no primeiro piso, coberto por abóbadas de ogiva, e galeria superior fechada, com janelas encimadas por frontão triangular sendo encimadas por eirado. Este é coberto por abóbadas de berço. Numa das alas, situa-se a sala do capítulo de planta quadrangular e abóbada de nervuras, revestida por silhares de azulejo.
A ala sul comunica com outro claustro, em estado de ruína, de arcos de volta inteira, assentes em coluna de fuste liso, desenvolvendo-se, no segundo piso, a residência paroquial. Surgem dependências do antigo mosteiro, em ruínas, e outras construções incaracterísticas completam o conjunto.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820050011: Mosteiro e Igreja de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: biaxial
6.9. Igreja – cabeceira: rectangular
6.10. Claustros existentes – nº: 2
6.11. Claustros existentes – forma: trapezoidal
6.12. Materiais: Paredes autoportantes **I** estrutura autónoma e mista **I** Granitos, alvenarias, rebocos, madeiras.
6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Pintores: Bento Coelho da Silveira (1690); Pascoal Parente (1764); Simão Rodrigues (séc. 16). **I** Entalhador: António Coelho (1680). **I** Serralheiro: António Luís (1713).
6.14. Obs.:A estrutura do edifício é românico-gótica, tendo sido reformulado no período maneirista, no qual foram rasgadas as fenestrações do transepto e feito o claustro grande de dois andares. Também no período barroco se fizeram transformações com a criação de uma nova fachada principal e o enquadramento do coro-alto.
Existem estruturas retabulares joaninas e silhares de azulejos barrocos, do tipo padronagem e figurativo azul e branco.
(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820050011: Mosteiro e Igreja de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso - Igreja aberta ao culto;
Residencial- antiga hospedaria e dependências monásticas;
Civil - antiga enfermaria usada pela banda musical local;
Industrial- Lagar de azeite e Tulha antiga para armazenagem
7.3. Cronologia de usos:
Utilização religiosa desde a sua fundação
Séc. XIX – Devoluto e utilização residencial
Séc. XX – Religioso (Igreja) e residencial (hospedaria é a residência de particulares)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
1150· D. Teresa Afonso compra ao abade Ranol vários prédios em Lamatrema, Vila Chã, Lamelas, Fonte de Formilo (Granja Nova) e

Barreiros, para integrarem o couto do mosteiro de Argeris (Salzedas); compra de várias terras na área de Fonte de Salzeda

1155 - D. Teresa Afonso adquire a Frei Randulo um conjunto de propriedades junto à mesma Fonte

séc. XII, meados - inicio da construção da igreja primitiva, provavelmente junto ou sobre um edifício de raiz pré-românica

1163 - carta de D. Afonso Henriques que doa o Couto de Algeris (depois chamado de Salzedas) a D. Teresa Afonso, viúva de Egas Moniz, para que esta o ofereça ao Mosteiro de Salzedas, da Regra de São Bento

1164 - D. Mendo cede a jusrisdição sobre o Mosteiro de Salzedas ao rei e a D. Teresa Afonso, em troca da igreja e couto de Bagaúste e de dois casais em Vila de Rei

1168 - lançamento dos fundamentos da nova igreja de Salzedas

1171 - falecimento de D. Teresa Afonso

1196 – filiação na ordem de Cister

1225 - conclusão e consagração da segunda igreja

1341 - D. Afonso IV confirma ao mosteiro o padroado da Igreja de São Pedro de Castro Rei (Tarouca)

Séc. XVI - D. João III extingue o mosteiro

- pintura da capela-mor por Simão Rodrigues

1564 - restauro do mosteiro

Séc. XVII - profundas remodelações

Séc. XVIII - continuação das remodelações de que é exemplo a fachada principal

Séc. XIX - construção da torre sineira

1834 - extinção do culto

1878 - possuía os seguintes altares: Senhor preso à coluna, Santo António, Santa Teresa, Santa Sancha, São João Baptista, São Bento, Nossa Senhora da Soledade, Nossa Senhora da Conceição, Nosso Senhor dos Passos, São Bernardo, Santa Umbelina, São Sebastião, Nossa Senhora do Desterro, São Félix, Senhor morto

Séc. XIX/XX - desamortização parcial dos bens monásticos: a cerca e parte do edificado monástico são adquiridos por um particular; a igreja e dependências mais directas são afectadas à paróquia; no lado norte da ala poente é instalada a residência paroquial.

1990 - parte das dependências anexas ruíram

1992 - as obras em decurso puseram em evidência a igreja primitiva, do século XIII

1995 - despacho ministerial para classificação da igreja como Monumento Nacional.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 7 de Janeiro 1533
8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820050011: Mosteiro e Igreja de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN) - Igreja **I** Em vias de classificação (EVC) - restantes dependências
9.2. Documentos legais:
Dec. nº 67/97, DR 301 de 31 de Dezembro 1997 (MN)
[Igreja, a Sacristia, a Sala do Capítulo, a Capela do Desterro e Jardim anexo]

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular (Igreja, sacristia, Capela do Desterro)
mau (claustros, sala do capitulo, restantes dependências monásticas)
ruína (claustros, algumas zonas da hospedaria e zonas de trabalhos agrícolas)

10.2. Autenticidade: estrutura abandonada no séc. XII, intervenção com novos materiais (betão) levada a cabo pela DGEMN nos claustros.
10.3. Integridade: preserva-se a integridade da ruína
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Recuperação **I** Conservação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções*:
DGEMN:
1980/1981 - Obras de recuperação e valorização
1983 - Consolidação da ala poente do denominado Claustro Grande, com a demolição da abóbada do segundo piso, substituída por uma de betão armado
- reconstrução da parede de separação entre os dois claustros

- Consolidação do Claustro Pequeno, com colocação de laje de piso, com tirantes que uniram os arcos do primeiro andar à parede do edifício contíguo
- levantamento do telhado sobre a galeria do segundo piso

1986 - obras de recuperação;

1987 - construção de parte das coberturas sobre a *nave* lateral esquerda - picagem dos rebocos interiores
- reconstrução de pavimentos e tectos da zona da antiga cozinha

1988 - obras de conservação 1990 - reconstrução de coberturas
- obras de consolidação das coberturas das dependências anexas, integradas no Claustro Pequeno
- beneficiação da ligação da capela-mo r à sacristia
- reconstrução da guarda do segundo piso do Claustro Pequeno

1992 - beneficiação das coberturas
- picagem de rebocos interiores e paramentos do alçado lateral esquerdo
- drenagens do alçado lateral esquerdo

IPPAR:

1998 - reparações diversas.

2002 -programa para a recuperação e valorização do Mosteiro de Salzedas no âmbito do Programa de Recuperação de Conjuntos Monásticos num horizonte temporal de 2002-2006 (4,2 milhões de Euros / 840 mil contos)

11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)

11.4. Entidades: DGEMN / IPPAR

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Estudo de programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo do enquadramento urbano e paisagístico
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo para criação de espaço expositivo no mosteiro e sinalética interpretativa do mosteiro
- Sinalização rodoviária (monumento)
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão)
- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e incorporados no edifício
- Estudo diagnóstico de patologias com propostas de actuação
- Consolidação de emergência das partes que ameaçam colapso
- Restauro urgente do arcaz

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820050011: Mosteiro e Igreja de Salzedas; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

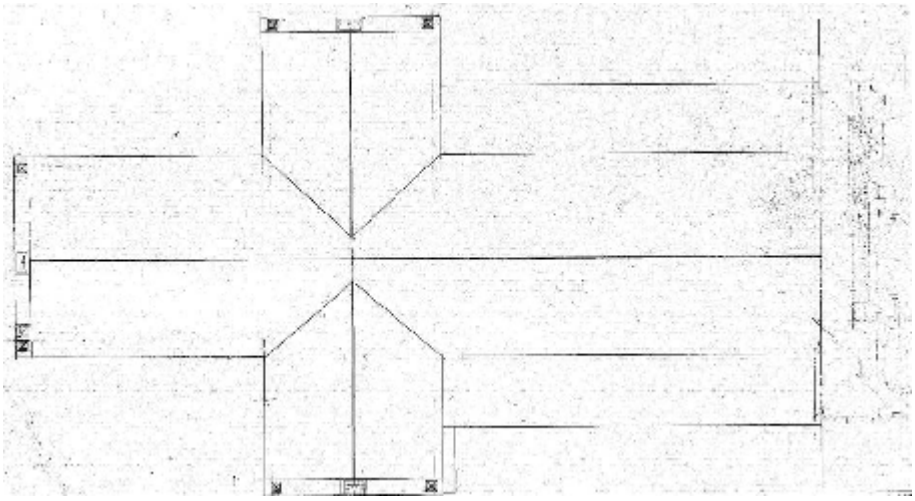


Fig. 1. Planta da cobertura, 1986 (DGEMN)

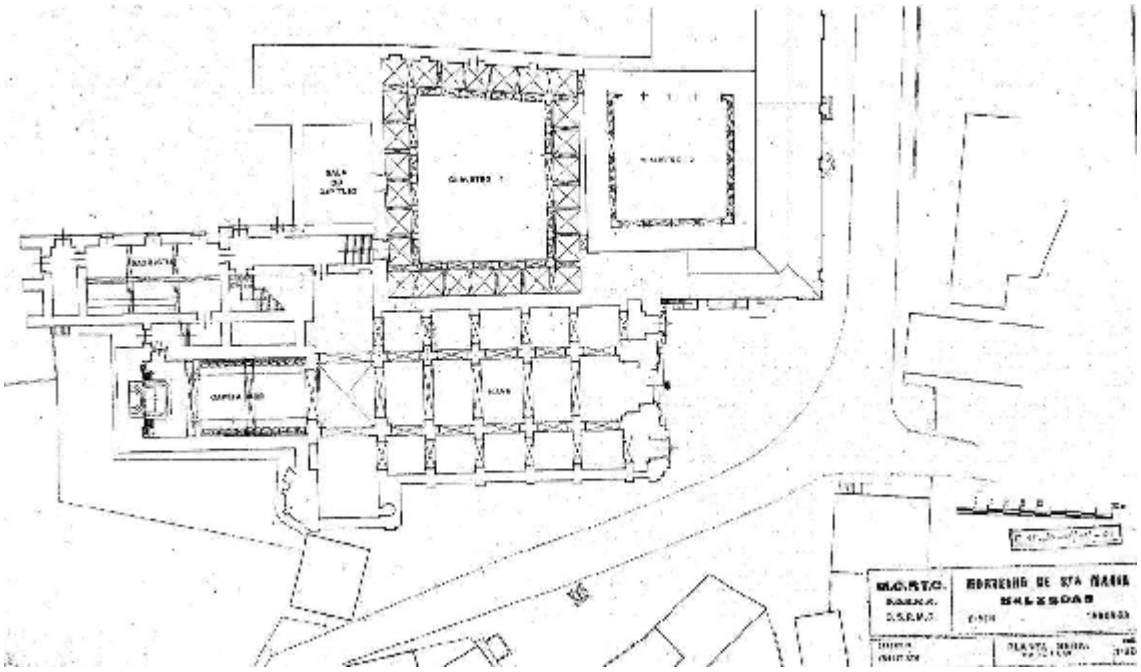


Fig. 2. Planta, 1995 (DGEMN)

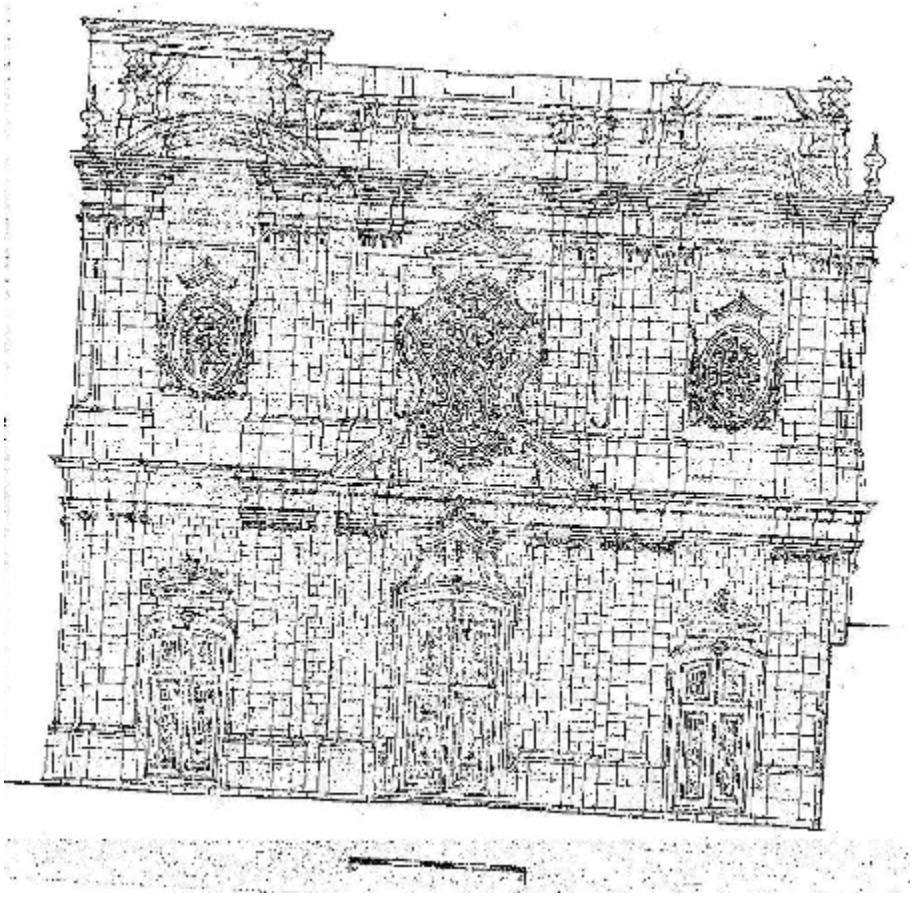


Fig. 3. Alçado Fachada Principal da Igreja, 1994 (DGEMN)

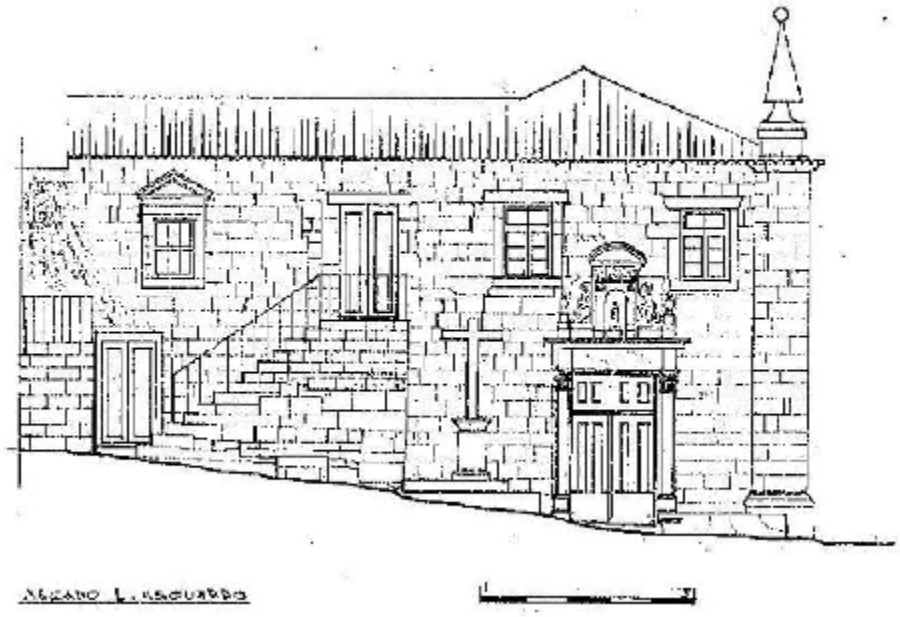


Fig. 4. Alçado Fachada da residência paroquial (lateral esquerda do alçado principal da Igeja), 1994 (DGEMN)

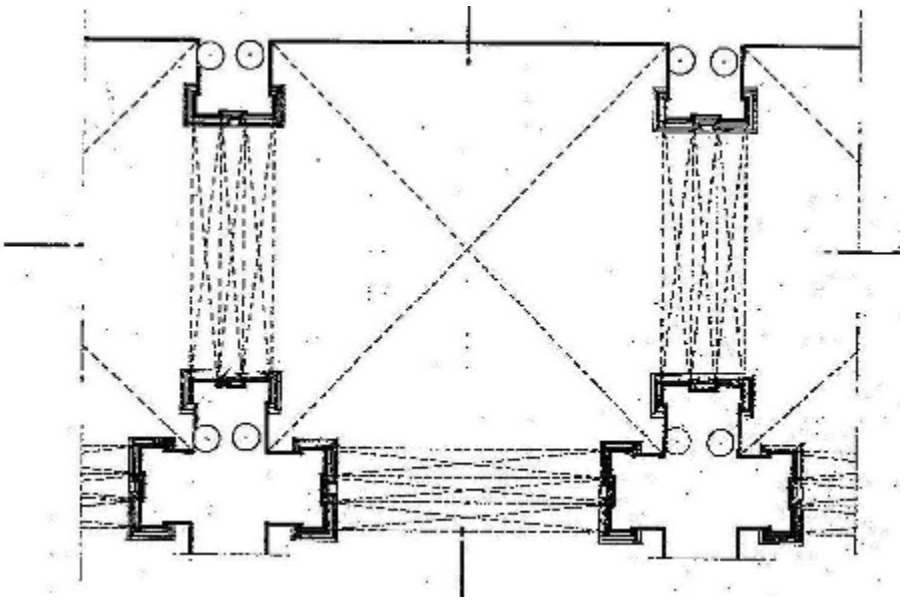


Fig. 5. Planta de um tramo da Igreja, note-se a demarcação das 2 estruturas existentes, 1986 (DGEMN)

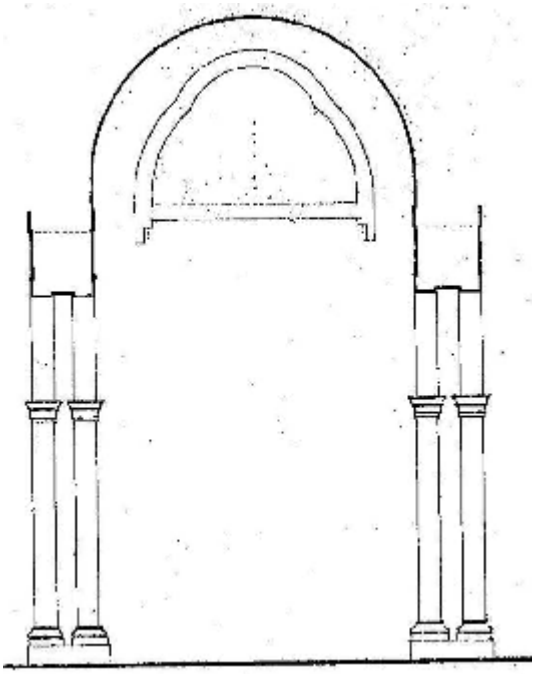


Fig. 6.Alçado nave lateral, 1986 (DGEMN)

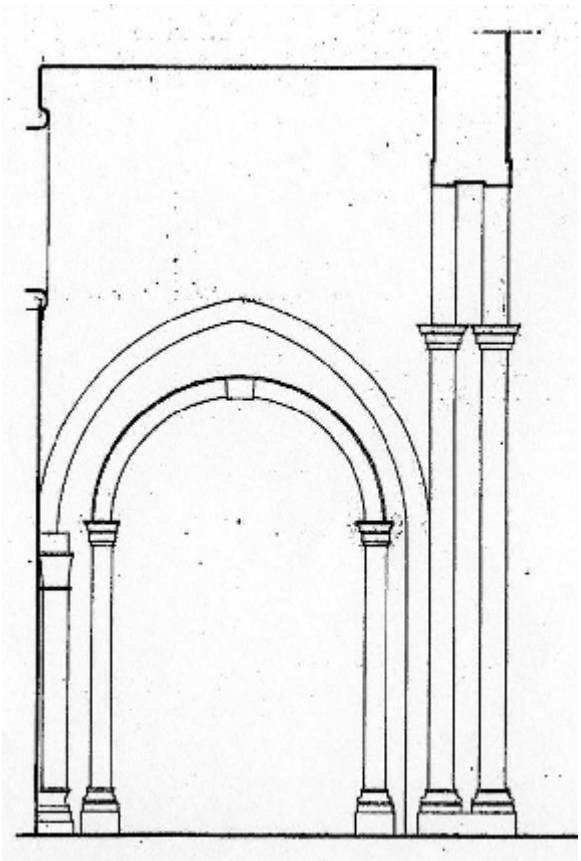


Fig. 7. Alçado-corte nave lateral, 1986 (DGEMN)

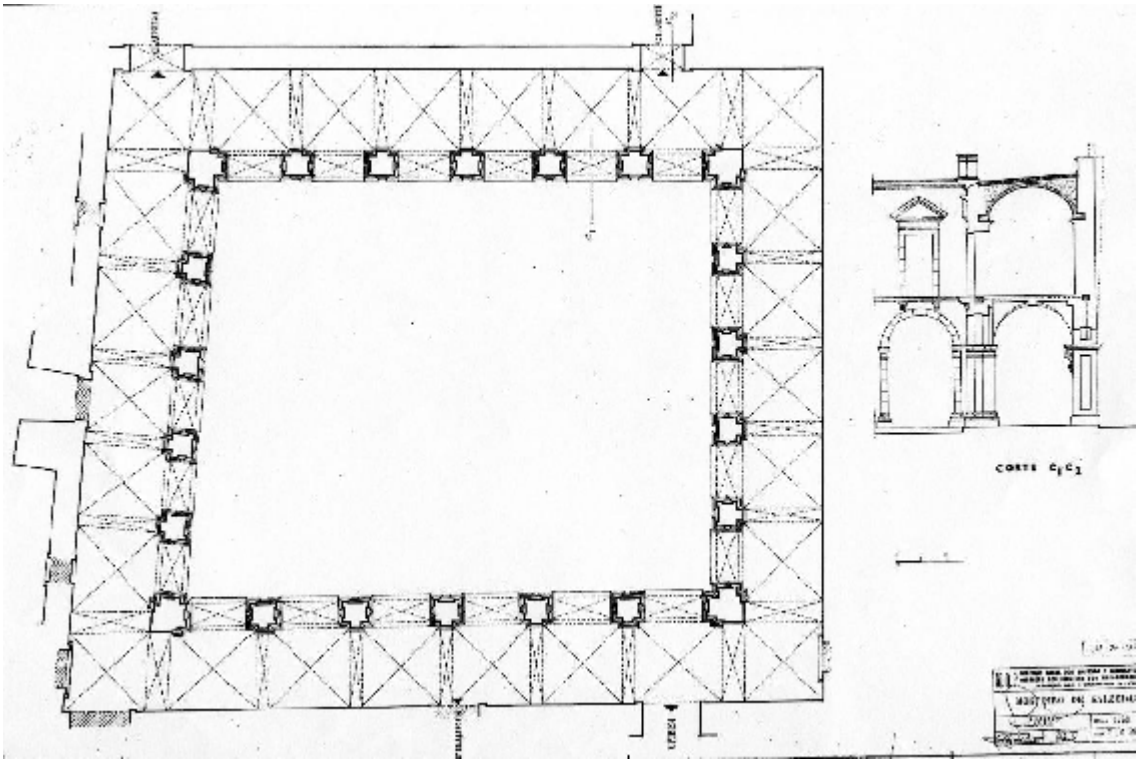


Fig. 8. Planta dos claustros do séc. XVIII e alçado-corte das arcadas claustrais, 1980 (DGEMN)

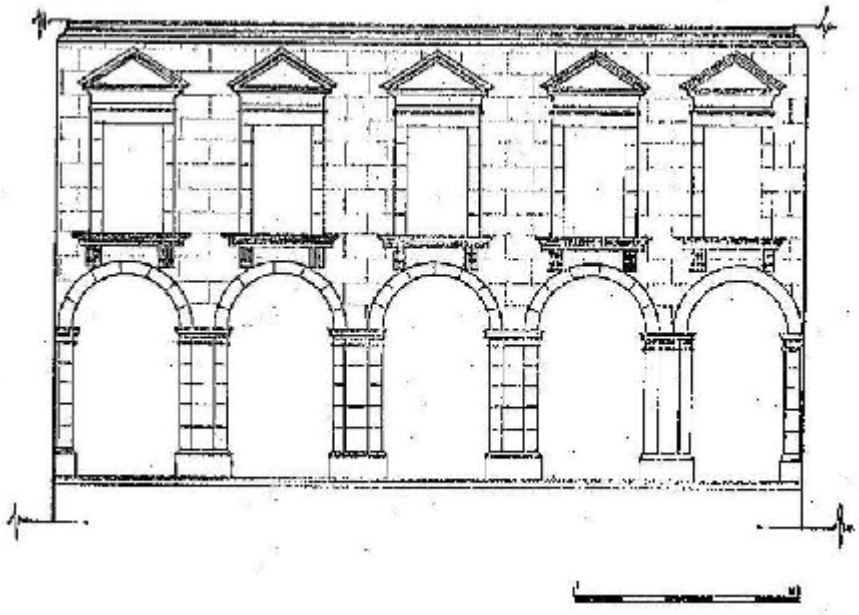


Fig. 9. Alçado do Claustro norte, do séc. XVII, 1994 (DGEMN)

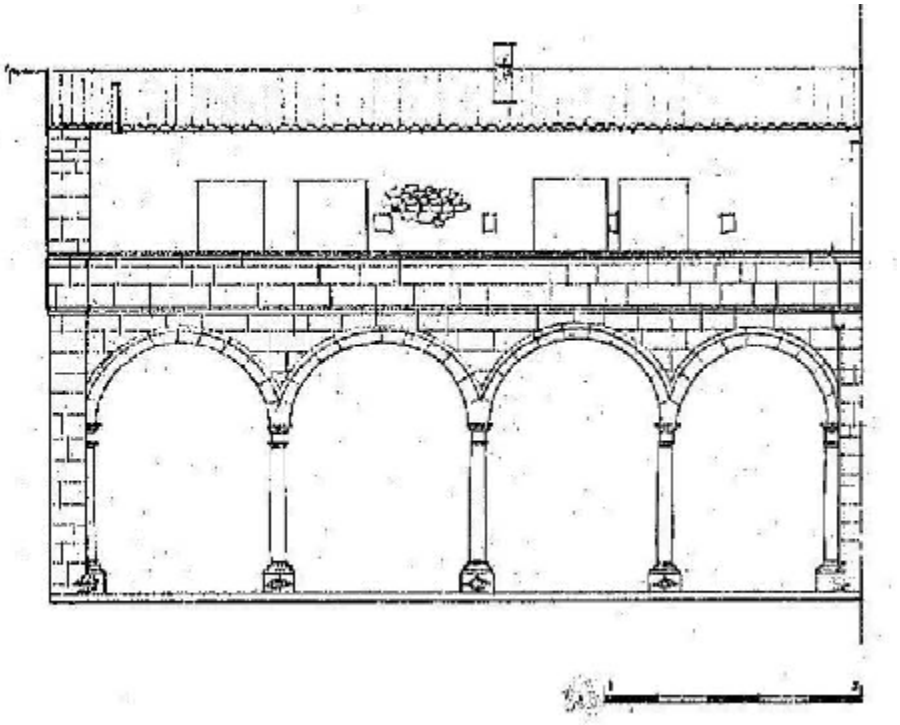


Fig. 10. Alçado do Claustro sul, do séc. XII, 1994 (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 11. Vista do Mosteiro através do casario de Salzedas (DGEMN)

Fig. 12. Vista posterior (DGEMN)

Fig. 13. Igreja e edifício monástico (IPPAR)

Fig. 14. Igreja, 1960 (DGEMN)

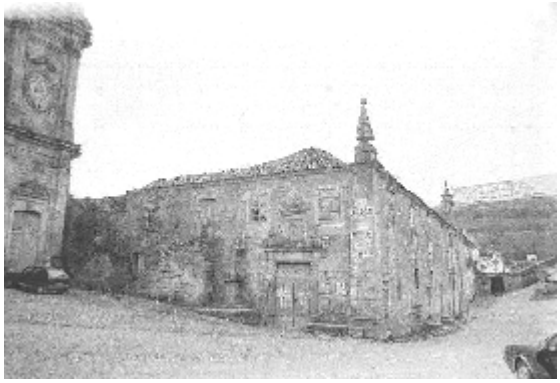


Fig. 15. Igreja e edifício monástico, 1960 (DGEMN)

Fig. 16. Igreja, 1970 (DGEMN)

Fig. 17. Hospedaria, 1970 (DGEMN)

Fig. 18. Igreja, 1970 (DGEMN)

Fig. 19. Envolvente imediata, 1970 (DGEMN)

Fig. 20. Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 21. Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 22. Igreja, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 23. Acesso ao interior da cerca (DGEMN)

Fig. 24. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 25. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 26. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

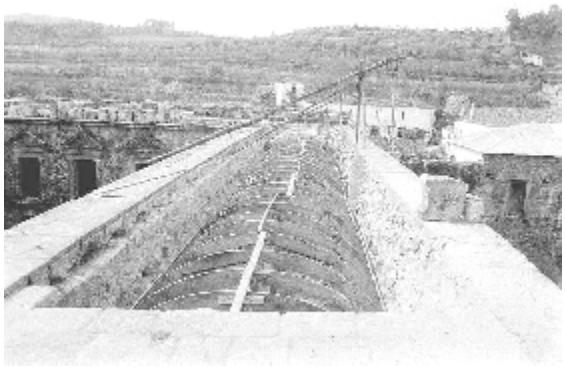


Fig. 27. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 28. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 29. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 30. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

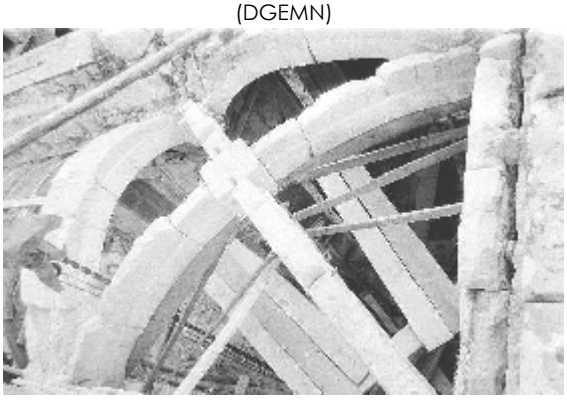


Fig. 31. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 32. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 33. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

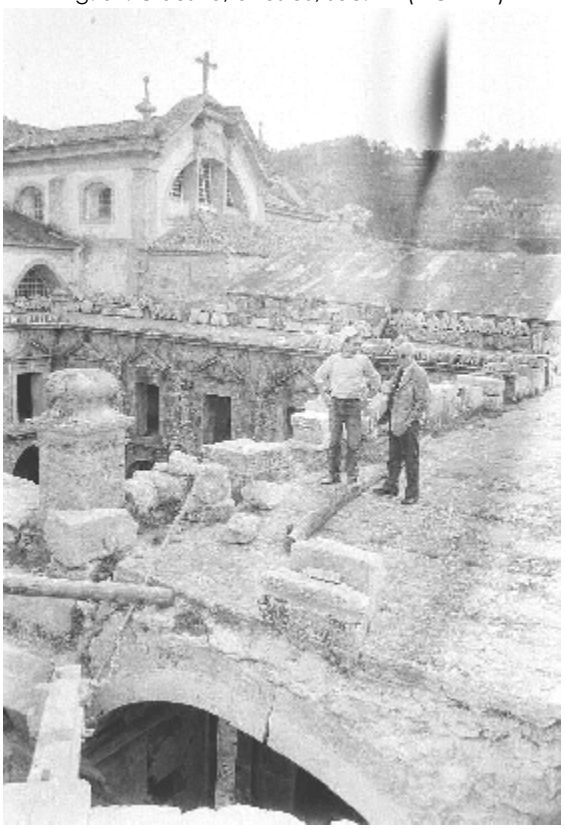


Fig. 34. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

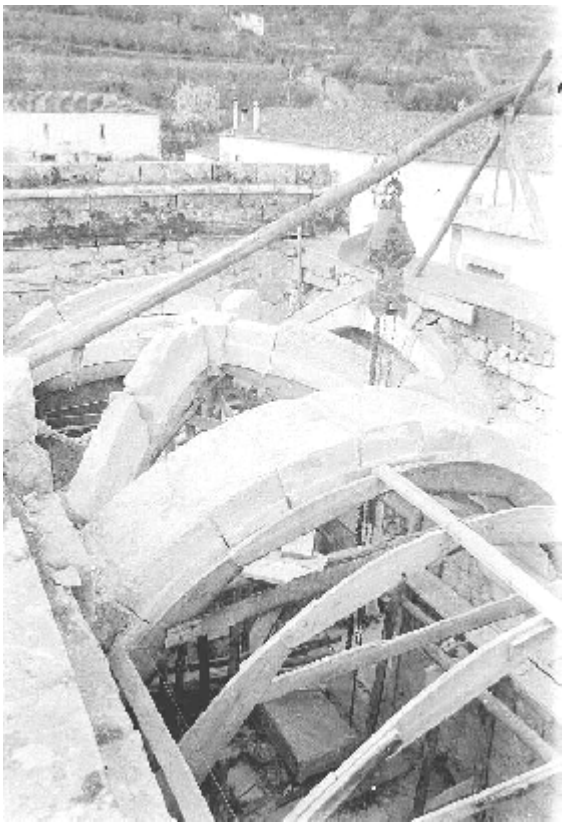


Fig. 35. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

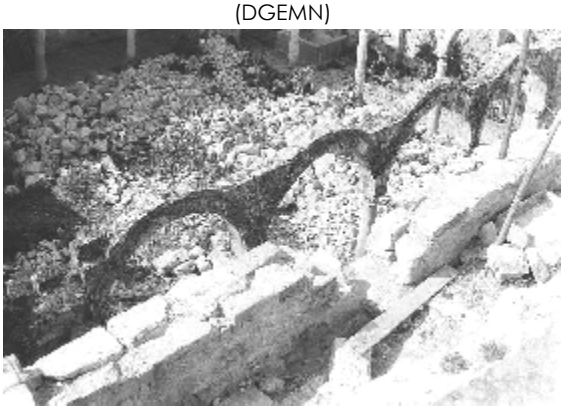


Fig. 36. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 37. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 38. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 39. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

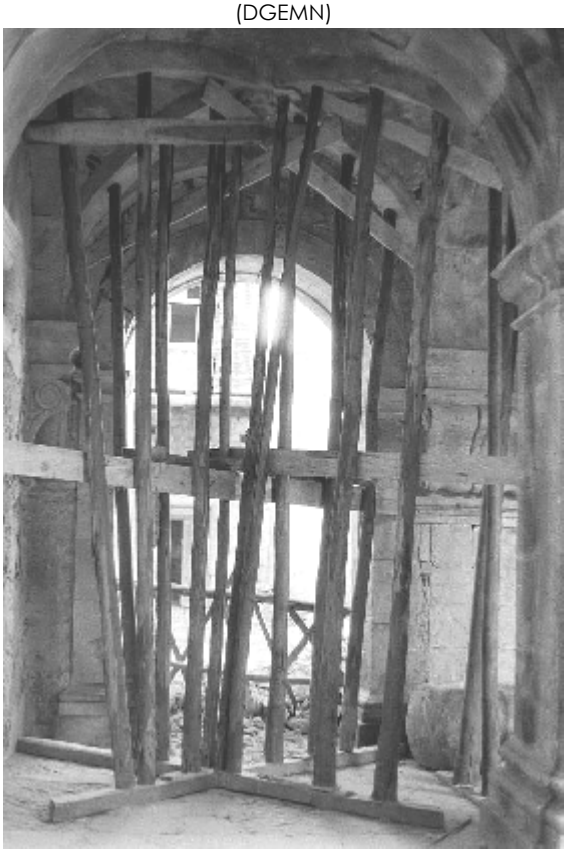


Fig. 40. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

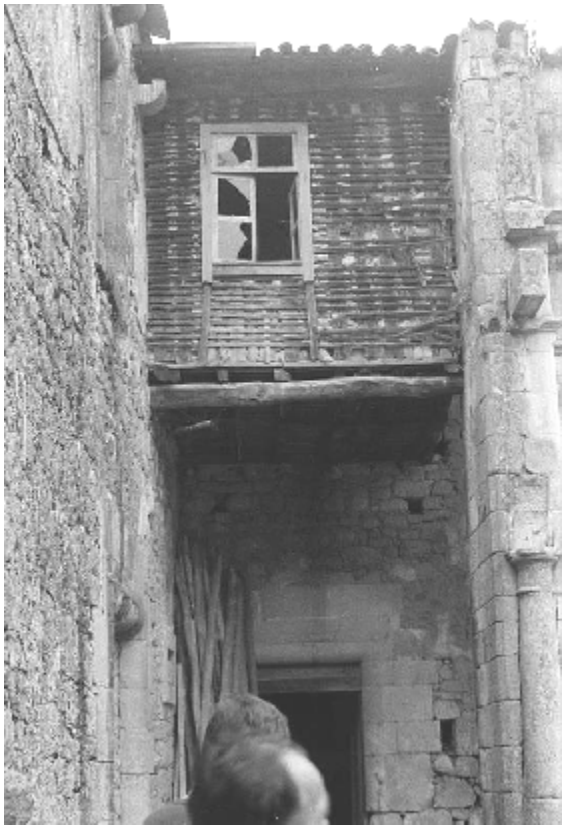


Fig. 41. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 42. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 43. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

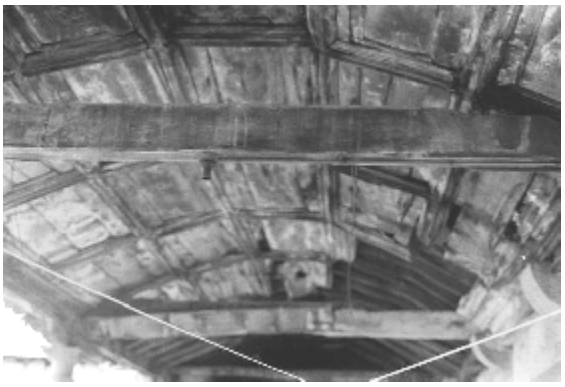


Fig. 44. Claustro, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 45. Claustro: Obras da DGEMN, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 46. Absidíolo, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 47. Cabeceira da igreja, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 48. Cabeceira da igreja, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 49. Edificio monástico, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 50. Ponte e hospedaria (IPPAR)

Fig. 51. Hospedaria (IPPAR)

Fig. 52. Claustro norte (IPPAR)

Fig. 53. Claustro sul (IPPAR)

Fig. 54. edifício monástico (IPPAR)

Fig. 55. Claustro norte (IPPAR)

Fig. 56. Claustro sul (IPPAR)

Fig. 57. Claustro sul (IPPAR)

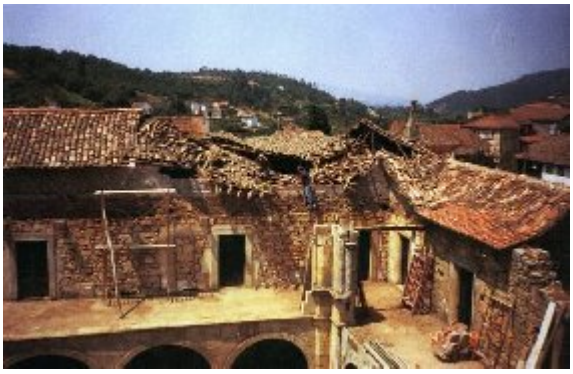


Fig. 58. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 59. Cerca, 1989 (DGEMN)

Fig. 60. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 61. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 62. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 63. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 64. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

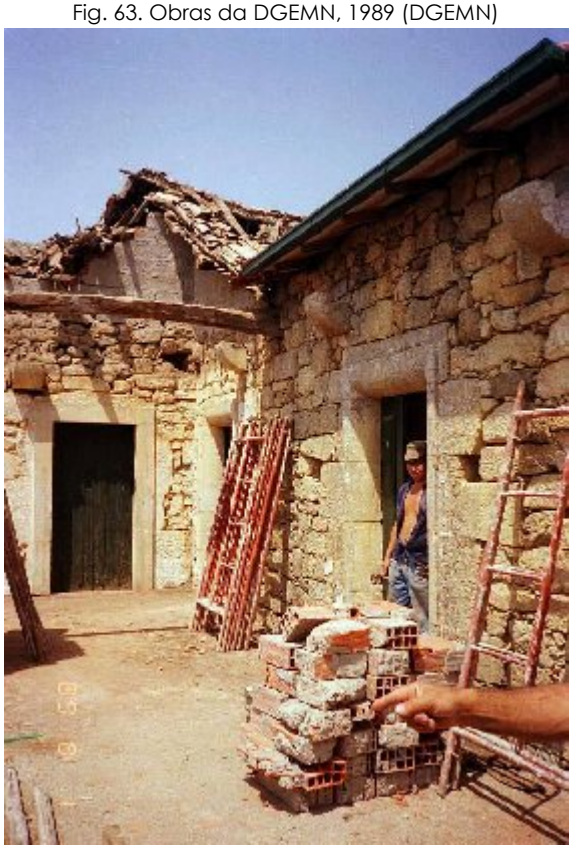


Fig. 65. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 66. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 67. Obras da DGEMN, 1989 (DGEMN)

Fig. 68. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 69. Acesso ao interior da cerca, 2003 (autora)

Fig. 70. Hospedaria, 2003 (autora)

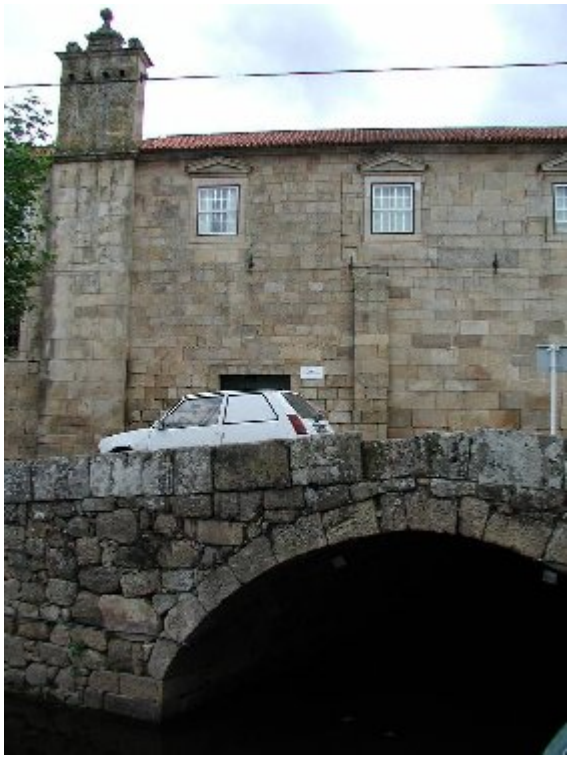


Fig. 71. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 72. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 73. Rio Torno, 2003 (autora)

Fig. 74. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 75. Cruzeiro, 2003 (autora)

Fig. 76. Adro, 2003 (autora)

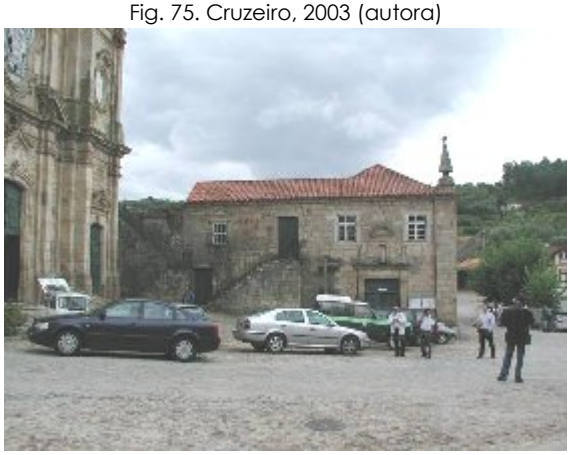


Fig. 77. Adro, 2003 (autora)

Fig. 78. Edifício monástico, Adro, imagem de Stª Maria com data de 1710, 2003 (autora)

Fig. 79. Igreja, fachada principal, janelão, 2003 (autora)

Fig. 80. Igreja, torre sineira, 2003 (autora)

Fig. 81. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 82. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 83. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 84. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 85. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 86. Hospedaria, imagem de D. Afonso Henriques, 2003 (autora)

Fig. 87. Hospedaria, brasão, 2003 (autora)

Fig. 88. Edificio monástico, vestígios da cozinha e da intersecção do refeitório com o restante edifício, 2003 (autora)

Fig. 89. Vestígios do antigo refeitório: porta, bases dos bancos corridos e marcação de revestimento azulejar, 2003 (autora)

Fig. 90. Lagar, 2003 (autora)

Fig. 91. Vestígios do antigo refeitório, 2003 (autora)

Fig. 92. Lagar, 2003 (autora)

Fig. 93. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 94. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 95. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 96. Edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 97. Edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 98. Edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 99. Edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 100. Absidíolo, 2003 (autora)

Fig. 101. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 102. Edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 103. Claustro norte(DGEMN)

Fig. 104. Capela do Desterro (IPPAR)

Fig. 105. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 106. Jardins anexos à capela do desterro (DGEMN)

Fig. 107. Jardins anexos à capela do desterro (DGEMN)

Fig. 108. Fonte e nicho com imagem de Stª Maria, 2003 (autora)

Fig. 109. Jardins anexos à capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 110. Jardins anexos à capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 111. Fonte e nicho com imagem de Stª Maria, 2003 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 112. Igreja: coro dos monges (DGEMN)

Fig. 113. Igreja (DGEMN)

Fig. 114. Igreja: nave colateral (DGEMN)

Fig. 115. Coro e capela-mor (DGEMN)

Fig. 116. Transepto (DGEMN)

Fig. 117. Transepto (DGEMN)

Fig. 118. Nave lateral antes da descoberta da arcatura medieval (DGEMN)

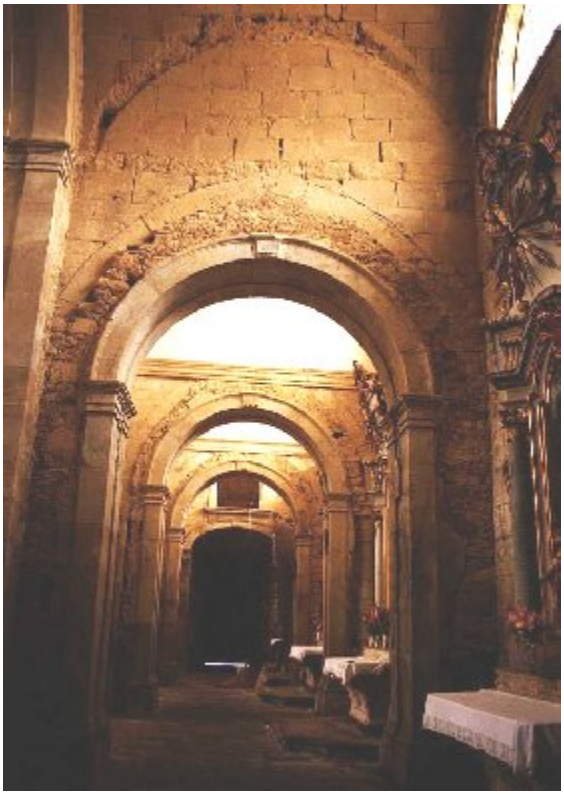


Fig. 119. Nave lateral depois da descoberta da arcatur medieval (DGEMN)

Fig. 120. Nave lateral depois da descoberta da arcatur medieval (DGEMN)

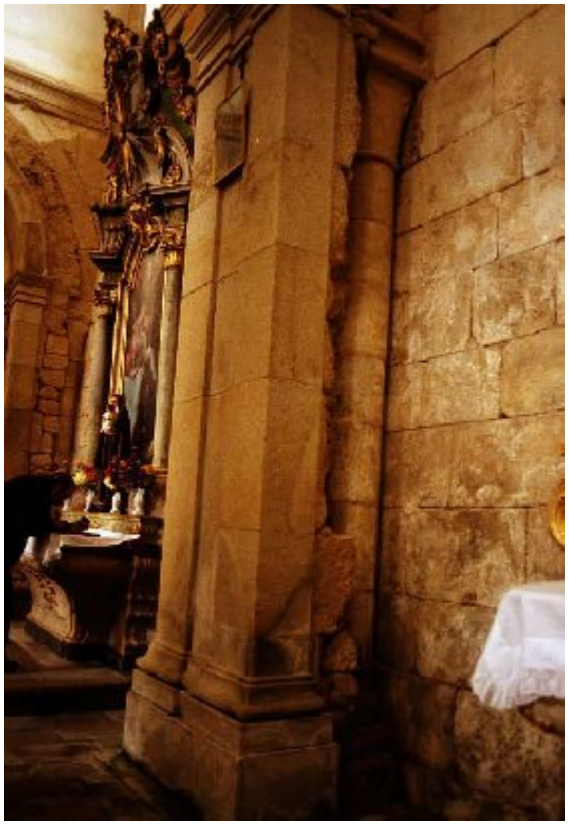


Fig. 121. Nave lateral detalhe da dupla arcatura (DGEMN)

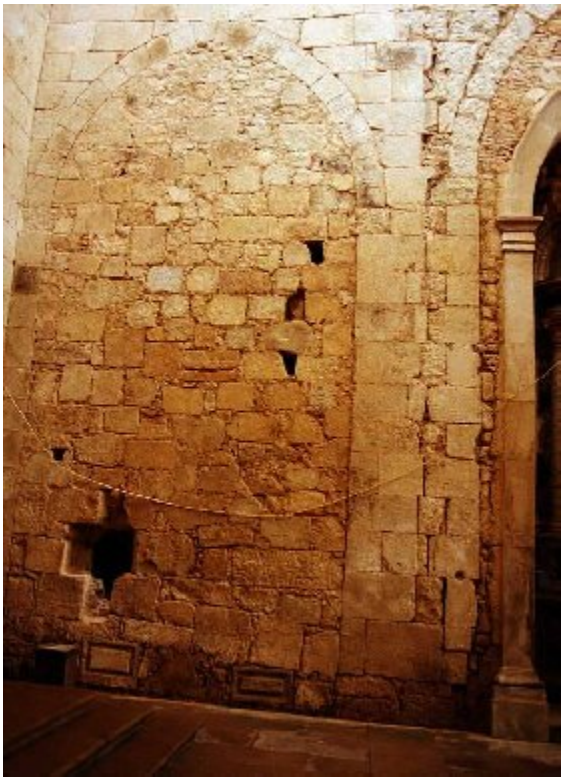


Fig. 122. Absidíolo emparedado (DGEMN)

Fig. 123. Absídiolo já desemparedado (DGEMN)

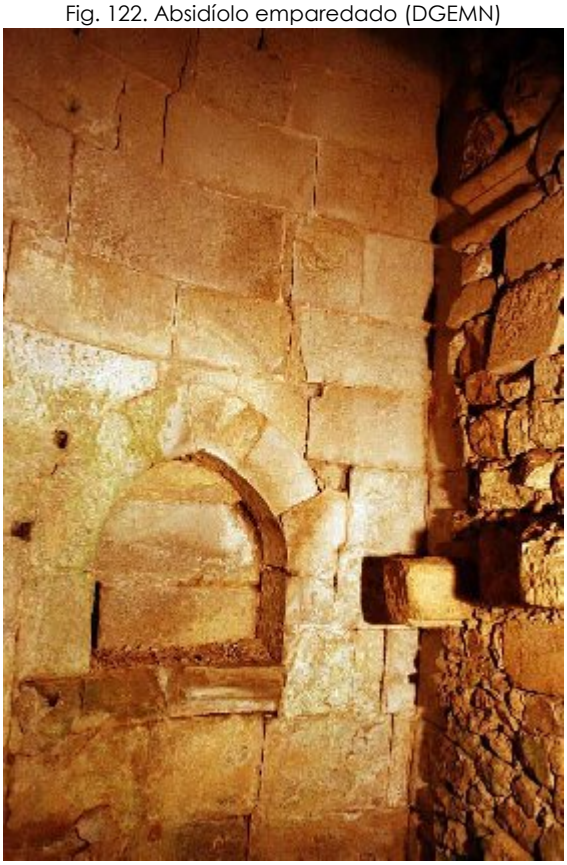


Fig. 124. Absidíolo (DGEMN)

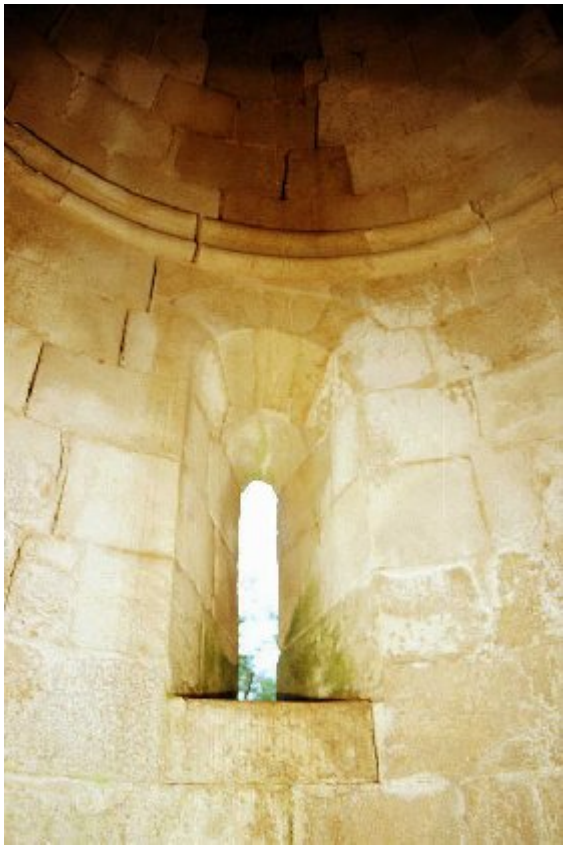


Fig. 125. Absidíolo (DGEMN)

Fig. 126. Absidíolo (DGEMN)

Fig. 127. Absidíolo (DGEMN)

Fig. 128. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 129. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 130. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 131. Igreja: nave lateral, 2003 (autora)

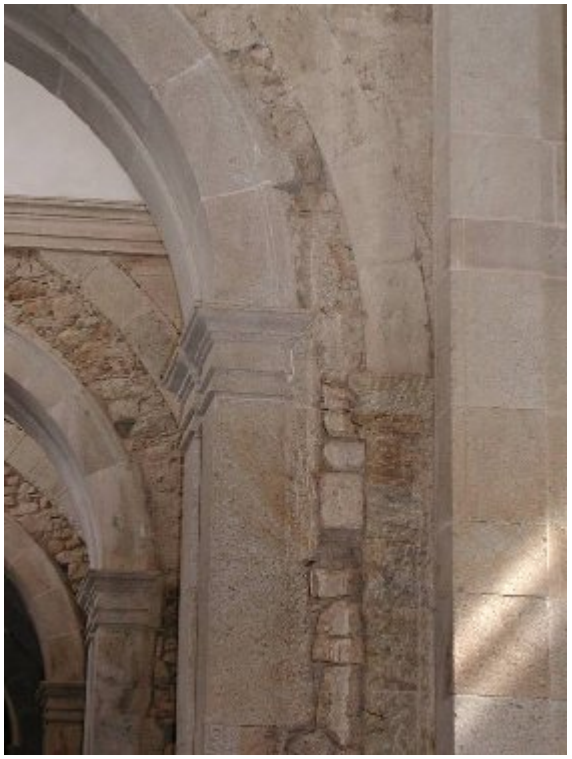


Fig. 132. Igreja: nave lateral, 2003 (autora)

Fig. 133. Igreja: Túmulo, 2003 (autora)

Fig. 134. Igreja: acesso à sacristia e altar, 2003 (autora)

Fig. 135. Capela-mor, 2003 (autora)

Fig. 136. Igreja: nave lateral, 2003 (autora)

Fig. 137. cadeiral, 2003 (autora)

Fig. 138. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 139. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 140. Igreja nave lateral, 2003 (autora)

Fig. 141. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 142. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 143. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 144. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 145. Igreja: aleitação de S. Bernardo, 2003 (autora)

Fig. 146. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 147. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 148. Órgão, 2003 (autora)

Fig. 149. pormenor do cadeiral, 2003 (autora)

Fig. 150. Púlpito, 2003 (autora)

Fig. 151. Púlpito, 2003 (autora)

Fig. 152. Igreja: altar colateral, 2003 (autora)

Fig. 153. Igreja: altar-mor, 2003 (autora)

Fig. 154. Igreja: acervo de ourivesaria do Mosteiro de Salzedas (exposição), 2003 (autora)

Fig. 155. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 156. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 157. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 158. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 159. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 160. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 161. Claustro norte, 2003 (autora)

Fig. 162. Claustro norte, 2003 (autora)

Fig. 163. Claustro norte, 2003 (autora)

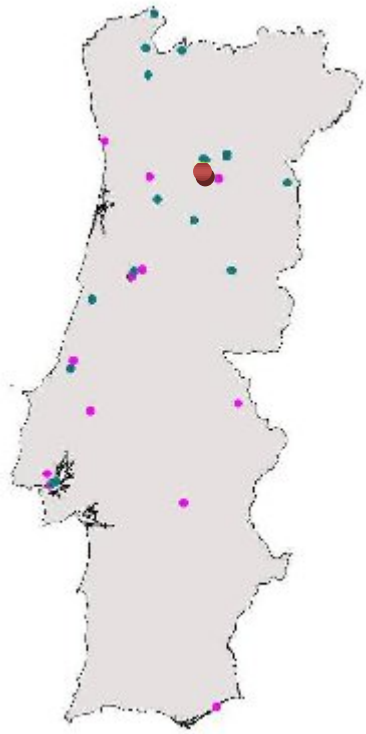
Fig. 164. Claustro norte: lavabo, 2003 (autora)

Fig. 165. Claustro norte, acesso ao antigo refeitório, 2003 (autora)

Fig. 166. Claustro norte, 2003 (autora)

Fig. 167. Altar-mor da Capela do Desterro, 2003 (autora

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE S. JOÃO DE TAROUCA

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de São João de Tarouca
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Tarouca **I** Mosteiro de S. João de Tarouca
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Convento e Igreja de São João de Tarouca
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT011820060009
1.5. IPPAR – Designação: Convento e Igreja de São João de Tarouca
1.6. IPPAR – nº de identificação: 4390
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação, em 1143
Claraval – Tarouca
1.8. Diocese: Lamego
1.9. Construção: séc. XIII / séc. XVII (Início 1122 segundo a DGEMN e 1152 segundo o IPPAR)
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Alta
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: Tarouca
2.4. Freguesia: São João de Tarouca
2.5. Direcção Postal:
Mosteiro de São João de Tarouca
3610-082 São João de Tarouca

3. ACESSIBILIDADES

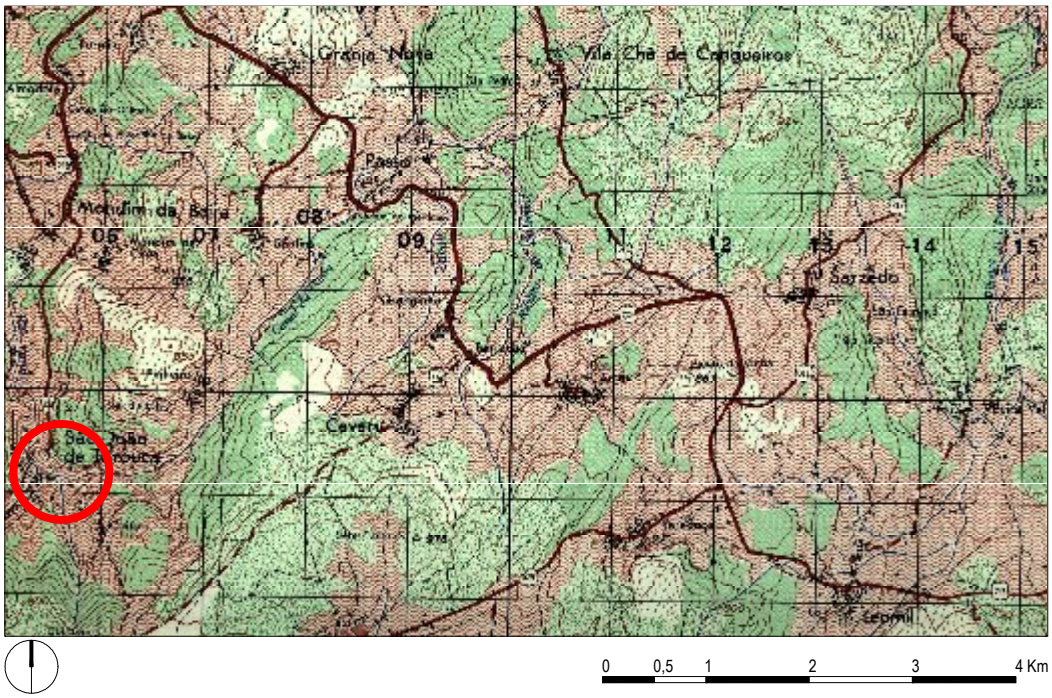
3.1. Acessos:
Do Porto: A4 (Amarante) -IP4 (Vila Real) - EN2 (ou em alternativa IP3) - Peso da Régua - Lamego - EN 226 (Moimenta da Beira) direcção a Ucanha pouco depois vira-se para S. João de Tarouca por ramal sinalizado. Situa-se a 15 Km de Lamego

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: Encerra à segunda-feira; no dia 01 de Janeiro, no Domingo de Páscoa, no dia 01 de Maio e no dia 25 de Dezembro. Tem missa ao Domingo às 10h30m, não havendo visita neste horário. Para visitas guiadas falar com o Sr. António Vieira Caetano no próprio Mosteiro ou através do telefone + 351 254678766
Horário de Inverno, durante os meses de Outubro a Abril: 09h30m -12h30m / 14h00m -17h30m; Horário de Verão durante os meses de Maio a Setembro: 10h0m - 12h30m / 14h00m - 18h00m
3.5. Contactos: Mosteiro de São João de Tarouca **I** 3610-082 São João de Tarouca **I** tel. +351 254678766 **I** Câmara Municipal de Tarouca **I** 3610-128 TAROUCA **I** tel. +351 254 67 86 50 **I** fax.+351 2546785 52

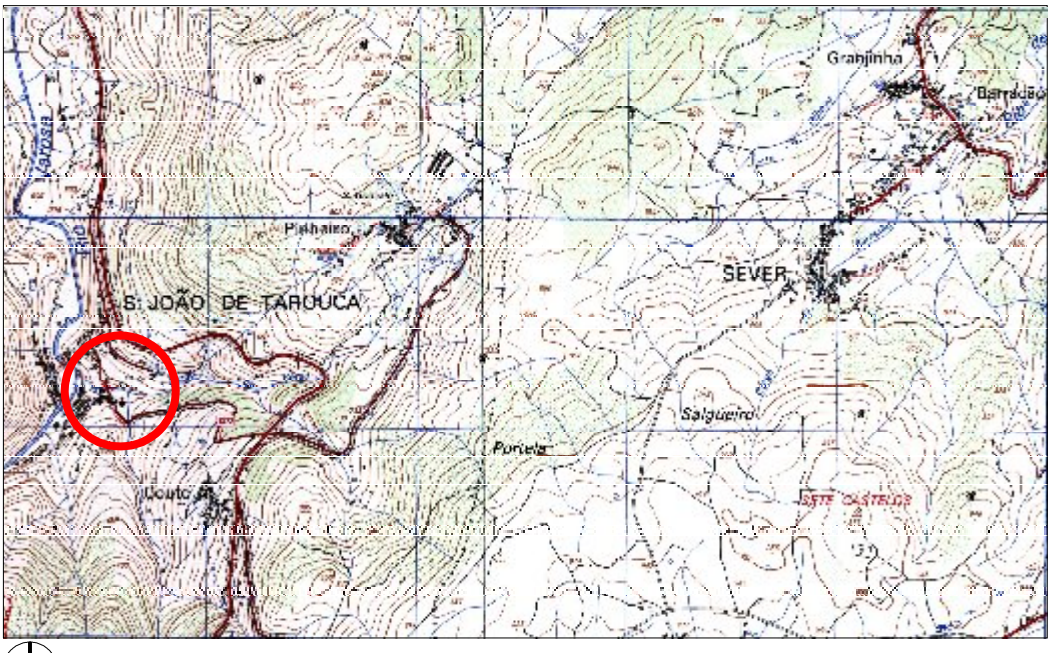
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

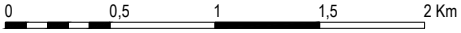
4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº14-I MOIMENTA DA BEIRA (1982)



(desenho da autora sobre carta militar série M782)

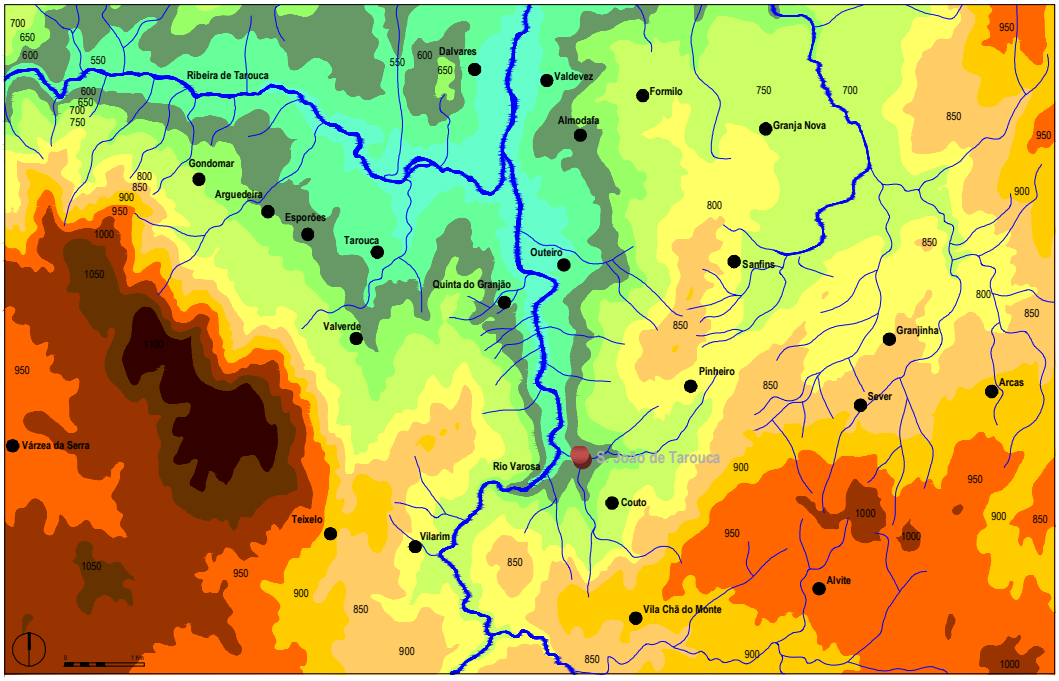
4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº148 MOIMENTA DA BEIRA (1997)





(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Rio Varosa)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40° 59' 40" N **I** Longitude: 7° 44' 46"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 232560 **I** Y: 447352

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: MAPS 95 **I** rolo nº: 20 **I** fotografia nº 1041

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

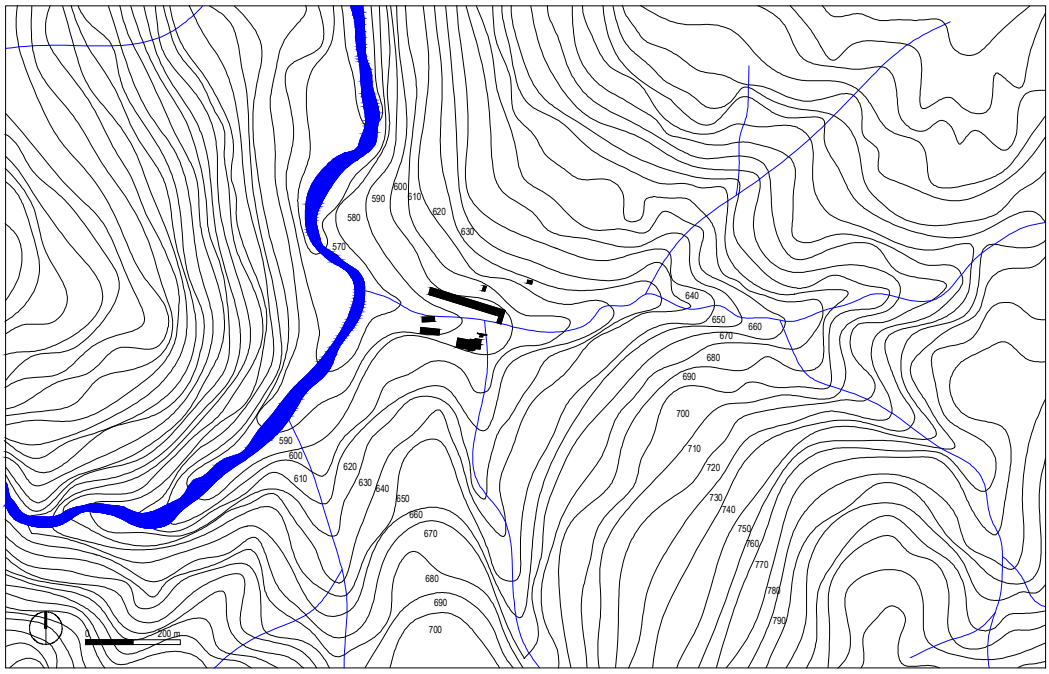
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 590 m
4.10.Proximidades e relações: Ucanha **I** Salzedas **I** Mosteiro de Santa Maria de Salzedas **I** Abadia Velha **I** Murganheira **I** Antigo Couto de São João de Tarouca **I** Paisagem
4.11 Obs.: Localiza-se na encosta da Serra de Leomil, num grande vale no fundo do qual se encontra o rio Varosa.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado
5.2. Afectação / Ocupação: Paroquia e antigo IPPAR, actualmente IGESPAR; Algumas partes estão afectas ao IPPAR (Dec. Lei *106F/92,* de 01 Junho - Igreja). Igreja igualmente afecta ao culto

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Gótico **I** Barroco
6.3. Estilos paralelos: Românico **I** Renascentista
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior:

O templo medieval possuía cabeceira ad quadratum, com capelas quadrangulares escalo nadas, transepto pouco saliente e três naves abobadadas.

Cobertura em telhado de duas águas na igreja e quatro na torre sineira.

Fachada principal cujo pano de fundo é dividido por duas pilastras salientes e rematada por outras duas idênticas coroadas por pináculos assentes em capiteis. No pano central abre-se portal de verga recta encimado por nicho com imagem e armas da Ordem, ladeados por duas janelas. Ainda na fachada principal existe uma rosácea sendo a empena triangular rematada por uma cruz pétrea.

A entrada no adro é efectuada através de um portal renascentista com de portão de ferro, assente em duas colunas quadrangulares rematadas por pináculos.

As transformações efectuadas no séc. XVII produziram alterações profundas nas fachadas da igreja, cobrindo as três naves apenas com duas águas e falseando a fachada principal sendo ainda observável o alteamento das duas paredes laterais.

"IGREJA de volumes articulados, com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas na igreja, três na sacristia e quatro na torre e fachadas em alvenaria e cantaria de granito aparente. Fachada principal em empena, rematada por cruz latina sobre plinto, seccionado em três panos por dois pilares colossais salientes, que marcam a divisão interna da nave, com cunhais apilastrados, todos firmados por pináculos piramidais com bola. Pano central rasgado por portal de verga recta encimado por friso, cornija, nicho rectilíneo, flanqueado por pilastras, contendo a imagem de São João Baptista, e as armas da Ordem; está flanqueado por duas pilastras toscanas sobre plintos paralelepipédicos; o nicho está ladeados por duas janelas rectilíneas, assentes e rematadas por cornija, a superior encimada por frontão interrompido por elemento fitomórfico. Superiormente, uma rosácea. Os panos laterais são cegos, existindo, no do lado esquerdo, um arcosólio de perfil apontado. No lado esquerdo, a torre sineira, de dois registos divididos por cornija, o interior cego e o superior com sineira de volta perfeita na face S., surgindo, na face O., porta de verga recta de acesso através de escadas de cantaria e guarda metálica. Fachada lateral esquerda, virada a N., com a nave marcada por quatro contrafortes que a seccionam em cinco panos, rasgados por janelas de volta perfeita. O corpo do transepto apresenta uma janela de volta perfeita no topo. O corpo da sacristia tem duas janelas rectilíneas; junto a ela, torre sineira arruinada, rasgada por ventanas de volta perfeita. Fachada lateral direita, virada a S., marcada pelos contrafortes, por janelas de volta perfeita e, no corpo do transepto, por janela semiesférica;

no corpo da capela-mor, duas janelas rectilíneas em capialço. Fachada posterior em empena, rasgada por duas janelas rectilíneas e molduras simples." (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820060009: Convento e Igreja de São João de Tarouca; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

"No lado N. da igreja, é visível o corpo arruinado dos DORMITÓRIOS, em alvenaria de granito aparente e cunhais apilastrados, revelando a existência de dois pisos, o superio rasgado regularmente por janelas de sacada, rectilíneas, sobre óculos elípticos, com provável função de arejamento. Os topos apresentam empena contracurvada, rematada por cruzes latinas.

A CERCA era ampla, implantada em encosta suave, disposta em socalcos, revelando vestígios do antigo sistema hidráulico, composto por galerias abobadadas, a casa da tulha, o moinho, e três capelas, a de Santa Catarina, quase arruinada, a de Santo António e de Santa Umbelina, esta junto à Fonte da Carranca. A Capela de Santa Umbelina é de planta longitudinal simples, com paredes rebocadas, percorridas por embasamento saliente, flanqueadas por cunhais apilastrados, encimados por pináculos e rematadas em cornija. Fachada principal em empena recortada, rasgada por portal de verga recta e moldura recortada, encmado por frontão triangular interrompido, encimado por óculo com moldura simples, de cantaria."(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820060009: Convento e Igreja de São João de Tarouca; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: Edifício de planta cruciforme de três naves, sendo a central mais elevada.

No interior as naves laterais comunicam os seus tramos por estreitas portas ogivadas apresentando o transepto braços salientes.

No braço esquerdo do transepto encontra-se um túmulo gótico da primeira metade do século XIV onde se encontra D. Pedro Afonso, Conde de Barcelos e filho bastardo de D. Dinis.

Existem altares de talha dourada, contendo retábulos de pintura sobre madeira, sendo de salientar os retábulos de São Pedro, de Nossa Senhora da Glória e o do altar de São Miguel.

Na nave central existe um cadeiral em talha dourada que tem a particularidade de possuir nos espaldares representações pintadas de figuras ligadas à Ordem de Cister.

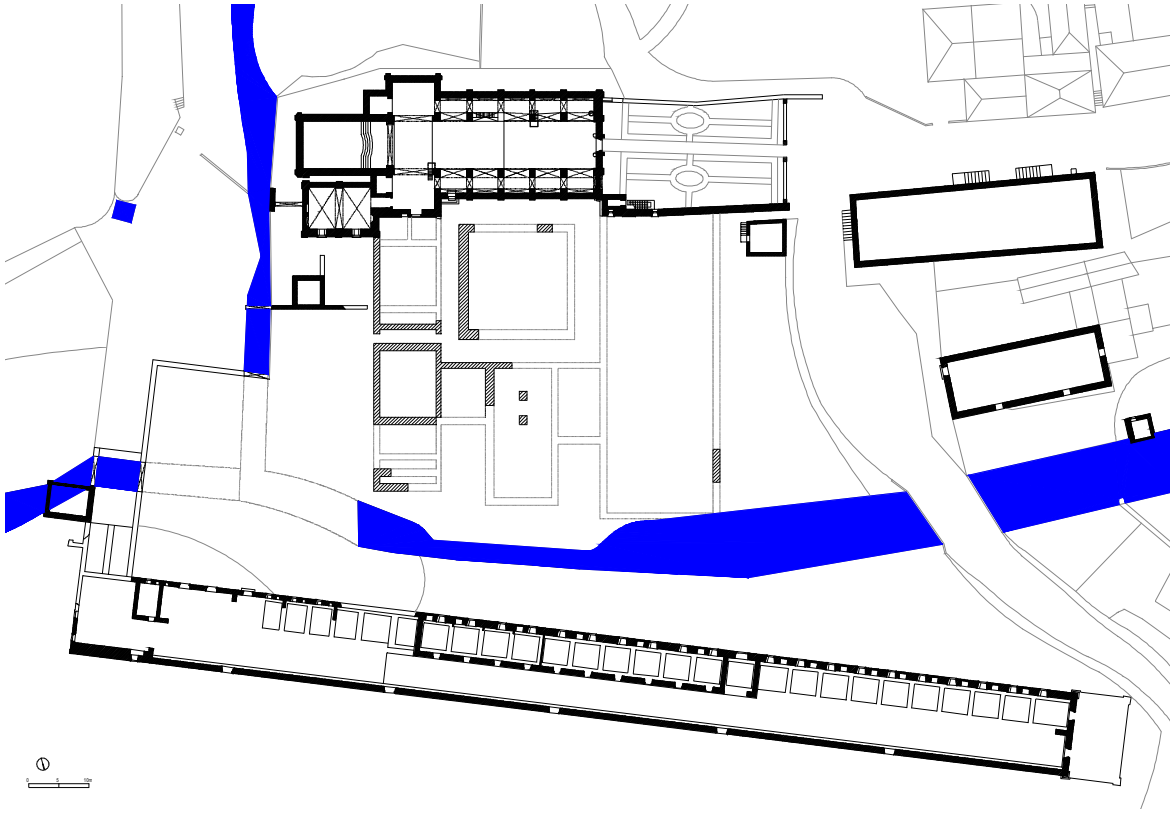
A Sacristia apresenta extraordinários azulejos historiados e figurativos.

INTERIOR DA IGREJA: "em cantaria de granito aparente, com pavimento em lajeado de granito e cobertura em abóbada de berço abatido, com arcos formeiros sustentados por mísulas, tendo os panos rebocados e pintados de branco; encontra-se seccionada, sendo a zona imediata ao portal axial dedicada aos fiéis e a seguinte, correspondente aos dois

últimos tramos, ocupada pelo antigo coro dos monges, com cadeiral de pau santo, composto por 60 assentos, divididos em duas filas e com misericórdias em forma de carranca, marcados por alto espaldar de talha dourada que emoldura oito pinturas de cada lado, representando abades e papas, encimado por órgão no lado da Epístola. As naves laterais formam, de cada lado, cinco capelas intercomunicantes, que abrem para a nave central por arcos apontados bastante estreitos, as três primeiras com oragos e espólio decorativo; possuem coberturas em abóbadas de berço rebocadas e pintadas de branco e revestimento em azulejo policromo, do tipo tapete, sendo protegidas por teia de madeira com portadas centrais em balaustrada; são dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, São João Baptista e São Miguel (Evangelho) e a Nossa Senhora da Glória, Virgem, e São Pedro (Epístola). O transepto tem, no lado do Evangelho, porta de verga recta e remate em friso e cornija, correspondendo ao antigo acesso às dependências conventuais, apresentando quatro painéis de azulejo monocromo, azul sobre fundo branco, figurativo. Junto à porta, o túmulo do conde D. Pedro. No topo oposto, iluminado por ampla janela termal, e tendo retábulo de talha dourado, dedicado ao Desterro. Arco triunfal de volta perfeita, assente em pilastras toscanas, encimado pelas armas de Portugal e tendo, no lado do Evangelho, uma capela com acesso por arco apontado, assente em impostas salientes, dedicada a São Bento; no lado da Epístola, uma capela colateral, dedicada a São Bernardo, com pavimento em lajeado e cobertura em abóbada de berço, rebocada e pintada de branco, tendo retábulo de talha dourada. Capela-mor elevada por um degrau, com cobertura em abóbada de berço, ornada por grotescos e, painel central, com a representação de um raio. Nas paredes, quatro painéis de azulejo figurativo, monocromo, azul sobre fundo branco, com cenas alusivas à Ordem de Cister. Sobre três degraus, o retábulo-mor de talha dourada e planta côncava, de um eixo definido por seis colunas torsas ornadas por pâmpanos e duas pilastras, assentes em plintos paralelepipédicos e consolas, que se prolongam em quatro arquivoltas, três delas torsas, unidas no sentido do raio, formando o ático; ao centro, tribuna de volta perfeita, contendo trono expositivo; altar em forma de urna, ornado por cartela recortada. No transepto, surge uma porta de verga recta de acesso à sacristia, composta por dois tramos, totalmente revestida a azulejo de figura avulsa, com pavimento em ladrilho e cobertura em falsas abóbadas de arestas, decorada com grotescos e pelo escudo da Ordem de Cister. Possui arcaz de pau-santo, encimado por espaldar pintado e oratório central." (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820060009: Convento e Igreja de São João de Tarouca; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de

2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: biaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – n°: 1 (vestígios arqueológicos)

6.11. Claustros existentes – forma: quadrangular

6.12. Materiais: Paredes autoportantes **I** Cantaria granítica e alvenaria rebocada **I** pavimento de madeira **I** cobertura de telha **I** Talha e pinturas no interior

6.13. Arquitecto(s) / constructor(es): Entalhadores: Luís Pereira da Costa, António Cardoso e Manuel Vieira (1729) **I** Organeiro: Francisco António Solha (1767) **I** Pintores: António Vieira (1620-1630); Gaspar Vaz (atr., séc. 16) **I** Dormitório (atribuido a) - João Froilaz de Tarouca

6.14. Obs.: - Pinturas atribuidas a Grão Vasco e Gaspar Vaz
Gaspar Vaz - políptico da Glorificação da Virgem (pintura do século XVI)
Vasco Fernandes (Grão Vasco) e/ou Gaspar Vaz - São Pedro (c.1530/35)

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XI - Religioso (Ermitério)
Séc. XI/XII - Religioso (Mosteiro Beneditino)
1143-1144/1555 - Religioso (Mosteiro Cisterciense)
1555-1560 - Religioso (Ordem Militar de Cristo)
1560/1834- Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XX/XXI - Religioso (Igreja Paroquial)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
Séc. XI - existia, no local, uma comunidade beneditina sendo inicialmente um ermitério
1140 - carta de couto ao convento, referindo que é de observância beneditina
1143/1144 - filiação na ordem de Cister
1144 - D. Afonso Henriques doa ao convento o couto de Santa Eulália, no Porto
1152 - os muros achavam-se concluídos, estando a obra a cargo de João Froilaz
1169 - sagração da Igreja
1182 - doação ao mosteiro de uma casa e forja em Moledo, no concelho de Castro Daire
1187 - doação de nova casa e forja na em Moledo
1354 - morte de D. Pedro, conde de Barcelos, sepultado no mosteiro
1490 - foi abade Fr. Álvaro de Freitas, que deixou ao mosteiro paramentaria, curzes e turíbulos de prata
- feitura do retábulo-mor, com as imagens de São Bento e do Espírito Santo
- construção da torre
1494 - D. Frei Álvaro de Freitas nomeado comendatário do mosteiro, lugar que conserva até à sua morte em 1511, é considerado "restaurador insigne de São João de T arouca"
1506 - sagração do altar de São João Baptista, com várias relíquias depositadas
1517 - a obra do claustro estava adiantada, sendo criticada a existência de galeria superior pelo abade João Claro

Séc. XVI - construção do Dormitório Novo
1555 - D. João III obtém do Papa Paulo IV, a 26 Maio, autorização para a supressão do convento, tendo os bens e propriedades sido entregues à Ordem Militar de Cristo
1560 - a pedido dos religiosos, a bula anterior foi revogada, tendo sido os bens restituídos ao mosteiro
1567 – Instituição da Congregação Autónoma de Alcobaça
1570 - construção da Capela de São João na cerca, por ordem do abade Fr. Miguel de Albuquerque
1574 - Fr. Teófilo mandou murar a cerca e construir a Capela de Santa Catarina
séc. XVI (década de 80) - feitura do retábulo-mor e pintura da sacristia
- construção da portaria, os muros de um dormitório e conclusão do douramento do retábulo-mor
1597 - construção do chafariz do claustro
séc. XVII - reformulação e ampliação da capela-mor para albergar um retábulo de talha dourada
- reforma da fachada principal
1650 - pintura dos painéis do retábulo do transepto
- feitura dos retábulos de São Bento e São Bernardo
1662 - construção dos aposentos dos abades, na torre
1677 - feitura da torre sineira;
1681 - douramento dos retábulos e execução do novo refeitório
1692 - douramento de retábulos
1699 - feitura de um dormitório
séc. XVIII - nova campanha de obras no Dormitório Novo
- sucessivas ampliações
- renovação do mobiliário litúrgico
- renovação da fachada
1702 - início da obra da nova capela-mor
1710 - reconstrução da sacristia
1711 - colocação de vidraças nas janelas e colocação do órgão noutro local
1718 - execução dos azulejos da capela-mor
1766 - encomenda do orgão
1767 - execução do órgão por Francisco António Solha, por ordem de Frei Félix de Castelo Branco
séc. XVIII (final) - o mosteiro tinha 48 celas e existiam 38 religiosos no mosteiro
séc. XIX - última campanha de obras de ampliação do mosteiro

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 01 de janeiro de 1533

8.3. Obs.: * Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820060009: Convento e Igreja de São João de Tarouca; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)
9.2. Documentos legais:
Dec. nº 40 684, DG 146 de 13 Julho 1956 (MN)
Dec. nº 95/78, DR 210 de 12 Setembro 1978 **I** Desp. nº 81/98 (2ª Série), DR 01 de 02 de Janeiro 1998 **I** Port. nº 189/99, DR 56 de 8 Março 1999 **I** Desp. nº 8 285/99 (2ª série) de 24 Abril de 1999 (ZEP)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular (igreja) **I** ruína (restantes dependências monásticas)
10.2. Autenticidade: reconstrução parcial durante o séc. XX, pela DGEMN. Apeamento da Torre sineira que se encontrava adossada à fachada, pelo IPPAR, e sua reconstrução no local onde se pensa ter sido a sua construção de origem
10.3. Integridade: apenas a igreja subsiste
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções*:
DGEMN:
1936 - Obras de beneficiação e restauro.
-Construção de uma escada junto ao cunhal Sudoeste.
-Lavagem da silharia interior.
-Rebaixamento da armação do telhado
1937 - Desaterro em *volta* da capela-mor.
-Construção de muro.
-Desentaipamento de portais.
-Restauro do absidíolo direito com abóbada de berço e do arcaz.
-Lajeamento do pavimento da igreja.
-Beneficiação da cobertura.

-Construção de portas.

1938 – Foi solicitado o restauro dos retábulos existentes, nomeadamente o painel de São Pedro, atribuído a Grão Vasco

1938/ 1939 - Obras diversas.

-Drenagem para escoamento de águas.

-Substituição das coberturas.

-Reconstrução da armação do telhado

1941 - Obras diversas de restauro

1942 - Substituição de rebocos de argamassa hidráulica.

-Isolamento de paredes com material hidrófugo.

-Execução de valetas para escoamento de águas.

1956 - Obras de protecção do quadro de S. Pedro.

-Reparação das coberturas.

-Substituição e montagem de vitrais e portas.

-Execução de valas de escoamento.

-Recalçamento de alicerces.

-Refechamento de juntas.

1957 - Obras diversas de reparação e restauro da abóbada e rebocos.

-Consolidação de paredes interiores.

-Reparação parcial do pavimento.

-Arranjo de portas. Reparação de azulejos.

-Remodelação geral do sistema de abastecimento de água e esgoto da sacristia.

-Reparação geral de pinturas em portas e janelas.

1968 - Reparação das coberturas.

1972 - Obras na zona de protecção.

1976 - Reparação das coberturas.

1978 - Trabalhos de conservação.

1983 - Obras gerais de consolidação.

1985 - Obras gerais de beneficiação.

IPPAR:

1992 - o imóvel foi afecto ao Instituto Português do Património Arquitectónico

1995 - queda parcial da torre menor erguida na zona posterior durante o Inverno

1996/ 1999 - investimento estatal global de 208 mil contos.

-Acções de conservação e de restauro.

-Elaboração de estudos no âmbito da salvaguarda.

-Aquisição de terrenos.

-Drenagens

1998 - Desp. n.o 81/98, de 2 de Janeiro do Ministério da Cultura, decidindo o IPPAR as expropriações de 14 prédios rústicos e urbanos, que se

encontram na área do mosteiro incluindo a estrutura arquitectónica, por utilidade pública urgente

1999 -Desp.no8 285/99, de 26 de Abril, autorizando o IPPAR a tomar posse administrativa do prédio nº 651 descrito na Conservatória do Registo Predial de Tarouca, composto por Mosteiro em ruínas, Dormitório *Novo,* terras de produção, árvores de fruto assim como sabugueiros e atravessado por um rio que vai encanado ao centro, de propriedade inscrita na matriz predial urbana sob o artigo 1.044, com 2 337,09 m2, e valor patrimonial de 48 600$00.

- Elaboração de projecto de reabilitação do Mosteiro visando a restituição à traça original os elementos arquitectónicos da antiga estrutura monástica

- assinatura do contrato de aquisição pelo estado dos terrenos onde se encontram ruínas dos dormitórios do séc.XVIII

1998/1999/2000 - Escavações na zona onde se considera *provável* a implantação dos claustros (foram postas a descoberto estruturas préexistentes dos séc.XIII e XIV com acrescentos dos séc.XVI e XVII).

-Reconstrução de torre sineira.

-Restauro da sacristia e de obras de arte religiosa.

-Drenagens.

-Limpeza da ribeira.

11.3. Arquitecto(s): Reconstrução da Torre Sineira - Arq.to Humberto Vieira e Arq.to Abílio Mourão

11.4. Entidades: DGEMN / IPPAR

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Aprofundamento do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo do enquadramento urbano e paisagístico com criação de regras de disciplina urbanística
- Estudo para criação de espaço explicativo do mosteiro e sinalética interpretativa do monumento para o circuito de visita.
- Colocação de sinalização rodoviária (monumento)
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão) na Igreja
- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e incorporados no edifício
- Estudo diagnóstico de patologias com propostas de actuação
- Peritagem à condição estrutural do conjunto com proposta de consolidação provisória

11.6. Obs.: * Cfr. DGEMN; Processo IPA PT011820060009: Convento e Igreja de São João de Tarouca; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

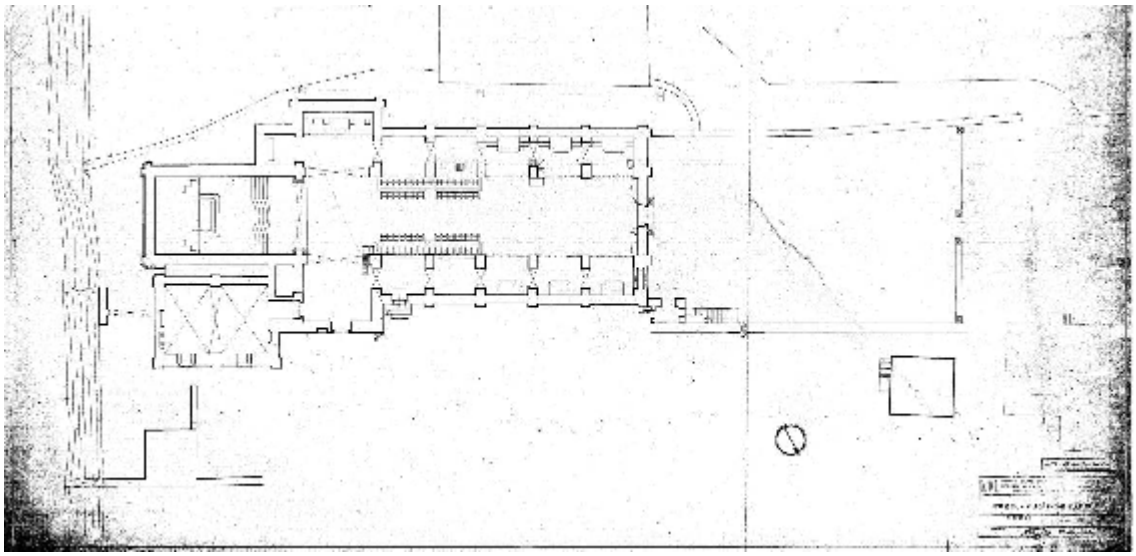


Fig. 1. Planta da igreja, 1978 (DGEMN)

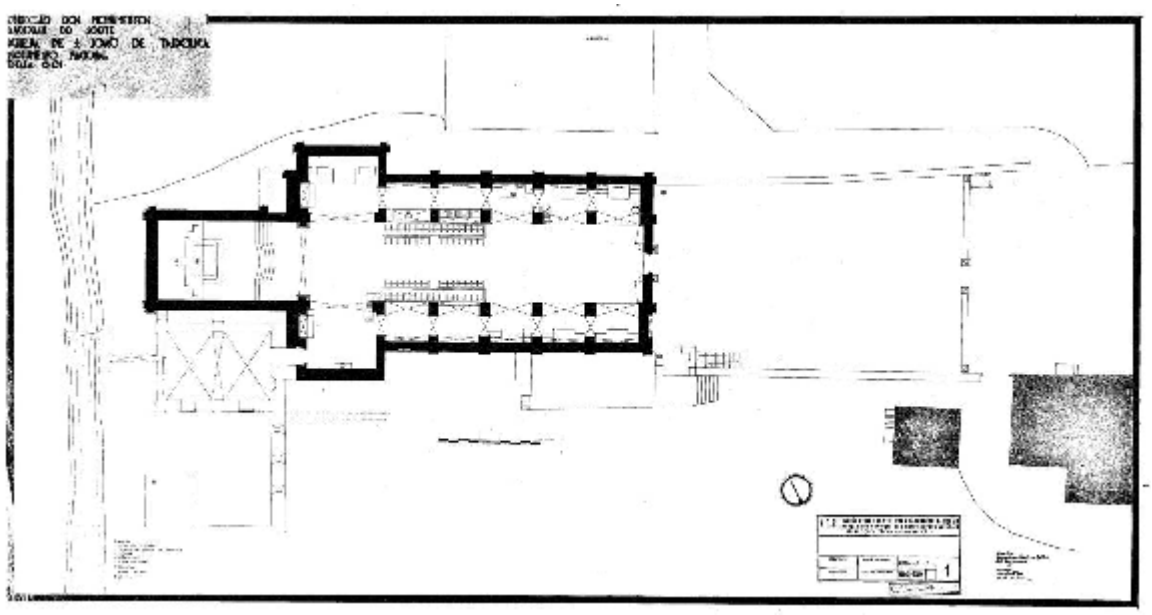


Fig. 2. Planta da Igreja, 1958 (DGEMN)

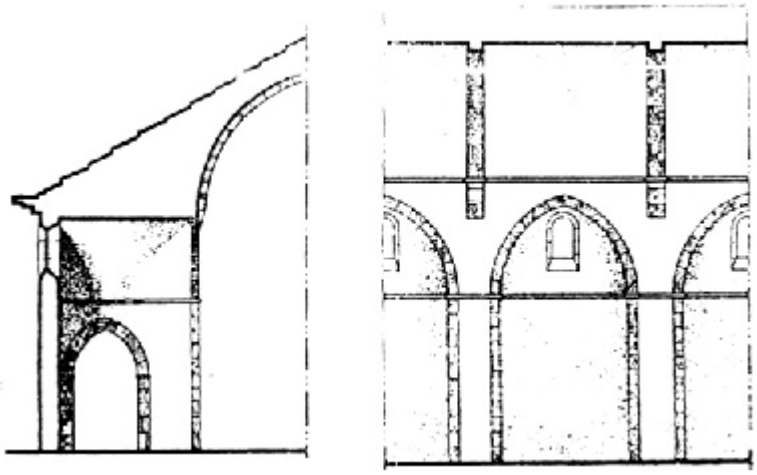


Fig. 3. Corte transversal e longitudinal de um tramo da igreja (DGEMN)

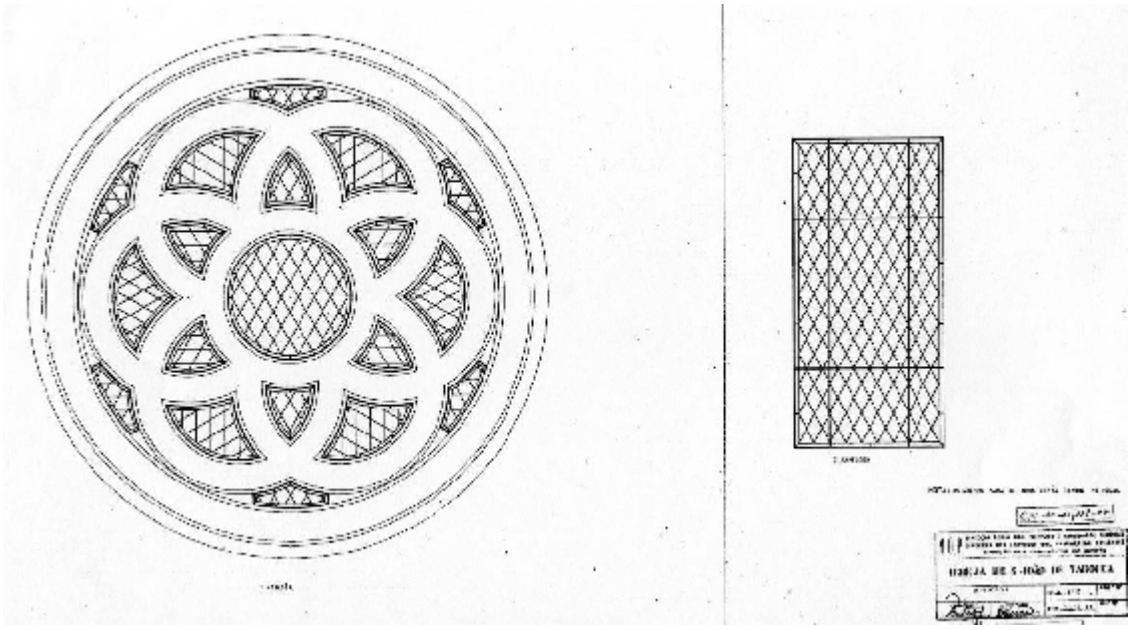


Fig. 4. Estudo para a reconstituição da rosácea, 1978 (DGEMN)

Fig. 5. Perfil (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

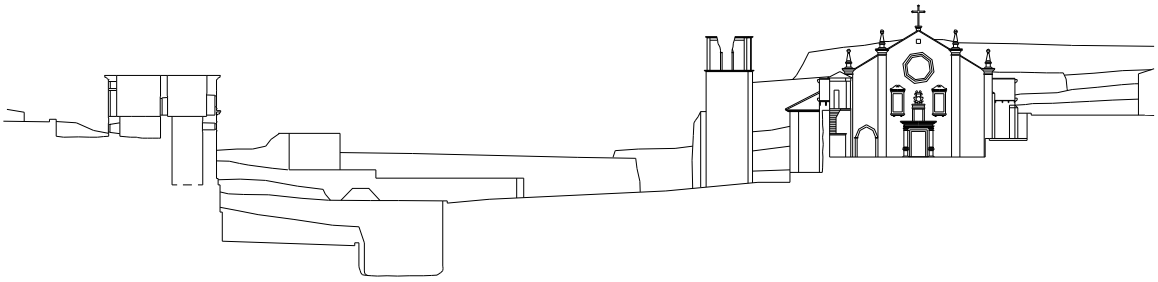


Fig. 6. Perfil (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

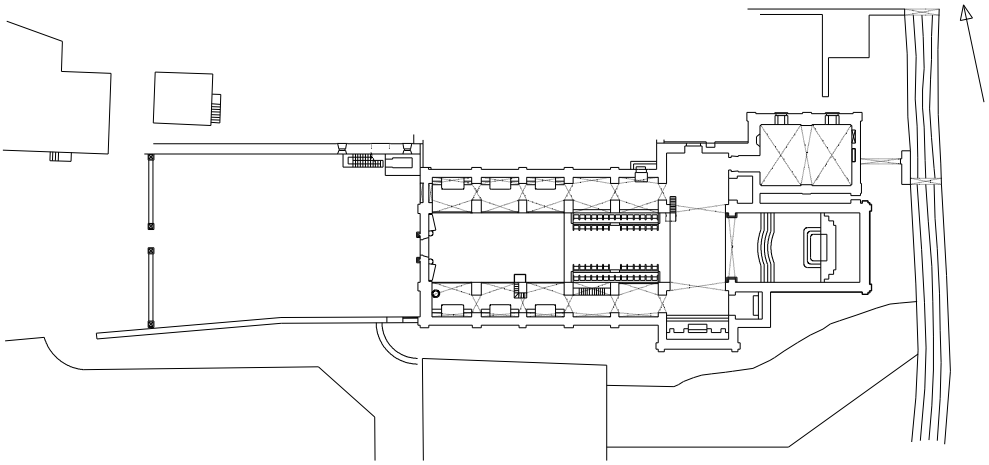


Fig. 7. Planta da Igreja (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

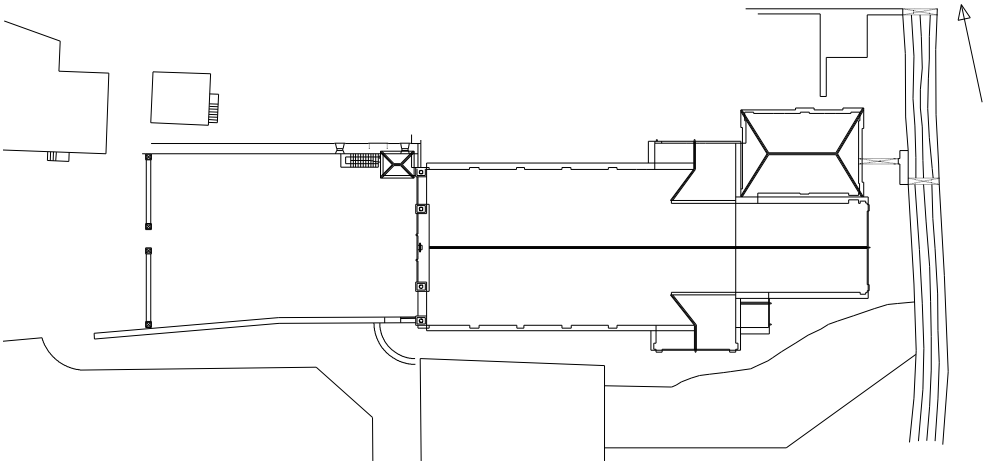


Fig. 8. Planta de coberturas da Igreja (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

Fig. 9. Alçado frontal (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

Fig. 10. Alçado posterior (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

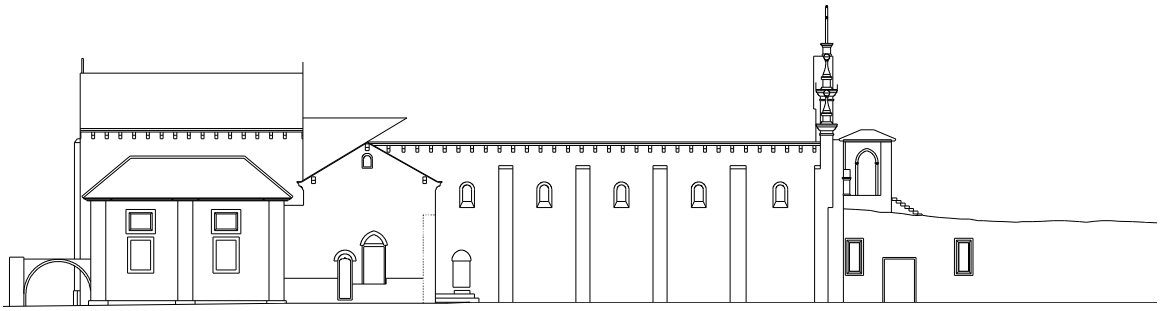


Fig. 11. Alçado lateral - sacristia (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

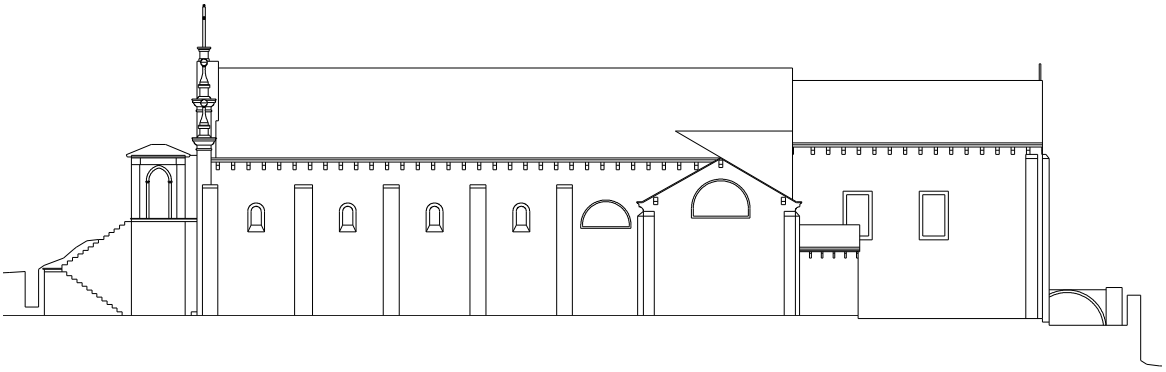


Fig. 12. Alçado lateral - cemitério (antigo Atelier Arqt. Abílio Mourão e Humberto Vieira)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 13. Envolvente imediata, 1960 (DGEMN)

Fig. 14. Igreja com marcas do edificado anexo, 1960 (DGEMN)

Fig. 15. Fachada da Igreja, 1950 (DGEMN)

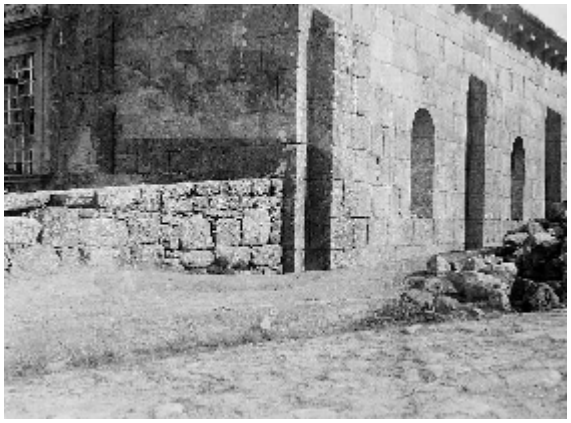


Fig. 16. Alçado lateral da igreja, 1950 (DGEMN)

Fig. 17. Obras da DGEMN, 1950 (DGEMN)

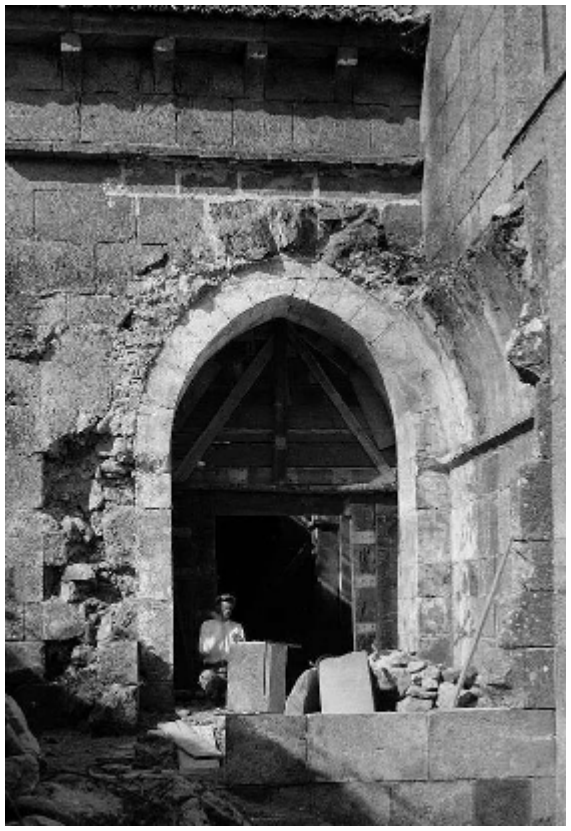


Fig. 18. Obras da DGEMN, 1950 (DGEMN)

Fig. 19. Igreja, 1960 (DGEMN)

Fig. 20. Igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 21. Lateral igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 22. Lateral igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 23. Lateral igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 24. Igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 25. Igreja e cemitério, 1968 (DGEMN)

Fig. 26. Igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 27. Igreja, 1968 (DGEMN)

Fig. 28. Igreja, 1968 (DGEMN)

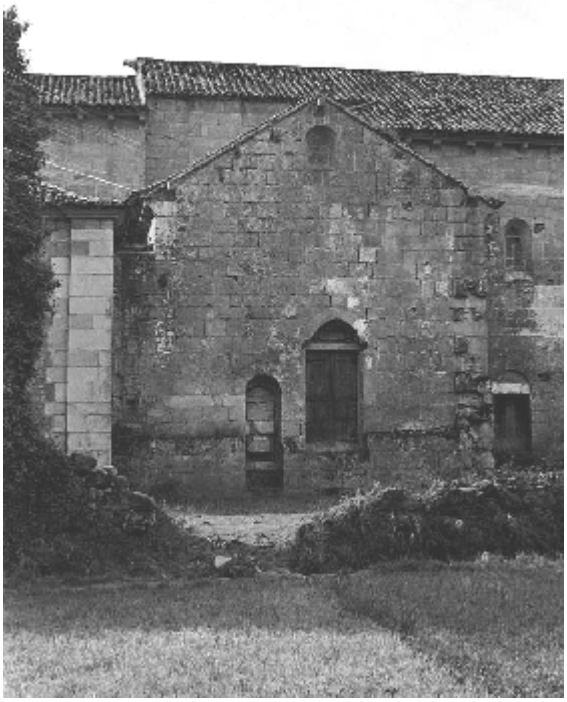


Fig. 29. Igreja transepto, 1976 (DGEMN)

Fig. 30. Igreja e torre anexa, 1976 (DGEMN)

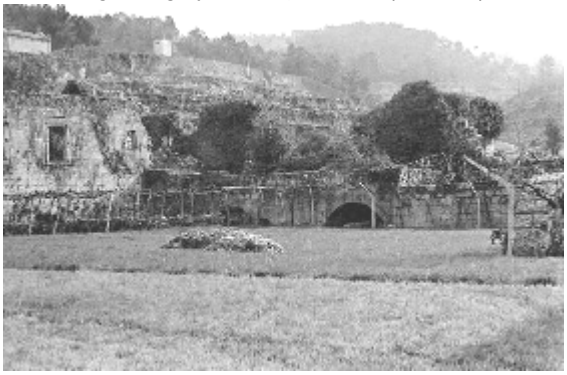


Fig. 31. Antigo espaço claustral, 1976 (DGEMN)

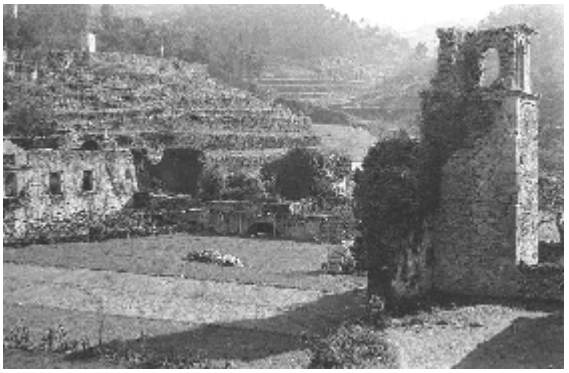


Fig. 32. Antigo espaço claustral, 1976 (DGEMN)

Fig. 33. Alçado, 1976 (DGEMN)

Fig. 34. Alçado, 1976 (DGEMN)

Fig. 35. Torre, 1976 (DGEMN)

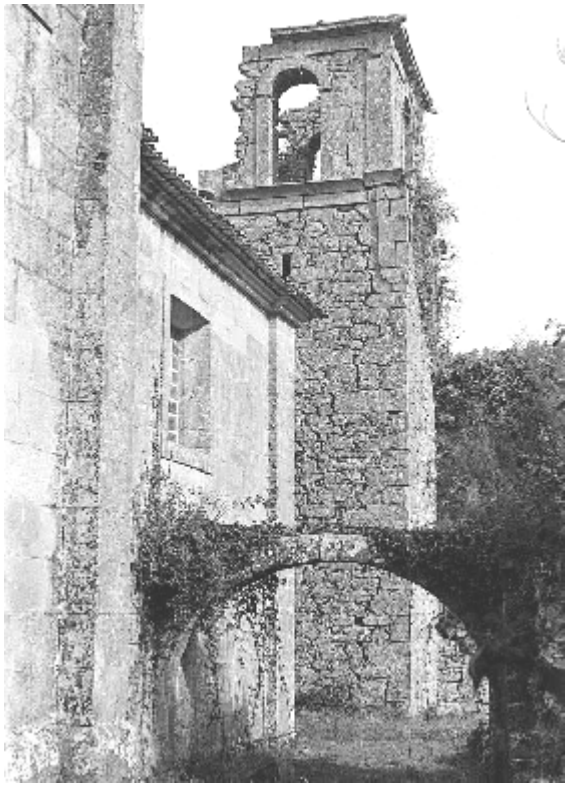


Fig. 36. Torre, 1976 (DGEMN)

Fig. 37. Igreja, 1976 (DGEMN)

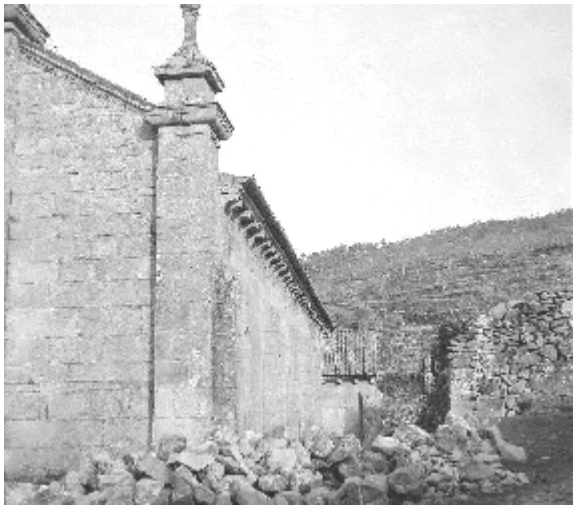


Fig. 38. Igreja, 1976 (DGEMN)

Fig. 39. Volume da Sacristia, 1976 (DGEMN)

Fig. 40. Empenas da sacristia e da capela-mor, 1976 (DGEMN)

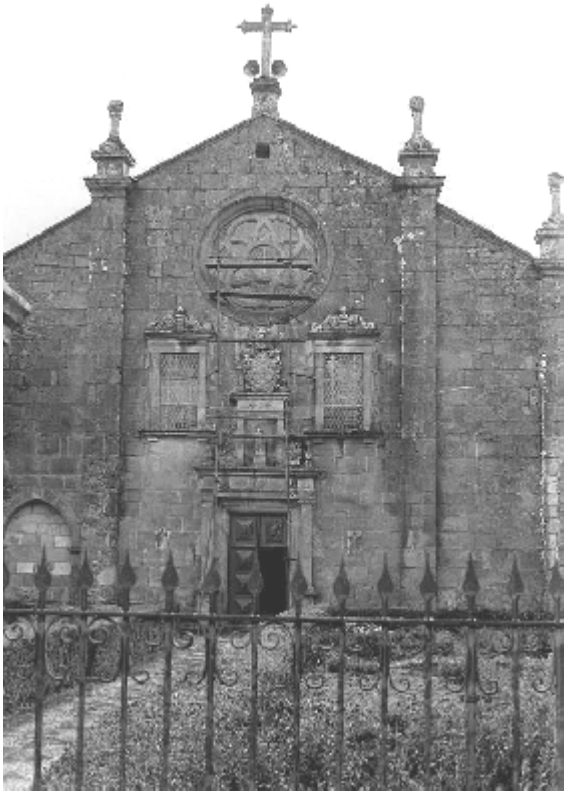


Fig. 41. Igreja, 1976 (DGEMN)

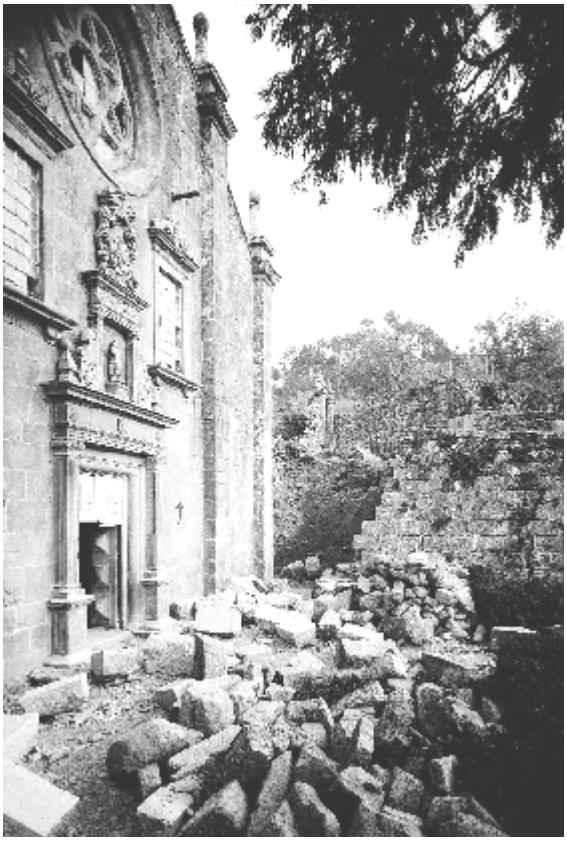


Fig. 42. Igreja, 1977 (DGEMN)

Fig. 43. Igreja, 1977 (DGEMN)

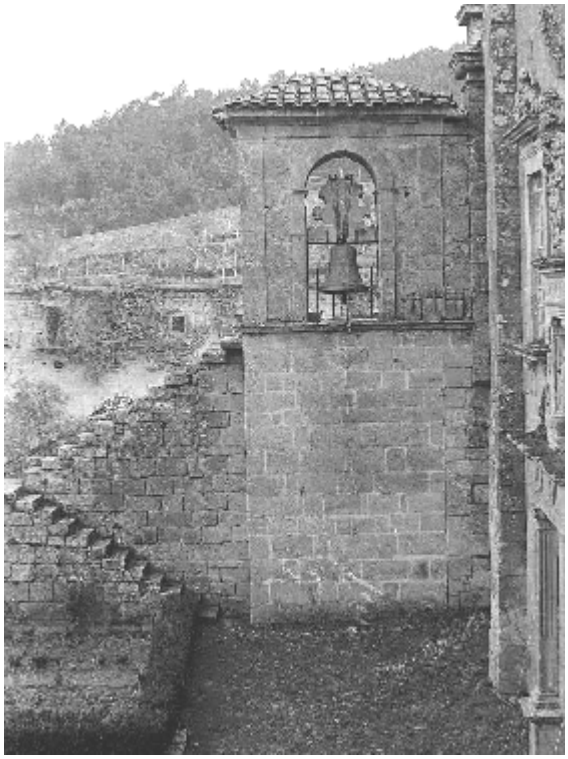


Fig. 44. Torre anexa à igreja, 1977 (DGEMN)

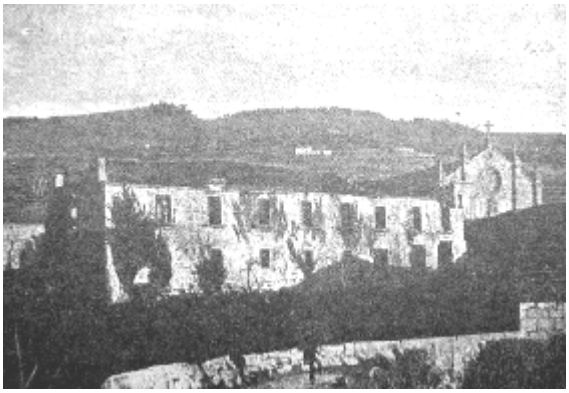


Fig. 45. Igreja e antigo edifício monástico in "Memórias de Mondim da Beira" de J. Leite de VASCONCELOS, 1933

Fig. 46. Antigo edifício monástico in "Memórias de Mondim da Beira" de J. Leite de VASCONCELOS, 1933

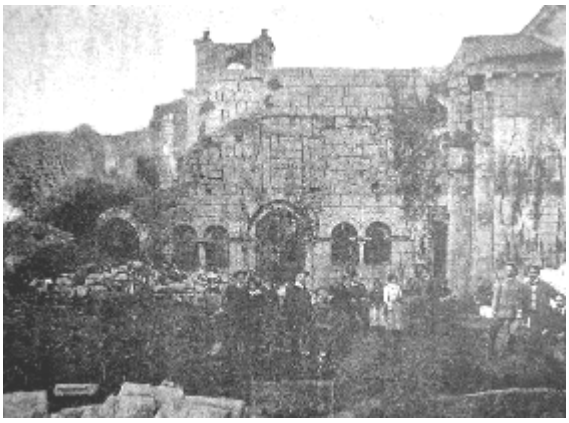


Fig. 47. Sala do Capítulo in "Memórias de Mondim da Beira" de J. Leite de VASCONCELOS, 1933

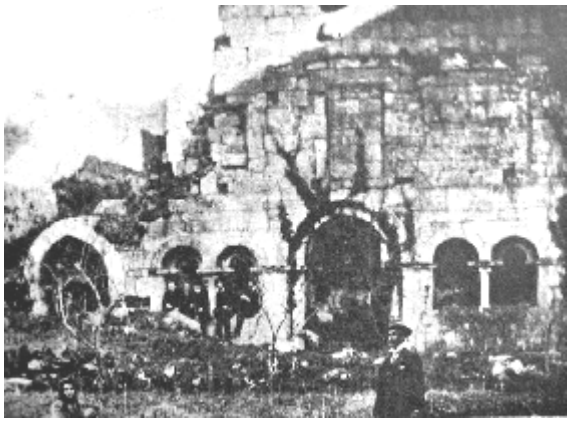


Fig. 48. Sala do Capítulo in "Memórias de Mondim da Beira" de J. Leite de VASCONCELOS, 1933

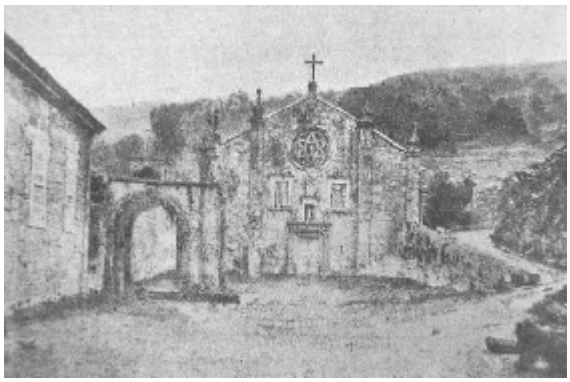


Fig. 49. Igreja e envolvente in "Memórias de Mondim da Beira" de J. Leite de VASCONCELOS, 1933

Fig. 50. Capelas de Stº António e Stª Umbelina in "Memórias de Mondim da Beira" de J. Leite de VASCONCELOS, 1933

Fig. 51. Mosteiro e sua cerca, 2001 (DGEMN)

Fig. 52. S. João de Tarouca, 2001 (DGEMN)

Fig. 53. Reconstrução da torre, 1999 (DGEMN)

Fig. 54. Vestígios do edificado monástico, 1999 (DGEMN)

Fig. 55. Vestígios do edificado monástico, 1999 (DGEMN)

Fig. 56. Vestígios do edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 57. Vestígios do edificado monástico, 2003 (autora)

Fig. 58. Vestígios do edificado monástico, 2003 (autora)

Fig.59 Vestígios do edificado monástico, linha de água 2003 (autora)

Fig. 60. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig. 61. Dormitórios, 2003 (autora)

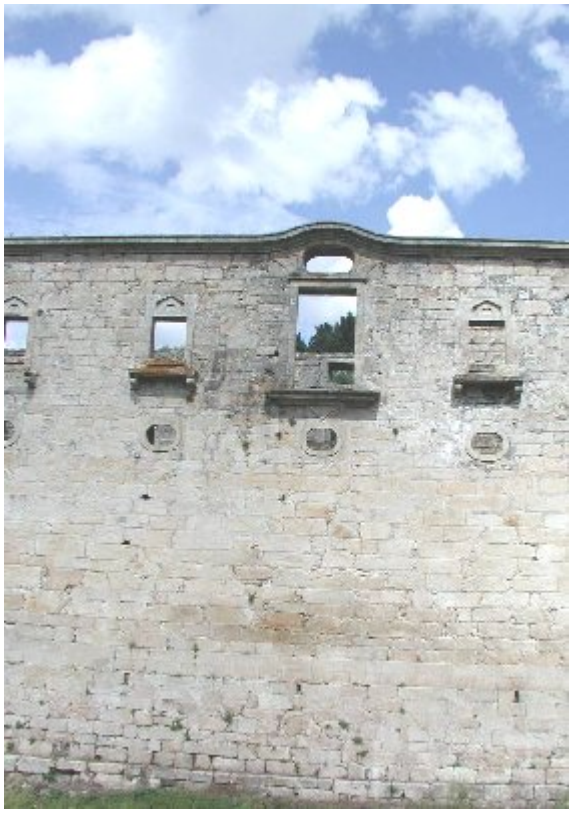


Fig. 62. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.63. Base de pilar da Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig.64. Base de pilar da Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig.65. Vestígios do espaço claustral, 2003 (autora)

Fig.66. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.67. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.68. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.69. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.70. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.71. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.72. Vestígios das latrinas, 2003 (autora)

Fig.73. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.74. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.75. Dormitório, 2003 (autora)

Fig.76. Igreja e torre reposicionada, 2003 (autora)

Fig.77. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.78. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.79. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.80. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.81. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.82. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.83. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.84. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.85. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.86. Vestígios do edifício monástico, 2003 (autora)

Fig.87. Igreja, 2003 (autora)

Fig.88. Igreja, 2003 (autora)

Fig.89. Igreja, 2003 (autora)

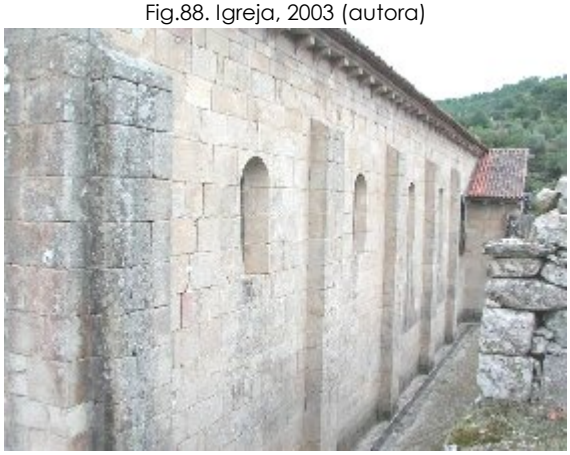


Fig.90. Igreja, 2003 (autora)

Fig.91. Igreja, 2003 (autora)

Fig.92. Torre sineira, 2003 (autora)

Fig.93. Torre sineira e igreja, 2005 (autora)

Fig.94. Wc de apoio, intervenção do IPPAR, 2005 (autora)

Fig.95. Hospedaria, 2005 (autora)

Fig.96. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig.97. Dormitórios e linha de água, 2005 (autora)

Fig.98. Torre sineira e igreja, 2005 (autora)

Fig.99. Capela de Santa Umbelina, 2003 (autora)

Fig.100. Capela de Santo António, 2003 (autora)

Fig.101. Vestígios da hidraulica monástica, 2003 (autora)

Fig.102. Vestígios da hidraulica monástica, 2003 (autora)

Fig.103. Vestígios do Edifício monástico, 2003 (autora)

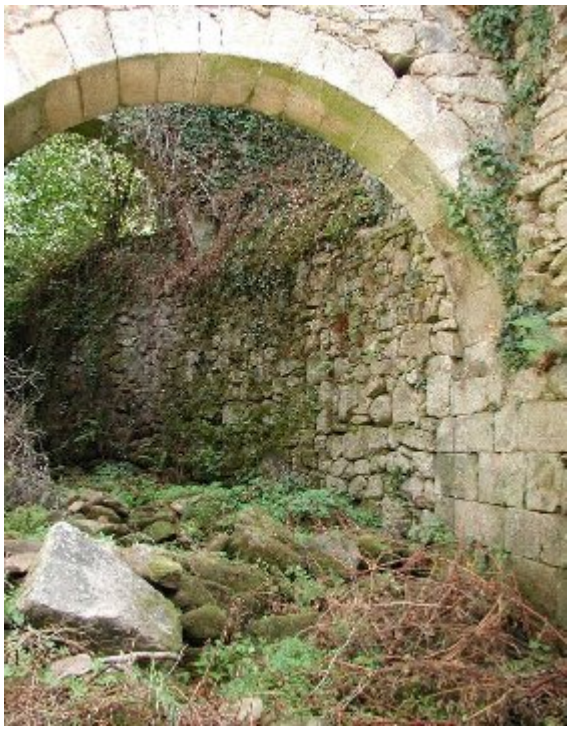


Fig.104. Vestígios da hidraulica monástica, 2003 (autora)

Fig.105. Vestígios da hidraulica monástica, 2003 (autora)

Fig.106. Vestígios da hidraulica monástica, 2003 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig.107. Igreja, 1950 (DGEMN)

Fig.108. Túmulo de D. Pedro, conde de Barcelos, 1950 (DGEMN)

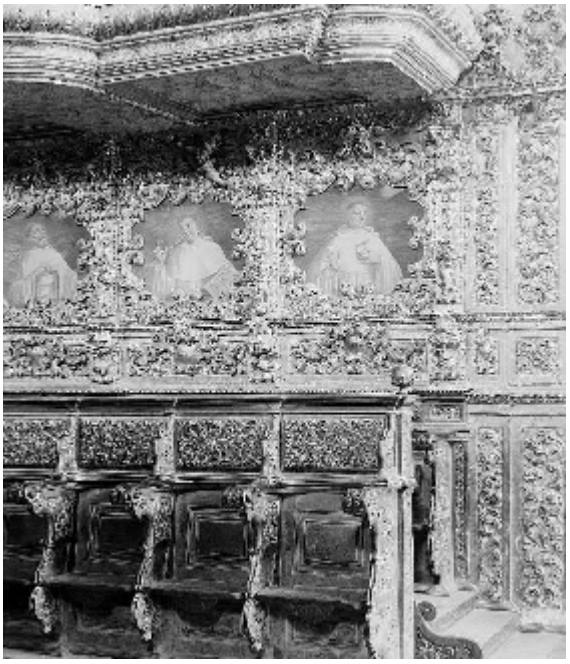


Fig.109. Coro: cadeiral, 1950 (DGEMN)

Fig.110. Coro: cadeiral, 1950 (DGEMN)

Fig.111. Igreja: coro e capela-mor, 1950 (DGEMN)

Fig.112. Coro e braço do transepto, 1950 (DGEMN)

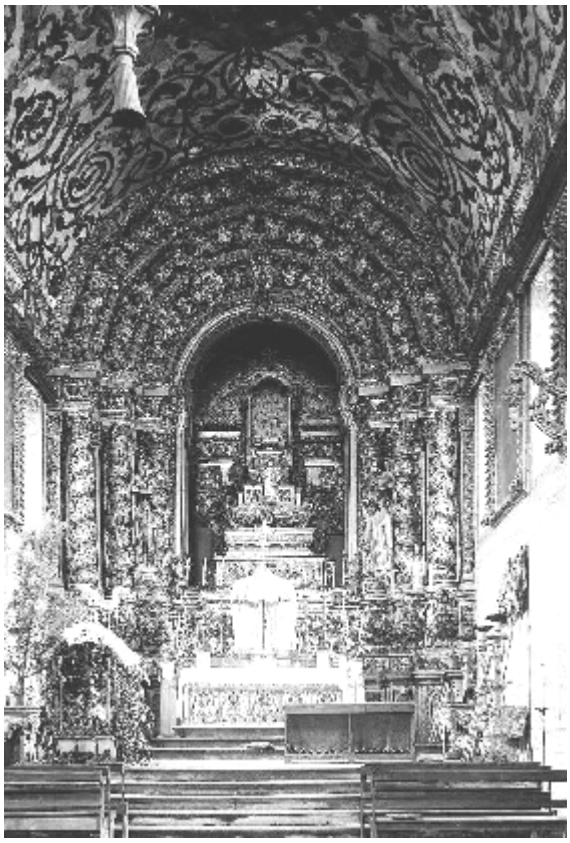


Fig.113. Capela-mor, 1950 (DGEMN)

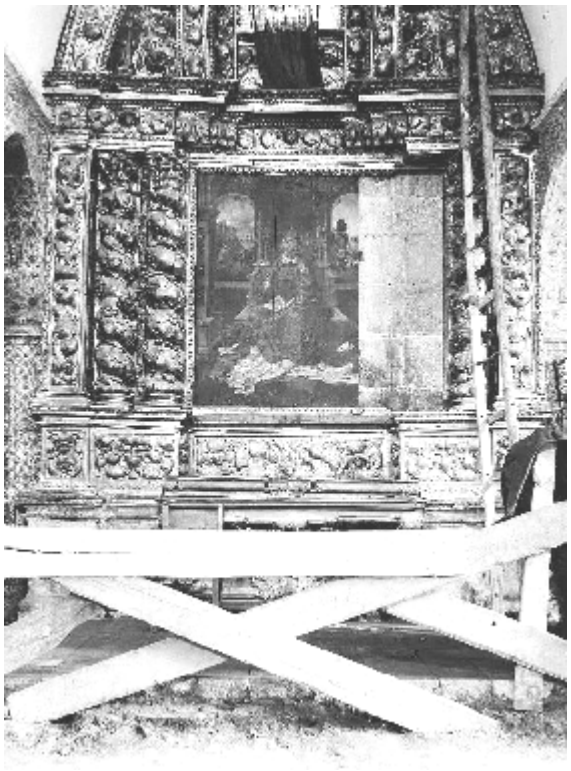


Fig.114. Altar colateral com retábulo de S. Pedro (1530/35) atribuído a Grão Vasco e actualmente no Museu Grão Vasco em Viseu, 1950 (DGEMN)

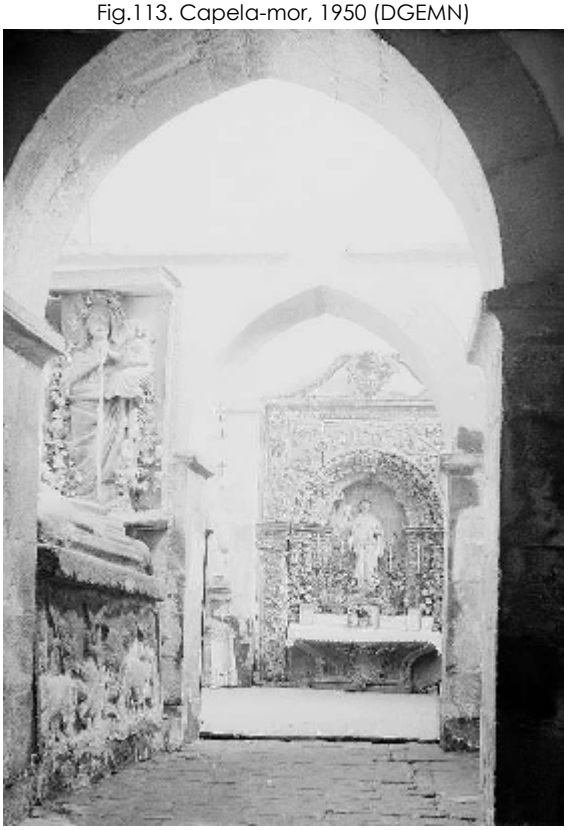


Fig.115. Altar colateral, 1960 (DGEMN)

Fig.116. Túmulo de D. Pedro, conde de Barcelos, 1960 (DGEMN)

Fig.117. Transepto, 1960 (DGEMN)

Fig.118. Transepto, 1960 (DGEMN)

Fig.119. Altar colateral, 1960 (DGEMN)

Fig.120. Altar colateral, 1960 (DGEMN)

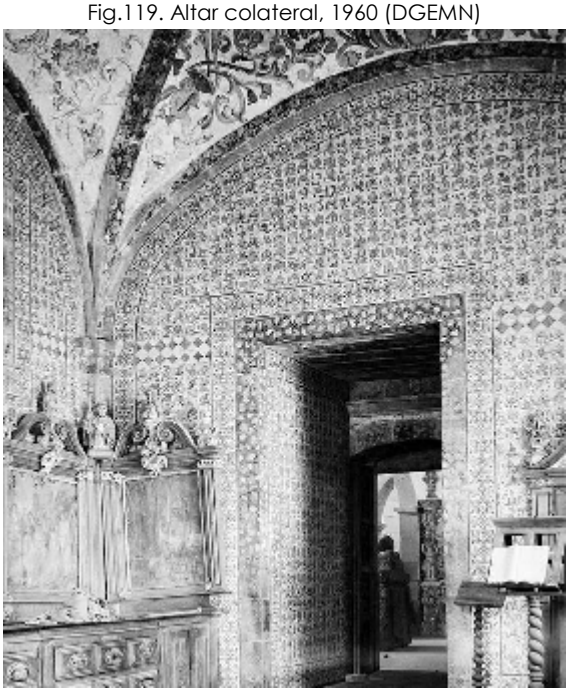


Fig.121. Sacristia, 1960 (DGEMN)

Fig.122. Sacristia, 1960 (DGEMN)

Fig.123. Altar-mor, 2003 (autora)

Fig.124. Capela-mor, 2003 (autora)

Fig.125. Igreja, 2003 (autora)

Fig.126. Transepto, 2003 (autora)

Fig.127. Igreja, cadeiral do coro, 2003 (autora)

Fig.128. Coro e capela-mor, 2003 (autora)

Fig.129. Órgão, 2003 (autora)

Fig.130. Nave lateral, 2003 (autora)

Fig.131. Cadeiral, 2003 (autora)

Fig.132. Altar colateral, 2003 (autora)

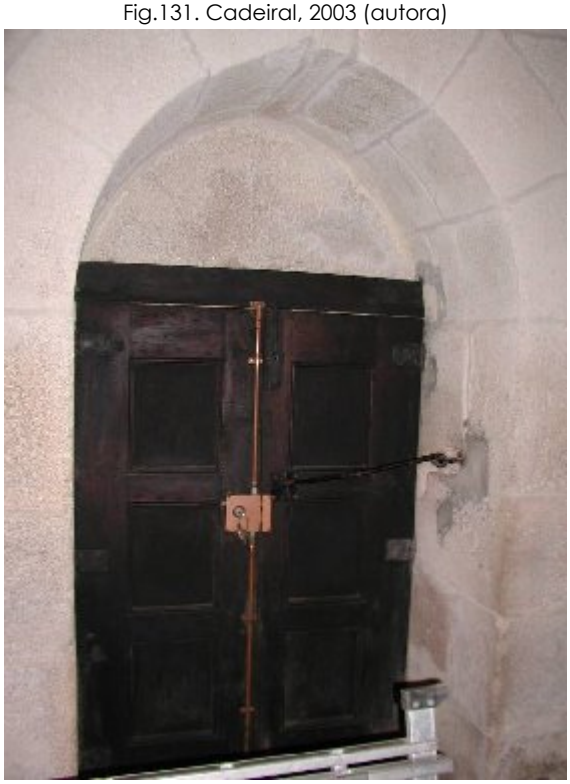


Fig.133. Porta dos monges, 2003 (autora)

Fig.134. Púlpito, 2003 (autora)

Fig.135. Acesso à sacristia e altar, 2003 (autora)

Fig.136. Sacristia, 2003 (autora)

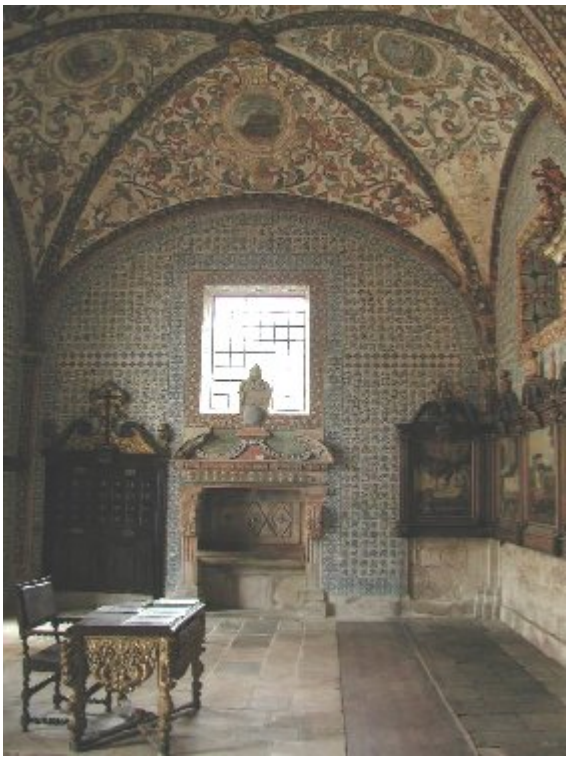


Fig.137. Sacristia, 2003 (autora)

Fig.138. Sacristia: abóbada do tecto, 2003 (autora)

Fig.139. Sacristia: retábulos, 2003 (autora)

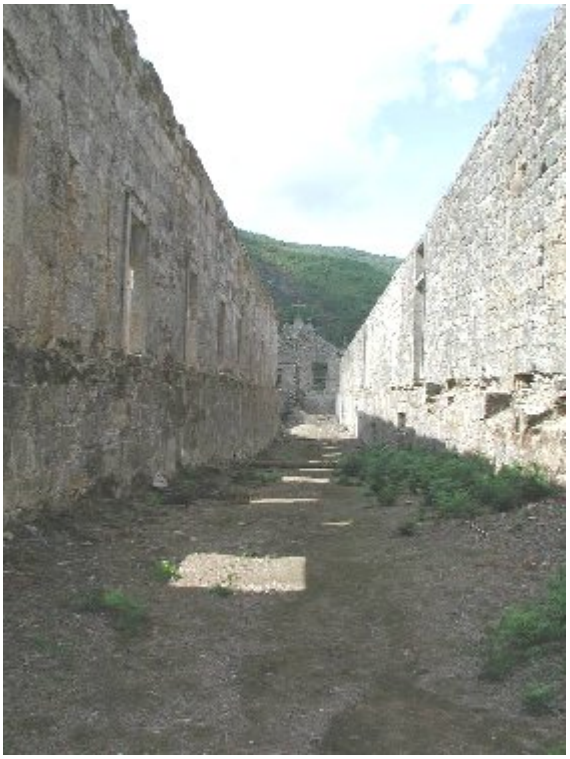


Fig.140. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.141. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.142. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.143. Edificado monástico, 2003 (autora)

Fig.144. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.145. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.146. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.147. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.148. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.149. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.150. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.151. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.152. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.153. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.154. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.155. Dormitórios, 2003 (autora)

Fig.156. Dormitórios, 2003 (autora)

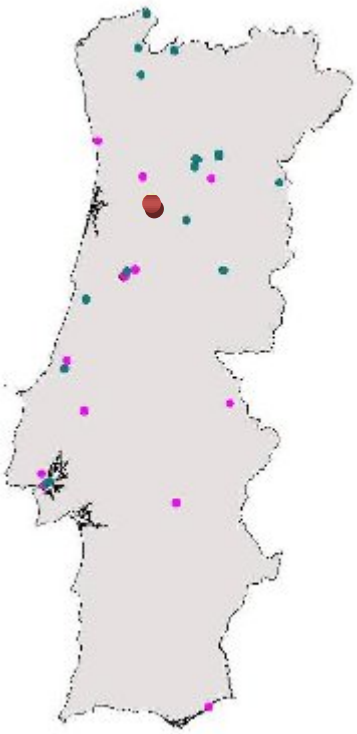
Fig.157. Dormitórios: vista para capelas, 2003 (autora)

Fig.159. Capela de Stº António, 2003 (autora)

Fig.158. Capela de Stº António, 2003 (autora)

Fig.160. Capela de Stº António, 2003 (autora)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE FIÃES

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de São Cristóvão de Lafões
1.2. Outras denominações: Convento de São Cristóvão **I** Mosteiro de Lafões **1.3. IPA (DGEMN) – Designação:** Convento de São Cristóvão
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT021816110015
1.5. IPPAR – Designação: s/d
1.6. IPPAR – nº de identificação: s/d
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação, em 1163 segundo Dom Maur Cocheril, 1161 - 1169 segundo Maria Alegria Marques
Claraval – Lafões
1.8. Diocese: Viseu
1.9. Construção: séc. XII (mais tarde destruído), Séc. XVII (edifícios monásticos), Séc. XVIII (Igreja)
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Alta
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: S. Pedro do Sul
2.4. Freguesia: São Cristóvão de Lafões
2.5. Direcção Postal:
Mosteiro de São Cristóvão de Lafões
São Cristóvão de Lafões
3660-000 São Pedro do Sul

3. ACESSIBILIDADES

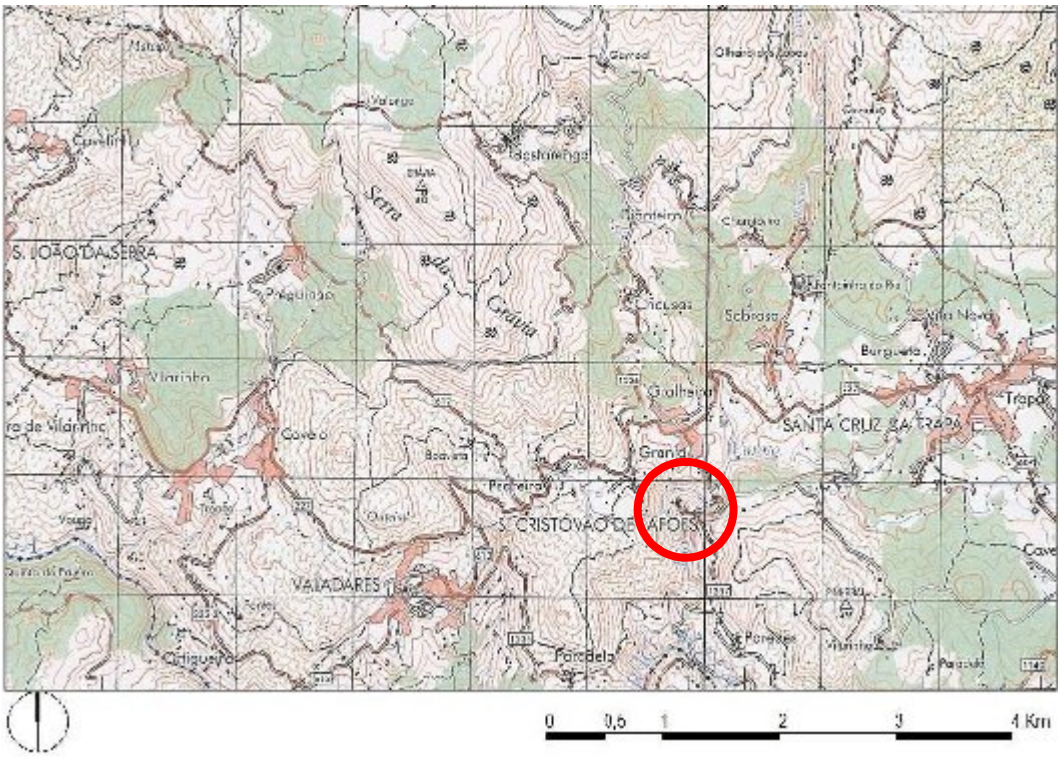
3.1. Acessos:
EN. 227 de São Pedro do Sul, para Vale de Cambra.
Ao Km 56,4, no Lugar de Gralheira, para EM. A 1,1 Km, para desvio.
A 150m o Convento por ramal sinalizado
3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: Visitável enquanto espaço de Turismo Rural.

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.5. Contactos: Mosteiro de São Cristóvão de Lafões **I** 3660-000 São Pedro do Sul **I** tel. (+351) 962 406 244 **I** tel. +351 232 798 076 **I** Fax +351 232 798 060 **I** E-mail: s.cristovao@mail.telepac.pt **I** Câmara Municipal de São Pedra do Sul **I** 3660 SÃO PEDRO DO SUL **I** tel. +351 23272 30 03 **I** fax +351 232 72 34 06

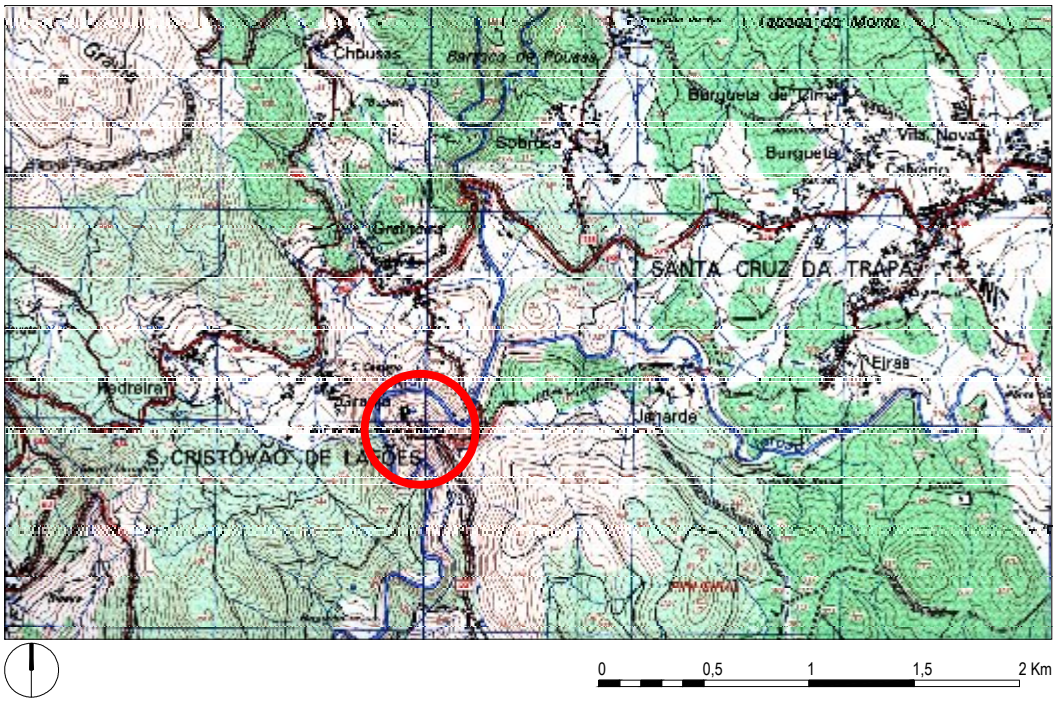
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº13-II SÃO JOÃO DA MADEIRA (2005)



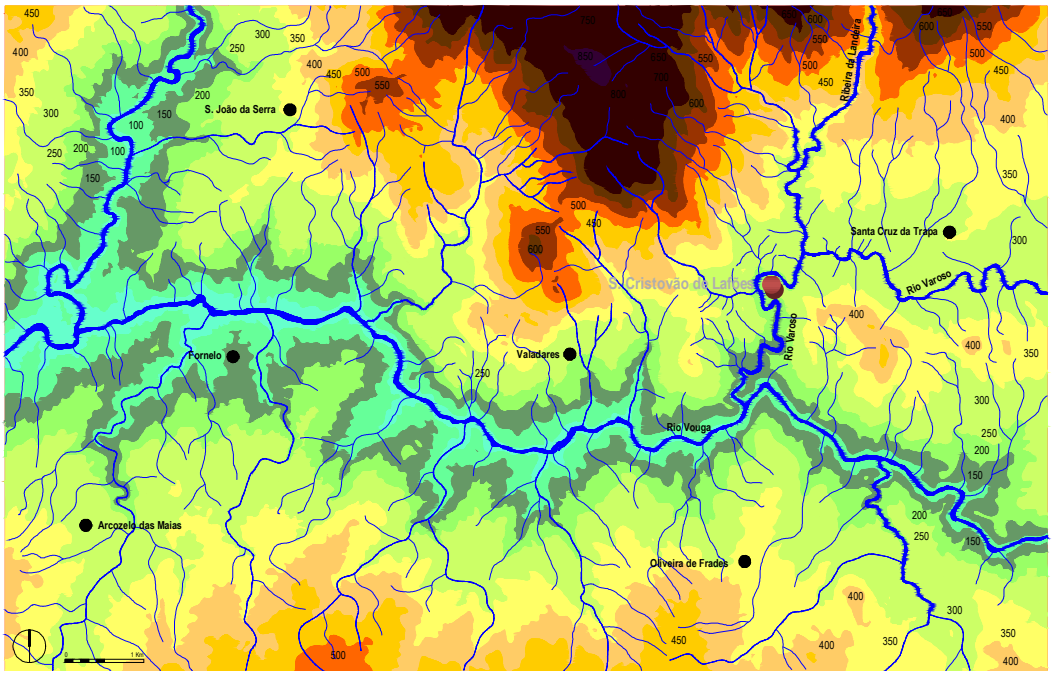
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº200 NELAS (1992)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (Rio Vouga)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40º 45' 48'' N **I** Longitude: 8º 10' 24''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 196593 **I** Y: 421620

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: MAPS 95 **I** rolo nº: 20 **I** fotografia nº 1112

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

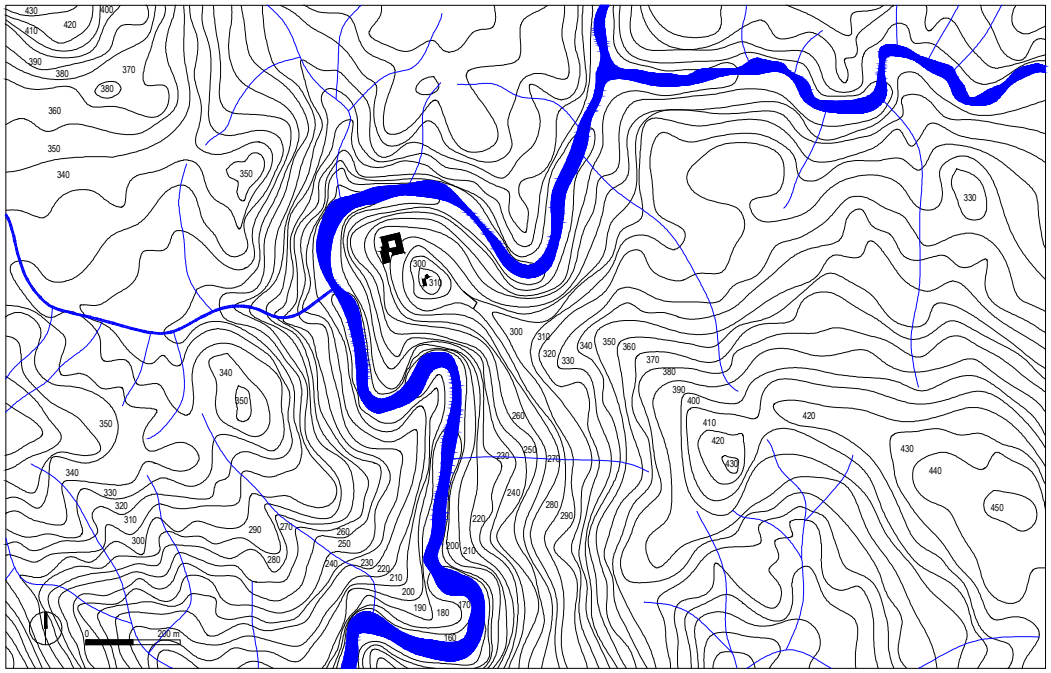
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 270 m
4.10.Proximidades e relações: S. Pedro do Sul **I** Termas de S. Pedro do Sul e Piscina de D. Afonso Henriques **I** Lafões **I** Dão **I** Viseu **I** Serra da Gralheira **I** zona florestal
4.11 Obs.: edifício isolado

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Igreja e Particular
5.2. Afectação / Ocupação: Igreja pertence à Paroquia e antigo edifício monástico pertence a Particular

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Maneirista **I** Barroco
6.3. Estilos paralelos: Contemporâneo
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior:

Mosteiro maneirista, com claustro assente em arcaria de volta inteira apoiadas em pilastras toscanas.

A frontaria da igreja assenta em plano inferior ao do terreiro e da parte conventual, pelo que é necessário descer alguns degraus para se ter acesso ao pórtico principal.

Alçado principal inacabado, já que os dois corpos laterais da fachada se prolongariam em altura, formando torres sineiras. Apenas no corpo oeste se acrescentou um cubelo, com sineiras.

Igreja barroca cuja planimetria exterior não coincide com a do interior, no que respeita a nave. Planta longitudinal, composta e irregular. Volumes articulados. Coberturas diferenciadas de telhados de duas, quatro e oito águas.

Divide-se o conjunto em 2 partes: a Igreja e a parte conventual propriamente dita, que se desenvolve para norte e este do templo. Embasamentos marcados na igreja. Pequena escadaria, descendente, dá acesso ao adro, com cemitério.

Fachada principal orientada a sul/sudeste. composta por três panos. No pano central, pórtico rectangular ladeado por pares de colunas toscanas, assentes em supedâneo comum, e encimado por entablamento, com pequenos pináculos aos extremos. Este é encimado por janelão rectangular emoldurado. Sobre ele brasão heráldico. Escudo oval, partido, de Portugal e da Ordem de Cister, encimado por coroa régia.

Os dois corpos laterais, separados por pilastras toscanas, são fenestrados com duas janelas rectangulares alternadas com nichos de frontões curvos.

No corpo do lado oeste, sobre o entablamento, cubelo, com ventanas de arco a pleno centro e coberto por telhado de quatro águas.

Em plano mais recuado e centralizado, zimbório octogonal da nave, com pináculos, no remate e no enfiamento das pilastras das faces.

Alçado oeste possui janelões rectangulares gradeados e fenestração de arco de volta inteira emparedado.

Em plano mais recuado, corpo da capela mor, com fenestração rectangular e em plano superior, janelões de arco a pleno centro emparedados.

Alçado tardoz adossado a ala do conjunto conventual.

Alçado este possui porta lateral de acesso à nave e, em plano superior, janelão rectangular.

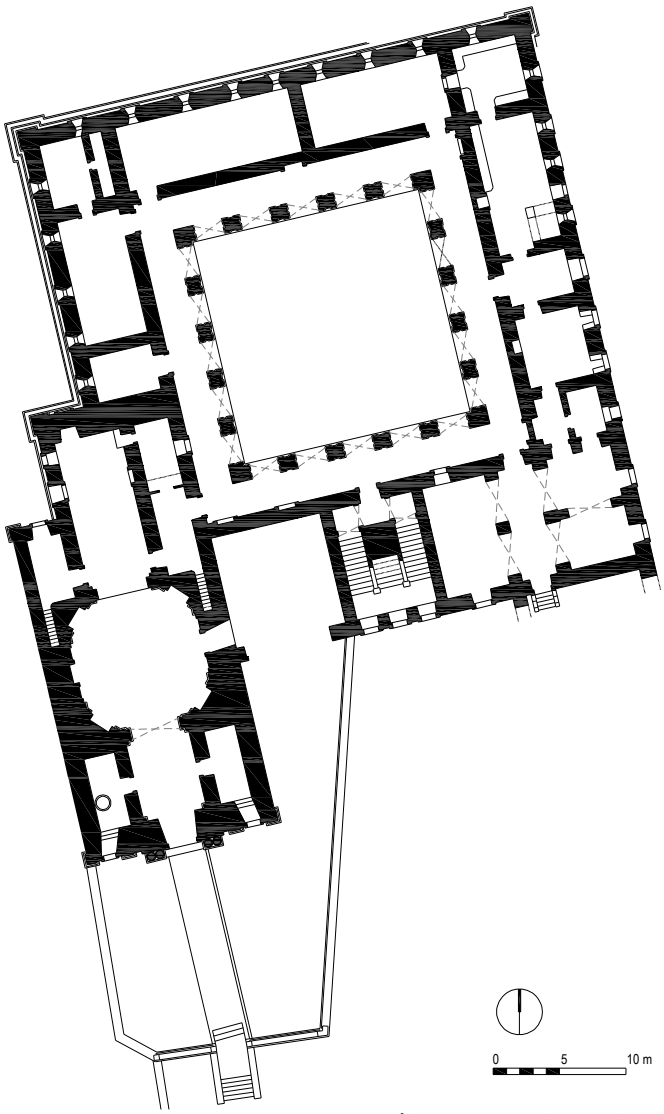
O resto do alçado é adossado à ala do convento.

O mosteiro em si possui planta quadrangular, desenvolvendo-se em torno do claustro, formado por arcaria de cinco arcos de volta inteira, apoiados em pilastras toscanas.
Construção de dois pisos, sendo fenestrado tanto para o exterior como para o interior, nas quatro empenas que formam o conjunto.
Para abastecimento de água, havia um aqueduto, hoje praticamente inexistente, formado por longo caleiro, em parte assente em muro ou em altos pilares de pedra conforme o desnível do terreno.
(DGEMN; Processo IPA PT021816110015: Convento de São Cristóvão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior:
A Igreja é de nave única e octogonal, com coro alto, capela-mor e sacristia.
Na entrada encontra-se porta rectangular que dá acesso a pequeno corredor coberto com arco abatido, comunicante, do lado do Evangelho, com a antiga Casa da Fábrica e do outro lado com o Baptistério. Sobre este corredor existe o coro alto, gradeado e iluminado originalmente pela actual porta sobre o pórtico principal.
Nas faces do octógono, situam-se altares de arco de volta inteira, e, em duas faces fronteiras entre si, portas de acesso ao exterior, sobrepujadas por púlpitos, marcados superiormente por frontão semi-circular.

Num plano superior encontram-se quatro tribunas ou coretos. Sobre a cornija, as janelas de arco rebaixado e jambas rectas, algumas em capialço.
Cobertura em cúpula, sustentada por oito nervuras que convergem para um florão, como fecho da abóbada.
Um degrau dá acesso à capela-mor profunda e coberta com abóbada de canhão.
Do lado da Epístola, porta para a sacristia e sala de arrumos, de onde se tem acesso ao convento e, através de escadaria interior, ao coro alto e à torre.
Do lado do Evangelho, porta rectangular, fronteira a anterior de acesso ao piso superior. Junto ao altar mor de talha policromada, e fronteiras, duas janelas laterais com molduras intensamente decoradas.
(DGEMN; Processo IPA PT021816110015: Convento de São Cristóvão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: centralizada

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – n°: 1

6.11. Claustros existentes – forma: quadrangular

6.12. Materiais: Estrutura mista **I** Granito, rebocos, e madeiras

6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Atribuído a Fr. Alexandre Pereira. "18 de Janeiro de 1721, assistia no mosteiro um monge douto em matérias de arquitectura Fr. Alexandre Pereira, talvez responsável pela construção do edifício" (DGEMN; Processo IPA PT021816110015: Convento de São Cristóvão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém) **I** PEDREIRO: António da Cunha (1762).

6.14. Obs.: - Algumas afinidades de planimetria com o Mosteiro de Maceira Dão

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial), Residencial e Turístico (Turismo de Habitação)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XII-XIX: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XX-XXI: Residencial e Turístico (Turismo de Habitação)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
Séc. XII (1º quartel) - Cristóvão João e sua mulher Maria Rabaldis, pais de D. João Peculiar, fundam / restauram o mosteiro. D. João Peculiar ali viveu com alguns cónegos regrantes
1126 - num documento outrora existente no cartório constava que se venderam algumas fazendas aos frades de S. Cristóvão dos quais era Abade D. Domingos
1137 - doação de D. Afonso Henriques do Couto de Valadares ao Mosteiro e ao seu Prior João Cirita
1161 - filiação na Ordem de S. Bento, tendo-se em data pouco posterior, no abaciado de Fr. Miguel, filiado na de Cister
1536 - estava arruinado segundo a visitação, de Dom Edme de Saulieu, Abade de Claraval, escrita pelo seu secretário Fr. Claude de Bronseval e ali viviam 4 monges
séc.XVII (2ª metade) - reconstrução do mosteiro
1704 - reedificação pela terceira vez da Igreja, após um incêndio
1834 - obras do convento e da Igreja ainda inacabadas; após a extinção das Ordens Religiosas é vendido e deixado ao abandono
1943 - incêndio florestal danifica as paredes
1985 - demolição de parte do aqueduto de abastecimento ao mosteiro, para alargamento da estrada.
séc. XX (final) - recuperação do mosteiro segundo um projecto da arquitecta Margarida Osswald no âmbito do programa TER (Turismo no Espaço Rural)
2002 - é classificado como Imóvel de Interesse Público, por Despacho do Ministério da Cultura
2004 - O mosteiro abre ao público segundo exploração de turismo rural
2007 - aprovação, pelo Conselho Consultivo do IPPAR, da proposta de delimitação de uma Zona Especial de Protecção

2008 - é fixada a Zona Especial de Protecção, por Despacho do Ministério da Cultura.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 03 de Maio de 1536

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT021816110015: Convento de São Cristóvão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de Interesse Público (IIP)

9.2. Documentos legais:

Port. nº 399/2010, DR (2ª série) de 14 de Junho de 2010 (IIP e ZEP)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular (igreja) **I** bom (restantes dependências monásticas)

10.2. Autenticidade: reconstrução parcial durante o séc. XX-XXI, pela família particular que o adquiriu

10.3. Integridade: apenas a igreja e parte do edificado monástico subsiste.

10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação **I** Reabilitação

11.2. Cronologia das intervenções:

Séc. XX - Reabilitação do edificado monástico
- adaptação de parte do edificado a quartos de hospedes
- adaptação do edifício dos conversos a sala de refeições e apoios para unidade de turismo em espaço rural (TER)
- obras de conservação e consolidação do edificado

11.3. Arquitecto(s): Reabilitação e adaptação a unidade de turismo rural - Arq.ta Margarida Osswald.

11.4. Entidades: Proprietário

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Estudo do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização

- Estudo da eventual reaproveitamento da zona arruinada
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo para criação de espaço explicativo que inclua sinalética interpretativa do monumento.
- Colocação de sinalização rodoviária (monumento)
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão) na Igreja
- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e incorporados no edifício

11.6. Obs.:

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

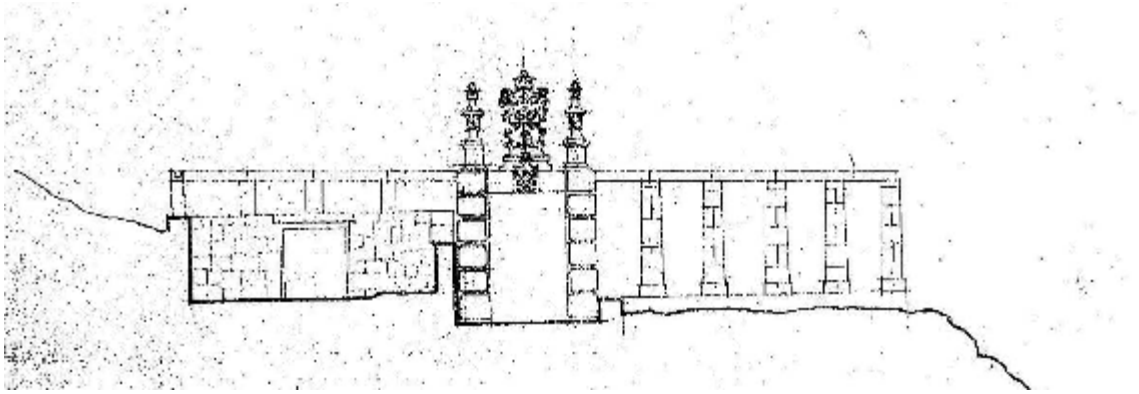


Fig. 1. Aqueduto e portal (DGEMN)

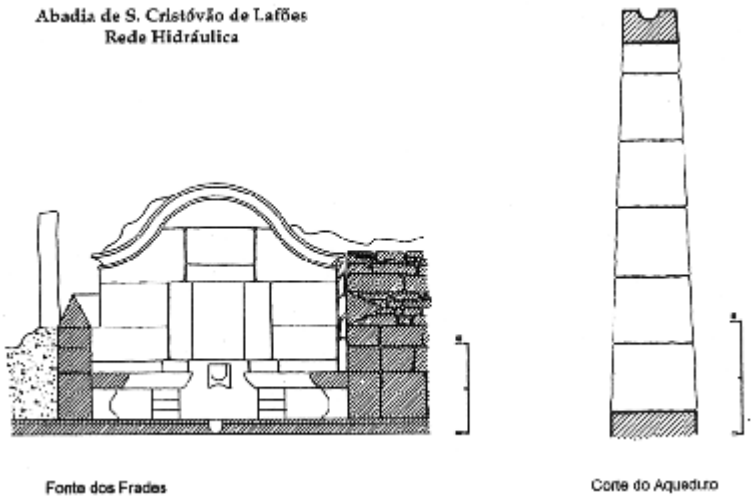


Fig. 2. Aqueduto e fonte (desenho de Virgolino Ferreira Jorge)

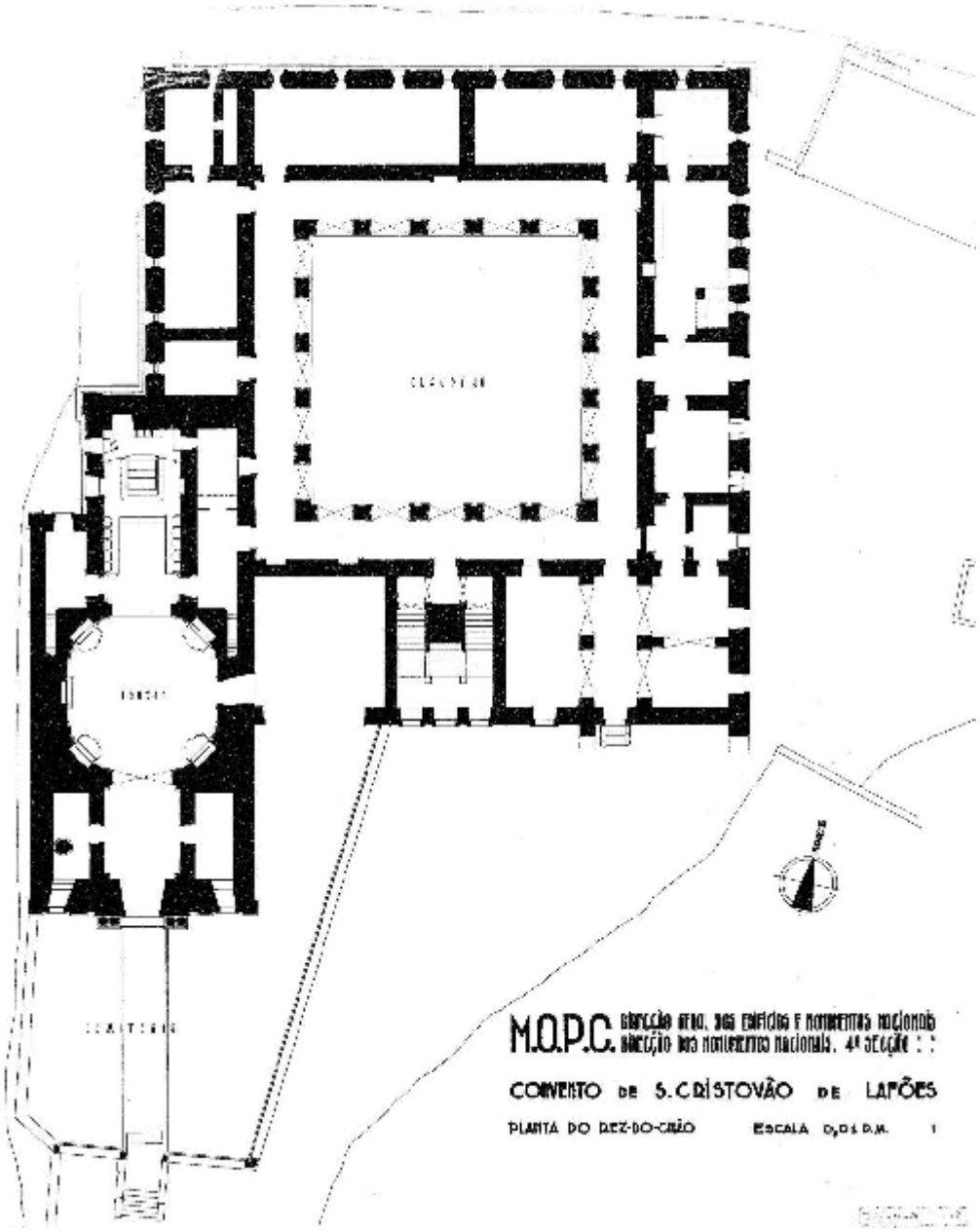


Fig. 3. Planta do rés-do-chão , anos 50 do séc. XX (DGEMN)

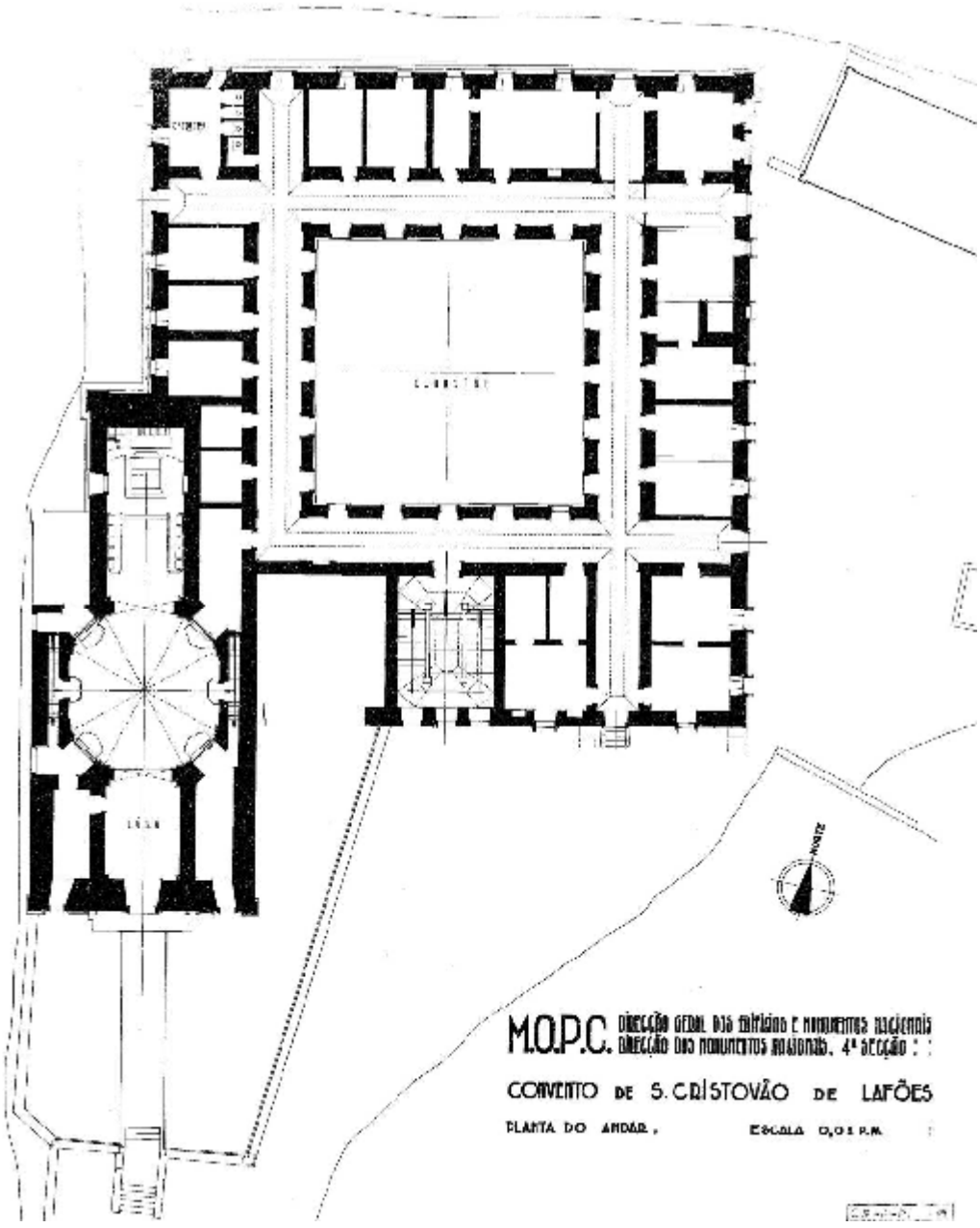


Fig. 4. Planta do 1º piso , anos 50 do séc. XX (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 5. Mosteiro e sua envolvente (DGEMN)

Fig. 6. Mosteiro e sua envolvente (DGEMN)

Fig. 7. Mosteiro e sua envolvente (DGEMN)

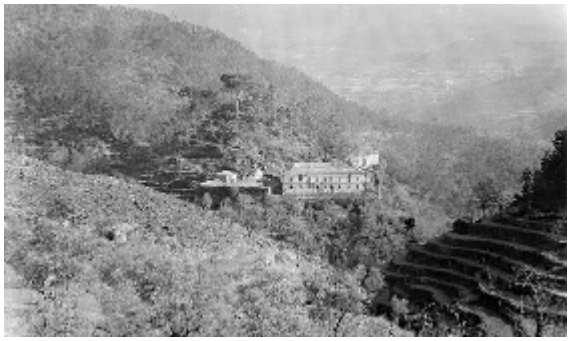


Fig. 8. Mosteiro e sua envolvente, 1942 (DGEMN)

Fig. 9. Edifício monástico antes da recuperação, início do séc. XX (DGEMN)

Fig. 10. Mosteiro e sua envolvente (DGEMN)

Fig. 11. Aqueduto antes do corte parcial ocorrido em meados do séc. XX (DGEMN)

Fig. 12. Aqueduto, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 13. Aqueduto, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 14. Aqueduto, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 15. Aqueduto, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 16. Hospedaria, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 17. Igreja e edificado monástico, 1ª metade do séc. XX (DGEMN) / nota: no arquivo a fotografia encontra-se invertida tal como aqui se apresenta

Fig. 18. Igreja e edificado monástico, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 19. Edificado monástico, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

Fig. 20. Edificado monástico, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

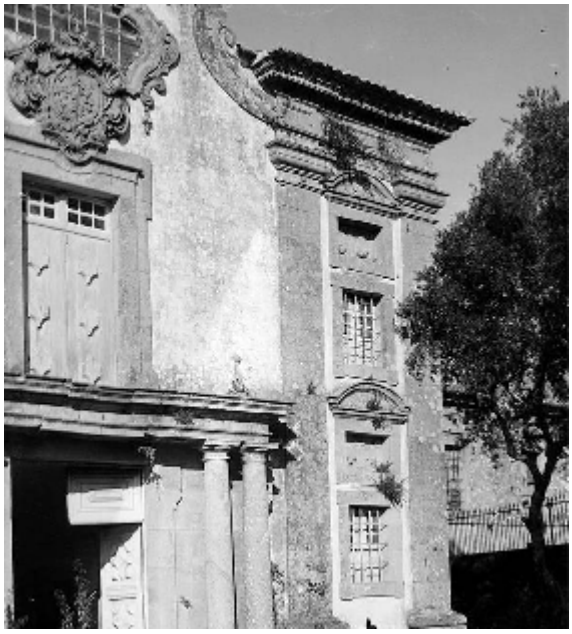


Fig. 21. Igreja, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

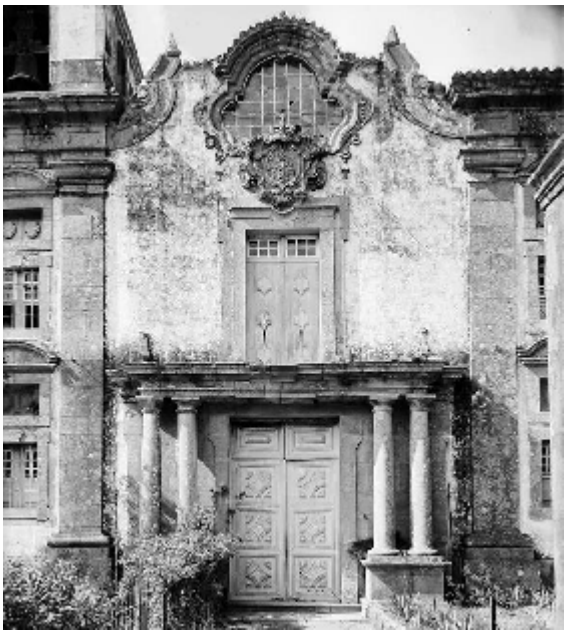


Fig. 22. Igreja, 1ª metade do séc. XX (DGEMN)

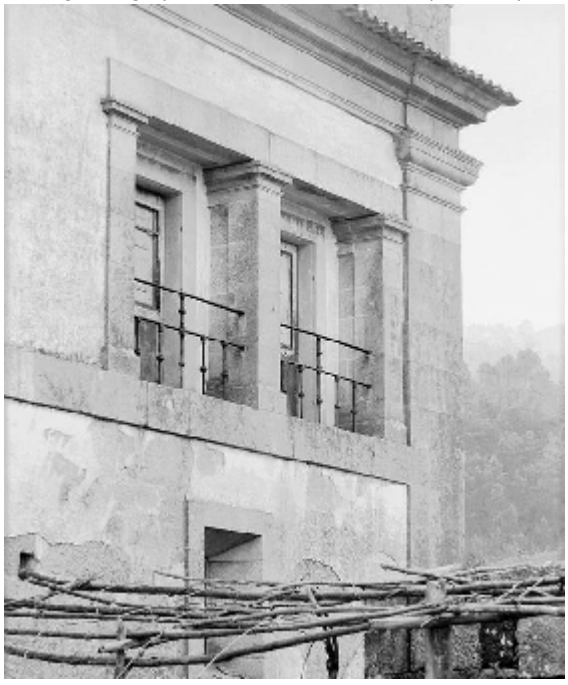


Fig.23 Edifício monástico, 1ªmetade, séc. XX (DGEMN)

Fig. 24. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 25. Igreja e idifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 26. Igreja: brasão, 2005 (autora)

Fig. 27. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 28. Igreja e edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 29. Igreja: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 30. Igreja e edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 31. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 32. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 33. Igreja e edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 34. Reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 35. Reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 38. Reabilitação TER: quartos exteriores, 2005 (autor

Fig. 36. Reabilitação TER: administração, 2005 (autora)

Fig. 37. Reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 39. Reabilitação TER: quartos e serviços, 2005 (autora)

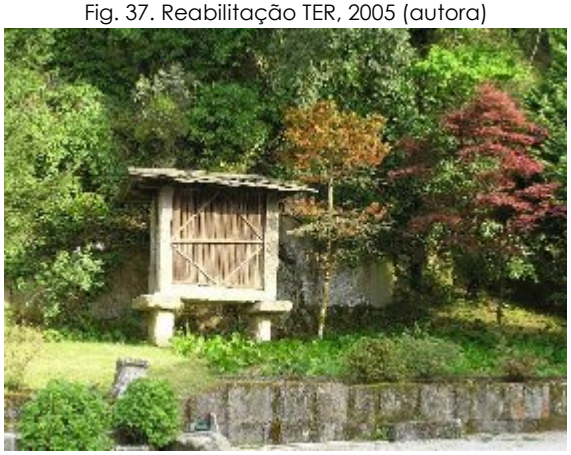


Fig. 40. Reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 41. Reabilitação TER: quartos, 2005 (autora)

Fig. 42. Reabilitação TER: quartos, 2005 (autora)

Fig. 43. Reabilitação TER: serviços, 2005 (autora)

Fig. 44. Reabilitação TER: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 45. Reabilitação TER: serviços, 2005 (autora)

Fig. 46. Reabilitação TER: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 47. Aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 48. Aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 49. Aqueduto: detalhe 2005 (autora)

Fig. 50. Aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 51. Aqueduto: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 52. Aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 53. Aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 54. Aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 55. Mãe-d'água que fornece o aqueduto, 2005 (autora)

Fig. 56. Aqueduto, 2005 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 57. Edifício monástico: refeitório com revestimento azulejar azul e branco na 1ª metade do século XX, antes da reabilitação(DGEMN)

Fig. 58. Edifício monástico: refeitório com revestimento azulejar azul e branco. Assim como o mobiliário existente composto por bancos e mesa de madeira, 1ª metade do século XX, antes da reabilitação(DGEMN)

Fig. 59. Refeitório: passa pratos, 1ª metade do séc. XX, antes da reabilitação (DGEMN)

Fig. 60. Edifício monástico: refeitório com revestimento azulejar azul e branco na 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 61. Claustro, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 62. Claustro, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 63. Edifício monástico: claustro: piso superior, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

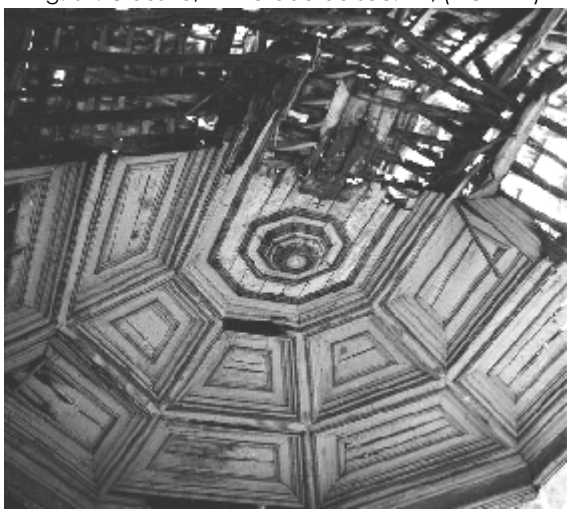


Fig. 64. Tecto, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 65. Acessos às celas,, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 66. Capela-mor, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 67. Igreja, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 68. Igreja, 1ª metade do séc. XX, (DGEMN)

Fig. 69. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 70. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 71. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 72. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 73. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 74. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 75. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 76. Lavabo, 2005 (autora)

Fig. 77. Capela, 2005 (autora)

Fig. 78. Capela: parte do cadeiral original do coro da igreja monástica, 2005 (autora)

Fig. 79. Capela, 2005 (autora)

Fig. 80. Claustro: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 81. Claustro: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 82. Escadaria conducente ao 2º piso, 2005 (autora)

Fig. 83. Acesso às antigas celas, actualmente quartos no âmbito da reabilitação TER, 2005 (autora)

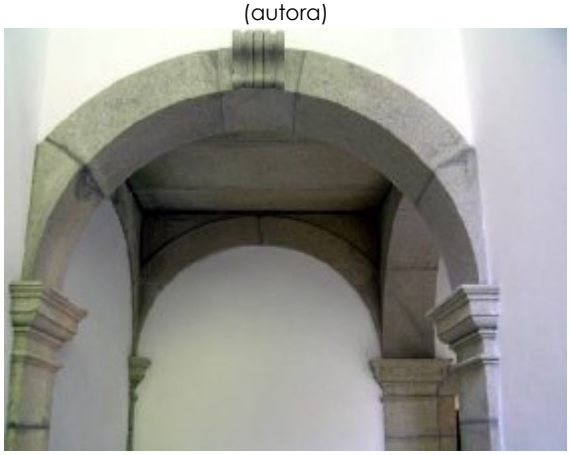


Fig. 84. Arcatura da escadaria: detalhe, 2005 (autora)

Fig. 85. Escadaria: detalhe, 2005 (autora)

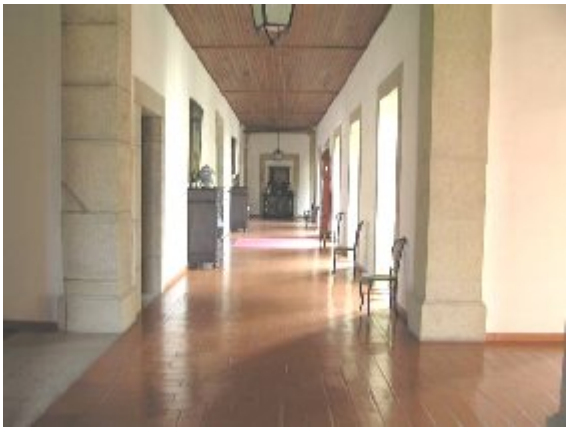


Fig. 86. Acesso às antigas celas, 2005 (autora)

Fig. 87. Acesso às antigas celas, 2005 (autora)

Fig. 88. Latrinas, 2005 (autora)

Fig. 89. Edificado monástico com reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 90. Edificado monástico com reabilitação TER, 2005 (autora)

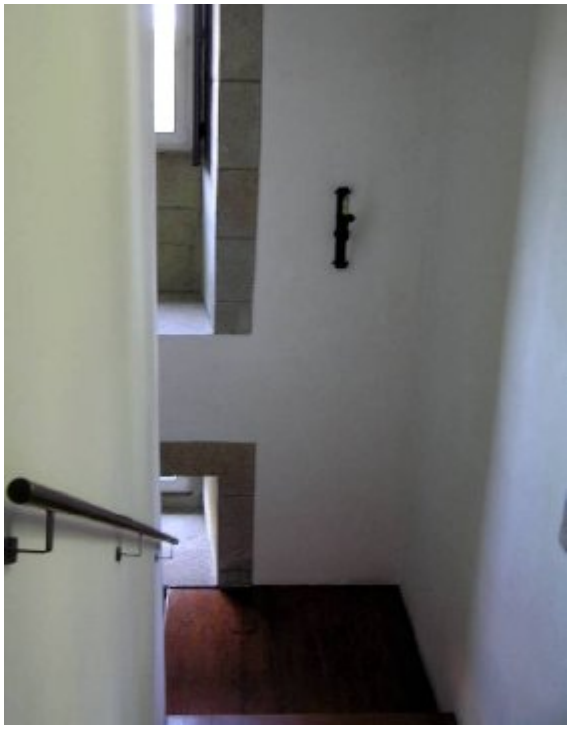


Fig. 91. Edificado monástico com reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 92. Edificado monástico com reabilitação TER: adega, 2005 (autora)

Fig. 93. Edificado monástico com reabilitação TER, 2005 (autora)

Fig. 94. Cozinha, 2005 (autora)

Fig. 95. Cozinha, 2005 (autora)

Fig. 96. Cozinha, 2005 (autora)

Fig. 97. Refeitório visto através do passa-pratos ou ministra, 2005 (autora)

Fig. 98. Cozinha: interior da chaminé, 2005 (autora)

Fig. 99. Refeitório: passa-pratos, 2005 (autora)

Fig. 100. Sacristia, 2005 (autora)

Fig. 101. Sacristia, 2005 (autora)

Fig. 102. Igreja: capela-mor, 2005 (autora)

Fig. 103. Igreja: coro-alto, 2005 (autora)

Fig. 104. Igreja: altar colateral com pintura de S. Bernardo, 2005 (autora)

Fig. 105. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 106. Igreja: confessionário, 2005 (autora)

Fig. 107. Igreja: aquando os encontros culturais de S. Cristóvão de Lafões, 2005 (autora)

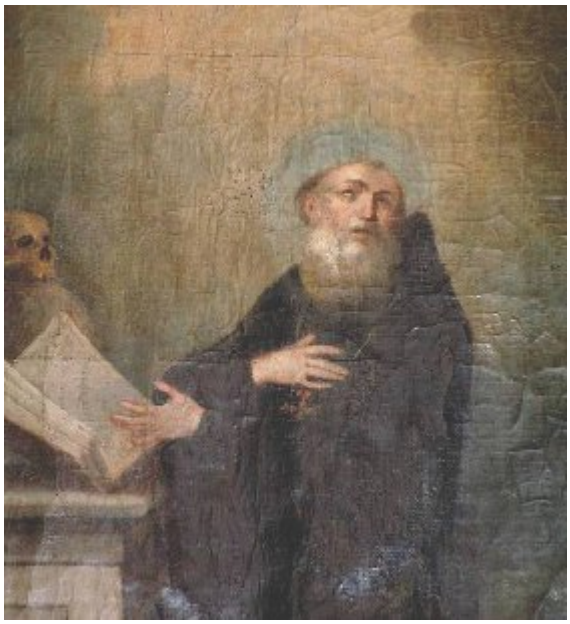


Fig. 108. Pintura de S. Bento em altar colateral na Igreja, 2005 (autora)

Fig. 109. Igreja: altar colateral com pintura de S. Bernardo, 2005 (autora)

Fig. 110. Igreja: janelão da capela-mor, 2005 (autora)

Fig. 111. Igreja: púlpito, 2005 (autora)

Fig. 112. Capela-mor: pintura do retábulo-mor, 2005 (autora)

Fig. 113. Capela-mor: retábulo-mor, 2005 (autora)

Fig. 114. Sala de pequenos-almoços (TER), 2005 (autora)

Fig. 115. Sala de pequenos-almoços (TER), 2005 (autora)

Fig. 116. Sala de pequenos-almoços (TER), 2005 (autora)

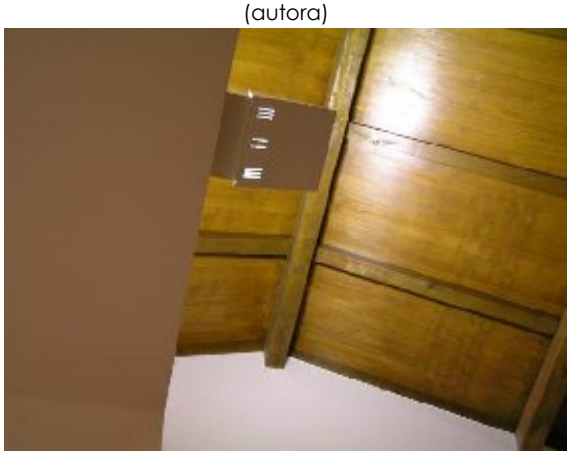


Fig. 117. Reabilitação TER: quarto, 2005 (autora)

Fig. 118. Reabilitação TER: quarto, 2005 (autora)

Fig. 119. Reabilitação TER: quarto, 2005 (autora)

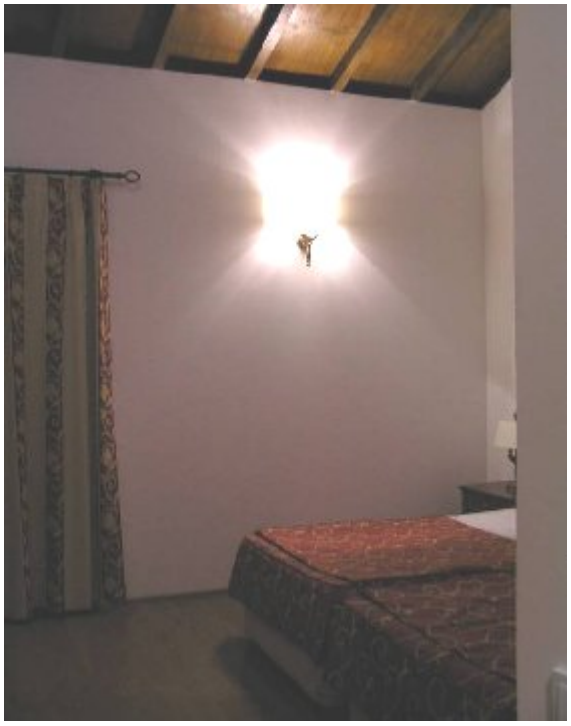
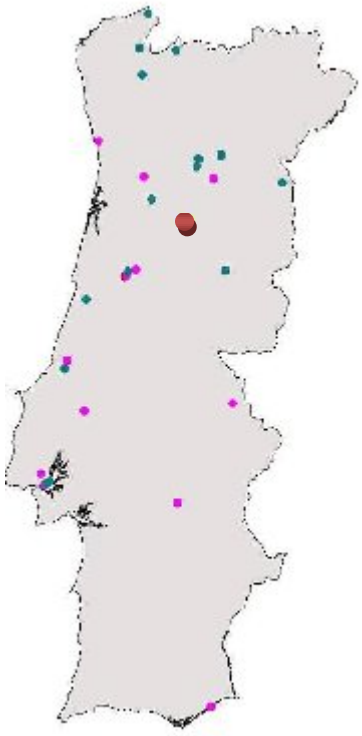


Fig. 120. Reabilitação TER: quarto, 2005 (autora)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE MACEIRA DÃO

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

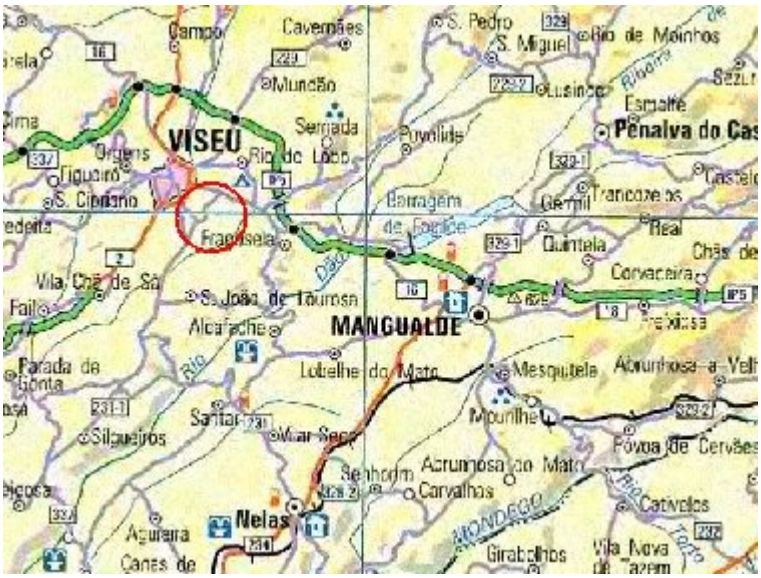
1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Maceira Dão
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Mosteiro de Maceira Dão / Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT021806070021
1.5. IPPAR – Designação: Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão
1.6. IPPAR – nº de identificação: 1422
1.7. Fundação / Filiação: Filiação, em 25 de Outubro de 1188, segundo Dom Maur Cocheril
Claraval – Alcobaça – Maceira Dão
1.8. Diocese: Viseu
1.9. Construção: séc. XII / XIV (conjectural), séc. XVII (portaria, claustro e dependências), séc. XVIII (igreja)
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Alta
2.2. Distrito: Viseu
2.3. Concelho: Mangualde
2.4. Freguesia: Fornos de Maceira Dão
2.5. Direcção Postal:
Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão
Fornos de Maceira Dão
Maceira Dão

3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos:
Sai-se da EN 16 (estrada Viseu-Mangualde), em direcção a Vila Garcia, ao Km. 105,6. Tem acesso pelo caminho municipal nº 1441 e por um caminho público não classificado com cerca de 600 metros.

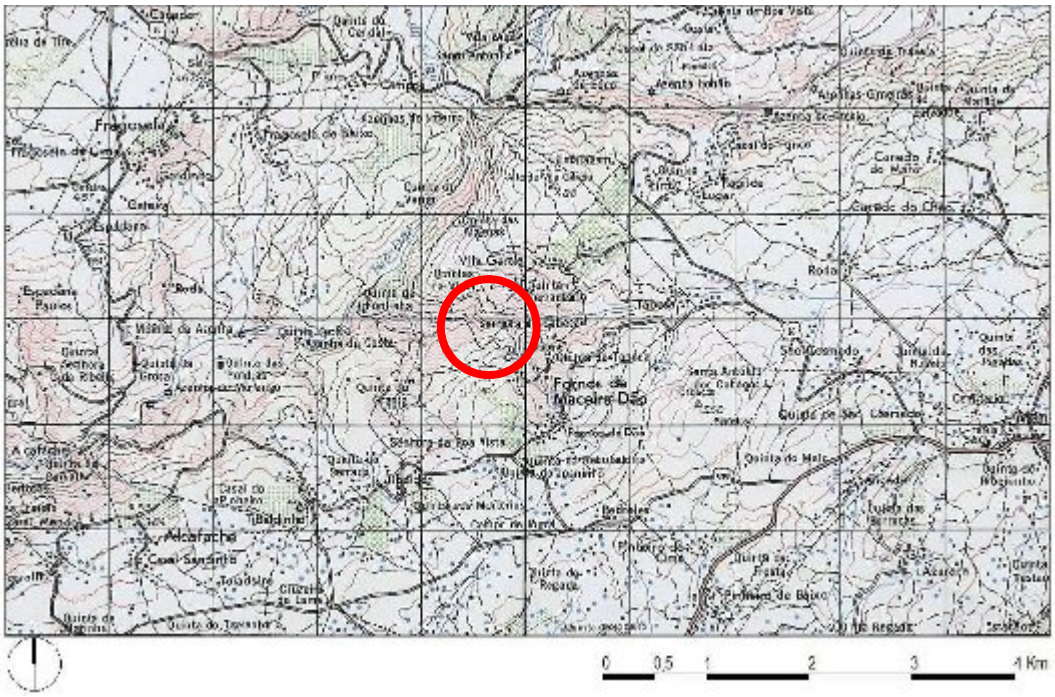


Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita:
Não visitável
3.4. Condicionantes de visita: Não visitável (propriedade particular)
3.5. Contactos: Câmara Municipal de Mangualde **I** Largo Dr. Couto **I** 3530-134 MANGUALDE **I** tel. +351 232 61 16 99 **I** fax. +351 232 62 39 58

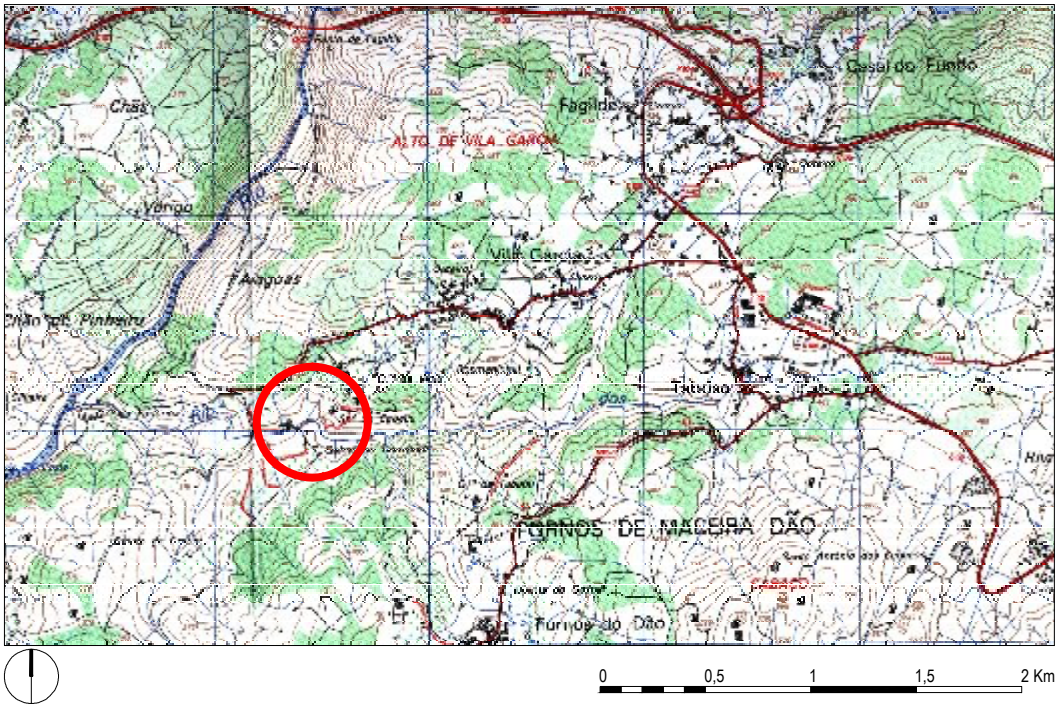
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº17-IV VISEU (2001)



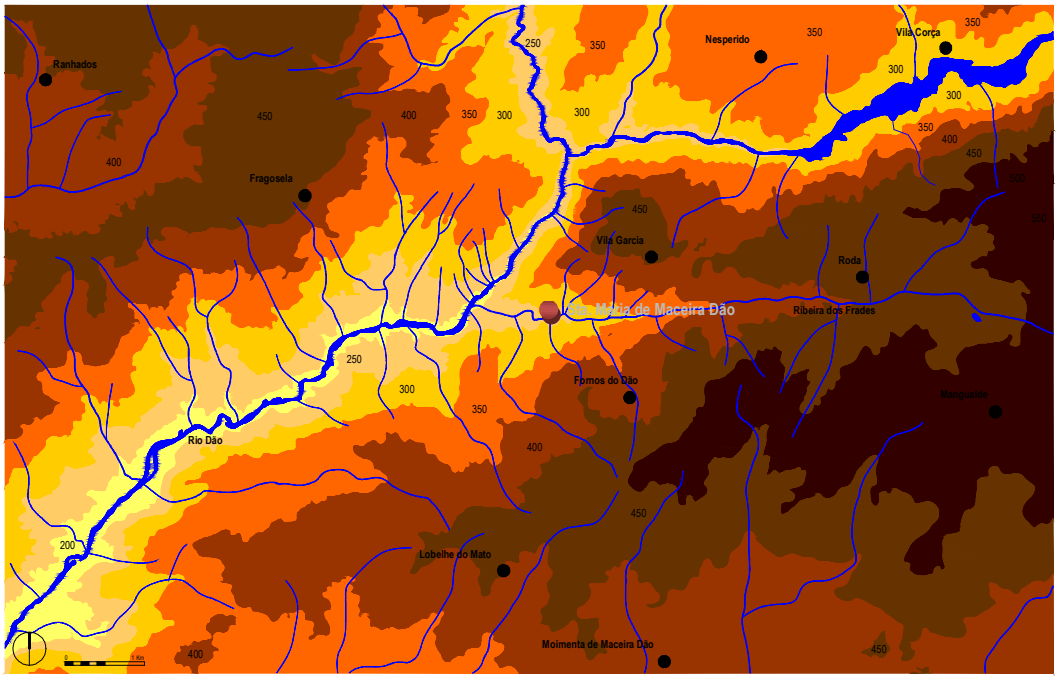
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº189 MANGUALDE (1999)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Vale (ribeira de Frades e proximidades do rio Dão)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40° 59' 40" N **I** Longitude: 7° 44' 46"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 232560 **I** Y: 447352

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: MAPS 95 **I** rolo nº: 20 **I** fotografia nº 1041

(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

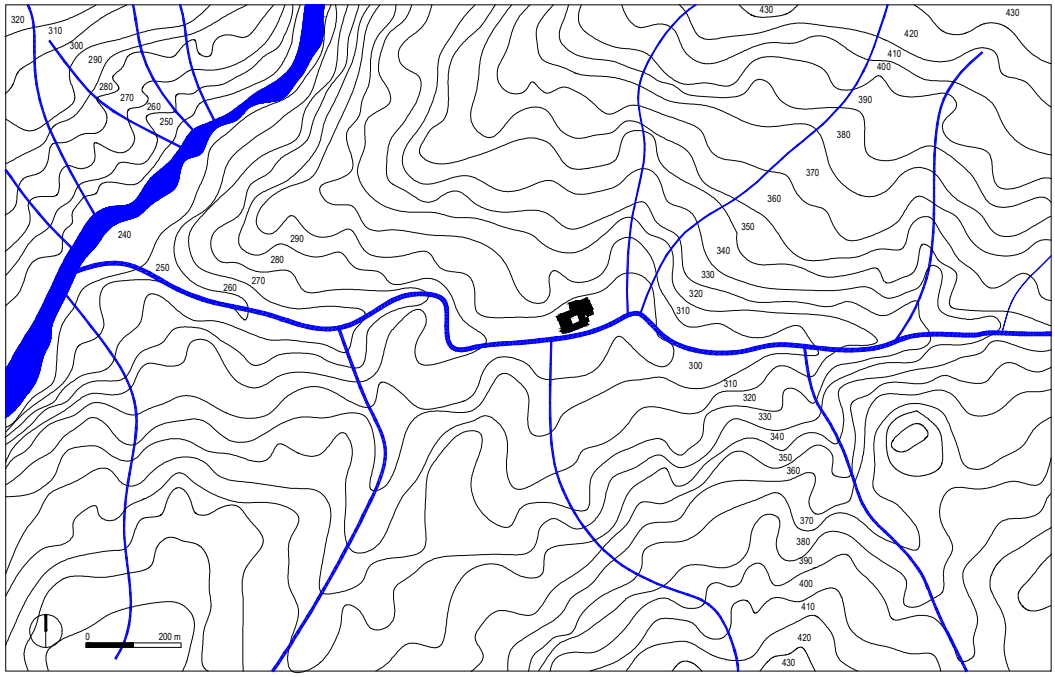
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 290 m
4.10.Proximidades e relações: Viseu **I** Mangualde **I** Santo António dos Cabaços **I** Fagilde **I** Capela da Senhora da Cabeça
4.11 Obs.:

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Particular
5.2. Afectação / Ocupação: Privada

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Maneirista **I** Barroco
6.3. Estilos paralelos: n/a
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior:

Planta composta e irregular de volumes articulados num total de três volumes, o convento, a igreja e a torre, formando planta rectangular irregular, com claustro ao centro e igreja adossada ao lado esquerdo.

Coberturas diferenciadas de telhados de 1, 2, 3, 4, e 8 águas e em cúpula na igreja. Construído com blocos de granito aparelhado. Alçados circunscritos por pilastras, encimadas por pináculos com esferas e remate em cornija.

Fachada do convento virada a oeste, composta por três corpos formando U, que se fecha por muro de menor cota, ligando os dois corpos avançados, com portão rectangular centralizado e ladeado por duas meias colunas toscanas embebidas.

Nichos decorativos na fachada da igreja, brasão armoriado e pináculos nos cunhais das edificações, à excepção da torre. As janelas dos vários alçados apresentam mísulas abaixo das molduras. Friso liso percorre as várias fachadas do edifício, entre os capitéis e a cornija. Torre sineira adossada lateralmente à fachada.

Torre supostamente medieval de três andares, com entrada por arco a pleno centro, coberta por um telhado de uma água, com acesso directo aos andares superiores, através de escada lateral. Torre sineira ritmada por frisos, tendo, no superior, quatro aberturas de arco a pleno centro, rematada por pináculos e coberta por pequena cúpula semiesférica, com pináculo.

Claustro com os tramos definidos por pilares almofadados. Várias pedras sigladas denotam o aproveitamento de materiais do primitivo mosteiro. Nos dois corpos avançados, fresta rectangular no piso térreo e janelão rectangular no superior.

No corpo mais recuado, porta para o interior e fenestrações rectangulares nos dois pisos, com mísulas sob as molduras. Alçado circunscrito por pilastras, encimadas por pináculos com esferas e remate em cornija. Alçado norte com prolongamento do corpo avançado da fachada principal com frestas rectangulares no piso térreo e janelões rectangulares com poiais no superior.

Fachada principal da igreja de perfil tronco-cilíndrico, com portal de frontão curvo armoriado, encimado por janelão rectangular, que por sua vez é ladeado por dois nichos encimados por frontão triangular e encimado por outro com frontão triangular curvo. Aí se encontravam as imagens de São Bento e São Bernardo, actualmente na Capela de São Domingos, em Tibalde. O nicho central albergava a imagem de Nossa Senhora da Assunção. Corpo na nave da igreja e da capela-mor com dois janelões de arco abatido cada. Alçado sul com prolongamento do corpo

avançado da fachada principal, com portas e janelas indiferenciadas em três pisos, com uma janela de sacada, que, ao terminar, forma pequeno terreiro lajeado onde uma larga escadaria conduz ao claustro. Em plano mais recuado, corpo indiferenciado que estabelece a ligação com a torre, rasgada por duas portas térreas, uma rectangular e outra de arco de volta perfeita.

Nos dois pisos superiores, fenestrações indiferenciadas. Lateralmente, uma escada acede ao piso superior da torre. No alçado posterior, empena lateral cega da torre, a que se segue corpo alpendrado de menor cota e topo da capela-mor, com duas pequenas fenestrações rectangulares entaipadas.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT021806070021: Mosteiro de Maceira Dão / Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: O interior do mosteiro desenvolve-se à volta do claustro rectangular, de cinco e quatro tramos e de dois pisos, assente em pilares prismáticos almofadados, formando arcos a pleno centro e com tanque no ângulo poente, tendo o restante espaço canteiros de granito. Gárgulas com decoração fitomórfica. Possui ainda com tanque no ângulo poente e canteiros de granito. Comunicação com a sacristia e igreja, e outras dependências e escadaria de três lanços de patamares que conduz aos corredores do piso superior.

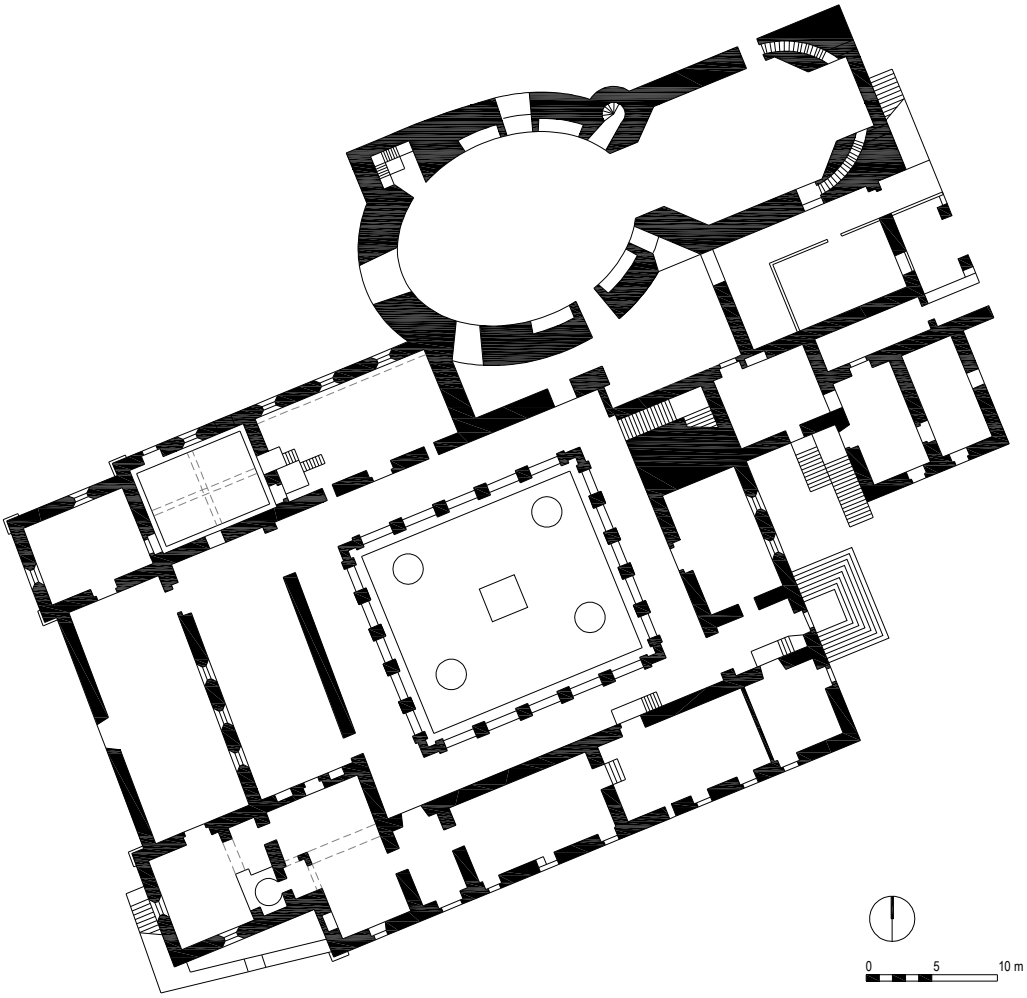
A igreja possui nave de forma elíptica com portal de entrada rectangular, encimado por janelão igualmente rectangular, capela-mor e sacristia. A nave é rasgada por vários altares e portas, formando arcos de volta perfeita, encimados por fenestrações rectangulares, formando ritmos contrastantes. Cobertura em cúpula oval. Arco triunfal de volta perfeita acede à capela-mor, com cobertura em abóbada de berço, tendo portas laterais e fenestrações de arco abatido e, na zona do altar-mor, um arco a pleno centro, o primitivo retábulo.

O retábulo da capela-mor encontra-se na Igreja Paroquial de Fragosela. Os dois retábulos colaterais e um quadro a óleo sobre tela foram comprados para a Igreja da Irmandade das Almas, em Mangualde.

Nas dependências monásticas, surgem divisões incaracterísticas e a maior parte em ruínas, surgindo, numa delas, azulejo enxaquetado azul e branco. Vestígios de azulejo monócromo, disposto em enxaquetado numa das dependências arruinadas.

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT021806070021: Mosteiro de Maceira Dão / Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: centralizada

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular com capela-mor truncada nos lados

6.10. Claustros existentes – n°: 1

6.11. Claustros existentes – forma: quadrangular

6.12. Materiais: Estrutura autónoma **I** Granito, rebocos, madeiras **I** telhas de meia-cana.

6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Pedreiros: José Ribeiro Alves, João Martins, João da Costa Coelho e João Fernandes Ribeiro (até 1744) **I** José Duarte, António Barbosa da Cunha (1779) **I** José da Fonseca Ribeiro (entalhador,1779) **I** Joaquim da Cunha (escultor, séc. XX) **I** Sebastião da Mota (ourives, 1666) **I** Pascoal José Parente (pintor,1786).

6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)

7.2. Uso actual: Devoluto
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XII – Religioso
Séc. XIX – Residencial e Agrícola
Séc. XX - Devoluto

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:

1154 - D. Afonso Henriques e D. Mafalda doam, em agradecimento por cura de um familiar, algumas terras ao médico D. Soeiro Teodoniz .
1161 - D. Soeiro Teodoniz abandona a sua actividade e feito monge funda um pequeno mosteiro perto da Igreja de Santa Maria, de Moimenta da Beira
1165 - Afonso Pais doam ao Mosteiro uma herdade, enquanto seguissem a observância beneditina
1173 - fundação do Mosteiro no local actual, pelo Abade D. Soeiro Teodoniz, seguindo a Ordem de São Bento
- D. Afonso Henriques estabelece e fixa os limites do novo couto, passando o mosteiro a gozar de protecção régia
1188 - filiação no Ordem Cisterciense, passando a depender de Alcobaça, à qual se manteve vinculado até à sua extinção
1212 - Inocêncio XIII assumiu a protecção do Mosteiro e confirmou-lhe todos os bens que lhe haviam sido doados, enquanto beneditinos
1431 - é referida apenas a existência de um monge, o abade Fr. Álvaro
1493 - proibição de receber noviços
1526 - tinha 12 monges, além do abade e de vários serviçais
1532 - visita do abade de Claraval que refere a sua pobreza "pequeno e mal construído, sem refeitório e cozinha regular"
1533 - o Abade de Alcobaça enviou Fr. António de Almoster a Maceira Dão para avaliar o estado da congregação
1560 - aumento das rendas, com a incorporação dos bens do Mosteiro de São João de Vale de Medeiros
1564 - é fixado o número de 10 frades como limite máximo, para compor a comunidade
1613 - provável reconstrução do claustro e das dependências conventuais, conforme data junto à porta de acesso ao claustro
1628 - continuam as obras, conforme inscrição no edificado monástico
1668/1669 - terminam as obras de reconstrução da fachada e da frontaria
1632 - o mosteiro atinge o número máximo de quinze monges

1720 - venda de algumas propriedades do Mosteiro, em Fornos de Algodres, para fazer face às despesas com as obras
1744 - contrato para a reedificação da igreja, dedicada a Nossa Senhora da Assunção
XVII (2.ª metade) - reconstrução da Capela da Senhora da Cabeça
- o mosteiro tinha 17 celas
1779 - conclusão das obras na Igreja
1786 - Pascoal José Parente desloca-se ao local para pintar algumas telas, nomeadamente uma "Sagrada Família"
1810 - na data das Invasões Francesas, a Capela de Nossa Senhora da Cabeça ainda não tinha as obras concluídas
1835 - por portaria, assinada pelo ministro Silva Carvalho, o sino e máquina do relógio foram cedidos à Santa Casa da Misericórdia de Mangualde
1837 - o couto de Maceira Dão é incorporado no Concelho de Mangualde
1842 - a documentação do extinto convento, depositada no Seminário de Viseu, desapareceu num incêndio
1965 - após vários proprietários, que levaram o edificado monástico à sua ruína, o mosteiro foi arrematado pelo Dr. António Jorge Ferreira.
1978 - em sessão camarária desta data, foi deliberada a proposta de classificação de vários imóveis de Mangualde, entre os quais, o Mosteiro
- envio de ofício ao Director Geral do Património Cultural, pedindo a classificação como Imóvel de Interesse Público
1998 - despacho do Ministro da Cultura, classificando-o como Monumento Nacional

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 21 e 22 de Dezembro de 1532

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT021806070021: Mosteiro de Maceira Dão / Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)

9.2. Documentos legais:

Dec. n.º 5/2002, DR 42 de 19 Fevereiro 2002 (MN)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: mau/ruína (igreja e restantes dependências monásticas)
10.2. Autenticidade: apesar do seu estado arruinado, é exemplo autenticidade no que respeita à segunda edificação (seiscentista) do mosteiro. Não foi alvo de reabilitação, conservação ou restauro pelo que não revela adulteração.
10.3. Integridade: no que respeita à reconstrução seiscentista.
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções*:
1503 - obras no mosteiro
1613 - Demolição dos edifícios efificando-se sobre as ruínas um novo Mosteiro, reconstrução do claustro (conjectural)
1628/1668/1669 - reconstrução da fachada e da frontaria encontrando-se as datas do séc. XVII na porta de acesso ao claustro e nas bases dos pináculos
1744 - reedificação da igreja, a cargo dos mestres João Ribeiro Alves, João Martins, João da Costa Coelho e João Fernandes Ribeiro
1779 - conclusão das obras na Igreja, por intermédio de José Duarte, António Barbosa da Cunha e José da Fonseca Ribeiro, mestres pedreiros
Particular:
Séc. XX - colocação de porta de madeira no portal axial da igreja
- construção de escada de betão na fachada principal
- reboco parcial da fachada lateral direita em cimento
- abertura de novos vãos.

11.3. Arquitecto(s): João Ribeiro Alves, João Martins, João da Costa Coelho e João Fernandes Ribeiro (até 1744) e mestres pedreiros José Duarte, António Barbosa da Cunha e José da Fonseca Ribeiro (séc. XVIII)
11.4. Entidades: Particular
11.5. Propostas:
IPPAR (sugestões preliminares):
- Estudo do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização -Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo para criação de espaço explicativo que inclua sinalética interpretativa do monumento.
- Colocação de sinalização rodoviária (povoação+monumento)

- Estudo de segurança (incêndio e intrusão)
- Estudo diagnóstico de patologias com propostas de actuação
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT021806070021: Mosteiro de Maceira Dão / Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

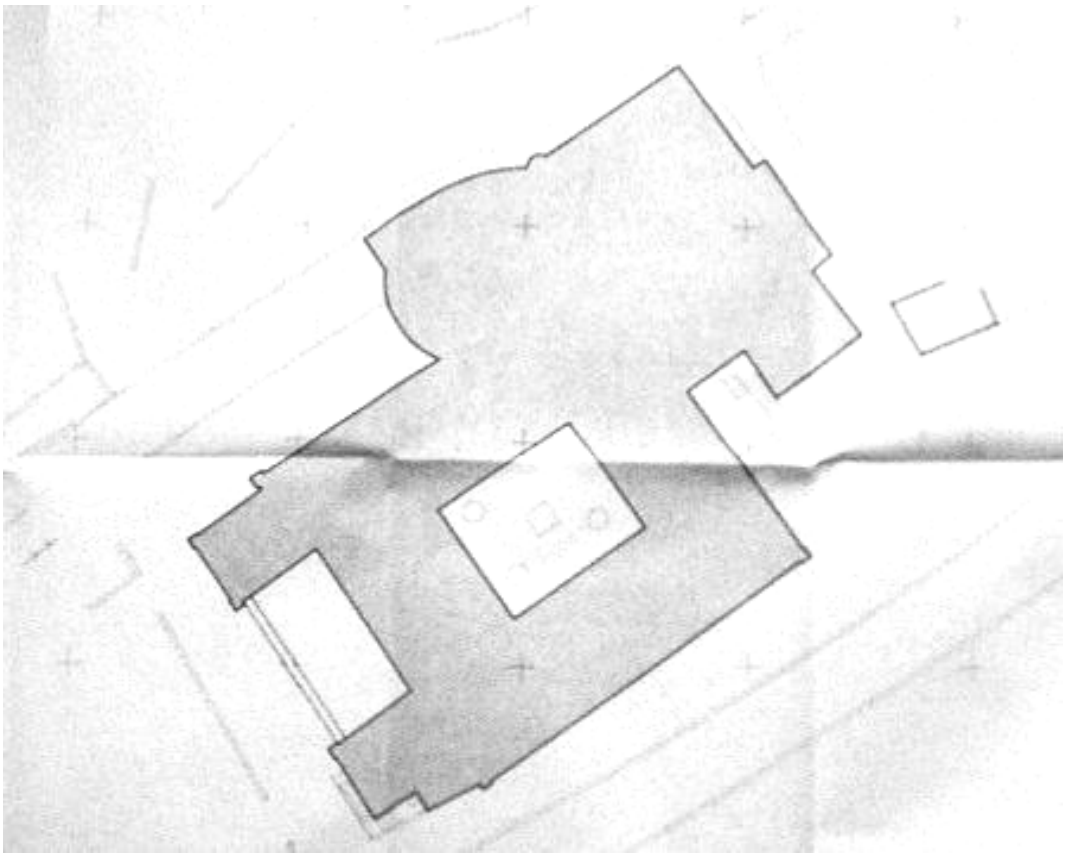


Fig. 1. Planta de Implantação, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

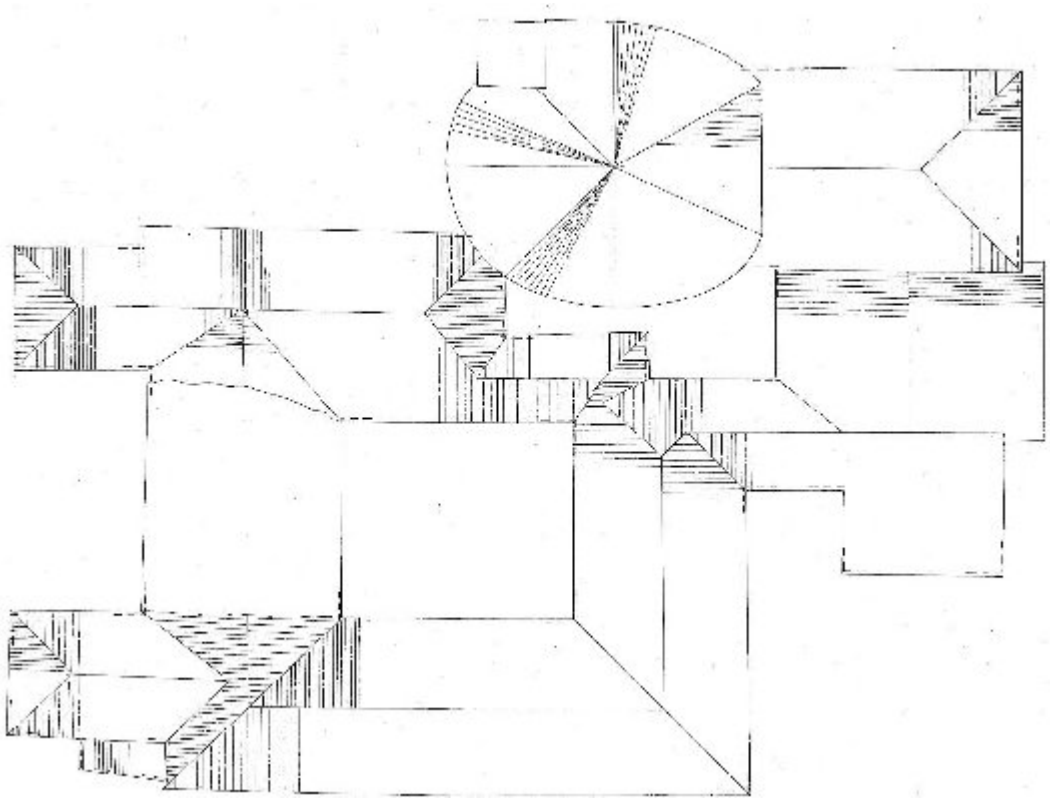


Fig. 2. Planta da Cobertura, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

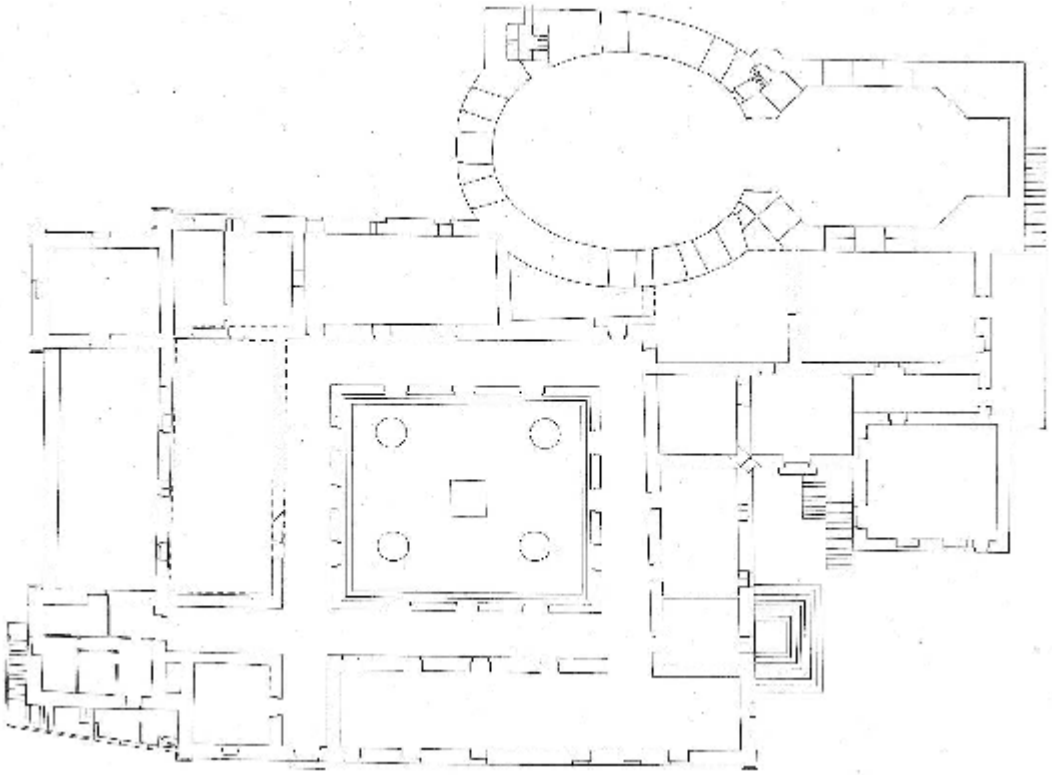


Fig. 3. Planta do piso 3, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

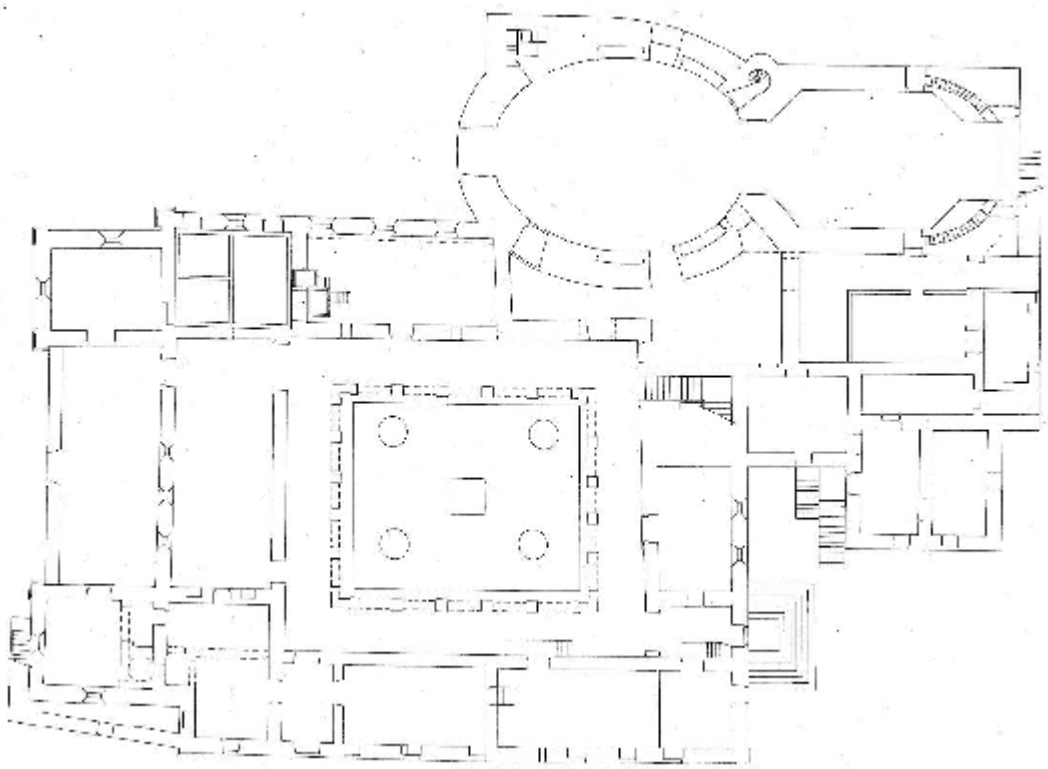


Fig. 4. Planta do piso 2, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

Fig. 5. Planta do piso 1, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

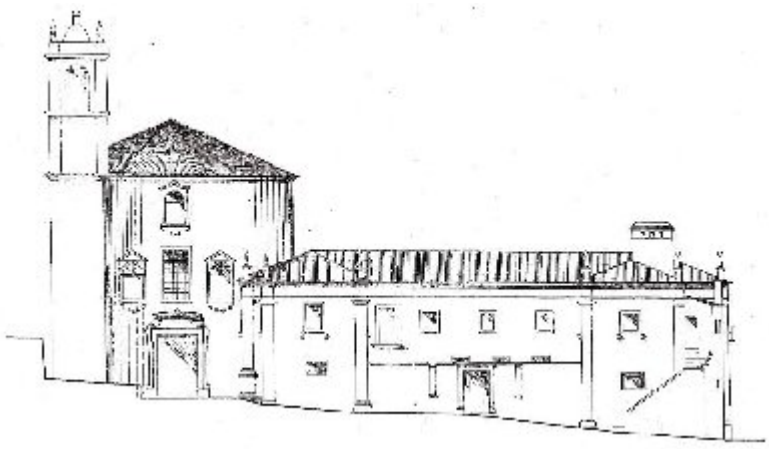


Fig. 6. Alçado Poente, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

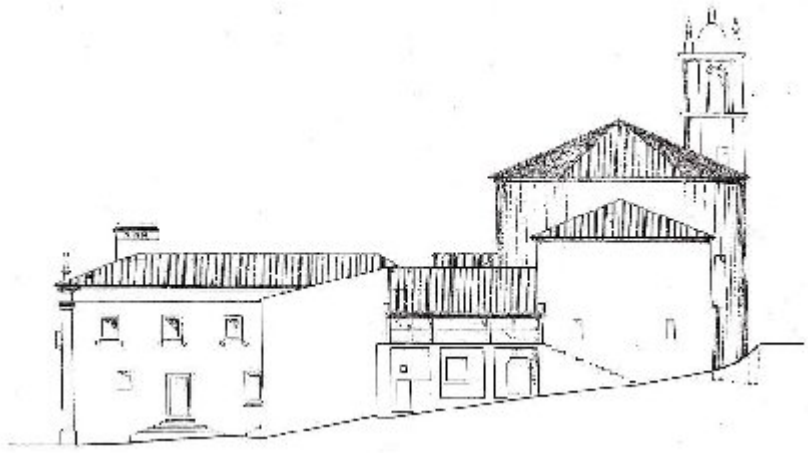


Fig. 7. Alçado Nascente, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

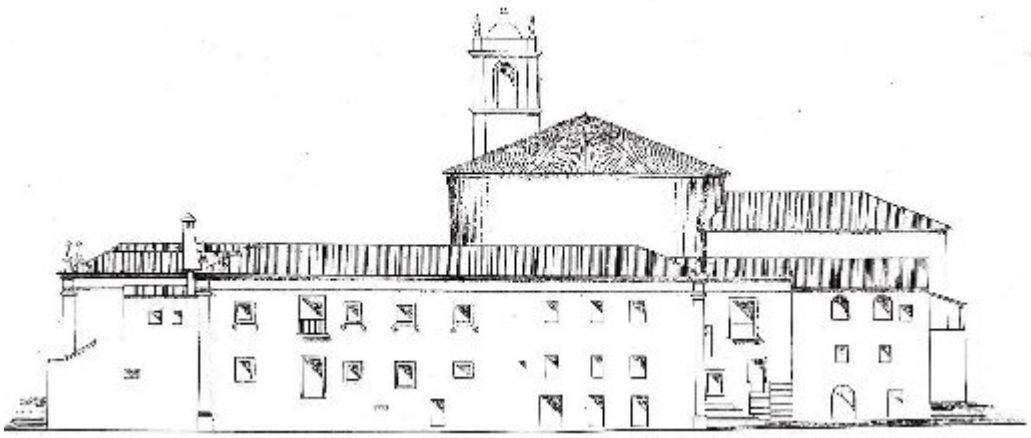


Fig. 8. Alçado Sul, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

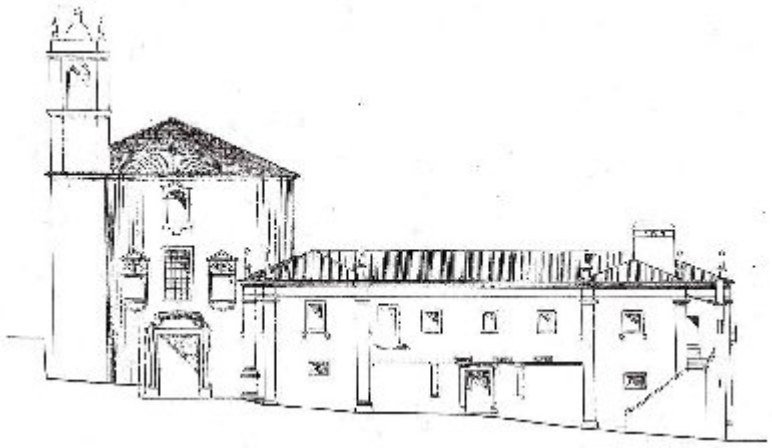


Fig. 9. Alçado Norte, 1990 (Câmara Municipal de Mangualde)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 10. Envolvente, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 11. Edifício monástico, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 12. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 13. Edifício monástico, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 14. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 15. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 16. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 17. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 18. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 19. Edifício monástico, 2005 (autora)

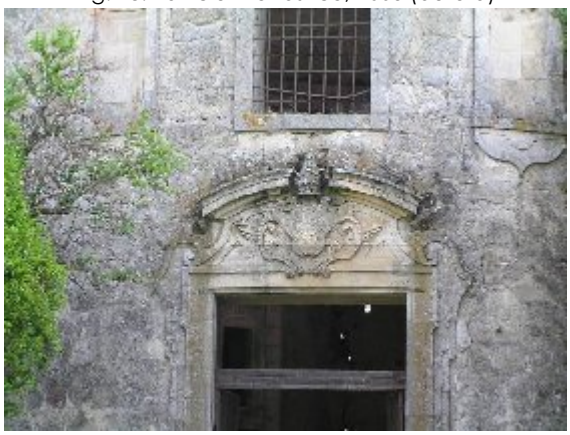


Fig. 20. Igreja, portal, 2005 (autora)

Fig. 21. Igreja, 2005 (autora)

Fig. 22. Porta de acesso ao refeitório, 2005 (autora)

Fig. 23. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 24. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 25. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 26. volume da igreja, 2005 (autora)

Fig. 27. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 28. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 29. Acesso à capela de N. Srª da Cabeça, 2005 (autora)

Fig. 30. Passagem sobre linha de água, 2005 (autora)

Fig. 31. Fontanário, 2005 (autora)

Fig. 32. Capela de N. Sr.ª da Cabeça, 2005 (autora)

Fig. 33. Capela de N. Sr.ª da Cabeça, 2005 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 34. Claustro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

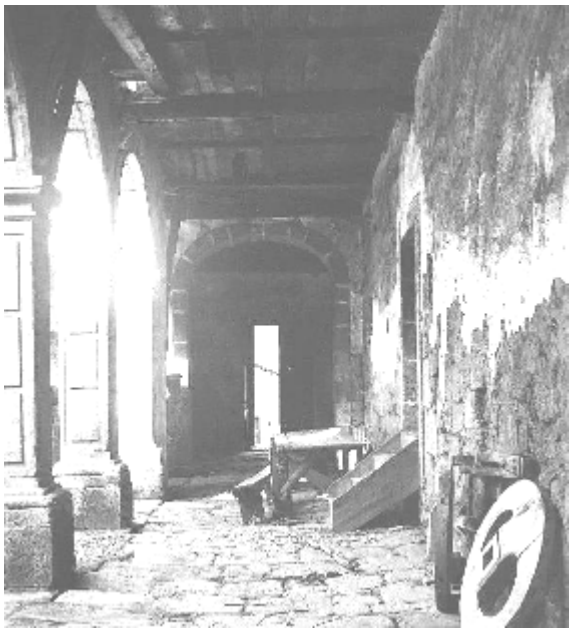


Fig. 35. Claustro: piso inferior, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 36. Claustro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

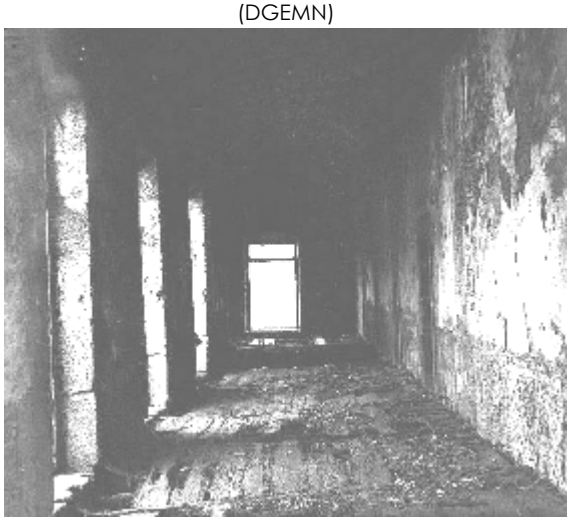


Fig. 37. Claustro: piso superior, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 38. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 39. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 40. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 41. Claustro, 2005 (autora)

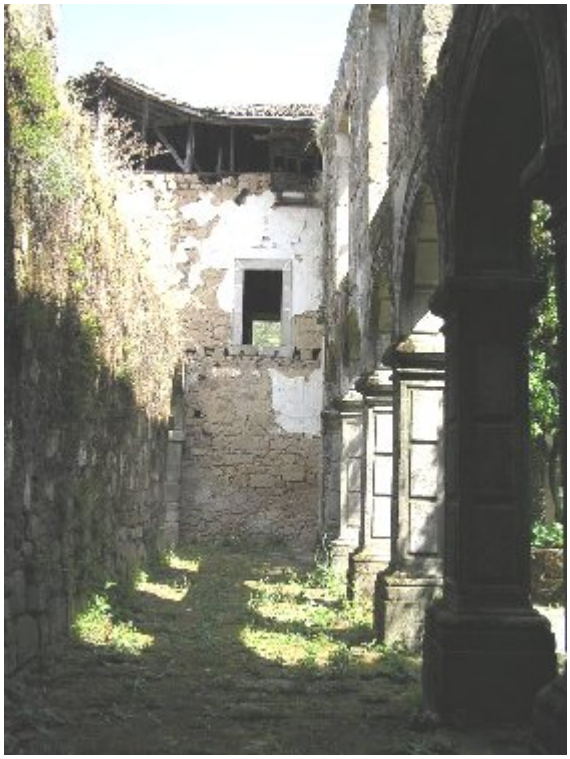


Fig. 42. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 43. Acesso à sala do capítulo, 2005 (autora)

Fig. 44. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 45. Claustro: cobertura do piso superior, 2005 (autora)

Fig. 46. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 47. Claustro: marcação dos apoios do piso superior e portas das celas, 2005 (autora)

Fig. 48. Edifício monástico: intersecção com o volume da igreja, 2005 (autora)

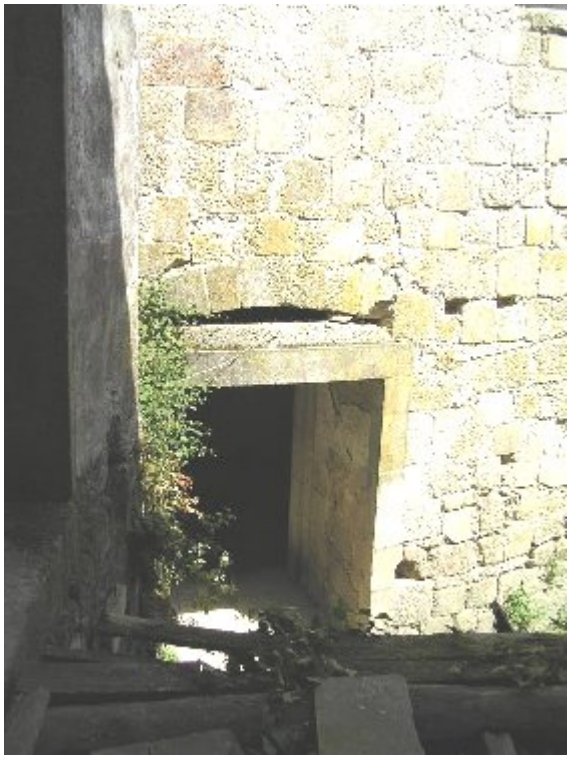


Fig. 49. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 50. Cobertura do edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 51. Escadaria para o segundo piso do claustro, 2005 (autora)

Fig. 52. Escadaria para o segundo piso do claustro, 2005 (autora)

Fig. 53. Lápide no claustro, 2005 (autora)

Fig. 54. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 55. Lápide no claustro, 2005 (autora)

Fig. 56. Claustro, 2005 (autora)

Fig. 57. Intersecção do edifício monástico com o corpo da Igreja, 2005 (autora)

Fig. 58. Marcas de canteiros no edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 59. Edifício monástico, 2005 (autora)

Fig. 60 Abertura para o corpo da Igreja, 2005 (autora)

Fig. 61. Marca de canteiro, 2005 (autora)

Fig. 62. Lavabo, 2005 (autora)

Fig. 63. Lavabo, 2005 (autora)

Fig. 64. Refeitório e abertura da *ministra*, 2005 (autora)

Fig. 65. Abertura do refeitório com a correspondente abertura do piso superior (celas), 2005 (autora)

Fig. 66. Refeitório e *passa-pratos*, 2005 (autora)

Fig. 67. Refeitório, 2005 (autora)

Fig. 68. Cozinha: passa-pratos, 2005 (autora)

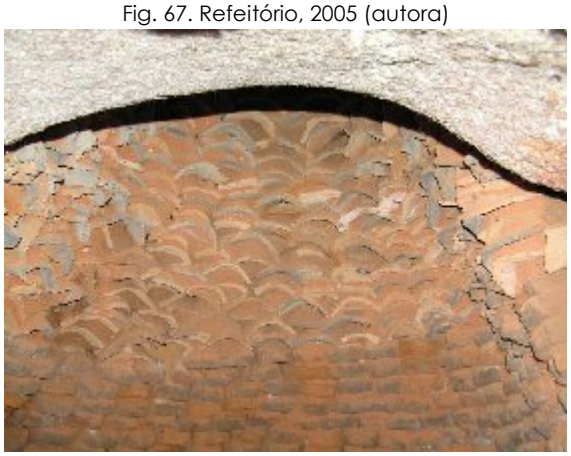


Fig. 69. Cozinha: interior do forno, 2005 (autora)

Fig. 70. Cozinha: forno, 2005 (autora)

Fig. 71. Cozinha, 2005 (autora)

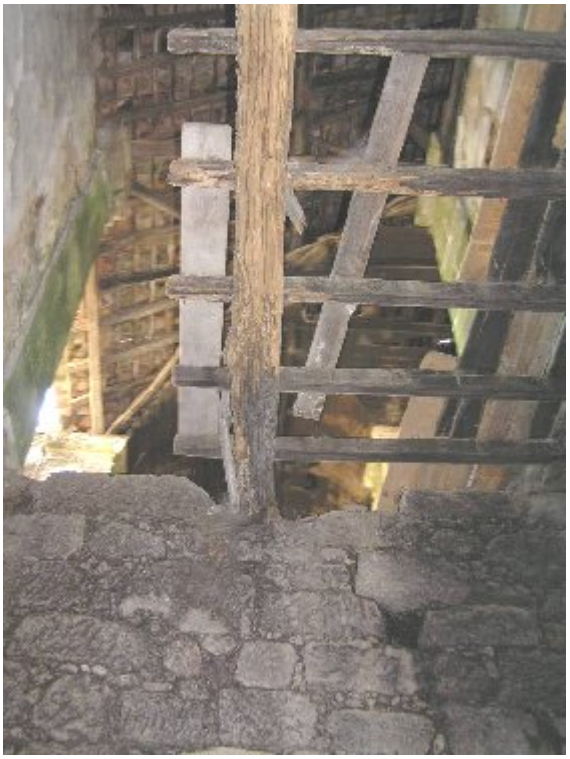


Fig. 72. Cozinha, 2005 (autora)

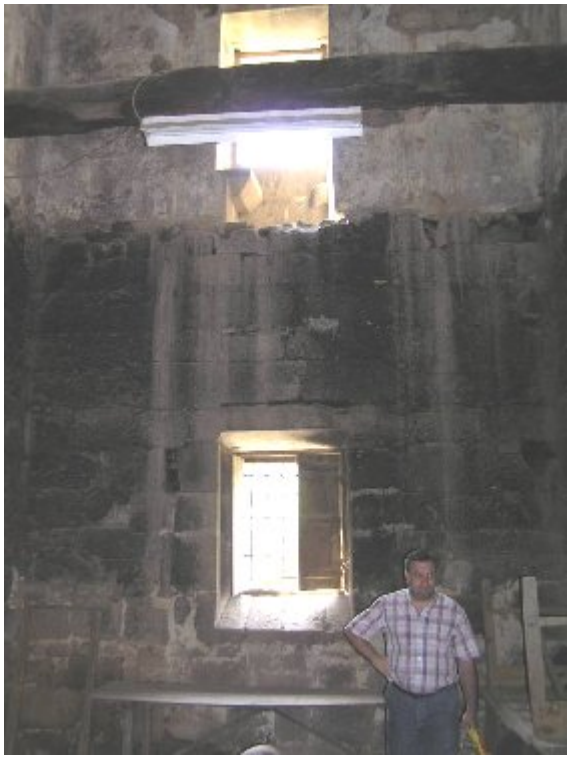


Fig. 73. Cozinha, 2005 (autora)

Fig. 74. Cozinha, 2005 (autora)

Fig. 75. Cozinha, 2005 (autora)

Fig. 76. Igreja: Capela-mor e vestígios dos altares colaterais, 2005 (autora)

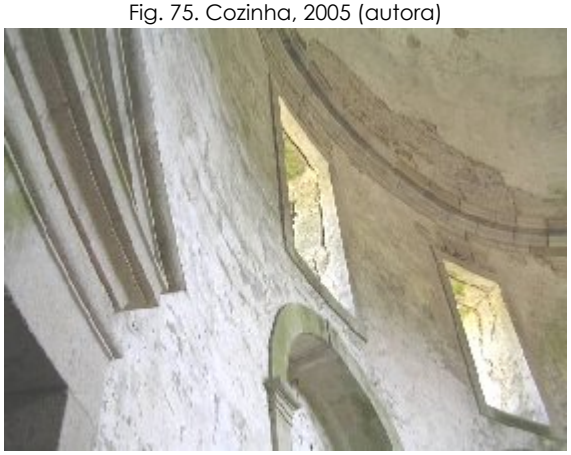


Fig. 77. Igreja: aberturas, 2005 (autora)

Fig. 78. Igreja: vestígios dos altares colaterais, 2005 (autora)

Fig. 79. Igreja: vestígios dos altares colaterais, 2005 (autora)

Fig. 80. Capela-mor, 2005 (autora)

Fig. 81. Igreja: deatlhe, 2005 (autora)

Fig. 82. Igreja: deatlhe, 2005 (autora)

Fig. 83. Igreja: deatlhe, 2005 (autora)

Fig. 84. Igreja: acesso ao claustro, 2005 (autora)

Fig. 85. Edifício monástico medieval, 2005 (autora)

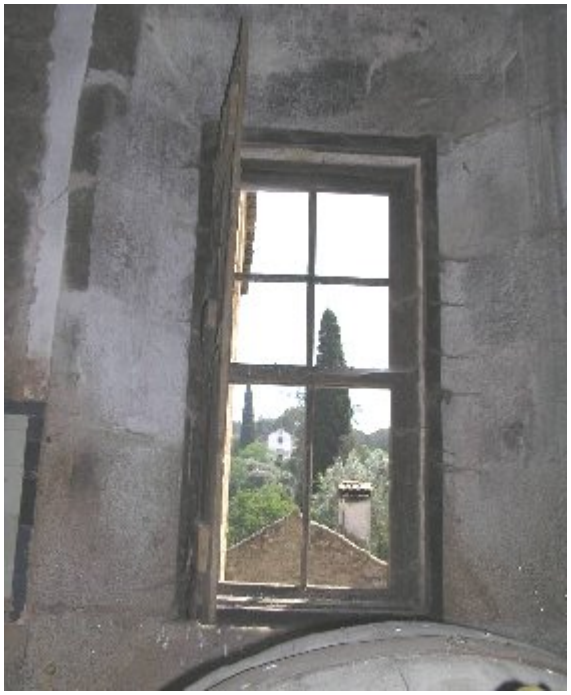


Fig. 86. Edifício monástico medieval: vista para a capela da Srª da Cabeça, 2005 (autora)

Fig. 87. Edifício monástico medieval, vista para o corpo mais recente do mosteiro, 2005 (autora)

Fig. 88. Edifício monástico medieval, 2005 (autora)

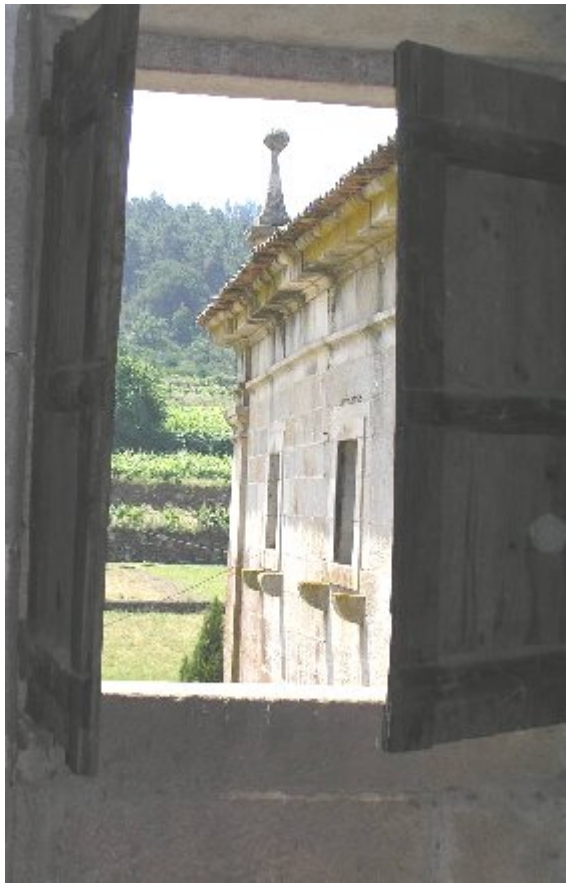
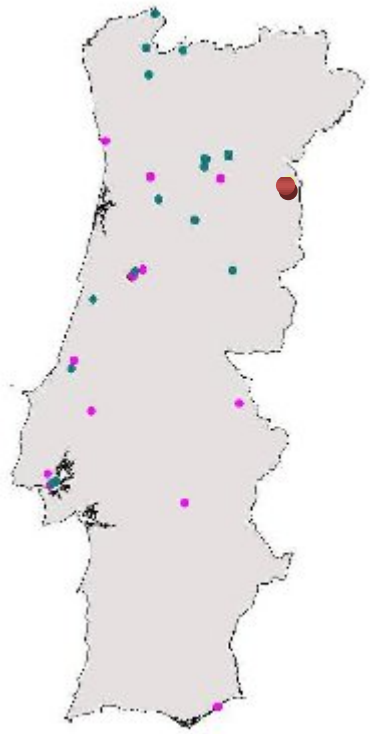


Fig. 89. Edifício monástico medieval, vista para o corpo mais recente do mosteiro, 2005 (autora)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE AGUIAR

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Aguiar
1.2. Outras denominações: Convento de Santa Maria de Aguiar **I** Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar **I** Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar de Riba-Côa **I** Quinta de Santa Maria de Aguiar
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT020904030005
1.5. IPPAR – Designação: Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar de Riba-Côa
1.6. IPPAR – nº de identificação: 2926
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação, 1169 segundo Dom Maur Cocheril e em 1170 segundo Maria Alegria Marques
Claraval- Moreruela - Aguiar e mais tarde Claraval- Tarouca - Aguiar
1.8. Diocese: Guarda
1.9. Construção: Séc. XII (conjectural) /séc.XVIII
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Alta
2.2. Distrito: Guarda
2.3. Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
2.4. Freguesia: Castelo Rodrigo
2.5. Direcção Postal:
D'Aguiar - Companhia Agricola, S.A.
Convento de Santa Maria de Aguiar
6440-000 Figueira de Castelo Rodrigo

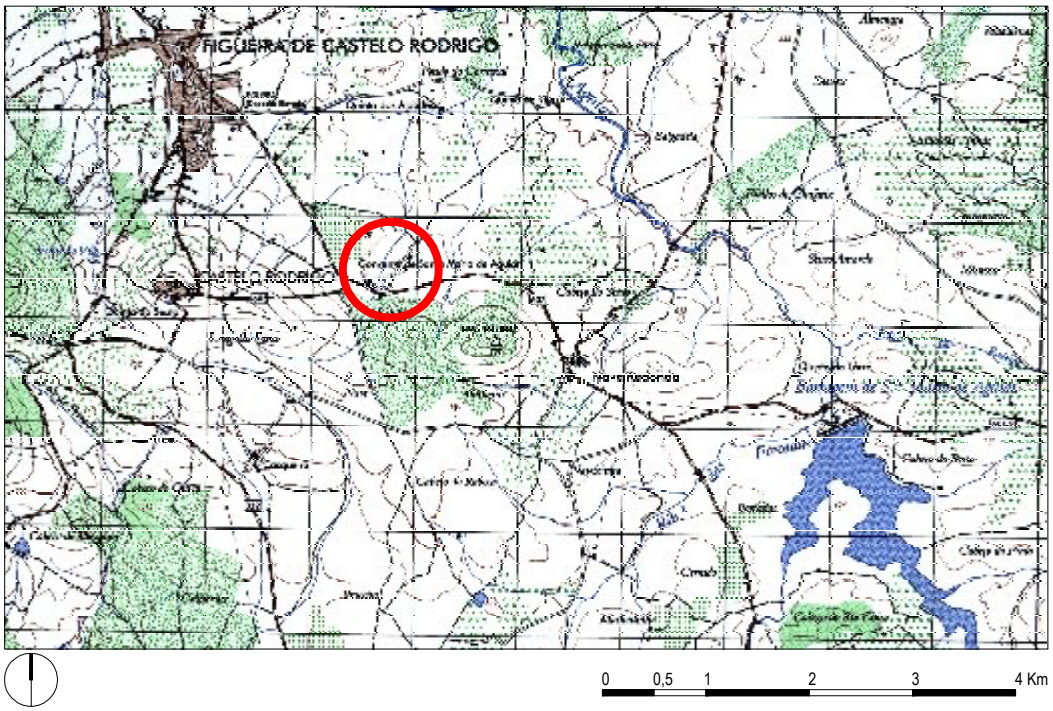
3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos: (saída em Albergaria a Velha) – A23 (em direcção a Viseu/Guarda) - EN 221 até Figueira de Castelo Rodrigo - Lugar de Santa Maria de Aguiar

3.2. Grau de Acessibilidade: Regular
3.3. Visita: Ocasionalmente visitável
3.4. Condicionantes de visita: propriedade particular
3.5. Contactos: Para os edifícios monásticos: D'Aguiar – Companhia Agrícola, S.A. **I** Convento de Santa Maria de Aguiar **I** 6440-000 Figueira de Castelo Rodrigo **I** tel. +351 271 31 28 27/8 **I** fax +351 271 31 21 27 **I** email: daguiar@mail.telepac.pt **I** http://www.daguiar.pt
Câmara Municipal de Figueira Castelo Rodrigo **I** Largo Dr. Vilhena 6440-000 Figueira de Castelo Rodrigo **I** tel. +351 271 31 90 00/7 **I** fax. +351 271 31 90 09 **I** http://www.cm-fcr.pt

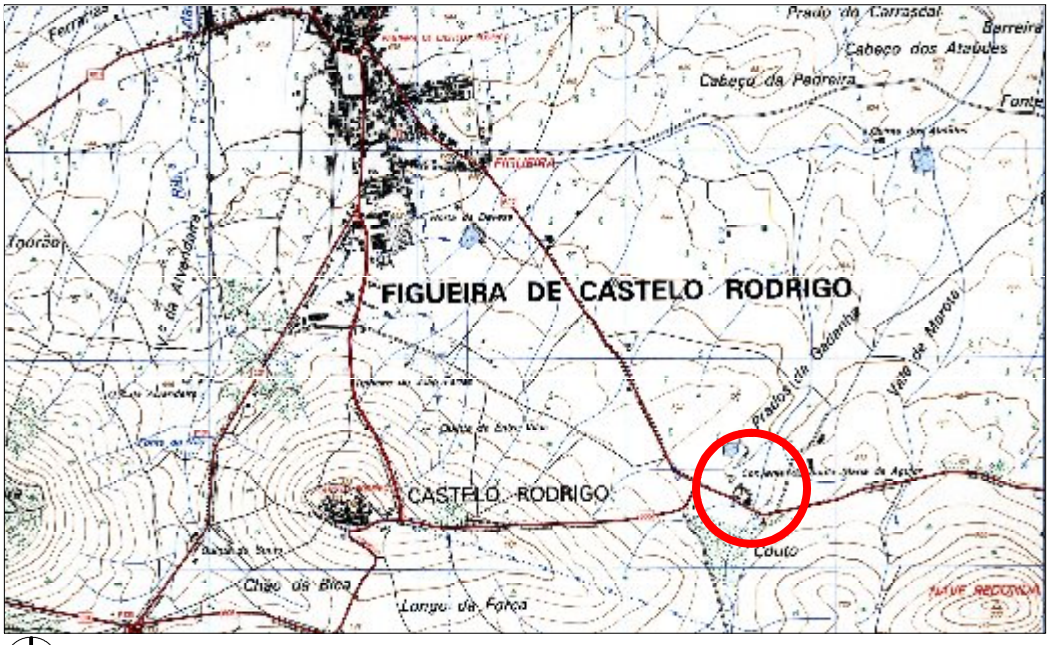
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº15-II FIGUIERA DE CASTELO RODRIGO (1999)



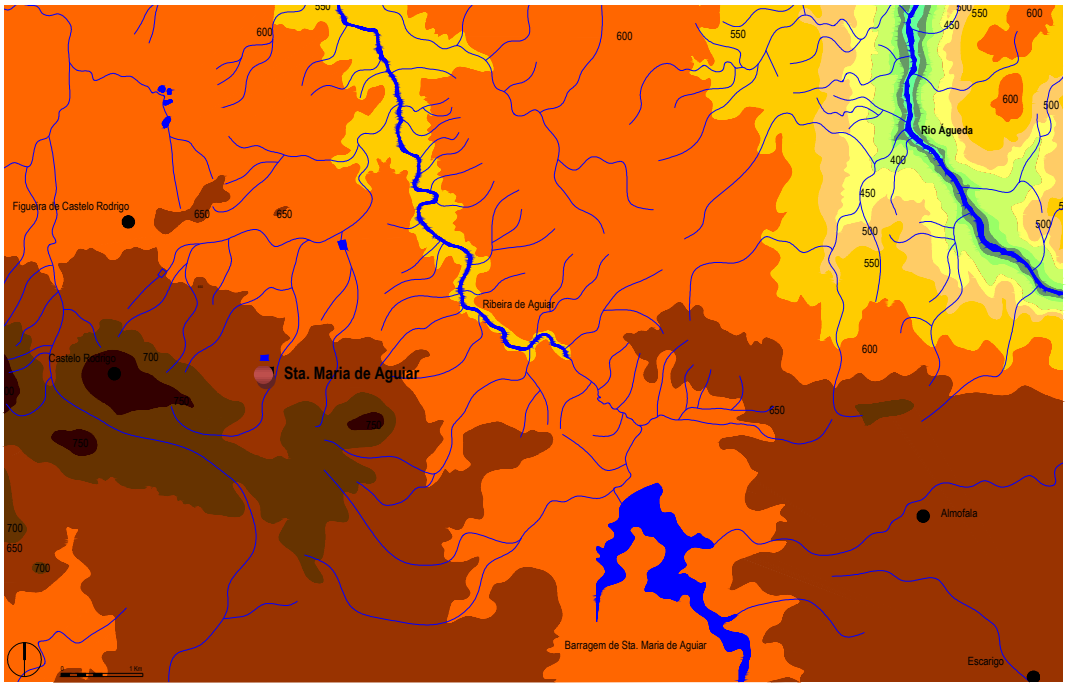
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº162 FIG. CASTELO RODRIGO (1997)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



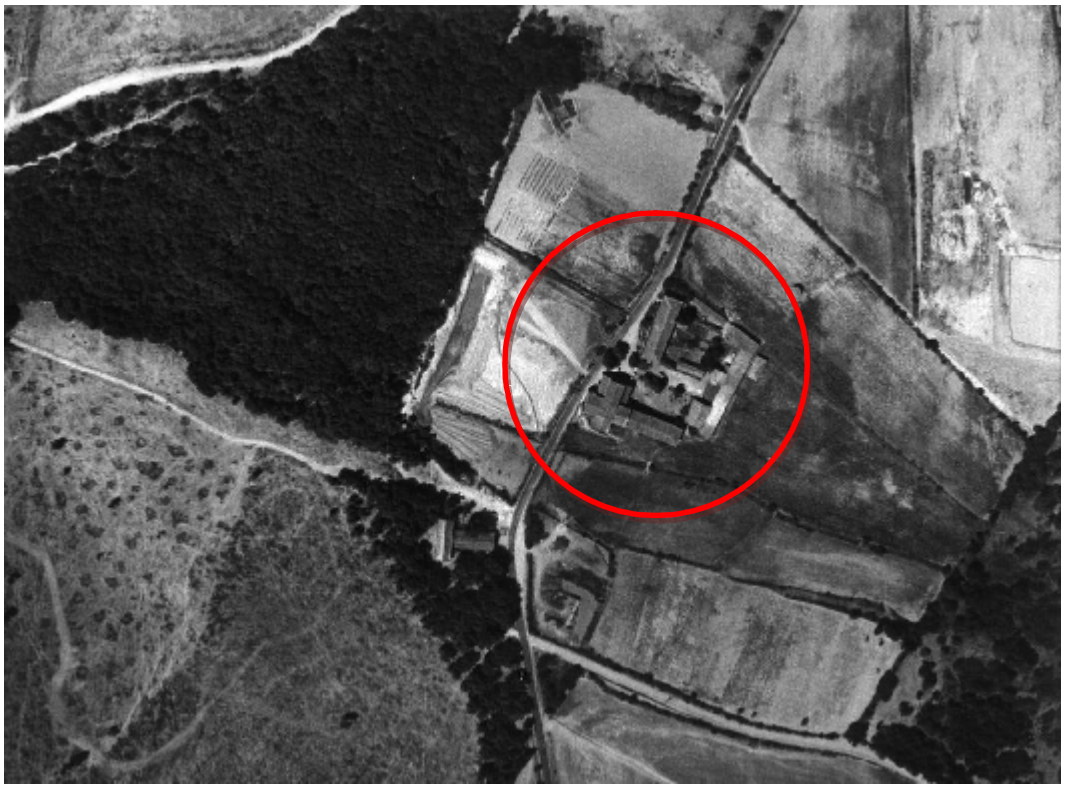
(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planalto (Serra da Marofa)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40° 52' 36" N **I** Longitude: 6° 56' 29"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 300433 **I** Y: 434880

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: FAP 90 **I** rolo nº: 100 **I** fotografia nº 488



(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

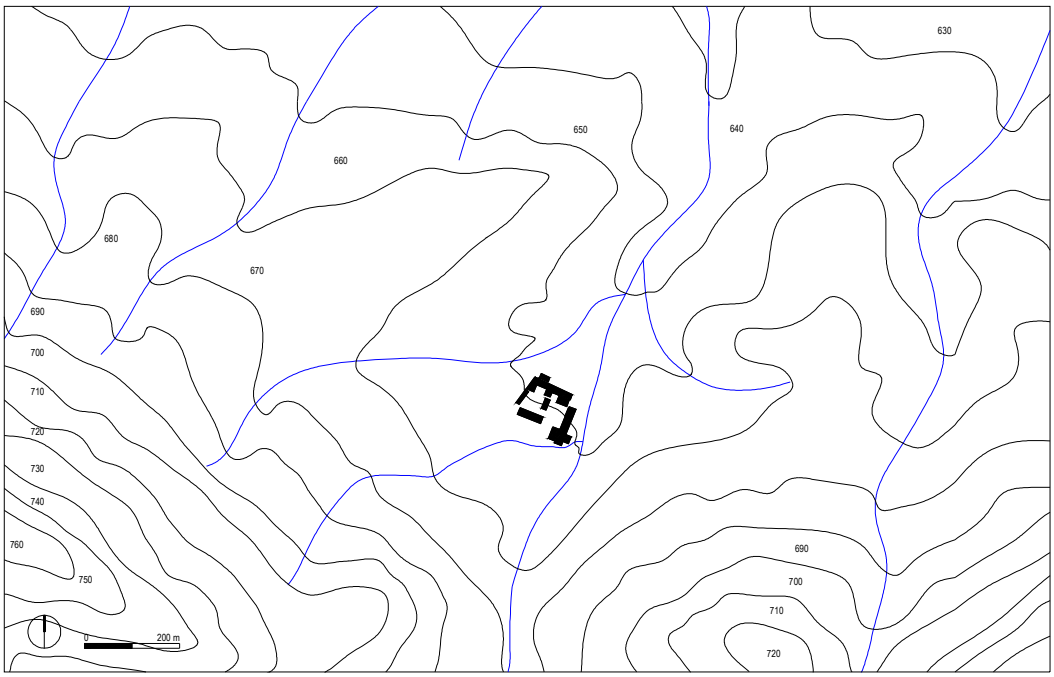
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 660 m
4.10.Proximidades e relações: Ribeira de Aguiar **I** Sopé do Cabeço de Castelo Rodrigo **I** Torre de Almofala **I** Capela e povoação de Escarigo **I** Espanha **I** Cidadelhe **I** Marialva **I** Vale do Côa
4.11 Obs.: Isolado e em posição de destaque. Situa-se nas margens da Ribeira de Aguiar, em zona plana, junto ao cabeço de Castelo Rodrigo.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado e Particular
5.2. Afectação / Ocupação: Igreja afecta ao culto e sob a alçada do IPPAR; Hospedaria e corpo da Sala do Capitulo pertencentes a particular. A antiga hospedaria alberga um projecto de Turismo em Espaço Rural (TER)

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Românico **I** Gótico
6.3. Estilos paralelos: Contemporâneo
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior:

Igreja de planta longitudinal, em cruz latina com três naves escalonadas, transepto saliente e cabeceira tripartida escalonada constituída por abside rectangular e dois absidíolos de planta quadrangular. Volumes articulados, com coberturas diferenciadas de duas e uma águas.

Os alçados norte, sul e este possuem embasamentos proeminentes biselados. A Fachada principal é voltada a oeste e possui três panos divididos por contrafortes, tendo, no corpo central, uma porta em arco pleno encimada por uma fresta em arco quebrado e remate em empena com cornija. O alçado sul possui panos delimitados por contrafortes. No corpo das naves surgem dois panos. Sendo o primeiro com 2 frestas em arco quebrado e o segundo cego. O corpo do transepto possui porta em arco quebrado e janelão mainelado com igual perfil é rasgado por óculo quadrilobado na bandeira. O corpo da abside é cego. O alçado este possui três panos escalonados com contrafortes de ângulo. Surgem três frestas em arco quebrado na abside e apenas uma nos absidíolos. O remate é em empena com cornija. O alçado norte apresenta panos delimitados por contrafortes. O corpo das naves possui um portal em arco quebrado com cinco arquivoltas de impostas salientes, ladeado por colunelos de fuste circular e capitel decorado com motivos vegetalistas estilizados, no primeiro piso, sendo o segundo cego.

No que respeita às dependências conventuais estas são de planta rectangular com coberturas de três águas. Possuem alçados de dois pisos, com embasamento proeminente e empena recta com cornija, vãos em arco pleno, arco quebrado e de lintel recto com e sem moldura.

A hospedaria possui planta rectangular com cobertura de quatro águas, tendo a fachada principal orientada a sul, com três portas e duas janelas de lintel recto e moldura simples. No segundo piso apresenta sete janelas idênticas e loggia com colunas toscanas. Alçado norte com cinco janelas e duas frestas de lintel recto, porta em arco pleno no primeiro piso e nove janelas idênticas no segundo. Alçado oeste com fresta no primeiro piso e loggia no segundo. Alçado este marcado por escadaria com alpendre e porta em arco abatido no primeiro piso. Porta idêntica cronografada e duas janelas do lintel recto no segundo. Os alçados são rematados em empena recta e cornija.

Do claustro não restam hoje quaisquer vestígios, porquanto foi destruído no século XIX quando o antigo mosteiro se encontrava já na posse de particulares

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020904030005: Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: O acesso ao interior é desnivelado a partir da entrada principal, com pavimento lajeado. A nave central possui dois tramos, no entanto as escavações revelaram que a construção previa mais dois tramos.

A nave central é cega, ábside de planta rectangular. É iluminada indirectamente pelas fenestrações das naves laterais, tendo dois arcos formeiros de volta perfeita com pilares cruciformes.

A cobertura é em vigamento de madeira. As naves laterais são iluminadas por três frestas com arcos formeiros de volta perfeita e arcos torais quebrados. São cobertas por abóbada de cruzaria de ogivas.

O Transepto mais elevado que a nave com dois tramos em cada braço, tendo arcos torais quebrados, sendo iluminado por janelão. Cobertura em abóbada de berço quebrado. O braço norte do transepto tem ligação às dependências monásticas e à sacristia. A ábside é iluminada por três frestas, e os absidíolos apenas por um fresta, integrando nichos em arco quebrado e em arco pleno. As coberturas são em abóbada de berço quebrado. Existe um retábulo de talha dourada na capela-mor.

A Sacristia é integrada no corpo monástico e apresenta planta rectangular e cobertura em abóbada de berço quebrado.É iluminada por janelão em arco pleno mainelado, com coberturas secundárias em arco quebrado, impostas recortadas e óculo quadrilobado.

A sala do capítulo é ainda medieval, refeita nos séculos XIII-XIV,possui planta quadrangular, pavimento lajeado e cobertura em abóbada de cruzaria de ogivas apoiada em duas colunas. Possui porta em arco quebrado com três arquivoltas e impostas salientes, ladeadas por colunelos de fuste liso e capitel decorado com motivos vegetalistas estelizados, com dois janelões em arco quebrado. A casa do capítulo possui óculo.

Os demais compartimentos são compostos por 2 salas no primeiro piso com acesso ao piso superior, que constituía o dormitório.

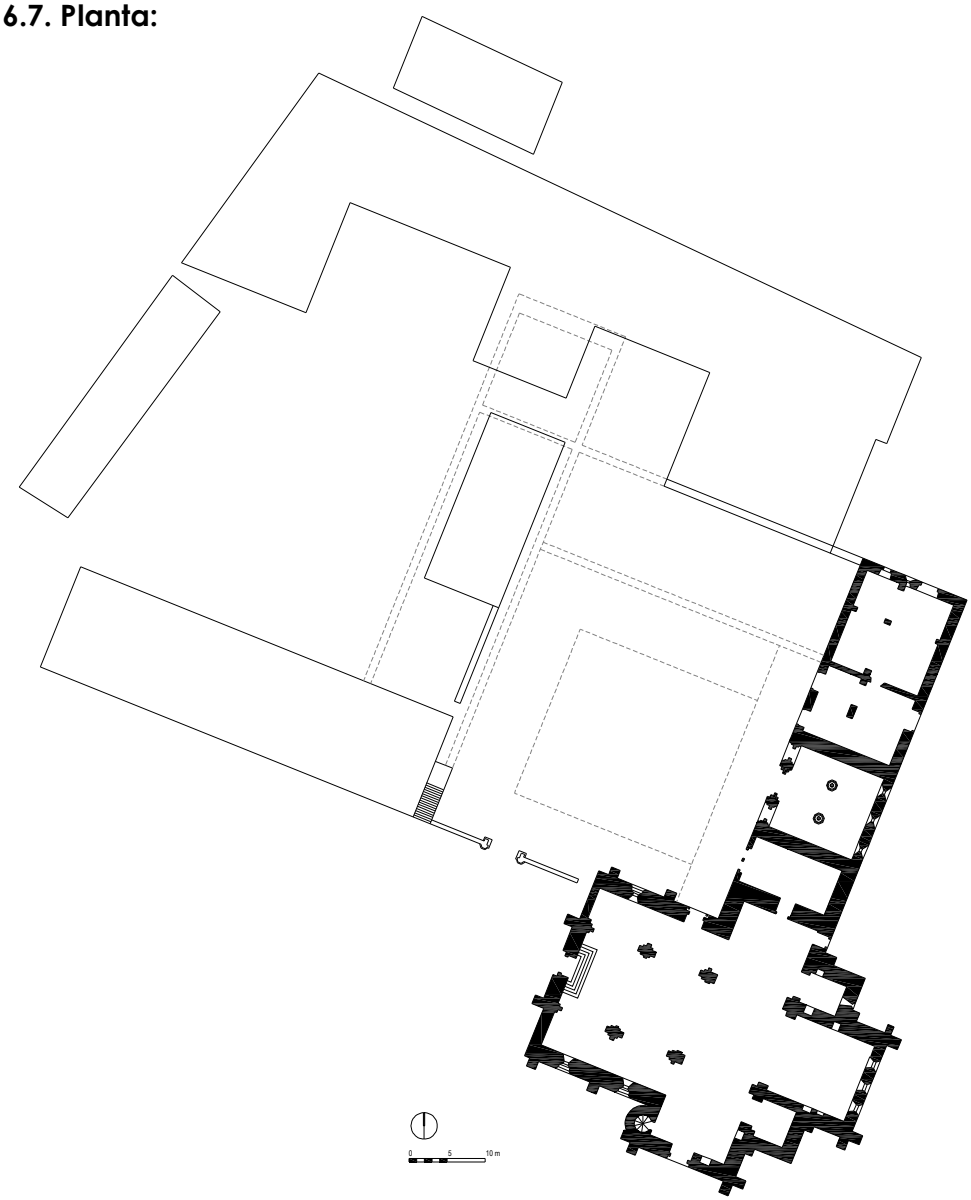
A hospedaria, no seu interior, possui ao nível do primeiro piso, doze compartimentos, uma arcada longitudinal com quatro arcos abatidos, sendo o pavimento lajeado e os tectos planos.

No segundo piso existem treze compartimentos e duas caixas de escadas, o pavimento é assoalhado e possui tectos planos e de masseira, integra pedra de armas do Abade Frei Pedro da Silveira, datada de 1704.

A loggia superior é datada de 1704

(Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020904030005: Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: biaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – nº: 1 (vestígios arqueológicos)

6.11. Claustros existentes – forma: quadrangular(vestígios arqueológicos)

6.12. Materiais: Estrutura autónoma e mista **I** Abóbada de berço quebrado e de cruzaria de ogivas **I** Tecto plano e de masseira **I** Granito, cantaria, madeira **I** Telha de aba e canudo.

6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): António Domingos Esteves **I** Manuel Domingues Chaves **I** Manuel Ferreira Morango (mestres-de-obras)

6.14. Obs.: Este edifício possui algumas afinidades com Santa Clara-a-Velha em Coimbra, com S. Francisco no Porto e Santa Maria de la Espina em Valladolid. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020904030005: Igreja e Convento de Santa Maria de

Aguiar; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja aberta ao culto), Residencial e Turístico (antiga hospedaria serve de habitação aos seus proprietários e insere-se no âmbito de turismo no espaço rural acolhendo deste modo hóspedes)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XI-XII: Religioso (Mosteiro Beneditino)
Séc. XII-XIX: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XX-XXI: Residencial (apenas a hospedaria) e Turístico (TER)
Devoluto (demais dependencias monásticas subsistentes à excepção da igreja e da hospedaria)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
Séc.XI – Inicialmente Mosteiro Beneditino Português, mais tarde Mosteiro Beneditino anexado pelo Reino de Leão para depois voltar a ser Mosteiro Beneditino Português. É filiado na Ordem de Cister no final do séc. XII

1165 - doação de Fernando II de Leão. Era uma filial da Abadia leonesa de Moreruela, filha de Claraval, de onde eram originários os monges fundadores
1174 - doação de D. Afonso Henriques, documento apócrifo segundo vários autores
1182 - Bula de Lúcio III refere a filiação em Boulbonne (França)
1190 - Primeira referência ao convento nas actas dos Capítulos Gerais
1297 - Anexação da região de Riba-Côa e passagem para a jurisdição de S. João de Tarouca
1459 - Abade D. Nuno Álvares escreveu ao Papa Pio II dando-lhe a conhecer o estado de miséria do convento devido às sucessivas guerras
séc. XVI - Perda progressiva das propriedades doadas
1533 - visita do Abade de Claraval que documenta o seu estado de ruína
1589 - incorporação do convento na congregação de Santa Maria Alcobaça
1636 – elaboração do sacrário
- datação do altar mor

séc.XVIII - construção do coro-alto, cujo cadeiral era datado de 1703, e talvez da abóbada berço estucada e da hospedaria
1810 – devastação e pilhagem durante as Invasões Francesas
1834 – Extinção das Ordens e expulsão dos monges
1840 - arrematação em hasta pública, tendo sido comprado por Manuel António Marçal que aí viveu entre 1849 e 1859
séc. XX (1ª metade) - demolição do claustro. (note-se que o claustro ainda existia entre 1915 e 1920, possuindo arcos plenos assentes em colunas e tendo os ângulos fechados. A sua demolição ter-se-á devido à necessidade de espaço para touradas
1929 - Na fachada principal observava-se um alpendre a duas águas, característico das igrejas cistercienses mais antigas

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 05 a 07 de Fevereiro de 1533

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020904030005: Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)

9.2. Documentos legais:

Dec. nº 21 996, DG 295 de 17 Dezembro 1932 (MN)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular (igreja) **I** ruína (restantes dependências monásticas)

10.2. Autenticidade: Apeamento da Torre sineira que se encontrava adossada à fachada e reconstrução parcial da igreja durante o séc. XX, pela DGEMN. Redesenho de aberturas e rasgos medievais ao sabor das reconstruções coevas.

10.3. Integridade: apenas a igreja subsiste ainda que adulterada pela reconstrução efectuada no inicio do séc. XX.

10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação

11.2. Cronologia das intervenções*:

DGEMN:

1936 - plano de acrescento de um tramo à nave e vários projectos de restauro assinados por José Soares Zilhão

1936 / 1938 - obras de restauro (apeamento dos elementos do séc. XVII/XVIII)

1937 - rebaixamento e reconstrução do pavimento interior

1938 / 1939 - construção dos absidíolos, por António Domingues Esteves

1938 - construção de paredes no absidíolo norte

1939 - reconstrução de pilares, paredes e abóbadas

1940 - intervenções nos absidíolos

1941 - demolição da abóbada de tijolo do cruzeiro e nave central
- apeamento do coro
- apeamento da abóbada do braço norte do transepto
- reconstrução de um pilar de secção quadrada na nave e reconstrução de paredes
- desaterro do embasamento dos portais e zona do claustro

1942 - apeamento do altar-mor
- reconstrução de paredes, janelas e abóbada da capela-mor

1943 - reconstrução de paredes em cantaria
- desaterro da zona do claustro e junto à abside

1944 - reconstrução da abóbada do absidíolo norte
- execução de paredes, frestas e cornija

1945 - reconstrução da abóbada e da rosácea do transepto
- execução da cobertura da capela-mor
- reparação da coberturas do convento

1946 - reconstrução da abóbada do transepto e consolidação do arco cruzeiro

1947 - elevação de paredes

1950/1951 - intervenções na sala capitular e na sacristia. Execução da cobertura do transepto

1952 - reconstrução das paredes da nave central

1954 - remate das paredes da nave central. Início da execução de cobertura das naves

1955 - execução de cornijas e da cobertura das naves

1956/1957 - continuação dos trabalhos nas coberturas

1958 - reparação dos pavimentos. Execução de portas e vitrais

1959 - instalação de sistema de drenagem e conclusão das coberturas
1960/1961 - continuação da pavimentação. Arranjo do janelão da sacristia. Transferência do altar-mor para o Mosteiro de Nª Sª do Pilar
1962 - drenagem do adro
1969 - limpeza dos telhados
1976 - obras de beneficiação e limpeza
1977 - obras de conservação e sondagem no exterior
1980 - conservação das coberturas e vitrais
1983 - reconstrução parcial do altar-mor anteriormente retirado
IPPC:
1987 - proposta para recuperação das dependências conventuais, com estudo, conservação e valorização museológica, que não avançou
1991 - montagem do retábulo do altar-mor na capela-mor.
1992, 01 Junho - afectação da igreja ao Instituto Português do Património Arquitectónico
IPPAR:
2001 - recuperação e conservação do espaço envolvente, com arranjo dos pavimentos, drenagens
- limpeza das fachadas e coberturas.

11.3. Arquitecto(s): n/a

11.4. Entidades: DGEMN / IPPC / IPPAR

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Estudo do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo diagnóstico de patologias com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo do enquadramento paisagístico
- Estudo para criação de espaço explicativo que inclua sinalética interpretativa do monumento.
- Colocação de sinalização rodoviária (monumento)
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão)
- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e incorporados no edifício
- Inventariação e recolha em armazém dos vários elementos pétreos que se encontram dispersos pelo convento e terrenos limítrofes
- Suspender o processo que conduziu o aterro junto à fonte.

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020904030005: Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

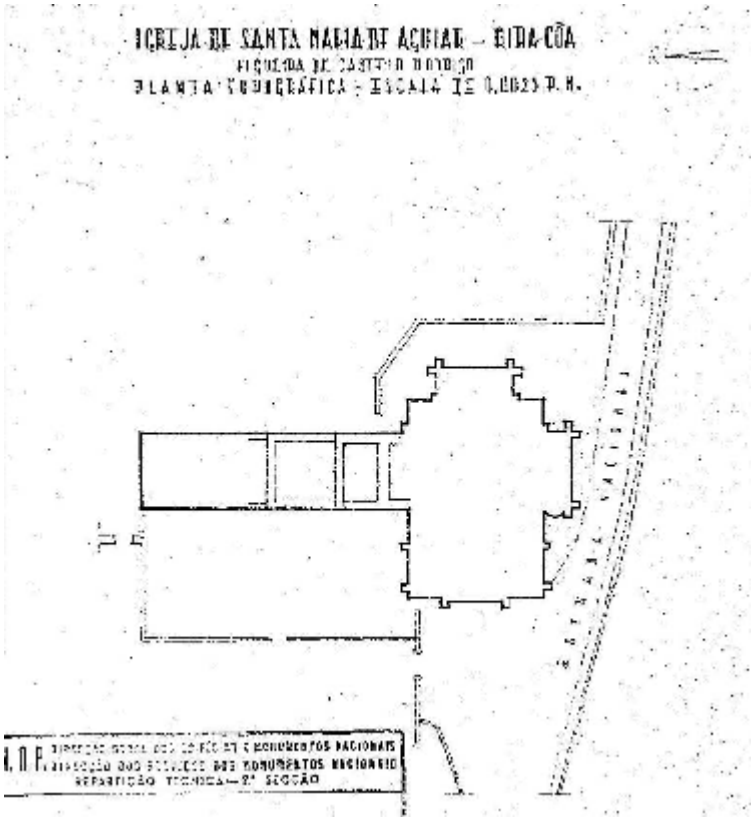


Fig. 1. Planta de implantação, 1950 (DGEMN)

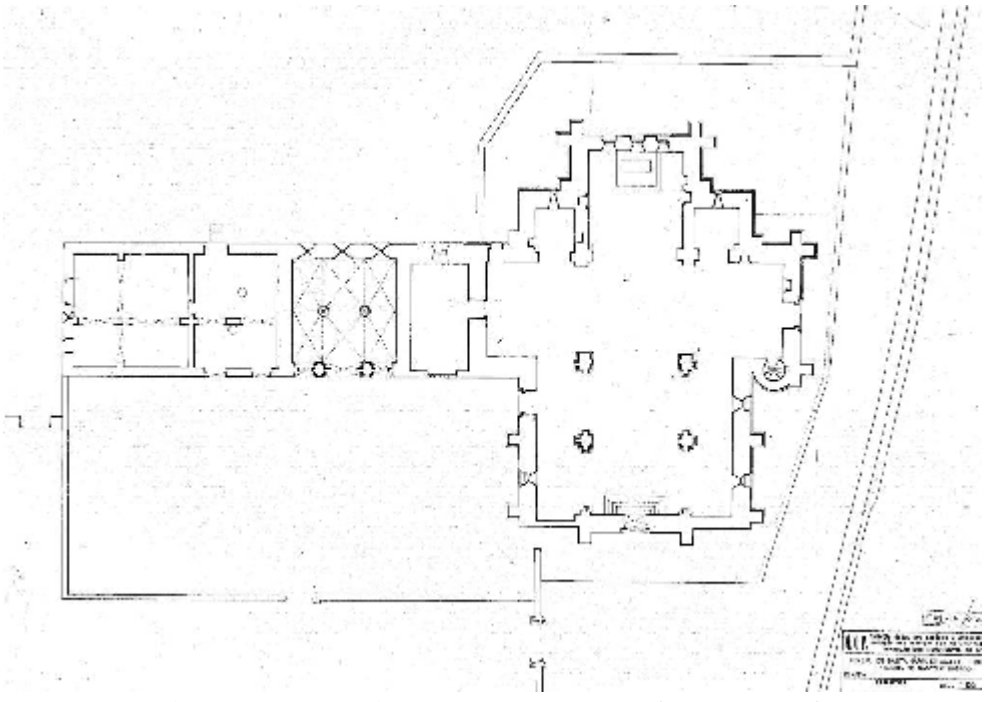


Fig. 2. Planta da Igreja e ala dos monges, 1958 (DGEMN / IHRU)

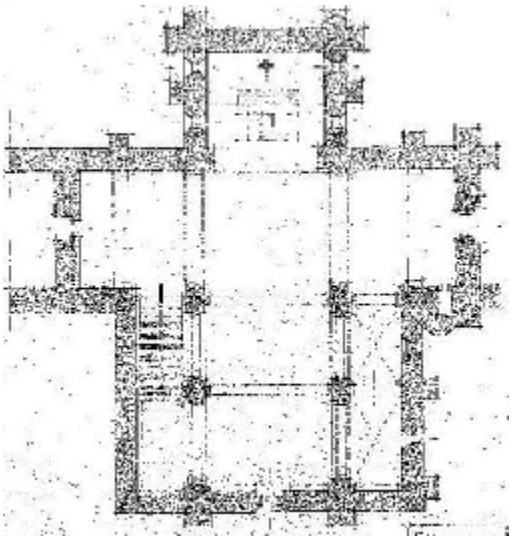


Fig. 3. Planta da igreja, 1954 (DGEMN)

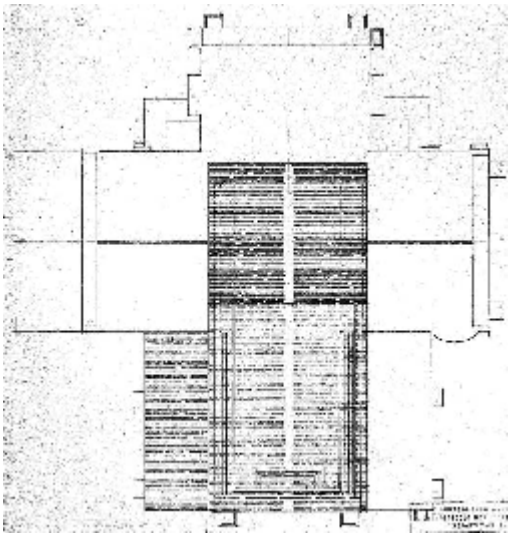


Fig. 4. Planta das coberturas da igreja, 1954 (DGEMN)

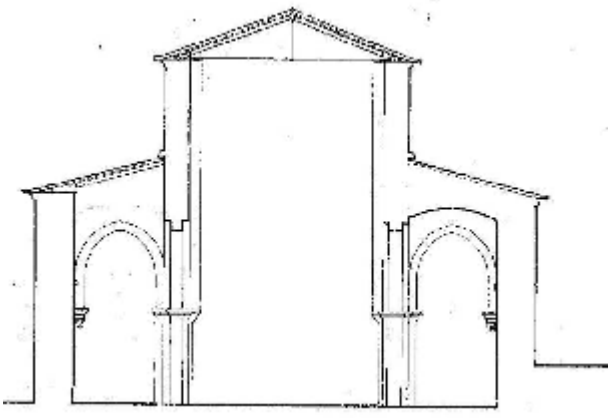


Fig. 5. Corte esquemático da igreja, 1954 (DGEMN)

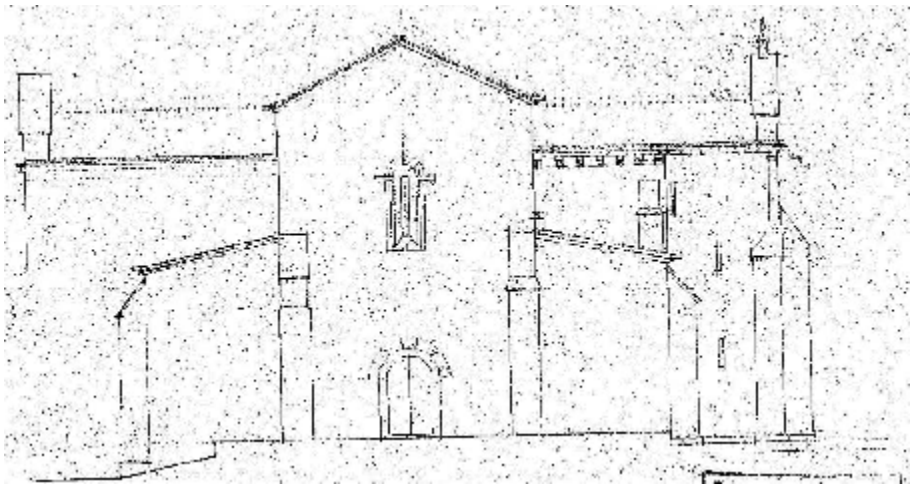


Fig. 6. Alçado Poente da igreja, 1954 (DGEMN)

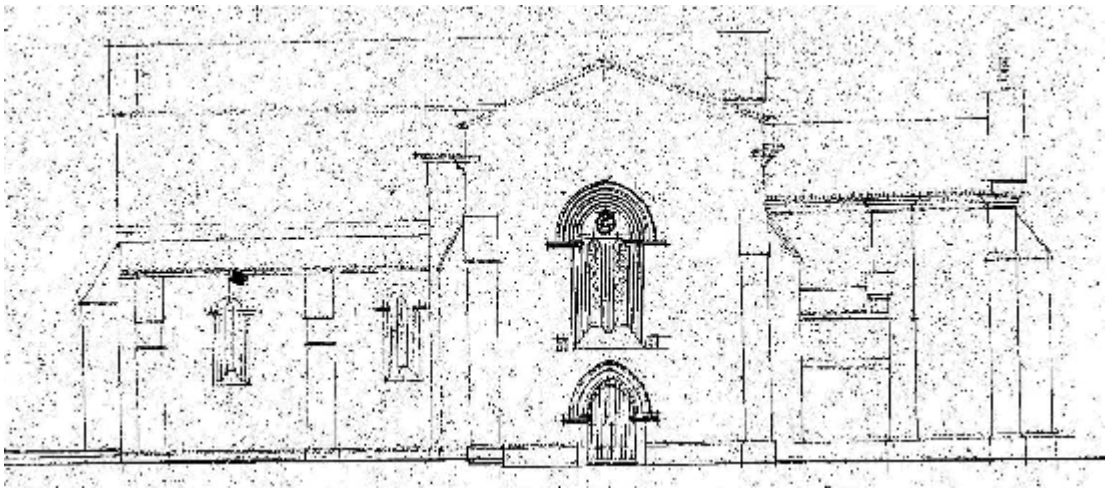


Fig. 7. Alçado Sul da Igreja, 1954 (DGEMN)

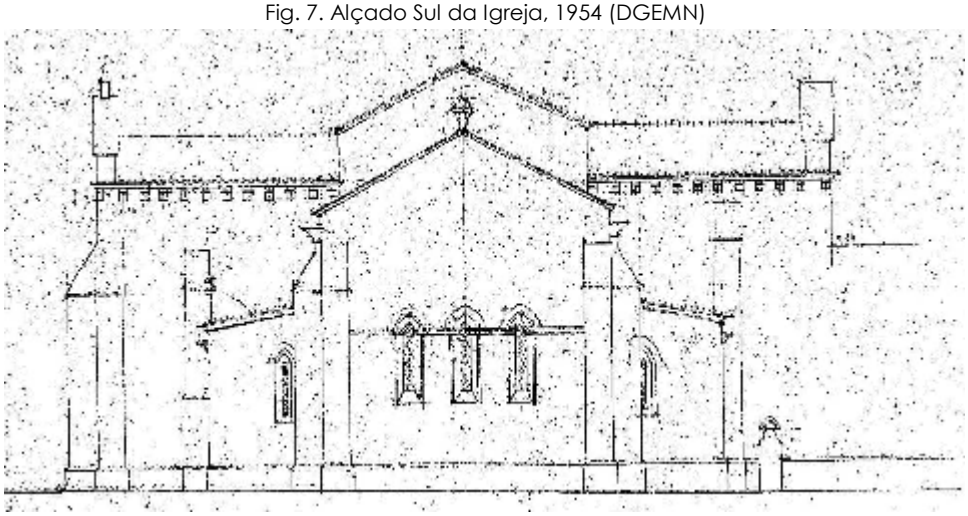


Fig. 8. Alçado Norte da Igreja, 1954 (DGEMN)

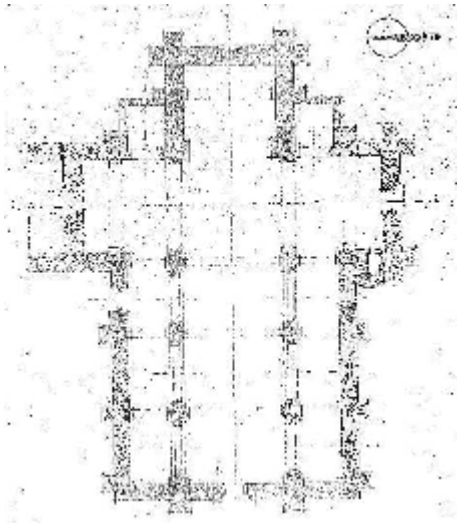


Fig. 9. Estudo da Igreja com adição de mais um tramo em planta (DGEMN)

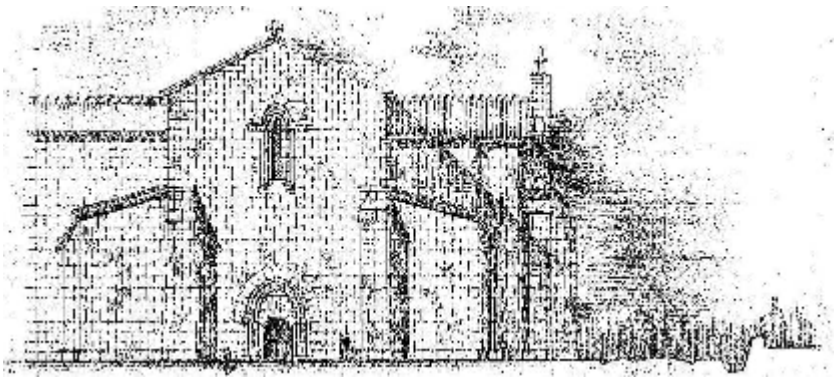


Fig. 10. Estudo do Alçado Poente da Igreja (DGEMN)

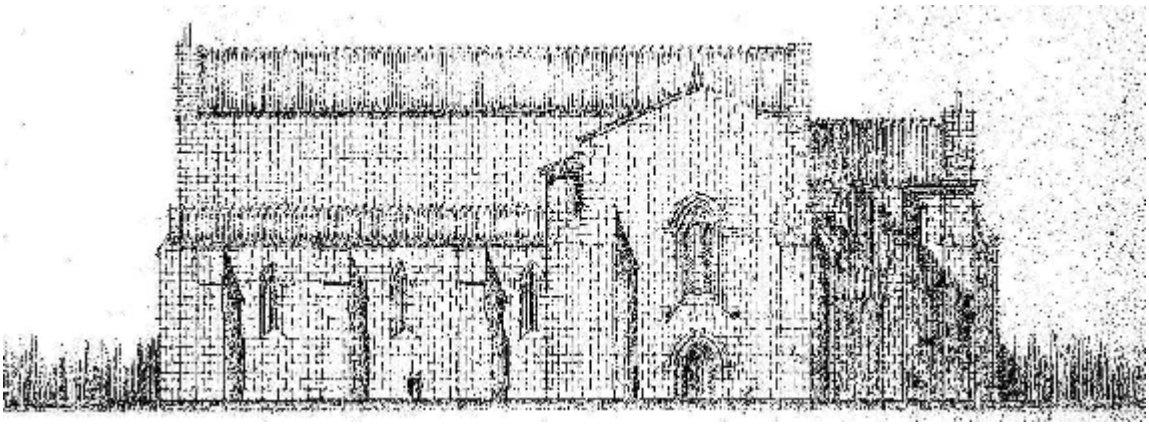


Fig. 11. Estudo do Alçado Sul da Igreja com a adição de mais um tramo (DGEMN)

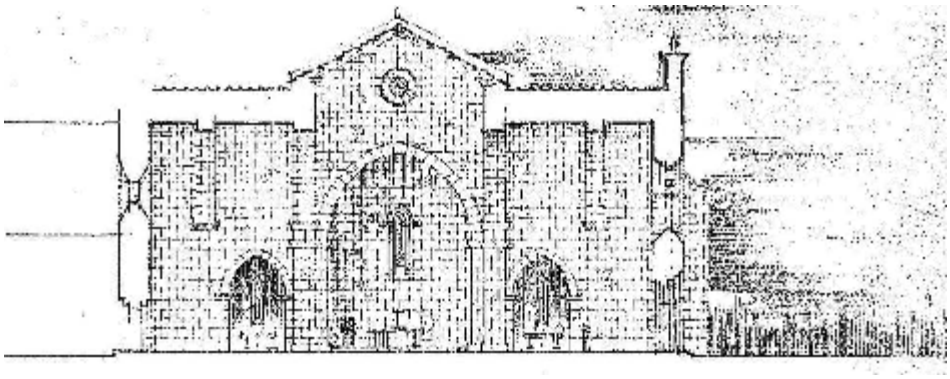


Fig. 11. Corte pelo eixo do transepto (DGEMN)

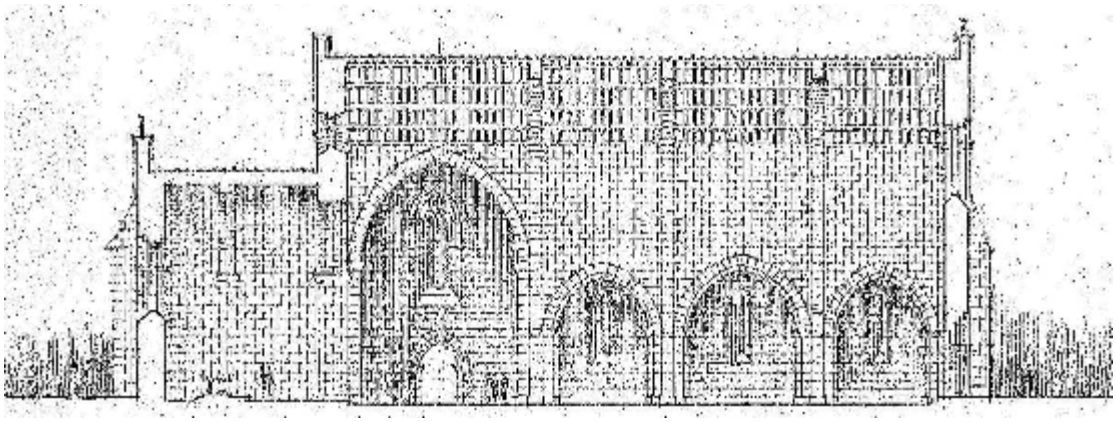


Fig. 12. Estudo da Igreja com a adição de mais um tramo - corte pelo eixo da nave central (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 13. Envolvente, anos 40 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 14. Cabeceira, anos 40 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 15. Capela-colateral, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 16. Cabeceira, anos 40/50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 17. Igreja com campanário e edifício monástico, anos 40/50 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 18. Campanário, anos 40/50 do séc.XX (DGEMN)

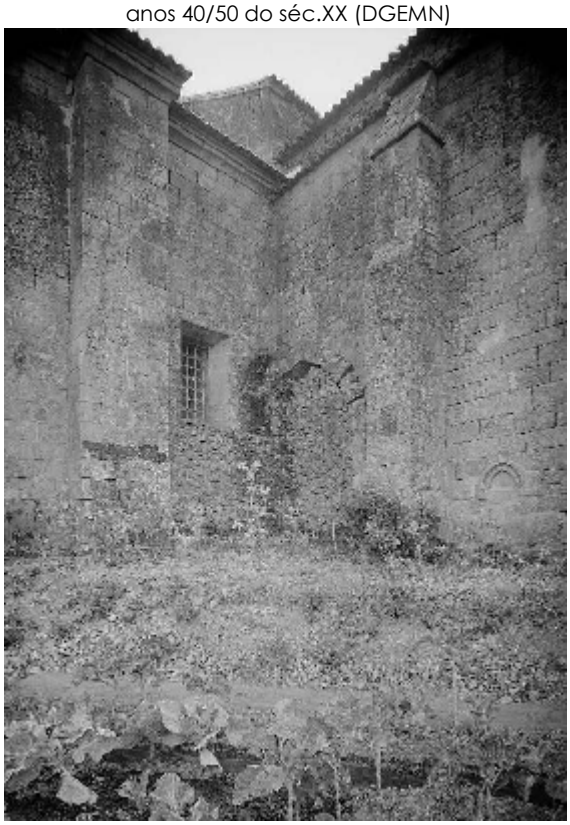


Fig. 19. Edifício monástico,anos 40/50 do séc.XX (DGEMN)

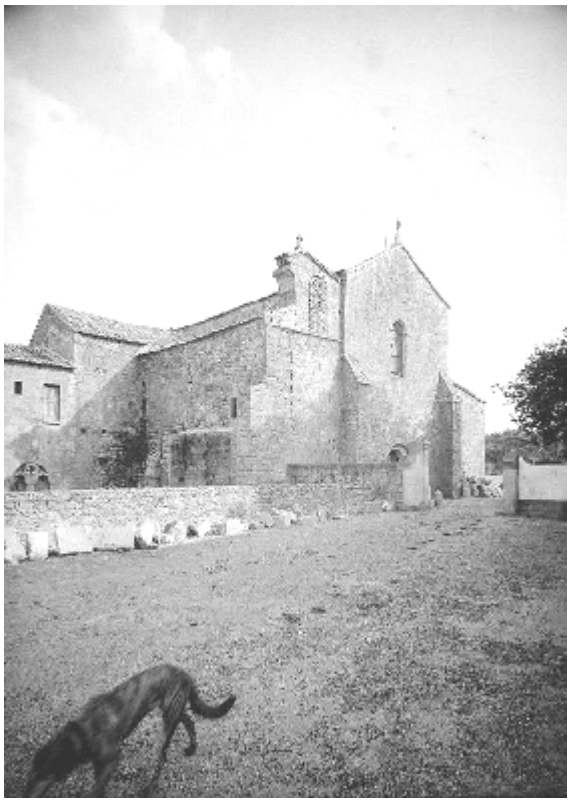


Fig. 20. Edifício monástico,anos 40 do séc.XX (DGEMN)

Fig. 21. Igreja: porta lateral, anos 50 séc.XX (DGEMN)

Fig. 22. Sala do Capítulo, anos 40 séc.XX (DGEMN)

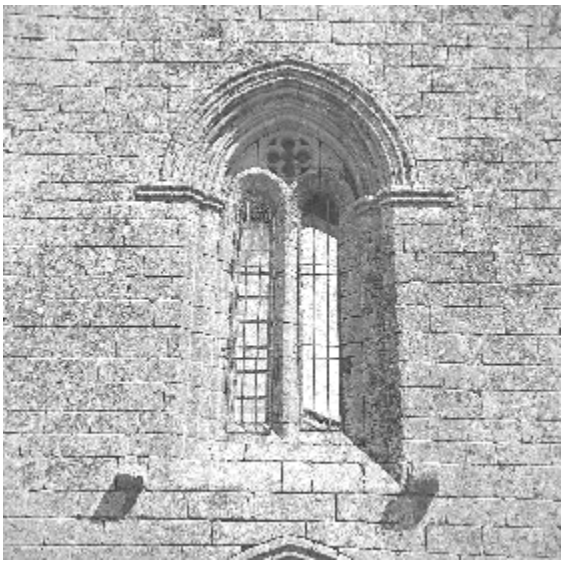


Fig. 23. Igreja, anos 50 séc.XX (DGEMN)

Fig. 24. Porta lateral, anos 50 séc.XX (DGEMN)

Fig. 25. Igreja: porta lateral, anos 50 séc.XX (DGEMN)

Fig. 26. Porta lateral, anos 50 séc.XX (DGEMN)

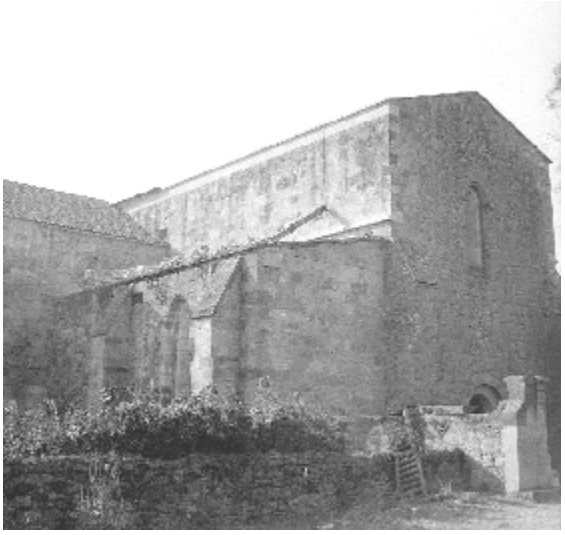


Fig. 27. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 28. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 29. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 30. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

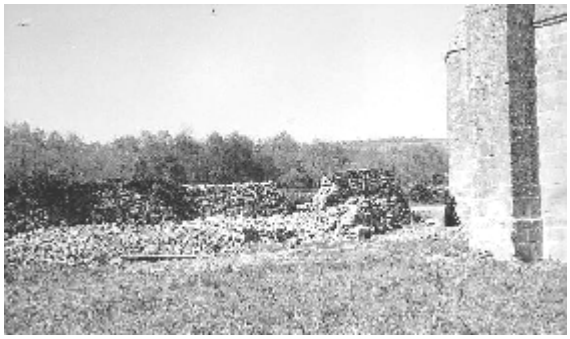


Fig. 31. Muro, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 32. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 33. Obras da DGEMN, anos 40, séc.XX (DGEMN)

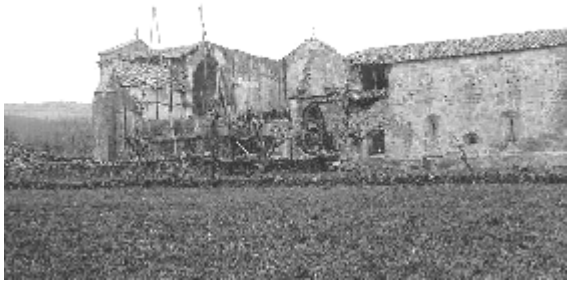


Fig. 34. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 35. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

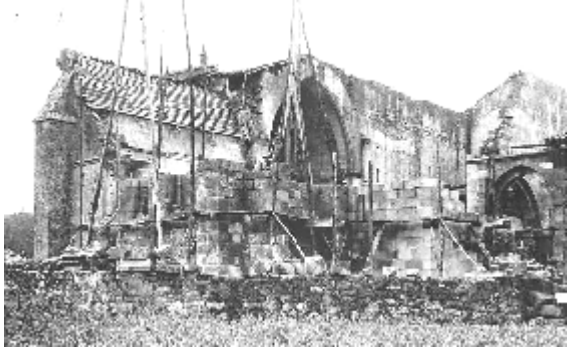


Fig. 36. Obras da DGEMN, anos 50, séc.XX (DGEMN)

Fig. 37. Igreja e hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 38. Igreja, 2003 (autora)

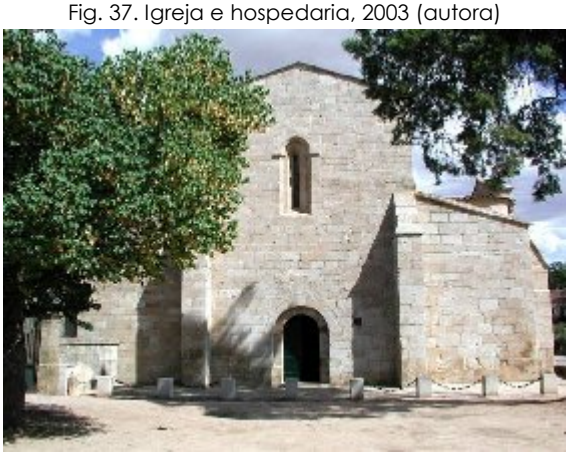


Fig. 39. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 40. Igreja, 2003 (autora)

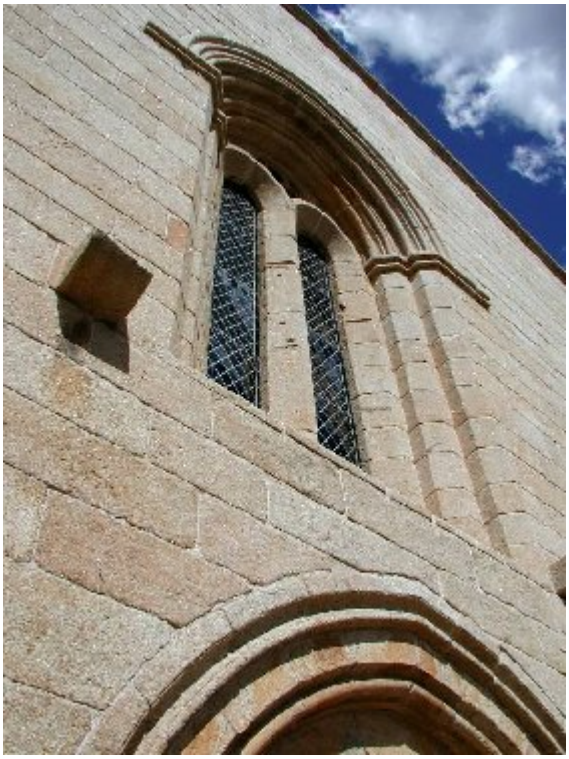


Fig. 41. Janela do transepto, 2003 (autora)

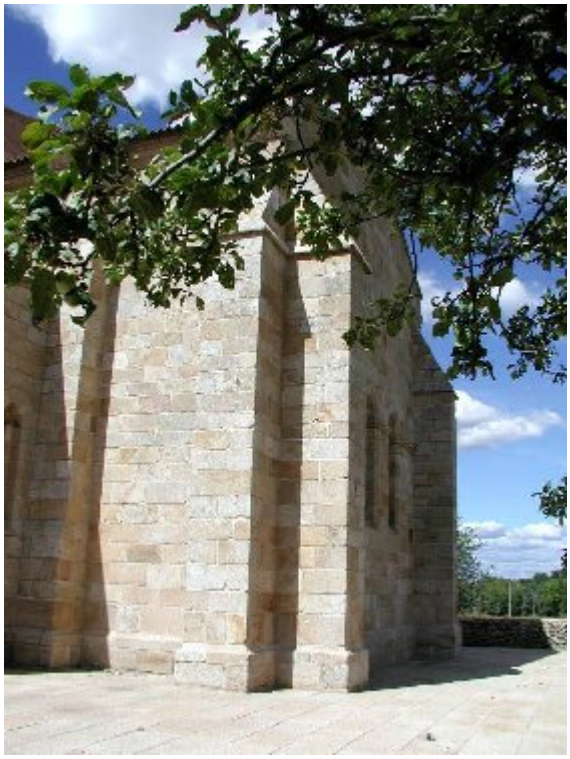


Fig. 42. Igreja: cabeceira, 2003 (autora)

Fig. 43. Abertura do transepto, 2003 (autora)

Fig. 44. Igreja: aberturas laterais, 2003 (autora)

Fig. 45 Rasgos elaboradod pela DGEMN na cabeceira da igreja, 2003 (autora)

Fig. 46. Igreja: rasgos laterais, 2003 (autora)

Fig. 47. Igreja: rasgos laterais, 2003 (autora)

Fig. 48. Rasgo na capela colateral , 2003 (autora)

Fig. 49. Acesso, 2003 (autora)

Fig. 50. Acesso, 2003 (autora)

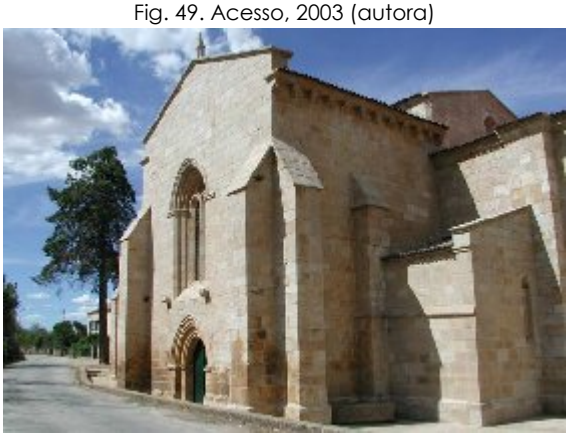


Fig. 51. Volume do transepto, 2003 (autora)

Fig. 52. Volume da Cabeceira, 2003 (autora)

Fig. 53. Volume de capela colateral, 2003 (autora)

Fig. 54. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 55. Ala dos monges com destaque para as aberturas da sala do capítulo, 2003 (autora)

Fig. 56. Aberturas da Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 57. Envolvente imediata, 2003 (autora)

Fig. 58. Dormitório, 2003 (autora)

Fig. 59. Ala dos monges: aberturas do dormitório e da sala do capítulo, 2003 (autora)

Fig. 60. Sala do capítulo, 2003 (autora)

Fig. 61. Abertura da sacristia, 2003 (autora)

Fig. 62. Ala dos monges, 2003 (autora)

Fig. 63. Edifício monástico:detalhe, 2003 (autora)

Fig. 64. Fonte do claustro, 2003 (autora)

Fig. 65. Fonte do claustro, 2003 (autora)

Fig. 66. Edifício monástico:detalhe, 2003 (autora)

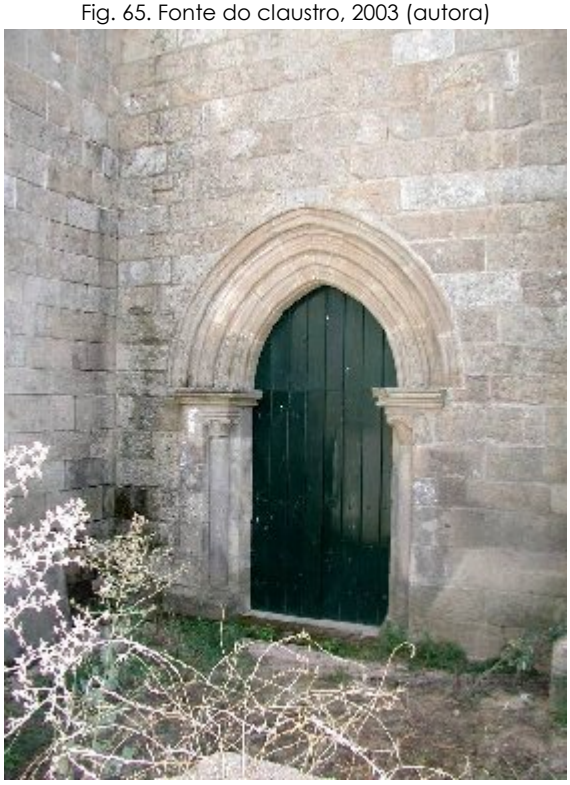


Fig. 67. Edifício monástico:detalhe, 2003 (autora)

Fig. 68. Edifício monástico e fonte do claustro, 2010 (autora))

Fig. 69. Antigo pátio claustral, 2010 (autora)

Fig. 70. Antigo pátio claustral, 2010 (autora)

Fig. 71. Antigo pátio claustral, 2010 (autora)

Fig. 72. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 73. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 74. Hospedaria, 2003 (autora)

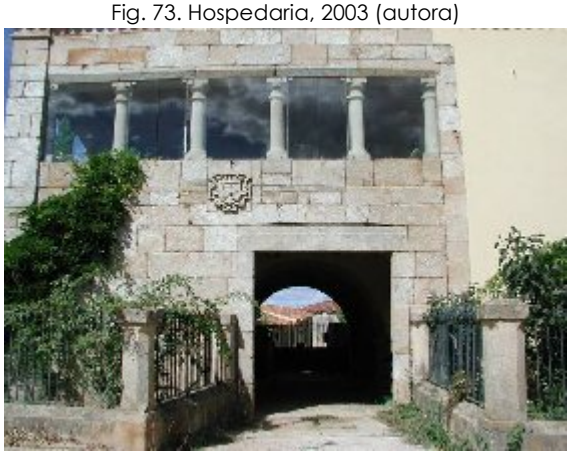


Fig. 75. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 76. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 77. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 78. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 79. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 80. Vestígios de edificações existentes dentre da antiga cerca de clausura, 2003 (autora)

Fig. 81. Vestígios de edificações existentes dentre da antiga cerca de clausura, 2003 (autora)

Fig. 82. Vestígios de edificações existentes dentre da antiga cerca de clausura, 2003 (autora)

Fig. 83. Vestígios de edificações existentes dentre da antiga cerca de clausura, 2003 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

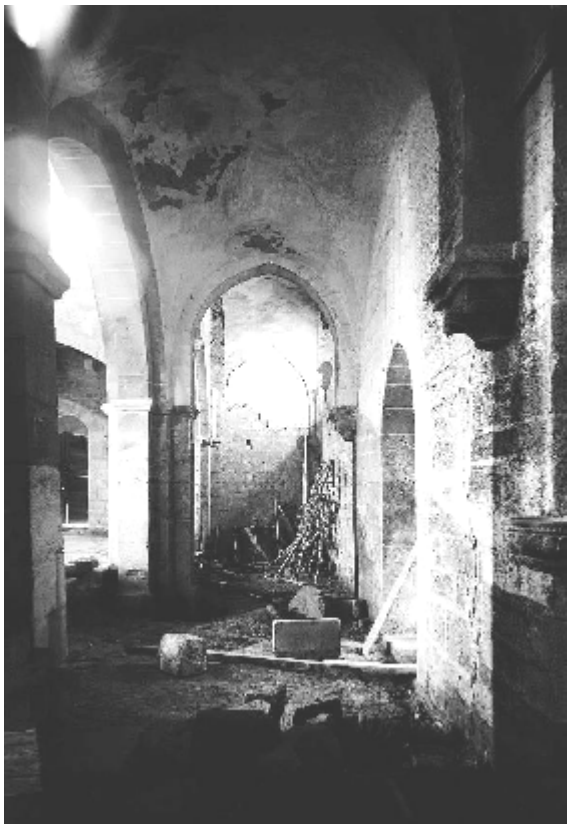


Fig. 84. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

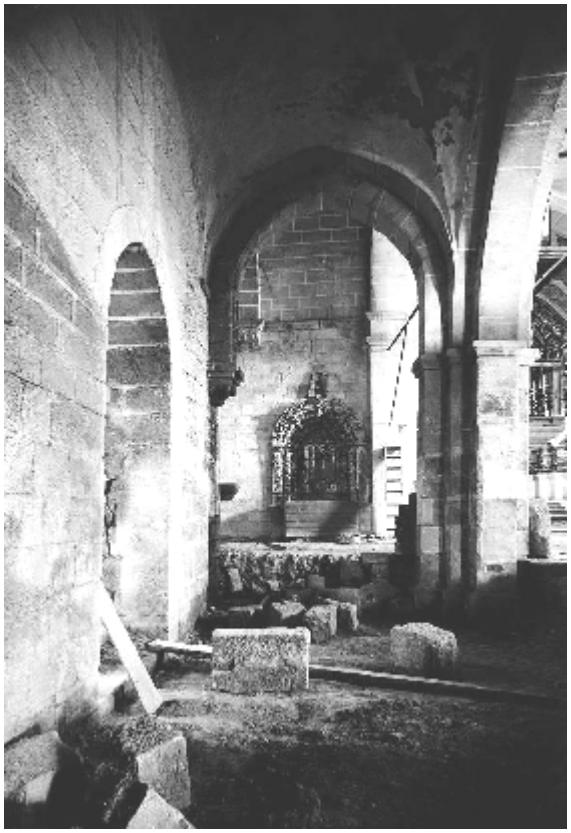


Fig. 85. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 86. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 87. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 88. Capela-mor durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN))

Fig. 89. Retábulo-mor,nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 90. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

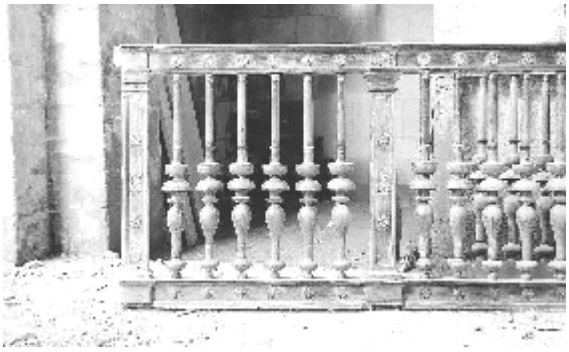


Fig. 91. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 92. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 93. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 94. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 95. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

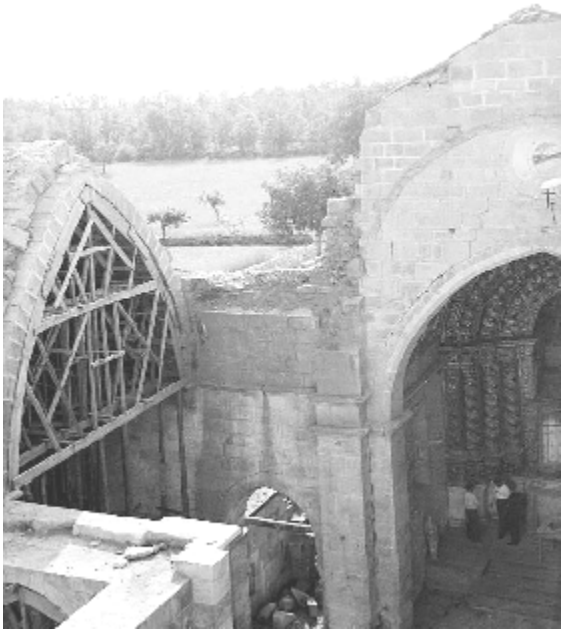


Fig. 96. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

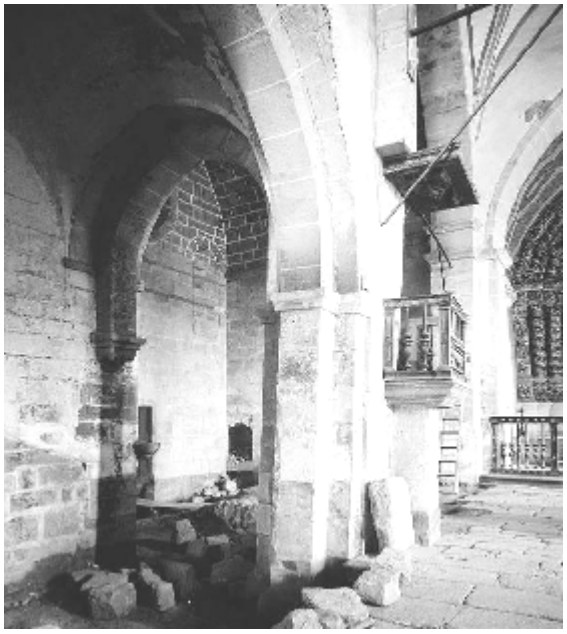


Fig. 97. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 98. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 99. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 100. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 101. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

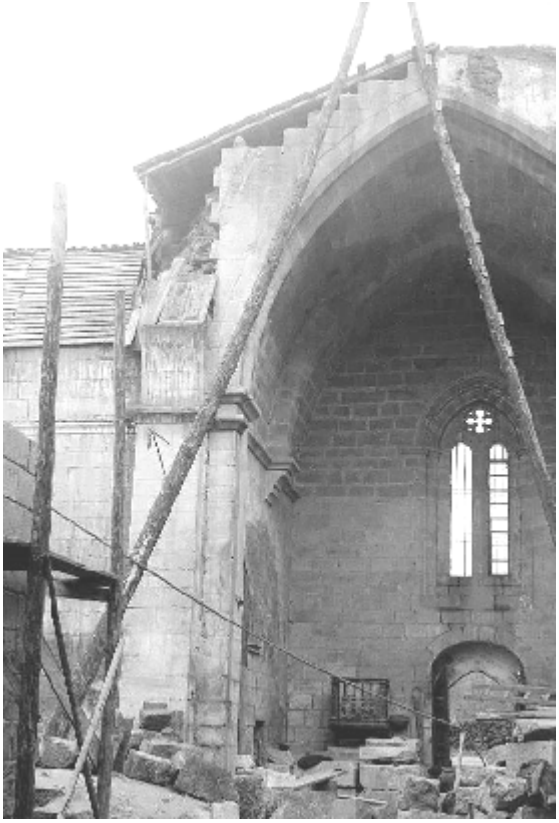


Fig. 102. Igreja, com apeamento do retábulo-mor, durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

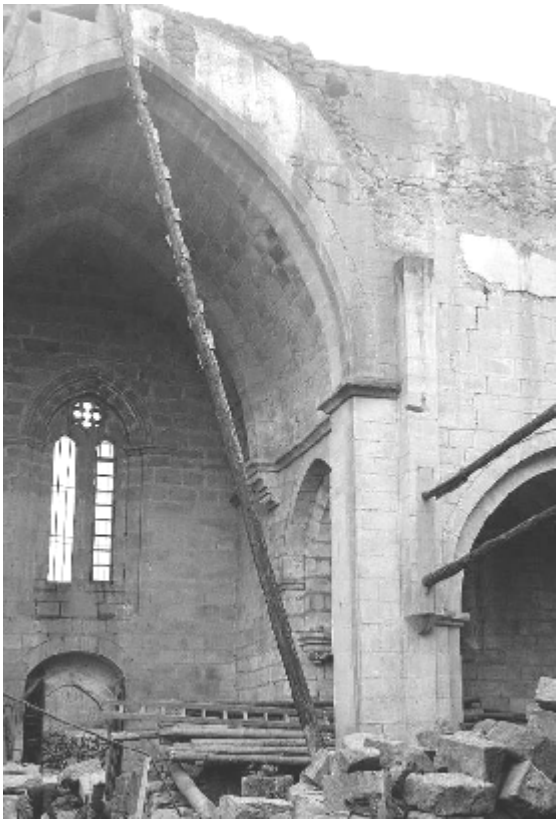


Fig. 103. Igreja, com apeamento do retábulo-mor, durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

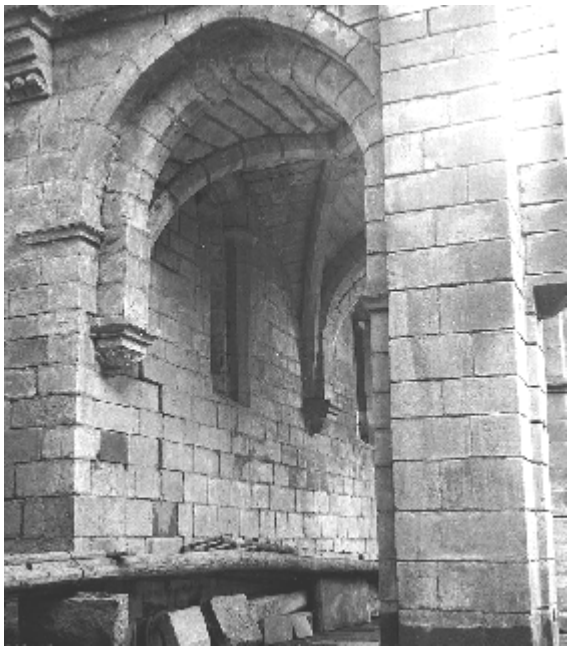


Fig. 104. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

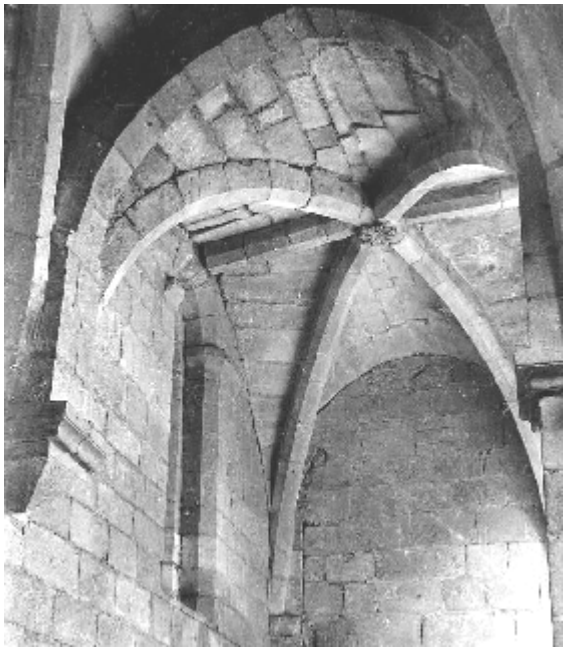


Fig. 105. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 106. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

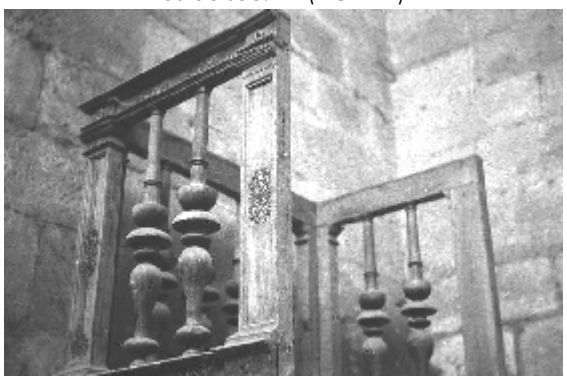


Fig. 107. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX: púlpito (DGEMN)

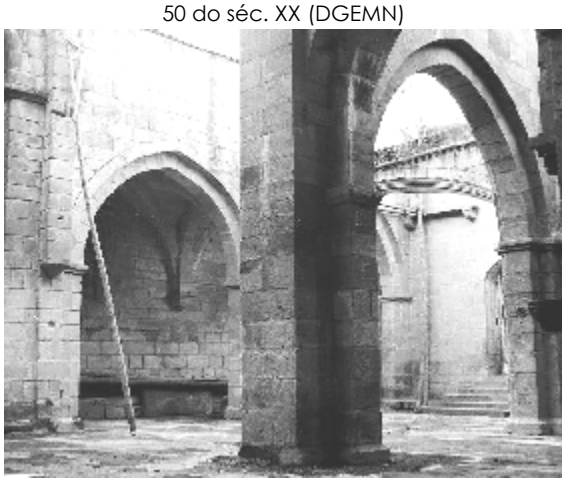


Fig. 108. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 109. Igreja durante as obras da DGEMN nos anos 50 do séc. XX: púlpito (DGEMN)

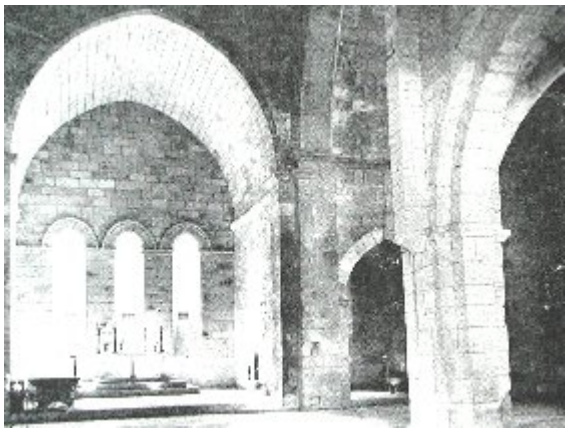


Fig. 110. Capela-mor, após as obras (DGEMN)

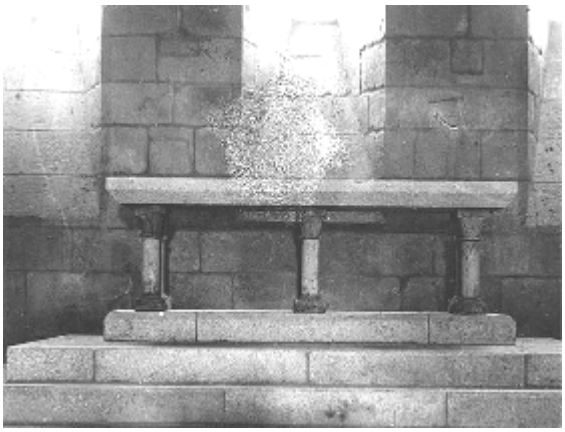


Fig. 111. Altar (DGEMN)

Fig. 112. Altar no fim do séc. XX com a reposição do retábulo-mor (DGEMN)

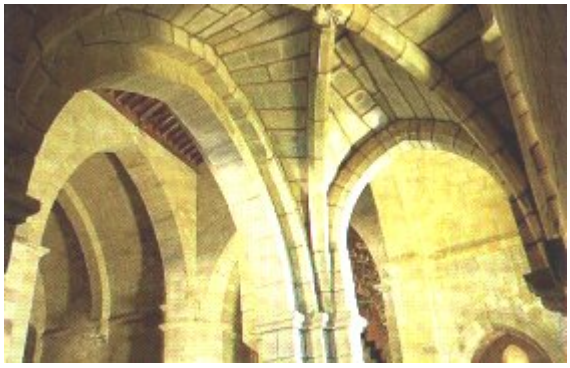


Fig. 113. Abóbadas da Igreja (DGEMN)

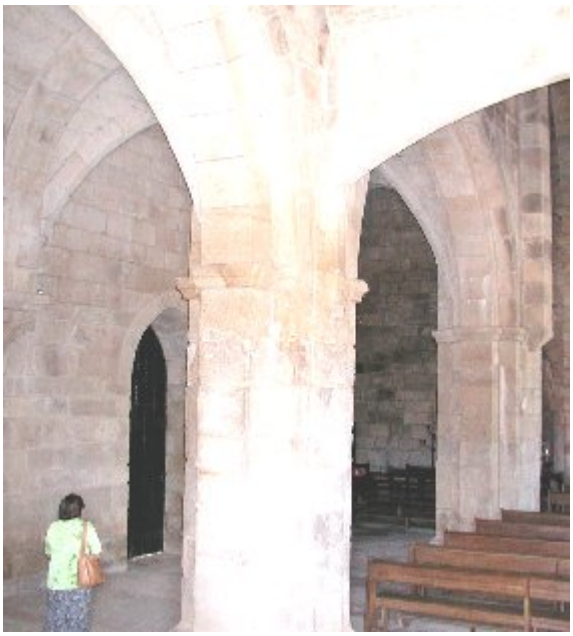


Fig. 114. Nave lateral da Igreja, 2003 (autora)

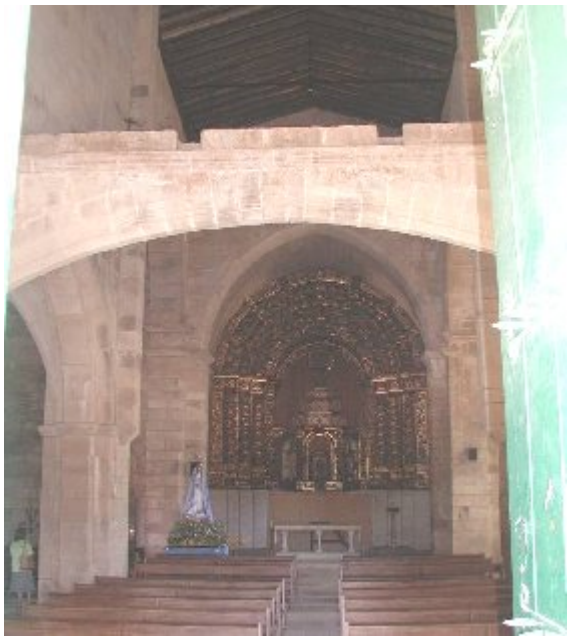


Fig. 115. Igreja com altar-mor reposto, 2003 (autora)

Fig. 116. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 117. Abóbadas da nave lateral, 2003 (autora)

Fig. 118. Igreja, 2003 (autora)

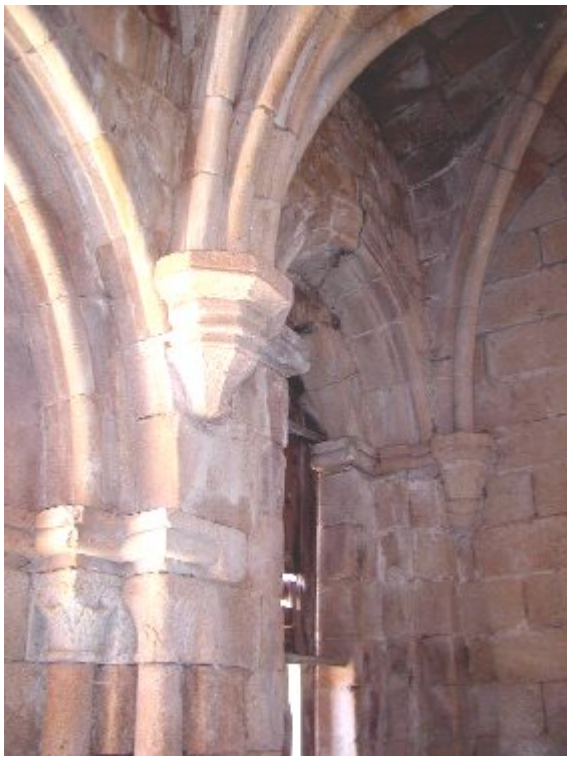


Fig. 120. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 119. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 121. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 122. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 123. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

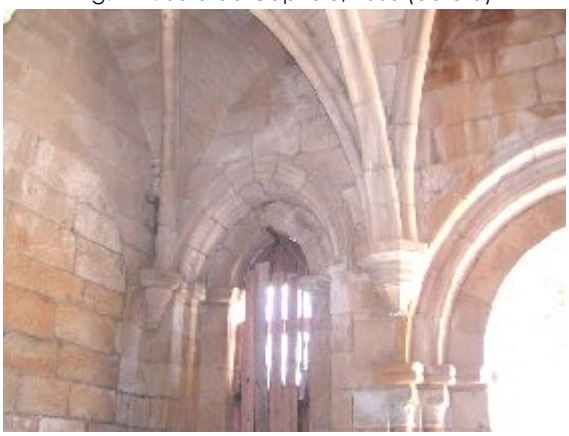


Fig. 124. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

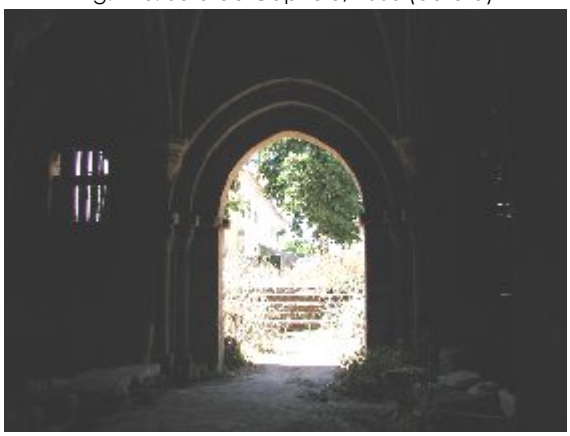


Fig. 125. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

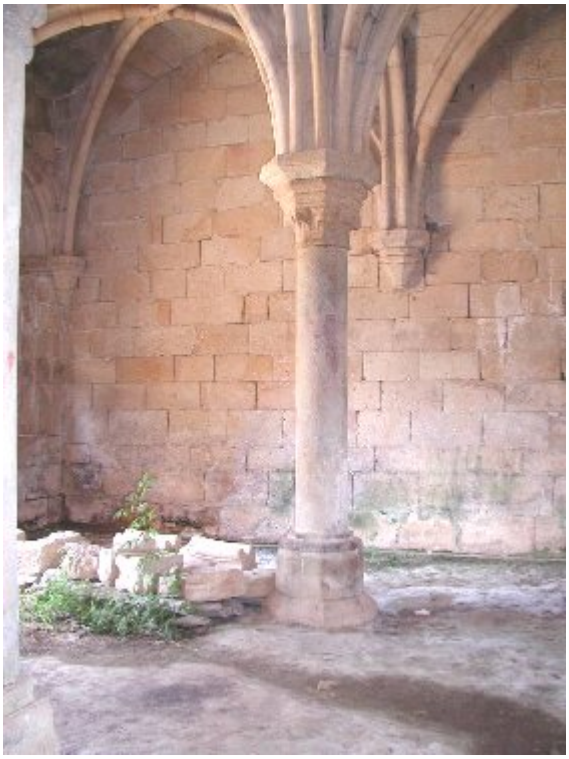


Fig. 126. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

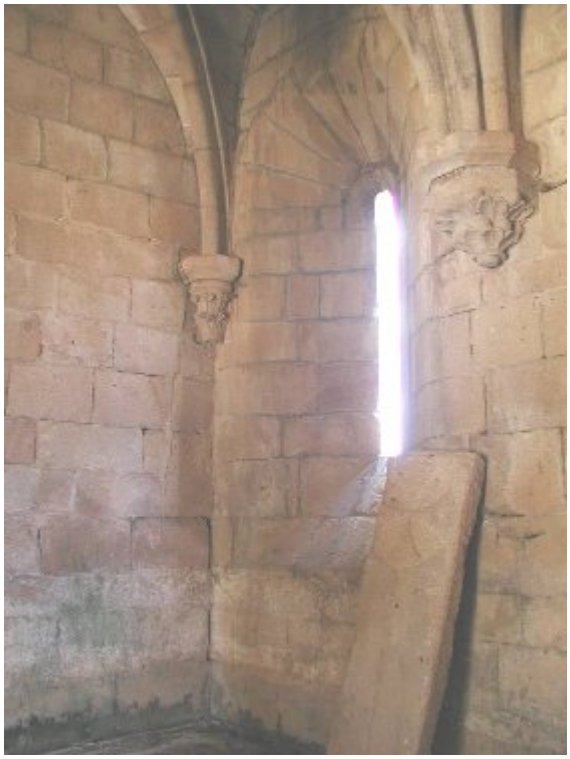


Fig. 127. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 128. Estelas, 2003 (autora)

Fig. 129. Estelas, 2003 (autora)

Fig. 130. Vestígios arqueológicos, 2003 (autora)

Fig. 131. Vestígios arqueológicos, 2003 (autora)

Fig. 132. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 133. Hospedaria, 2003 (autora)

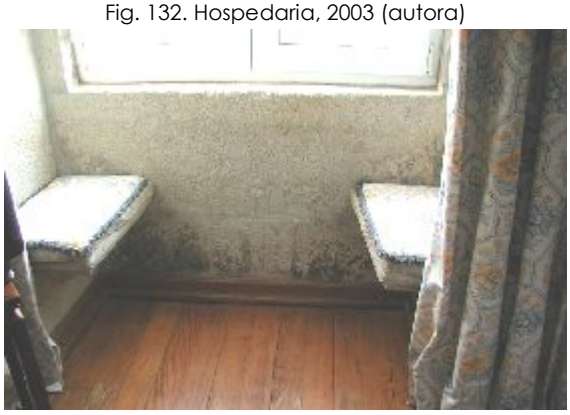
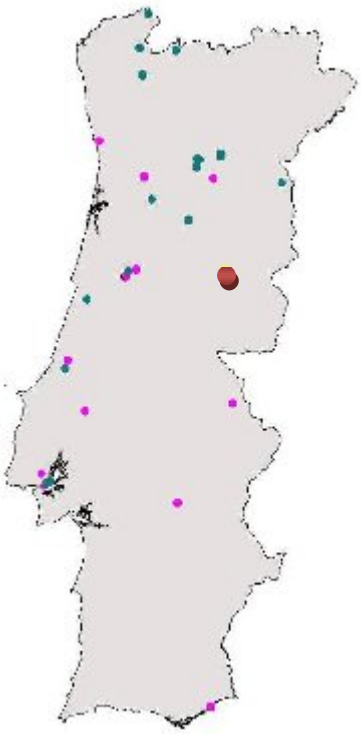


Fig. 134. Hospedaria, 2003 (autora)

Fig. 135. Hospedaria, 2003 (autora)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA ESTRELA

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria da Estrela
1.2. Outras denominações: Igreja de Nossa Senhora da Estrela
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Capela de Nossa Senhora da Estrela
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT020503050061
1.5. IPPAR – Designação: n/a
1.6. IPPAR – nº de identificação: n/a
1.7. Fundação *I* Filiação: Fundação, 1220
Claraval - Alcobaça – Maceira Dão - Estrela
1.8. Diocese: Guarda
1.9. Construção: Séc. XIII (conjectural)
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Baixa
2.2. Distrito: Castelo Branco
2.3. Concelho: Covilhã
2.4. Freguesia: Boidobra
2.5. Direcção Postal:
Rua da Nossa Senhora da Estrela, s/nº
6200 Covilhã

3. ACESSIBILIDADES

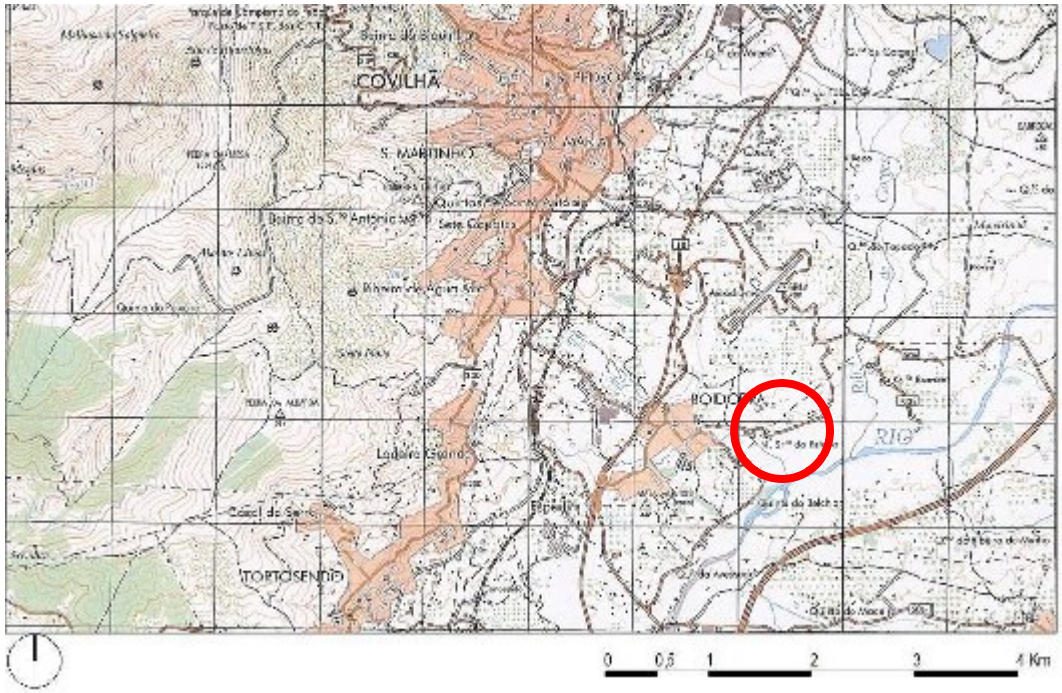
3.1. Acessos: (saída em Albergaria a Velha) – A23 (em direcção a Viseu/Guarda) - EN 221 até Figueira de Castelo Rodrigo - Lugar de Santa Maria de Aguiar

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Regular
3.3. Visita: Ocasionalmente visitável
3.4. Condicionantes de visita: Telefonar para a Junta de Freguesia de Boidobra
3.5. Contactos: Junta de Freguesia de Boidobra **I** Rua Francisco Leal, nº2 **I** 6200-301 Boidobra **I** Tlf: (+351) 275 324 547 **I** Fax: (+351) 275 324 516 **I** Câmara Municipal da covilhã **I** Praça do Município **I** 6200-151 Covilhã **I** Tlf: (+351) 275 330 600 **I** Fax: (+351) 275 330 633 / 622 **I** info@cm-covilha.pt **I** www.cm-covilha.pt

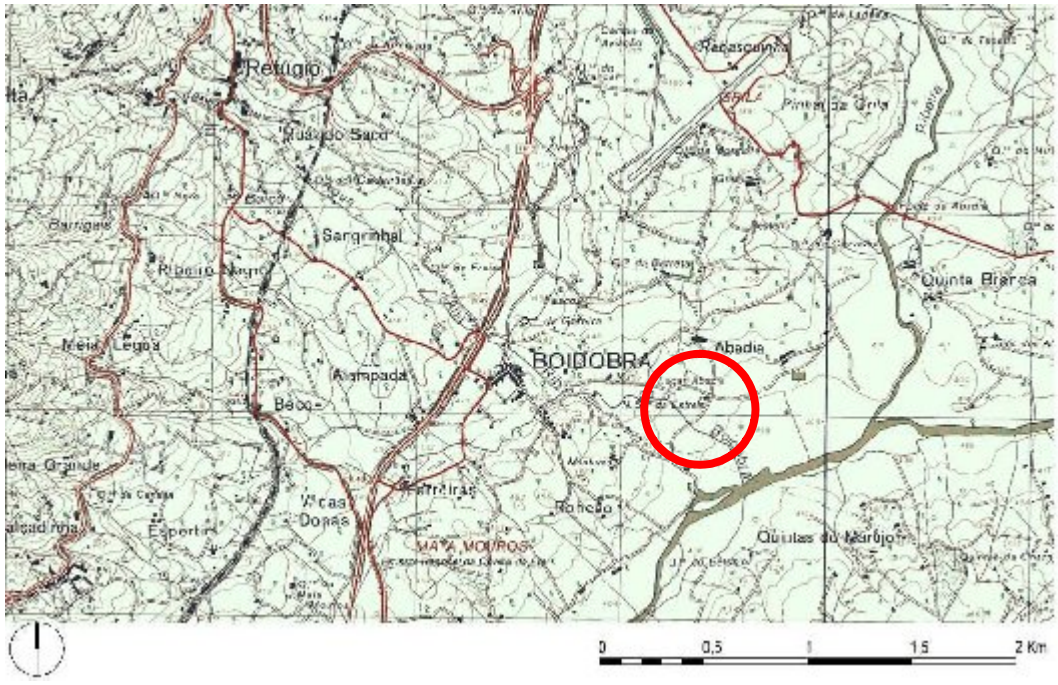
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº20-I COVILHÃ (2005)



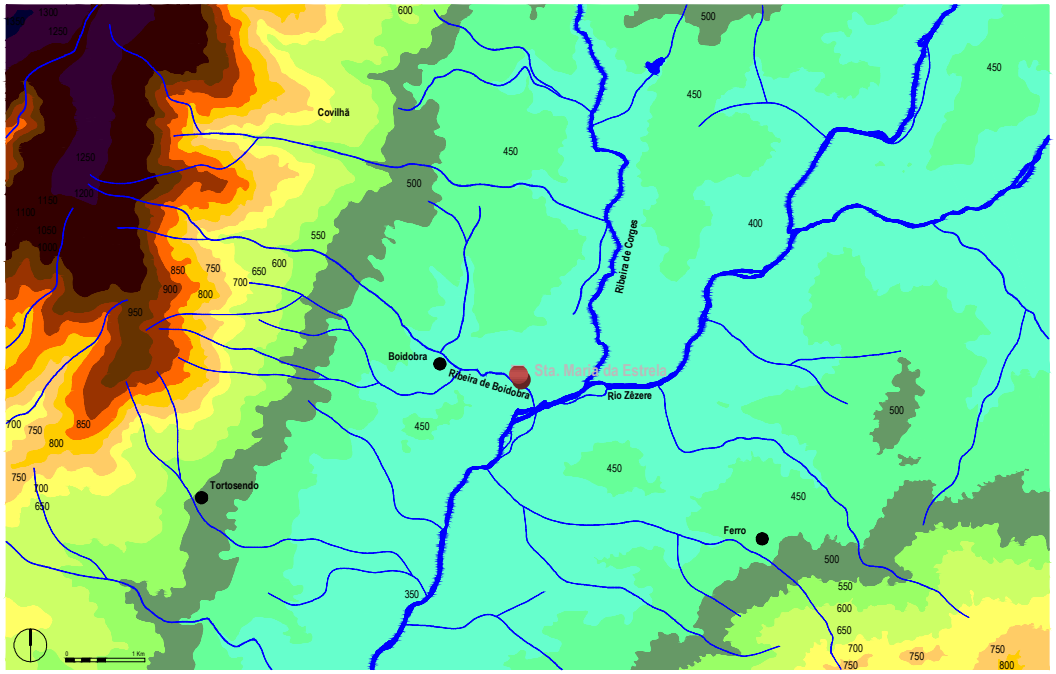
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº235 COVILHÃ (2000)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planalto (Cova da Beira / Serra da Estrela)

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40º 15' 8" N **I** Longitude: 7º 28' 47"O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 255585 **I** Y: 365074

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: FAP 90 **I** rolo nº: 100 **I** fotografia nº 488

(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

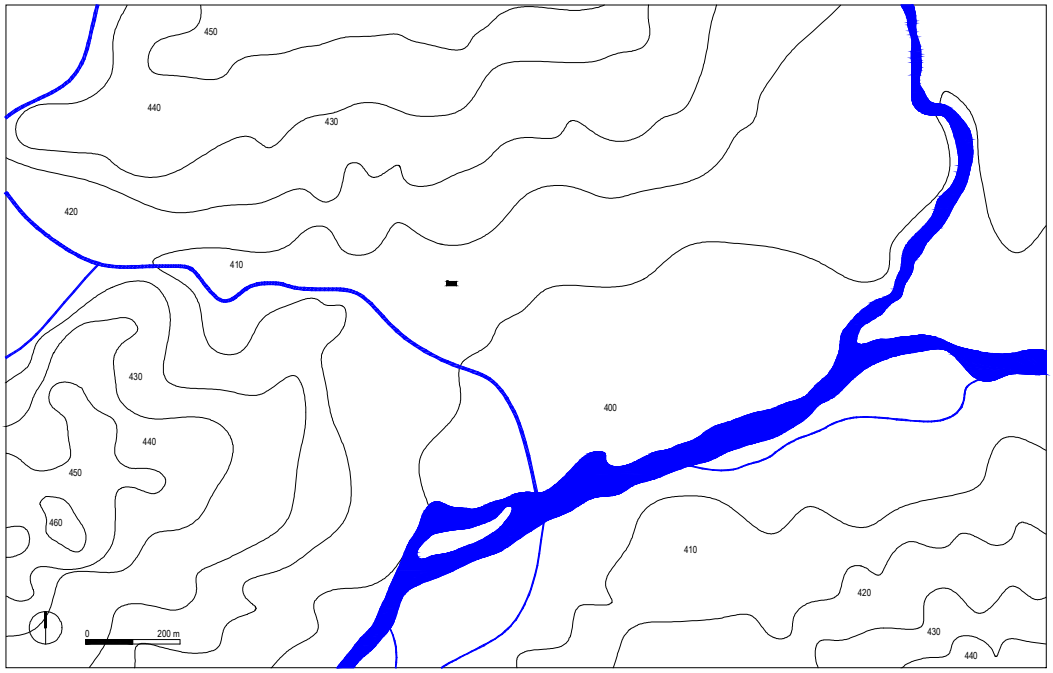
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 410 m
4.10.Proximidades e relações: Rio Zêzere I Covilhã I Guarda I Serra da Estrela I Aeródromo da Covilhã
4.11 Obs.: Edifício isolado.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Igreja
5.2. Afectação / Ocupação: afecta ao culto apesar de apenas uma vez por ano existirem celebrações.

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Maneirista
6.3. Estilos paralelos: (descaracterizado)
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior:

O templo medieval possuía cabeceira ad quadratum. A cobertura apresenta um telhado de duas águas. Fachadas em cantaria de granito

aparente com aparelho rústico e juntas preenchidas com cimento, rematadas em cornija de betão e beiral.

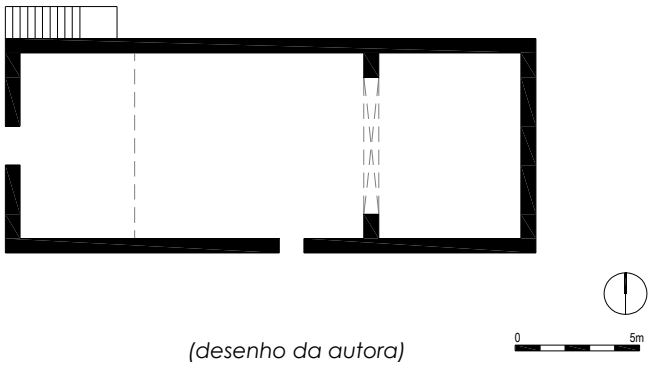
Na fachada principal, fronteira ao adro, abre-se portal de verga recta encimado por brasão colocado a eixo.

Adossada à fachada norte encontra-se uma escadaria de um lanço apenas que conduz ao coro alto desde o exterior.

Na fachada sul abre-se um outro portal de verga recta. Não possui vestígios dos restantes edifícios monásticos.

6.6. Descrição do interior: O coro-alto antecede nave simples de carácter longitudinal. A nave é iluminada apenas pelas portas de verga recta que se abrem para o exterior tanto na fachada sul como na fachada oeste. Ainda apresenta vestígios do arco triunfal de volta perfeita antecede a capela-mor Capela-mor. A meia altura as paredes apresentam-se revestidas por vulgares azulejos azuis e brancos datados da 2ª metade do século XX. O altar possui um retábulo-mor pintado de branco pérola que acolhe a imagem de Nossa Senhora da Estrela que foi alvo de uma exuberante acção de conservação da policromia que a revestia no início do século XXI. (nota: em 2011 o retábulo-mor havia desaparecido ficando a parede nua com um registo de uma arcatura de volta perfeita que acolhe agora a primitiva pedra granítica do altar-mor sobre a qual repousa a imagem de Nossa Senhora da Estrela)

6.7. Planta:



(desenho da autora)

6.8. Igreja – planta: monoaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – nº: n/a

6.11. Claustros existentes – forma: n/a

6.12. Materiais: Paredes autoportantes **I** Cantaria granítica **I** pavimento com revestimento cerâmico contemporâneo **I** cobertura de telha

6.13. Arquitecto(s) / constructor(es): Desconhecido(s)

6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (apesar de apenas uma vez por ano existirem celebrações)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XIII – XVI: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XX-XXI: Religioso (apenas com uma celebração por ano em dia de festa religiosa popular)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia:
1220 – ligado à Ordem de Cister por fundação de D. Mendo Abade de Maceira Dão. Ao ser uma fundação de Maceira Dão surge a sua designação primitiva no testamento de Afonso III como 'Maceira de Covelliana'.
Séc. XIII-XVI construção do edificado monástico
1579 (1 de Maio) - Foi suprimido e as suas receitas juntaram-se às dos mosteiros do Ermelo e Tamarães, igualmente suprimidos, benificiando deste modo o Colégio do Espírito Santo em Coimbra. 1025
8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 10 de Fevereiro de 1533
8.3. Obs.:

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Não Classificado (NC)
9.2. Documentos legais: n/a

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular
10.2. Autenticidade: absolutamente adulterado com utilização de materiais cerâmicos contemporâneos nas paredes e no pavimento.
10.3. Integridade: n/a
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Conservação **I** Consolidação

11.2. Cronologia das intervenções:

1999 – Obras de melhoramento com aplicação de materiais cerâmicos contemporâneos nas paredes e lajeado de granito no pavimento.
- pintura do retábulo-mor e imagem de Nossa Senhora da Estrela
- realização de nova cobertura em betão sendo o interior decorado com painéis e vigas de madeira

Séc. XXI (início) – Pavimentação do adro com bloco granítico
– apeamento do retábulo-mor e sua destruição (foi alegado o seu mau estado)
-descoberta, sob o retábulo-mor, da primitiva laje de pedra granítica que compunha o altar primitivo.
-guarda metálica na escada exterior

11.3. Arquitecto(s): n/a

11.4. Entidades: Particular (Pároco)

11.5. Propostas: n/a

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos: n/a

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 1. Envolvente imediata, 2004 (autora)

Fig. 2. Igreja, 2011 (autora)

Fig. 3. Acesso lateral, 2004 (autora)

Fig. 4. Rasgo ao nível da capela-mor, 2004 (autora)

Fig. 5. Envolvente imediata, 2011 (autora)

Fig. 6. Envolvente imediata, 2011 (autora)

Fig. 7. Envolvente imediata com vista para a Quinta da Abadia, 2011 (autora)

Fig. 8. Envolvente imediata, acesso a ETAR, 2011 (autora)

Fig. 9. Adro, 2004 (autora)

Fig. 10. Escada conducente ao coro-alto, 2004 autora)

Fig. 11. envolvente imediata (DGEMN)

Fig. 12. Cabeceira (DGEMN)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 13. Igreja, 2004 (autora)

Fig. 14. Coro-alto, 2004 (autora)

Fig. 15. Altar-mor e retábulo-mor, 2004 (autora)

Fig. 16. Púlpito, 2004 (autora)

Fig. 17. Acesso, 2004 (autora)

Fig. 18. Nicho no altar-mor, 2004 (autora)

Fig. 19. Arco triunfal, 2004 (autora)

Fig. 20. Pia de água benta, 2004 (autora)

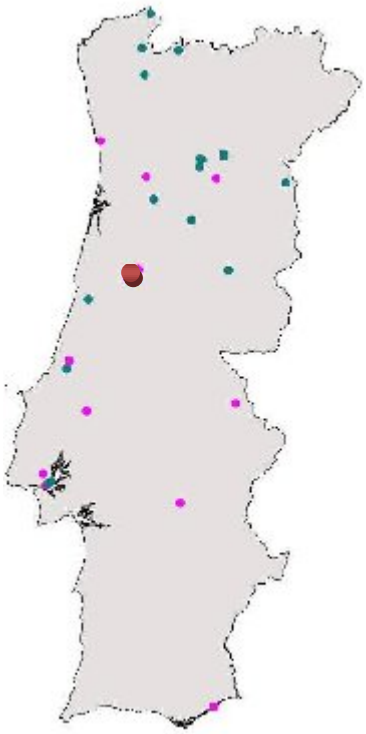
Fig. 21. Altar-mor sem retábulo, 2011 (autora)

Fig. 22. Altar-mor, 2011 (autora)

Fig. 23. re-utilização de elementos que compunham o antigo retábulo-mor, 2011 (autora)

Fig. 24. Nossa Senhora da Estrela no antigo retábulo observam-se os elementos laterais que foram re-utilizados, 2004 (autora)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE S.PAULO DE ALMAZIVA

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de São Paulo de Almaziva
1.2. Outras denominações: Mosteiro de São Paulo de Frades **I** Igreja Paroquial de São Paulo de Frades
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Igreja Paroquial de São Paulo de Frades
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT020603230041
1.5. IPPAR – Designação: Igreja Paroquial de São Paulo de Frades
1.6. IPPAR – nº de identificação: 1773
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação, 1221
Claraval - Alcobaça - Almaziva
1.8. Diocese: Coimbra
1.9. Construção: Séc. XII / XIII/XVI/XVII
1.10. Género: Masculino

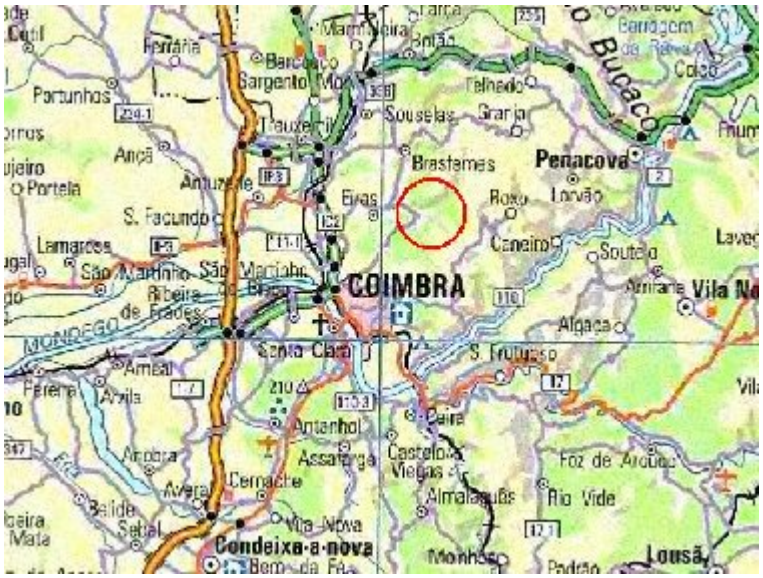
2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Litoral
2.2. Distrito: Coimbra
2.3. Concelho: Coimbra
2.4. Freguesia: S. Paulo de Frades
2.5. Direcção Postal:
Largo da Igreja

3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos:
São Paulo de Frades junto à rua principal (acesso a Eiras), no Largo da Igreja

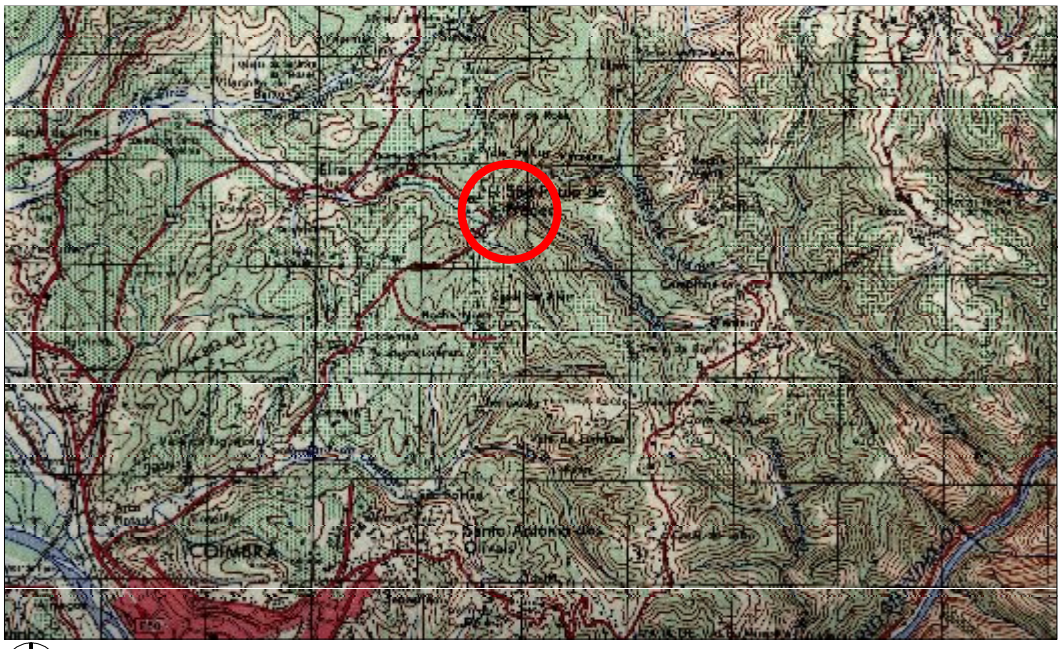
3.2. Grau de Acessibilidade: Mau
3.3. Visita: ocasionalmente visitável
3.4. Condicionantes de visita: telefonar ao pároco
3.5. Contactos:
Câmara Municipal de Coimbra
Praça 8 de Maio
3000-300 COIMBRA
tel. +351 239 85 75 00 **I** fax. +351 239 82 01 14
http://www.cm-coimbra.pt



Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

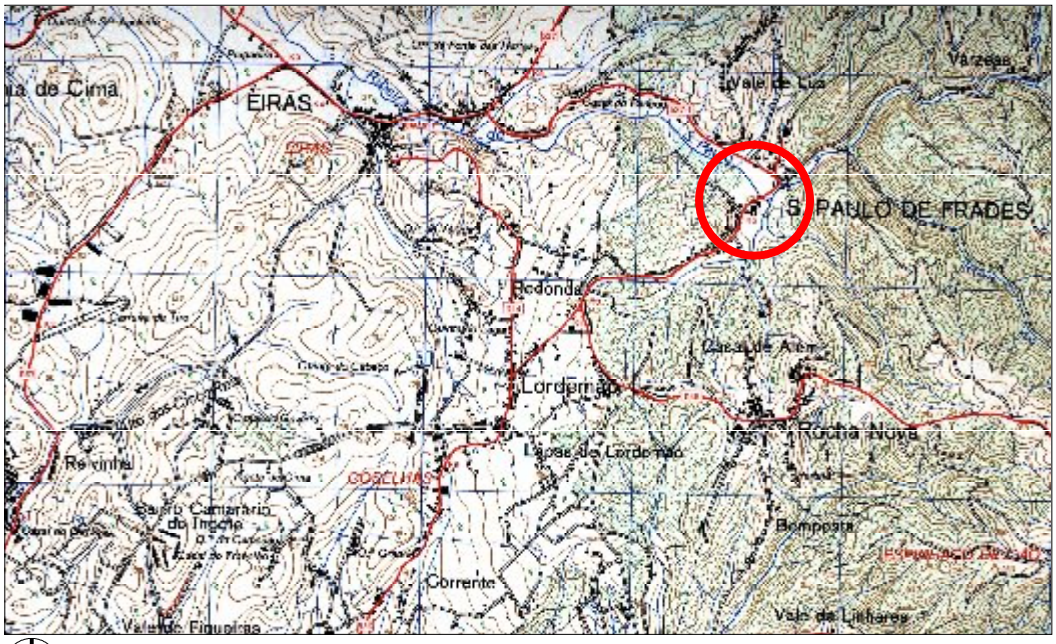
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 19-I COIMBRA-Penacova (1969)



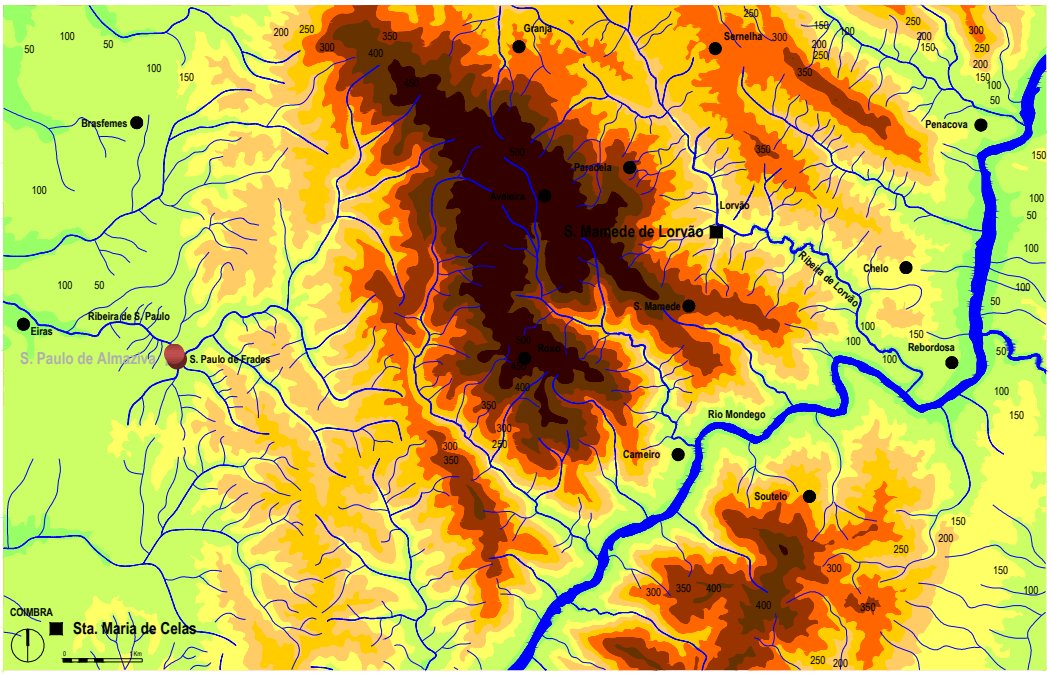
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº 230 COIMBRA (1984)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planície

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40º 14' 42''N **I** Longitude: 8º 23' 42''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 177696 **I** Y: 364102

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: ERFOTO 98 **I** rolo nº 19 **I** fotografia nº7803

(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

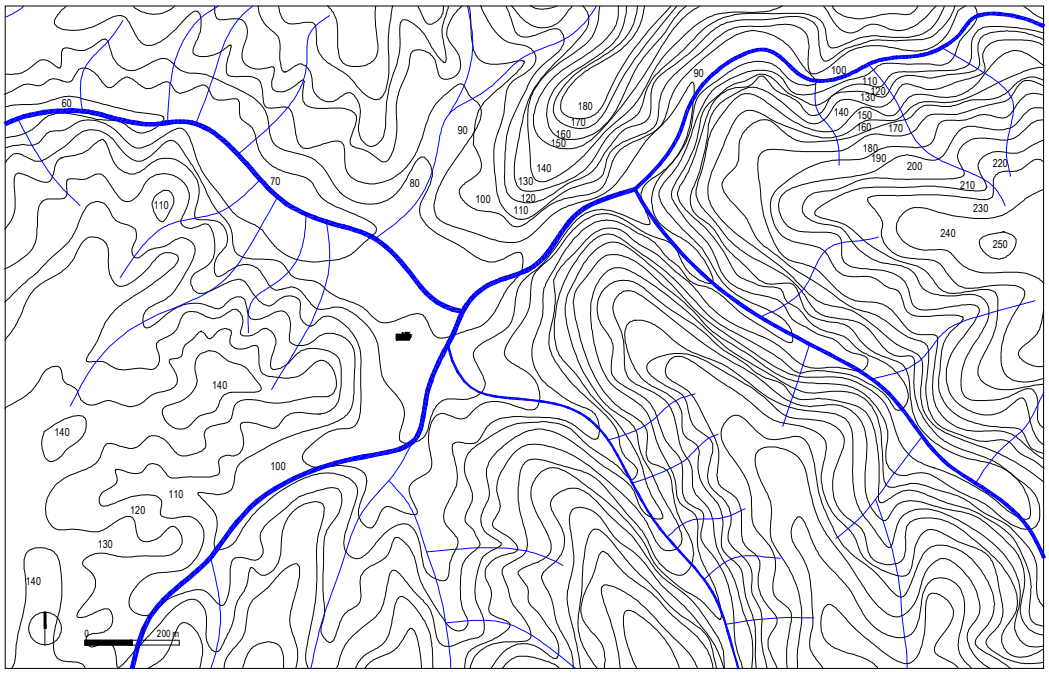
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 80 m
4.10.Proximidades e relações: Coimbra
4.11 Obs.:

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Igreja
5.2. Afectação / Ocupação: Paroquia

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Barroco
6.3. Estilos paralelos: Manuelino
6.4. Implantação:



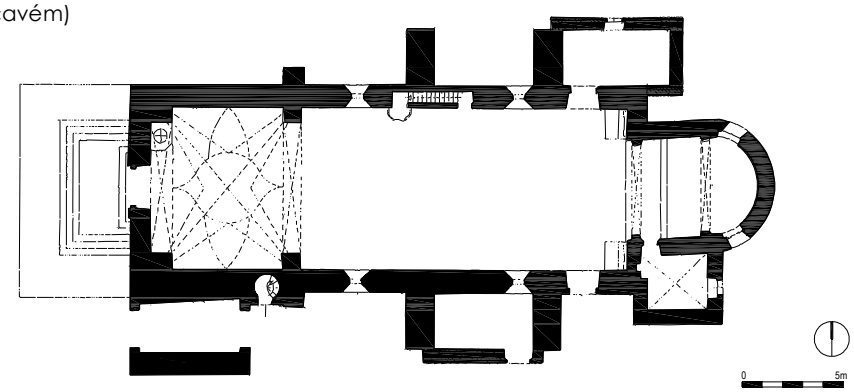
(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: Edifício com várias campanhas de obras que mantém vestígios românicos no exterior da capela-mor. Planta longitudinal simples de nave única, cabeceira semi-circular e coro-alto. Cobertura diferenciada em telhado de duas águas. Do período manuelino possui a abóbada do coro e os azulejos sevilhanos da capela-mor (segundo a DGEMN). Fachada principal de três registos: Inferiormente, ao centro,

rasga-se portal rectangular, antecedido por escadaria, enquadrado por pilastras e munido de frontão angular interrompido. Segundo registo de três panos, sendo o central delimitado por pilastras angulares e apresentando, à altura do coro-alto e na prumada do portal, um nicho com imagem, de pilastras e verga dupla arquitravada recortada; os panos laterais, recuados, são rasgados por janelas quadrangulares de vergas de cantaria e rematados por beiral. Terceiro registo de três panos: no central o corpo da sineira delimitado por pilastras angulares, no seguimento das inferiores, munidas de plintos; é rasgado por janelão sineiro de volta perfeita assente em pilastras munidas de bases e capitéis; remate em frontão angular rematado por cruz de pedra no vértice e plintos coroados de bolas nos ângulos; os panos laterais constituiem-se pelos paramentos da empena do corpo da nave. Fachadas laterais com contrafortes e frestas. Fachada da cabeceira com contrafortes e cornija com modilhões. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020603230041: Igreja Paroquial de São Paulo de Frades; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: O coro-alto antecede a nave com abóbada de combados com grandes chaves decoradas; assenta em pilastras munidas de altos plintos e apresenta a face interna dos torais decorada de quadrados e losangos. Nave iluminada por quatro janelões em arco de volta perfeita; do lado do Evangelho púlpito de cantaria; do lado da Epístola pequeno nicho com notável imagem do séc. XV figurando a "Virgem e o Menino"; cobertura em tecto de madeira de caixotões, de secção poligonal. Arco triunfal de volta perfeita assente em colunas adossadas; altares colaterais de talha dourada e polícroma esculpida. Capela-mor de dois tramos sendo o arco toral igual ao arco triunfal; primeiro tramo rectangular com cobertura em abóbada de berço; segundo tramo semicircular com cobertura em abóbada de quarto de esfera e paredes rasgadas por janelões de volta perfeita e capialço; revestimento a azulejos polícromos que forram igualmente os arcos e elementos de suporte e que no segundo tramo se eleva à altura das janelas; retábulo-mor de talha dourada e polícroma com trono. (Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020603230041: Igreja Paroquial de São Paulo de Frades; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base plano cedido pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial
6.9. Igreja – cabeceira: semicircular
6.10. Claustros existentes – n°: nenhum
6.11. Claustros existentes – forma: n/a
6.12. Materiais: estrutura mista **I** alvenaria rebocada **I** azulejos
6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Desconhecido(s)
6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial)
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XIII-XVI: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XVII – XXI: Religioso (Igreja Paroquial)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
Séc. XII - construção da igreja cisterciense
séc. XIII - nova igreja, mantendo-se a capela-mor existente
séc. XVI- construção de uma nova nave
1689 - reconstrução da fachada e abóbada na igreja..

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 05 de Dezembro de 1532
8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020603230041: Igreja Paroquial de São Paulo de Frades; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de Interesse Público (IIP)
9.2. Documentos legais:
Dec. n.º 5/2002, DR 42 de 19 Fevereiro 2002 (IIP)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular
10.2. Autenticidade: muito adulterado
10.3. Integridade: n/a
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Restauro **I** Conservação
11.2. Cronologia das intervenções*:
DGEMN:
1983/1984 - reparação coberturas e telhados na nave e capela-mor
- execução da cornija segundo elementos ainda existentes
- demolição da construção adjacente a norte da igreja

1985 - obras de conservação
- rebocos
- reparação de portas e janelas
- execução do tecto da nave em caixotões
- renovação da instalação eléctrica

1986 – reparação do patamar da entrada com construção de plinto para colocação de imagem
- execução de mobiliário

2003 - intervenção de escoramento da abóbada de suporte do coro-alto
11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)
11.4. Entidades: DGEMN
11.5. Propostas:
IPPAR (sugestões preliminares):
- Estudo do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas para detecção do claustro primitivo e de outras estruturas
- Estudo do enquadramento urbano e paisagístico com criação de regras de disciplina urbanística
- Estudo especializado sobre os painéis de azulejos hispano-mouriscos
- Colocação de sinalização rodoviária (povoação + monumento)
- Estudo diagnóstico de patologias com propostas de actuação
- Estudo para criação de espaço explicativo que inclua sinalética interpretativa do monumento.
- Estudo de segurança (incêndio e intrusão)

- Inventário científico, conservação e restauro de bens móveis e incorporados no edifício

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020603230041: Igreja Paroquial de São Paulo de Frades; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

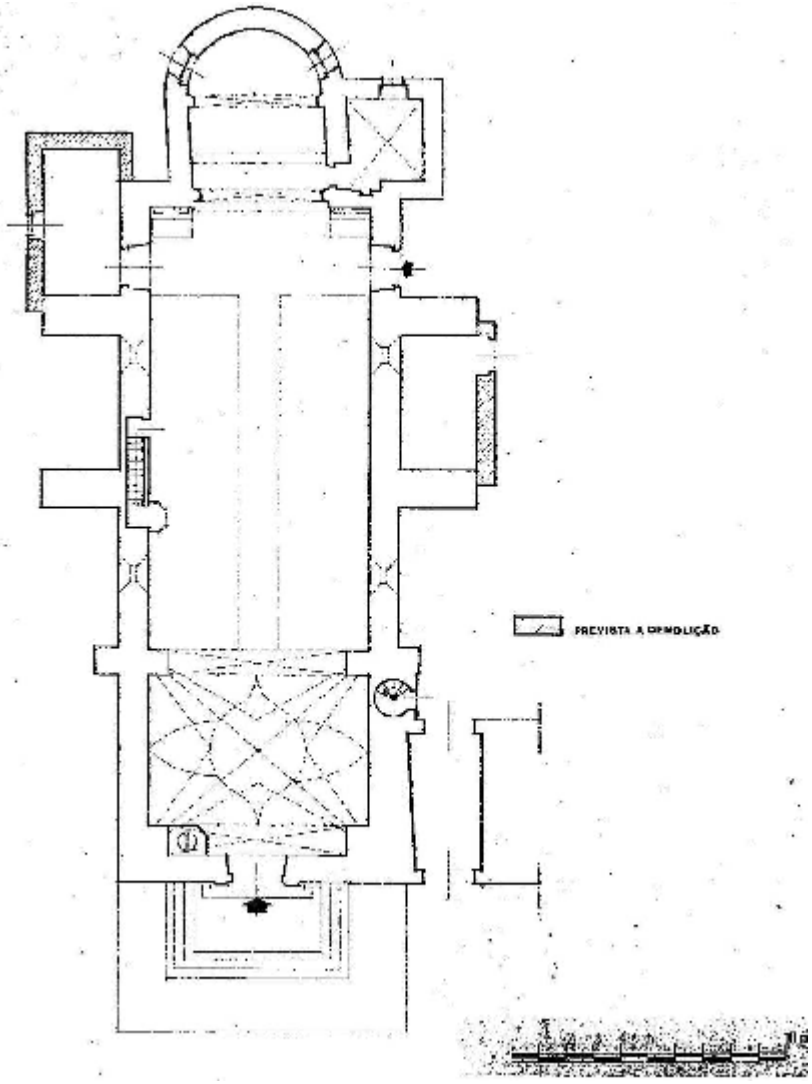


Fig. 1. Planta Igreja, 1983 (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 2 Igreja (DGEMN)

Fig. 3 Igreja e vestígios do edifício monástico(DGEMN)

Fig. 4. Cabeceira (SNBA)

Fig. 5. Cabeceira da Igreja durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 6. Igreja (DGEMN)

Fig.7.demolição construção anexa à igreja(DGEMN)

Fig. 8. Igreja e envolvente imediata (DGEMN)

Fig. 9. Igreja e envolvente imediata (DGEMN)

Fig. 10. Igreja e envolvente imediata (DGEMN)

Fig. 11. Igreja e envolvente imediata (DGEMN)

Fig. 12. Igreja e vestígios do edifício monástico (DGEMN

Fig. 13. Igreja (DGEMN)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 14. Igreja (SNBA)

Fig. 15. Igreja (DGEMN)

Fig. 16. Igreja: pia baptismal (DGEMN)

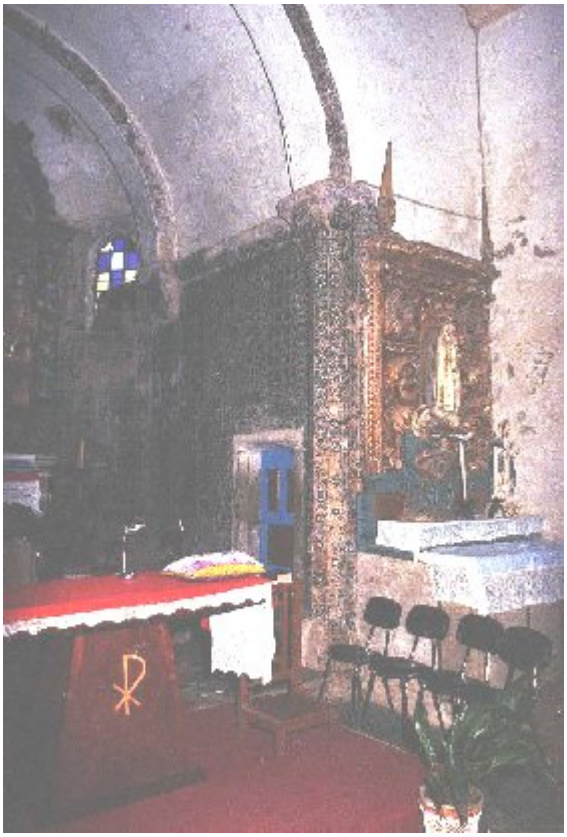


Fig. 17. Igreja: detalhe (DGEMN)

Fig. 18. Igreja: capela-mor e altares colaterais (DGEMN)

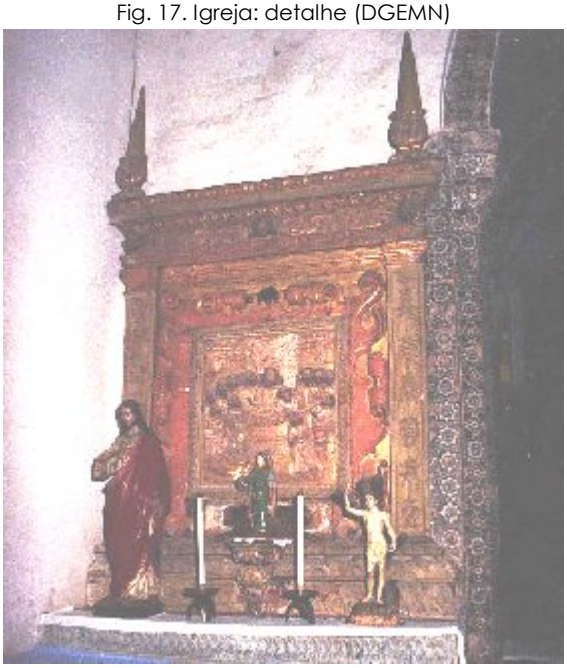
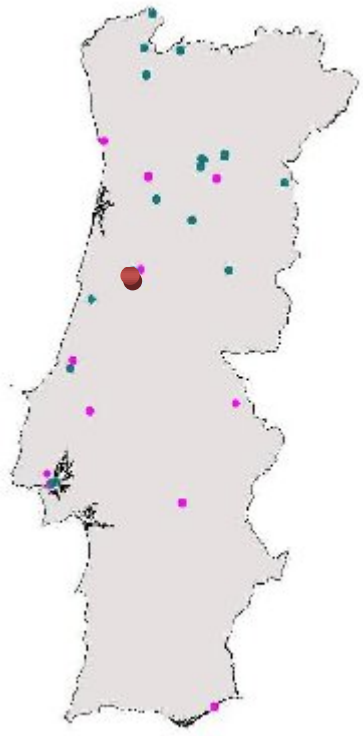


Fig. 19. Altar colateral (DGEMN)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia da autora

COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

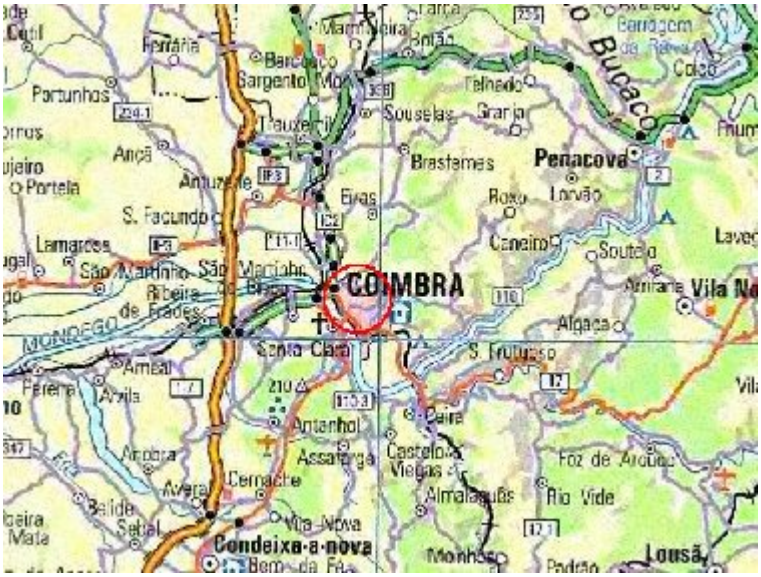
1.1. Denominação efectiva: Colégio do Espírito Santo
1.2. Outras denominações: Colégio de São Bernardo **I** Colégio de São Bernardo de Coimbra **I** Mosteiro de São Bernardo de Coimbra e Colégio (Dom Maur Cocheril)
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Colégio de São Bernardo / Colégio do Espirito Santo
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT020603170084
1.5. IPPAR – Designação: n/a
1.6. IPPAR – nº de identificação: n/a
1.7. Fundação *I* Filiação: Fundado em 1545 segundo Dom Maur Cocheril ou em 1541 segundo DGEMN
Alcobaça – Espírito Santo
1.8. Diocese: Coimbra
1.9. Construção: Séc. XVI / XVII / XVIII
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Litoral
2.2. Distrito: Coimbra
2.3. Concelho: Coimbra
2.4. Freguesia: Santa Cruz
2.5. Direcção Postal:
Rua da Sofia, nº 80 a nº100

3. ACESSIBILIDADES

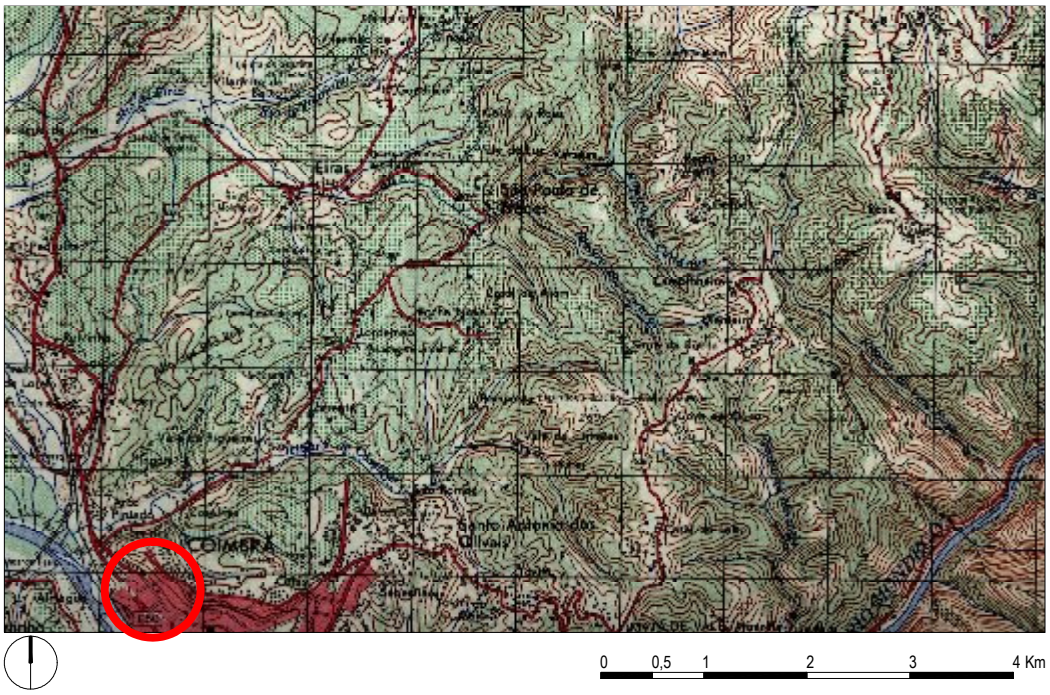
3.1. Acessos:
A1 (saída Coimbra Norte) – N 111-1 (em direcção a Coimbra) - Rua da Sofia
3.2. Grau de Acessibilidade: Bom
3.3. Visita:
Não visitável
3.4. Condicionantes de visita: n/a
3.5. Contactos:
Câmara Municipal de Coimbra
Praça 8 de Maio
3000-300 COIMBRA **I** tel. +351 239 85 75 00 **I** fax. +351 239 82 01 14 **I** http://www.cm-coimbra.pt



Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 19-I COIMBRA-Penacova (1969)

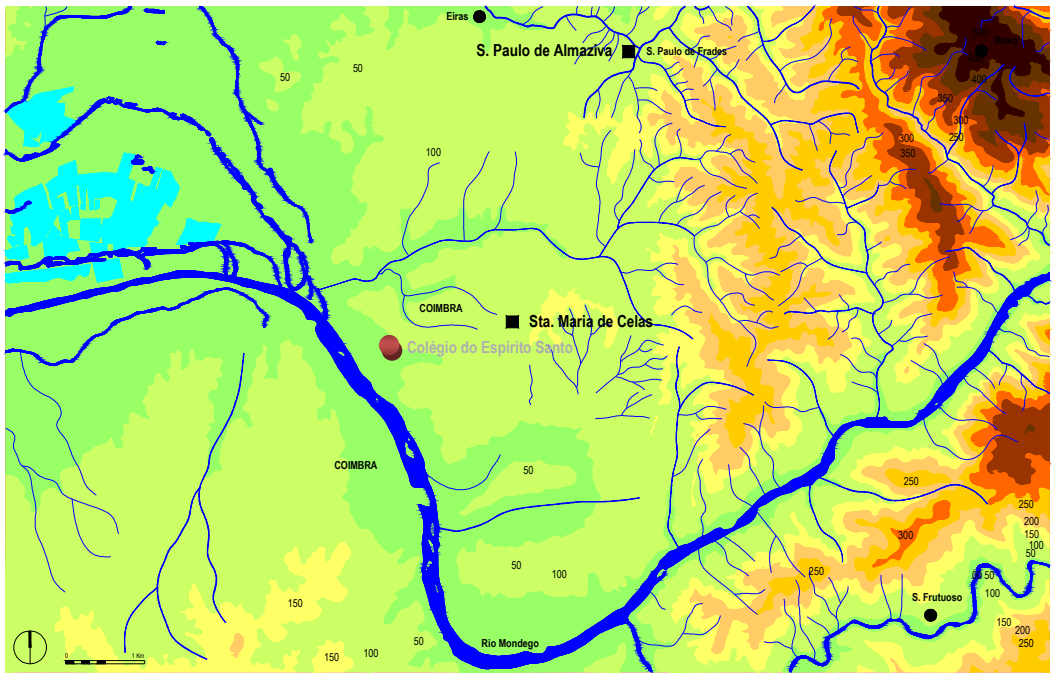


(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº 230 COIMBRA (1984)

(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planície

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40º 12' 45''N **I** Longitude: 8º 25' 47''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 174730 **I** Y: 360789

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: ERFOTO 98**I** rolo nº: 19 **I** fotografia nº 7777

(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

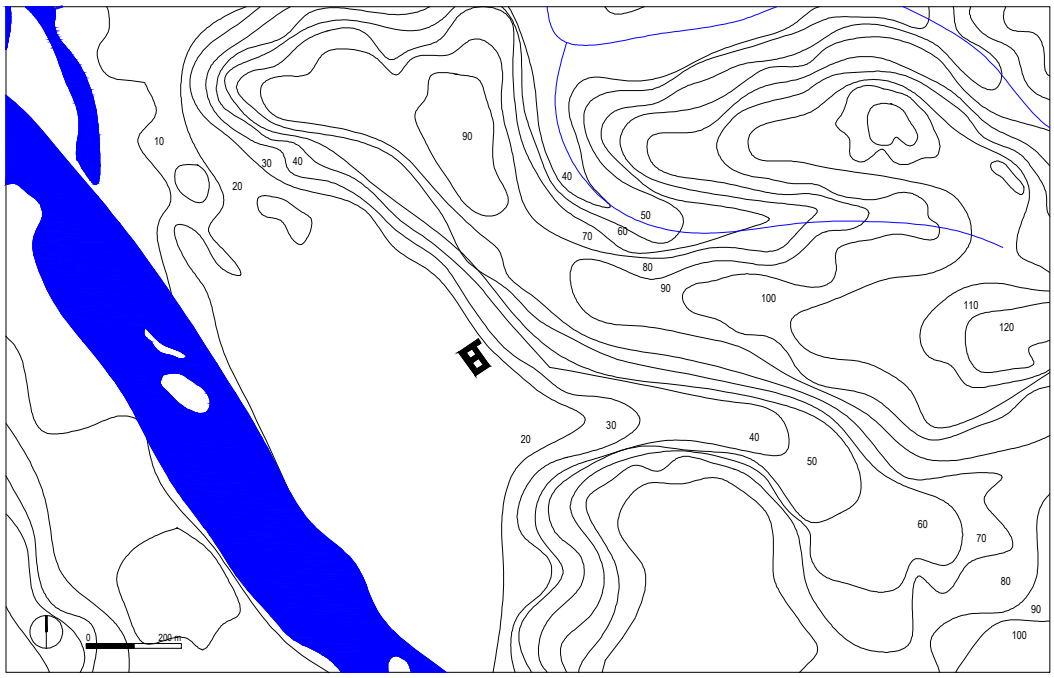
4.8. Envolvente: Urbano
4.9. Altitude: 20 m
4.10.Proximidades e relações: Coimbra
4.11 Obs.: A Rua da Sofia encontra-se situada entre o largo 8 de Maio e a Rua João Machado tendo sido o seu nome atribuído pela grande quantidade de colégios que albergou após a fixação definitiva da Universidade em Coimbra (1537). A partir de 1537 a rua evolui até ao séc. XVIII como a principal e mais nobre rua da cidade. Actualmente subsistem os Colégios do Carmo, da Graça, de S. Pedro, de S. Tomás, assim como a Igreja de Santa Justa e a igreja inacabada de S. Domingos.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Particular
5.2. Afectação / Ocupação: Privada

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Colégio monástico
6.2. Estilo dominante: Renascentista **I** Maneirista
6.3. Estilos paralelos: Contemporâneo (descaracterizado)
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: "A porta do corpo médio do claustro N. é maneirista. Os azulejos de motivo solto deste claustro são do início do séc. XVIII; os do átrio, escada e galeria, da segunda metade. Planta longitudinal, composta, irregular. Volumes articulados, disposição horizontal das massas. Coberturas diferenciadas. Fachada principal orientada a O.; do alçado inicial restam 2 das 3 secções que o compunham, separadas por uma pilastra lisa; eleva-se a 3 registos, estando o piso térreo adaptado a estabelecimentos comerciais; os superiores, estão separados por faixa cornijada e mostram janelas rectangulares de avental de diferentes dimensões, nem sempre segundo a mesma prumada. O acesso principal encontra-se na secção da esquerda, que foi transformada em palacete." (DGEMN; Processo IPA PT020603170084: Colégio de São Bernardo / Colégio do Espírito Santo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: "No interior espaço diferenciado, conservando-se os 2 claustros. Dado o acentuado declive do terreno, está o plano dos claustros e o lanço posterior a nível mais elevado que a rua. O acesso ao claustro da esquerda faz-se por meio de um átrio e de escadaria da época do palacete, mas decorados com painéis de azulejos com cenas venatórias num roxo-acastanhado, com enquadramentos azuis de tipo concheado (4 grandes quadros e 3 menores, de uma figura, no átrio; um grande e outro pequeno ao cimo da escada). O claustro mostra na galeria do lado da colina 6 arcos redondos, antigos; a do lado da rua é da época do palacete, com colunas dóricas e 3 painéis de azulejos do mesmo tipo dos anteriores. No corpo intermédio não há arcadas; tem silhar de azulejos de figura avulsa, alguns exemplares com decoração a azul e roxo. A meio do lado S. rasga-se uma porta de arco redondo (talvez do refeitório), tendo no fecho o escudo dos cistercienses; entre esta porta e o lado da colina ficam 2 frestas rectangulares; no andar superior, janelas de avental. Ao centro do claustro, restos de uma fonte. O claustro S. é maior; conserva ainda à vista os arcos do lado da colina e do corpo médio. Cada lado apresenta uma série de 7 arcos redondos levantados em pilares quadrados, dóricos. O andar superior mostra, já transformadas e só em pequena parte, as antigas janelas rectangulares e de avental. A galeria N. mostra ainda abóbada de arestas e lagedo de pedra no pavimento. A saída E. desta galeria dá para um terreiro estreito com entrada sob alto arco redondo do lado da Ladeira do Carmo; fecham-no construções utilitárias. Uma delas, de grande altura, levanta-se ao longo da ladeira; mostra aberturas ovais no andar alto para um e outro lado e janelas de verga recta e arquitravada, no andar baixo do lado do terreiro." (DGEMN; Processo IPA PT020603170084: Colégio de São Bernardo / Colégio do Espírito

Santo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:

(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela Câmara Municipal de Coimbra através do processo do Concurso Público de Ideias para a Valorização da Rua da Sofia)

6.8. Igreja – planta: monoaxial

6.9. Igreja – cabeceira: rectangular

6.10. Claustros existentes – n°: 2

6.11. Claustros existentes – forma: quadrangular

6.12. Materiais: Paredes autoportantes **I** estrutura mista **I** Paredes em alvenaria rebocada e caiada **I** pedra nos vãos **I** telha na cobertura exterior.

6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): atribuído a Diogo de Castilho (c. de 1540)

6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Residencial e Comercial
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XV: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XIX – XXI: Residencial (inicialmente Vila Operária)
Comercial (lojas no piso térreo)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
1541 - fundação e início da construção por iniciativa do cardeal D. Henrique que também financiou as obras iniciais, depois concluídas pelos cistercienses com contribuições da Congregação e rendas de mosteiros que a ela se uniram
1546 - carta do Cardeal D. Henrique dirigida a Diogo de Castilho, ao qual ordena o acrescento de mais 7 celas para além das 13 de que já dispunha o colégio
1549 – início da sua ocupação
1550 - entrada solene dos colegiais, devendo o edifício estar próximo da sua conclusão
1596 – Elevado a Abadia
Séc. XVIII - edificação do corpo posterior ao longo da Ladeira do Carmo
1838 - o edifício foi vendido a um particular, sofrendo posteriormente grandes transformações.
Séc. XVIII (2ª metade) - época dos azulejos de fabrico coimbrão, com motivos de caça existentes no átrio e nas escadas de acesso à R. da Sofia, com ligação ao claustro Norte.
1980 (década) - metade do edifício foi adquirida por Armindo Portela
2002 - Armindo Portela adquire a totalidade do edifício
2003/2004 - a Câmara Municipal de Coimbra constrói o Teatro da Cerca de São Bernardo
8.2. Visitação D. Edme de Salieu / Claude de Bronseval: n/a
8.3. Obs.: * Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020603170084: Colégio de São Bernardo / Colégio do Espírito Santo; consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de Interesse Público (IIP)
9.2. Documentos legais:
Dec. nº 516/71, DG 274 de 22 Novembro 1971(IIP)
(Incluído na Zona de Protecção da R. da Sofia e da Igreja do Carmo)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular
10.2. Autenticidade: muito adulterado
10.3. Integridade: n/a
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Reconstrução **I** Restauro **I** Construção Nova
11.2. Cronologia das intervenções:
Séc. XIX – intervenção neogótica a nível de mobiliário, portas, tectos e vitrais.

Câmara Municipal de Coimbra:
1997 – É lançado o "Concurso Público para a Execução do Projecto de Requalificação do Espaço público da Zona do Pátio da Inquisição, Jardim da Cerca de S. Bernardo e Reconversão da Ala Poente do Antigo Colégio das Artes – Centro de Artes Visuais" sendo o vencedor o Arquitecto João Mendes Ribeiro.
2004 – "Concurso de Ideias para a Rua da Sofia"
11.3. Arquitecto(s): Arq.to João Mendes Ribeiro (requalificação paisagística da Cerca)
11.4. Entidades: Câmara Municipal de Coimbra
11.5. Propostas:
IPPAR (sugestões preliminares):

- Encetar contactos com a câmara
- Estudo do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo do enquadramento urbano e paisagístico com criação de regras de disciplina urbanística
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas

- Estudo para criação de espaço explicativo que inclua sinalética interpretativa do monumento.
- Colocação de sinalização urbana (monumento)

11.6. Obs.:

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

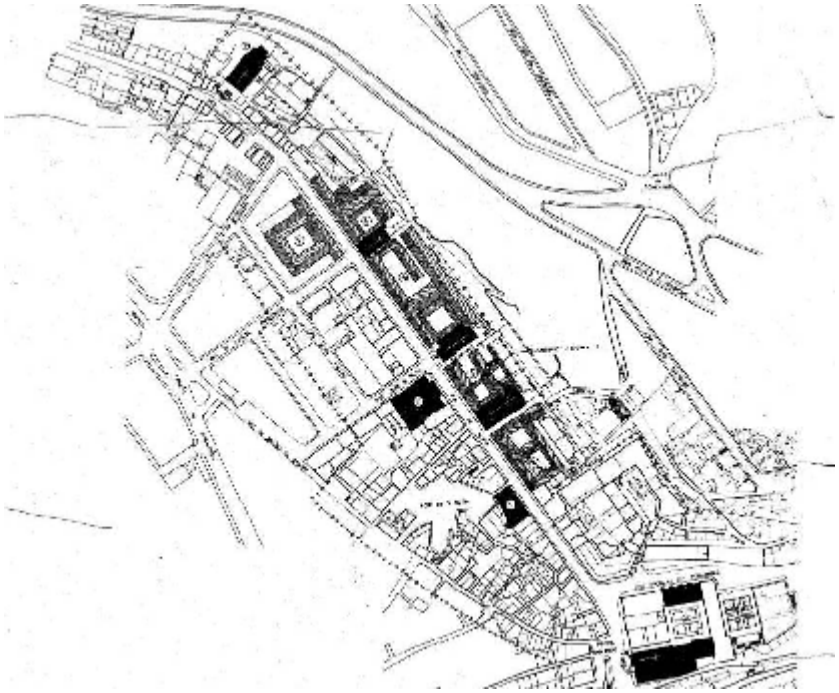


Fig. 1. Planta com os limites da ZEP da Rua da Sofia (DGEMN)

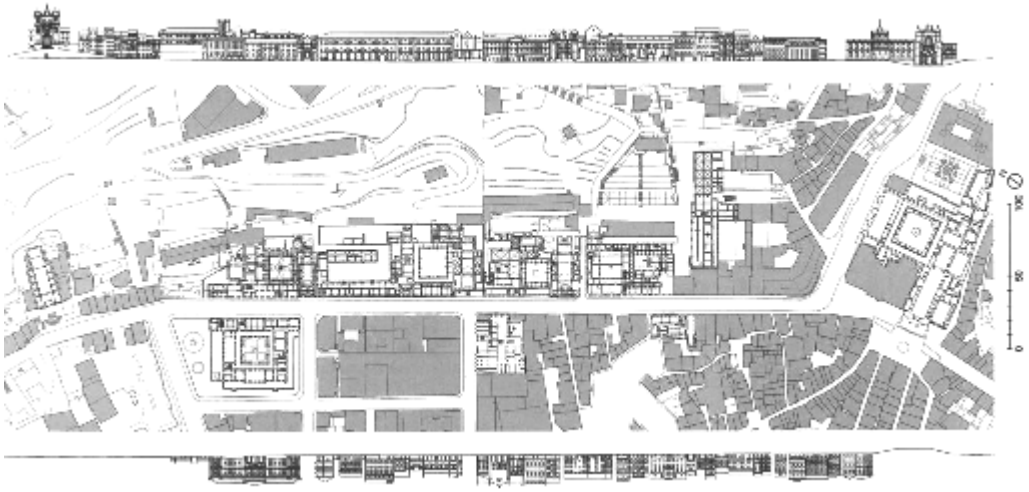


Fig. 2. Planta da Rua da Sofia e respectivos alçados (Câmara Municipal de Coimbra)

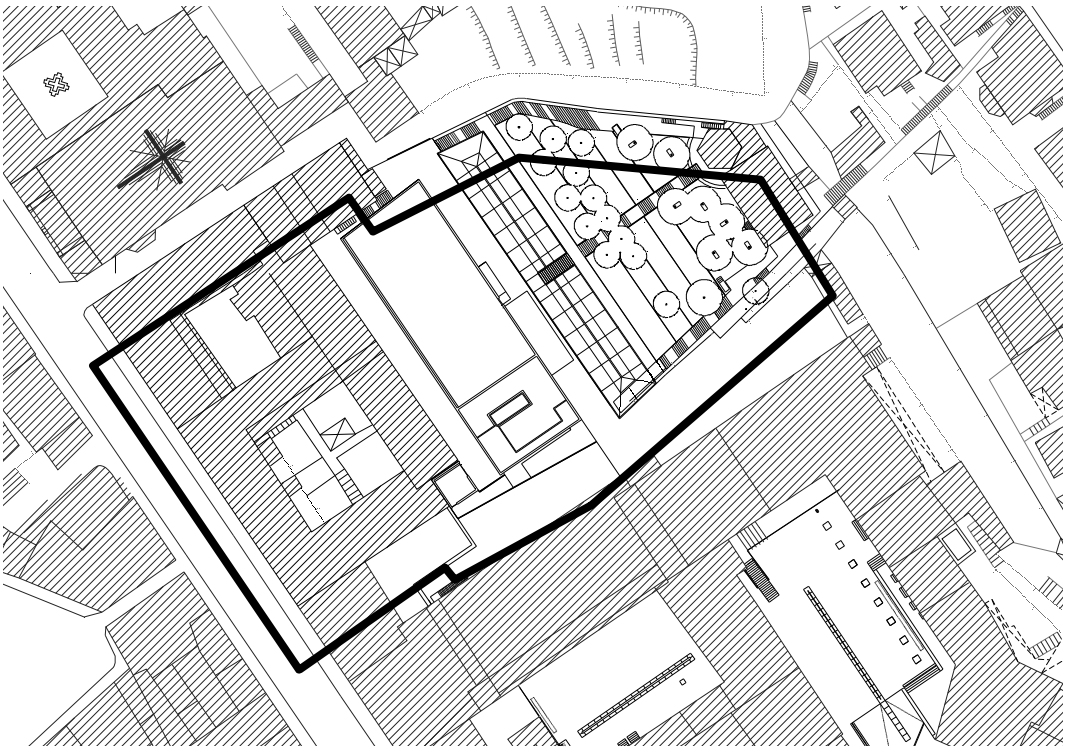


Fig. 3. Planta de implantação do Colégio de Espírito Santo e respectiva cerca (CMC)

Fig. 4. Alçado principal do Colégio do Espírito Santo (CMC)

Fig. 5. Corte longitudinal pela cerca de S. Bernardo e Claustro do Colégio do Espírito Santo (CMC)

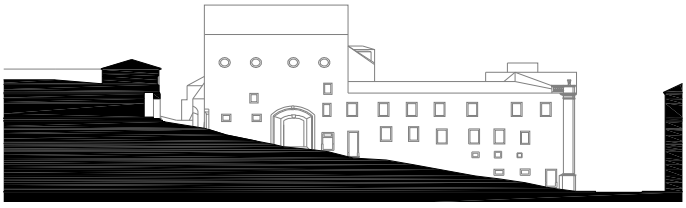


Fig. 6. Alçado lateral do Colégio do Espírito Santo (CMC)

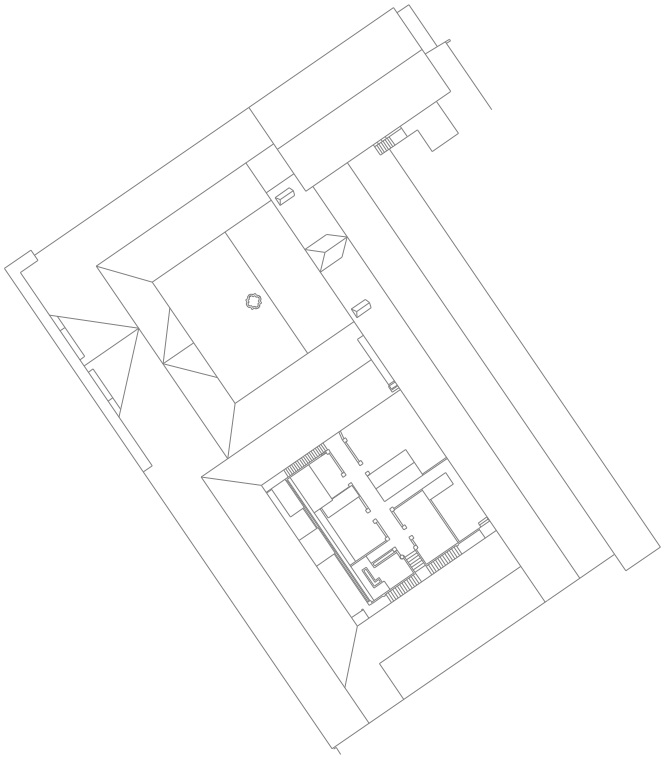


Fig. 7. Planta de Cobertura do Colégio do Espírito Santo (CMC)

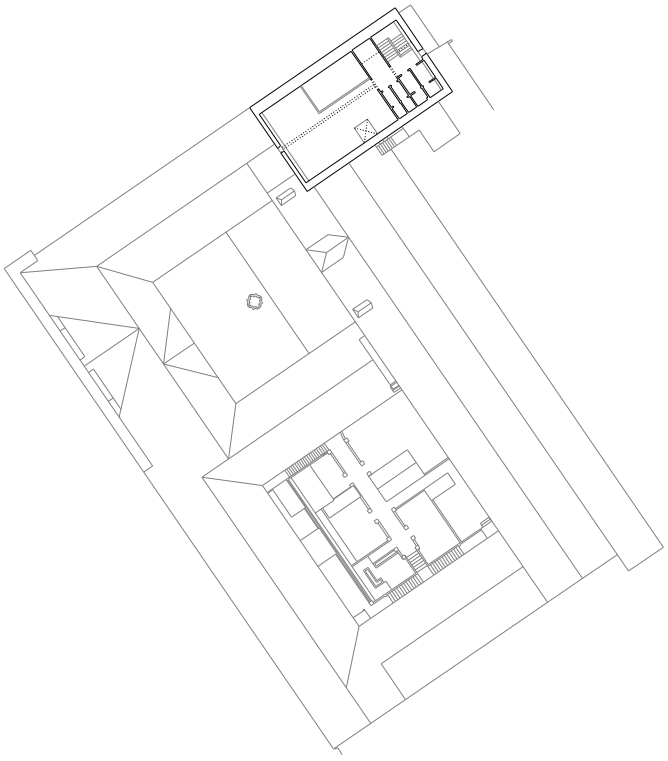


Fig. 8. Planta do piso 5 do Colégio do Espírito Santo (CMC)

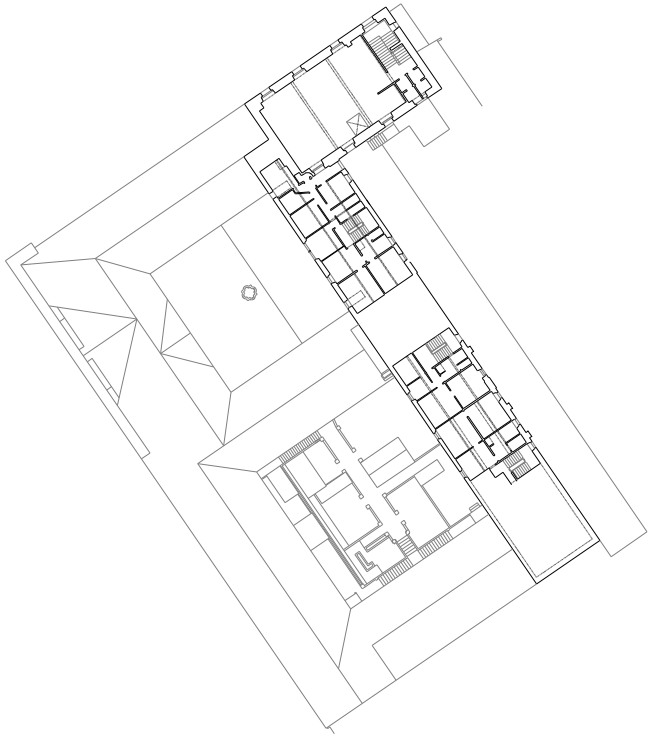


Fig. 9. Planta do piso 4 do Colégio do Espírito Santo (CMC)

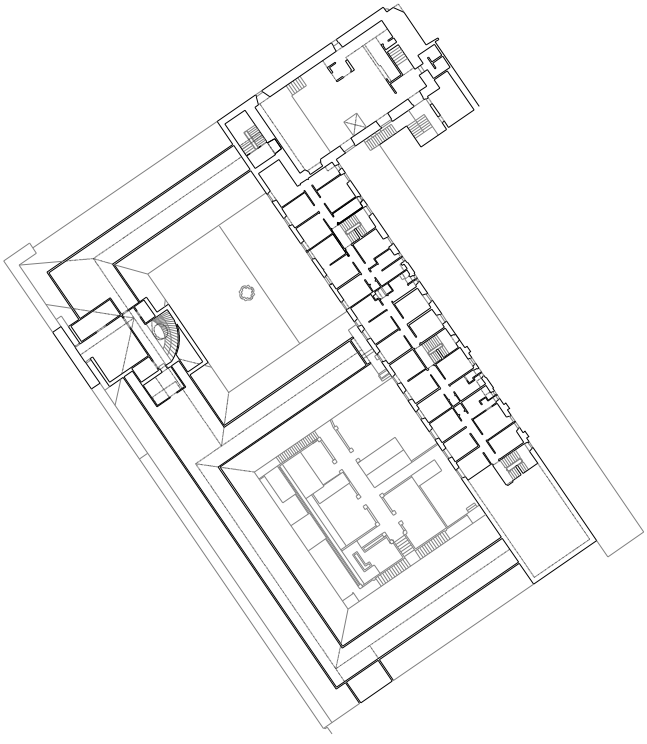


Fig. 10. Planta do piso 3 do Colégio do Espírito Santo (CMC)

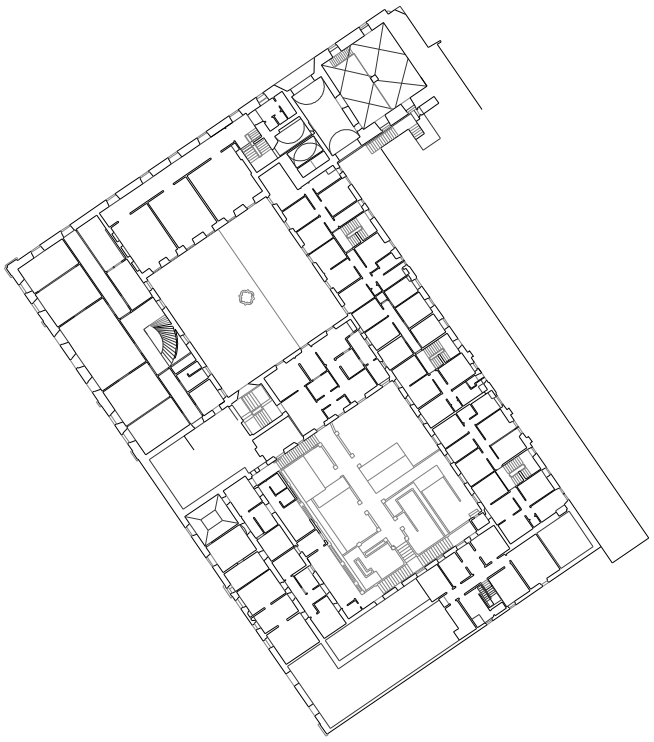


Fig. 11. Planta do piso 2 do Colégio do Espírito Santo (CMC)

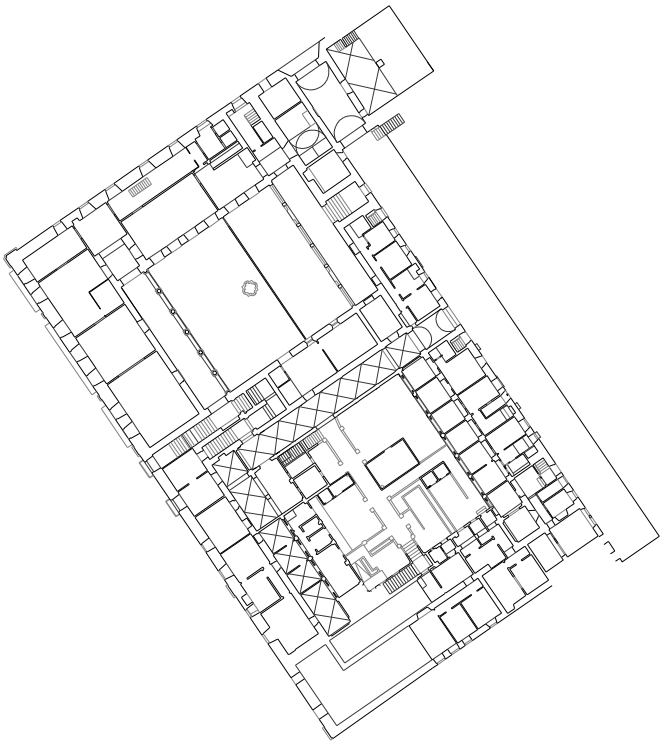


Fig. 12. Planta do piso 1 do Colégio do Espírito Santo (CMC)

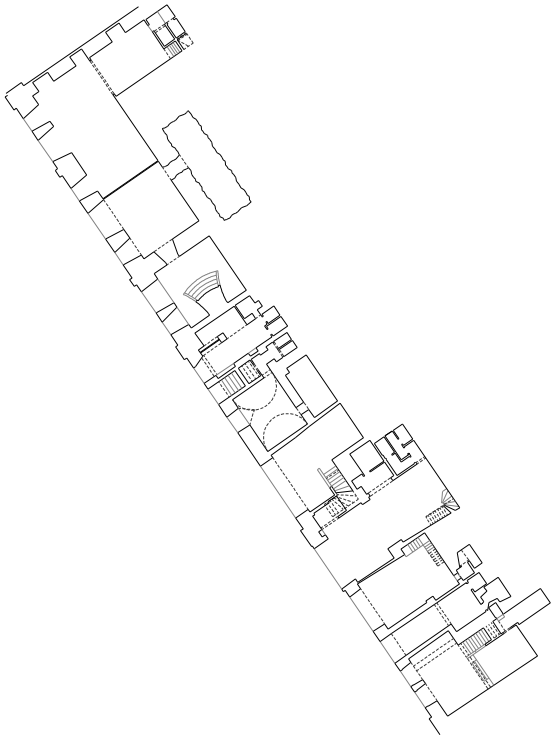


Fig. 13. Planta do piso 0 do Colégio do Espírito Santo (CMC)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig.14.Mosteiro inserido na malha urbana,2004(autora)

Fig.15. Rua da Sofia e edifício monástico, 2004(autora)

Fig.16.Edificio monástico na Rua da Sofia, 2009(autora)

Fig. 17. Acesso, 2009 (autora)

Fig. 18. Acesso, 2004 (autora)

Fig.19.Edifício monástico, acesso lateral, 1998 (DGEMN)

Fig. 20. Edifício monástico, 1998 (DGEMN)

Fig. 21. Guarda da cobertura, 1998 (DGEMN)

Fig. 22. Edifício monástico, 2004 (autora)

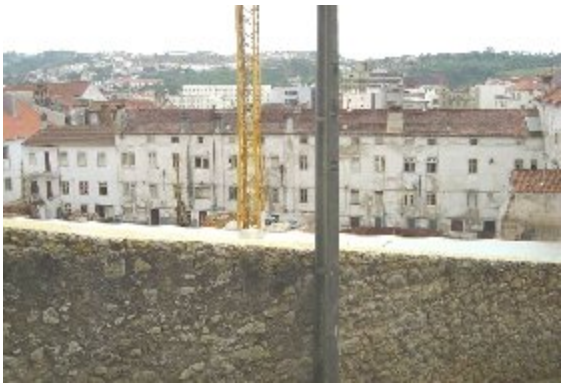


Fig. 23. Edifício monástico e cerca, 2004 (autora)

Fig. 24. Edifício monástico e cerca, 2004 (autora)

Fig. 25. Edificio monástico e intervenção na cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 26. Cerca de clausura, 2004 (autora)

Fig. 27. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 28. Edifício inserido na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 29. Intervenção paisagística na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 30. Óculos da Igreja, 2004 (autora)

Fig. 31. Volume da Igreja, 2004 (autora)

Fig. 32. Obras no interior da Cerca para a construção do teatro da Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 33. Pasagem sob a Igreja, 2004 (autora)

Fig. 34. Ligação da Cerca de s. Bernardo ao Pátio da Inquisição, 2004 (autora)

Fig. 35. Acesso à Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 36. Acesso, 2004 (autora)

Fig. 37. Acesso, 2004 (autora)

Fig. 38. Acesso, detalhe, 2004 (autora)

Fig. 39. Acesso, detalhe, 2004 (autora)

Fig. 40. Acesso, detalhe, 2004 (autora)

Fig. 41. Acesso, detalhe, 2004 (autora)

Fig. 42. Planta, 2004 (autora)

Fig. 43. Intervenção paisagística na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 44. Edifício monástico e intervenção paisagística na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 45. Edifício monástico e intervenção paisagística na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 46. Edifício monástico e intervenção paisagística na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

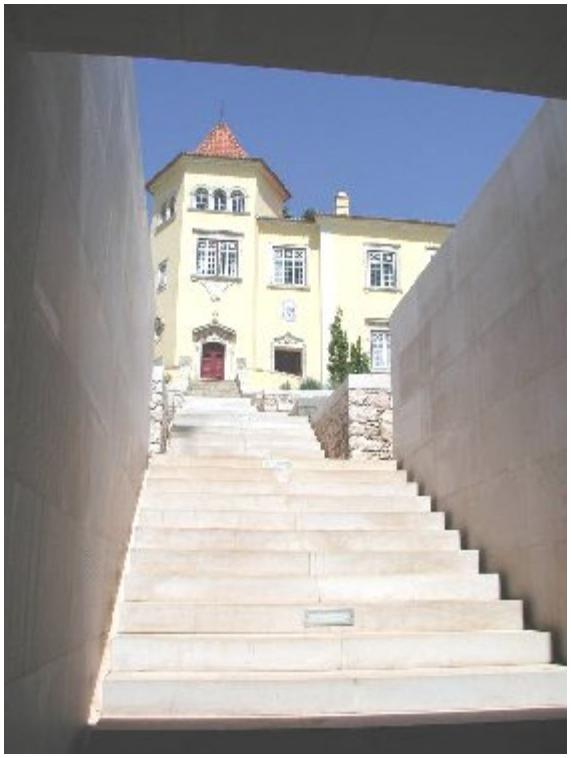


Fig. 47. Intervenção paisagística na Cerca de S. Bernardo, 2004 (autora)

Fig. 48. Acesso de serviço ao Teatro, 2009 (autora)

Fig.49.Cabeceira da igreja,cerca e teatro,2009(autora)

Fig. 50. Edificado monástico, 2004 (autora)

Fig. 51. Edificado monástico e teatro, 2009 (autora)

Fig. 52. Placa identificativa do Teatro da Cerca de S. Bernardo na lateral do edifício, 2009 (autora)

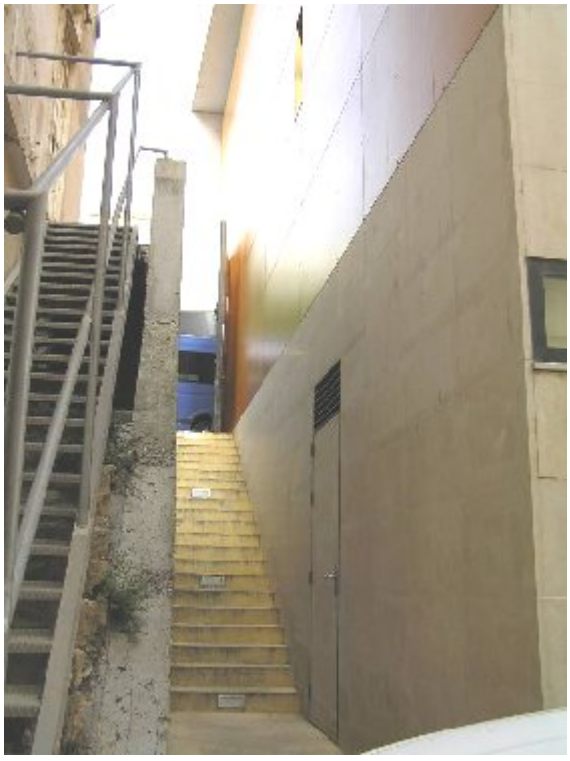


Fig. 53. Teatro: acesso exterior secundário, 2009 (autora

Fig. 54. Acesso, 2009 (autora)

Fig. 55. Acesso ao teatro, 2009 (autora)

Fig. 56. Acesso, 2009 (autora)

Fig. 57. Teatro da Cerca de S. Bernardo, 2009 (autora)

Fig. 58.Intervenção paisagística e Teatro, 2009 (autora)

Fig. 59.Intervenção paisagística e Teatro, 2009 (autora)

Fig. 60.Intervenção paisagística e Teatro, 2009 (autora)

Fig. 61. Teatro, 2009 (autora)

Fig. 62. Acesso, 2009 (autora)

Fig. 63. Entrada de Serviço, 2009 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 64. Claustro com vestígios dos arcos claustrais, 2004 (autora)

Fig. 65. Claustro com vestígios dos arcos claustrais, 2004 (autora)

Fig. 66. Claustro com vestígios dos arcos claustrais, 2004 (autora)

Fig. 67. Claustro, 2009 (autora)

Fig. 68. Claustro com vestígios dos arcos claustrais, 2009 (autora)

Fig. 69. Claustro, 2009 (autora)

Fig. 70. Claustro, detalhe de porta, 2004 (autora)

Fig. 71. Claustro, 2009 (autora)

Fig. 72. Edifício monástico, 2009 (autora)

Fig. 73. Edifício monástico, detalhe, 2009 (autora)

Fig. 74. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 75. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 76. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 77. Edifício monástico, 2004 (autora)

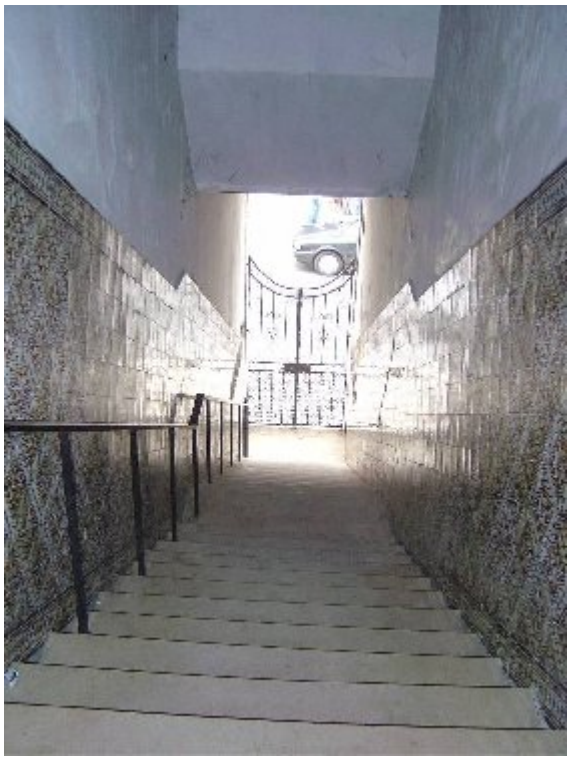


Fig. 78. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 79. Edifício monástico, 2004 (autora)

Fig. 80. Edifício monástico, 2009 (autora)

Fig. 81. Edifício monástico, 2009 (autora)

Fig. 82. Edifício monástico, vitral neogótico do séc. XIX, 2009 (autora)

Fig. 83. Edifício monástico, vitral neogótico do séc. XIX, 2009 (autora)

Fig. 84. Edifício monástico, azulejos do séc. XVIII, 2009 (autora)

Fig. 85. Edifício monástico, azulejos do séc. XVIII, 2009 (autora)

Fig. 86. Edifício monástico, vitral neogótico do séc. XIX, 2009 (autora)

Fig. 87. Claustro norte (DGEMN)

Fig. 88. Acesso ao claustro norte (DGEMN)

Fig. 89. Claustro norte (DGEMN)

Fig. 90. Claustro norte (DGEMN)

Fig. 91. Azulejos do claustro norte (DGEMN)

Fig. 92.Claustro norte (DGEMN)

Fig. 93. Edifício monástico, com intervenção do séc. XIX, 2009 (autora)

Fig. 94. Edifício monástico, com intervenção neogótica do séc. XIX, 2009 (autora)

Fig. 95. Edifício monástico (DGEMN)

Fig. 96. Edifício monástico, com intervenção neogótica do séc. XIX, 2009 (autora)

Fig. 97. Edifício monástico, intervenção do séc. XX (DGEMN)

Fig. 98. Edifício monástico, intervenção do séc. XX (DGEMN)

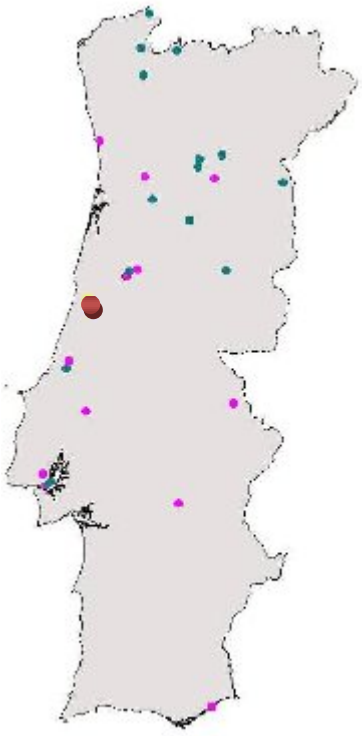
Fig. 99. Edifício monástico (DGEMN)

Fig. 100. Edifício monástico, intervenção do séc. XX (DGEMN)

Fig. 101. Edifício monástico (DGEMN)

Fig. 102. Edifício monástico (DGEMN)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia arquivo DGEMN / IHRU

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Seiça
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Santa Maria de Ceiça **I** Mosteiro de Seiça **I** Mosteiro de Ceiça
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Mosteiro de Santa Maria de Ceiça *I* Mosteiro de Seiça
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT020605090024
1.5. IPPAR – Designação: Mosteiro de Santa Maria de Seiça
1.6. IPPAR – nº de identificação: 402
1.7. Fundação *I* Filiação: Filiação, 1195
Claraval - Alcobaça - Seiça
1.8. Diocese: Coimbra
1.9. Construção: Séc. XII / XVIII
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Beira Litoral
2.2. Distrito: Coimbra
2.3. Concelho: Figueira da Foz
2.4. Freguesia: Paião
2.5. Direcção Postal:
Ribeira de Seiça; s/n

3. ACESSIBILIDADES

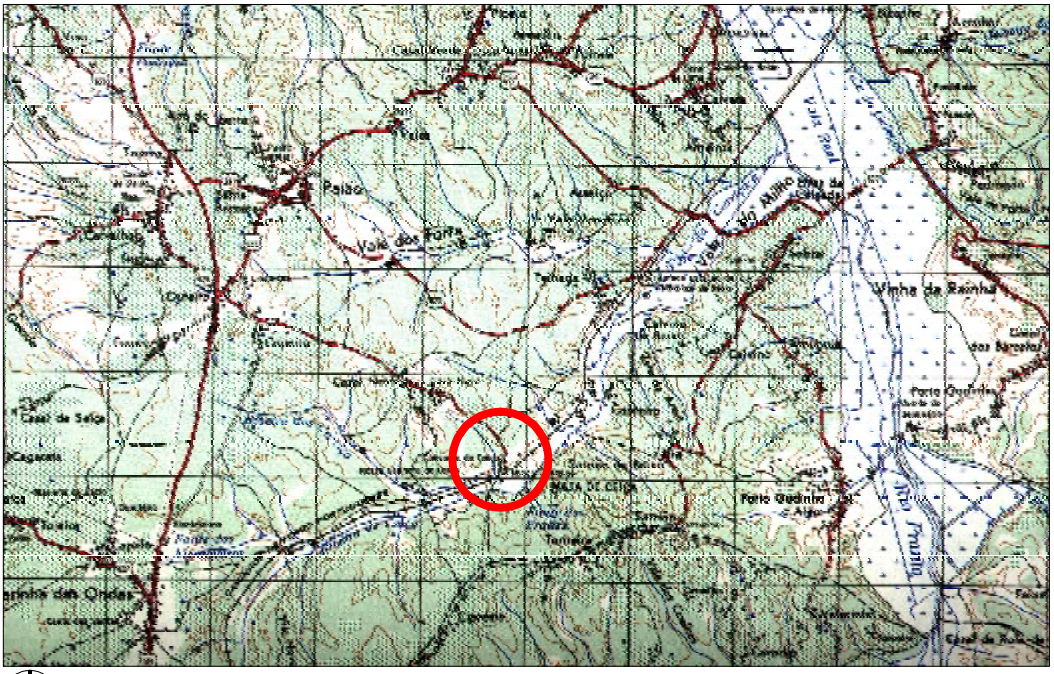
3.1. Acessos:
Do Porto – A1 (saída em Coimbra) – N 111 (direcção a Montemor-o-velho) – IP 3 (em direcção à Figueira da Foz) – IC 1 – N 109 (até Outeiro) – 1071 (passando por Copeiro e Casal Novo) até Ribeira de Seiça.

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Regular
3.3. Visita:
Não visitável
3.4. Condicionantes de visita: n/a
3.5. Contactos: Câmara Municipal da Figueira da Foz **I** Avenida Saraiva de Carvalho **I** 3080-501 FIGUEIRA DA FOZ **I** tel. +351 233 40 33 00 **I** fax. +351 233 40 33 10 **I** http://www.cm-figfoz.pt

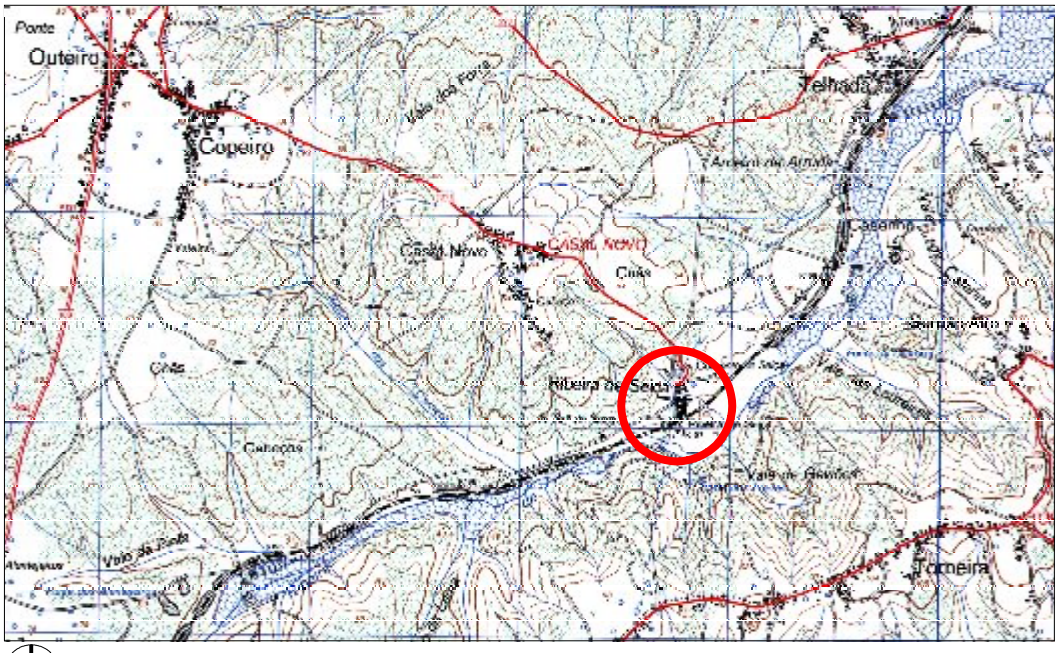
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº19-III FIGUEIRA DA FOZ (1968)



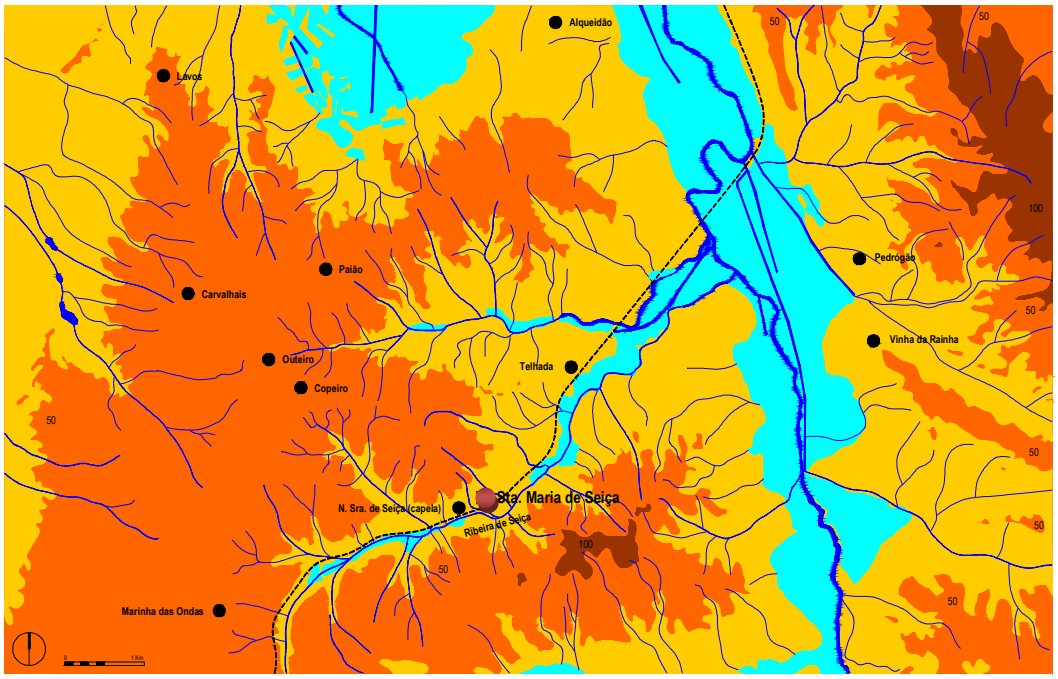
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº 249 MARINHA DAS ONDAS (1983)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planície

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 40º 2' 45'' N **I** Longitude: 8º 46' 53''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 144667 **I** Y: 342131

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: ERFOTO 98**I** rolo nº: 19 **I** fotografia nº 7555

(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

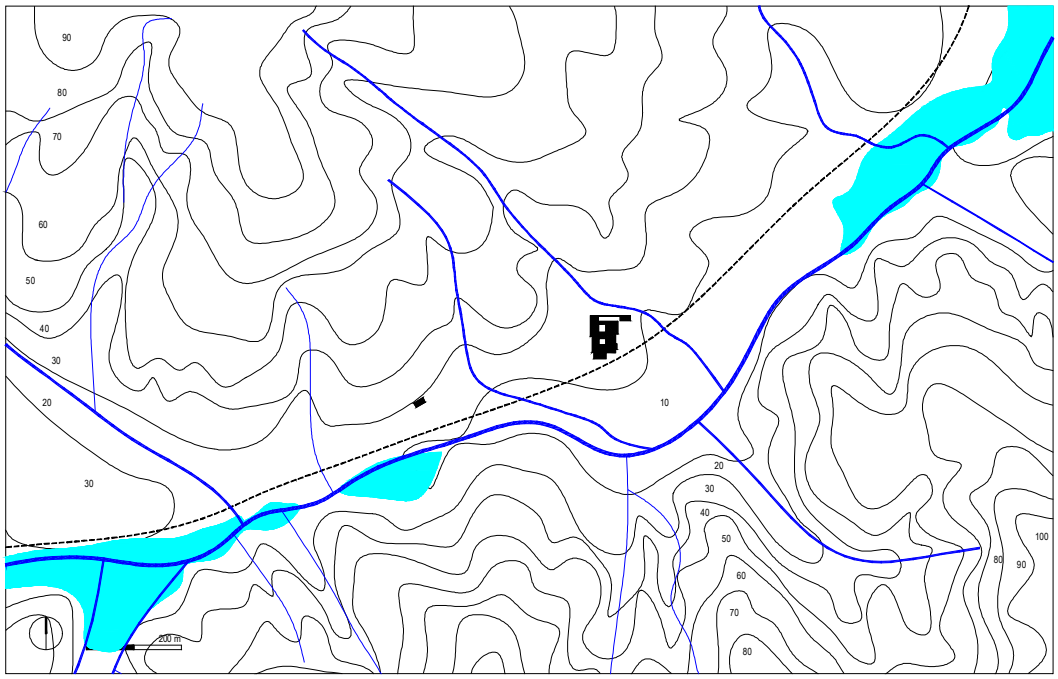
4.8. Envolvente: Rural
4.9. Altitude: 20 m
4.10.Proximidades e relações: Louriçal **I** Zona balnear da Figueira da Foz **I** Tentúgal **I** Montemor-o-velho
4.11 Obs.: encontra-se isolado e numa posição de destaque junto à linha de caminho-de-ferro.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado
5.2. Afectação / Ocupação: pertence à Câmara Municipal da Figueira da Foz

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Barroco
6.3. Estilos paralelos: Maneirista
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

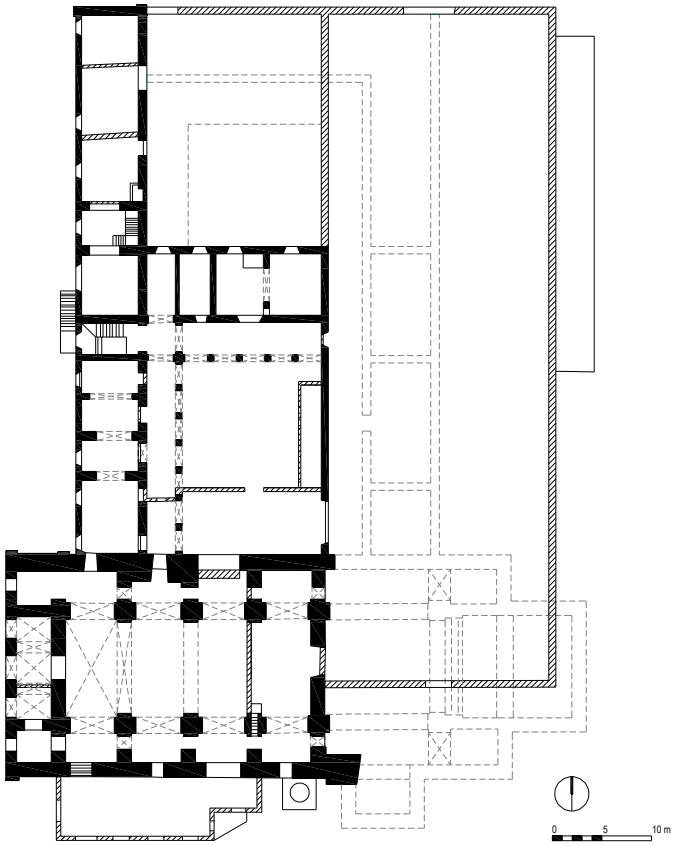
6.5. Descrição do exterior: "Inicialmente a igreja seguia o tipo beneditino de nave única de 4 tramos para a qual abriam capelas laterais intercomunicantes e coro-alto ocupando o 1º tramo; possuia transepto

inscrito, capelas laterais abrindo para a nave e intercomunicantes, capela-mor saliente e cúpula sobre o cruzeiro. O transepto, a cúpula sobre o cruzeiro e a capela-mor ruíram; nos restos da nave esteve instalada uma fábrica de descasque de arroz, já desactivada, cujo telhado salvou o 2º tramo da abóbada da nave. Apesar da destruição da cabeceira para passagem de linha férrea e desvirtuação do espaço original pela implantação daquela fábrica, esta concede-lhe uma mais-valia patrimonial no âmbito da arqueologia industrial, constituindo um duplo desafio em termos de tipologia patrimonial e salvaguarda que se impõe. A imponente fachada de óptima traça ilusionisticamente lançada frente a uma nave muito mais baixa e curta do que seria de supor. As torres e a presença do nártex acentuam a solenidade do imóvel. Planta longitudinal composta pelo corpo da igreja, de nave única, pelo claustro e pelas dependências conventuais, adossadas a N., constituídas por corpo regular simples. Volumes articulados, sendo o corpo da nave muito mais baixo que a fachada principal; massas dispostas na vertical na igreja e na horizontal na zona conventual. Cobertura diferenciada em telhado de 2 águas na nave e dependências conventuais. A fachada principal da Igreja orientada a O., harmónica, de 3 registos no corpo central e de 4 registos nos corpos laterais formados pelas torres sineiras. Corpo central de 3 panos, delimitados por pilastras colossais, que se repetem nos ângulos das torres, rasgado inferiormente por portal de volta perfeita ladeado por outros dois cegos. O arco cego da direita foi aberto encontrando-se munido de grades e entaipado; no registo médio 3 nichos de ombreiras apilastradas e vergas arquitravadas sobrepostas de frontões de volutas e munidos no peitoril de pias; no registo superior grande vão semicircular rasgado por janelão rectangular central, de duplo batente, ladeado por pilastras no prolongamento das inferiores, e por 2 janelões em 1/4 de círculo; remate em entablamento que se prolonga pelas faces das torres. Estas são rasgadas inferiormente por janelas rectangulares dispostas na horizontal repetidas no terceiro registo; entre elas janelão rectangular vertical; todas as janelas têm molduras de cantaria e colocam-se simétricas relativamente aos vãos do corpo central; no quarto registo os corpos das sineiras, abertos nas 4 faces por vãos de volta perfeita, sobrepostas de corpo de menor superfície rasgados igualmente nas 4 faces por vãos semelhantes; remate em domos bolbosos. Toda a fachada possui embasamento saliente ressalvando as bases das pilastras e cunhais que são rematados ao nível das torres por fogaréus. Fachada N. de pano único e dois registos, definidos pela linha de implantação da fenestração: inferiormente 2 portas e 1 janela; superiormente 3 janelas sendo mainelada a que se encosta à torre. Fachada S. tendo adossada construção, que albergava diversa maquinaria e fosso de manutenção e despejos, com

alta chaminé tudo em tijolo. Fachada E. constituída pelo antigo arco triunfal, agora fechado por muro, contido entre as pilastras do arco de volta perfeita, rasgado irregularmente por 2 janelas uma de moldura de cantaria; inferiormente adossa-se construção de cantaria." (DGEMN; Processo IPA PT020605090024: Mosteiro de Santa Maria de Ceiça / Mosteiro de Seiça, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: "Interior: nave de 4 tramos antecedida por nartex de 3 tramos com cobertura em abóbada de aresta; na nave a estrutura da abóbada conserva-se apenas no segundo tramo em abóbada de canhão de tijolo sendo os torais de cantaria; paramentos de dois registos defenidos o inferior pelos vestígios das capelas laterais, o superior pela fenestração. Dependências monásticas: fachada de dois registos, no inferior 3 portas uma das quais com moldura de cantaria e verga arquitravada munida de frontão triangular, e a porta central colocada a um nível superior com acesso por escadaria; superiormente 6 janelas, uma de sacada com varandim de ferro e as restantes mais estreitas, de duplo batente e avental. Claustro: conservam-se as alas E. e N. de dois registos, o térreo de arcaria de volta perfeita, o superior de colunas dóricas suportando entablamento."(DGEMN; Processo IPA PT020605090024: Mosteiro de Santa Maria de Ceiça / Mosteiro de Seiça, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial
6.9. Igreja – cabeceira: rectangular (conjectural)
6.10. Claustros existentes – nº: nenhum
6.11. Claustros existentes – forma: n/a
6.12. Materiais: Paredes autoportantes **I** estrutura autónoma **I** Pedra, tijolo, ferro, madeira, vidro, telha
6.13. Arquitecto(s) / constructor(es): Mateus Rodrigues (construtor)
6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Devoluto
7.3. Cronologia de usos:
Séc. XII – XIX: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
Séc. XX: Industrial (Fábrica de Descasque de Arroz – a igreja albergou uma unidade industrial de descasque de arroz que se encontrava em funcionamento até 1970)
Séc. XX: Residencial (Enquanto possuiu uso industrial as dependências do claustro funcionavam como habitação)
Séc. XX: Agro-pecuário (claustro ocupado com a criação de patos e gansos)
Séc. XXI: Devoluto

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia:
1162 - data da referência mais antiga ao mosteiro quando o seu abade D. Martinho se encontra presente à outorga da carta de isenção dos direitos episcopais dada aos crúzios pelo Bispo D. Miguel Salomão
1175 - carta de couto dada por D. Afonso Henriques ao Mosteiro na pessoa do abade D. Paio Viegas
1195 - D. Sancho I filia o Mosteiro de Ceiça no de Alcobaça
séc. XVI - em virtude dos problemas constantes com Alcobaça o mosteiro de Seiça é suprimido por D. João III e os rendimentos são aplicados às Ordens de Avis e de Cristo
1560 - D. Sebastião restitui o Mosteiro de Seiça a Alcobaça
séc. XVIII - reforma do mosteiro conferindo-lhe a feição actual

1834 - as talhas e os retábulos pétreos são removidos e dispersos por várias igrejas. Ainda se podem encontrar vestígios dos mesmos em várias igrejas e locais do concelho
1895 - mosteiro vendido a privados
2000 (24 Julho) - assinado contrato de promessa de compra e venda do mosteiro pela Câmara Municipal da Figueira da Foz, por cerca de 45 mil contos
2000 - elaboração da inventariação mais necessária para intervenção imediata pretendendo-se executar em seguida uma intervenção de fundo

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 27 de Novembro a 01 de Dezembro de 1532

8.3. Obs.: * Cfr. DGEMN; Processo IPA PT020605090024: Mosteiro de Santa Maria de Ceiça *I* Mosteiro de Seiça, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Imóvel de Interesse Público (IIP)
9.2. Documentos legais:
Despacho de 10 de Agosto de 1998 (IIP)

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: mau
10.2. Autenticidade: muito adulterado
10.3. Integridade: n/a
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: limpeza
11.2. Cronologia das intervenções:
Câmara Municipal da Figueira da Foz:
2004 - Remoção de escombros do interior da igreja
11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)
11.4. Entidades: DGEMN

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Estudo do programa funcional e avaliação das potencialidades de valorização
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo do enquadramento urbano e paisagístico com criação de regras de disciplina urbanística
- Estudo para criação de espaço explicativo que inclua sinalética interpretativa do monumento.
- Colocação de sinalização rodoviária (monumento)
- Estudo diagnóstico de patologias com propostas de actuação
- Proceder à urgente consolidação provisória das partes que ameaçam colapso

11.6. Obs.:

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

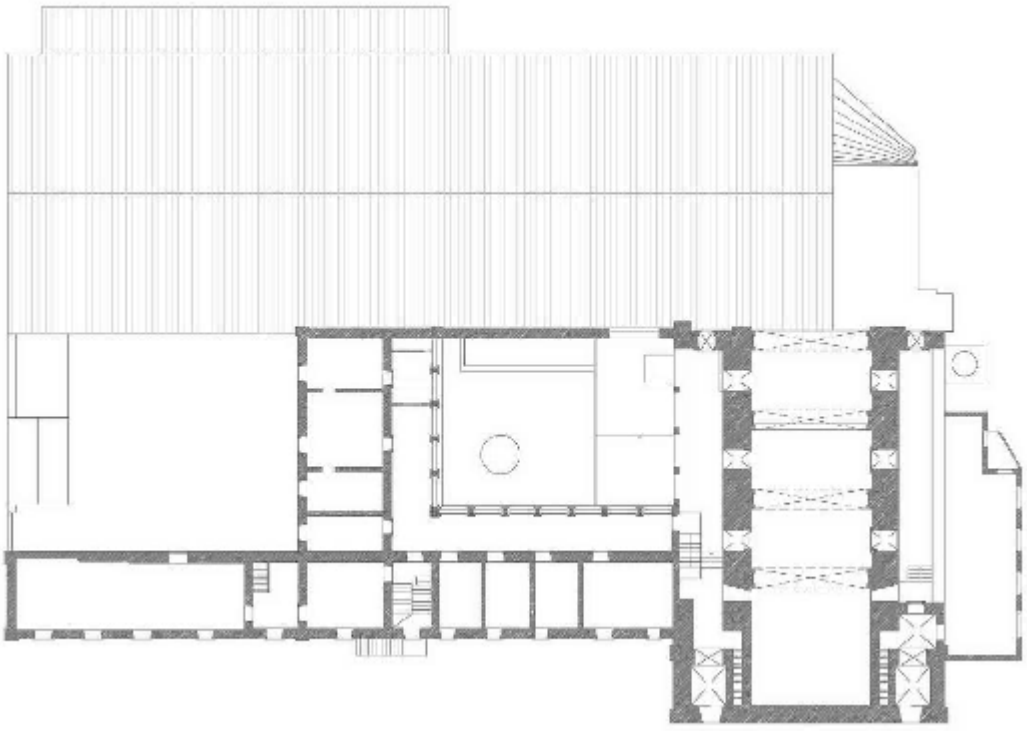


Fig. 1. Planta do Piso 2, 2004 (DGEMN)

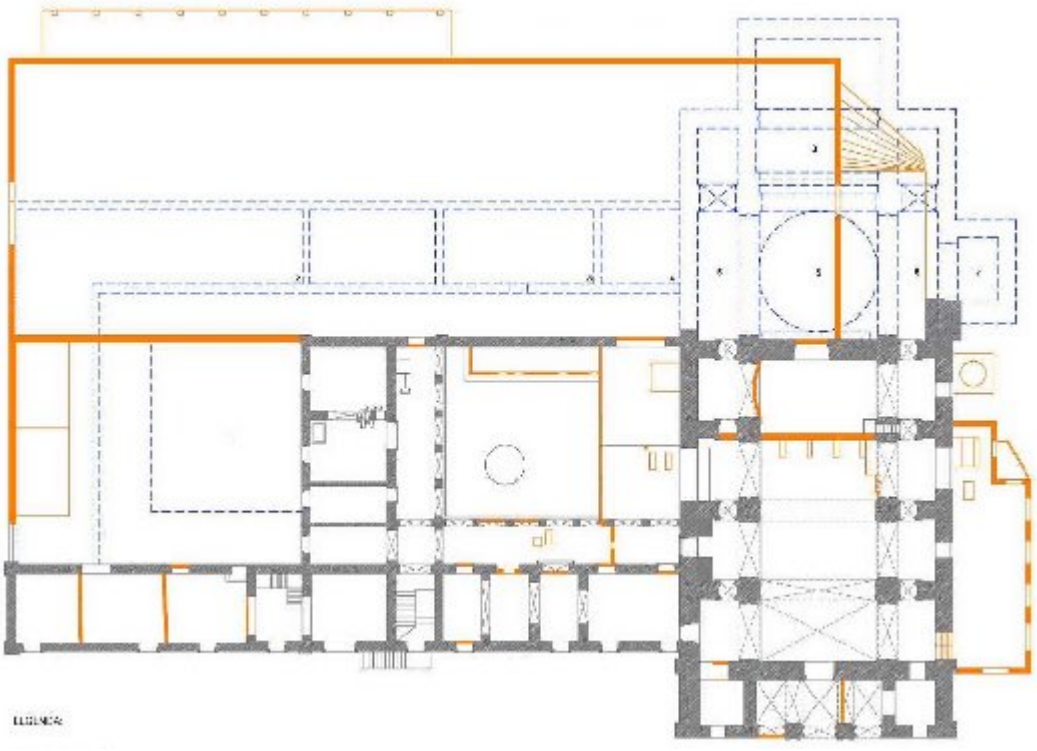


Fig. 2. Planta do Piso 1: planta primitiva e com as intervenções realizadas para a instalação da fábrica de secagem de arroz, 2004 (DGEMN)

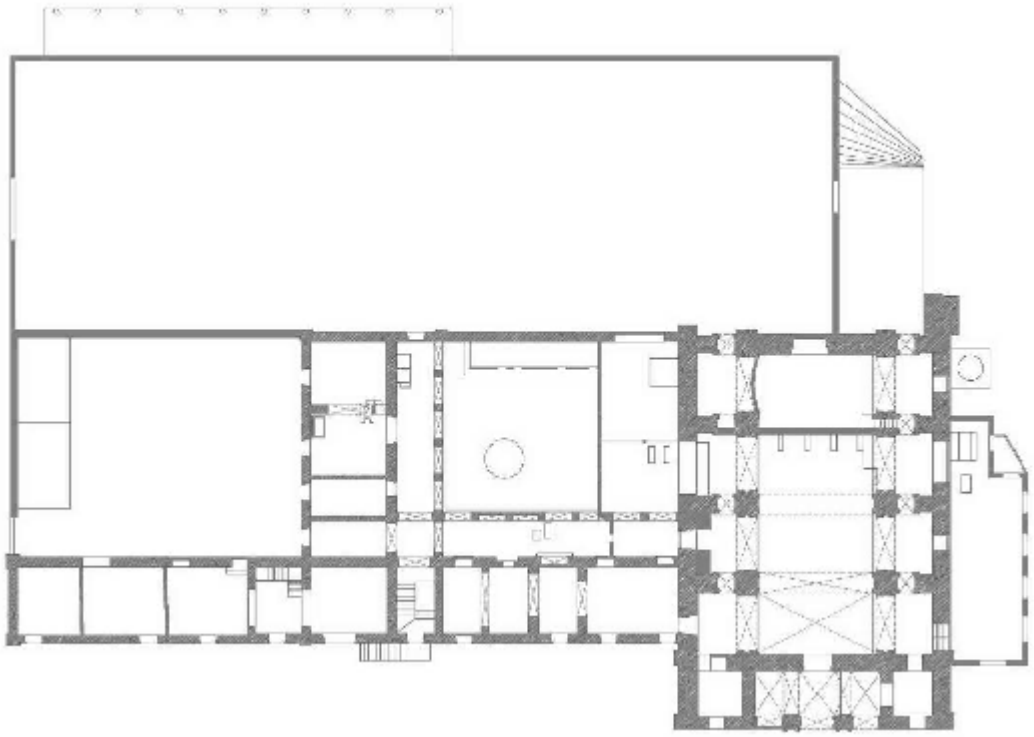


Fig. 3. Planta do Piso 1, 2004 (DGEMN)

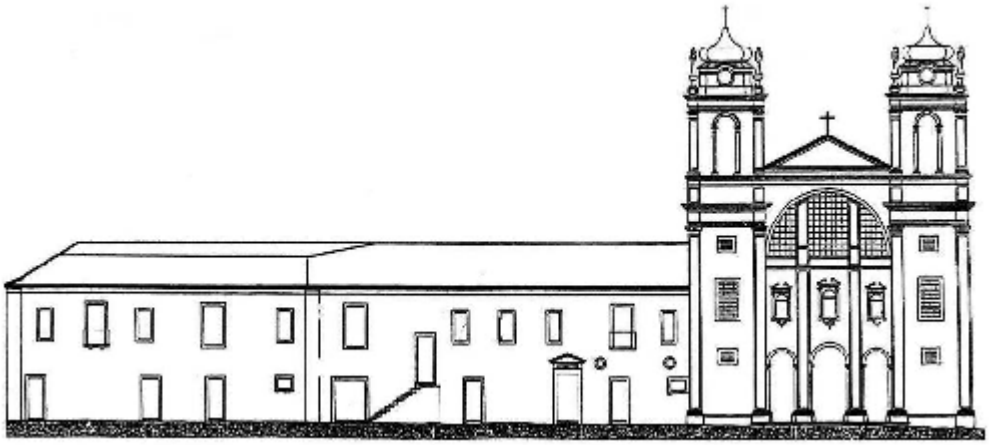


Fig. 4. Alçado principal (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 5. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 6. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 7. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 8. Edificado monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 9. Igreja e linha de caminho de ferro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 10. Acesso ao Mosteiro e Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 11. Cabeceira da Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 12. Cabeceira da Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 13. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 14. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 15. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 16. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 18. Vestígios de utilização industrial, fins do séc. XX (DGEMN)

Fig. 17. Edifício industrial, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 19. Vestígios de utilização industrial, fins do séc. XX (DGEMN)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 20. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 21. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 22. Igreja, nave colateral, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 23. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 24. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 25. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 26. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 27. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 28. Igreja: capela-mor e púlpito, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 29. Igreja, detalhe, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 30. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 31. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 32. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 33. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

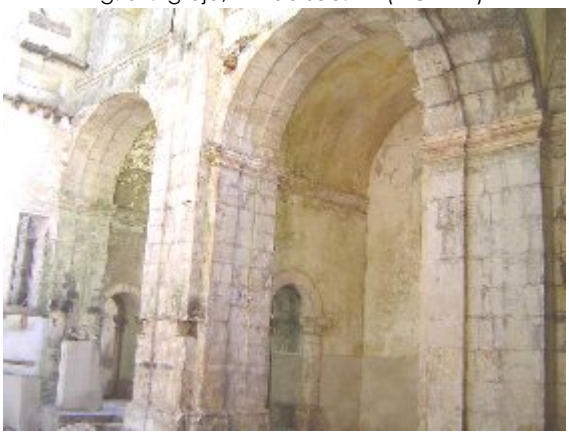


Fig. 34. Igreja, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 35. Alçado principal (DGEMN)

Fig. 36. Igreja, púlpito, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 37. Igreja, detalhe, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 38. Igreja, detalhe, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 39. Igreja, detalhe da base do púlpito, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 40. Edifício monástico com vestígios de utilização industrial, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 41. Edifício monástico com vestígios de utilização industrial, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 42. Edifício monástico com vestígios de utilização industrial, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 43. Claustro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 44. Claustro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 45. Claustro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 46. Claustro e poço, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 47. Claustro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 48. Claustro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 49. Claustro, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 50. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 51. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 52. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 53. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 54. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 55. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

Fig. 56. Edifício monástico, fim do séc. XX (DGEMN)

A.4. Croquis:

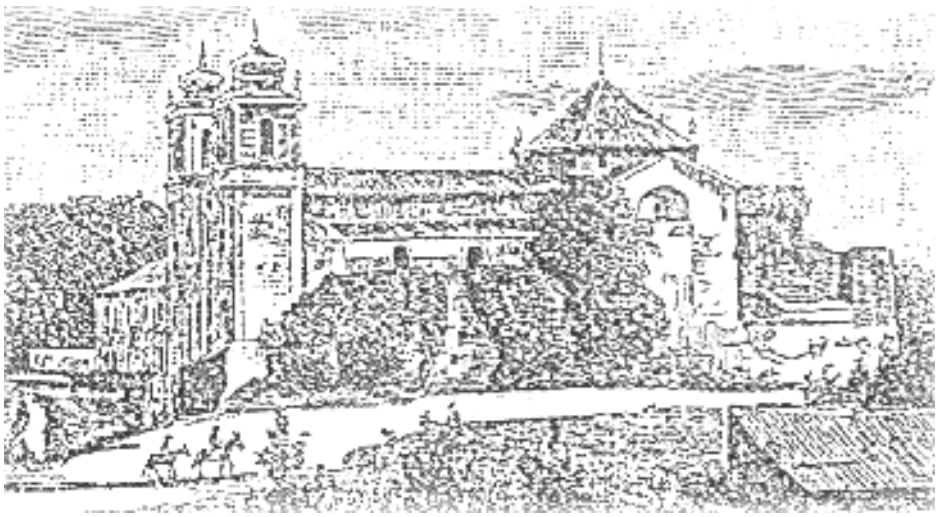
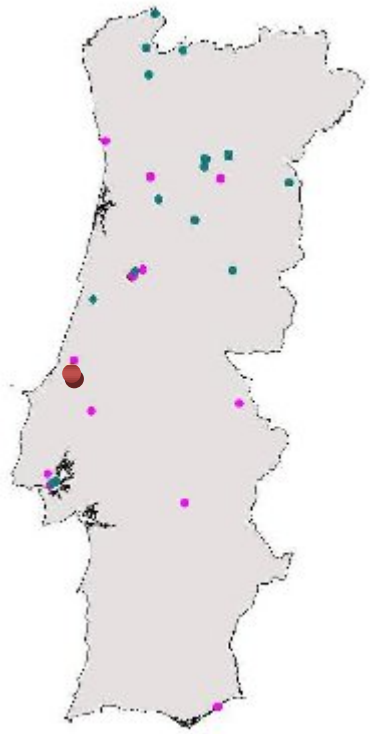


Fig. 57. Gravura representativa do antigo Mosteiro de Santa Maria de Seiça antes das intervenções que o modificaram para acolher a indústria de descasque e secagem de arroz (DGEMN)



Fotografia da autora

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça
1.2. Outras denominações: Mosteiro de Alcobaça **I** Abadia de Alcobaça
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Mosteiro de Alcobaça / Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, túmulo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT031001010001
1.5. IPPAR – Designação: Mosteiro de Alcobaça
1.6. IPPAR – nº de identificação: 3052
1.7. Fundação *I* Filiação: Fundação em 1153
Claraval - Alcobaça
1.8. Diocese: Lisboa
1.9. Construção: Séc. XII / XVIII / XX
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Estremadura
2.2. Distrito: Leiria
2.3. Concelho: Alcobaça
2.4. Freguesia: Alcobaça
2.5. Direcção Postal:
Mosteiro de Alcobaça
Apartado 516
2461-901 ALCOBAÇA

3. ACESSIBILIDADES

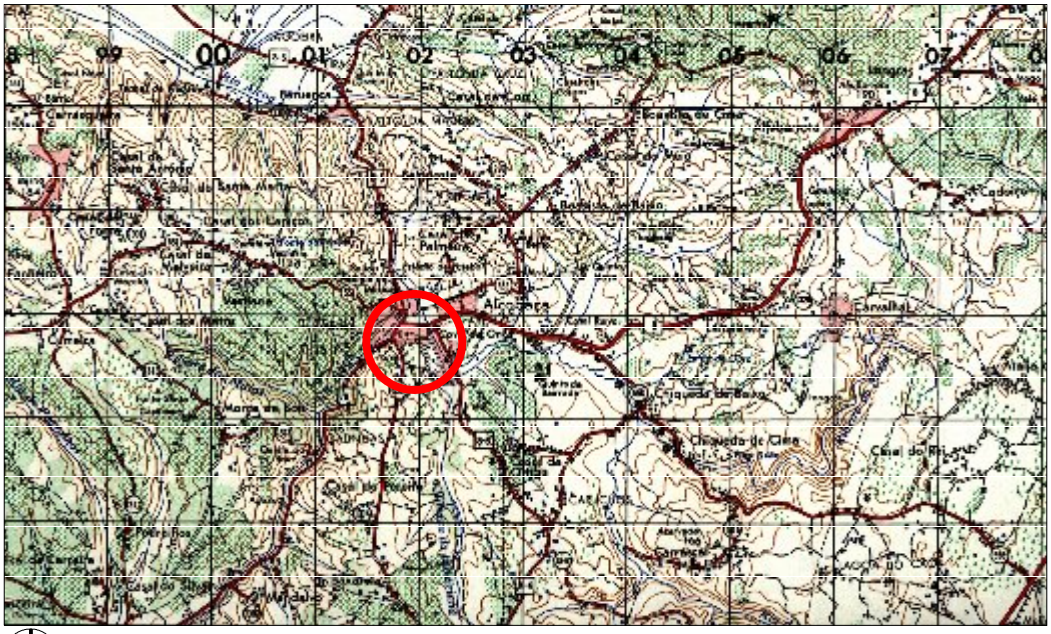
3.1. Acessos: De Norte A1 (até Leiria) –N1 – N8 até Alcobaça - Praça 25 de Abril. De Sul A8 até IC1 (saída em Valado dos Frades) – Estrada N8-4 até Alcobaça.

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

3.2. Grau de Acessibilidade: Bom
3.3. Visita: Visitável
3.4. Condicionantes de visita: Encerra no dia 01 de Janeiro, no Domingo de Páscoa, no dia 01 de Maio e no dia 25 de Dezembro. Horário de Inverno, durante os meses de Outubro a Março: 09h00m – 17h00m Horário de Verão durante os meses de Abril a Setembro: 09h00m – 19h00m
3.5. Contactos: Mosteiro de Alcobaça **I** Apartado 516 **I** 2461-901 ALCOBAÇA **I** tel. +351 262 50 51 20 **I** fax.+351 262 50 51 30 **I** email: mosteiro.alcobaca@ippar.pt **I** Câmara Municipal de Alcobaça **I** Praça João de Deus Ramos **I** 2461-501 ALCOBAÇA **I** tel. +351 262 59 75 97/06 **I** fax.+351 262 59 62 20

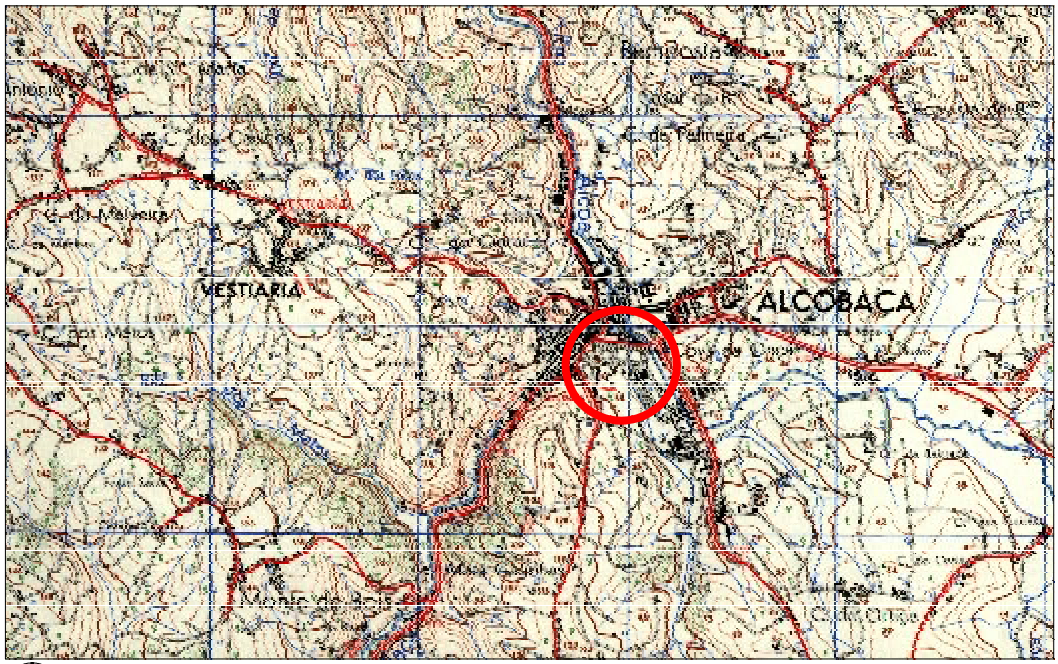
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº26-I ALCOBAÇA (1972)



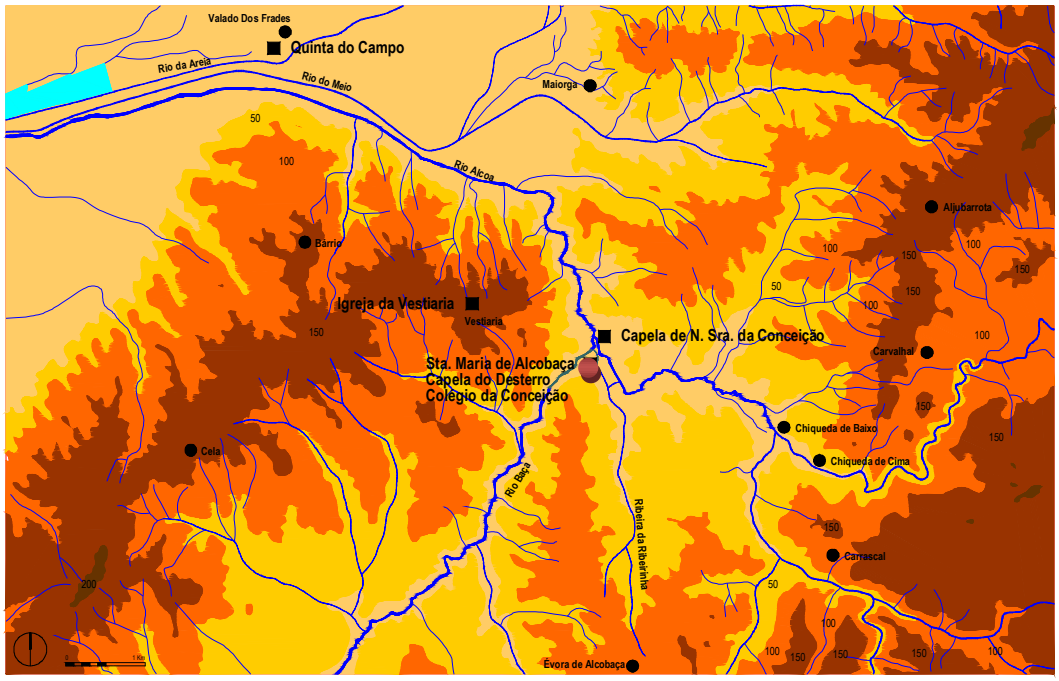
(desenho da autora sobre carta militar série M782)

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº317 ALCOBAÇA (1969)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planície

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 39º 32' 54'' N **I** Longitude: 8º 58' 46''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 127247 **I** Y: 287044

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: ERFOTO 99**I** rolo nº: 20 **I** fotografia nº 7283

(desenho da da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

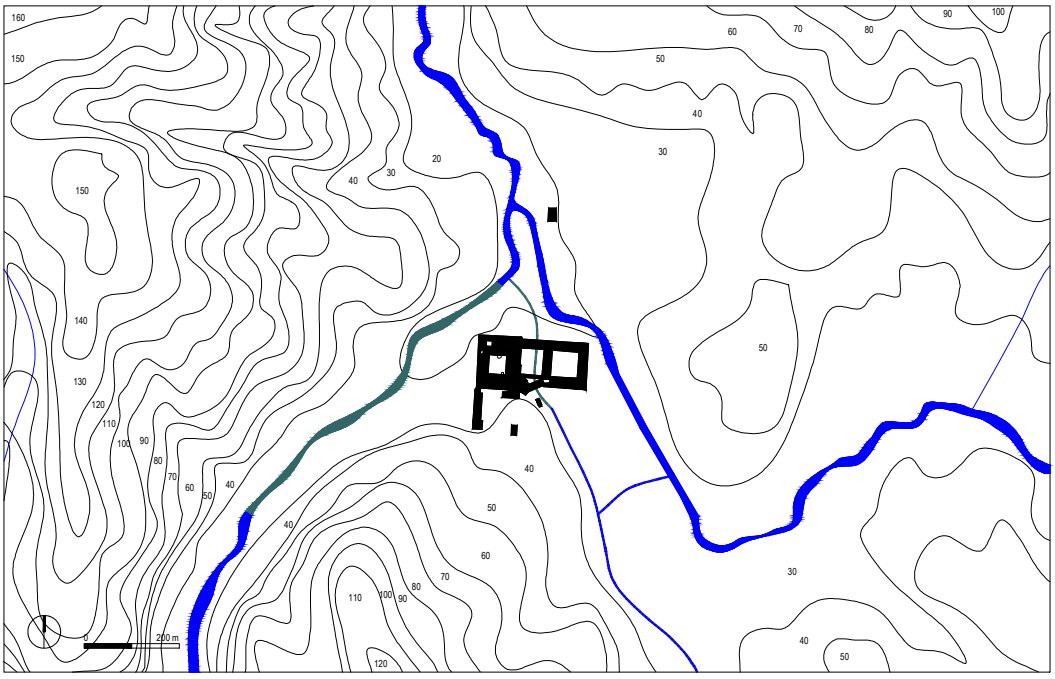
4.8. Envolvente: Urbana
4.9. Altitude: 30 m
4.10.Proximidades e relações: Alcobaça **I** Igreja da Vestiaria **I** Capela de Nossa Senhora da Conceição **I** Coutos de Alcobaça
4.11 Obs.: Edifício isolado. O adro da fachada oeste e parte da fachada norte correspondem ao antigo Rossio.

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado
5.2. Afectação / Ocupação: afecto ao IPPAR. DL 106F/92, de 01 Junho. Igreja afecta ao culto. Algumas dependências são ocupadas pela Paróquia (piso superior da Ala S. Bernardo – sul)

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Gótico
6.3. Estilos paralelos: Renascentista **I** Barroco **I** Contemporâneo
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

6.5. Descrição do exterior: "A planta da igreja e dos edifícios regulares medievais reproduz, invertida, a da abadia mãe cisterciense de Claraval II. Segundo Dom Maur Cocheril o mosteiro segue a planta-tipo cisterciense de Claraval III, e a proporção das naves, a composição dos pilares e das mísulas em que assentam as nervuras da nave central, postas a certa altura do solo para permitir o encosto dos cadeirais é, também, característica das igrejas da ordem.
Planta composta irregular, um estreito rectângulo (ala do colégio de Nossa Senhora da Conceição) justaposto aos quadriláteros das construções que envolvem os 3 grandes claustros. Exterior: "As fachadas N. e O. têm a mesma extensão, 221 m.
Na última, o frontispício da igreja, de acentuada verticalidade, conjuga-se com as massas horizontais simétricas dos longos edifícios que a ladeiam, com 5 arcadas nas extremas, de 2 andares e cobertos com telhados de 4 águas.
Na fachada N. o alinhamento e o número de andares dos corpos que se estendem a O. da sala dos monges e do dormitório medieval, com muro em talude e contrafortado, é distinto da frontaria seiscentista, que se prolonga até à fachada E., com 3 andares.
No lado S. destaca-se a fachada da biblioteca com 4 andares e um ático continuado, enquadradas por 2 corpos de 2 andares e a sacristia ligada ao deambulatório da igreja em frente da qual se abre a capela do Desterro."

A Igreja de planta longitudinal em cruz latina, orientada, com corpo de 3 naves, transepto saliente, onde se abrem 4 capelas, e cabeceira formada pela ábside, deambulatório e 9 capelas radiantes, disposição legível na massa exterior.
Fachada principal dividida em 3 panos por pilares arquitravados, com 3 andares ornados com estátuas; no 1º, mais avançado, o primitivo portal e nichos; no 2º a rosácea e janelões; sobre a cornija, frontão compósito entre torres sineiras.
Os restantes frontispícios são coroados por platibanda merloada e telhados de 2 águas e têm diferentes modinaturas; ao contrário do N. liso, o S. tem 10 contrafortes na nave e 3 no topo do transepto e a capela-mor 8 arcobotantes."
(DGEMN; Processo IPA PT031001010001: Mosteiro de Alcobaça / Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, túmulo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: "As naves, transepto e capela-mor são abobadadas com ogivas à mesma altura; as capelas radiantes com berços quebados; iluminação: 1 janela de arco quebrado nos tramos das colaterais; nos muros da cabeceira e ilhargas do transepto ordens de

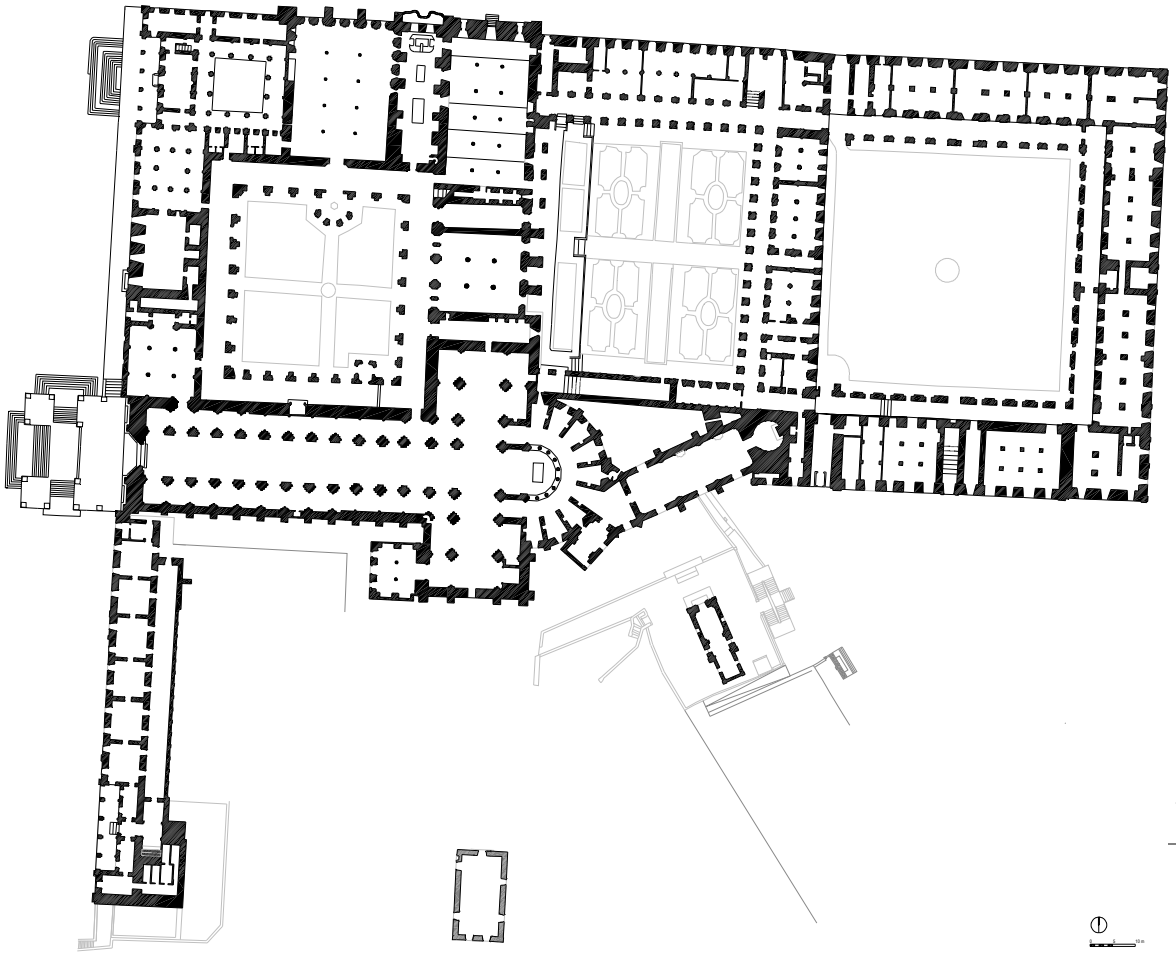
lumes sobrepostos, janelas sobre frestas, substituídas por rosáceas nas paredes dos topos do transepto.
Ao braço S. do transepto liga-se a SALA DOS TÚMULOS, construção neogótica do Séc. XVIII com 3 naves de tramos cobertos com ogivas que alberga 4 nichos com túmulos.
Adossado à cabeceira um átrio com abóbada manuelina polinervada e 2 portais, o da CAPELA DO SENHOR DOS PASSOS, réplica setecentista do da SACRISTIA NOVA, atribuído a João de Castilho.
De planta rectangular, esta sacristia tem tecto de estuque, recente, é iluminada por 3 janelas de verga rectilínias e dá acesso à CAPELA DO RELICÁRIO, de planta circular, coberta por cúpula iluminada por lanternim e revestida por talha.
CLAUSTRO DE D. DINIS - planta quadrangular, ligeiramente irregular, é uma larga construção de andares, o inferior abobadado com cruzarias de ogivas assentes em mísulas e o superior com tecto de madeira de 3 planos, cobertos com telhado de 2 águas.
As galerias, com tramos marcados por contrafortes salientes, abrem para a quadra por arcadas com colunas assentes nos parapeitos. O número e perfil dos vãos são variáveis em cada galeria; no andar superior dominam os espelhos enquanto no térreo, protegido com arcos de descarga surgem tímpanos vazados por óculos decorados com rosáceas.
Encostada ao corpo da igreja, a galeria S. apresenta 1 edícula saliente, de planta rectangular que albergava a escada de acesso ao piso superior.

A galeria E. adossa-se ao braço do transepto da igreja e ao edifício medieval dos monges, com 2 pisos, dando acesso às suas instalações abobadadas onde predominam as cruzarias de ogivas.
De S. para N. rasgam-se os arcos plenos das entradas da SACRISTIA MEDIEVAL, abobadada em berço e iluminada por uma fresta no muro E., do CAPÍTULO, enquadrado por 4 arquivoltas e ladeado por 2 pares de janelas, que dá acesso a uma sala de 3 naves marcadas por 4 colunas e iluminada a nascente por 3 janelas, do PARLATÓRIO, abobadado em aresta no tramo central e com ogivas nos outros, e da SALA DOS MONGES, composta por 3 naves de 7 tramos assentes em 5 patamares.
Entre as portas destas duas últimas, uma escada subdividida em lanços dá acesso ao DORMITÓRIO dos monges que, com 3 naves e 11 tramos, acrescidos de mais 2 no topo SE., ocupa todo o andar superior do edifício e é iluminado por 7 janelas em cada ilharga.
Na ala N. o portal do antigo calefactório, de arco pleno assente em 2 colunas, liga à COZINHA seiscentista com chaminé central assente em 8 colunas, 2 lareiras e 2 tanques de água corrente em mármore.
Segue-se o REFEITÓRIO de 3 naves com 5 tramos também abobadado com ogivas e iluminado no muro N. e nas ilhargas por fiadas de janelas,

algumas entaipadas, e conservando no muro O. a escada de acesso ao púlpito de leitura com 5 arcos inclinados assentes em colunelos.
Em frente do largo portal do refeitório ressalta sobre a quadra o LAVABO; é uma construção de planta pentagonal, com 2 andares, coberta em terraço com platibanda e reforçada por contrafortes nos ângulos, contendo um tanque de mármore oitavado.
No topo poente da galeria a porta da primitiva cozinha dá serventia ao CLAUSTRO DE D. AFONSO VI, de planta rectangular e 2 andares. Incluídas no edifício que se estende até à fachada O. assinala-se uma sala rectangular precedida por uma galeria com 5 arcos; um pequeno claustro, idêntico ao de D. Afonso VI e 2 abobadadas em aresta, a SALA DAS CONCLUSÕES, muros muito espessos, iluminada por 4 janelas na fachada O., e a SALA DOS REIS, dividida em 3 naves por pares de colunas e com mísulas contendo as estátuas dos reis de Portugal até D. José e, no piso elevado, várias salas da hospedaria do mosteiro.
CLAUSTRO DOS NOVIÇOS - Atravessado por um largo canal - a levada - a quadra deste claustro é delimitado a O. pelo edifício medieval dos monges, modificado no frontispício e precedido por um terraço com balaustrada, e pelas fachadas das instalações do abade geral e do NOVICIADO, com 3 andares tendo os 2 inferiores grandes arcadas de volta perfeita que repousam em pilares de secção quadrada, a N. e E. e o 3º piso é dividido por um corredor para o qual se abrem as celas.

CLAUSTRO DA BIBLIOTECA - Disposição idêntica ao do claustro dos noviços, os edifícios deste claustro encontram-se muito mexidos.
Há contudo, a assinalar a sala da biblioteca setecentista de vastas dimensões (47,7 m X 12,7 m) iluminada na parede S. por 3 fiadas de vãos, 1 óculo e 2 janelas enquadradas pela galeria que corre ao longo das suas paredes." (DGEMN – Processo IPA PT031001010001: Mosteiro de Alcobaça / Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, túmulo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro)
Existem 3 tipos de mísulas que permitem balizar as distintas campanhas de construção medieval e que referenciam o local ocupado pelo coro dos frades, dos enfermos e dos conversos.
A SALA DOS TÚMULOS é considerada a primeira experiência construtiva neogótica em Portugal."
(DGEMN; Processo IPA PT031001010001: Mosteiro de Alcobaça / Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, túmulo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.7. Planta:



(desenho da autora tendo por base planos vários do mosteiro cedidos pela DGMN e a planta cedida pelo arquitecto João Pedro Falcão de Campos)

6.8. Igreja – planta: biaxial

6.9. Igreja – cabeceira: semicircular

6.10. Claustros existentes – n°: 4

6.11. Claustros existentes – forma: quadrangulares

6.12. Materiais: Igreja e restantes dependências medievais: estruturas independentes e utilização de cantarias **I** restante edificado: estruturas mistas e paredes autoportantes com utilização de alvenarias.

6.13. Arquitecto(s) / constructor(es): Claustro de D. Dinis: Domingo Domingues **I** Arcos do Claustro de D. Dinis: Nicolau Chanterene **I** Enfermaria e Cerca: Rui Garcia **I** Sacristia nova e Livraria: João de Castilho **I** Frontispício da igreja (remodelação): João Turriano **I** Projecto de intervenção na ala sul do mosteiro: Arq.to Gonçalo Byrne e arq.to João Pedro Falcão de Campos

6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)

7.2. Uso actual: Religioso (Igreja Paroquial), Cultural e Turistico (Património Mundial)

7.3. Cronologia de usos:

Séc. XII/XIX – Religioso: mosteiro Cisterciense

Séc. XX - Serviços: Câmara Municipal **I** Administração do Concelho **I** Penitenciária **I** Tribunal judicial **I** Caixa de Depósitos **I** Montepio Alcobacense **I** Recebedoria do Concelho **I** Repartição de Finanças **I** Conservatória do Registo Predial **I** Estação de Telégrafo-postal **I** Ginásio Club Alcobacense **I** Centro Republicano Democrático **I** Sede do Grupo Desportivo Comércio e Indústria **I** Centro Regional de Segurança Social de Leiria **I** Serviços administrativos do IPPC / IPPAR

- Militar: Quartel do Regimento de Cavalaria 9 **I** Quartel do Regimento de Cavalaria 4 **I** Quartel do Regimento de Artilharia 1 **I** Associação de Comandos
- Comercial: latoaria **I** venda de ferragens **I** salsicharia **I** Taberna **I** Armazéns **I** Matadouro **I** Viveiro
- Residencial: Residências particulares
- Educacional: Escolas de Alcobaça (ensino primário e secundário) **I** Corpo Nacional de Escutas
- Religioso: Patriarcado (serviços paroquias, serviços religiosos e catequese)
- Assistencial: Asilo para mendigos **I** Lar Residencial **I** Asilo de Velhinhos Maria Oliveira **I** Fundação Maria Oliveira **I** lar de refugiados
- Cultural: Teatro Municipal Alcobacense **I** Real Fanfarra Alcobacense **I** ADEPA – Associação para a Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça **I** Biblioteca Municipal **I** Museu / Galeria

Séc. XXI – Religioso (Igreja Paroquial) **I** Cultural e Turístico (Património Mundial)

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:

1153 - D. Afonso Henriques entrega a carta de fundação de Alcobaça a Cister

1178 - Fundação e instalação provisória na abadia velha, no sítio da actual igreja de Nossa Senhora da Conceição

1184 - Ataques mouros que destruiram os edifícios já iniciados e levaram à dispersão dos monges e interrupção dos trabalhos de construção

1195 – repetem-se os ataques mouros com as mesmas consequências

1223 - Mudança dos monges para as dependências do novo mosteiro

1252 - Consagração da Igreja, ainda incompleta

Séc. XIII (2ª metade) - A cabeceira e o transepto são refeitos

1311 – Edificação do Claustro de D. Dinis

1475 - Encerramento do noviciado e substituição dos abades regulares por comendatários

1508 - Mateus Fernandes é "mestre das obras de Alcobaça"

1510 - Carta de D. Manuel para Vasco de Pina, alcaide-mor de Alcobaça, sobre as obras que se deviam começar no Mosteiro logo que aí chegasse João de Castilho

1510/1520 (cerca) - Sacristia nova

1519 - Conserto dos órgãos por um carpinteiro; carta do rei para Vasco de Pina sobre as obras do Mosteiro: Sacristia e Livraria, cadeiras do Coro, corregimento da igreja, adegas e lagares; realização de um inventário dos ornamentos, ouro e prata, da Sacristia

1520 - Obra dos arcos de Claustro de D. Dinis, Enfermaria e cerca; carta de Vasco de Pina ao rei sobre o estado de ruína dos lagares de madeira, que irá remendar, pedindo que João de Castilho avalie a feitura dos mesmos em pedra; compra de tabuado, cal e tijolos para as obras do Mosteiro

1521 - Manuel Lopes é vedor e recebedor das obras do Convento de Alcobaça; compra de madeiras, ripas, tabuado

1523 - O pedreiro Simão Dias acrescentou 12 palmos na Casa da Livraria

1525 - Incêndio na capela-mor; D. João III, em nome de seu irmão D. Afonso, Cardeal e Abade de Alcobaça, fez mercê a Fernando Nunes do ofício de "comprador das cousas miúdas" necessárias ao Mosteiro; Heitor Mendes é nomeado recebedor das obras do Mosteiro

1548 - Reforma do Mosteiro por Frei António de Lisboa, tendo visitado o mesmo acompanhado por Miguel de Arruda, mestre de obras reais, verificando que estava mal tratado e a necessitar de reparos

1567 - Criação da Congregação Independente de Alcobaça, autónoma em relação a Cister, deixando de haver visitações desta e passando ao domínio da Coroa
1632 - Acabamento da fachada norte do dormitório
1636 - Conclusão do edifício do noviciado
1649 - Obras de alteração no interior da ala N. do mosteiro
1656/1667 - O claustro de Afonso VI é erguido no local da cozinha medieval
1670 - Capela-relicário da sacristia
1690 - Capela de Nossa Senhora do Desterro, mandada construir por Frei João Paim
1702 - Remodelação da frontaria da igreja
- Transferência da livraria para o dormitório medieval
- Capela da galeria sul do claustro de D. Dinis
1725 - Grande ampliação da zona Este do mosteiro
- provável ano de construção da cozinha
1755 – Danos provocados pelo Sismo
- Edificação da livraria, cartório e ala sul da fachada principal
- o terramoto arruína a Sacristia manuelina
Séc. XVIII (2ª metade) - Reedificação da Sacristia
- construção da Sala dos Túmulos
1810 - Os franceses saqueiam o Mosteiro, mutilando estátuas e túmulos
1833 - Durante as guerras civís os monges aderiram à causa de D. Miguel suscitando um assalto dos liberais que durou 11 dias e provocou grandes destruições
- Os monges abandonam o mosteiro
1834 - Extinção das ordens religiosas
1969 – danos provocados pelo sismo.
2002 - Desafectação dos Claustros do Cardeal e do Rachadouro, que se encontravam entregues ao Lar Residencial de Alcobaça
- inauguração da ala sul, Ala de São Bernardo, após conclusão dos trabalhos de restauro.

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: 06 de Outubro de 1532

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT031001010001: Mosteiro de Alcobaça/Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, túmulo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Monumento Nacional (MN)
9.2. Documentos legais:
Dec. 10-01-1907, DG14 de 17 Janeiro 1907 e Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910 (MN)
DG 190 de 16 Agosto 1957 (ZEP)
Lista do Património Mundial da UNESCO em 1989

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: bom (igreja, claustro do silêncio, ala sul)
10.2. Autenticidade: o núcleo medieval preserva a sua autenticidade, sendo o maior vestígio de arquitectura cisterciense medieval que se apresenta no país. Reconstrução parcial de algumas partes do edificado monástico durante o séc. XX, pela DGEMN, segundo teorias em voga na época.
10.3. Integridade: A parte medieval encontra-se significativamente inalterada
10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Rehabilitação **I** Restauro **I** Conservação **I** Consolidação
11.2. Cronologia das intervenções*:
DGEMN:
1928 - assentamento de colunas do pórtico
- impermeabilização do terraço da fachada da Igreja
- restauro da fachada do dormitório
- remoção do cine-teatro instalado no refeitório

1929 - reparação e assentamento da porta de acesso para o claustro a partir do refeitório
1930 - apeamento das esculturas e cantarias da capela-mor
- desmantelamento do órgão

1931 - desobstrução das capelas radiantes
- apeamento dos lanternins
- reconstrução das abóbadas
- apeamento da decoração do arco triunfal

1933 - apeamento de quatro altares laterais e reconstrução do pavimento em cantaria

1937/1939 - demolição dos compartimentos setecentistas que dividiam o dormitório.
- consolidação e reparação do claustro de D. Dinis e Sala do Capítulo

1938 - reconstrução da cobertura da ala norte do Claustro do Cardeal para instalação do Asilo de Mendicidade

1940 - reconstituição da escada do dormitório

1941 - reconstrução da cobertura da sala dos Reis
- consolidação das paredes e cobertura do claustro superior

1947 - apeamento da cobertura e demolição do tecto de estuque na capela do Relicário

1948 - assentamento de lajeado de cantaria no átrio
- reconstrução do telhado da sacristia nova
- reboco da fachada sul

1949 - reconstrução em gesso moldado do tecto da sacristia

1951 - reparação do arco, colocação de florões de pedra de ançã, reparação de talha dourada no relicário

1953 - construção de um passeio ao longo do Mosteiro

1954 - reconstrução do telhado das galerias norte e oeste do claustro de D. Dinis

1955 - reconstrução do telhado das galerias este e sul do claustro de D. Dinis
- escavações junto à fachada sul da igreja
- demolições, construção do muro de suporte
- iluminação exterior da fachada oeste

1956 - restauro na fachada sul

1958 - colocação de contrafortes na fachada sul da igreja e capela de São Bernardo

1966 - impermeabilização do terraço
- obras diversas na capela

1968 - electrificação do refeitório
- substituição de coberturas no refeitório e claustro de D. Afonso VI

1969 - drenagem de terrenos na fachada sul

1970 - restauro da cúpula da capela do Relicário

1970 / 1971 - substituição das caixilharias de madeira de toda a igreja por caixilharia de chumbo.
- construção e assentamento de vitrais nas janelas das naves e rosácea do topo sul do transepto
- beneficiações diversas na Capela dos Túmulos

1972 - ventilação da capela de São Bernardo

- restauro de estrutura e cobertura da capela de Nª Sª do Desterro

1975 - reconstrução dos rebocos das abóbadas

1980/1982 - obras de valorização e beneficiação

- adaptação a museu

1982 - beneficiação da capela de São Bernardo

1984/1985 - obras de conservação

1986 - consolidação da escada de acesso ao relógio de sol

- obras de recuperação das coberturas

1987/1988 - obras na instalação eléctrica

IPPAR:

1998 - escavações arqueológicas

1996/2000 - recuperação das coberturas

- obras de beneficiação e restauro da ala sul
- tratamento da envolvente a poente da Levada do Mosteiro
- aquisição de terrenos

2001 - intervenção arquitectónica e estrutural na ala Sul (celeiro): recuperação das paredes exteriores e cobertura

- rede de águas e drenagens, instalação eléctrica e de telefone
- conservação de azulejaria e estatuária.

1107

11.3. Arquitecto(s): Claustro de Domingo e Diogo Domingues **I** Sacristia nova de João de Castilho **I** Frontispício da igreja de João Turriano **I** Ala S. Bernardo (reabilitação da ala sul) da autoria dos Arq.tos Gonçalo Byrne e João Falcão de Campos **I** Projecto de intervenção nos espaços envolventes dos Arq.tos Gonçalo Byrne e João Falcão de Campos

11.4. Entidades: DGEMN **I** IPPAR

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Instalação de Museu
- Readequação geral dos espaços e circuitos de visita

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT031001010001: Mosteiro de Alcobaça/Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, túmulo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

Fig. 1. "Planta da Villa de Alcobaça" da autoria de "Guilherme Elsden, T.te C.el, Isidoro Paulo Pereira, Cap.m Engenheiro" datada de 1775 (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

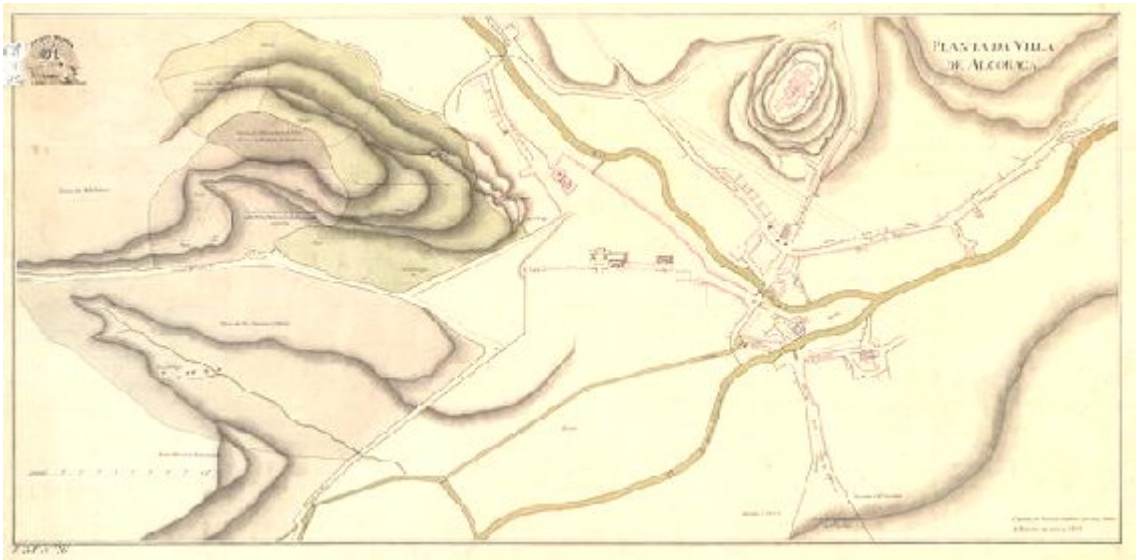


Fig. 2. "Planta da Villa de Alcobaça" copiada por "Antonio Cazemiro Ferreira, Tenente do Exercito, em anno de 1826" (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

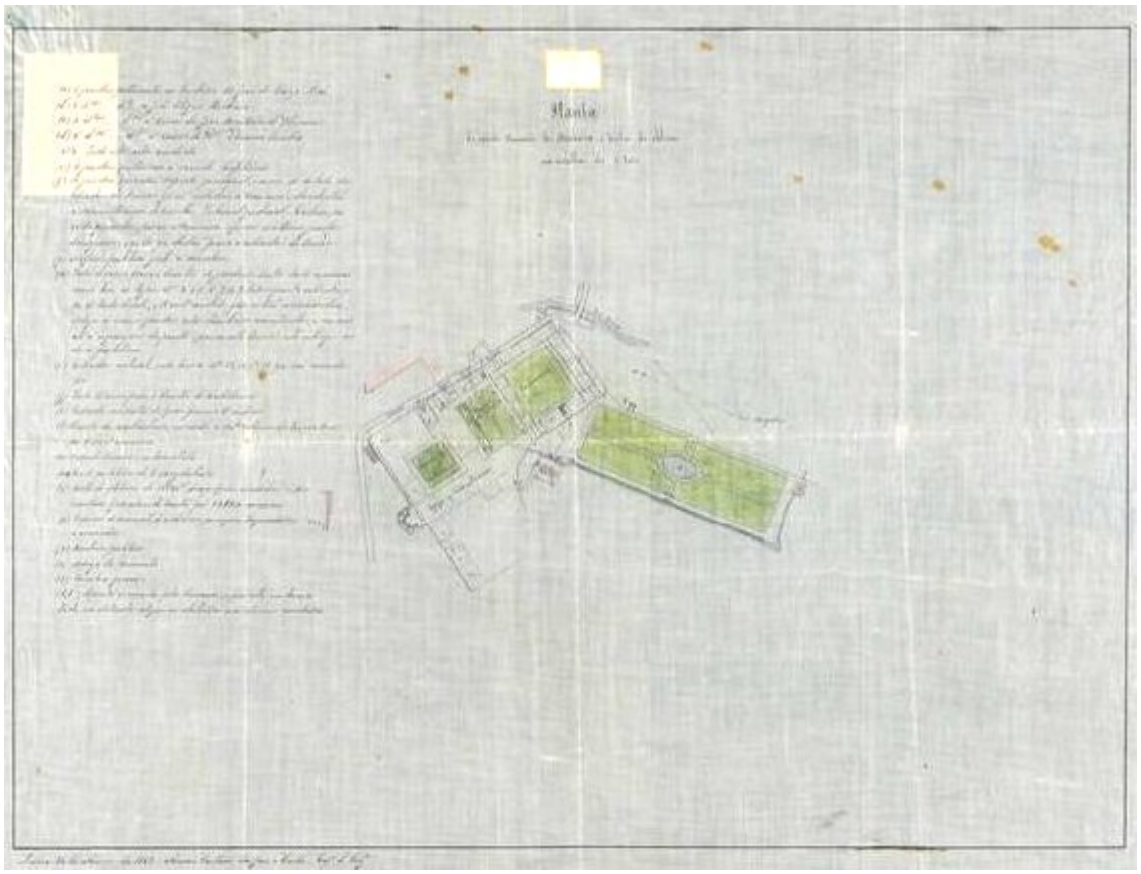


Fig. 3. "Planta do extinto Convento de Alcobaça e horta do obelisco" da autoria de "Marcos Caetano da Cruz e Costa, Cap.m d'Eng.ª", datada de 1868 (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

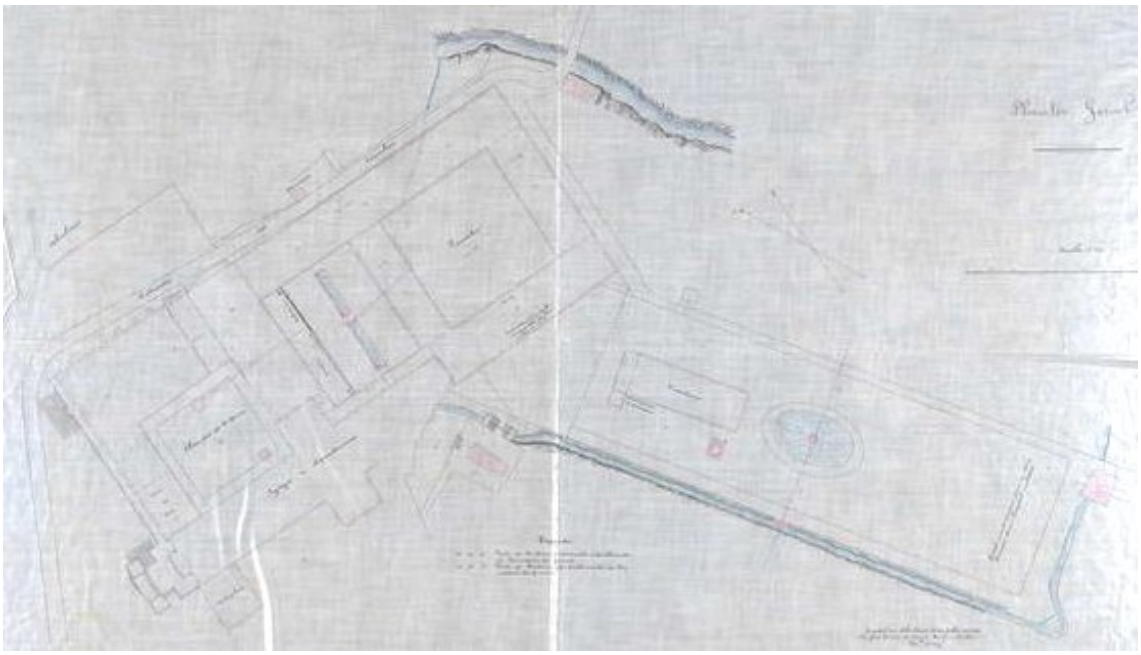


Fig. 4. Planta do "Quartel de Artilharia 2 no Convento de Alcobaça" da autoria de "José Maria de Sousa Horta e Costa, Ten.te d'Eng.ª ; E. B. Lamy, Cap.ão d'Inf.ª, d.ôr", datada de 1905 (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

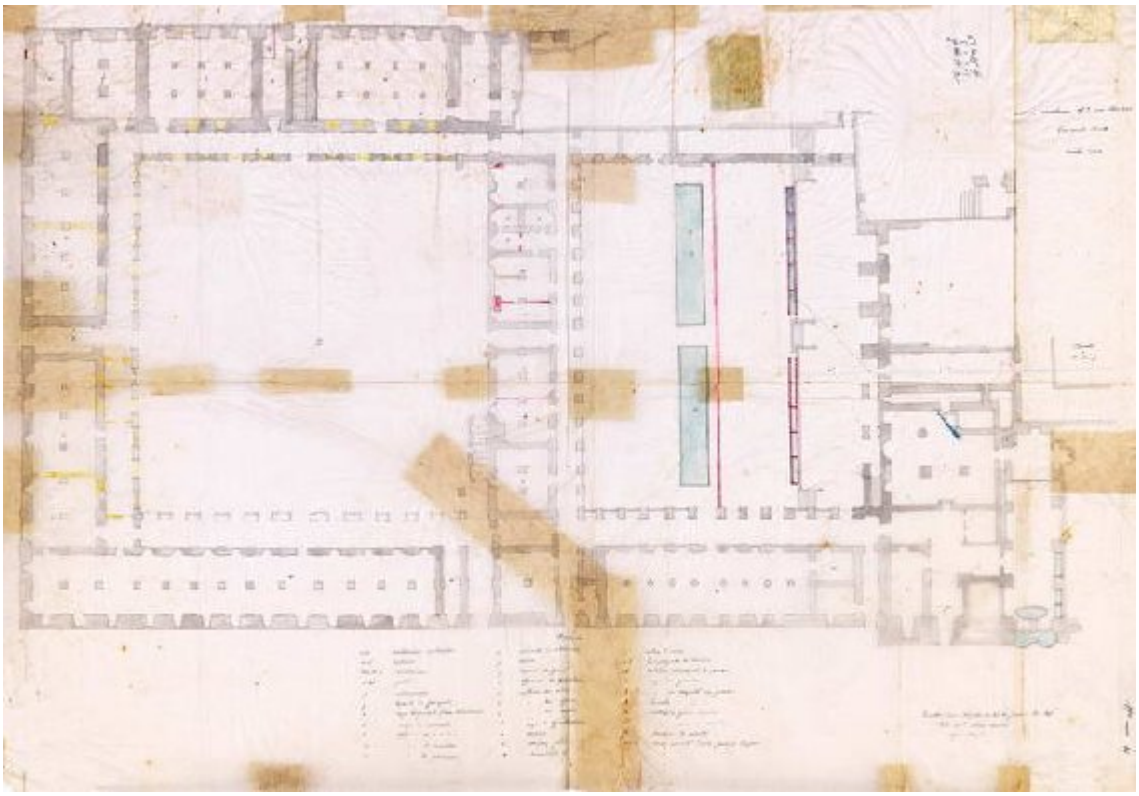


Fig. 5. "Quartel de Artilharia 2 no Convento de Alcobaça" da autoria de "João M.el Alves Loreto, Alferes d'Eng.ª", datada de, 1886 (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

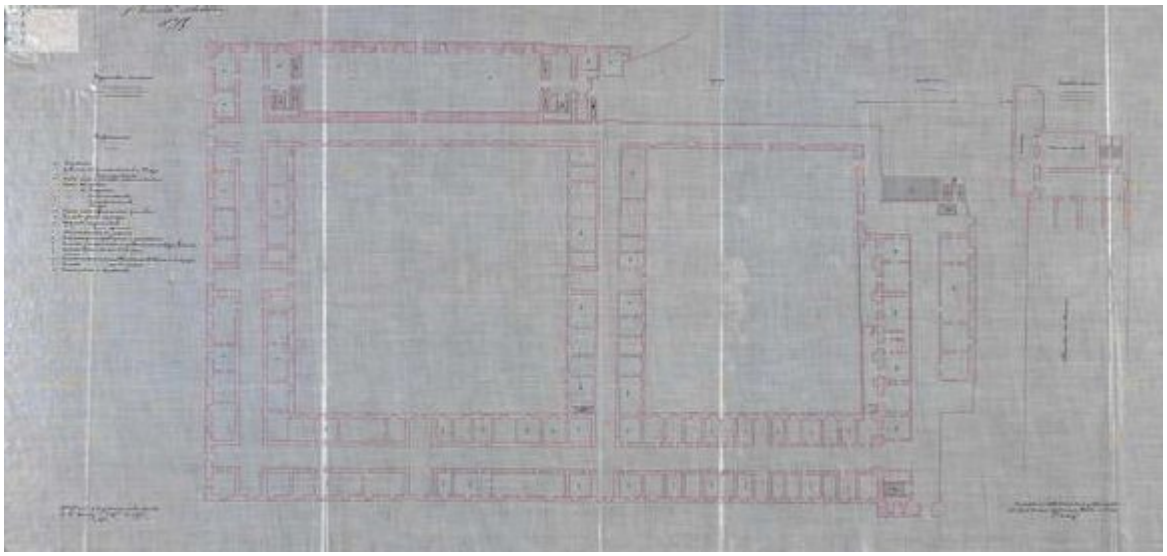


Fig. 6."Quartel do Regimento de Cavalaria nº 9 no Convento de Alcobaça, segundo andar : terceiro andar" da autoria de "José Maria de Sousa Horta e Costa, T.te d'Eng.ª ; E. B. Lamy, Cap. d'Inf.ª, d.ôr" datada de 1905 (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

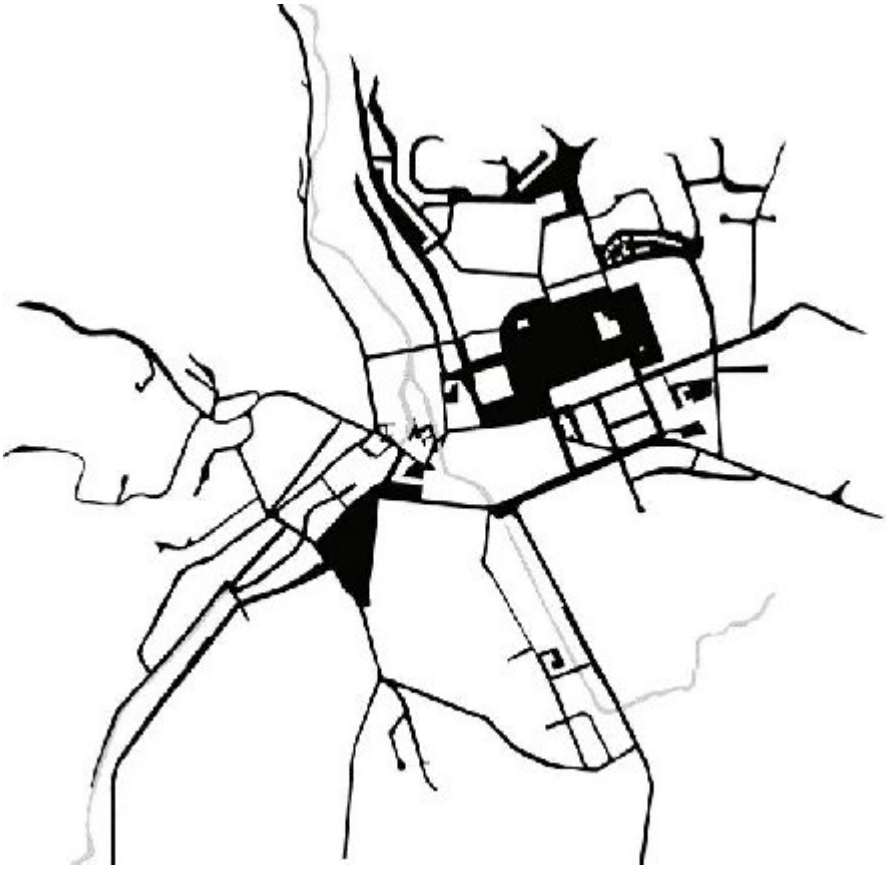


Fig. 7. Planta dos largos e vias que circundam o Rossio de Alcbaça. Projecto de investigação "Inventário do Espaço Publico em Portugal, a Praça" (PI – FA UTL - DGOT)

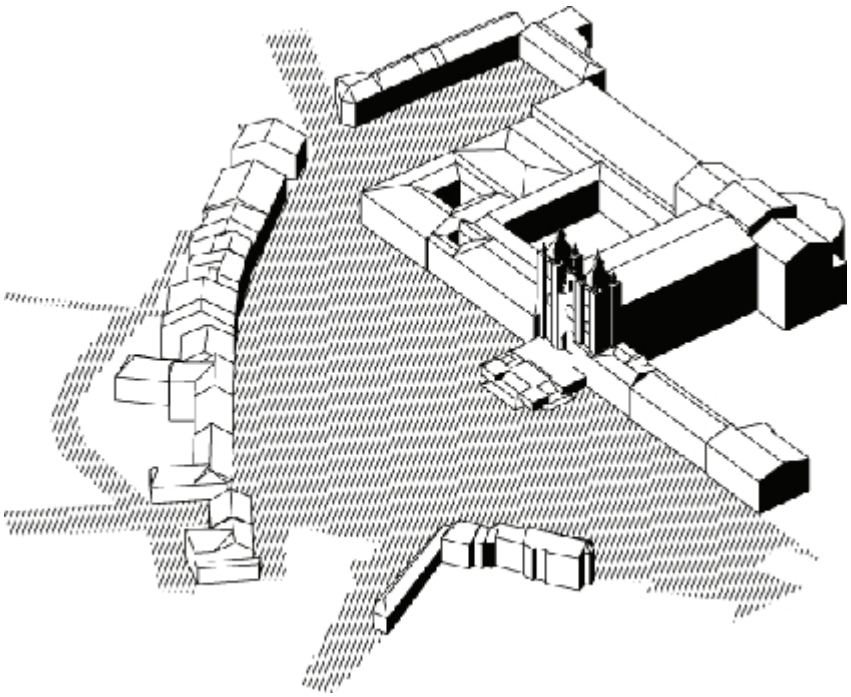


Fig. 8. Rossio de Alcbaça e envolvente . Projecto de investigação "Inventário do Espaço Publico em Portugal, a Praça" (PI – FA UTL - DGOT)

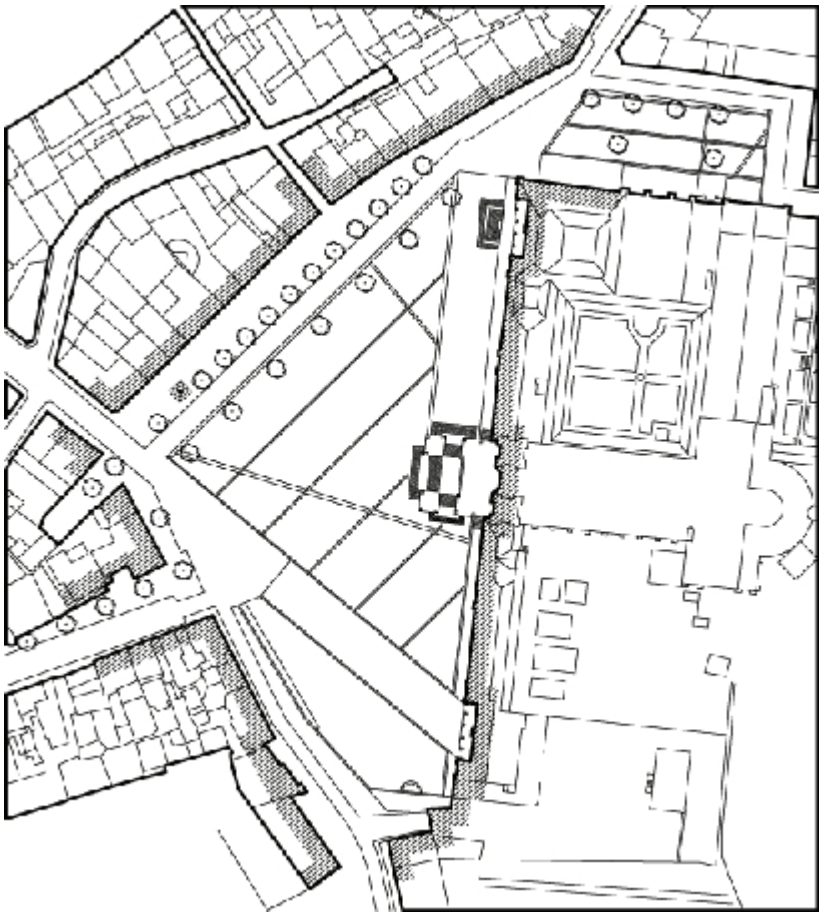


Fig. 9. Planta do Rossio de Alcbaça e envolvente. Projecto de investigação "Inventário do Espaço Publico em Portugal, a Praça" (PI – FA UTL - DGOT)

Fig. 10. Alçado principal do Mosteiro de Santa Maria de Alcbaça. Projecto de investigação "Inventário do Espaço Publico em Portugal, a Praça" (PI – FA UTL - DGOT)

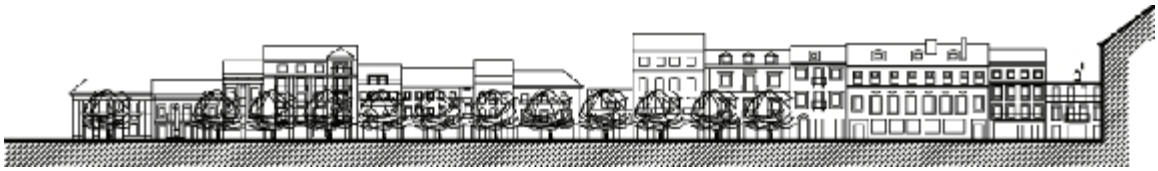


Fig. 11. Alçado do casario diante do mosteiro. Projecto de investigação "Inventário do Espaço Publico em Portugal, a Praça" (PI – FA UTL - DGOT)

Fig. 12. Planta do Mosteiro de Alcobaça e sua envolvente (atelier João Pedro Falcão de Campos)

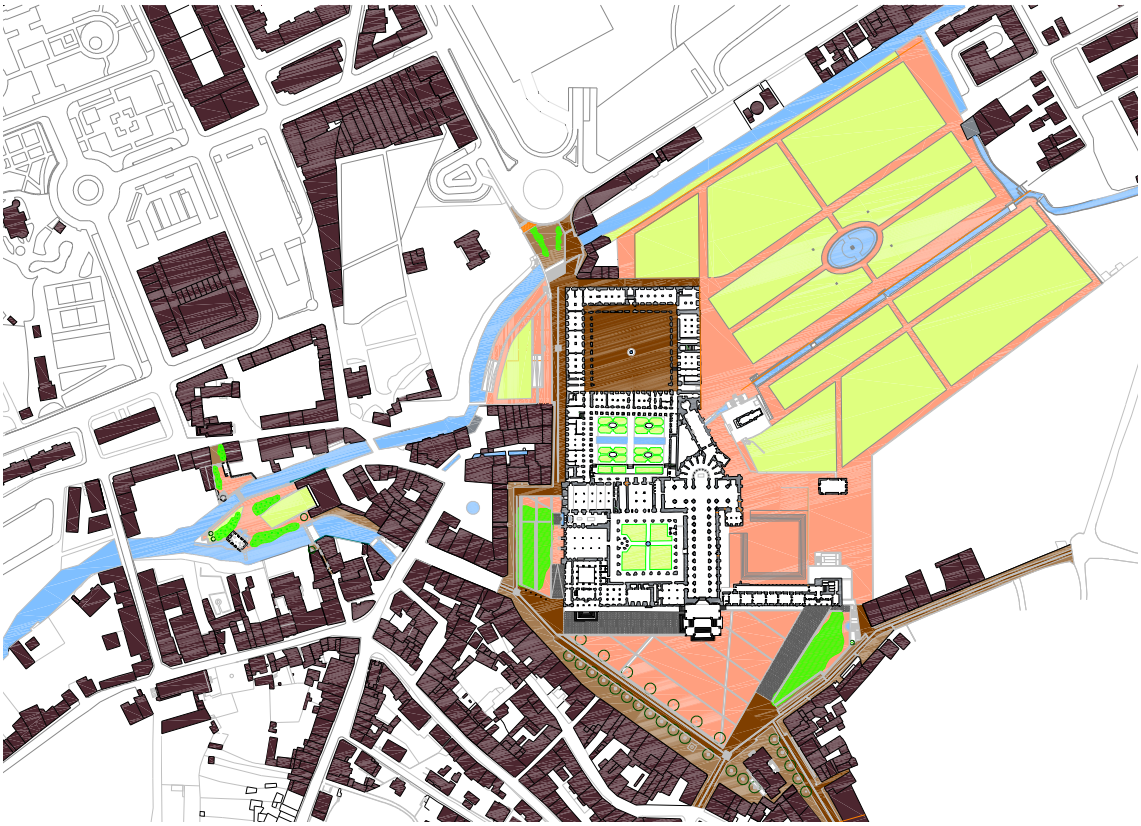


Fig. 13. Planta do Mosteiro de Alcobaça e sua envolvente próxima (atelier João Pedro Falcão de Campos)

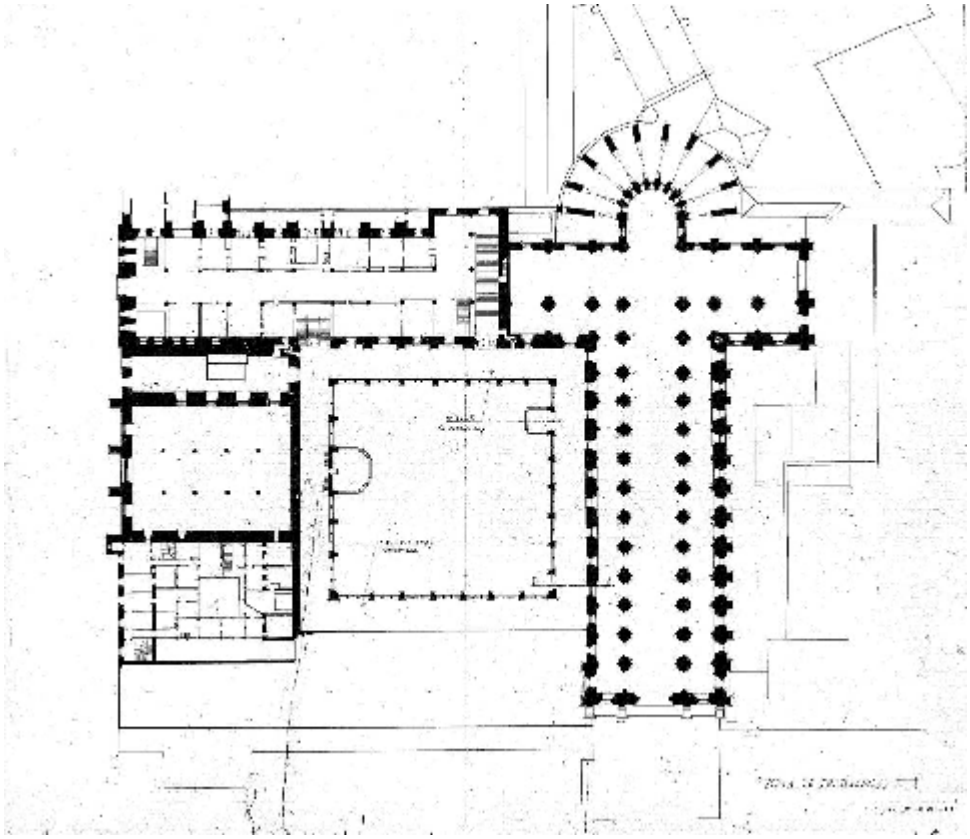


Fig. 14. Planta 2º Piso (DGEMN)

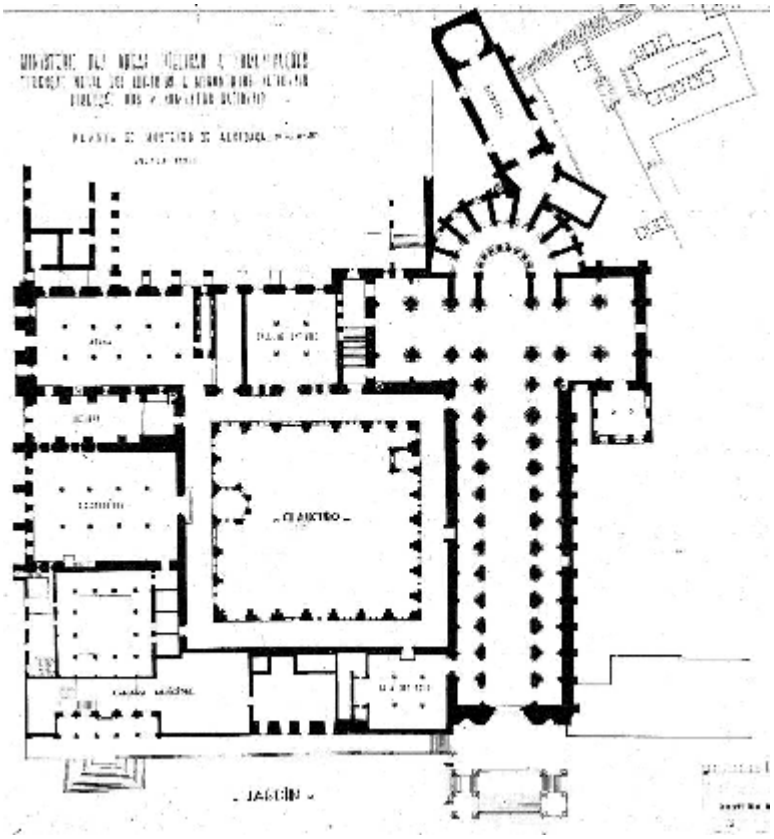


Fig. 15. Planta 1º Piso (DGEMN)

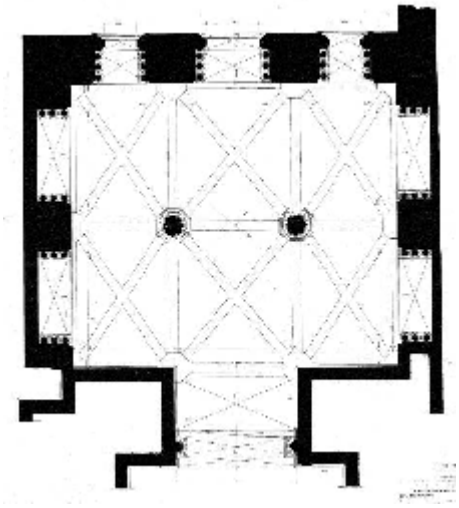


Fig. 16. Planta Sala dos Túmulos, 1957 (DGEMN)

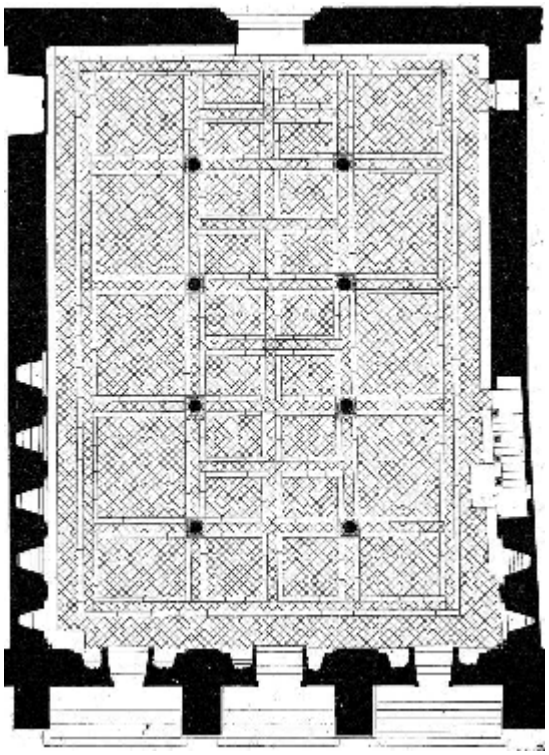


Fig. 17. Planta do pavimento do refeitório, 1957 (DGEMN)

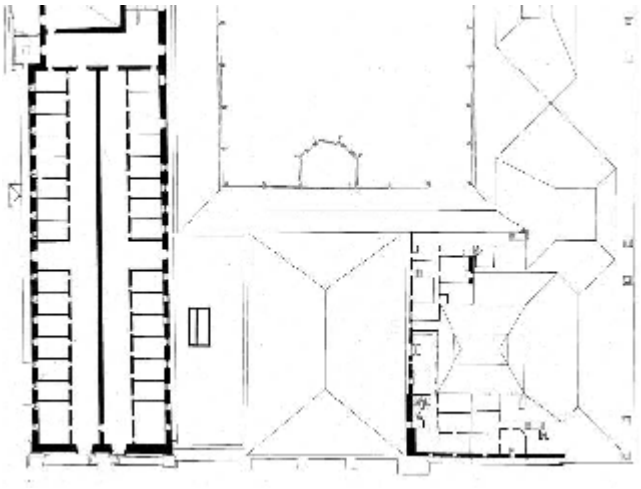


Fig. 18. Piso 3 do edificado monástico (DGEMN)

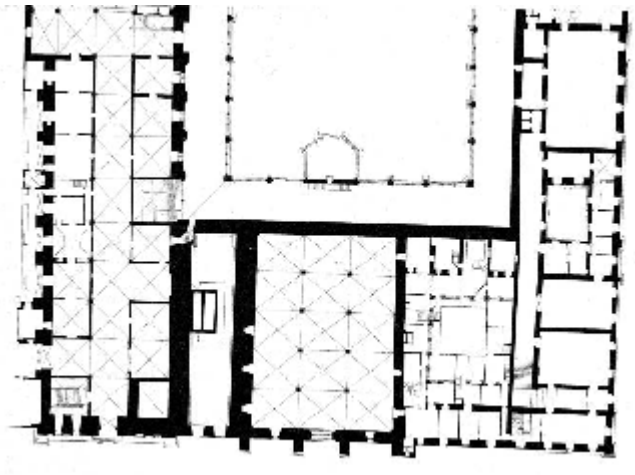


Fig. 19. Piso 2 do edificado monástico (DGEMN)

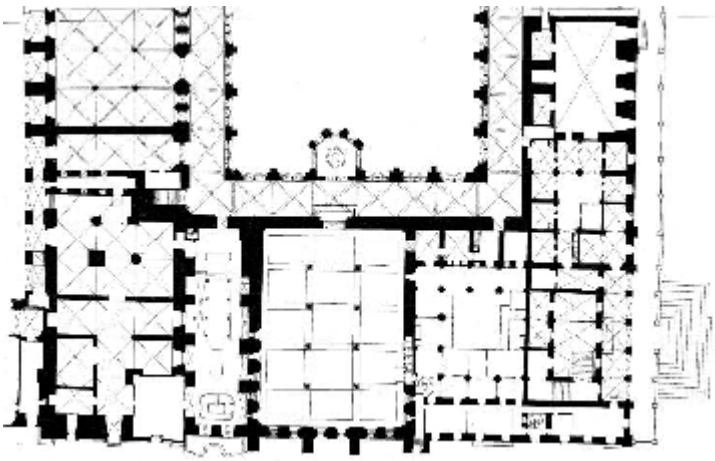


Fig. 20. Piso 1 do edificado monástico (DGEMN)

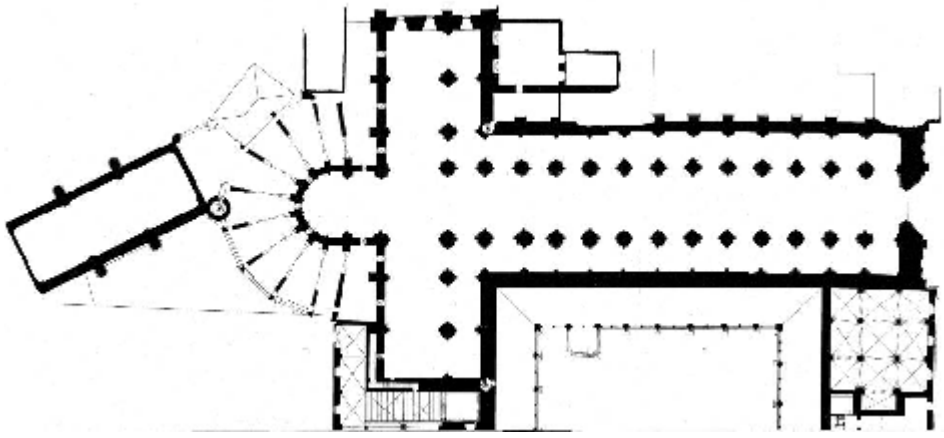


Fig. 21. Planta 2, Igreja (DGEMN)

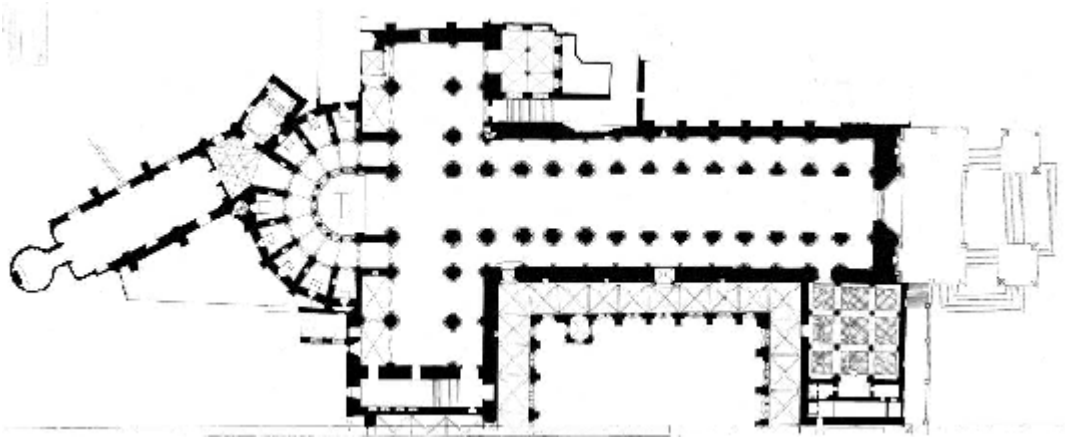


Fig. 22. Planta 1 Igreja (DGEMN)

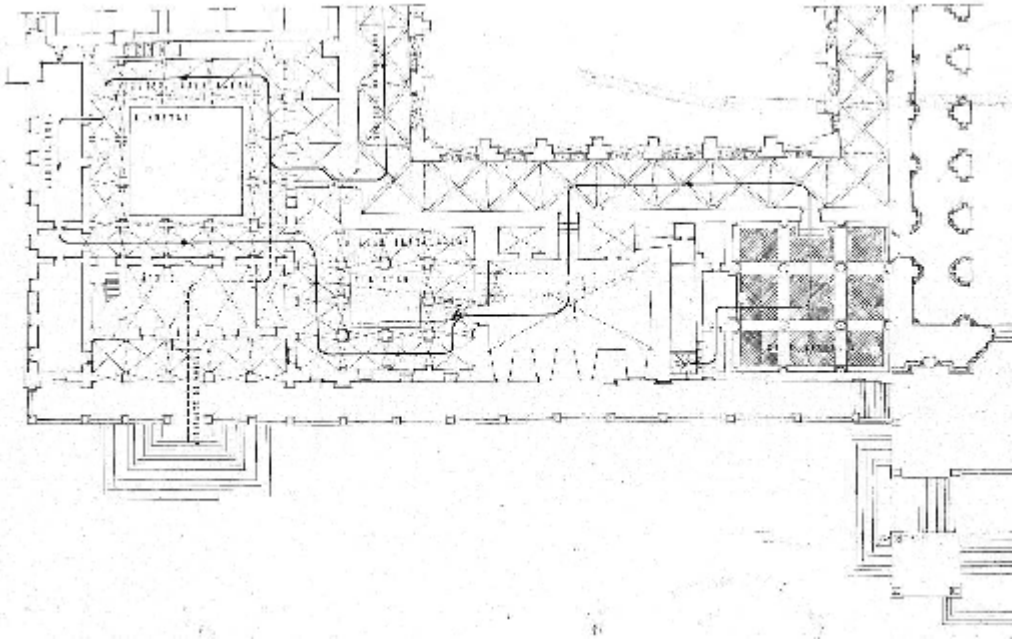


Fig. 23. Mosteiro de Alcobaça,1º pavimento: estudo de trânsito dos visitantes, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

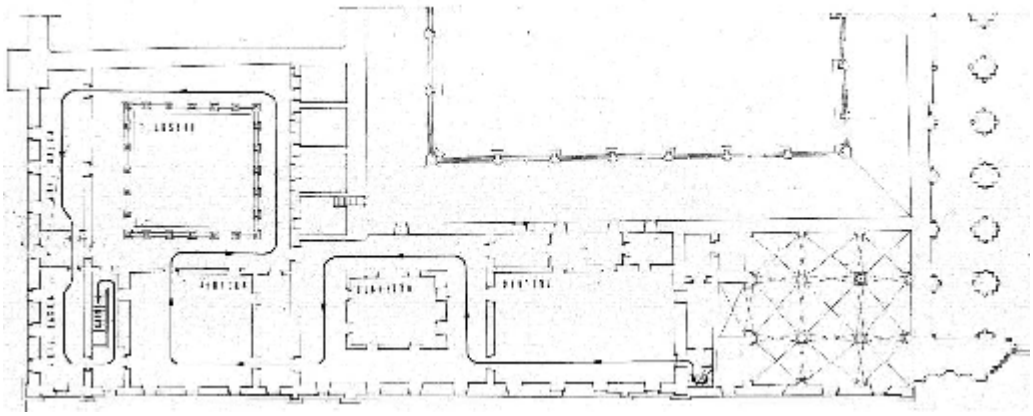


Fig. 24. Mosteiro de Alcobaça,2º pavimento: estudo de trânsito dos visitantes, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 25. Alçado pela fachada da Igreja do Mosteiro de Alcobaça, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

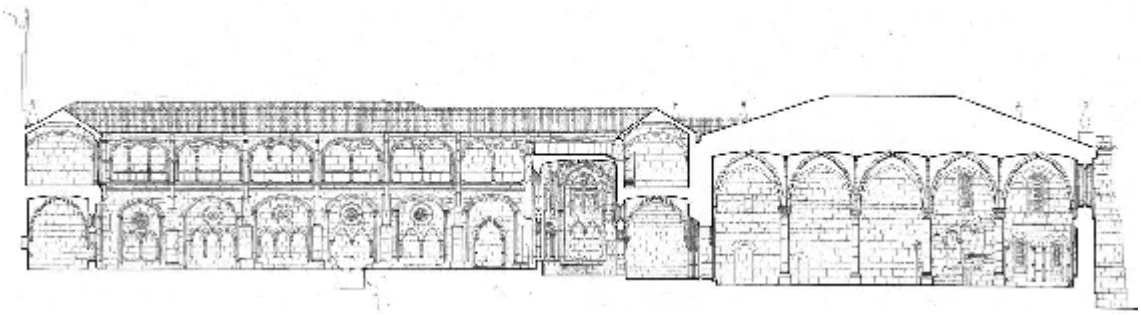


Fig. 26. Corte pelo refeitório, lavabo e claustro do Mosteiro de Alcobaça, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

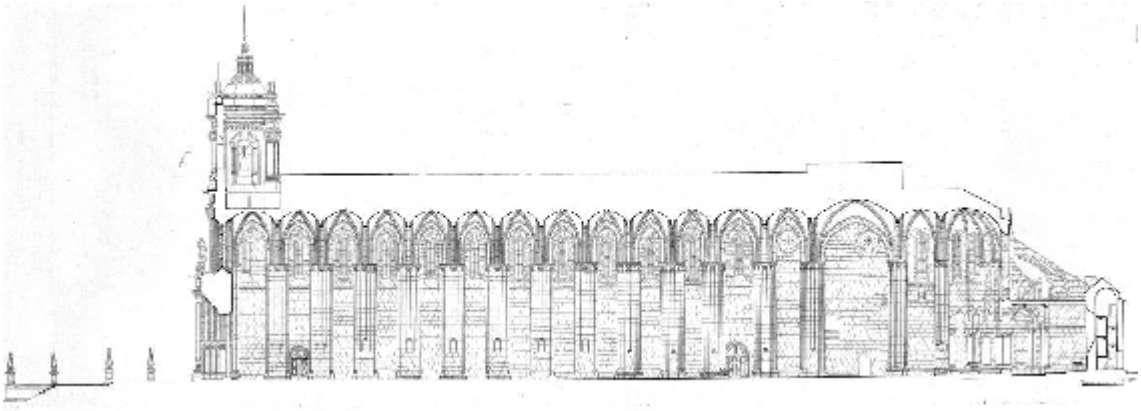


Fig. 27. Corte longitudinal pela igreja do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

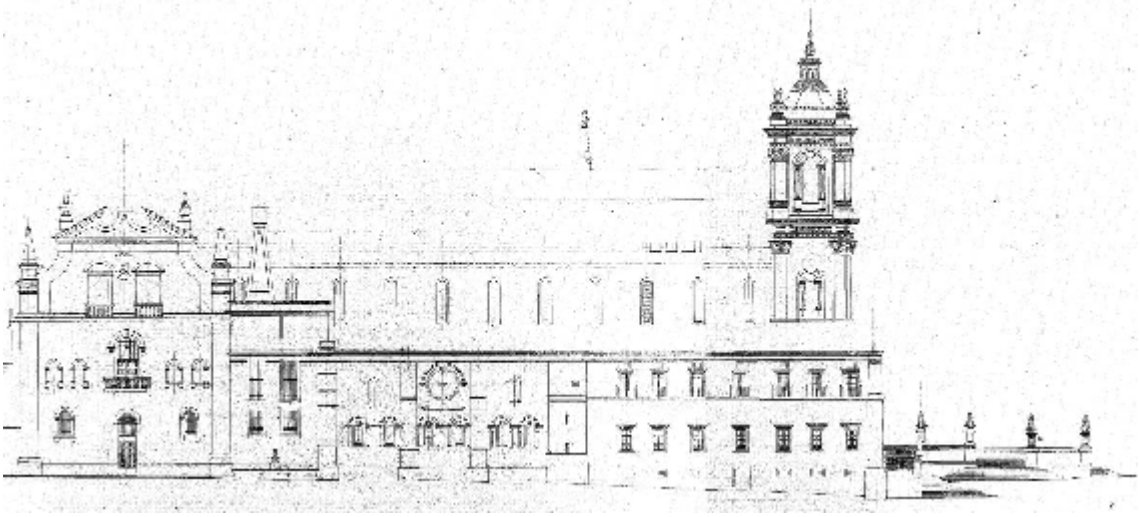


Fig. 28. Alçado pela fachada do refeitório, cozinha e sala dos monges, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

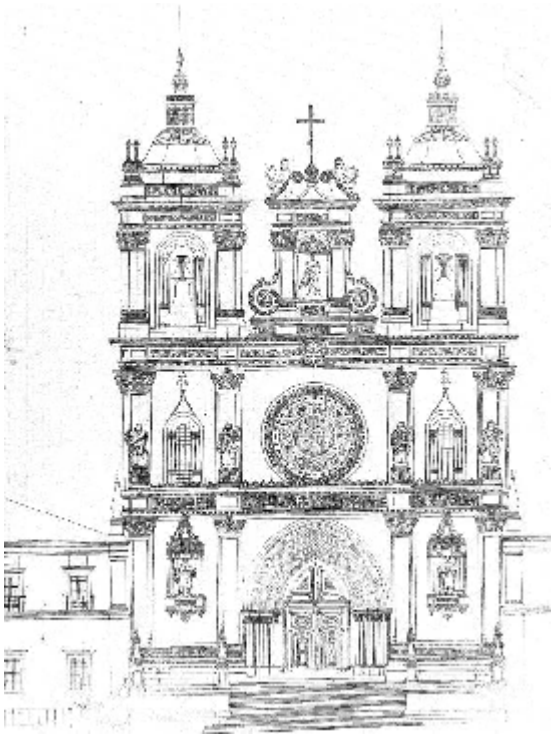


Fig. 29. Alçado Igreja do Mosteiro de Alcobaça, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

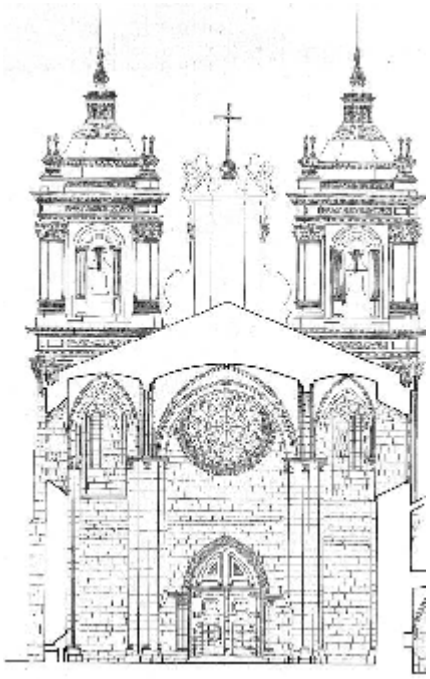


Fig. 30. Corte transversal pela Igreja do Mosteiro de Alcobaça, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 31. Alçado nascente da ala onde esteve alojado o lar de 3ª idade (DGEMN)

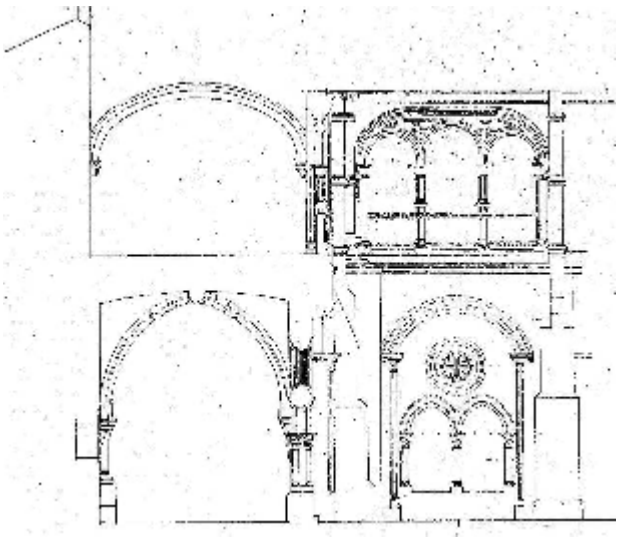


Fig. 32. Corte pelo claustro medieval (DGEMN)

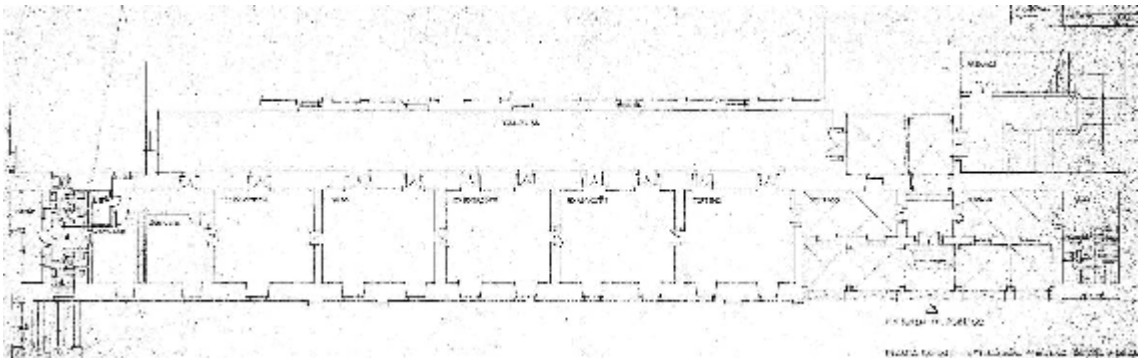


Fig. 33. Planta do Piso 1 da Ala Sul, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

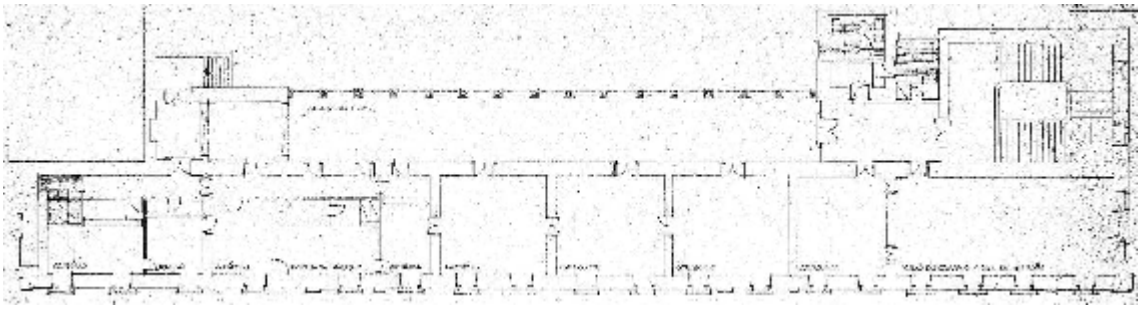


Fig. 34. Planta do Piso 2 da Ala Sul, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

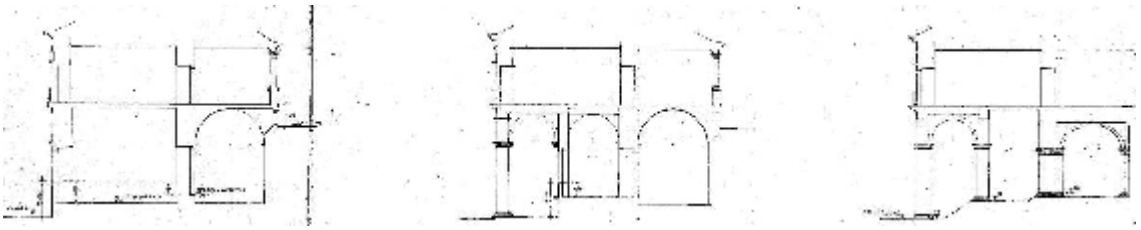


Fig. 35. Cortes pelo corpo da Ala Sul, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

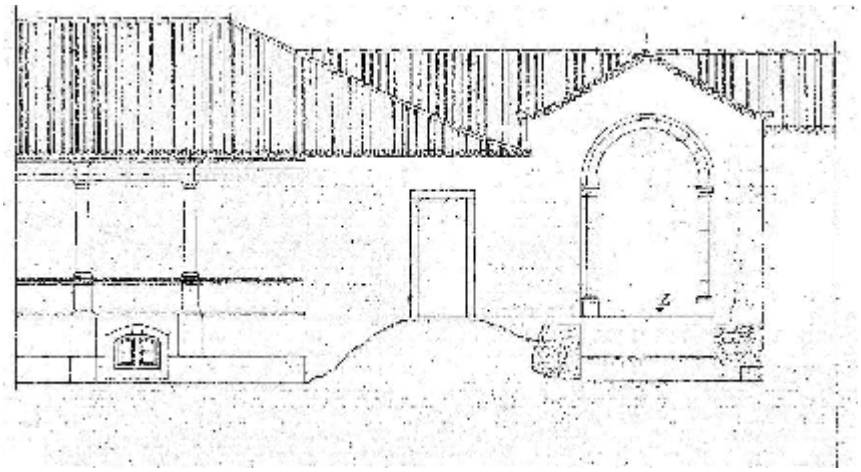


Fig. 36. Alçado parcial da Ala Sul, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 37. Alcobaça, vista aérea (DGEMN)

Fig. 38. Alcobaça, vista aérea ((DGEMN)

Fig. 39. Alcobaça, vista aérea ((DGEMN)

Fig. 40. Alcobaça (DGEMN)

Fig. 41. Mosteiro, anos 60, séc.XX (DGEMN)

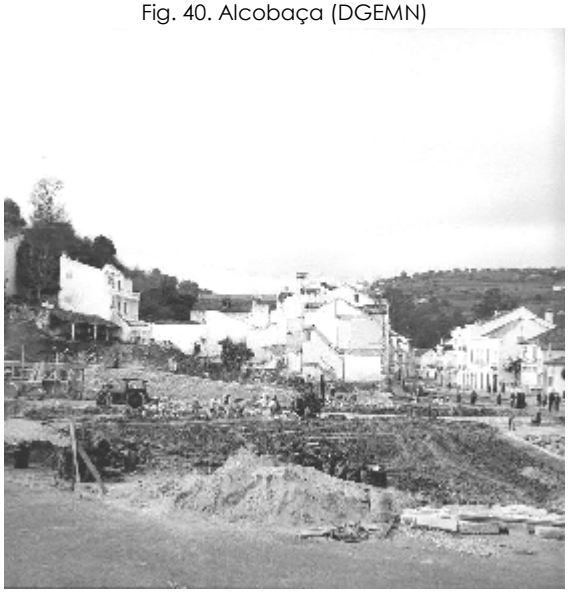


Fig. 42. Alcobaça, anos 60, séc.XX (DGEMN)

Fig. 43. Edifício monástico, anos 60, séc.XX (DGEMN)

Fig. 44. Edifício monástico, anos 60, séc.XX (DGEMN)

Fig. 45. Edifício monástico, anos 60, séc.XX (DGEMN)

Fig. 46. Edifício monástico, anos 60, séc.XX (DGEMN)

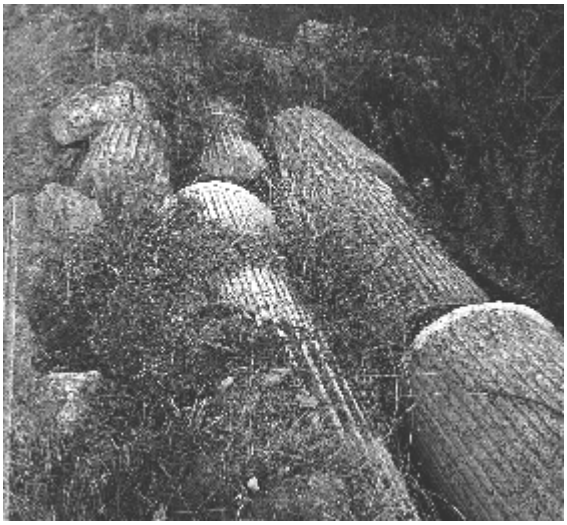


Fig. 47. Colunas apeadas do antigo altar-mor do Mosteiro, anos 60, séc.XX (DGEMN)

Fig. 48. Colunas apeadas do antigo altar-mor do Mosteiro, anos 60, séc.XX (DGEMN)

Fig. 49. Ala Sul, anos 50, séc. XX (DGEMN)

Fig. 50. Ala Sul, anos 50, séc. XX (DGEMN)

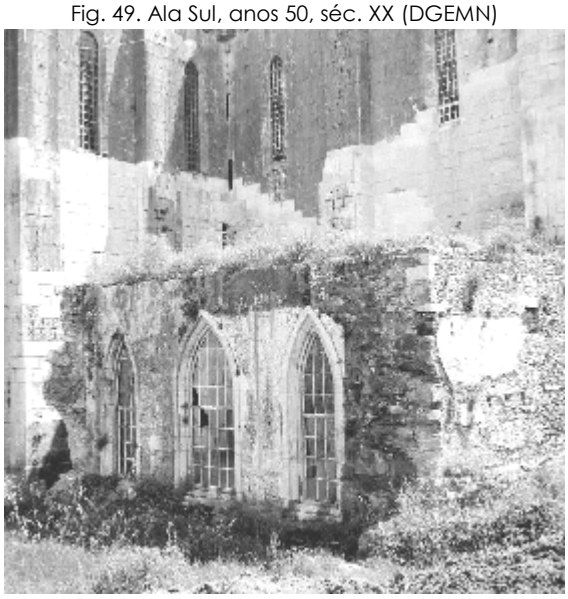


Fig. 51. Edifício monástico, anos 50, séc. XX (DGEMN)

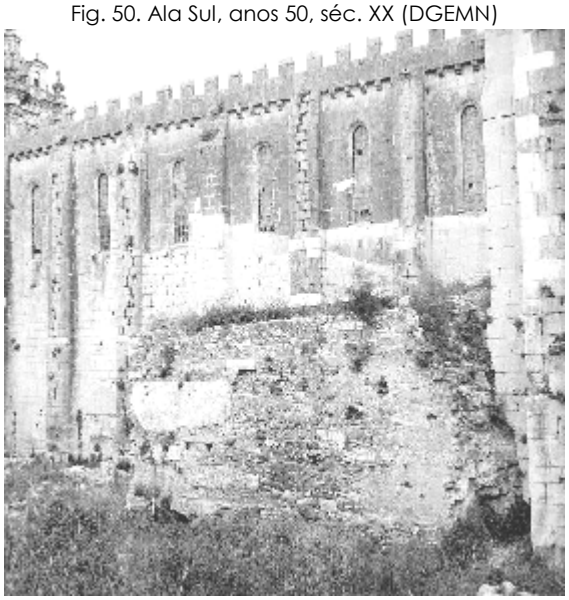


Fig. 52. Edifício monástico, anos 50, séc. XX (DGEMN)

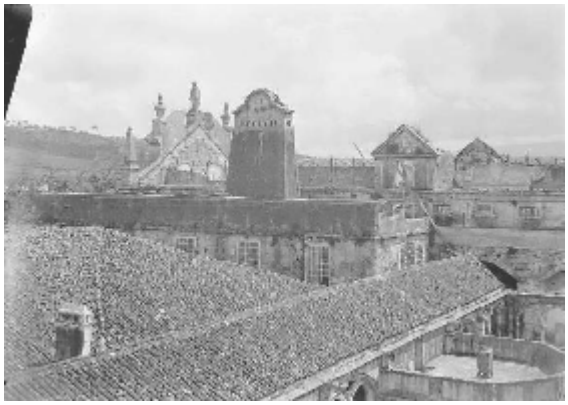


Fig. 53. Edifício monástico, anos 50, séc. XX (DGEMN)

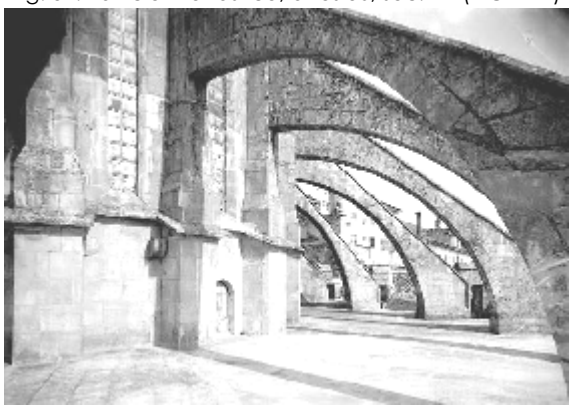


Fig. 54. Contrafortes da Cabeceira, anos 50, séc. XX (DGEMN)

Fig. 55. Ala Sul, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 56. Alçado (DGEMN)

Fig. 57. Ala Sul, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 58. Ala Sul, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 59.Rossio, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 60. Rossio, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 61. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 62. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

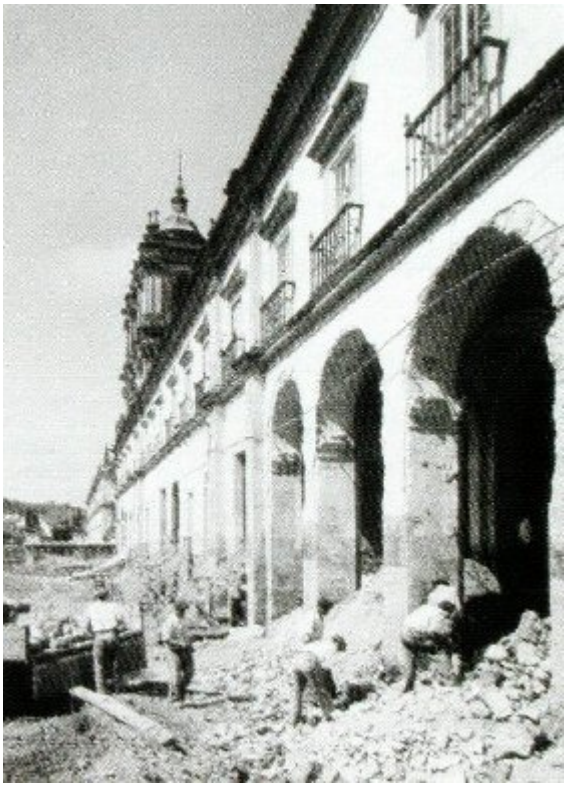


Fig. 63. Edifício monástico, anos 60, séc. XX (DGEMN)

Fig. 64. Alçado (DGEMN)

Fig. 65. Ala Norte e igreja (DGEMN)

Fig. 66. Alcobaça, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 67. Alcobaça, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 68. Alcobaça, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 69. Alcobaça, anos 80, séc. XX (DGEMN)

Fig. 70. Fachada barroca da igreja, 2003 (autora)

Fig. 71. Fachada barroca da igreja, 2003 (autora)

Fig. 72. Fachada barroca da igreja, 2003 (autora)

Fig. 73. Mosteiro e estacionamento, 2003 (autora)

Fig. 74. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 75. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 76. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 77. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 78. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 79. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 80. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 81. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 82. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 83. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 84. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 85. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 86. Ala Sul: envolvente imediata, 2003 (autora)

Fig. 87. Ala Sul, 2003 (autora)

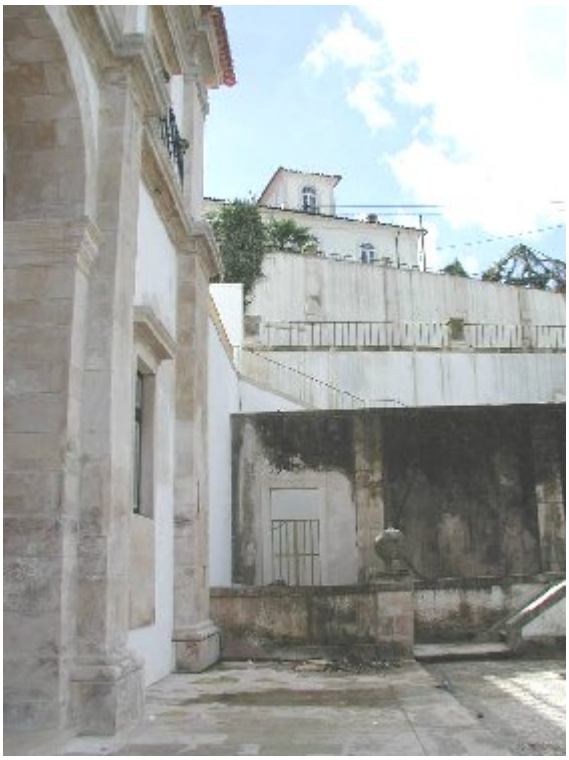


Fig. 88. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 89. Ala Sul: acesso, 2003 (autora)

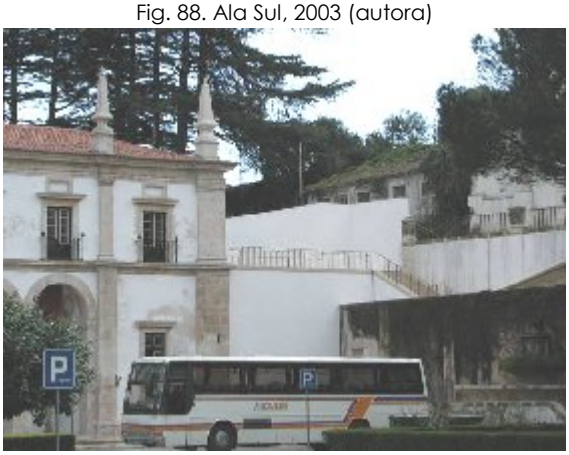


Fig. 90. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 91. Ala Sul: acesso, 2003 (autora)

Fig. 92. Ala Sul desde o celeiro, 2003 (autora)

Fig. 93. Ala Sul e igreja, 2003 (autora)

Fig. 94. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 95. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 96. Ala Sul e igreja, 2003 (autora)

Fig. 97. Igreja. abside e transepto, 2003 (autora)

Fig. 98. Ala Sul e igreja, 2003 (autora)

Fig. 99. Igreja com destaque para o transepto e a sala dos túmulos, 2003 (autora)

Fig. 100. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 101. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 102. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 103. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 104. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 105. Envolvente, 2003 (autora)

Fig. 106. Envolvente, 2003 (autora)

Fig. 107 Acesso ao antigo lar de 3ª idade, 2003 (autora)

Fig. 108. Edifício monástico, 2007 (autora)

Fig. 109. Rossio, 2007 (autora)

Fig. 110. Rossio, 2007 (autora)

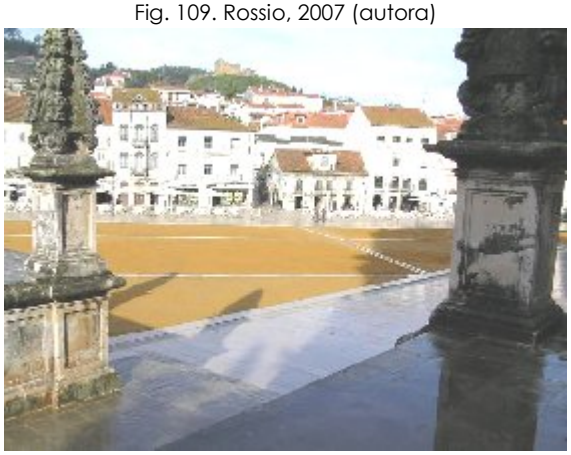


Fig. 111. Rossio, 2007 (autora)

Fig. 112. Edifício monástico, 2007 (autora)

Fig. 113. Edifício monástico, 2007 (autora)

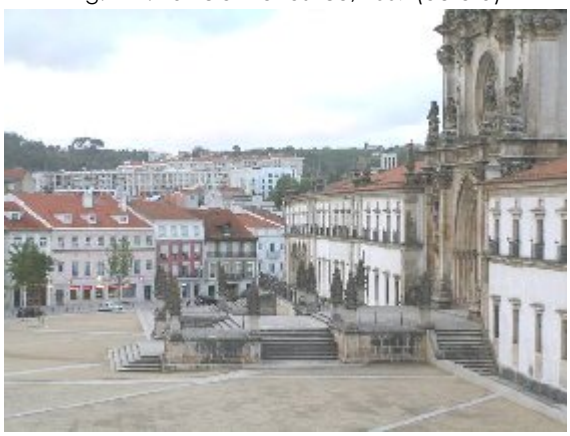


Fig. 114. Edifício monástico e envolvente, 2007 (autora)

Fig. 115. Edifício monástico e Rossio, 2007 (autora)

Fig. 116. Acesso desnivelado, 2007 (autora)

Fig. 117. Edifício monástico e Rossio, 2007 (autora)

Fig. 118. Envolvente imediata, 2009 (autora)

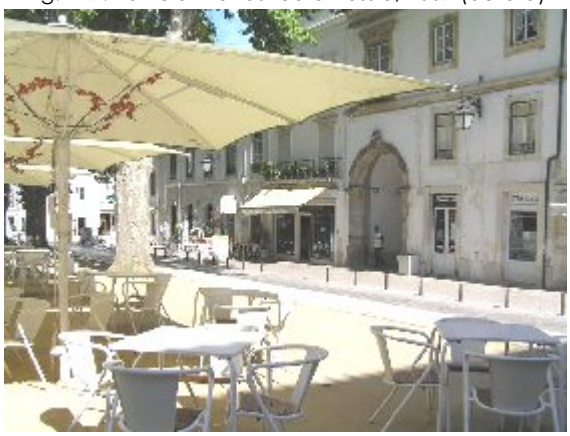


Fig. 119. Envolvente imediata, 2009 (autora)

Fig. 120. Fonte, 2009 (autora)

Fig. 121. Envolvente imediata, 2009 (autora)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 122. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 123. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 124. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 125. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 126. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 127. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 128. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 129. Edifício monástico, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 130. Claustro, anos 50, séc. XX (DGEMN)

Fig. 131. Claustro, anos 50, séc. XX (DGEMN)

Fig. 132. Claustro, 1954 (Estúdio Mário Novais, Arquivo de Arte Gulbenkian)

Fig. 36. Claustro, anos 50, séc. XX (DGEMN)

Fig. 133. Claustro, anos 40, séc. XX (DGEMN)

Fig. 134. Claustro de D. Afonso VI adaptado para habitação, anos 40, séc.XX (DGEMN)

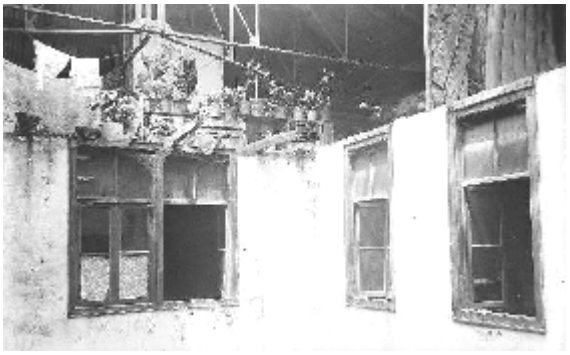


Fig. 135. Claustro de D. Afonso VI adaptado para habitação, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 136. Claustro de D. Afonso VI adaptado para habitação, anos 40, séc.XX (DGEMN)

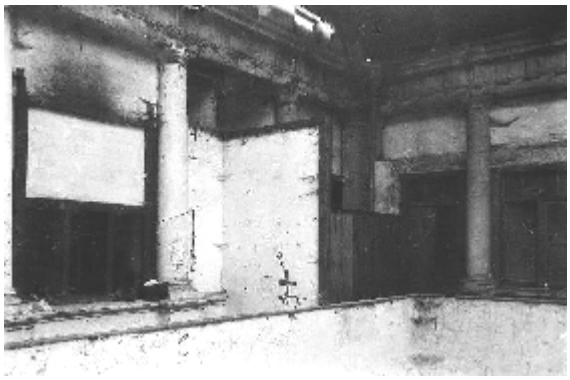


Fig. 137. Claustro de D. Afonso VI adaptado para habitação, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 138. Claustro de D. Afonso VI adaptado para habitação, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 139. Claustro de D. Afonso VI durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 140. Claustro de D. Afonso VI durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 141. Dormitórios durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 142. Dormitórios/escada das matinas durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 143. Dormitórios durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 144. Dormitórios durante as obras da DGEMN (DGEMN)

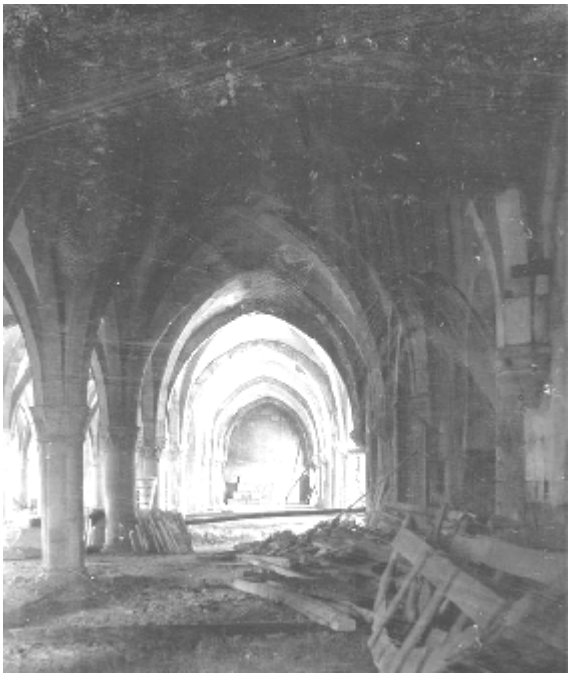


Fig. 145. Dormitórios durante as obras da DGEMN (DGEMN)

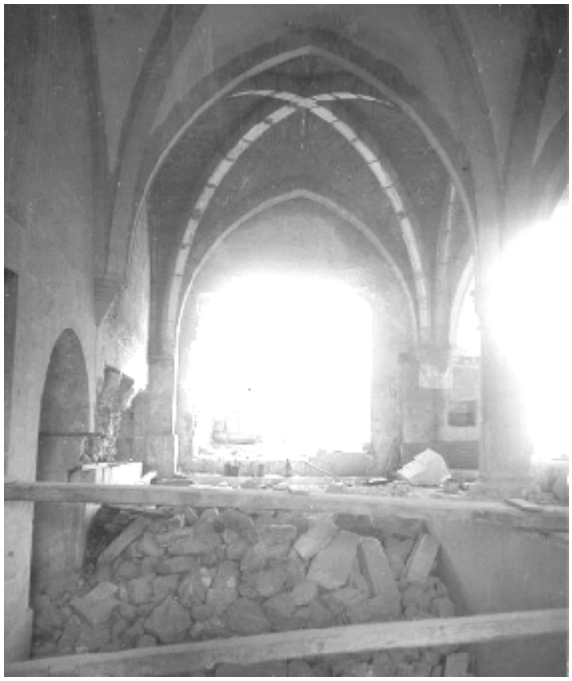


Fig. 146. Dormitórios/escada das matinas durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 147. Dormitórios/escadas dia, anos 40, séc.XX (DGEMN)

Fig. 148. Dormitórios durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 149. Dormitórios, antes do derrube das paredes divisórias, durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 150. Nova escada de acesso aos dormitórios durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 151. Cozinha durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 152. Sala dos Monges durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 153. Cozinha durante as obras da DGEMN (DGEMN)

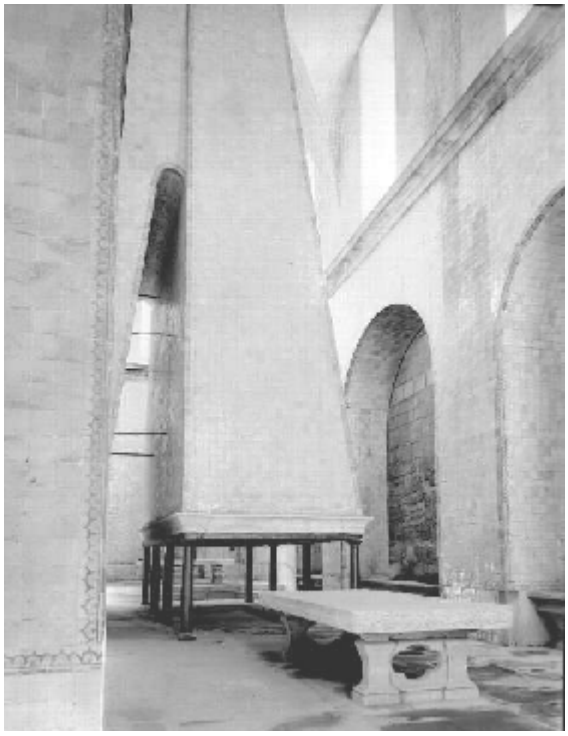


Fig. 154. Cozinha após as obras da DGEMN (DGEMN)

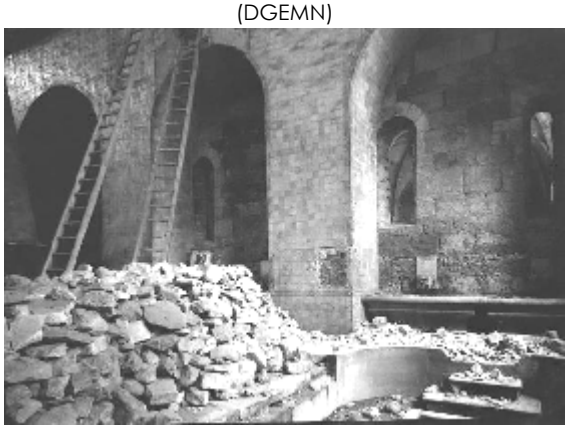


Fig. 155. Cozinha durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 156. Refeitório, durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 157. Refeitório, durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 158. Refeitório, durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 159. Refeitório, durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 160. Refeitório, após as obras da DGEMN (DGEMN)

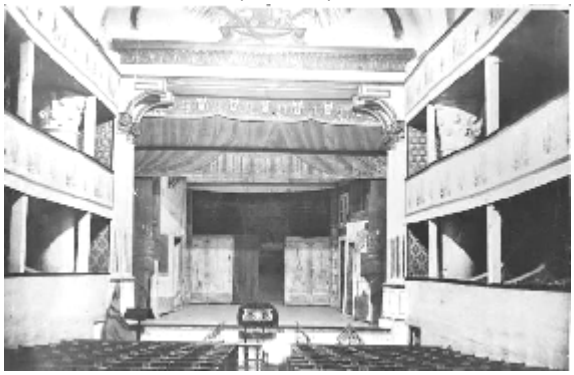


Fig. 161. Refeitório transformado em cineteatro (DGEMN)

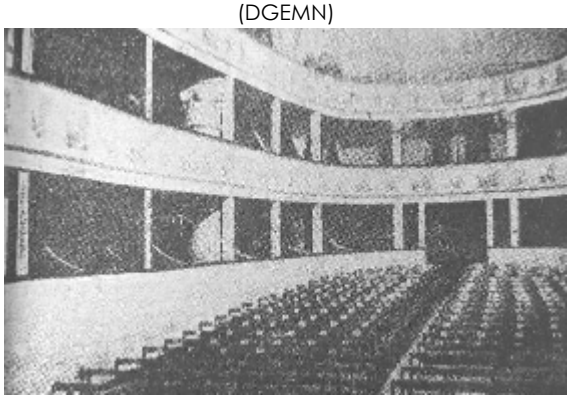


Fig. 162. Refeitório transformado em cineteatro (DGEMN)

Fig. 163. Vestígios da sede da Banda do Asilo (DGEMN)

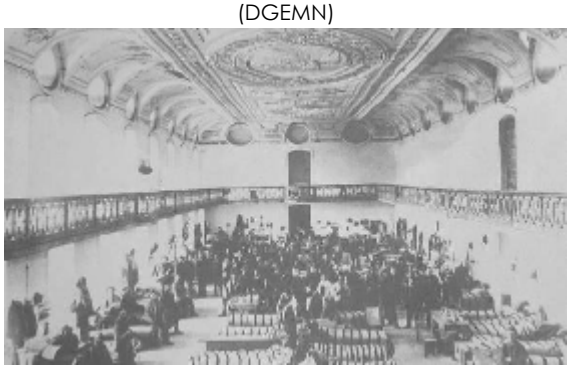


Fig. 164. Biblioteca ocupada por refugiados Boers (DGEMN)

Fig. 165. Claustro antes das obras da DGEMN (colecção privada)

Fig. 166. Claustro antes das obras da DGEMN (colecção privada)

Fig. 167. Claustro antes das obras da DGEMN
(colecção privada)

Fig. 168. Claustro antes das obras da DGEMN
(colecção privada)

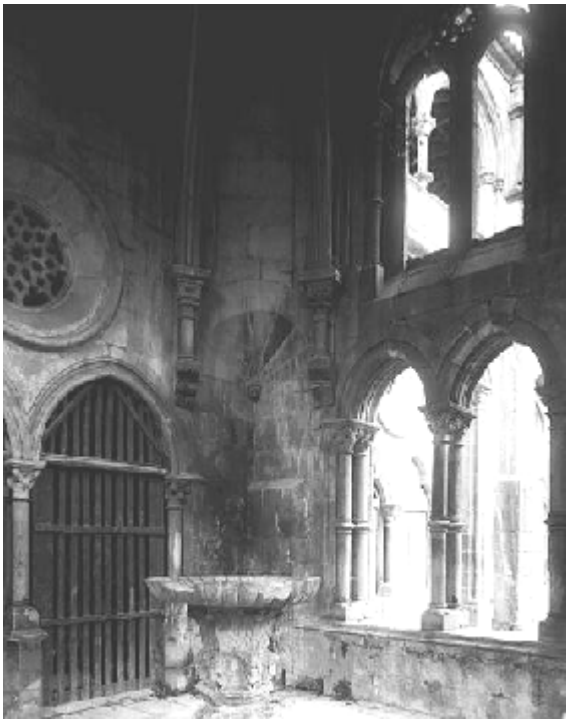


Fig. 169. Lavabo antes das obras da DGEMN
(colecção privada)

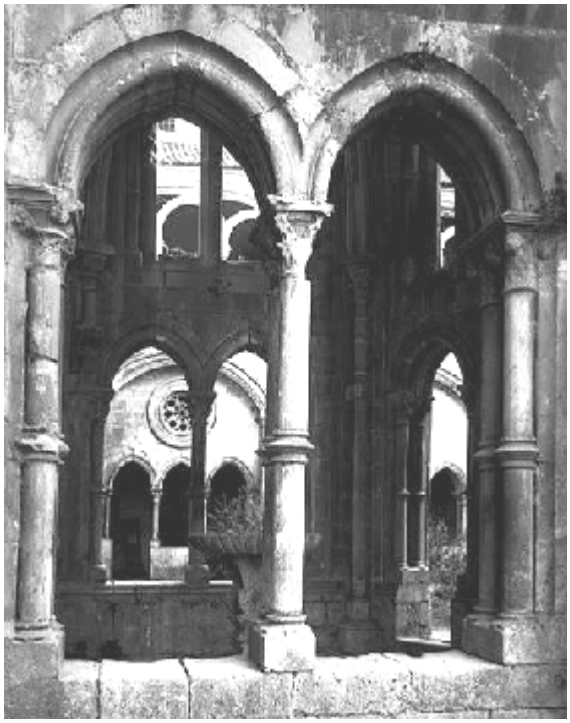


Fig. 170. Lavabo antes das obras da DGEMN
(colecção privada)

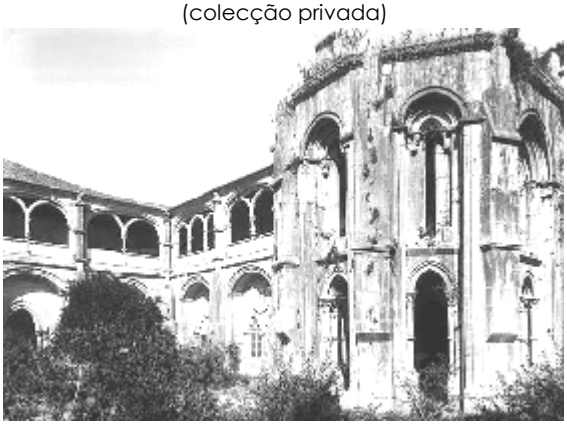


Fig. 171. Claustro antes das obras da DGEMN
(colecção privada)

Fig. 172. Claustro antes das obras da DGEMN
(colecção privada)

Fig. 173. Sacristia durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 174. Sacristia durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 176. Sacristia após as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 175. Tecto da sacristia durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 177. Tecto da sacristia durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 178. Igreja antes do apeamento do altar e das obras da DGEMN (DGEMN)

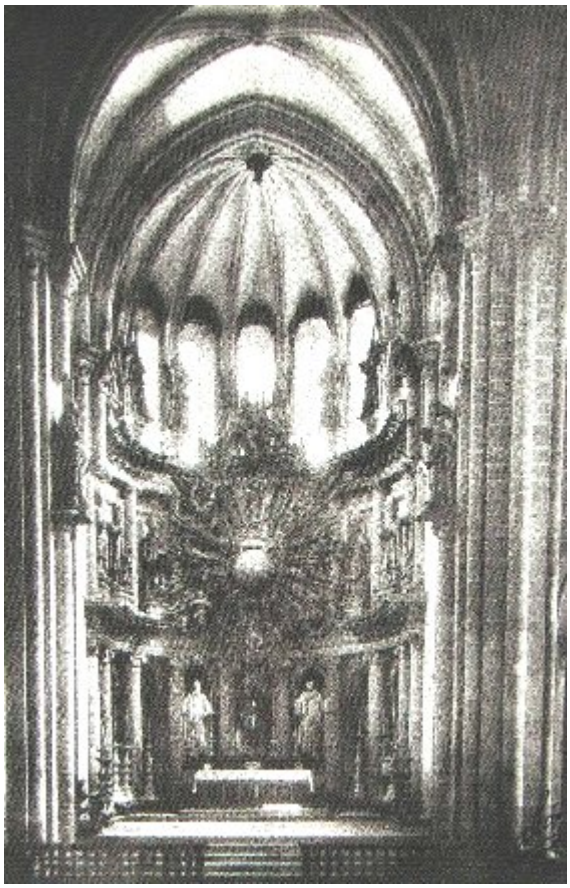


Fig. 179. Capela-mor antes do apeamento do altar e das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 180. Capelas radiais antes das obras da DGEMN (DGEMN)

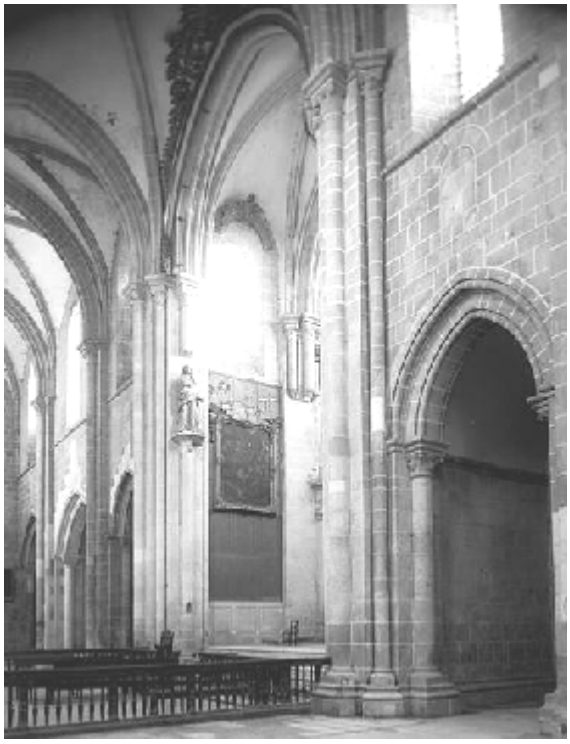


Fig. 181. Transepto antes das obras da DGEMN (DGEMN)

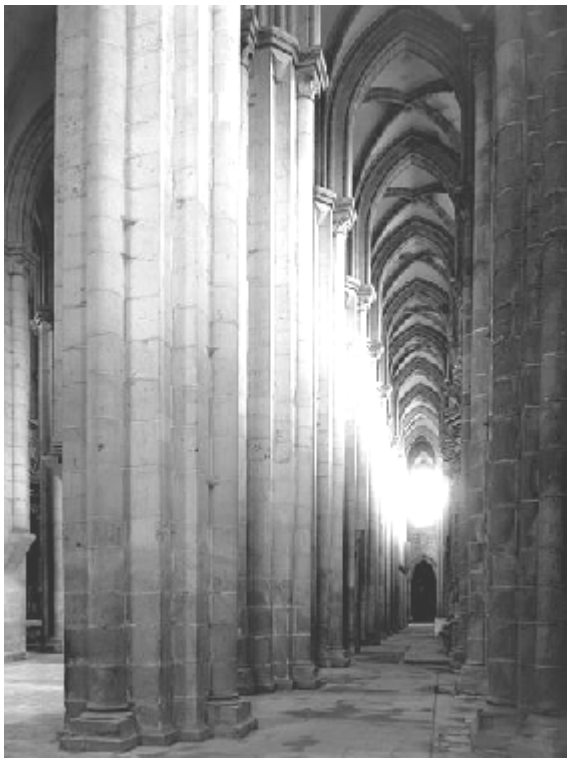


Fig. 182. Nave lateral antes das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 183. Porta antes das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 184. Transepto antes das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 185. Transepto antes das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 186. Escada das matinas, ligação ao dormitório desde a igreja, antes das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 187 Capela antes das obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 189. Transepto durante as obras da DGEMN (DGEMN)

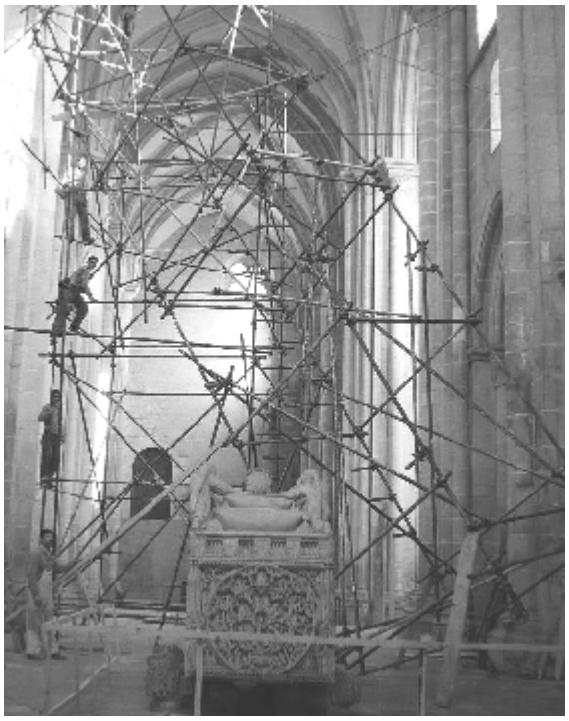


Fig. 188. Igreja durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 190. Transepto durante as obras da DGEMN (DGEMN)

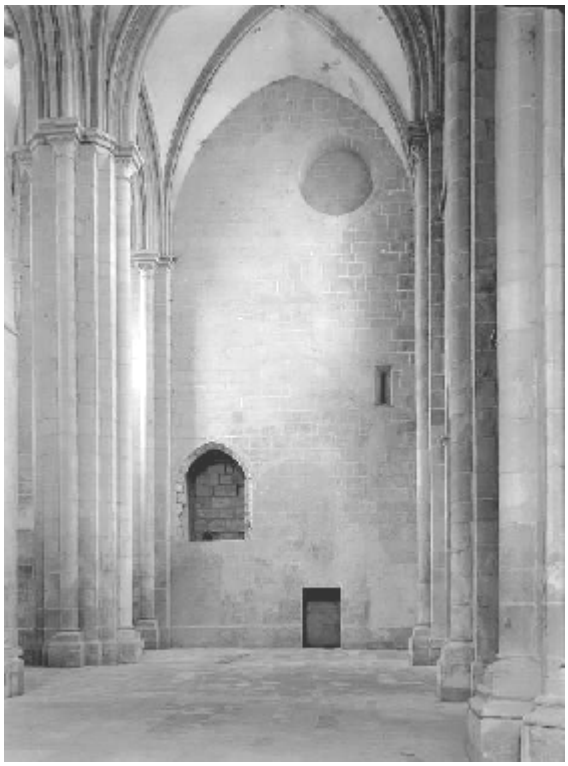


Fig. 191. Transepto durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 192. Igreja durante as obras da DGEMN (DGEMN)

Fig. 193. Capela durante as obras da DGEMN (DGEMN)

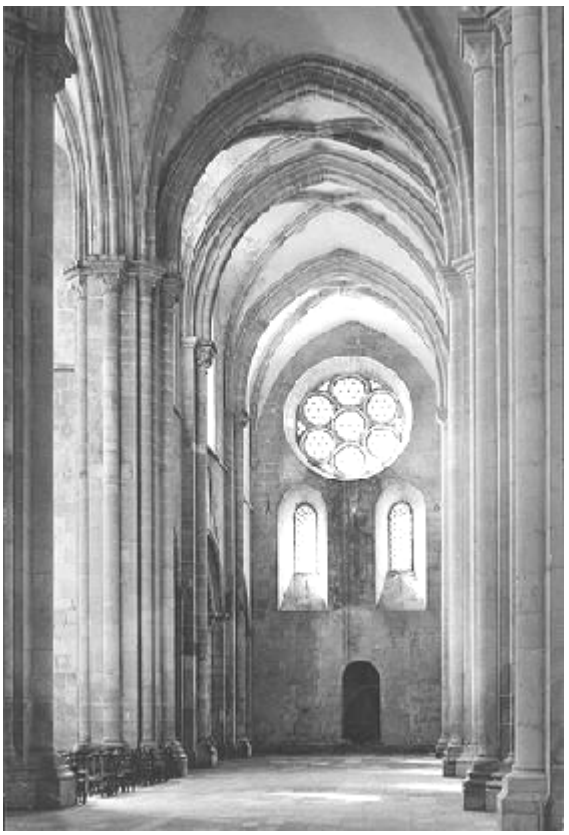


Fig. 194. Transepto antes das obras da DGEMN, 1954 (Estúdio Mário Novais / Arquivo de Arte Gulbenkian)

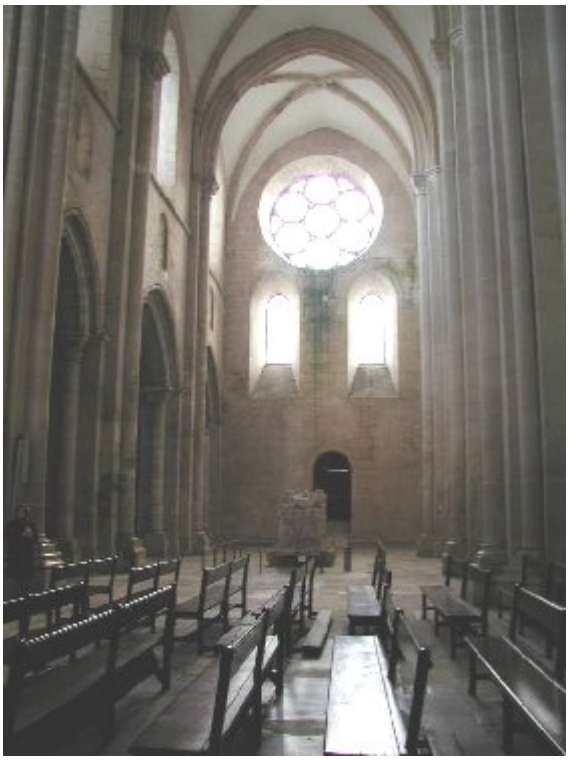


Fig. 195. Igreja: transepto, 2003 (autora)

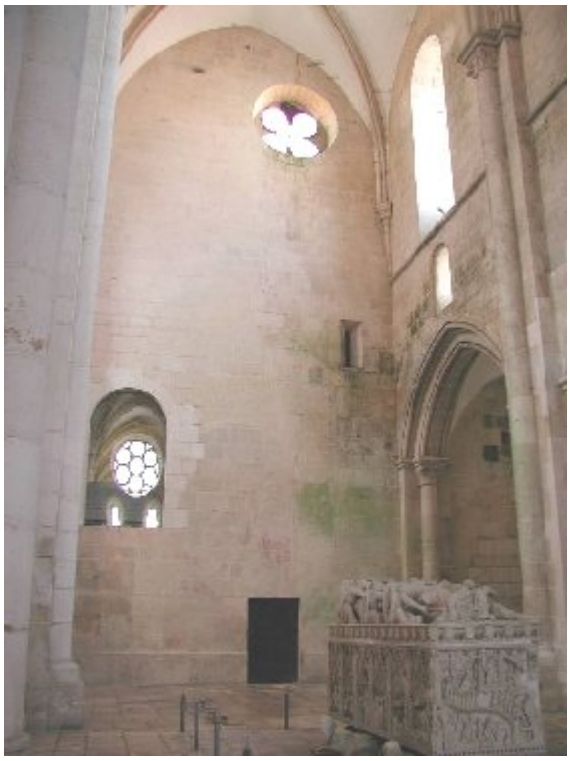


Fig. 196. Igreja: transepto e túmulo de D. Inês, 2003 (autora)

Fig. 197. Igreja: capelas radiais, 2003 (autora)

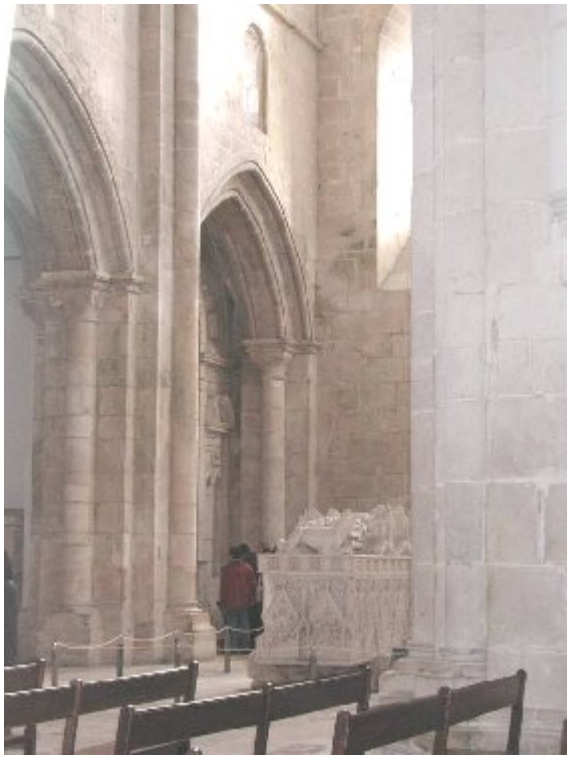


Fig. 198. Igreja: transepto, 2003 (autora)

Fig. 199. Igreja: capelas radiais, 2003 (autora)

Fig. 200. Igreja: altar, 2003 (autora)

Fig. 201. Igreja: nave lateral, 2003 (autora)

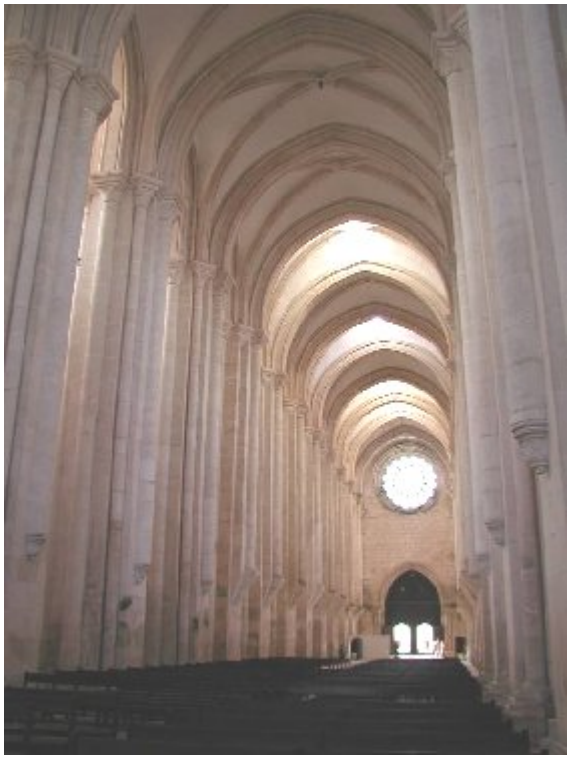


Fig. 202. Igreja, 2003 (autora)

Fig. 203. Igreja: altar, 2003 (autora)

Fig. 204. Altar: morte de S. Bernardo, 2003 (autora)

Fig. 205. Igreja: altar, 2003 (autora)

Fig. 206. Igreja: Transepto e túmulo de D. Pedro, 2003 (autora)

Fig. 207. Marcação da passagem de canalização na parede da igreja, 2003 (autora)

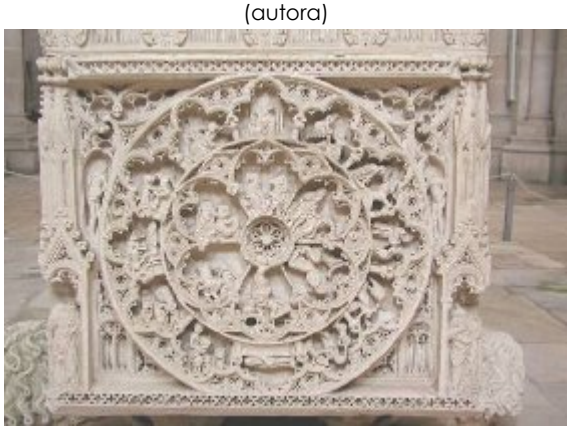


Fig. 208. Túmulo, detalhe, 2003 (autora)

Fig. 209. Sala dos túmulos (neogótica), 2003 (autora)

Fig. 210. Sala dos túmulos (neogótica), 2003 (autora)

Fig. 211. Acesso à sacristia, 2003 (autora)

Fig. 212. Porta (manuelina) de acesso à sacristia, 2003 (autora)

Fig. 213. Porta, 2003 (autora)

Fig. 214. Detalhe, 2003 (autora)

Fig. 215. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 216. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 217. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 218. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 219. Sacristia, capela relicário 2003 (autora)

Fig. 220. Sacristia, capela relicário 2003 (autora)

Fig. 221. Sacristia e capela relicário, 2003 (autora)

Fig. 222. Sacristia, 2003 (autora)

Fig. 223. Escultura em terracota: coroação de D. Afonso Henriques, 2003 (autora)

Fig. 224. Escultura em terracota: coroação de D. Afonso Henriques, 2003 (autora)

Fig. 225. Sala dos Reis: coroação de D. Afonso Henriques, 2003 (autora)

Fig. 226. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 227 Claustro: acesso à Sala dos Reis, 2003(autora)

Fig. 228. Claustro, 2003 (autora)

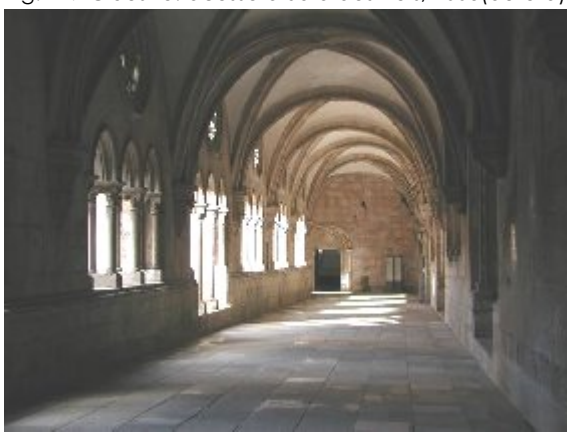


Fig. 229. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 230. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 231. Claustro, 2003 (autora)

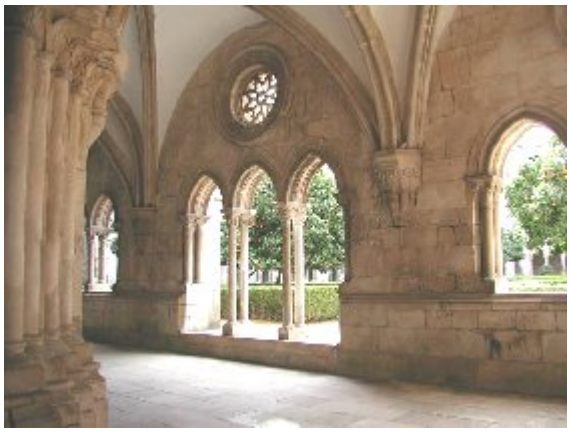


Fig. 232. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 233. Claustro, 2003 (autora)

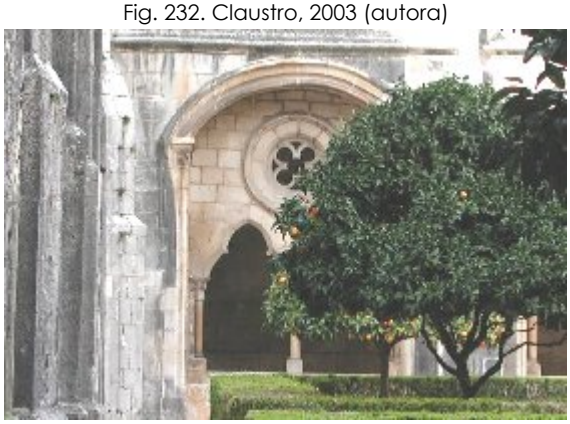


Fig. 234. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 235. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 236. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 237. Claustro, 2003 (autora)

Fig. 238. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 239. Edifício monástico, 2003 (autora)

Fig. 240. Lavabo, 2003 (autora)

Fig. 241. Lavabo, 2003 (autora)

Fig. 242. Lavabo, 2003 (autora)

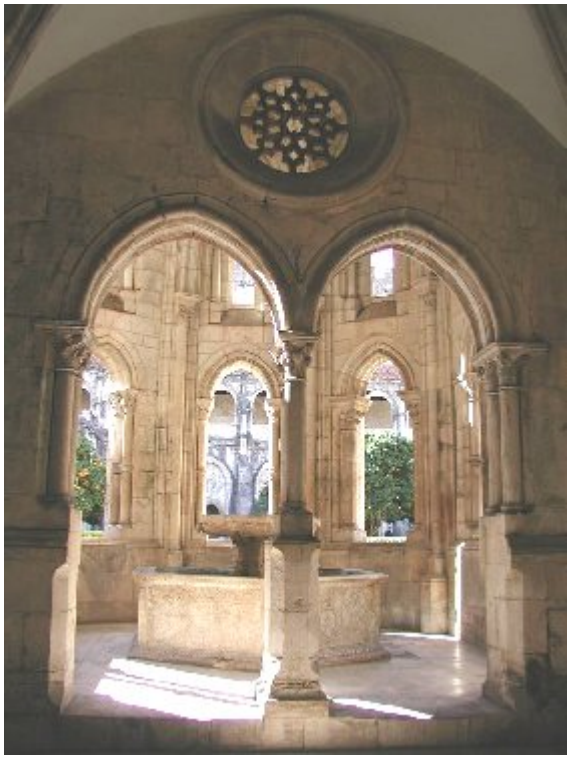


Fig. 243. Lavabo, 2003 (autora)

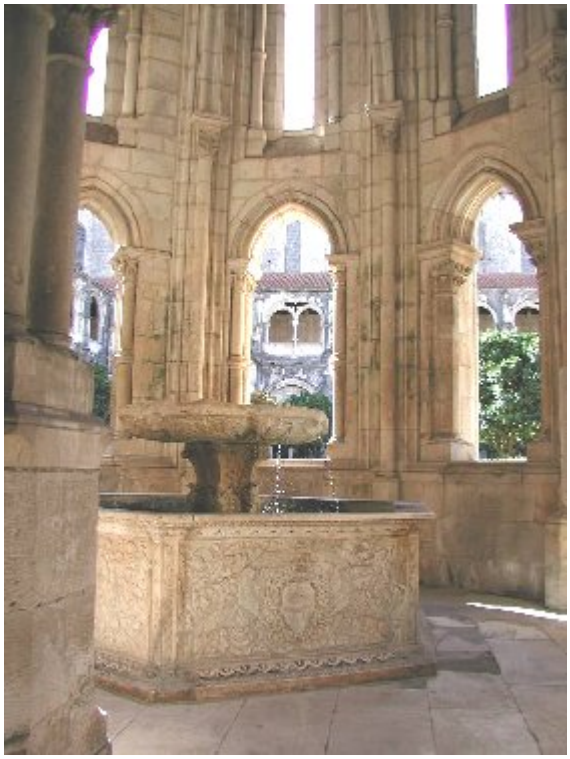


Fig. 244. Lavabo, 2003 (autora)

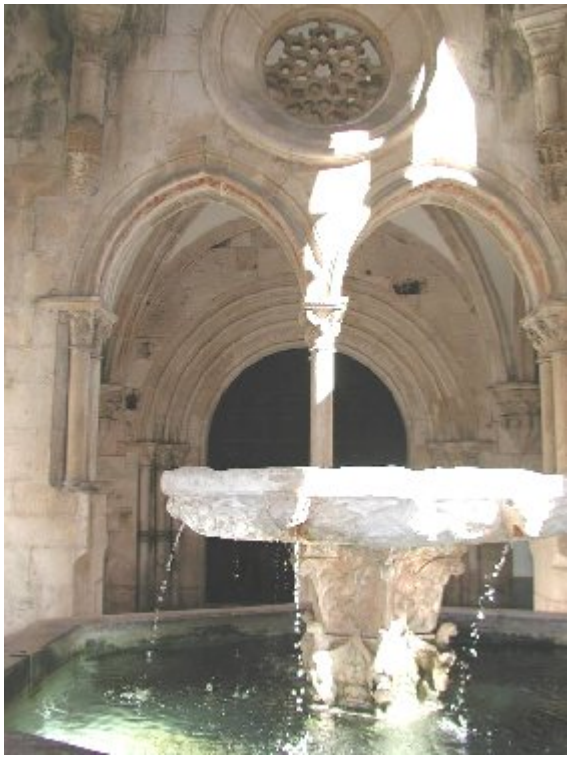


Fig. 245. Lavabo e porta do refeitório, 2003 (autora)

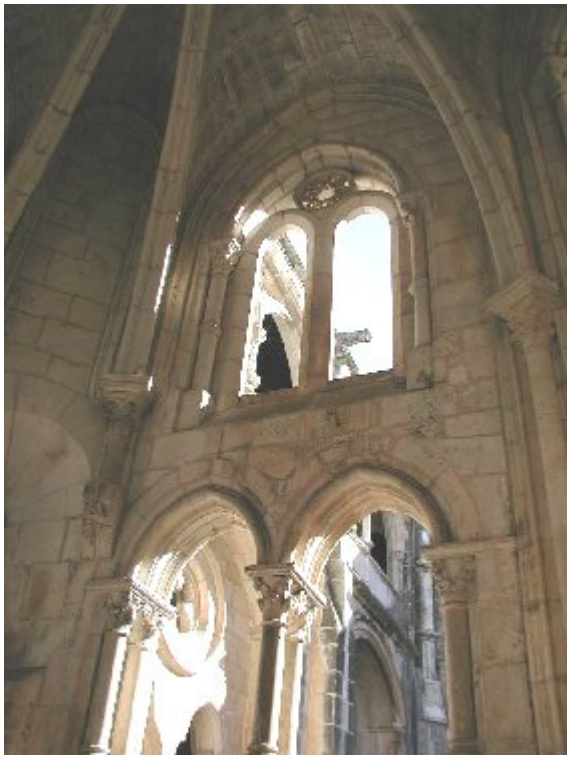


Fig. 246. Lavabo, 2003 (autora)

Fig. 247. Lavabo, 2003 (autora)

Fig. 248. Claustro de D. Afonso VI, 2009 (autora)

Fig. 249. Claustro de D. Afonso VI, 2009 (autora)

Fig. 250. Claustro de D. Afonso VI, 2009 (autora)

Fig. 251. Claustro de D. Afonso VI, 2009 (autora)

Fig. 252. Claustro de D. Afonso VI, 2009 (autora)

Fig. 253. Claustro de D. Afonso VI, 2009 (autora)

Fig. 254. Claustro do Cardeal, 2009 (autora)

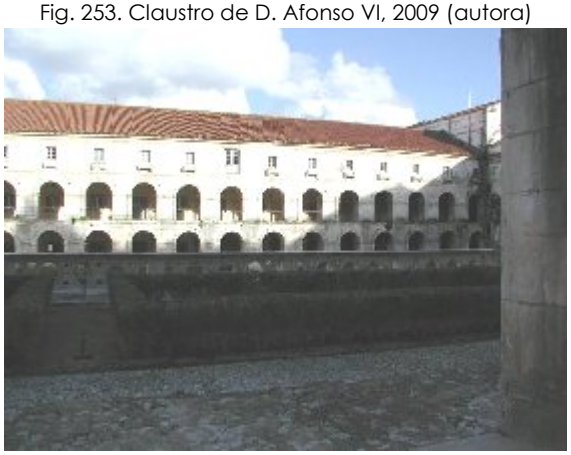


Fig. 255. Claustro do Cardeal, 2009 (autora)

Fig. 256. Claustro do Cardeal, 2009 (autora)

Fig.257. Biblioteca (Éditions Gaud)

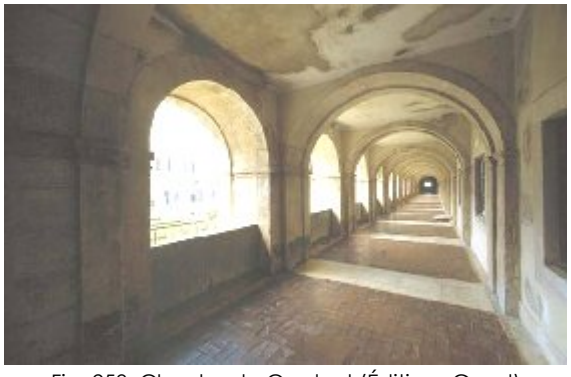


Fig. 258. Claustro do Cardeal (Éditions Gaud)

Fig. 259. Edifício monástico (Éditions Gaud)

Fig. 260. Edifício monástico (Éditions Gaud)

Fig. 261. Edifício monástico (Éditions Gaud)

Fig. 262. Claustro do Cardeal (Éditions Gaud)

Fig. 263. Claustro do Cardeal (Éditions Gaud)

Fig. 264. Claustro do Rachadoiro (Éditions Gaud)

Fig. 265. Claustro do Cardeal (Éditions Gaud)

Fig. 266. Claustro do Cardeal (Éditions Gaud)

Fig. 267. Acesso à Sala dos Monges e ao Dormitório, 2003 (autora)

Fig. 268. Sala dos Monges, 2003 (autora)

Fig. 269. Abertura entre a Sala dos Monges e a Cozinha, 2003 (autora)

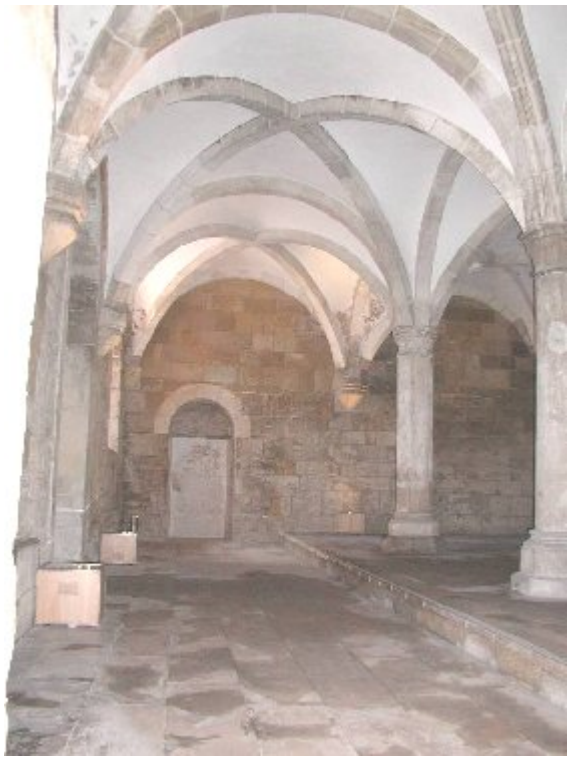


Fig. 270. Sala dos Monges, 2003 (autora)

Fig. 271. Sala dos Monges, 2003 (autora)

Fig. 272. Sala dos Monges, 2003 (autora)

Fig. 273. Sala dos Monges, 2009 (autora)

Fig. 274. Sala dos Monges, 2009 (autora)

Fig. 275. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 276. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 277. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

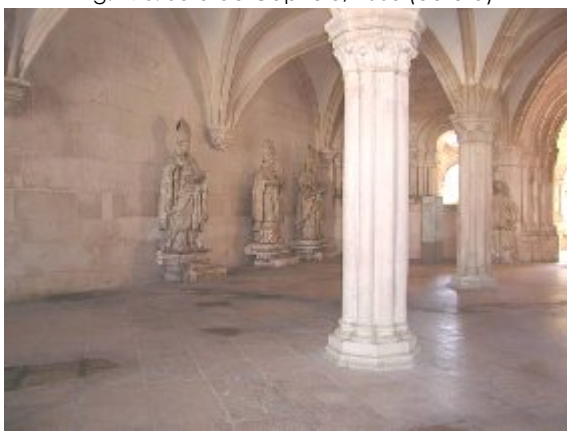


Fig. 278. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 279. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

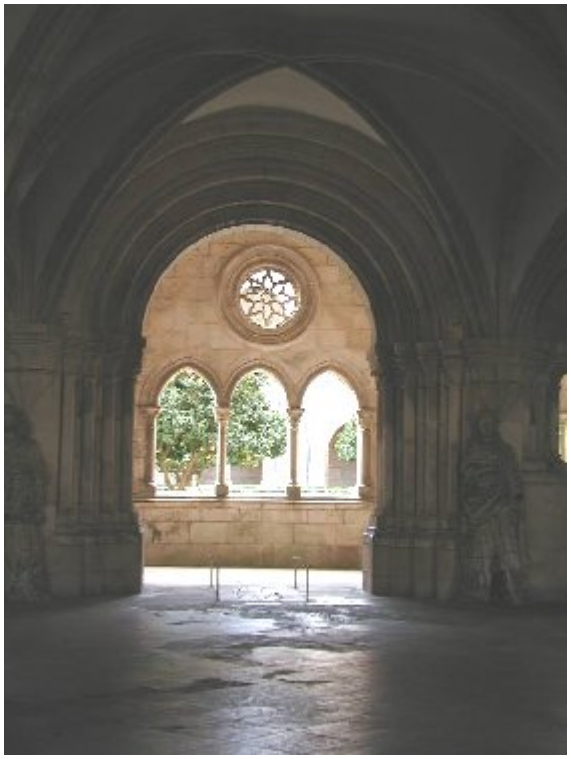


Fig. 280. Sala do Capítulo, 2003 (autora)

Fig. 281. Sala do Capítulo, 2009 (autora)

Fig. 282. Sala do Capítulo, 2009 (autora)

Fig. 283. Escada do Dormitório, 2003 (autora)

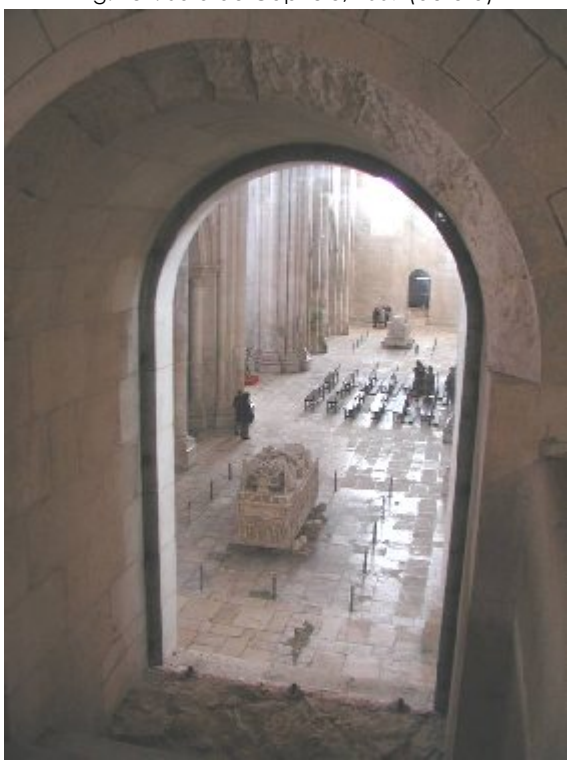


Fig. 284. Vestígio da localização da escada das matinas que ligava dormitório à igreja, 2003 (autora)

Fig. 285. Dormitório, 2003 (autora)

Fig. 286. Dormitório, 2003 (autora)

Fig. 287. Dormitório, 2003 (autora)

Fig. 288. Dormitório, 2003 (autora)

Fig. 289 Dormitório: escada das matinas, 2003(autora)

Fig. 290. Claustro: piso superior, 2003 (autora)

Fig. 291. Claustro: piso superior, 2003 (autora)

Fig. 292. Claustro: piso superior, 2003 (autora)

Fig. 293. Claustro: piso superior, 2003 (autora)

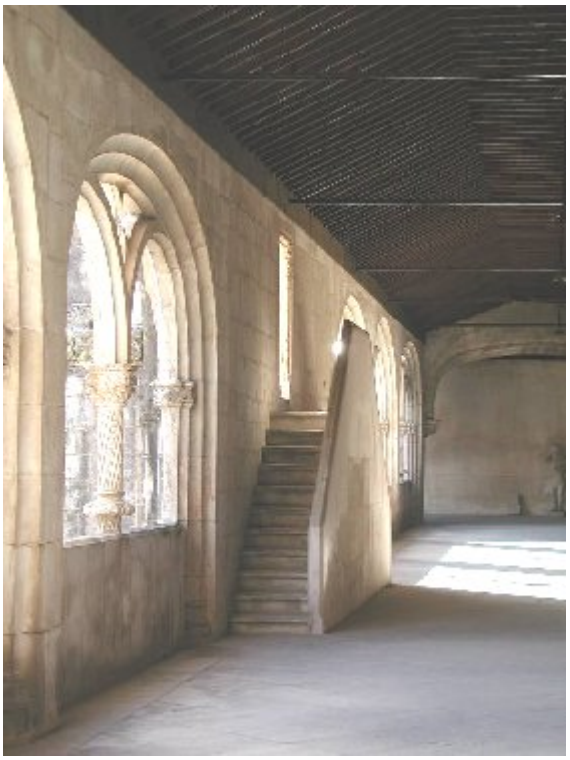


Fig. 294. Claustro: piso superior, 2003 (autora)

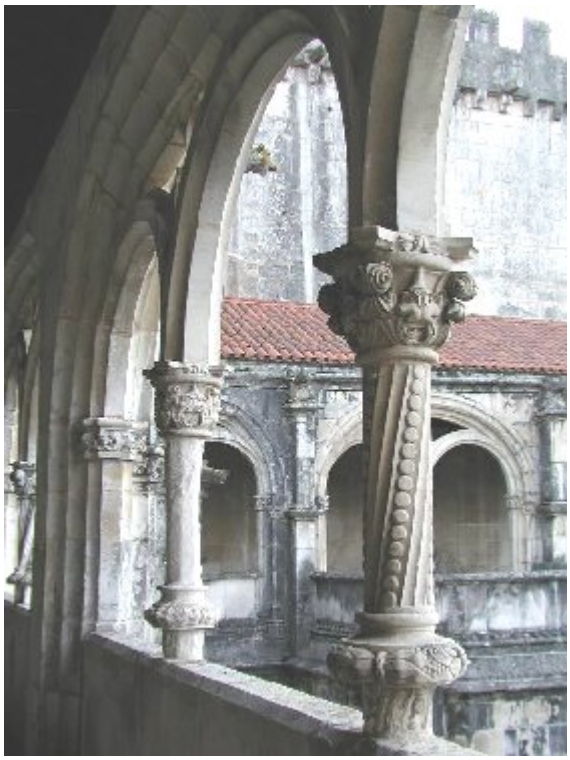


Fig. 295. Claustro: piso superior, 2003 (autora)

Fig. 296. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 297. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 298. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 299. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 300. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 301. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 302. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 303. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 304. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 305. Cozinha, 2003 (autora)

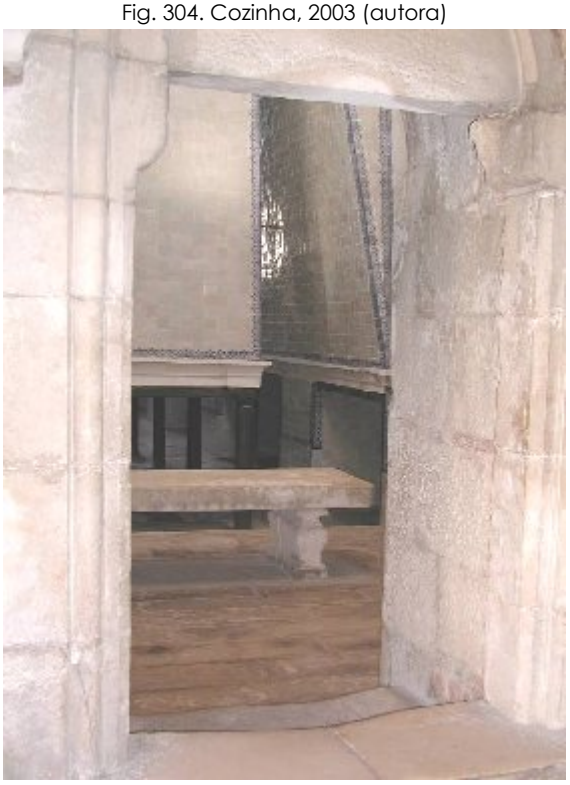


Fig. 306. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 307. Cozinha, 2003 (autora)

Fig. 308. Refeitório, 2003 (autora)

Fig. 309. Refeitório, 2003 (autora)

Fig. 310. Refeitório, 2003 (autora)

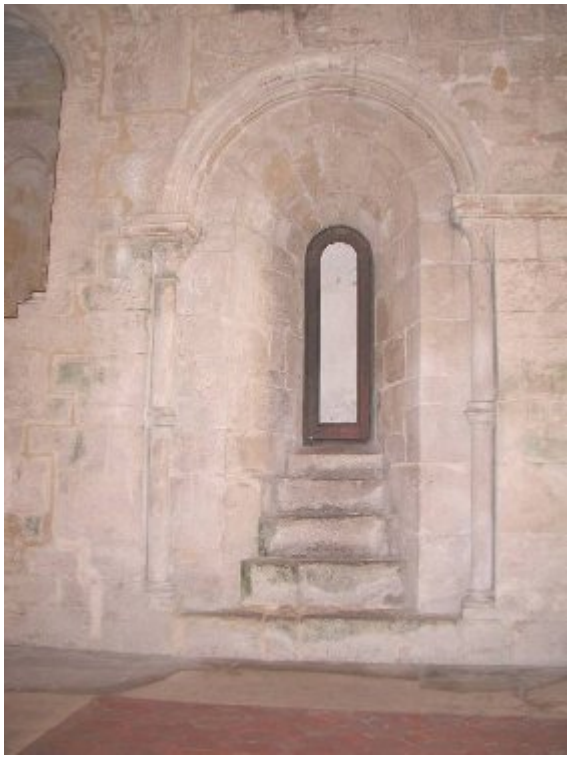


Fig. 311. Refeitório, 2003 (autora)

Fig. 312. Refeitório, 2003 (autora)

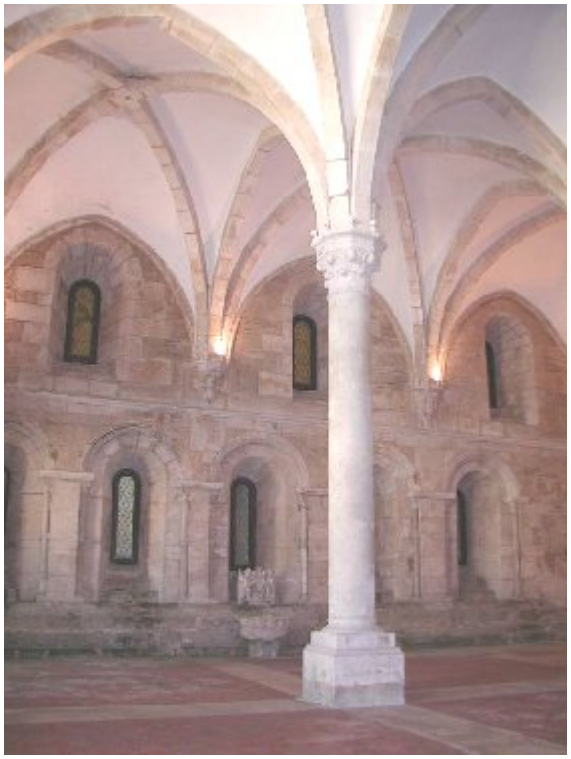


Fig. 313. Refeitório, 2003 (autora)

Fig. 314. Refeitório, 2003 (autora)

Fig. 315. Parlatório, 2003 (autora)

Fig. 316. Parlatório, 2003 (autora)

Fig. 317. Parlatório, 2003 (autora)

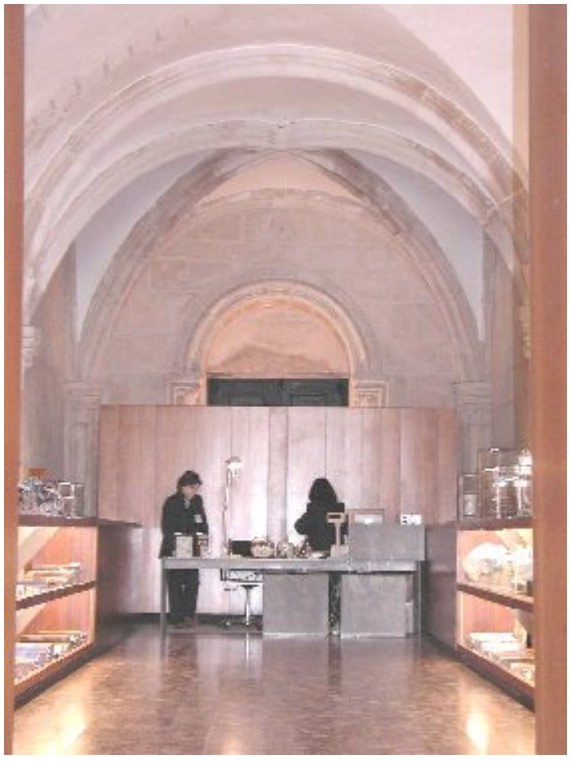


Fig. 318. Parlatório, 2003 (autora)

Fig. 319. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 320. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 321. Ala Sul, 2003 (autora)

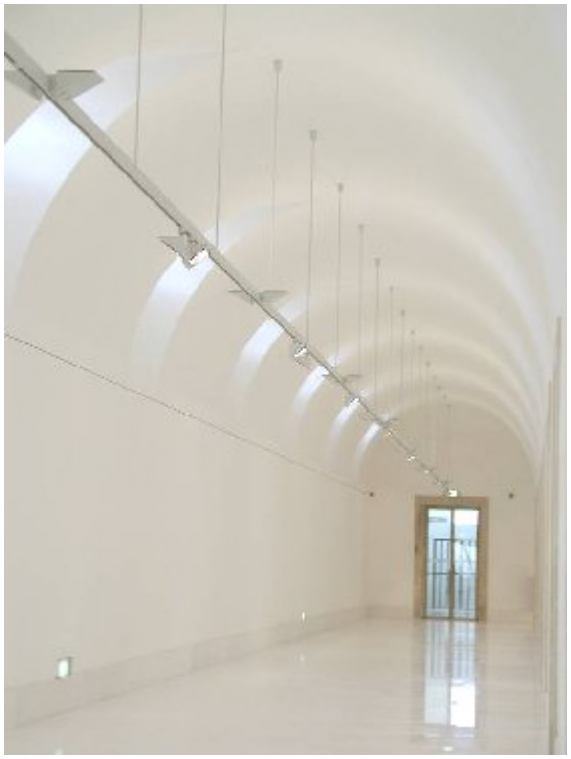


Fig. 322. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 323. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 324. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 325. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 326. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 327. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 328. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 329. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 330. Ala Sul, 2003 (autora)

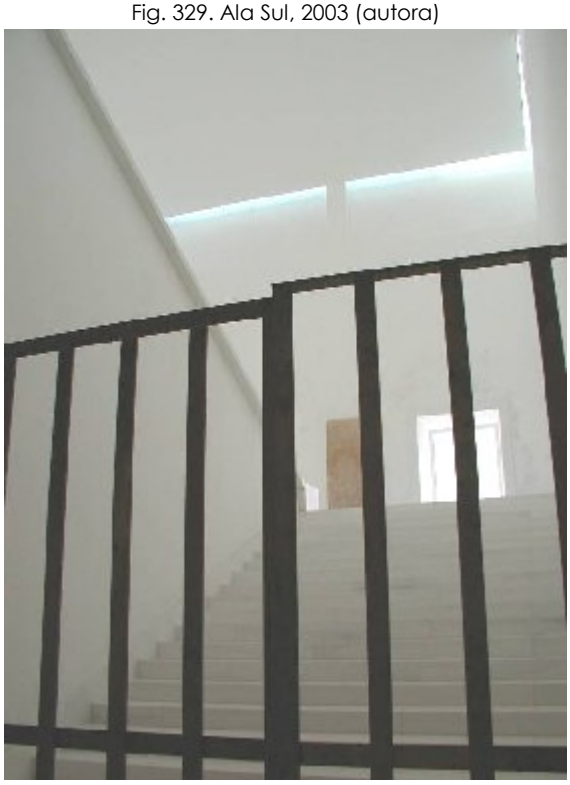


Fig. 331. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 332. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 333. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 334. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 335. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 336. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 337. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 338. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 339. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 340. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 341. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 342. Ala Sul, 2003 (autora)

Fig. 343. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 344. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 346. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 345. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 347. Celeiro, 2003 (autora)

Fig. 348. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 349. Capela do Desterro, 2003 (autora)

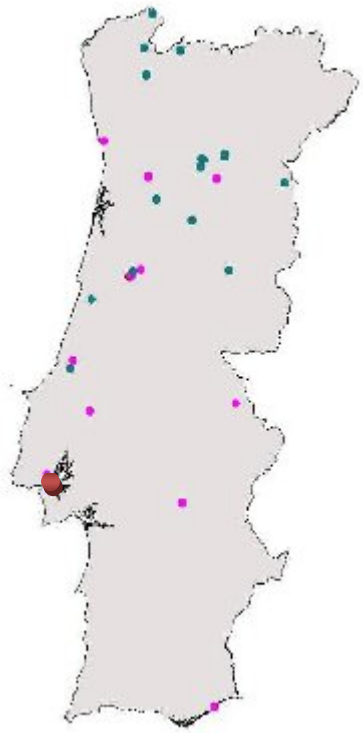
Fig. 350. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 351. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 352. Capela do Desterro, 2003 (autora)

Fig. 353. Capela do Desterro, 2003 (autora)

A.4. Croquis: N/a



Fotografia arquivo DGEMN / IHRU

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO DESTERRO

Síntese e esquema da autora

1. IDENTIFICACÃO

1.1. Denominação efectiva: Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro
1.2. Outras denominações: Hospital do Desterro
1.3. IPA (DGEMN) – Designação: Hospital do Desterro
1.4. IPA (DGEMN) – nº de identificação: PT031106060398
1.5. IPPAR – Designação: n/a
1.6. IPPAR – nº de identificação: n/a
1.7. Fundação *I* Filiação: Fundação 1591
Alcobaça-Desterro
1.8. Diocese: Lisboa
1.9. Construção: séc. XVII / XVIII
1.10. Género: Masculino

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. Província: Estremadura
2.2. Distrito: Lisboa
2.3. Concelho: Lisboa
2.4. Freguesia: São Nicolau
2.5. Direcção Postal:
Rua Nova do Desterro s/nº
1100 LISBOA

3. ACESSIBILIDADES

3.1. Acessos:
Rua Nova do Desterro s/nº
3.2. Grau de Acessibilidade: Bom
3.3. Visita:
Não visitável
3.4. Condicionantes de visita: n/a
3.5. Contactos:
Câmara Municipal de Lisboa **I** Praça do Município **I** 1100 LISBOA **I**
tel. +351 21 322 70 00
fax. +351 21 347 76 43
http://www.cm-lisboa.pt

Desenho da autora sobre extracto da carta itinerária de Portugal 1/500000 do Instituto Geográfico do Exército

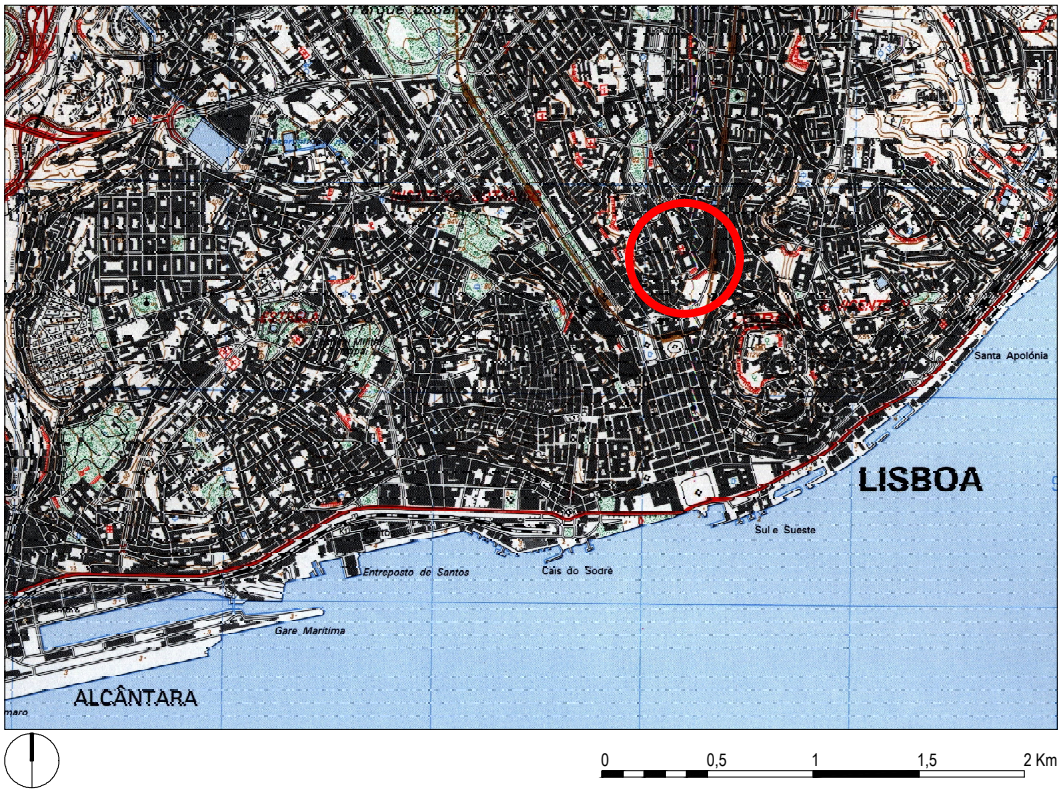
4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

4.1. Cartografia 1/50000 (série M782): Carta militar nº 34-II LISBOA (1996)

(desenho da autora sobre carta militar série M782)

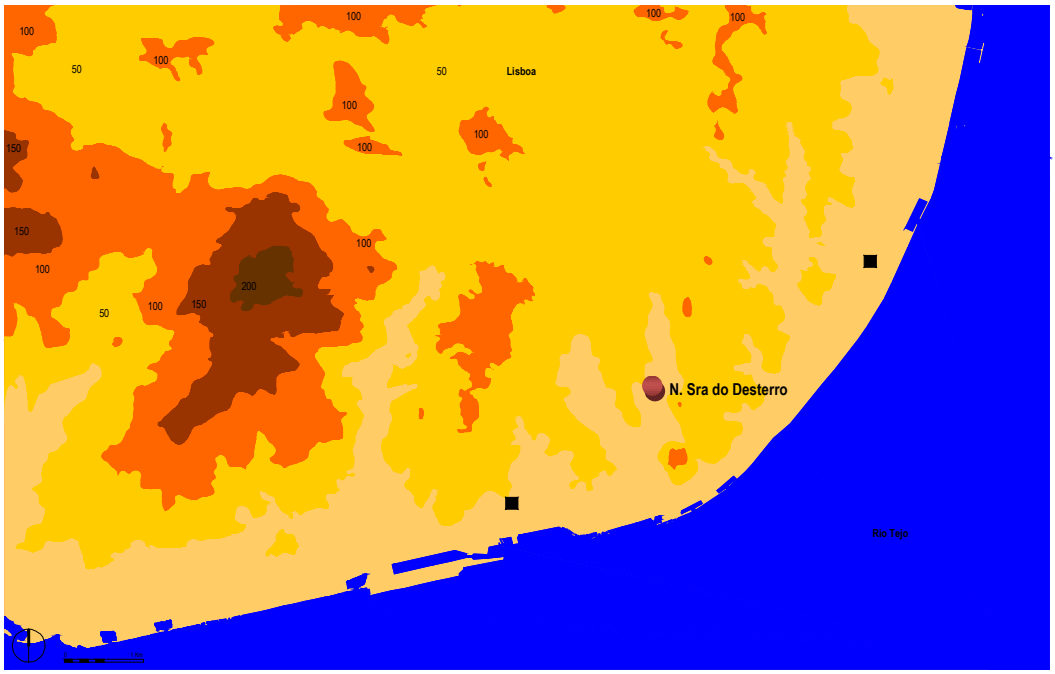
1179

4.2. Cartografia 1/25000 (série M888): Carta militar nº 431 LISBOA (1993)



(desenho da autora sobre carta militar série M788)

4.3. Implantação no Território:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000)

4.4. Tipo de implantação no Território: Planície

4.5. Coordenadas WGS-84: Latitude: 38º 43' 13'' N **I** Longitude: 9º 8' 9''O

4.6. Coordenadas Gauss-Militar : X: 112772 **I** Y: 195245

4.7. Fotografia aérea: IgeoE_voo: ERFOTO 2000 **I** rolo nº11 **I** fotografia nº9162

(desenho da autora sobre fotografia aérea cedida pelo Instituto geográfico do Exército)

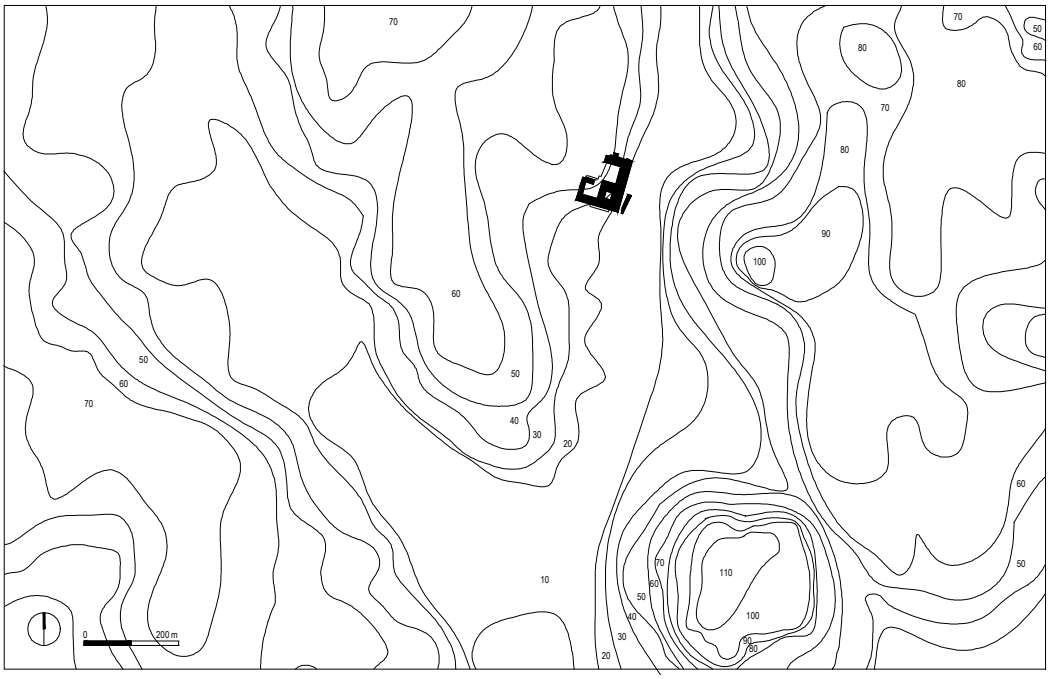
4.8. Envolvente: Urbana
4.9. Altitude: 20 m
4.10.Proximidades e relações: Lisboa **I** Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo **I** Mosteiro de São Bento de Xabregas
4.11 Obs.: Quarteirão isolado em local de destaque ainda que inserido na malha urbana

5. PROPRIEDADE

5.1. Tipo: Estado
5.2. Afectação / Ocupação: encontra-se afecto ao Ministério da Saúde (Hospital do Desterro)

6. ARQUITECTURA

6.1. Tipologia: Mosteiro
6.2. Estilo dominante: Maneirista
6.3. Estilos paralelos: Contemporâneo (desvirtuado)
6.4. Implantação:



(desenho da autora tendo por base carta militar 1/25000, fotografia aérea - IgeoE e planos do mosteiro - DGEMN)

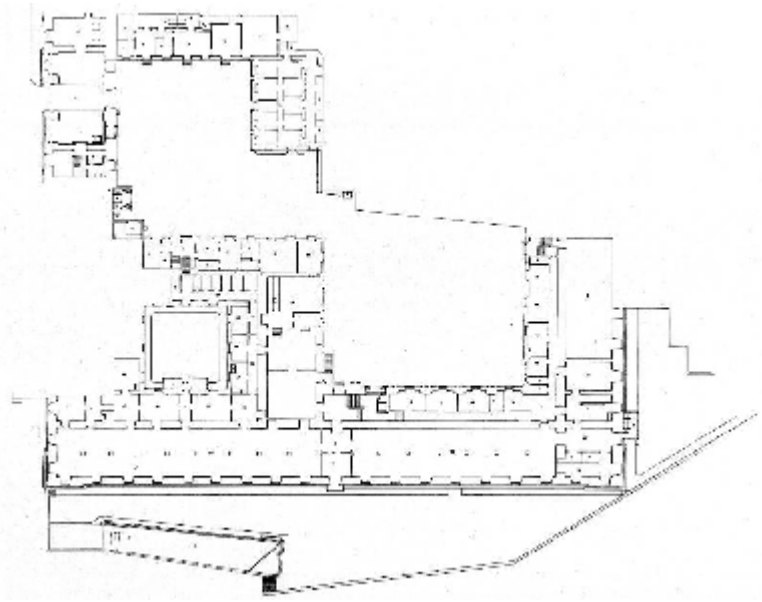
6.5. Descrição do exterior: "De planta em L irregular, composta pela articulação de 4 corpos sensivelmente rectangulares, o edifício apresenta volumetria paralelepipédica, sendo a cobertura efectuada por telhados a

2 e 3 águas. Destaca-se no conjunto, o corpo principal a SE., constituído por 4 pisos e 3 módulos separados por pilastras em cantaria. Com caixa murária em reboco pintado, apresenta piso térreo saliente, com soco em cantaria, material também presente no friso que separa este piso do andar superior e a revestir o embasamento dos módulos extremos. O seu alçado principal, a SE., ostenta pano de muro regularmente ritmado pela abertura de vãos com emolduramento simples em cantaria (17), podendo observar-se janelas de peito em todo o pano de muro, destacando-se a eixo, o alinhamento vertical de 3 janelas de sacada com varanda (suportadas por 5 mísulas cada) a sobrepujar a porta principal."
(DGEMN; Processo IPA PT031106310398: Hospital do Desterro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

"No alçado posterior deste edifício e contiguamente ao corpo localizado a NE., regista-se a existência de uma arcaria de volta perfeita em cantaria adossada à parede, localizada ao nível do 2º andar do alçado descrito, e que delimita parte do átrio existente no interior do conjunto. Pode ainda observar-se no alçado SO. do hospital, um 1º corpo, correspondente à primitiva igreja conventual (com acesso por escadaria lateral exterior e pequeno átrio), e um 2º corpo, localizado contiguamente, que apresenta pano de muro com placagem de cantaria e amplo vao em arco de volta perfeita com gradeamento metálico, pelo qual se acede ao átrio interno e aos alçados posteriores das diferentes edificações." (DGEMN; Processo IPA PT031106310398: Hospital do Desterro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)

6.6. Descrição do interior: No interior, regista-se a presença de amplos corredores longitudinais com cobertura em abóbada de aresta, que asseguram a circulação por todo o edifício, bem como a distribuição dos seus compartimen

6.7. Planta:



(desenho arquivo DGMN)

6.8. Igreja – planta: monoaxial
6.9. Igreja – cabeceira: rectangular
6.10. Claustros existentes – nº: 1
6.11. Claustros existentes – forma: quadrangular
6.12. Materiais: Paredes autoportantes **I** estrutura mista **I** alvenaria rebocada **I** pavimento de madeira **I** tijoleira **I** cobertura de telha.
6.13. Arquitecto(s) *I* constructor(es): Arquitecto Filippo Terzi (1520 -1597) *I* Arquitecto Baltazar Alvares (c. 1570 -1624). Nota: a sua atribuição a um ou a outro varia consoante os diferentes autores
6.14. Obs.:

7. USOS

7.1. Uso inicial: Religioso (Mosteiro Cisterciense)
7.2. Uso actual: Assistencial (Hospital)
7.3. Cronologia de usos:
1591 – Religioso: Mosteiro Cisterciense
1808 / 1834 – Assistencial: Hospital da Marinha
1814- Assistencial: Colégio dos Meninos Órfãos da Mouraria / Casa Pia
Séc. XIX (1ª metade) – Militar: Vários Regimentos da Guarnição
1857 – Assistencial: Hospital da febre-amarela
1924 – Assistencial: Hospital destinado ao tratamento de doenças venéreas
Séc. XX/XXI – Assistencial: Hospital do Desterro

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

8.1. Cronologia*:
1591 - fundação e lançamento da 1ª pedra do convento de Nossa Senhora do Desterro, na então denominada Rua Nova
1707 - a igreja monástica encontrava-se praticamente acabada para o que muito concorreram os contributos da própria ordem e esmolas de D. Afonso VI e D. Pedro II
1750 - na sequência do incêndio que atinge o Real Hospital de Todos os Santos, os doentes são transferidos para as dependências do mosteiro
1755 - o terramoto provoca danos significativos, nomeadamente a queda da abóbada da igreja, subsistindo-se parcialmente a fachada principal e os muros laterais que foram reparados pelos próprios monges

1814 - saída dos religiosos cistercienses e instalação sucessiva do Colégio dos Meninos Órfãos da Mouraria e da Casa Pia
1834 – Casa Pia abandona o Mosteiro e desloca-se para o Mosteiro dos Jerónimos em Santa Maria de Belém na sequência do decreto que determina a expulsão das ordens religiosas
1857 - o edifício passa a fazer parte dos anexos do hospital de São José, depois de nele terem funcionado sucessivamente um quartel e um hospital
Séc. XX (anos 30) - a igreja estava entregue à Irmandade de Santa Cruz e dos Passos do Desterro
1956 - Inauguração, com a presença do Ministro do Interior, da obra de melhoramentos do edifício
2006 - o Governo pondera o encerramento do hospital

8.2. Visitação D. Edme de Salieu *I* Claude de Bronseval: n/a

8.3. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT031106310398: Hospital do Desterro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

9. PROTECÇÃO

9.1. Tipo: Em estudo (EE)

9.2. Documentos legais: n/a

10. CONSERVAÇÃO

10.1. Estado: regular

10.2. Autenticidade: Muito desvirtuado por sucessivas reconstruções e adaptações ao seu uso actual

10.3. Integridade: apenas parte de uma das fachadas se conserva

10.4. Obs.:

11. INTERVENÇÕES

11.1. Tipo: Beneficiação **I** Consolidação

11.2. Cronologia das intervenções*:

DGEMN/ Direcção dos Serviços de Construção e Conservação:
1951 - obras de beneficiação
1954 - realização de obras de remodelação e conservação

1955 - execução de obras de beneficiação do Serviço 1
1957 - beneficiação e remodelação do serviço de dermatologia
1958 - realização de diversas obras na sala 1 e 2 do Serviço 3
1959 - instalação de um monta-cargas no Serviço 1, Salas 1 e 2
1961 - execução da ampliação da sala 1, do serviço 1

11.3. Arquitecto(s): Desconhecido(s)

11.4. Entidades: DGEMN / Direcção dos Serviços de Construção e Conservação

11.5. Propostas:

IPPAR (sugestões preliminares):

- Sensibilização do Ministério da Saúde
- Estudo do programa funcional
- Estudo do enquadramento urbano
- Estudo do enquadramento histórico, arquitectónico e arqueológico com realização de sondagens arqueológicas
- Estudo para criação de espaço explicativo do mosteiro que inclua sinalética interpretativa.

11.6. Obs.: *Cfr. DGEMN; Processo IPA PT031106310398: Hospital do Desterro, consulta efectuada pela última vez, em 2 de Agosto de 2005, na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém

A. DOCUMENTAÇÃO ANEXA

A.1. Desenhos técnicos:

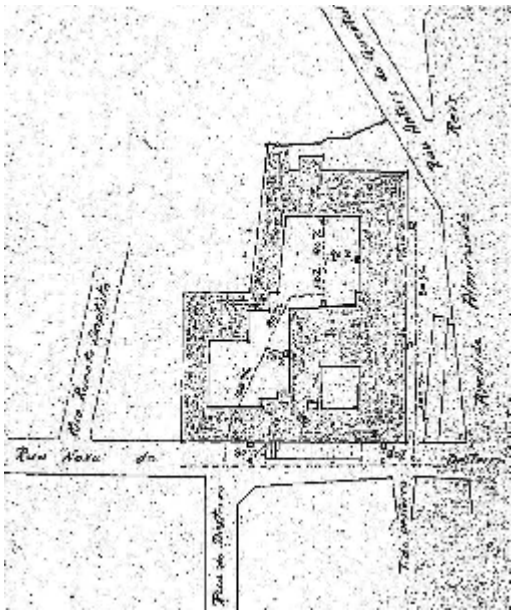


Fig. 1. Implantação e rede de águas (DGEMN)

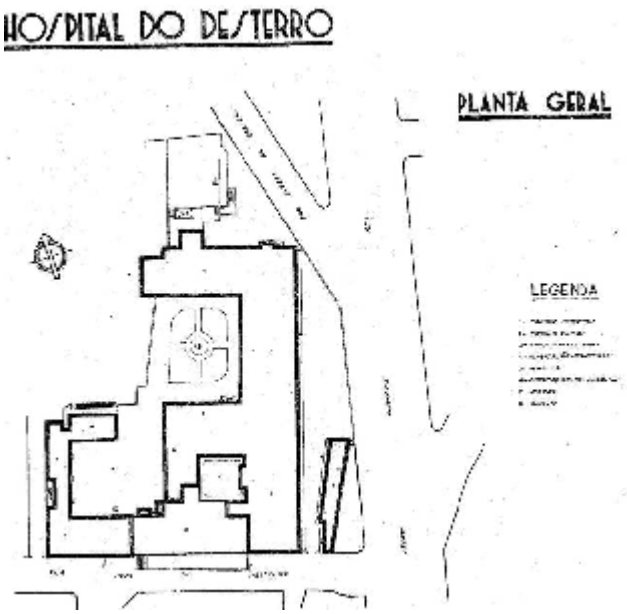


Fig. 2. Planta geral (DGEMN)

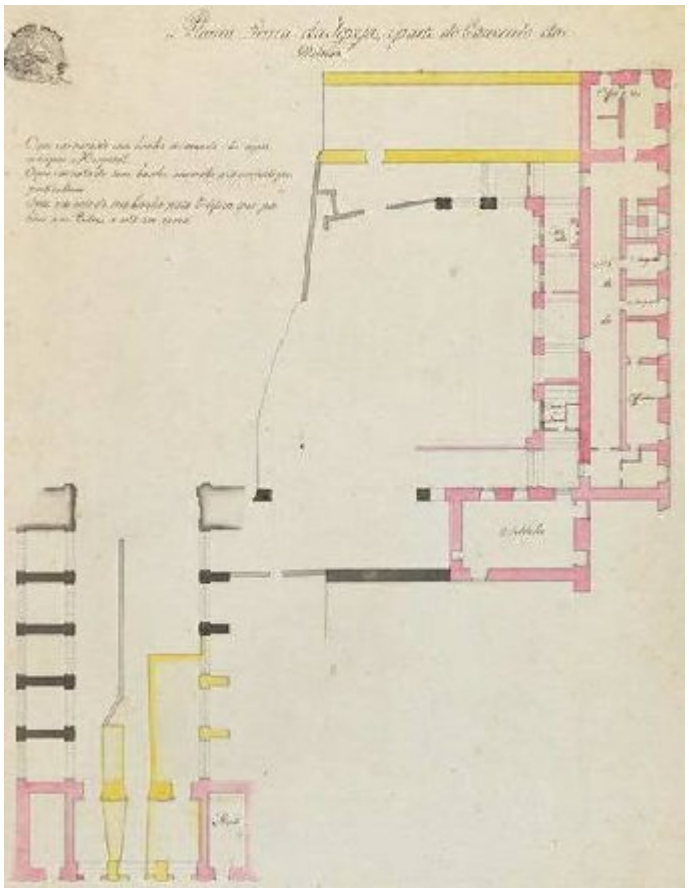


Fig. 3. "Planta terrea da Igreja e parte do Convento do Desterro" séc. XIX (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

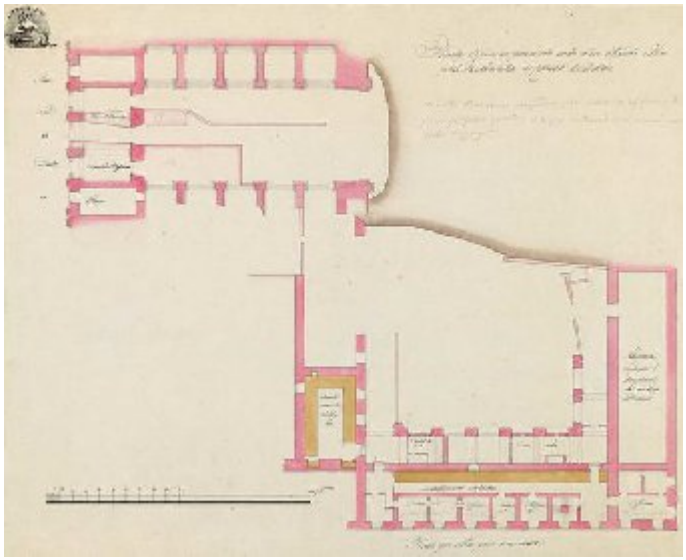


Fig. 4. "Planta do primeiro pavimento onde esteve allojado o Hospital da Marinha no Convento do Desterro" séc. XIX (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

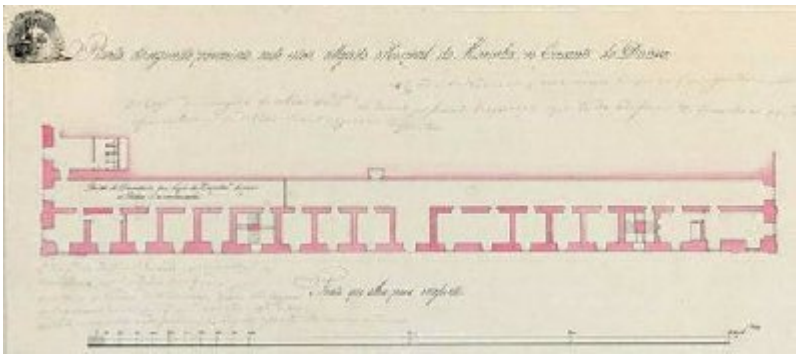


Fig. 5. "Planta do segundo pavimento onde esteve allojado o Hospital da Marinha no Convento do Desterro" séc. XIX (Arquivo do Exército, Direcção de Infra-Estruturas)

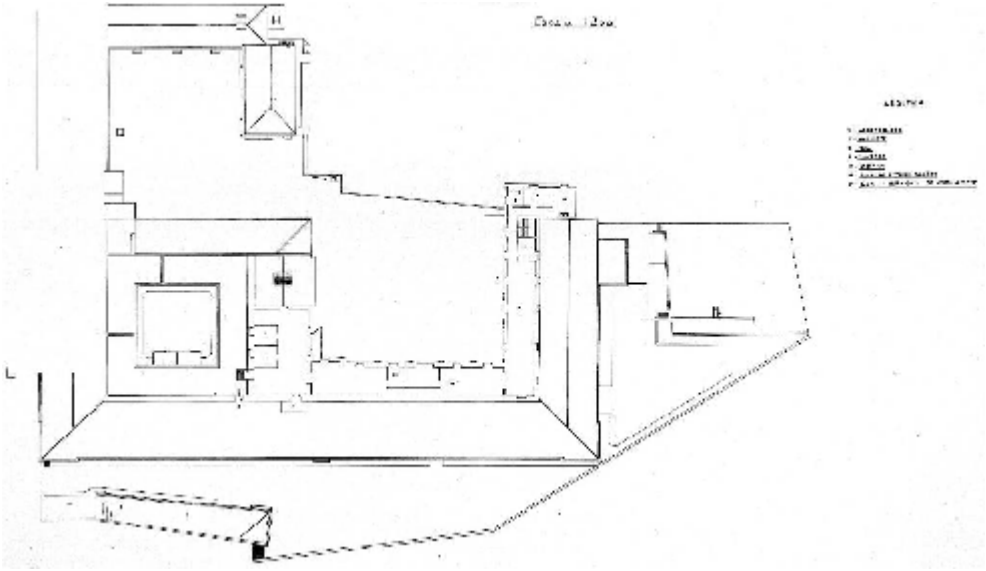


Fig. 6. Planta do 1º piso do Hospital do Desterro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

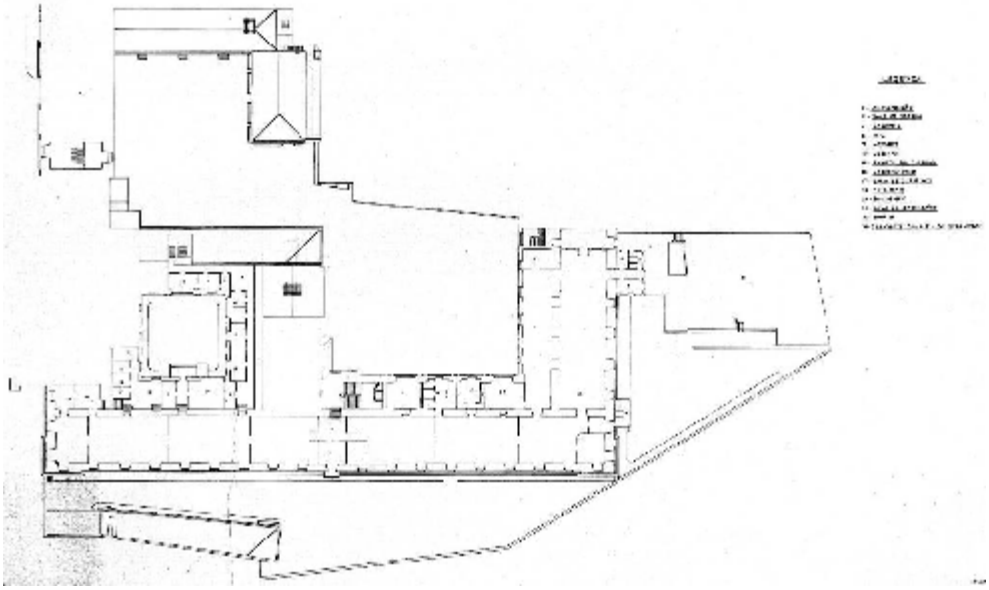


Fig. 7. Planta do 4º piso do Hospital do Desterro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

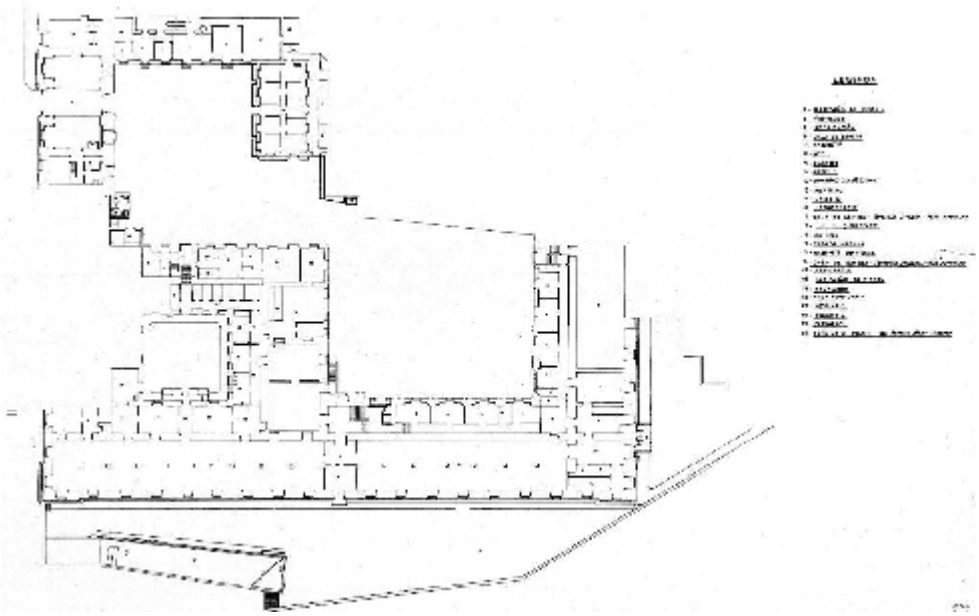


Fig. 8. Planta do 3º piso do Hospital do Desterro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

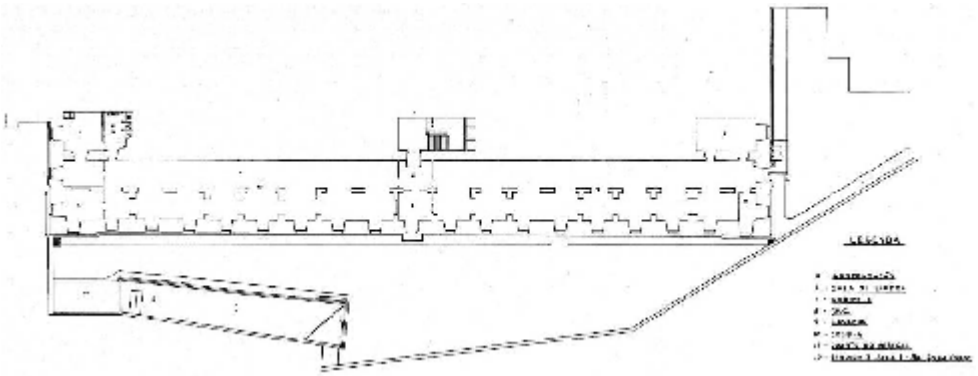


Fig. 9. Planta do 2º piso do Hospital do Desterro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

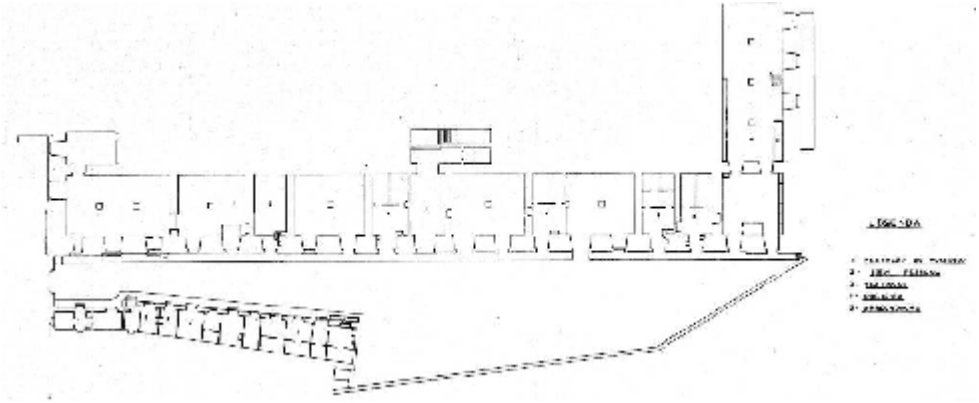


Fig. 10. Planta do 1º piso do Hospital do Desterro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

Fig. 11. Alçado principal do Hospital do Desterro, anos 50 do séc. XX (DGEMN)

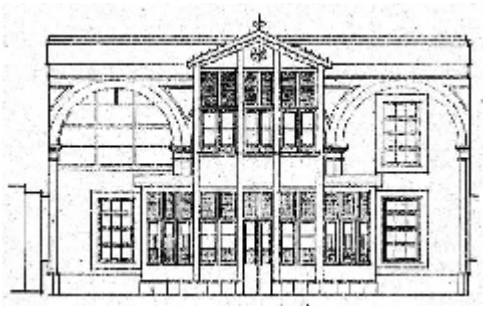


Fig. 12. Alçado relativo às I.S. do Serviço de Urologia do Hospital do Desterro, 1950 (DGEMN)

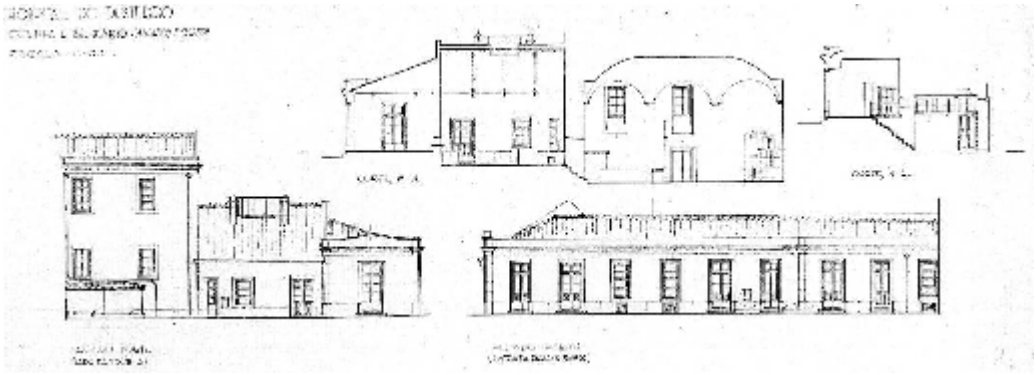


Fig. 13. Alçados e cortes da adaptação da cozinha e balneário do Hospital do Desterro, 1950 (DGEMN)

A.2. Fotografias exteriores:

Fig. 14. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 15. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 16. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 17. Edificado monástico (DGEMN)

Fig. 18. Edificado monástico (DGEMN)

A.3. Fotografias interiores:

Fig. 19. Edificado monástico com vestígios dos arcos claustrais (DGEMN)

Fig. 20. Edificado monástico com vestígios dos arcos claustrais (DGEMN)

A.4. Croquis: N/a